UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IVANILSON BEZERRA DA SILVA

A figura de Horace Lane: lutas de representações e a formação da rede de
Escolas Americanas no Brasil (1885-1912)

São Paulo
2015

IVANILSON BEZERRA DA SILVA

A figura de Horace Lane: lutas de representações e a formação da rede de
Escolas Americanas no Brasil (1885-1912)

Tese apresentada à Banca examinadora do
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Doutor em
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Maria Chagas de
Carvalho

São Paulo
2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.453 S586f	Silva, Ivanilson Bezerra da A figura de Horace Lane: lutas de representações e formação da rede de Escolas Americanas no Brasil (1885-1912) / Ivanilson Bezerra da Silva; orientação Marta Maria Chagas de Carvalho. São Paulo: s.n., 2015. 330 p.; tabs.
------------------	---

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Lane, Horace Manley 2. História da educação (Brasil)
3. Historiografia (Educação; Brasil) 4. Escolas norte-americanas (Brasil)
5. Educação protestante (Brasil) 6. Prática de ensino I. Carvalho, Marta Maria Chagas de, orient.

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A figura de Horace Lane:** lutas de representações e a formação da rede de Escolas Americanas no Brasil (1885-1912)

Tese apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho
Instituição: Universidade de São Paulo
Orientadora

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Maurilane de Souza Biccas
Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Bruno Bontempi Júnior
Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Silas Luiz de Souza
Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Marcel Mendes
Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Horace Manley Lane (quinto da esquerda para a direita) e equipe de professores

Fonte: Foto Annual Report of Trustees 1909

À minha esposa Adriana e aos meus filhos Vitor e Andressa,
com carinho, amor e profunda devoção.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Marta Maria Chagas Carvalho, que no período de convivência me ajudou, contribuindo para o meu crescimento científico e intelectual. Agradeço imensamente pelo carinho, discussões, orientação que foram imprescindíveis na elaboração deste trabalho.

À Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, pela ajuda constante, pela ideias trocadas e pelo seu pioneirismo no assunto.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do doutorado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, que também contribuíram para o meu crescimento intelectual.

Aos professores, Dra. Maurilane Biccas, Dr. Silas Luiz, Dr. João Leonel, Dr. Bruno Bontempi Júnior, Dr. Marcel Mendes, Dr. Alexandre Filordi, Dr. Roni Menezes e Dr. Luiz Carlos Barreira, pesquisadores comprometidos com a vida.

Ao grupo UNIESP, na pessoa do Dr. Fernando Costa e professora Claudia Pereira, pela oportunidade do exercício da docência do Ensino Superior e atualmente como diretor da Faculdade Integração Tietê.

Ao pessoal do Arquivo Histórico do Mackenzie, Ingrid Ribeiro Souza e Helen Yara

Aos meus pais, José Bezerra da Silva (*in memoriam*) e Vera Pires da Silva, que sempre me apoiaram.

RESUMO

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A figura de Horace Lane**: lutas de representações e a formação da rede de Escolas Americanas no Brasil (1885-1912). Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Este estudo da figura de Horace Manley Lane leva em consideração as lutas de representações e a formação de rede de Escolas Americanas no Brasil entre os anos de 1885 e 1912. O objetivo é lançar luz sobre essa figura, cuja atuação foi marcada por disputas de poder no campo educacional protestante, e suas práticas educacionais e missionárias. Tradicionalmente, ele é conhecido como consultor da reforma do ensino público paulista, mas como veremos, sua atuação vai além das representações construídas na historiografia e no campo educacional brasileiro. Como educador, foi defensor do modelo educacional norte-americano, fazendo circular no Brasil elementos de uma pedagogia então moderna. Além disso, o trabalho discute o fato de que uma de suas propostas para disseminar a cultura e os valores do presbiterianismo norte-americano foi a criação de uma rede de escolas americanas. Nossa hipótese é que entre suas práticas como educador estava a organização de escolas, principalmente em cidades que contavam com o apoio de maçons, presbiterianos, republicanos e de pessoas ligadas a sua rede de relacionamentos, o que configura sua relação de poder com agentes sociais ligados à Maçonaria, à educação e ao presbiterianismo. Como educador organizou o Mackenzie College, primeira instituição particular de ensino superior no Brasil. Como missionário, não estava ligado ao campo presbiteriano brasileiro e nem frequentava uma igreja. Nessa condição, não atuava como os primeiros missionários norte-americanos de confissão de fé presbiteriana, através da evangelização direta, e sim, através da educação como forma de evangelização indireta. Como missionário e educador, construiu representações acerca do Brasil, da educação, da política e da catequese indígena que nos ajudam a compreender representações e práticas pouco conhecidas e pouco trabalhadas na historiografia e na perspectiva da história da educação. Como fundamentação teórica, utilizamos o conceito de representação em Roger Chartier, a categoria de lugar social, estratégia e tática de Michel de Certeau, o conceito de campo em Bourdieu, de sociedade de ideias de Bastian, de paradigma indiciário de Ginzburg, entre outros. A pesquisa faz uso de fontes primárias, tais como: relatórios educacionais produzidos por Horace Lane, Relatórios da Igreja Presbiteriana norte-americana, prospectos educacionais, relatórios de missionários, jornais, cartas e outros.

Palavras-chave: Horace Manley Lane. Lutas de representações. Educação norte-americana. Mackenzie College. Presbiterianismo

ABSTRACT

SILVA, Ivanilson Bezerra da. **The figure of Horace Lane**: struggles of representations and the formation of the American Schools network in Brazil (1885-1912). Thesis (Doctoral) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This study about the figure of Horace Manley Lane takes into account the struggles of representations and the formation of the American Schools network in Brazil in the years 1885 to 1912. Our objective is to shed light to this person whose actions were marked by power disputes, and to his educational and missionary practices. Lane is traditionally known as a consultant for the public education in São Paulo, but as we shall see, his actions go further than that which is presented in the constructed representations in historiography and in the Brazilian educational field. As an educator, he was a defender of the American Presbyterian educational model. In Brazil, he prompted the circulation of some elements of what was then known as modern pedagogy. Moreover, this paper discusses the fact that one of his propositions to disseminate the American Presbyterianism culture and values was the creation of a American schools network. Our hypothesis is that among his practices as an educator there was the organization of schools, especially in cities where he could find the support of Masons, Presbyterians, Republicans; people who were linked to his personal network, thus configuring his power relations with social agents connected with the Masonry, the education and the Presbyterianism. As an educator organized the Mackenzie College, the first private institution of higher education in Brazil. As a missionary, he presented no connection with the Brazilian Presbyterian field, nor did he attend religious services here. Therefore, he did not work as the first American Presbyterians, through direct evangelization, but rather through education as a way of indirect evangelization. As a missionary and an educator, he built representations about Brazil, the local education, politics, and the catechism of the indigenous people. Those representations allow us to understand the representations and practices which are little known or worked on in historiography and on the perspective of history of education. To a theoretical foundation we bring representation concepts developed by Roger Chartier, the social place category, strategy and tactics in Michel de Certeau, the field concept in Bordieu, the society of ideas in Bastian, and the evidential paradigm in Ginzburg, among others. The research uses primary sources, such as, educational reports produced by Horace Lane, American Presbyterian Church reports, educational prospects, missionaries' reports, newspapers and others.

Keywords: Horace Manley Lane. Struggles of representations. American education in Brazil. Mackenzie College. Presbyterianism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PARTE 1: LUTAS DE REPRESENTAÇÕES – HORACE LANE.....	33
1. DIVERSOS OLHARES SOBRE HORACE LANE.....	33
1.1 Horace Lane na historiografia	34
1.2 Horace Lane na história da educação	67
2. LUTAS DE REPRESENTAÇÕES EDUCACIONAIS NO CAMPO	
PRESBITERIANO: HORACE LANE NA VISÃO DE AMIGOS E INIMIGOS	85
2.1 Horace Lane na visão da Igreja Presbiteriana norte-americana	91
2.2 Horace Lane no Jornal <i>O Estandarte</i>	120
2.3 Horace Lane nas cartas de Mary Dascomb	150
 PARTE II : HORACE LANE: AS PRÁTICAS DE UM EDUCADOR	160
1. HORACE LANE EM SEUS RELATÓRIOS	160
1.1 Discurso sobre o Brasil.....	160
1.2 Discurso sobre a educação.....	180
1.2.1 Educação Protestante para além da confessionalidade.....	180
1.2.2 Discurso sobre a Escola Americana aos pais dos alunos e à sociedade	188
1.2.3 Educação no Brasil e a participação de Horace Lane na reforma do ensino paulista ...	215
1.2.4 Discurso sobre a catequese indígena	233
2. HORACE LANE E A REDE DE ESCOLAS AMERICANAS	243
2.1 A Escola Americana de Curitiba	266
2.2 A Escola Americana de Botucatu	275
2.3 A Escola Americana de Florianópolis	295
2.4 A Escola de Araraquara.....	303
 CONCLUSÃO: HORACE LANE – EDUCADOR E MISSIONÁRIO?.....	309
REFERÊNCIAS	318
FONTES PRIMÁRIAS	324

INTRODUÇÃO

O senhor é como um cavalo brioso, como um dos cavalos do carro de Faraó, que trabalhava melhor sob a pressão das dificuldades. Hoje de manhã estive lendo algo sobre a vida de Stewart. Surpreende-nos a diversidade de suas atividades: pregador, missionário, médico, educador, mestre-construtor, fazendeiro, defensor dos nativos, capitão de indústria, coletor de dinheiro, estadista – tantas são as suas aptidões e tantas as suas atividades, que enumerá-las numa simples lista fatigaria o leitor. Ele foi igualmente a providência diária de centenas de filhos da terra e governador de um pequeno reino. Viver ao seu lado era servir, na frase de um soldado. Ele como que voava para o trabalho; e fazia-o com prazer, à semelhança de Mercúrio, o mensageiro celestial, que tinha asas em ambos os pés. Suas atividades bastariam para derrear um homem comum. Uma energia de tal modo incansável, só seria possível ser dotado de grande capacidade para a vida ativa, e que a vivesse, como Lane a vivia, como uma rótula inserida no respectivo encaixe. Durante toda a leitura do livro sobre Stewart, pensávamos e falávamos sobre o Dr. Lane (DASCOMB, 20/11/1909, p. 301).

É assim que Mary Parker Dascomb via Horace Manley Lane. Enquanto para ela, Lane representava um cavalo bravio, parecido com um dos cavalos do carro de Faraó, para seus adversários ele era uma pessoa desprovida de valores cristãos (PEREIRA, 2011). Essa representação pensada por sua amiga missionária e educadora ajuda-nos a entender parte das lutas enfrentadas por Horace Lane em sua trajetória pelo Brasil, não somente nos anos iniciais, como negociante, mas principalmente nos anos em que atuou como educador, diretor da Escola Americana de São Paulo e presidente do Mackenzie College.

Horace Lane é uma figura mitificada do nosso passado; muito citado, porém pouco conhecido. Aspectos biográficos de Horace Manley Lane enfatizam que era um norte-americano nascido em Readfield, no Estado de Maine, em 29 de julho de 1837. Cresceu no estado de Massachusetts. Descendente de militares, era o segundo filho dentre os setes que nasceram do casamento de Rufus King Lane e Lecta Davis. Tinha ainda, mais sete irmãos, oriundos do primeiro casamento de seu pai com Ann Vance, falecida em 1828 (GOLDMAN, 1972). Segundo seu diário, embarcou para o Brasil a 21 de novembro de 1858 (HORACE LANE, 1858). Em sua chegada ao Brasil, desenvolveu inicialmente a atividade de professor no Colégio João Kopke no Rio de Janeiro e nos Colégios da Glória e dos Beneditinos em São Paulo. Regressou aos Estados Unidos em 1862, casou-se no ano seguinte, em Worchester, com Ellen Marie Williams, voltando para o Brasil no mesmo ano (GOLDMAN, 1972; MATOS, 2004).

No Brasil, nesta segunda vinda, tornou-se negociante, especializando-se na venda de implementos agrícolas (arados, enxadas e outros) e de sementes. Em 1870 viajou para a Europa. Em 1872, iniciou os seus estudos em medicina na Universidade do Missouri, onde

obteve o diploma em 1878¹. A convite do Rev. George Whitehill Chamberlain, assumiu a direção da Escola Americana de São Paulo em 1885.

Nosso interesse pela figura de Horace Lane nasceu das pesquisas feitas para a dissertação de mestrado, defendida em 2010, intitulada: *A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX*. Na ocasião, foi analisada a existência histórica de uma Escola Americana em Sorocaba. Nos primeiros anos de organização, a escola esteve sob a direção da professora Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite. Com a sua saída, a escola passou aos cuidados do pastor e professor, Rev. José Zacharias de Miranda e Silva, que trocou o nome de Escola Americana para Colégio Sorocabano. Com a elaboração do trabalho supracitado, percebemos que os estudos relacionados às escolas americanas de confissão protestante de fato são um campo fértil para história da educação, conforme pontua Hilsdorf (2000). O trabalho, elaborado na perspectiva da história da educação, trouxe para este campo a existência histórica de uma instituição educacional protestante na cidade de Sorocaba no final do século XIX, pouco mencionada na historiografia protestante e não discutida na perspectiva da história da educação. O que reforça as análises de Hilsdorf, quando afirma que essas instituições precisam ser retomadas como objeto de análise e de investigação.

Na elaboração da dissertação, deparamo-nos com a figura de Horace Lane, pois entre as discussões produzidas no trabalho, estavam aquelas relacionadas às disputas de poder no campo presbiteriano do Brasil. No centro dessa luta estavam os defensores da educação como estratégia de evangelização indireta. Lane era um dos principais defensores dessa modalidade educacional.

Naquela ocasião, a trajetória de Lane enquanto educador nos chamou a atenção. A bibliografia estudada² na época da dissertação construía algumas imagens sobre ele que despertaram meu interesse por investigá-lo. Além disso, algo mais chamava a atenção na

1 Segundo Matos (2004), Lane formou-se em medicina em 1876 e passou a clinicar em Smithfield, uma pequena cidade no Condado de Jasper. Como podemos ver, há divergências em relação ao ano de formação em medicina. Como existe também divergência sobre o ano de sua chegada ao Brasil. Em relação a sua chegada ao Brasil, optei por seguir as informações obtidas no Diário de Horace Lane e nas análises de Frank Goldman. Outro problema encontrado está relacionado à época em que Horace Lane assumiu a direção da Escola Americana. Segundo o Prospecto da Escola Americana de São Paulo, ele aparece como diretor em 1885 (PROSPECTO DA ESCOLA AMERICANA, 1885-1886). Ainda sobre sua formação acadêmica, Atique pontua que uma das pistas deixadas por um dos filhos de Horace Lane, Lauriston Job Lane, está no livro de formatura em Medicina, onde ele colocou uma anotação sobre seu pai, entre parênteses, ao lado do nome de Horace Lane, além do título de médico, encontram-se os títulos de doutor em Laws e doutor em Filosofia. Atique pontua que não há informações sobre em quais instituições teriam adquiridos os títulos e nem os respectivos anos de formação (ATIQUE, 2007).

2 No capítulo 1, da parte I, faremos um balanço historiográfico sobre Horace Lane.

época: Existiria uma conexão entre a Escola Americana de São Paulo e a Escola Americana de Sorocaba? Seria a escola de Sorocaba uma filial da escola de São Paulo? E as demais escolas americanas de confissão de fé presbiteriana seriam também filiais da Escola Americana de São Paulo ou fariam parte de iniciativas individuais dos primeiros missionários norte-americanos no Brasil, que viam em tais escolas uma maneira de influenciar indiretamente a cultura brasileira através do Evangelho? Essas e outras perguntas nos motivaram a pensar em um projeto de doutorado que tivesse a figura de Horace Lane como objeto de investigação e que levasse em conta a possível existência histórica de uma rede de escolas americanas no Brasil. Em conversas com a então orientadora de mestrado, Profa. Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, discutíamos a possibilidade de haver existido uma rede de escolas americanas de confissão de fé presbiteriana. Porém, não sabíamos se de fato existira, se elas teriam sido escolas com a mesma nomenclatura, sem conexão alguma com a Escola Americana de São Paulo ou, ainda, se elas teriam feito parte de um projeto da Igreja Presbiteriana do Brasil ou mesmo de um educador, como Horace Lane.

Partimos então do pressuposto de que o presbiterianismo, principalmente na figura do Dr. Horace Manley Lane, tinha como objetivo construir uma rede de escolas americanas no Brasil, sobretudo em cidades que se configuravam como importantes centros no cenário político brasileiro e que tinham uma presença acentuada de maçons ou presbiterianos. Em nosso entender, a rede seria um conjunto de escolas ligadas administrativamente a Horace Lane, metodologicamente orientadas em uma mesma direção e unidas por uma finalidade: expandir a cultura e os valores do presbiterianismo norte-americano. Os estudos iniciais mostraram que tal proposta ainda não foi trabalhada na perspectiva da história da educação.

Nesse sentido, a tese que propomos discutir neste trabalho se configura como uma contribuição para a história da educação, uma vez que traz uma análise inovadora para esse campo. Os trabalhos produzidos até o momento em torno da educação protestante não se debruçaram na análise sobre a expansão da proposta educacional de confissão de fé presbiteriana no formato de uma rede de filiais, assim como também não tomaram Horace Lane como o principal articulador desse projeto educacional. Tradicionalmente, sustenta-se o contrário, ou seja, que “o aparecimento das escolas protestantes americanas dentro do cenário educacional brasileiro não obedecia a nenhuma estratégia ou planejamento, elas surgiram como uma extensão das igrejas evangélicas e não como formação de uma rede escolar” (CLARK, 1998, p. 86). Segundo, a tese construída neste trabalho não somente comprova que a educação protestante é um campo fértil de investigação, mas preenche uma lacuna para a história da educação brasileira, visto que compreendemos um pouco mais sobre o papel que

esse modelo educacional assumiu no processo de escolarização, e as suas possíveis transformações na sociedade brasileira.

Por outro lado, ressaltamos que o germe desta proposta de rede de filiais teve sua origem com a Escola Americana em São Paulo, primeira instituição escolar protestante organizada na então Província de São Paulo, em 1870, pelos missionários norte-americanos: Rev. George Chamberlain e sua esposa, Mary Ann Annesley Chamberlain. Eles começaram a ministrar aulas para meninas em sua própria residência. No mesmo ano, o número de frequentadores já excedia o espaço destinado para a escola na residência do casal. Chamberlain solicitou em 1871 o apoio da Junta de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (*Board of Foreign Mission*) (RIBEIRO, 1981; GARCEZ, 2004).

Conforme a historiografia, Chamberlain não parecia muito animado com a escola. Considerava que o tempo oferecido à frente dessa instituição roubava-lhe o tempo que desejava dedicar aos trabalhos de cunho missionário (GARCEZ, 2004). Em 1875, a Igreja compra um terreno para a construção da escola, situado à Rua São João, esquina com a Rua Ipiranga, pela quantia de 500 mil réis. Chamberlain afirma que a escola, sob os cuidados do Rev. J. B. Howell, continuava a florescer. E acrescenta que a escola necessitava de um diretor que não tivesse as responsabilidades ministeriais dos pastores, e que somente assim ela teria a importância que a Província de São Paulo merecia. Chamberlain, na ocasião, fez um apelo ao Presbitério, relembrando a existência de um plano estabelecido por esse concílio para organizar um Instituto Literário e uma Escola Normal na Província de São Paulo, com a finalidade de preparar os futuros ministros e os futuros mestres do ensino. Essa ação contribuiria para a expansão do evangelho em todo território brasileiro e, conforme suas palavras, “quicá em toda a parte em que for falada a bela língua Lusitana” (CHAMBERLAIN, 1875, p. 19-30). Inicialmente, parece que Chamberlain idealizava organizar uma rede de escolas ou pelo menos ter escolas em todos os lugares possíveis, porém, como veremos, seu principal articulador foi Horace Lane³.

Com o passar dos anos, Chamberlain deixou a direção da escola. A seu convite, Lane passou a dirigir a Escola Americana em São Paulo, onde permaneceu entre os anos de 1885 a 1912. Como veremos, a historiografia acentua que foi um período marcado pela expansão da escola nos seus diversos níveis, um período de crescimento numérico e de reestruturação pedagógica e educacional. Porém, pouca ênfase se dá ao fato de que Lane enfrentou forte

3 Na parte II, capítulo 2, trataremos desta questão de forma mais aprofundada.

oposição de líderes subordinados à visão de Eduardo Carlos Pereira⁴, que defendia um sistema educacional voltado apenas às necessidades dos crentes. Esse posicionamento de Pereira confrontava diretamente a posição adotada por alguns missionários e educadores norte-americanos que defendiam a educação através dos colégios abertos para filhos de não crentes, como meio de evangelização (HILSDORF, 1977).

O sucesso desse empreendimento educacional em São Paulo e suas lutas de representações foram extremamente importantes para as futuras iniciativas educacionais de Horace Lane em outras cidades. Como maçom e educador (GOLDMAN, 1972), estrategicamente pensou em expandir filiais do modelo educacional da Escola Americana em cidades em que contava com o apoio da Maçonaria, de republicanos e de presbiterianos. A Escola Americana em São Paulo, portanto, é a base para a compreensão de outras escolas americanas implantadas no Brasil ou, pelo menos, ajudaria a entender a circulação de modelos pedagógicos norte-americanos, as estratégias de ocupação de seus agentes sociais no campo educacional brasileiro e as razões pelas quais elas foram pensadas.

Como fundamentação teórica, utilizo o conceito de representação⁵ em Roger Chartier (2002), a categoria de lugar social, estratégia e tática de Michel de Certeau (1982; 1994; 1995), o conceito de campo em Bourdieu (1984; 2000; 2007b), de sociedade de ideias de Bastian (1990), de paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

A apropriação do conceito de representação em Chartier nos ajuda a entender as imagens e os sentidos que os historiadores foram construindo a respeito de Horace Lane e as representações que ele mesmo construiu de si.

Chartier (2002) afirma:

Propomos que se tome o conceito de representação num sentido mais particular e historicamente mais determinado. A sua pertinência operatória para tratar os objetos aqui analisados resulta de duas ordens de razões. Em primeiro lugar, é claro que a

4 Eduardo Carlos Pereira foi o líder fundador da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Foi um dos líderes mais importantes do presbiterianismo brasileiro no final do século XIX e início do XX. Era ligado à Igreja Presbiteriana do Brasil, porém diante das divergências sobre a questão educacional, missionária e maçônica, fundou a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. A historiografia tem sustentado que Pereira desejava uma igreja autônoma, sem a intervenção das políticas eclesiais da Igreja Presbiteriana norte-americana. Como veremos, existem outras possibilidades de leitura em torno das disputas de poder no campo presbiteriano no Brasil. Pereira produziu uma gramática da língua portuguesa e outros textos, demonstrando que sua contribuição enquanto intelectual ultrapassava os muros da Igreja. Para uma biografia do Rev. Eduardo Carlos Pereira, consultar: MATOS, Alderi Souza de. Os pioneiros presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592p. Trabalhos mais recentes exploram a participação de Pereira em movimentos ecumênicos: GONÇALVES, Carlos Barros. Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas. Dourados: Ed. UFGD: 2011. 288 p

5 Segundo Carvalho (2005), o conceito de representações proposto por Chartier é delineado com o acúmulo de contribuições de vários autores. De início, os trabalhos de Bourdieu aparecem como base na qual Chartier se apoia

noção não é estranha às sociedades de Antigo Regime, pelo contrário, ocupa aí um lugar central. A este respeito oferecem-se várias observações. As definições antigas do termo (por exemplo, a do dicionário de Furetiere) manifestam a tensão entre duas famílias de sentidos: por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. Algumas dessas imagens são bem materiais e semelhantes, como os bonecos de cera, de madeira ou de couro, apelidados justamente de «representações», que eram colocados por cima, do féretro real durante os funerais dos soberanos franceses e ingleses e que mostravam o que já não era visível, isto é, a dignidade imortal perpetuada na pessoa mortal do rei. Outras, porém, são pensadas num registro diferente: o da relação simbólica que, para Furetière, consiste na “representação” de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais (CHARTIER, 2002, p. 20).

Para Chartier, a representação como prática social se articula a partir de três modalidades em relação ao mundo: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais alguns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (p. 23). Ao olharmos para a historiografia construída sobre Horace Lane, não podemos deixar de compreender que além das representações, existe a recepção dessas imagens. Nesse sentido, deve-se entender que o texto tem uma multiplicidade de sentidos, possui seu público, seu leitor.

Na operação de Chartier, os discursos são reais e absolutamente contemporâneos do seu tempo, obviamente. Como os discursos são práticas, sua operação descarta também a concepção empirista que os põe como um instrumento transparente para se atingir a consciência do sujeito das práticas como uma unidade prévia de consciência, alienada ou não, mas prévia à própria prática discursiva (CARVALHO; HANSEN, 1996, p. 13).

Assim, tomamos o conceito de representação como prática que constrói o sentido segundo as condições e os meios materiais em que se articula (CARVALHO; HANSEN, 1996). Dessa forma, evitamos tratar os discursos como ideias, os tratamos antes como prática.

Para Carvalho e Hansen:

As categorias de prática e de representação, operadas com a de apropriação, têm grande valor heurístico, pois permitem desnaturalizar as representações e deslocá-las da generalidade trans-histórica de categorias mágicas como “influência”, “imitação” e “transplantes de ideias”. A dissolução da naturalidade da representação faz com os

resíduos do arquivo falem a partir de si mesmos e, para isso, os reatualiza como evidências de práticas datadas, isto é, como representações de práticas que resultam de práticas de representação. Quando se determina o caráter dessas práticas, pode-se também especificar o caráter das representações que elas produzem; e, uma vez que as mesmas práticas são formalizadas culturalmente, também se evidencia que são representações (1996, p. 15).

As representações assim construídas são determinadas pelos interesses de grupo que as forjam, evidenciando o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Os discursos não são neutros, produzem estratégias e práticas sociais, culturais, políticas, educacionais e impõem uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002). Dessa forma, as representações são investigadas dentro de um campo de concorrências e de competições que, por sua vez, explicitam a lógica de poder e dominação. A violência física é substituída pela violência simbólica (BOURDIEU, 2000). As lutas simbólicas praticadas no campo possuem as representações como armas. Através dos discursos, os agentes sociais procuram impor a concepção do mundo social, seus valores e o seu domínio. As representações são esquemas geradores de classificações e percepções inerentes a cada grupo ou meio. Elas determinam as práticas e as ações que os grupos efetuam, constroem e elaboram de si mesmos e dos outros, ou seja, elas permitem que entendamos a sociedade tal como foi pensada pelos grupos, ou como eles gostariam que fosse, sem, contudo, esquecer que cada grupo possui a representação como arma.

Segundo Barros (2004), as práticas culturais não são apenas a construção de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, são os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam e se calam, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. Na sua interpretação, as práticas geram representações, e as representações geram práticas.

As noções complementares de ‘práticas e representações’ são bastante úteis, porque delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação dos seus costumes (BARROS, 2004, p.82).

Além disso, levamos em consideração que toda produção historiográfica possui um lugar social. Michel de Certeau (1982), ao falar sobre essa categoria, afirma que: “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (p. 66), ou seja, ela está sujeita às imposições institucionais do lugar social que o

autor escreve. Esse lugar social impõe os métodos, delinea a tipografia, determina como os documentos e as questões serão organizadas, construídas e analisadas. Nesse sentido, a escrita historiográfica se constrói em função de uma instituição, obedecendo as regras próprias, ou seja, ela é relativa a um lugar.

Na perspectiva de Certeau (1982), existe também o “não-dito” na produção historiográfica, ou seja, aquilo que é o inconfessado no texto. A exterioridade daquilo que se faz em relação àquilo que se diz. Para Certeau, o lugar social da escrita historiográfica tem dupla função. Ele impõe o que é permitido e aquilo que não é permitido. Ele torna possíveis certas pesquisas em função da conjuntura e de suas leis, porém torna outras impossíveis. Exclui do discurso aquilo que é a condição do momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados (sociais, econômicos, políticos) presentes na análise. Essa dupla função entre permissão e interdição é o ponto cego da pesquisa histórica. A produção historiográfica é configurada pelo sistema no qual se elabora, se fabrica a história. Levar a sério o lugar de produção não significa necessariamente explicar a história, mas uma condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (edificante), nem a-tópica (sem pertinência). Como diz Certeau, “instalando o discurso em um não-lugar, proíbe a história de falar da sociedade e da morte, quer dizer, proíbe-a de ser a história” (p. 77).

Além disso, o conceito de práticas cotidianas, tática e estratégia foram importantes na elaboração desta tese. Para Certeau (1995), as práticas cotidianas têm três elementos: O caráter estético, referente ao estilo, ou seja, aos modos específicos de que se utiliza o praticante para se servir de algo que lhe é imposto. O caráter ético, que corresponde à maneira como o praticante recusa a identificação com a ordem tal como ela se impõe, manifestando sua vontade de criar. O caráter polêmico, que se relaciona às atitudes maliciosas dos mais fracos para contornar as relações de força, sendo a retórica um de seus instrumentos mais poderosos. Nesse sentido, as práticas cotidianas são uma maneira de lutar contra o mais forte para contorná-lo, para utilizá-lo (p. 45).

Para Certeau, estratégia é o cálculo ou a manipulação de relações de força que se tornam possíveis a partir do momento em que um sujeito de vontade ou poder é isolável e tem um lugar de poder ou de saber. A estratégia postula um lugar próprio, susceptível de ser circunscrito e de ser a base de uma distinção frente a uma exterioridade (p. 15-16). A estratégia é definida pela posse de um lugar próprio. A estratégia supõe uma prática ótica ou panótica de previsão ou de visão do passado. A estratégia é, então, em essência, definida pela posse de um lugar “próprio”. E distingue as práticas cotidianas como definidas pela ausência de um lugar próprio (p. 16).

A tática é uma ação calculada ou a manipulação de relações de força quando não se tem um lugar próprio e, portanto, quando se está dentro do campo do outro. Estar no interior de um campo definido pelo outro é estar em função da ausência desse lugar próprio, onde se calcula a relação de força. Em outras palavras, trata-se de uma situação do caçador furtivo. Ele não está no seu próprio campo, à vontade, mas sim numa posição de uma aparente “fraqueza”, no interior de uma ordem imposta e é por estar nessa situação que sua operação tática será diferente da estratégica. Ele não tem um lugar autônomo para gerir as relações de força. O essencial, no caso da tática é, simultaneamente, a dependência em relação ao tempo e um uso muito mais sutil do mesmo. Na tática, dão-se golpes, aproveitam-se conjunturas, as circunstâncias, para dar o golpe. A tática é mais dependente do tempo, mas, simultaneamente, ela é melhor utilizadora do momento certo de se dar o golpe.

O trabalho se apropria também do conceito de campo em Pierre Bourdieu, pois entende que o presbiterianismo recebeu o apoio dos liberais republicanos, que defendiam o ideário liberal norte-americano, ou seja, para sua inserção e solidificação no Brasil, foi necessário que os agentes sociais oriundos do presbiterianismo norte-americano construíssem relações de poder. Nesse sentido, compreendo também que a religião e a educação foram os principais instrumentos para legitimar os interesses de determinado grupo social brasileiro, constituindo-se em dois campos: o religioso e o político.

O conceito de campo em Bourdieu (1996) demonstrou ser um conceito fértil na elaboração de nossa dissertação de mestrado (2010). É um conceito que permite lidar com estruturas materiais da sociedade – as organizações – e com o conjunto de valores e regras que as sustentam – as instituições. Permite perceber o modo como funcionam as homologias de posições (essenciais como fatores de mediação), as interseções e os antagonismos entre os vários domínios. Favorece, ainda, uma construção teórica e metodológica transdisciplinar. É um conceito operativo no âmbito macro da metodologia. Campo, em Bourdieu, é uma noção que não descarta nem oculta o conflito; pelo contrário, um campo é definido por uma hegemonia, mas que se instala por uma luta de poder. O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irredutível. O campo é tanto um "campo de forças", uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um "campo de lutas", em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (BOURDIEU, 1996, p.50).

O campo também é um espaço relacional. A posição de um sujeito dentro do campo determina a forma como ele usufrui o ensino, a política, a cultura, a arte, a religião, a

educação. Determina, igualmente, a forma como os produzimos e acumulamos. O campo é um espaço social de relações objetivas entre indivíduos, coletividades ou instituições, que competem pela dominação de um cabedal específico (BOURDIEU, 1984, p. 197). É importante frisar que esse conceito é muito próximo da categoria de análise de Roger Chartier sobre representações, pois conforme esse autor, elas representam um campo de concorrência e competição, ou seja, análises muito próximas de Bourdieu, que compreende o campo como um espaço social de alianças, rivalidades, disputas, concorrências e competição.

Compreender a génese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. [...] a ciência deve apreender a [...] necessidade interna desse objecto maravilhoso que parece subtrair-se à contingência e ao acidente, em suma tornar-se necessário ele próprio e necessitar ao mesmo tempo do seu referente; necessidade externa do encontro entre uma trajetória e um campo, entre uma pulsão expressiva e um espaço dos possíveis expressivos, que faz com que a obra, ao realizar as duas histórias de que ela é produto, as supere (BOURDIEU, 2000, p. 69).

Para pertencer a um campo é necessário ter determinado capital cultural, social e econômico. Além disso, é preciso conhecer as regras do jogo, pois elas garantem o monopólio e a dominação do poder. É válido entender que as lutas no campo não se dão apenas entre os dominantes, mas também entre os dominados. Dominantes lutam entre os próprios dominantes e dominados pelo poder do espaço social, mas também os dominados lutam entre si e não apenas contra os dominantes.

A respeito do campo religioso, Bourdieu (2004) sustenta que:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios da estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como natural-sobrenatural do cosmos (p. 34).

Horace Lane pertencia ao campo religioso presbiteriano norte-americano. Era portador de um sistema de valores. Sua atuação como missionário impunha princípios de estruturação da percepção e do pensamento inerentes ao seu ideal religioso. Através desse campo, Lane construiu suas práticas e representações acerca da educação, política, religião e do espaço social ao qual pertencia. A religião presbiteriana norte-americana é representada por Lane como portadora dos valores capazes de transformarem a sociedade brasileira em uma “Nova República”. Para impor sua visão, Lane menospreza os valores da religião católica e toda ideologia que fosse símbolo do retrocesso. Assim, tanto a educação como a religião representada pela vertente católica precisavam ser substituídas por uma nova religião, que

tinha no seu bojo o individualismo e a democracia, somente ela era capaz de formar o “novo homem” para a “nova sociedade” que estava em construção.

Segundo Bourdieu (2004), as estruturas dos sistemas de representações e práticas religiosas dos diferentes grupos contribuem para a perpetuação, para a reprodução da ordem social, para consagrá-la e santificá-la. Isso acontece porque no momento em que ela se apresenta oficialmente como uma e indivisa, essa estrutura se organiza em relação a duas posições polares: 1) os sistemas de práticas e de representações (religiosidade dominante) tendentes a justificar a hegemonia das classes dominantes; 2) os sistemas de práticas e representações (religiosidade dominada) tendentes a impor aos dominados um reconhecimento da legitimidade da dominação fundada no desconhecimento arbitrário da dominação e dos modos de expressão simbólicos da dominação. Para o autor, a estrutura dos sistemas de representações e práticas tem uma eficácia mistificadora pelo fato de exibir as aparências da unidade, dissimulando sob a capa de um mínimo de dogmas e ritos comuns, interpretações radicalmente opostas das respostas tradicionais às questões mais fundamentais da existência, em outras palavras, os agentes religiosos procuram ocultar a si mesmos e aos outros o fato de que as razões de suas lutas possuem interesses políticos.

Isso também ocorre no campo educacional, visto que para Bourdieu o campo constitui um espaço social e possui uma estrutura geral e ao mesmo tempo específica, diferenciando apenas nos discursos e práticas construídos e legitimados por seus agentes, seja religioso, político ou educacional.

Outro referencial teórico extremamente importante é o conceito de “sociedade de ideias” em Jean-Pierre Bastian. Suas análises também têm se mostrado muito férteis na fundamentação teórica de trabalhos acadêmicos (PERES, 2004). Em suas principais obras, Bastian (1990; 1994) dedica-se a analisar como as sociedades missionárias norte-americanas introduziram o protestantismo no México em 1872. Esse autor também tenta explicar a difusão de outras formas modernas de associações (sociedade de reforma, círculos de artesões e operários, lojas maçônicas, clubes políticos, grupos kardecistas e outros). A partir do que aconteceu no México, ele mostra para toda a América Latina, que essas sociedades de ideias religiosas e leigas, entre elas os maçons, liberais, espíritas e operários, recorrem ao protestantismo (passam a aceitá-lo e apoiá-lo) para combater a Igreja Católica, difundir a Bíblia e a educação secular e ter o estilo de vida adequado à formação das novas camadas sociais necessárias ao capitalismo. Para tanto, eles construíam rede de sociabilidades com o objetivo de alcançar seus interesses.

Para a compreensão da concepção educacional protestante utilizaremos as análises de Hilsdorf, que desde 1977 estuda as Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo. Para a autora, a instalação dessas escolas tornou-se possível pelas seguintes razões: 1º) satisfaziam as tradições liberais, que defendiam o ensino livre, tolerância religiosa e a iniciativa privada, que encontravam no campo educacional respaldo na lei nº 54, de abril de 1868; 2º) a situação religiosa da Província; 3º) os missionários utilizaram a técnica de evangelização indireta; 4º) tais escolas receberam apoio de lideranças progressistas, liberais e democratas, porque os ideais modernos defendidos por elas vinham ao encontro com os anseios postulado por essa elite. Essas escolas eram organizadas segundo o padrão americano, tanto por seus aspectos democráticos como pelos aspectos pedagógicos.

As propostas educacionais eram divulgadas na imprensa local, que por sua vez tecia elogios aos novos métodos difundidos pela Escola Protestante. Segundo Hilsdorf, as escolas americanas “representavam a ponta de lança que abriria caminho para uma renovação das mentalidades e das práticas pedagógicas” (1986, p. 187).

Para a compreensão da circulação de modelos pedagógicos apropriei-me das perspectivas elaboradas por Marta Maria Chagas Carvalho (1998a; 2013). Através do seu olhar, foi possível compreender que Horace Lane objetivava colocar em circulação o modelo pedagógico norte-americano através da rede de escolas.

Adotamos o procedimento sugerido por Ginzburg (1989) denominado paradigma indiciário, ou seja, postura do historiador que centra suas análises nos detalhes, nas pistas, sinais, indícios, nos dados marginais ou nos vestígios deixados pelos autores produtores das fontes documentais. Ginzburg procura mostrar que assim como o médico constrói o diagnóstico através da observação e da investigação dos sintomas, o historiador produz um conhecimento quando lê e interpreta os sinais, as pistas e os indícios deixados nos documentos. Atua como um caçador que interpreta os sinais, os detalhes e as pistas deixadas pela caça.

Ginzburg toma inicialmente a história de Giovanni Morelli, que publicou um estudo sobre a arte no final do século XIX. Seu estudo concedia atenção a um detalhe aparentemente banal das pinturas: as orelhas. O objetivo do estudo era identificar os quadros autênticos e os quadros falsificados e oferecer maior precisão à atribuição das obras aos seus autores. Para Morelli as falsificações de um pintor não eram os elementos mais perceptíveis, mas aqueles que fugiam aos olhos dos observadores, os detalhes. Portanto, fazia-se necessário: “[...] examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das

mãos e dos pés” (GINZBURG, 1989, p. 144). Nessa linha, procuramos na leitura das fontes documentais, analisar não somente as práticas, os conceitos que mais sobressaíam aos olhos, mas os detalhes que estavam à margem da documentação, mas que ofereciam pistas, sinais e vestígios para se compreender ou interpretar algo que contribuísse para a construção do presente trabalho.

A respeito da inserção do presbiterianismo no Brasil é válido lembrar que a ação resultou dos esforços de igrejas norte-americanas, que ao longo de muitas décadas fizeram enormes investimentos de pessoal e recursos em vários pontos do território brasileiro (MATOS, 2004). Segundo o autor, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA), Igreja do Norte⁶, cuja Assembleia Geral⁷ foi organizada em 1789, criou a Junta de Missões Estrangeiras (Boards), sediada em Nova York, em 1837. Os primeiros missionários americanos da Igreja Presbiteriana do Norte no Brasil foram: Ashbel Green Simonton (1859), Alexander L. Blackford, Francis J. C. Schneider, George W. Chamberlain, Emanuel N. Pires, Hugh Ware McKee e Robert Lenington, quase todos acompanhados pelas suas esposas. Esses missionários compunham a Missão do Brasil (Brazil Mission⁸), termo utilizado pela Igreja Presbiteriana do Norte. Em 1861, surgiu a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS), conhecida como a Igreja do Sul. Essa Igreja criou também sua agência missionária, intitulada

6 Cavani (2009) afirma que os missionários que vieram do Norte dos Estados Unidos partilhavam de um conceito de evangelização que incluía conscientemente a educação como estratégia para moldar, em longo prazo, uma nova sociedade, formando pessoas cujos valores fossem influenciados pela cultura anglo-saxã. Isso implicava na liberdade de consciência e religião, o livre comércio e os ideais de progresso da época. Em geral, esse grupo partilhava de uma teologia mais aberta às pesquisas e ao diálogo com a sociedade. Os que vieram do Sul dos Estados Unidos (região hoje conhecida como “cinturão da Bíblia”), por sua vez, pendiam para linhas teológicas conservadoras que, anos mais tarde, se solidificaram no que hoje se chama “fundamentalismo”. Na época, o Sul dos Estados Unidos era considerado uma região “atrasada” do ponto de vista cultural e econômico, se comparada ao Norte. Sempre foi a região que mais concentrava escravos e dos que lutaram contra a abolição da escravidão. O Norte, por sua vez, era industrializado, burguês, abrigava várias universidades e altos índices de produtividade. Enquanto a economia do Norte baseava-se nas indústrias, no comércio e nas demandas de uma emergente classe-média, a economia do Sul estava amparada em grandes fazendas que dependiam da mão de obra escrava. Ver: CAVANI, Carlos Eduardo B. A Educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009.

7 A Assembleia Geral era um órgão oficial da Igreja Presbiteriana norte americana formada por representantes Dos Presbitérios e igrejas locais: pastores e presbíteros. Consultar: Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana dos EUA. SCOLLER, James. A Manual of the Presbyterian Church of the North America. 1751-1887. United Presbyterian Publication. 1887. 732p. MOORE, Willian. The Presbyterian Digest of 1886. General Assembly Presbyterian Church in the United States of America. Presbyterian Board of Publication and sabbath-school Work, 1886. 888p. No Brasil, a estrutura hierárquica da Igreja Presbiteriana norte-americana até 1888 era formada por Presbitérios, compostos de pastores americanos, nacionais e presbíteros (eleitos pela igreja local). Em 1888 foi criado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que reuniu as Igrejas do Norte e do Sul dos Estados Unidos. Somente em 1910, a Igreja Presbiteriana do Brasil criou a sua Assembleia Geral, atualmente, denominada Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. Consultar: MATOS, Alderi Souza de, Erasmo Braga: o protestantismo e a sociedade brasileira. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

8 A Brazil Mission é o nome que a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (Igreja do Norte) deu ao órgão que cuidaria das missões no Brasil

“Comitê de Missões Estrangeiras”, sediada em Nashville. Somente dez anos mais tarde, depois da chegada de Simonton em 1859, a Igreja do Sul resolveu encaminhar seus primeiros missionários: Edward Lane e George N. Morton. A cidade escolhida foi Campinas⁹. Em 1888, as Igrejas do Norte e do Sul se uniram para formar o Sínodo¹⁰ no Brasil, órgão deliberativo da Igreja Presbiteriana do Brasil, formado pelos Presbitérios das Igrejas do Norte e do Sul (MATOS, 2008). Antes da formação do Sínodo, os Presbitérios também funcionaram como órgãos deliberativos, que reuniam os pastores americanos, nacionais e representantes eleitos pelas igrejas locais. Tais representantes eram chamados de presbíteros e tinham poder de voto no concílio.

Segundo Matos (2004), as duas missões se subdividiram administrativamente em 1896. A Missão do Brasil (Brazil Mission), da Igreja Presbiteriana do Norte (Board de Nova York), dividiu-se em Central Brazil Mission¹¹ (Missão Central), abrangendo Bahia, Sergipe e norte de Minas Gerais, e South Brazil Mission¹² (Missão Sul), com obreiros no Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. Horace Lane pertencia à Missão Sul (South Brazil Mission). A Igreja do Sul (Comitê de Nashville) dividiu-se em Missão Norte, atuando no Nordeste e Norte do Brasil, e Missão Sul, com obreiros também em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Portanto, existiam duas missões do Sul, uma de Nova York (South Brazil Mission) e outra de Nashville (Southern Brazil Mission). Foi nessa estrutura eclesiástica que Lane atuou como educador e missionário e foi ali que muitas fontes foram produzidas.

9 Segundo Albino (1996), a Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos, no Sínodo realizado no Estado da Carolina do Sul, resolveu iniciar um trabalho missionário no Brasil. A decisão surgiu com o fim da Guerra Civil americana, quando grupos sulistas imigraram para este país. Inicialmente o envio dos missionários era para a manutenção da fé dos imigrantes e a educação dos seus fiéis. Ver: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892*. Campinas: UNICAMP, 1996. 144p. Para melhor aprofundamento do trabalho missionário e educacional dessa missão, consultar: BEAR, James E. *Mission to Brazil*. Board of World Missions. Presbyterian Church U.S., 1961.

10 Ferreira (1992) afirma que as primeiras referências à organização de um Sínodo aparecem nas atas do “presbitério primitivo” em 1884. E no ano seguinte, em apêndice ao regimento interno desse concílio encontra-se um “Plano de união das igrejas presbiterianas do Brasil, ou seja, Igrejas Presbiterianas do Norte e do Sul dos Estados Unidos. Porém, o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil somente foi organizado em 06 de setembro de 1888 na cidade do Rio de Janeiro com representantes dos presbitérios do Rio de Janeiro, Campinas, Oeste de Minas e Pernambuco. A reunião foi presidida pelo Rev. Chamberlain. Estavam presentes na organização do Sínodo dois membros da Assembleia da Igreja Presbiteriana do Estados Unidos: Rev. Charles E. Konox e Rev. J. Aspinwall Hodge. Consultar: Livro de Ata do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil (1888). Segundo Matos (2008), em 1910, a estrutura da Igreja Presbiteriana do Brasil modificou novamente com a criação da sua Assembleia Geral, hoje denominada Supremo Concílio. Consultar: MATOS, Alderi Souza de; BRAGA, Erasmo. *O protestantismo e a sociedade brasileira*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

11 Para um estudo aprofundado da Central Brazil Mission, consultar: NASCIMENTO, Ester Fraga Vila-Boas Carvalho. *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical*. EDUFAL, 2007.

12 Ver também: ARNOLD, Frank L. *Long road to obsolescence: a North American Mission to Brazil*. Philadelphia: Xlibris, 2008. O referido autor discorre sobre as duas missões, pontuando informações sobre a atuação dos missionários.

Desse modo, as fontes utilizadas na tese foram diversas. Entre o corpo documental analisado, temos: Os relatórios intitulados *Annual Report of the Board Mission e General Assembly of the Presbyterian Church in the USA*, produzidos pela Igreja Presbiteriana do Norte. Eles trazem assuntos diversos, como a expansão da Igreja Presbiteriana e seus principais campos missionários espalhados pelo mundo, a ação e a estratégia missionária em vários países, a educação protestante, as escolas, os hospitais, a relação de missionários e seus campos, ações missionárias domésticas e estrangeiras, as dificuldades financeiras, mapas sobre os campos missionários, estatísticas sobre igrejas, escolas, hospitais, entre outros. Os relatórios são densos, alguns chegam a conter aproximadamente 2.000 páginas. Entre os anos de 1850 e 1920 foram publicados 50 relatórios para a referida Assembleia Geral. Estão em inglês e em excelente estado de conservação. Estão digitalizados.

Esses documentos também trazem informações sobre a ação missionária da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em vários lugares do mundo, como México, Colômbia, Brasil, Síria, Irã (antiga Pérsia), Tailândia (antigo Sião), Laos, Coreia, China, Japão, Índia e alguns países da África (ANNUAL REPORT, 1892, p. 14-16), totalizando 60 missionários, entre homens e mulheres, engajados na obra missionária da igreja norte-americana no ano de 1892. Isso sem contar os pastores e obreiros nativos, que aparecem no decorrer dos relatórios, e as cidades que são mencionadas em cada país. Eram relatórios produzidos pelos presbiterianos norte-americanos e apresentados na Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, e reuniam pareceres, enxertos, cartas dos missionários e pastores dos vários campos missionários. Os líderes presbiterianos norte-americanos faziam uma apropriação e reedição dos relatórios dos missionários, que seriam então apresentados na assembleias. Em certas ocorrências percebe-se a inserção literal das correspondências dos missionários e pastores. No *Annual Report da Presbyterian Church*, temos uma síntese do trabalho e ações dos primeiros missionários americanos em várias partes do Brasil, inclusive em São Paulo. Foi possível perceber que havia um recorte geográfico referente ao campo missionário: Missão no Brasil Central (Central Brazil Mission) e Missão em São Paulo (South Brazil Mission).

Nessas fontes, Lane é apresentado como missionário responsável pela missão no Estado de São Paulo. Essa representação é pouco explorada na historiografia protestante. Ao comparar as análises em torno de Horace Lane na historiografia protestante com as fontes primárias, pode-se observar que as representações dessa vertente analítica diferem em muito das construídas pela Igreja Presbiteriana norte-americana. É possível sugerir que, no campo

presbiteriano brasileiro, Horace Lane, embora reconhecido pelo seu mérito enquanto educador, é marginalizado no sentido de não receber o reconhecimento como missionário.

Usamos também como fonte de pesquisa, o jornal *O Estandarte*. Esse importante jornal substitui no ano de 1893 *A Imprensa Evangélica*, organizado pelo Rev. Ashbel Green Simonton, pioneiro do presbiterianismo norte-americano no Brasil. *O Estandarte*, a partir de 1893, passou a ser o órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Seu redator principal era o Rev. Eduardo Carlos Pereira. Porém, a partir de 1903, ano do cisma, passou a ser órgão oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil¹³, sem nenhum vínculo com a Igreja Presbiteriana do Brasil. Essa coleção representa um valioso acervo de fontes primárias. Alguns temas estão ligados à tese, como, por exemplo, a defesa da República, o ataque ao catolicismo, o posicionamento político, ataque à maçonaria (ruptura com a relação de poder), educação pública e particular, colégios presbiterianos, cisma da Igreja (1903), luta pela autonomia da Igreja Presbiteriana do Brasil, e outros assuntos. Podemos ver algumas representações sobre Horace Lane nesse jornal, pois seu redator (Eduardo Carlos Pereira) fazia severas críticas ao modelo educacional postulado por Horace Lane, além de tecer críticas a sua vida espiritual.

Outro corpo documental são os relatórios, cartas e documentos encaminhados por Lane aos Trustee, aos Boards Presbyterian Church e vários outros representantes da Igreja Presbiteriana norte-americana, que localizamos no acervo histórico da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (The Presbyterian Historical Society). Trata-se de uma caixa de documentos sobre o Mackenzie College - Brasil 1890-1947¹⁴. Temos algumas cartas de Horace Lane aos mais variados agentes sociais pertencentes ao campo presbiteriano norte-americano. Essa documentação foi obtida logo após a minha qualificação no doutorado. Elas trouxeram, em parte, algumas contribuições. Em alguns dos documentos, percebe-se uma posição mais incisiva de Horace Lane em relação às lutas de representações no campo presbiteriano, principalmente, em relação ao seu adversário, Rev. Eduardo Carlos Pereira. Alguns

13 Na reunião do Sínodo em 31 de julho de 1903, deu-se o desfecho do primeiro cisma do presbiterianismo no Brasil. Os organizadores da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil foram os pastores Eduardo Carlos Pereira, Alfredo Borges Teixeira, Bento Ferraz, Caetano Nogueira Júnior, Ernesto Luiz de Oliveira, Otoniel Mota, Vicente Themudo Lessa; os presbíteros: Antonio José de Souza, Aquilino Nogueira César, Delphino Augusto de Moraes, Dinarte Ferreira Coutinho, Francisco Pires de Camargo, João do Amaral Camargo, João Garcia Novo, Joaquim Honório Pinheiro, José Antônio de Lemos, José Celestino de Aguiar, Júlio Olintho, Saturnino Borges Teixeira e Severo Virgílio Franco. Ver: CORRÊA, Adolpho Machado. Eduardo Carlos Pereira: seu apostolado no Brasil. São Paulo: Pendão Real, 1983. 276p.

14 Adquirimos tais documentos foram através de um amigo que estava em visita ao Centro Histórico da Igreja Presbiteriana nos EUA, Rev. Marcone Bezerra Carvalho.

documentos são acordos estabelecidos entre os Trustees¹⁵ dos Estados Unidos, a diretoria do Mackenzie College e os Boards da Igreja Presbiteriana norte-americana, referentes à obra educacional no Brasil. Já em relação à rede de escolas, não trouxeram muita contribuição.

Temos, ainda, os relatórios encaminhados aos Trustees of New York sobre o Mackenzie College e a Escola Americana de São Paulo, que constituem uma importante fonte primária para esta pesquisa. São relatórios anuais datados entre os anos de 1907 e 1961. Os relatórios escritos por Horace Lane estão entre os anos de 1907 e 1912. O primeiro relatório de 1907 contém 86 páginas, o segundo (1908), 72 páginas, o terceiro (1909) 67 páginas, o quarto relatório (1910) 85 páginas, o quinto (1911) possui 66 páginas e o último relatório (1912) conta com 64 páginas. Esse material pertence ao acervo do Arquivo Histórico do Mackenzie.

Nesses relatórios, Horace Lane, como presidente do Mackenzie College, coloca os Trustees a par do progresso e das dificuldades da instituição escolar sob sua responsabilidade; menciona os cursos oferecidos, dá informações sobre o corpo docente e a situação financeira; apresenta sua visão sobre o Brasil, sua visão educacional e missionária e seus projetos educacionais e indica a relação de livros que circulavam na biblioteca das escolas. Anexos aos relatórios de Lane, encontram-se também os relatórios de outras escolas: Escola de Araraquara, de Botucatu e de Florianópolis. Esse material fortalece a nossa hipótese de que Lane tinha sob sua supervisão uma rede de escolas americanas. Outro indício que reforça essa suspeita são as fotos das escolas que estão nos relatórios produzidos por seus respectivos diretores e por Lane. O interessante é que a partir do relatório de 1913 não se tem mais os relatórios das escolas supracitadas, até o ano de 1919, quando começam a reaparecer menções sobre escolas filiadas ao Mackenzie College. No período posterior à gestão administrativa de Lane, os relatórios das escolas de Florianópolis, Araraquara e Botucatu simplesmente não são mais anexados aos relatórios encaminhados aos Trustees of New York. O que sugere que as escolas faziam parte do projeto de expansão educacional de Horace Lane e não de seus sucessores.

Os prospectos da Escola Americana de São Paulo, constantes no acervo do Arquivo Histórico do Mackenzie, também contribuíram para o trabalho. São 27 prospectos produzidos

15 Em 1890, a Igreja Presbiteriana do Norte, criou a Junta de Curadores do Mackenzie College (Board of Trustees of Mackenzie College at São Paulo) com sede em Nova York e jurisdição administrativa, financeira e patrimonial sobre a unidade de São Paulo. Segundo Mendes (2007), essa entidade impôs-se como polo deliberativo superior ao qual subordinou, de direito e de fato, por longas décadas, a direção local do Mackenzie – título que compreendia a Escola Americana e o Mackenzie College. MENDES, Marcel. Tempos de transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesial (1957-1973). São Paulo: Editora Mackenzie, 2007.

entre os anos de 1885 e 1912, justamente no período em que Horace Lane esteve à frente da Escola Americana e do Mackenzie College. Eles foram produzidos por Lane e eram destinados à divulgação da proposta da Escola Americana de São Paulo e sua organização educacional. É, pois, uma importante fonte primária para a pesquisa. Os documentos trazem várias informações sobre o plano de ensino, os cursos oferecidos, currículos, corpo docente, proposta pedagógica, etc.

Temos, ainda, a coletânea de Cartas Anuais aos Pais, produzida por Horace Manley Lane. Tais cartas, datadas de dezembro de 1889 a novembro de 1899, trazem informações sobre o cotidiano escolar do Mackenzie College e da Escola Americana, sobre os cursos oferecidos, números de pagantes e não pagantes, elogios aos professores, proposta pedagógica, crítica ao modelo educacional europeu, valorização do modelo pedagógico norte-americano, entre outros assuntos. Das dez cartas dirigidas aos pais, apenas uma não foi escrita por Horace Lane. É a carta datada em 01 de dezembro de 1893, escrita pelo diretor interino F. J. Perkins.

Além disso, temos a coleção de cartas¹⁶ escritas pela missionária Mary Dascomb a Horace Lane, que formam um corpo documental importante. Elas têm sido utilizadas na perspectiva da história da educação (NICACIO; RIBEIRO, 2012). Essas cartas foram reunidas e publicadas por Frank Goldman. Trata-se de uma importante fonte primária que traz temas ligados à educação, experiências pessoais, relações interpessoais e profissionais à frente de várias instituições educacionais. Ao trazê-las para análise, pretendemos perceber as representações construídas por Mary Dascomb sobre Horace Lane. Nessas cartas, aparecem assuntos relacionados às práticas educacionais tanto de Horace Lane como de Mary Dascomb. Tais cartas também possibilitam compreender as conexões pedagógicas existentes entre a Escola Americana de São Paulo, dirigida por Horace Lane, e a Escola Americana de Curitiba, dirigida por Mary Dascomb e Elmira Kuhl.

Outros documentos incluem os relatórios dos primeiros missionários norte-americanos no Brasil, que foram digitalizados pela secretaria executiva da Igreja Presbiteriana do Brasil. Esses relatórios eram apresentados nas reuniões do Presbitério do Rio de Janeiro. São manuscritos e representam uma importante fonte para se compreender a obra missionária e educacional no Brasil. As deliberações conciliares revelam um plano organizado no sentido de expandir a proposta presbiteriana e o ideário civilizatório norte americano. Em algumas

16 Faremos a análise apenas das cartas que trazem as representações construídas por Mary Dascomb sobre Horace Lane.

fontes norte-americanas observa-se que a educação é postulada como um instrumento para solidificar a modernização da sociedade.

Utilizamos também uma fonte intitulada *Brazilian Mission: a monthly Bulletin of Missionary intelligence* (1890-1891), editado no Brasil e publicado no Brooklyn (Nova Iorque). O boletim traz informações sobre várias frentes missionárias, além de ter artigos de vários missionários norte-americanos, inclusive Horace Lane e Willian Waddell.

Algumas fontes que tratam de missões em terras estrangeiras apontam para uma visão economicista da ação missionária e não meramente expansionista. Por outro lado, algumas delas procuram construir uma visão do Brasil e da América Latina, mostrando as representações que os missionários americanos pensaram sobre essa região. Algumas dessas fontes mostram o cotidiano das então principais províncias do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Paraná e outras.

Utilizamos, portanto, vários documentos como fontes de pesquisa, como relatórios, cartas, jornais, etc., pois entendemos que cada qual apresenta uma maneira de os seus protagonistas se pronunciarem, fazerem-se percebidos, analisados. Elas foram confrontadas, problematizadas com o objetivo de se construir uma leitura daquilo que foi importante para a compreensão do nosso objeto de pesquisa.

Tais fontes foram analisadas a partir da ideia de que não são uma produção inocente. Foram tratadas como uma construção intencional. Algumas refletem os discursos dos seus principais protagonistas e como tal construíram uma representação de si e da sociedade da sua época. Tais representações são vistas como práticas culturais (CHARTIER, 2002). Os discursos não são neutros. Impõem uma autoridade em detrimento de outras, por eles desprezados. Tais práticas legitimam uma visão de mundo. Elas foram elaboradas com o objetivo de construírem uma identidade, uma memória.

Tal como afirma Le Goff (2003):

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver⁷, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento (p. 547).

Como resultado de uma montagem, de uma fabricação, consciente e inconsciente da história da sua época, os documentos precisam ser problematizados, questionados. É dessa forma que o historiador desconstrói o documento enquanto monumento.

Para Le Goff, as condições de produção do documento devem ser minuciosamente analisadas:

As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo (2003, p. 110).

Destarte, entendemos que as fontes utilizadas na “fabricação” deste trabalho não são inocentes, expressam uma forma de pensar e agir no mundo de seus principais produtores. E como um monumento, tais fontes devem ser desmontadas, desconstruídas a fim de se obter uma compreensão daquilo que seus articuladores construíram. Vale ressaltar que esses documentos oficiais reproduzem a percepção dos redatores e dos seus articuladores. Portanto, expressam uma visão autorizada e institucionalizada daquilo que foi colocado e daquilo que foi omitido, ou ainda, representam como uma determinada realidade foi construída, pensada ou dada a ler. Nesse sentido, as classificações, as divisões e delimitações não são ações neutras. Representam a percepção que determinado grupo construiu. Elas são determinadas pelos interesses do grupo que as forjam (CHARTIER, 2002, p. 17).

Na mesma linha de pensamento, Le Goff (2003, p.) pontua que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Como monumento, os documentos resultam do esforço dos seus protagonistas em impor determinada imagem de si próprios. Os documentos são uma montagem, uma fabricação, um produto de uma época. E Le Goff adverte que cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. Sua tarefa é desmontar, demolir essa montagem, desestruturar essa construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

A respeito da materialidade desses relatórios, apropriamo-nos das colocações de Biccas e Carvalho (2000):

A materialidade desse objeto passa a ser o suporte do questionário que orienta o investigador no estudo das práticas que se formalizam nos seus usos. É a ênfase nesses usos que desloca o olhar do historiador da educação dos modelos pedagógicos (tenham eles o caráter de leis, regulamentos, preceitos, doutrinas ou sistemas pedagógicos) para a multiplicidade dos dispositivos materiais em que se inscrevem, como produtos culturais determinados, e para as práticas diferenciadas de apropriação deles (p. 63).

Assim, a análise dos relatórios, cartas, prospectos e outras fontes como produto cultural de um determinado grupo social permite compreender as práticas que formalizaram

seus usos. Elaborados pelos mais variados agentes sociais e pelas instâncias de poder, eles representam um corpo documental de vital importância para entender como eram vistas as práticas de diversos missionários.

Neste trabalho procuramos analisar não somente a figura de Horace Manley Lane, como educador, missionário, diretor da Escola Americana de São Paulo, presidente do Mackenzie College e superintendente da obra educacional da South Brazil Mission, mas também as lutas de representações em torno de sua pessoa e das perspectivas educacionais do campo presbiteriano, acentuando que em meio a tais lutas, ele propôs a formação de uma rede de escolas americanas no Brasil.

Para tanto, dividimos o trabalho em duas partes. A primeira parte, intitulada Lutas de representações – Horace Lane, é composta por dois capítulos. No primeiro capítulo, fazemos um balanço historiográfico acerca das representações sobre Horace Lane na historiografia e na história da educação brasileira. O objetivo desse capítulo foi compreender as representações construídas a respeito dessa figura presente na historiografia brasileira. Fizemos uma revisão bibliográfica da literatura protestante, da historiografia e das produções na perspectiva da história da educação.

No capítulo dois, nosso objetivo foi apresentar o que os amigos e inimigos pensavam sobre Horace Lane. Não analisamos apenas as lutas de representações de tais personagens, mas, também, as relacionadas a dois modelos educacionais. No bojo dessa luta, deparamos com o Rev. Eduardo Carlos Pereira, que defendia a organização de escolas paroquiais, destinadas para os filhos de crentes. Contrário a esse pensamento, Lane era partidário da educação como forma de evangelização indireta, portanto, defendia a criação de colégios abertos que atenderiam as mais variadas classes sociais. O capítulo está subdividido em três tópicos: Horace Lane na visão da Igreja norte-americana; Horace Lane no jornal O Estandarte; Horace Lane nas cartas de Mary Dascomb.

A segunda parte do trabalho, intitulada As práticas de um educador, também foi organizada em dois capítulos. No primeiro capítulo, procuramos ouvir Lane, conduzidos pela intrigante proposição de Chartier (2010) de “escutar os mortos com os olhos”. Diante das lutas de representações no campo presbiteriano era preciso ouvir Lane, pois seus adversários tinham a imprensa jornalística em suas mãos e, através dela, construíam as representações sobre ele. Em contrapartida, as respostas de Lane não eram publicadas nos jornais de circulação no Brasil. Além de analisar os discursos de Lane, focamos a atenção em suas práticas. Para tanto, estruturamos o primeiro capítulo, da segunda parte, da seguinte forma: no primeiro tópico procuramos analisar os discursos de Lane sobre o Brasil, ou seja, as

representações que construiu acerca das questões econômicas e políticas do país. No segundo tópico, buscamos analisar seu discurso sobre a educação, acentuando a proposta de uma educação protestante para além da confessionalidade, seu discurso sobre a Escola Americana através das cartas aos pais dos alunos e à sociedade, sua participação na reforma pública paulista e, finalmente, seu discurso sobre a catequese indígena. Os documentos analisados permitiram compreender um Lane pouco conhecido na historiografia.

No segundo capítulo, da segunda parte, apresentamos algumas escolas que faziam parte da rede de escolas construídas por Horace Lane. Iniciamos com uma análise mais geral a respeito da rede pensada por ele em 1890. Àquela época, Lane dizia ter 18 escolas como filiais da Escola Americana de São Paulo. Uma das pistas deixadas por Lane e outros agentes foi a indicação de *Branches* (filiais). Essa palavra e as escolas que aparecem em seus relatórios foram analisadas como paradigma indiciário de que houve uma tentativa de formar uma rede de escolas americanas. Depois dessa abordagem mais geral, analisamos quatro escolas citadas no relatório de Horace Lane aos Trustees, a saber: Escola Americana de Curitiba, Escola Americana de Botucatu, Escola Americana de Florianópolis e Escola de Araraquara. Procuramos estudá-las separadamente, porém compreendendo que elas estavam conectadas com a Escola Americana de São Paulo, pelos motivos já expostos. Partimos da hipótese primeira que a rede de escolas organizadas por Lane era uma estratégia para concorrer com a educação católica. Segundo, que ela era uma reação contra a Igreja Presbiteriana do Brasil que tomou a decisão de não utilizar a educação como método de evangelização. Terceiro, que a rede era uma proposta de Lane de propagar o modelo pedagógico, a cultura e os valores do presbiteriano norte-americano no Brasil.

PARTE 1: LUTAS DE REPRESENTAÇÕES – HORACE LANE

1. DIVERSOS OLHARES SOBRE HORACE LANE

Horace Lane é uma figura presente na historiografia brasileira¹⁷. Porém, são poucos os trabalhos que o tomam como objeto principal de análise. Os estudos centram-se muito mais na Escola Americana ou no Mackenzie College como objeto de análise do que em sua pessoa. Nosso objetivo neste capítulo é analisar como a imagem de Horace Lane foi produzida na historiografia. Para tanto, este capítulo está dividido em duas partes: primeiro, apresentamos algumas imagens, sentidos e significados que a historiografia¹⁸ construiu acerca de Horace Lane. Para isso, revisitamos alguns trabalhos de autores protestantes: Stewart (1932), Lessa (1938), Ribeiro (1987), Ferreira (1992), A. M. A. Gomes (2000), Hack (2002; 2003), Matos (2004), Garcez (2004), Mendes (2007), Pereira (2011) e de autores não protestantes, como é o caso de Daltro (1920), Goldman (1972), E. P. Rocha (2002), Abreu (2007), Grigório (2012) e Cunha (2014). Fazemos também uma análise das representações sobre Horace Lane na perspectiva da história da educação, revisitando os seguintes trabalhos: Azevedo (1960), Hilsdorf (1977; 1986; 2009), Laguna (1999), Abreu (2003), Chamon (2005), Nascimento (2007), M. L. S. Gomes (2007), Jane Santos (2009) e José V. Santos (2011).

Pensamos ser importante levar em consideração as afirmações analisadas por Certeau e Chartier ao trazer para este capítulo as representações sobre Horace Lane feitas por vários historiadores. Eles estão ligados a um lugar social, a uma instituição. Elas definem, portanto, o significado construído sobre ele, ou ainda, a fabricação da representação que o historiador quis transmitir para o seu grupo social. Fabricar uma história é uma prática social que confere ao leitor um lugar bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo uma “lição”, uma interpretação, uma visão de mundo. O que o historiador fabrica ao fazer história pode ser revelado no seu próprio discurso, ou seja, naquilo que foi dito e

17 Para uma leitura da biografia de Horace Lane consultar: MATOS, Alderi Souza de. Os pioneiros presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592p. FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vol I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 580p. FERREIRA, Júlio Andrade. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vol II. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 448p.

18 Fizemos a opção de inserir neste tópico os textos de autores ligados diretamente à Universidade Presbiteriana Mackenzie ou à Igreja Presbiteriana do Brasil. Reunimos os trabalhos que necessariamente não estão dentro da linha da história da educação, a não ser o de Osvaldo Hack. Porém, este na atualidade faz parte desta instituição educacional, por isso o critério de não inseri-lo no último tópico deste primeiro capítulo que trata das representações de Horace Lane na história da educação. Neste tópico, veremos autores confessionais, porém, não ligados à Universidade Mackenzie, por exemplo: Veloso (2011) e Ester (2007), justamente por entender que o lugar social determinada as posições tomadas por seus autores.

naquilo que não foi dito, no permitido e no proibido. Esse paradoxo na produção historiográfica permite entender que a construção social de um texto obedece regras próprias do lugar social. Neste sentido, seria a produção historiográfica uma construção do historiador ou do lugar social a que ele pertence?

Em todo caso, trazer para o presente o objeto ausente e dar significados é uma prática social que fabrica a imagem de acordo com as regras do lugar social e explicita as lutas de representações forjadas pelos agentes sociais. Porém, não podemos deixar de compreender que a produção historiográfica tem múltiplos sentidos. É preciso, portanto, ter em mente os usos e interpretações que cada comunidade faz dos objetos dos quais se apropria.

Isso posto, os tópicos que se seguem analisam a produção historiográfica acerca de Horace Lane. Nosso objetivo é perceber como nosso objeto foi pensado, construído, fabricado e ao mesmo tempo como ele foi apropriado.

1.1 Horace Lane na historiografia

Uma das primeiras referências a Horace Lane se encontra no livro de Daltro (1920), *Da catechese dos índios no Brasil: notícias e documentos para a história (1896-1911)*. A obra de Leolinda de Figueiredo Daltro está organizada em duas partes. Na primeira parte, Notícias e documentos, ela documenta seu contato inicial com os índios Xerentes e a sua viagem aos sertões de Goiás entre 1897 e 1900. Na segunda parte, A minha acção pelos autóchtones na Capital Federal, aborda sua luta para criação da “Associação de Proteção e Auxílio dos Silvícolas do Brasil”. Leolinda Daltro foi uma professora católica que atuou na evangelização dos índios brasileiros¹⁹. Em seu livro, ela faz algumas menções a Horace Lane e pelo que se percebe trocou correspondências com ele. A primeira referência encontra-se nas páginas iniciais do livro, na dedicatória, à Memória do Dr. Horace Lane, da Dra. Maria Renotte, D. Veridiana Prado e dos Drs. Eduardo Prado, Garcia Redondo, João Mendes, Almeida Nogueira e Affonso Arinos.

A memória desses grandes amigos só poderia ser esquecida se eu não possuísse o menor sentimento de gratidão. O pouco que fiz em favor dos índios teve a colaboração e o auxílio moral e material desses espíritos de escól, que no mundo vieram somente para o Bem e para a Justiça. Os dois primeiros, estrangeiros, eram, entretanto, brasileiros como eu, e mais brasileiros que muitos dos que aqui nasceram. Eles vibraram de entusiasmo diante do meu esforço patriótico. Os outros meus patrícios, secundaram a ação dos primeiros, interessados todos em amparar e

19 Para melhor aprofundamento sobre a trajetória de Leolinda de Figueiredo Daltro consultar: CUNHA, Paulete dos Santos. Leolinda Daltro, a caminhante do futuro: uma análise da sua trajetória de catequista a feminista (Rio de Janeiro/Goiás 1896-1920). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Laopoldo, 2014.

encorajar a mulher que se atirara a uma missão arriscada, com o único intuito de servir à Pátria Brasileira (DALTRO, 1920).

Como vemos, autora se refere a Lane e aos demais nomes elencados como amigos. Sobre Horace Lane, diz que ele a auxiliou moral e materialmente. Em suas palavras, afirma que apesar de estrangeiro, ele era muito mais brasileiro do que muitos brasileiros. Ela constrói a imagem do colaborador do projeto catequético entre os índios. Afirma que tanto Lane como Maria Renotte vieram ao mundo somente para fazerem o bem e a justiça, indicando que os demais homenageados seguiram o exemplo de Lane e da Dra. Maria Renotte. Essa última era médica e professora, nascida na Bélgica (CUNHA, 2014). Em outro momento do livro, Daltro chama Horace Lane de “apóstolo do bem”.

Como é de todos sabido, foi esta prestimosa redação a primeira que me recebeu e concorreu leal e francamente com palavras animadoras, para a aceitação e apoio que meu empreendimento encontrou da sociedade da paulicéia e, principalmente, dos ilustrados e beneméritos Drs. Horace Lane e Maria Renotte. Foram esses dois apóstolos do bem, especialmente, que me dispensaram as mais inequívocas atenções, francos e elevados estímulos, o mais forte amparo – para os quais não há palavras com que jamais possa eu exprimir quantos lhe devo (DALTRO, 1920, p. 89).

Na primeira parte da sua obra encontram-se alguns documentos e notícias sobre a sua atuação entre os índios. Tais notícias eram publicadas em jornais. Lane encaminhou uma carta ao redator do jornal *A Platéia*, dizendo:

Sr. Redator da *Platéa*. – Desejando contribuir alguma coisa para que a Exma. Sra. D. Leolinda de Figueiredo Daltro possa levar a efeito a patriótica e humanitária missão do ensinar os índios xerens a ler, ofereço a quantia abaixo declarada (200\$) em auxílio das despesas de viagem, e comprometo-me, por parte da Escola Americana, a dar uma mensalidade de réis 50\$ durante o tempo que esta senhora lá estiver, e a fornecer os livros e material escolar que precisar para o trabalho. ‘Os primeiros e mais benéficos movimentos em prol da civilização dos índios Norte Americanos foram de iniciativa particular’. A civilização da grande tribo dos *Chivitows* foi devida, quase exclusivamente, aos esforços e a dedicação de uma senhora, que passou vinte anos da sua vida no meio deles e gastou uma fortuna considerável. Foi ainda uma senhora que abriu a primeira escola entre os *Dakotas*, e que ainda reside entre eles, contribuindo grandemente para a sua civilização. Sirvam estes exemplos de estímulo à corajosa D. Leolinda, na espinhosa, porém grata e patriótica missão que vai empreender (JORNAL A PLATÉA, 10/1896 apud DALTRO, 1920).

Contribuíram com a quantia de 200 réis: Horace Lane (100\$000), Willian Alfred Waddell²⁰ (50\$000) e estudantes do Mackenzie (50\$000). Na reprodução da carta de Lane ao

20 Waddell foi um dos missionários mais próximos a Horace Lane. Dados biográficos acentuam que ele nasceu em 5 de fevereiro de 1862 em Bethel, Estado de Nova York, onde passou sua infância e aprendeu as primeiras letras. Em outubro de 1881, aos 19 anos, fez a sua profissão de fé na Igreja Presbiteriana de Schenectady. Ingressou no Union College, no qual se bacharelou em Artes e Ciências, formou-se em Engenharia Civil (1882) e foi membro da fraternidade cultural Phi Beta Kappa. Sentiu-se chamado ao ministério pastoral, matriculando-se no Seminário de Princeton, onde concluiu em dois anos (1883-1885). Foi ordenado pastor em 2 de abril de 1887. Interessado pela obra missionária, Waddell deixou o seu país em

redator do jornal A Platéia, Daltro reforça a imagem de Horace Lane e nos ajuda a entender a contribuição material que Lane prestava à educação dos índios. Além do valor financeiro, Lane ajudava com o material pedagógico.

O livro traz uma publicação de uma das cartas de um dos filhos de Leolinda. Na carta vemos mais uma representação sobre Horace Lane:

Tenho tantas saudades da senhora! O Dr. Horace Lane nos anima muito, dizendo que é para o nosso bem o que a senhora está fazendo; que o seu nome há de passar coberto de flores para a história do Brasil. Que se fora nos Estados Unidos o povo a colocaria nas alturas! Mas, que ele está certo de que o governo lhe há de recompensar. Diz ele que é um passeio que a senhora vai dar, que é perto e nada lhe acontece. Penso que ele está nos enganando. Quando é que a senhora volta? Quantos dias de viagem? Escreve-nos assim que chegar na aldeia; como nós desejamos ir também, a senhora virá nos buscar em Dezembro? Vem? Este colégio é muito bom, muita comida e bons companheiros, mas os americanos são muito sérios. Só o Dr. Lane nos abraça e nos dá brinquedos. Disse que nós vamos ser grandes homens, que vai mandar completar nossa educação nos Estados Unidos. Mas eu não me esqueço do Dr. Herculano e da família dele, que tanto nos estimava. Nós temos muitas saudades das filhas do doutor Herculano e da mulher dele, que até nos deitava no colo, como a senhora fazia. Mamãe, volte breve. São horas da aula. Eu estou muito adiantado, mas Leobino está muito vadio, e muito chorão. Deite a abenção a seus queridos filhos (DALTRO, 1920, p. 101-102).

Na carta datada de 10/05/1897, esse filho de Leolinda constrói uma representação rara de Horace Lane, a imagem de um homem que procurava animar as crianças diante da ausência da mãe. O filho diz para mãe, que Lane possivelmente os estava enganando, pois dizia que ela tinha ido passear. Eles percebiam que era uma estratégia de Lane, que tentava amenizar a saudades deles. Apesar de estarem em processo de adaptação na nova escola, concluíram que o colégio era bom, havia fartura de comida e bons companheiros. Sentiam saudades da antiga escola e do Dr. Herculano. Afirmam que os americanos eram sérios, porém afirmava que Lane os abraçava e dava brinquedos. Esta imagem do educador norte-americano também não se percebe na historiografia. Lane percebeu as dificuldades dos filhos

20 de agosto de 1890 e chegou ao Brasil no dia 19 de setembro. Seu primeiro campo missionário foi São Paulo, onde assumiu a classe teológica e ajudou Horace Lane na fundação do Mackenzie College. Supervisionou a construção do primeiro prédio do Mackenzie, inaugurado em 1895. No ano seguinte, a convite de Horace Lane, organizou e instalou a Escola de Engenharia, da qual foi o primeiro diretor. Waddell, por compartilhar dos ideais de Horace Lane a respeito da evangelização e educação, também teve sérias dificuldades com o Rev. Eduardo Carlos Pereira. Atuou como missionário e educador em várias regiões do Brasil. Manteve um amplo trabalho de evangelização e supervisionou várias escolas primárias, além de organizá-las. Esteve à frente por alguns anos do Instituto Ponte Nova, colégio evangélico, cujo propósito era preparar professores para escolas primárias e bíblicas, treinar jovens para o trabalho da Igreja e encaminhar alguns ao ministério. Mais tarde chegou à Presidência do Mackenzie (1914-1927). Para mais informações biográficas, ver: MATOS, Alderi Souza de. Os pioneiros presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592p. Para informações sobre sua atuação no Instituto Ponte Nova, ver: NASCIMENTO, Ester Fraga V. C. Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical. São Paulo: EDUFAL, 2007. NASCIMENTO, Ester Fraga V. C. Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia. Revista Lusófona de Educação, p. 111-126. 2005.

de Leolinda e os motivava com suas palavras, dizendo que eles estudariam nos Estados Unidos. Podemos pensar que era uma forma de Lane ajudá-los diante da ausência da mãe.

Em outra carta, escrita por Rita Pereira Gomensoro (12/05/1897), vemos uma nova referência a Lane: “Achamô-los bem tratatos; estão saudosos, mas em parte, satisfeitos, porque o Dr. Lane os trata como filhos e lhes promete, quando a senhora voltar, levá-los todos a passear nos Estados Unidos, onde a grande Associação dos índios dará um grande prêmio a senhora” (DALTRO, 1920, p. 104).

Outra obra importante é o trabalho de Stewart (1932), *Mackenzie College e Escola Americana: notas sobre a sua história e organização*. É um dos primeiros textos institucionais que encontrei que faz um registro histórico das atividades dessas instituições educacionais. É uma obra pouco citada na historiografia. Stewart, na ocasião da publicação do livro, era presidente do Mackenzie College. Havia substituído há pouco tempo o Rev. Waddell. O referido autor deixa claro no início da sua obra que a maior parte do folheto foi escrita pelo Dr. W. A. Waddell, presidente honorário do estabelecimento de ensino, e que manteve relações pessoais e diretas de quarenta anos com as instituições educacionais. Segundo Stewart, a obra foi destinada aos professores, aos ex-alunos e aos futuros amigos que desejassem conhecer a instituição que ao longo da sua história tinha servido a sociedade brasileira. A obra é uma espécie de folheto, de caráter memorista, e nas primeiras páginas traz a foto do fundador da Escola Americana, Rev. George W. Chamberlain. O interessante é que no início da obra o autor afirma que a escola foi fundada em 1870 por uma senhora norte-americana.

Dois aspectos nos chamam a atenção na abertura da obra. Primeiro, a omissão do nome da missionária Mary Ann Annesley Chamberlain, esposa do missionário Rev. Chamberlain, como fundadora da Escola Americana de São Paulo. Segundo, o autor colocou a foto de Chamberlain no início da sua obra e não a da missionária. Essas duas omissões podem sugerir a ideia de uma opção historiográfica de construir a história da Escola Americana a partir do gênero masculino. Isso pode ser justificado pela própria corrente teológica presbiteriana que não permitia a participação da mulher na vida administrativa da igreja.

Por outro lado, é válido ressaltar que as escolas estavam sob a responsabilidade das esposas dos pastores, visto que esses se dedicavam à pregação do Evangelho e ao cuidado da Igreja (SILVA, I. B., 2010)²¹. Segundo Almeida (2007), Mary Chamberlain:

Era educadora de sólida experiência, conhecedora dos métodos pedagógicos norte-americanos. Preocupava-se com as crianças crescendo na ignorância pela falta de meios para pagar seus estudos, e com as meninas protestantes vítimas de perseguição religiosa nas escolas. Nisso se incluía a ausência de escolas de qualidade que pudessem educar os filhos e as filhas dos protestantes radicados em São Paulo, assim como as crianças brasileiras vítimas do descaso das autoridades no tocante à educação, além dos filhos dos republicanos e defensores da abolição, dos positivistas e dos liberais, discriminados por católicos e monarquistas (p. 334).

Para Stewart (1932), a abertura da escola, as diretrizes, a escolha do corpo docente ficaram sob responsabilidade de Chamberlain. O autor estabelece oito questões: Se os serviços da nova escola seriam limitados ou não a alunos protestantes, que métodos seriam adotados, o nome da escola, a língua na qual a instrução deveria ser ministrada, o calendário da escola, a questão da cor, sexo e, enfim, a falta de compêndios adequados. Após relembrar tais dificuldades enfrentadas pelos fundadores, o autor, na página 9, começa a referência ao nome do nosso objeto de pesquisa: Horace Lane. Esse é apresentado por Stewart como amigo de Chamberlain, negociante, professor, e um homem de personalidade competente, educado nas melhores escolas dos Estados Unidos, um profundo conhecedor do Brasil, acostumado a se relacionar com estadistas, estudantes e até os “camaradas do sertão”. Agregava a esse conhecimento a sua formação em medicina e em relação aos métodos de ensino norte-americano. Para o autor, Lane possuía um “cérebro de fecundidade extraordinária” (p. 9).

Segundo Stewart, ao assumir a direção da Escola Americana em São Paulo, a convite de Chamberlain, a primeira preocupação de Lane foi a organização de um sistema composto de estudo e aprendizagem, de teoria e prática, que possibilitou a formação de um grupo de professores habilitados e competentes. Lane estabeleceu o critério de seleção de professores. Esses eram experimentados no trabalho prático e a sua contratação dependia do bom desempenho da tarefa. Em 1886, iniciou a “organização da escola de preparatórios com a transição gradual do regime seguido, pelo qual a classe era ensinada por uma professora, ao regime de professores de cada uma das diversas matérias” (STEWART, 1932, p. 10). Ainda segundo o autor, esse processo sofreu várias interrupções até a Proclamação da República. O novo governo adotou a Escola Americana como padrão da organização de suas escolas. A

21 Neste trabalho, mostramos, entre outras coisas, a ação da professora Palmira Rodrigues de Cerqueira Leite, esposa do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, na cidade de Sorocaba. Ela tinha sob sua responsabilidade a Escola Americana de Sorocaba, enquanto seu marido ficava com a administração eclesiástica da Igreja Presbiteriana de Sorocaba.

professora Marcia Brown e quatro moças preparadas por Lane foram trabalhar para o Estado. Lane passou à qualidade de conselheiro em assuntos educacionais e realizou outras mudanças na vida da Escola Americana, organizando os cursos preparatórios, os cursos superiores literários, de ciência pura e de ciência aplicada, que mais tarde passou a designar-se como curso de Engenharia (STEWART, 1932, p. 11).

Da página 11 até a 16, Stewart retrata as mudanças organizacionais efetuadas por Horace Manley Lane na Escola Americana de São Paulo. Constrói um Lane envolvido com as questões sociais do seu tempo, com a organização da escola; fala das relações estabelecidas com homens proeminentes de Nova York e com políticos brasileiros. Encerra esse capítulo com duas fotos da Escola Americana, uma datada em 1870 e a outra de 1932, com a finalidade de ilustrar o desenvolvimento da instituição educacional ao longo dos anos.

Ao nos depararmos com esta obra, sentimos necessário ter em mente que os seus autores, Dr. Waddel e Stewart, foram pessoas profundamente ligadas à Escola Americana, ao Mackenzie College e ao Dr. Horace Lane. Eles produziram uma história dessas instituições a partir de uma posição privilegiada, ou seja, como presidentes. Nessa condição, trataram de historicizar fatos que descrevessem o sucesso do empreendimento fundado pelo casal Chamberlain e pelos demais colaboradores. Há uma tentativa perceptível de mostrar que tal empreendimento alcançou as estruturas sociais, contribuindo para a reforma da educação paulista. Porém, ao omitir o nome de Mary Chamberlain, nota-se uma intenção de se construir uma história a partir do gênero masculino. A omissão do nome e até mesmo da foto da missionária e educadora Mary Chamberlain nos leva a entender que a opção historiográfica dos autores sobre a Escola Americana e Mackenzie College é também uma tentativa de negar a participação e a contribuição da mulher. A ela cabe a responsabilidade de estar apenas na sala de aula e não na narrativa que lhe confere um lugar de poder. Para Mary Chamberlain ficou apenas o registro da iniciativa de se organizar uma Escola Americana para atender crianças impossibilitadas de frequentar as escolas públicas por causa da intolerância religiosa.

Ainda na década de 1930, temos o livro *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo (1863-1903): subsídios para a história do Presbiterianismo brasileiro*, de Vicente Themuldo Lessa (1938). A obra é considerada um dos primeiros livros sobre a historiografia presbiteriana. Embora não tenha uma metodologia específica, o livro traz vários temas sobre o presbiterianismo no Brasil. Inicialmente, o autor dirige uma palavra ao leitor com o objetivo de orientá-lo acerca da obra. Afirma que tentou ser imparcial nas críticas e comentários e compreende que a crise de 1903 foi o período mais delicado que historicizou. Lessa teve

acesso às mais variadas fontes primárias: jornais, relatórios pastorais de missionários norte-americanos e brasileiros, atas das igrejas, revistas missionárias e outros.

Sobre Horace Manley Lane, objeto da nossa pesquisa, Lessa dedica algumas páginas de sua obra com o objetivo de descrever alguns fatos sobre sua vida. Começa mostrando que o ano de 1885 não foi um ano de muito crescimento para a Igreja Presbiteriana de São Paulo, pastoreada por Chamberlain, porque naquela ocasião o processo de adesão ao presbiterianismo era severo. Entre os nomes que ingressaram no presbiterianismo naquele ano estava Horace Lane. Segundo Lessa, Lane foi batizado no dia 26 de agosto de 1885 pelo Rev. Alexander L. Blackford. Citando nomes de pessoas que professaram a fé no ano de 1885 - Maria da Costa Mendes, Maria Thereza Rodrigues, Frank Bellinger, José Antonio Perreira e sua esposa Rita Alves Pereira, Maria Joaquina do Espírito Santo, Marcellina Peçanha de Camargo, Mary Cristina Chamberlain, Manoel Lopes Trigo Junior, Eliza Rodrigues da Costa e Nicolau Soares do Couto - Lessa dá um destaque especial para duas delas: Benedito Ferraz de Campos e Horace Lane. O primeiro, conforme as informações do autor, foi ordenado pastor em 1889, era hábil professor de línguas e de matemática. Tinha uma memória prodigiosa e era um exímio estudioso de diversas ciências.

Sobre Lane, destaca as seguintes palavras:

O dr. Horace Lane (1837-1912) andava em perto de cinquenta annos quando se tornou membro da igreja. Tinha pronunciada vocação para o ensino. Aos dezenove annos veio para o Brasil e logo fez-se professor no Collegio João Kopke no Rio de Janeiro. Vindo para São Paulo leccionou em várias casas de ensino. Entregou-se também ao commercio no Rio de Janeiro e em Ouro Preto, onde foi o introductor da iluminação a kereozene. Enviado em 1879, voltou aos Estados Unidos e doutorou-se em medecina. Em 1883 voltou a S. Paulo. Conhecidas as suas aptidões pedagógicas, a convite do Rev. Chamberlain, passou a cooperar na Escola Americana, embora não fosse ainda crente professo. Unindo-se a igreja de S. Paulo em 1885, logo no anno seguinte recebeu a nomeação de missionário, assumindo a direcção dos estabelecimentos de educação do board de Nova York em S. Paulo pelo espaço de trinta annos. Tornou-se muito acreditado em assumptos pedagógicos na sociedade paulista. Por sua morte o Senado e a Camara paulista renderam-lhe homenagem. Foi membro do Instituto Histórico de São Paulo. Dificuldades houve, porém, em suas relações eclesiásticas para com a igreja a que se uniu, resultando dahi muitas amarguras. Muitos desgostos surgiram (LESSA, 1938, p. 242).

É assim que Lessa descreve Horace Lane: educador, homem de negócios, missionário. Uma pessoa com vocação para o ensino e que enfrentou várias lutas no campo religioso presbiteriano. É interessante observar que o trecho supracitado encontra-se no capítulo 38º do livro de Lessa, intitulado Horace Lane. Este capítulo tem cinco páginas, mas apenas poucas palavras sobre Lane. Faz uma breve revisão biográfica do nosso objeto e descreve mais aspectos da vida da Igreja Presbiteriana de São Paulo e outras ações feitas pelos pastores norte-americanos. Além disso, ele havia dito que daria uma especial atenção a Benedicto

Ferraz de Campos e a Horace Lane, ou seja, preparou seu leitor para um enunciado que foi suplantado em meio a outras afirmações relacionadas à Igreja Presbiteriana de São Paulo, local social do qual fazia parte. Parece não querer aprofundar sua abordagem historiográfica na figura de Horace Lane, mostrando que outros acontecimentos eram mais importantes.

A opção historiográfica de Lessa pode ser justificada pelo lugar de onde ele escreve. Ele pertencia ao campo religioso da Igreja Presbiteriana Independente, grupo liderado por Eduardo Carlos Pereira, que surgiu com o cisma de 1903. No centro das disputas no campo presbiteriano estava Horace Lane que, de acordo com o próprio Lessa, enfrentou dificuldades em suas relações com a Igreja. Porém, Lane não tinha problemas com a Igreja. Como veremos, ele teve problemas com líderes da Igreja, principalmente com Eduardo Carlos Pereira. Lessa quando menciona as dificuldades eclesiásticas de Lane, omite informações sobre os conflitos enfrentados por ele, pressupondo que seu leitor conheça a problemática entre Lane e Pereira ou ainda, como afirma Chartier (2001), “[...] podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção” (p. 96). Nesse sentido, o autor constitui no sujeito produtor de um discurso, que na sua perspectiva considera autorizado. Lessa parece não querer entrar em pormenores sobre Horace Lane. Constrói uma representação muito difundida na historiografia protestante acerca de Lane e que influenciou muitas abordagens sobre ele.

Temos ainda o trabalho do historiador presbiteriano Júlio Andrade Ferreira (1992), *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Publicado, inicialmente, em 1959, ano do centenário da Igreja Presbiteriana do Brasil. Embora não faça uma análise exaustiva da figura de Horace Lane, a obra em sua reedição aborda vários temas relacionados ao presbiterianismo no Brasil e está dividida em dois volumes. Em 1959, Júlio Ferreira era o historiador oficial da Igreja e sob essa responsabilidade produziu sua obra.

Watanabe (2007) faz a seguinte análise da obra de Júlio Ferreira:

Citamos como autor representativo desse período Júlio Andrade Ferreira, o primeiro historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Designado pelo Supremo Concílio (órgão máximo na hierarquia presbiteriana) para ocupar tal posto, historiador leigo, com formação ampla em várias áreas das ciências humanas (sociologia, teologia, psicologia, pedagogia). Em 1960, por ocasião da comemoração do centenário do presbiterianismo brasileiro, Ferreira publicou *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, obra de dois densos volumes. O livro foi encomendado pelo Supremo Concílio, publicado pela Casa Editora Presbiteriana e financiado pela instituição (Ferreira, 1959: 6). A narrativa foi organizada a partir da cronologia do surgimento dos líderes presbiterianos representativos. Muito descritivo, o texto teve trechos enfadonhos até para o mais saudosista dos presbiterianos. Preocupou-se com a descrição minuciosa de personagens e eventos, transportando trechos de documentos da máquina burocrática para a sua narrativa. Preocupou-se também

excessivamente com datas, horários e nomes. Ferreira não explicitou seus objetivos nem a forma como pretendia atingi-los; não evidenciou a partir de quais critérios investigou os documentos e organizou sua narrativa; não mostrou envolvimento com historiadores seculares e tampouco com temas mais recorrentes na historiografia brasileira como, por exemplo, a relação da igreja com os conflitos políticos no Brasil Monárquico. As obras mais citadas foram recorrentes a História do Protestantismo e da religião no Brasil (p. 3-4).

De fato, algumas questões levantadas por Watanabe procedem, porém não concordamos com a questão da falta de diálogo com “historiadores seculares”, por algumas razões: Primeiro, consideramos extremamente problemática a designação “historiadores seculares” que o autor faz. Como se a historiografia fosse profana e sagrada. Segundo, apesar das questões levantadas por Watanabe, Ferreira fez uma opção metodológica. A opção historiográfica de Ferreira pode ser compreendida a partir do seu lugar social. Como historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil opta pela descrição minuciosa de personagens e eventos. O pouco diálogo com a literatura acadêmica pode ser justificada como uma opção historiográfica que visa tornar a história cristã uma narrativa inspirada, na mesma linha de pensamento de Léonard (1981) e Hack (2003). Mas, também, pode ser justificada pela falta de produção acadêmica nos idos de 1959. Deve-se ressaltar que sua obra faz utilização de várias fontes primárias: relatórios dos missionários, atas conciliares, cartas, prospectos de escolas e outras fontes. Embora não exista a problematização delas. As fontes parecem ser usadas como forma de comprovar a veracidade dos fatos históricos produzidos. Terceiro, em sua obra há diálogos com autores, como por exemplo, com Émile Leonard²² (1981) e Lessa (1938).

Nos poucos registros sobre Lane, o historiador sempre o vincula a Escola Americana ao Mackenzie College e aos conflitos existentes entre agentes sociais ligados ao presbiterianismo. Reforça a ideia que no período em que a Escola Americana em São Paulo estava sob a gestão Lane, essa progrediu, reforçando uma perspectiva historiográfica recorrente de Horace Lane como um exímio educador. Afirma:

Durante a gestão de Lane, o Mackenzie progrediu. Curso Geral de Preparatórios, aperfeiçoado em 1896; Departamento de Educação Física (sob liderança do profº Augustus F. Schaw), ainda no final do século passado; Curso Comercial, criado em 1902 ou 1903; Curso de Letras e Ciências Históricas; Curso de Engenharia – são todos do seu tempo (FERREIRA, 1992, p. 137).

22 Pesquisador francês veio ao Brasil no final de 1940 recomendado por Lucien Febvre para lecionar História Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Sua obra sobre o Protestantismo Brasileiro foi publicada em 1963. Consultar: SOUSA, Bertone de Oliveira. Historiografia do Protestantismo no Brasil: Percursos e Perspectivas. Revista Mosaico, v. 5, n. 2, p. 171-179, jul./dez. 2012.

Percebe-se a tentativa de substanciar a imagem de um homem comprometido com o progresso da instituição escolar sob sua orientação. Ferreira afirma que Horace Lane chegou a subsidiar despesas daquela instituição com os seus próprios recursos pessoais (1992), mostrando um homem abnegado em seus ideais.

Nessas páginas não deixa de mostrar que Horace Lane era uma pessoa mal compreendida no campo presbiteriano. Pesava sobre ele a acusação de que não era uma pessoa comprometida com os valores cristãos, porque deixava de frequentar os cultos, participar da Mesa do Senhor²³ (MATOS, 2004, p. 117). Seria uma prática subversiva de Lane que contrariava os valores cristãos do presbiterianismo ou simplesmente a falta de tempo? Era Lane um “transgressor” dos valores cristãos por não frequentar os cultos e participar da “Mesa do Senhor”?

Segundo Matos (2004), desde 1892, Lane estava envolvido em uma grave controvérsia que veio a dividir a Igreja em 1903. A controvérsia partiu de Eduardo Carlos Pereira, que questionava as qualidades espirituais de Lane à frente do Mackenzie. A acusação rendeu a Lane a suspensão da comunhão da Igreja. Ao estudarmos a presença de uma Escola Americana em Sorocaba (SILVA, I. B., 2010), afirmamos que a crise de 1903 tratava de uma disputa de poder dentro do campo presbiteriano brasileiro, resultando na divisão da Igreja Presbiteriana no Brasil. Entre os embates de 1903, estava a questão ligada à educação, à maçonaria e ao nacionalismo da Igreja Presbiteriana no Brasil. Estavam em jogo não somente duas visões educacionais, mas o pertencimento de presbiterianos à maçonaria. Do ponto de vista educacional, Lane defendia a evangelização indireta através dos colégios, e Pereira, a abertura de escolas paroquiais, destinadas apenas às necessidades dos crentes (HILSDORF, 1977; SILVA, I. B., 2010).

Assim, além da questão educacional estava a maçônica. Segundo a historiografia, Lane era maçom (GOLDMAN, 1972). Eduardo Carlos Pereira também combatia a Maçonaria. A vinculação de Lane com a maçonaria é uma chave interpretativa que justifica a sua prática social, sua visão de mundo, prática educacional, suas relações de poder, sua participação na educação pública paulista e a disputa entre ele e Pereira. Entendemos que a propaganda antimaçônica no campo presbiteriano também se configura como um campo de disputa de poder, que resultou na divisão da Igreja em 1903. Esse eixo interpretativo justifica

23 Refere-se à celebração da Ceia do Senhor, sacramento realizado com pão e vinho, que simbolizam o sangue e o corpo de Cristo. Ver: Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana dos EUA. SCOLLER, James. A Manual of the Presbyterian Church of the North America. 1751-1887. United Presbyterian Publication. 1887. 732p. MOORE, Willian. The Presbyterian Digest of 1886. General Assembly Presbyterian Church in the United States of America. Presbyterian Board of Publication and sabbath-school Work, 1886. 888p

a razão pela qual Pereira lançava suas críticas contra Lane nas páginas do jornal *O Estandarte*. Ser maçom representava também a participação em um campo social visto como profano, porém prestigiado pela elite. Nesse sentido, o Lane maçom era uma ameaça para aqueles que defendiam a “teologia espiritual²⁴”, ou seja, a teoria de que a Igreja não podia se envolver com assuntos ligados ao “mundo profano” (MENDONÇA, 2008).

Na abordagem historiográfica de Ferreira, Lane é descrito como um homem empreendedor, missionário, educador, que por intermédio das suas habilidades pessoais proporcionou o desenvolvimento educacional da instituição confessional sob sua responsabilidade. Lane não ganha muitas páginas no trabalho historiográfico de Ferreira, mas, sempre é visto como um homem que fez as instituições escolares sob sua responsabilidade crescerem.

No livro *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*, de Frank P. Goldman²⁵ (1972), o autor propõe uma discussão sobre migração norte-americana para o Brasil na segunda metade do século XIX. Nesse processo, segundo o autor, estavam pessoas das mais variadas classes sociais e profissões com a expectativa de encontrarem um novo lar, ou aquilo que ele denomina “terra prometida”. Segundo Goldman, para garantirem a identidade cultural, esses norte-americanos conservaram aspectos da sua cultura, língua, religião e educação. Criaram escolas em que seus próprios professores ensinavam de acordo com os métodos norte-americanos.

No primeiro capítulo, intitulado *Educadores, sacerdotes, covos e reis*, o autor mostra que o movimento imigratório estava ligado aos acontecimentos políticos dos Estados Unidos, a Guerra Civil. Desse movimento também participaram “[...] forças missionárias, cujas igrejas e escolas deveriam satisfazer às necessidades espirituais dos migrantes protestantes de língua inglesa e penetrar a cultura dominante de uma população de língua portuguesa” (GOLDMAN, 1972, p. 9).

Já nas primeiras páginas faz alusões a vários personagens americanos, alguns protestantes e outros não, que vieram ao Brasil, entre eles, Horace Manley Lane. Goldman,

24 Sobre esse aspecto, Mendonça (2008) acentua que a distinção feita pelos protestantes entre o mundo religioso e o profano era fruto do conservadorismo dos puritanos calvinistas, acentuada na “Teologia da Igreja Espiritual”, que leva os seus seguidores, no caso, os presbiterianos, a se afastarem de assuntos ligados às questões relacionadas à esfera política e se preocuparem com questões relacionadas à vida espiritual. Segundo o mesmo autor: “A Teologia da Igreja Espiritual era bastante adequada para um prudente distanciamento da Igreja dos graves problemas da sociedade abrangente” (2008, p. 273). Ver: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2008, 372p.

25 Goldman não é protestante. Foi professor da UNESP de Rio Claro.

com uso de várias fontes documentais, descreve aspectos relacionados à vida e prática social de Horace Lane.

Apresenta Lane como um dos líderes mais destacados do ensino brasileiro juntamente com as missionárias norte-americanas, Miss Mary P. Dascomb e Miss Ella Kuhl, educadoras que contribuíram com a expansão educacional protestante no Brasil, participaram da reforma educacional paulista, dirigiram várias escolas e estiveram na direção da Escola Americana de Curitiba. Ao falar sobre essas missionárias, Goldman diz que elas chamavam Horace Lane de “Capitão do exército de Deus”, termo que seria encontrado nas cartas que Dascomb trocava com Lane. Porém, na realidade, ela o chama de “cavalo brioso, como um dos cavalos do carro de Faraó” e não como “capitão do exército de Deus”.

Goldman procura informar seu leitor sobre aspectos biográficos de Lane e suas práticas sociais. Entre elas, destaca a sua habilidade para os negócios, afirmando que ele especializou-se na venda de implementos agrícolas e sementes. Formou-se médico pela Universidade do Missouri em 1878.

Dr. Lane exerceu por alguns anos a profissão médica. Foi ainda Presidente da Jasper Country Medical Society, Secretário da Southwest Missouri Medical Society, membro da Junta de Higiene de Jasper County e da Commission of Collective Investigation on Disease of the Medical Association of the State of Missouri. Vice-presidente dessa instituição, também foi sócio permanente da American Medical Society, membro honorário do Kansas State Medical Society e redator-chefe do periódico de higiene popular, *Health at Home* (GOLDMAN, 1972, p. 16).

O autor, ao transcrever as várias atividades de Lane, acentua a imagem de uma pessoa envolvida em várias atividades e instituições. É possível perceber isso, quando fala sobre o Lane educador:

Em vista do notável sucesso de seus métodos pedagógicos, o Dr. Lane, instado pelo Governo do Estado, promoveu a vinda a S. Paulo de alguns professores norte-americanos. Um pequeno grupo deles foi que organizou, sob a liderança de Miss Marcia Browne, a primeira escola moderna na então pequena cidade de São Paulo (1972, p. 17).

O autor sempre supervaloriza os aspectos relacionados a Lane. É um dos poucos que fala sobre o vínculo de Lane com a Maçonaria: “era maçom, numa época em que a maçonaria era tenazmente combatida; era abolicionista e republicano, num Brasil escravocrata e imperial” (1972, p. 17).

Acentua que a capacidade da Lane era reconhecida tanto nos Estados Unidos como no Brasil, transmitindo a ideia de que a imagem desse homem ia para além das fronteiras brasileiras e que ele era uma pessoa capaz e de notórias habilidades. Goldman insiste em transmitir a figura de uma pessoa inteligente, capaz de assumir várias atividades. A riqueza

das representações elencadas por Goldman acerca de Lane faz com que o leitor já nas primeiras páginas do seu livro se aproprie de uma imagem de um homem envolvido em múltiplas atividades sociais. Deseja convencer seu leitor que de fato Lane é um “capitão do Exército de Deus”.

Goldman lembra a atuação de Lane em Minas Gerais, descrevendo-o como um homem de negócios que introduziu a iluminação a querosene. Ao fazer essa menção, afirma que Lane deixou sua marca em várias localidades, como Santo Amaro, São Lourenço e Juquiá. Evoca a ideia do viajante, do homem destemido, capaz de enfrentar as dificuldades das viagens.

Mostra também um Lane abalado pelo falecimento de sua esposa em 1879, e o falecimento de seus filhos, afirmando que ele nunca se recuperou dessas perdas.

As múltiplas atividades e os freqüentes conflitos de uma época tumultuosa fizeram-se pesados nos ombros do Dr. Lane, mas não lhe alquebraram o ânimo. Ao contrário, ele se deixou arrastar cada vez mais fundo na luta; o que, entretanto roubou-lhe as forças, foi sua sensibilidade tão forte quanto a sua capacidade para o trabalho. Amava Ellen, porém cedo enviuvou; amava os filhos e os viu morrerem diante de seus olhos (GOLDMAN, 1972, p. 18).

Finalmente, Goldman escreve sobre a morte de Lane:

Milhares de pessoas ainda se recordam dos necrológios que os jornais lhe dedicaram, ressaltando o bem concorrido enterro que seguia da Rua da Consolação para o cemitério dos Protestantes; as muitas homenagens prestadas pela Câmara dos Deputados, a Faculdade de Direito, o Ginásio Macedo Soares, o Colégio Mackenzie e outras instituições. Milhares de estudantes, assim como seus pais, se lembrarão dos incansáveis esforços do Dr. Lane na construção de um edifício melhor para a Escola Americana e o Colégio Mackenzie, e das sedes das escolhinhas de tijolos vermelhos no Estado de S. Paulo e em Curitiba (p. 18).

O autor no processo de utilização da imagem de Lane transmite sempre a ideia de um homem que atuou em várias instituições, uma pessoa de múltiplas capacidades e que apesar das lutas foi corajoso, deixando-se abater apenas pela morte da esposa e filhos.

Em 1987, Boanerges Ribeiro publicou o livro *A Igreja Presbiteriana do Brasil, da autonomia ao cisma*. Em seu prefácio, o próprio autor critica a representação construída sobre a sua pessoa na historiografia protestante, dizendo que nunca foi “um anjo mau”, e que por isso evitaria escrever uma “história inspirada” do presbiterianismo brasileiro, em que o autor se imagina continuador dos Atos dos Apóstolos. Sua proposta é escrever uma história social do presbiterianismo, utilizando-se de fontes primárias. Ribeiro foi por vários anos Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (1966-1978), instância de poder. Exerceu seu cargo durante os anos da ditadura militar brasileira. Graduado em teologia e

filosofia obteve mestrado e doutorado em ciências sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

No segundo capítulo, intitulado *A herança do Rev. Chamberlain*, Ribeiro historiciza sobre a Escola Americana de São Paulo. Reconstroi as dificuldades que o seu fundador, Chamberlain, enfrentava no ano de 1884. Ribeiro afirma que o missionário norte-americano tinha o desejo de implantar uma Universidade norte-americana no Brasil. Porém, sua vocação como pregador itinerante o impedia de colocar seu plano em ação. Após reconstruir a imagem do pregador vocacionado por Deus, sensível às questões espirituais, um homem de oração, Ribeiro diz que em meio as suas preocupações Chamberlain pensou no nome do seu amigo Horace Manley Lane. Segundo o autor, Lane foi amigo de Simonton (pioneiro do presbiterianismo norte-americano no Brasil). Fora seu companheiro de viagem dos Estados Unidos para o Brasil em 1863 e também ouvinte de sua pregação no Rio de Janeiro (1987, p. 26). Prossegue nas suas informações sobre Lane, dizendo que ele chegou ao Brasil em 1859, lecionou no Colégio Kopke, foi comerciante, formou-se em medicina nos Estados Unidos. Transcreve a carta encaminhada por Chamberlain a Lane, convidando-o para assumir a direção da Escola Americana. Afirma que eles eram amigos, por isso Chamberlain o convidou para assumir a direção da escola.

Ribeiro reproduz a resposta de Lane: “Pertença ao Mestre, e se for esse o Seu chamado irei” (1987, p. 28) e afirma que ele não era presbiteriano, questionando a sua resposta a Chamberlain. Segundo Ribeiro, o pastor norte-americano Rev. Alexander Blackford era contrário à vinda de Lane para assumir a direção da escola, justamente por não ser presbiteriano. Encaminhou uma carta à Junta de Missões dos Estados Unidos questionando a nomeação de Horace Lane. Segundo o autor, Blackford não era favorável à criação da Universidade, mas era a favor da criação do curso Teológico.

De certa forma, Boanerges Ribeiro mostra que não havia unanimidade no pensamento missionário entre os pastores norte-americanos. Talvez isto justifique as posturas adotadas por muitos dos pastores nacionais, que provavelmente optaram por modelos educacionais diferentes, ou seja, alguns seguiam o modelo educacional de Chamberlain, outros seguiam modelo de Simonton e Blackford. Dessa forma, havia uma luta de representações no campo religioso presbiteriano que direcionou muitos dos conflitos existentes entre os seus agentes sociais.

Diante do problema lançado por Blackford, Chamberlain encaminha uma carta a Lane solicitando que procurasse o secretário da Junta de Missões norte-americana. Na carta, Chamberlain afirmava que Lane era uma pessoa honesta, sincera e independente para aceitar

o cargo na escola fundada por ele. Relembra os anos em que esteve na companhia de Simonton no Brasil e como fora ouvinte da pregação do missionário no Rio de Janeiro.

Já no Brasil, Chamberlain, para dirimir a polêmica levantada por Blackford, realiza o exame de Horace Lane em sessão na Igreja de São Paulo em 24/08/1885. O ato foi realizado por Blackford. A profissão de fé de Lane lhe daria legitimidade para ingressar no campo presbiteriano e educacional da Igreja. Chamberlain estrategicamente deu os primeiros passos para legitimar a presença de Lane na direção da Escola Americana.

Ribeiro narra, a partir do Diário de Lane, as representações de um homem piedoso, temente a Deus, que lia a Bíblia, que guardava o domingo, que prestava culto a Deus. Faz a seguinte observação sobre Horace Lane a partir do Diário:

Foi moço de bons costumes – e muito consciente disso, pelo que se lê no Diário. Não bebia. Considerava Santo o Dia do Senhor – a ser guardado com “em casa”. Registrava com sensibilidade a ética evangélica, especialmente a ética da misericórdia, até na Igreja Romana, que tão pouco respeito lhe merecia, exceto pelo “jantar dos pobres” e pelas “irmãs da misericórdia, e da caridade”. Não aceitava dogmas, nem os aceitava por amor da autoridade teológica – que, parecia-lhe muito bem chegar à tirania – e isto ele não engole [...] aceita a direção divina da existência; não dúvida dela, nem de sua sabedoria e bondade mesmo quando sobre aflições. Crê que Deus dirige a História, na primeira viagem, como Deus não deixou a Igreja sem Reformadores, ao longo dos séculos, e como no Século XVI, protegeu a Reforma para que Roma não a afogasse em sangue (1987, p. 41).

O autor em suas observações mostra um Lane piedoso, devoto, consciente do seu chamado cristão. Afirma que era maçom nos Estados Unidos e quando chegou ao Brasil se filiou à Loja Maçônica no Vale do Lavradio, Rio de Janeiro. Menciona-o como diretor da Escola Americana, como uma pessoa que teve boa relação com a professora Mary Dascomb e como missionário reconhecido pela Junta de Missões Estrangeiras dos EUA.

Horace Lane vai lentamente, assumir a liderança do trabalho educacional da Missão e a liderança da própria Missão. Seus planos escolares ocuparão, nos próximos anos, mais páginas de Atas que os relatórios e planos evangélicos de todos os outros missionários; sua personalidade se voltará inflexivelmente para a introdução, na sociedade brasileira, da filosofia educacional, métodos, organização e escopo da escola norte-americana – em todos os níveis, do Jardim da Infância à Universidade (1987, p. 53).

As representações elaboradas por Ribeiro mostram um Lane piedoso, devoto, homem que foi responsável pela expansão educacional da Escola Americana e do Mackenzie College. Também nesse livro descreve a polêmica entre Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira, mostrando que havia conflito entre os dois em relação à perspectiva educacional. Apesar de utilizar de várias fontes primárias, o autor constrói uma narrativa muito truncada ao abrir outras narrativas sobre assuntos variados. Percebe-se que não tem diálogo com outros historiadores sobre o assunto que propõe discutir.

Temos ainda o trabalho de A. M. A. Gomes (2000), intitulado *Religião, educação e progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. A obra tem como objetivo mostrar os traços da ética protestante e seus reflexos na formação do empresariado paulista. Aborda um período interessante para o trabalho que estamos realizando, ou seja, o período da organização da Escola Americana de São Paulo, a formação do Mackenzie College e todo o período em que Horace Lane esteve à frente dessas instituições educacionais (1884-1912). Nos capítulos iniciais situa a educação presbiteriana com o movimento Reformado do século XVI, eixo interpretativo muito parecido com a abordagem de Hack (2003). Faz uma síntese cronológica da Escola Americana em São Paulo, pontuando as modalidades educacionais organizadas no período estudado. Somente na página 113 cita o nome do Horace Lane, mencionando carta escrita pelo Rev. Chamberlain em 04 de novembro de 1884 em que o convidava para assumir a direção da Escola Americana.

Lane é descrito como comerciante, educador, médico e missionário. Antonio M. A. Gomes acrescenta a Lane a qualidade de missionário, imagem não trabalhada pelos historiadores supracitados. A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos considerava Horace Lane como um missionário desde 1885 (ANNUAL REPORT, 1913, p. 396). A imagem lembrada por Gomes e afirmada pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana norte-americana contraria as imagens levantadas pelos seus adversários no campo presbiteriano brasileiro e reforçadas na historiografia presbiteriana, que o definia como um homem de pouca piedade. Em seguida, Gomes retoma o conflito vivido por Lane e Eduardo Carlos Pereira em torno da questão educacional, e para tanto propõe resumir a biografia dos dois personagens. Na elaboração da biografia de Lane, Gomes não difere das análises realizadas por outros historiadores (MATOS, 2004; FERREIRA, 1992). Retoma as questões relacionadas ao conflito com Eduardo Carlos Pereira que, segundo Gomes, considerava Lane um liberal e um homem sem o zelo presbiteriano. Porém, traz uma conclusão diferente; vejamos:

Um exame mais detalhado dos relatórios enviados por Lane, entre 1900 e 1912, para a Universidade do Estado de Nova York, contudo, não autoriza essa imagem liberal. Seu liberalismo, quando existia, limitava-se a alguns aspectos relacionados a usos e costumes e à sua posição educacional secular e pluralista. Nesses relatórios ele se mostra um protestante zeloso da sua fé e da responsabilidade de educador cristão, sem fanatismo (GOMES, A. M. A., 2000, p. 151).

O autor de certa forma resgata a imagem de Lane depreciada pelos seus adversários e reforçada na historiografia, afirmando que era um protestante zeloso da sua fé e um responsável educador cristão. Antonio M. A. Gomes também afirma que Lane era maçom,

aboliconista e republicano. Imagem trabalhada por Goldman (1972). A imagem do maçom e do protestante zeloso, apontadas pelo autor, ressignifica a imagem reforçada pelos seus adversários, que o viam como um homem sem piedade. Antonio Gomes também está ligado à Universidade Presbiteriana Mackenzie e além de professor é pastor presbiteriano. O lugar social da sua escrita é o campo religioso e educacional presbiteriano.

O trabalho de Hack (2002), intitulado *Mackenzie College e o ensino superior brasileiro: uma proposta de universidade*, propõe discutir, entre outras coisas, o êxito do projeto educacional presbiteriano no Brasil. O autor afirma que havia uma intenção por parte dos missionários presbiterianos de criar uma universidade cristã, de identidade confessional protestante em solo brasileiro. Essa proposta se concretizou com a criação da Universidade Mackenzie em 1952. Hack também se configura como um historiador ligado à Igreja Presbiteriana do Brasil e à Universidade Mackenzie. Obteve seu doutorado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo, em História Social, doutor em ciências da religião pela Universidade Metodista, mestre em História e licenciado em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina.

Embora, sua proposta de trabalho também não tenha como objeto de análise a figura de Horace Lane, esse aparece intimamente ligado à história da Escola Americana e ao Mackenzie College. Seu nome aparece em muitas páginas do livro. O autor, entre outras coisas, faz um levantamento historiográfico dos estudos sobre o presbiterianismo no Brasil, revisita as fontes primárias e propõe uma releitura de tal documentação. Em relação a Horace Lane, o autor mostra suas contribuições na educação presbiteriana, sua participação na reforma educacional paulista, sua atuação como diretor do Mackenzie College, reforçando a imagem de Lane como um educador que defendia a educação como estratégia de evangelização indireta. Sobre esse aspecto destaca:

O aspecto da evangelização indireta envolvia o Colégio Protestante de São Paulo, mais tarde o Mackenzie College, sendo a pessoa mais visada seu diretor, o dr. Horace Lane, considerado filantropo e pedagogo envolvido em assuntos educacionais, em posição prestigiosa como membro conselheiro da reforma de ensino em São Paulo, mas que não desfrutava da mesma consideração e reconhecimento perante a liderança presbiteriana nacionalista (HACK, 2002, p. 66).

O autor aponta que a posição de Lane em relação à educação como estratégia de evangelização indireta trouxe como consequência um desprestígio da sua pessoa no campo presbiteriano, principalmente em relação a Eduardo Carlos Pereira, que era defensor da educação voltada apenas para os filhos dos crentes.

Apesar dessa divergência em relação à educação, documentos oficiais da Igreja contemplavam as duas propostas educacionais, conforme apontamos em estudo anterior (SILVA, I. B., 2010). Nesse estudo, utilizamos pela primeira vez um documento que descrevia as principais diretrizes para se efetuar a educação presbiteriana através dos colégios abertos e escolas paroquiais. Tratava-se de um relatório educacional elaborado por Rev. Samuel Miller e Rev. J. J. Janeway, membros da Comissão de educação da Igreja Presbiteriana norte-americana, encaminhado à Assembleia Geral da Igreja e ao Sínodo²⁶ de Nova Jersey em 1840. Trazia em suas linhas as razões pelas quais a Igreja adotava aquele instrumento como meio de expansão do cristianismo e qual a forma de melhorar as condições de aprendizado dos fiéis. O relatório tem 80 páginas. Está dividido em duas partes: a primeira é elaborada pelo Rev. Samuel Miller e trata da educação religiosa cristã em geral (p. 5-40), e a segunda (p. 41-80), elaborada por J. J. Janeway, trata da questão das escolas paroquiais.

Do texto elaborado pelo reverendo Miller, a parte introdutória traz a seguinte orientação:

Na Geral Assembléia de 1839, foi aprovada a seguinte resolução, a saber: ‘Resolve, que o Rev. Samuel Miller, Archibald Alexander, Charles Hodge, J. Addison Alexander, e Janies Carnahan formam uma comissão para tomar medidas a serem adotadas, para garantir às crianças e jovens de nossa Igreja um maior aproveitamento das vantagens proporcionadas pela educação cristã’. Por força do exposto foi feita a nomeação e o seguinte relatório foi apresentado à Assembléia Geral, em suas sessões no 1840, pelo presidente da comissão, o Rev. Samuel Miller, D. D. por resolução unânime foi encaminhada à Câmara de Publicação, com vista à sua publicação (MILLER, 1840, p. 05, tradução nossa)

Como podemos observar, em 1839 a Assembleia geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos nomeou uma Comissão composta pelos seguintes pastores: Samuel Miller, J. J. Janeway, Archibald Alexander, Charles Hodge, J. Addison Alexander e Janies Carnahan. A comissão deveria tomar medidas para garantir um melhor aproveitamento das crianças e jovens da Igreja em relação à educação. Entre os membros da Comissão se encontrava Charles Hodge, teólogo presbiteriano que influenciou o pensamento teológico de Simonton e possivelmente tenha influenciado sua perspectiva educacional. Segundo Mendonça (2008), Hogde foi professor de Simonton em Princeton e pertencia à Velha Escola, que defendia a teologia da Igreja Espiritual e a teologia do Pacto.

A primeira parte do relatório vem com uma extensa argumentação a respeito da importância da educação dos filhos com fundamentação teológica e histórica. Nessa última evoca-se o princípio da Reforma Protestante do século XVI, afirmando que a educação

²⁶ O Sínodo para compreensão da sua função e organização ver Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana dos EUA.

também era um princípio fundamental do movimento reformado e uma ação constante da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos desde a sua origem.

De certa forma, Lane mantinha-se fiel às diretrizes estabelecidas pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em relação à educação. Isso não significa que Pereira estava errado em sua opção educacional. Tratava-se muito mais de posicionamentos ideológicos, teológicos e luta de representação entre os dois. A posição de Lane aproximava-o de outros setores da sociedade paulista, enquanto a de Pereira restringia sua prática educacional à esfera eclesiástica, aproximando-o da teologia da Igreja Espiritual, abordagem teológica que influenciou o pensamento de Simonton. Essa teologia de certa forma fazia com que seus defensores se preocupassem muito mais com as “coisas espirituais”. Fazia uma distinção entre “profano e sagrado”. A posição de Lane aproximava-o da prática teológica de Chamberlain. Vemos, então, que as opções teológicas dos missionários pioneiros proporcionaram conflitos no campo presbiteriano não só em relação à evangelização, mas também à prática educacional. Portanto, o que parece estar em jogo são lutas de representações dentro do campo presbiteriano, que resultou em intenso conflito entre os seus agentes sociais.

Hack faz a seguinte consideração:

A Missão Presbiteriana de Nova York, à qual pertenciam os missionários pioneiros de 1859 e aqueles que se dedicaram à educação em São Paulo, como Chamberlain e Horace Lane, não desejava que os missionários se desviassem de seu propósito original, deixando para segundo plano a evangelização. A Missão aprovaria a idéia de colégios como propaganda indireta em caso de extrema necessidade (2002, p. 67).

A perspectiva educacional de Lane atraiu as elites paulistas em razão dos métodos pedagógicos e de uma prática fulcrada nos ideais liberais (HILSDORF, 1977). Pereira tentava enfraquecer o trabalho educacional de Lane através da sua perspectiva educacional, que defendia a educação para os filhos de crentes e a educação teológica para a formação de pastores. Como veremos mais à frente, as posições de Pereira em relação à maçonaria também foram uma estratégia para minar a posição de Horace Lane no campo presbiteriano.

Hack descreve a imagem de Horace Lane como um educador que deu novo impulso à Escola Americana em São Paulo. Divulgou seus propósitos educacionais na imprensa, estruturou a escola internamente, organizou o Mackenzie College, participou das reformas educacionais em São Paulo, divulgou o método de ensino norte-americano.

Hack, diferentemente de Ferreira e Matos, faz um trabalho na linha da história da educação, reconstruindo através da sua análise a história educacional presbiteriana. Ajuda-nos a compreender as práticas educacionais e sociais de Lane.

Em outro trabalho, intitulado *Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional*, Hack (2003) analisa a confessionalidade daquela instituição educacional, posicionamento que em determinado contexto histórico permaneceu silencioso. Inicialmente, relembra que a prática educacional protestante sempre esteve atrelada à sua ação missionária. Para tanto, faz uma releitura dos relatórios dos primeiros missionários norte-americanos que descreviam a implantação de igrejas e escolas em vários lugares do Brasil. Afirma que esse movimento estava em plena consonância com os ideais de João Calvino. Segundo Hack: “o gigante intelectual que mais produziu obras teológicas para sistematizar os princípios doutrinários do protestantismo impactou a Europa do seu tempo com seu projeto educacional” (HACK, 2003, p. 24).

Ao fazer uso da imagem de Calvino, Hack interpreta o movimento missionário presbiteriano no final do século XIX como um movimento de continuidade da Reforma Protestante do século XVI. Lembra que uma das ideologias do reformador protestante era que a “Igreja e a Escola devem andar de mãos juntas” (2003, p. 24).

Relembra que duas escolas presbiterianas começaram a exercer papel diferente daquelas plantadas ao lado das Igrejas, o Colégio Internacional em Campinas e a Escola Americana em São Paulo. Neste momento, começa a fazer menção à figura de Horace Lane, qualificando-o como médico, educador que, como tal, proporcionou “uma grande transformação” (2003, p. 25) na vida daquela instituição educacional.

Ao mencionar Horace Lane, afirma que esse foi responsável por uma nova visão educacional para a Escola Americana em São Paulo. Relembra aspectos relacionados à formação intelectual de Lane e diz:

O perfil de Lane era bem diferente das características do pastor educador, Chamberlain. Agora, a escola recebia um médico devotado à educação e que propunha novas ênfases para a consolidação e expansão da Escola Americana e a criação de um colégio (HACK, 2003, p. 77).

As novas ênfases mencionadas pelo autor estavam relacionadas à mudança de supervisão educacional que a partir da gestão de Lane não estava mais sob a responsabilidade da Igreja Presbiteriana norte-americana, mas do *Board of Trustees*. A Escola Americana passa a se chamar *Protestant College at São Paulo*, tendo uma sociedade civil que passa a administrar a ação educacional em São Paulo (2003, p. 77). Na perspectiva do autor, esse colégio então “projetava uma nova visão educacional que buscava inovações e modernização sob a orientação pedagógica de Horace Lane, inspirada em John Dewey” (2003, p. 78).

Em suas considerações sobre Lane, relembra o episódio que marcava o conflito com Eduardo Carlos Pereira:

Quando Horace Lane assumiu a presidência do Colégio Protestante, em 1890, sofreu comentários desfavoráveis e restrições por parte da liderança presbiteriana brasileira. As lideranças nacionais divergiam quanto ao futuro do colégio. O pastor Eduardo Carlos Pereira, expoente das idéias nacionalistas na busca da autonomia eclesiástica, alimentava esperanças de que o Colégio deveria ajudar a Igreja Presbiteriana na formação e educação de um ministério pastoral bem preparado para servir à pátria brasileira na educação e evangelização. A nomeação de Lane pela Junta do Colégio foi uma verdadeira decepção para Eduardo Carlos Pereira que, ao saber, comentou: ‘foi um desastre’. Referia-se à vida pessoal e religiosa de Lane que, tornando-se seguidor do presbiterianismo aqui no Brasil, na terceira idade recebeu de Pereira esta observação: ‘já idoso faltavam-lhe hábitos de piedade’ (HACK, 2003, p. 85).

Esta nota retoma novamente um aspecto recorrente sobre a representação de Lane na historiografia presbiteriana, a figura de um homem que não tinha a piedade esperada. Para Pereira, isso o desqualificava para estar à frente do Colégio. A historiografia presbiteriana parece não fugir muito dessa representação acerca de Horace Lane. Como vimos até agora, poucos são os estudiosos que fazem outras menções ou releituras a respeito de Lane. Segundo Hack, em 20 de junho de 1902, Chamberlain escreve uma carta a Horace Lane em que expõe suas preocupações quanto ao futuro da instituição sob a sua responsabilidade. Hack, após fazer a transcrição da carta, faz a seguinte afirmação:

Carta corajosa, elucidativa e estimulante. Havia rumores de insatisfação e de apreensão sobre o futuro do Colégio nas mãos de Lane. O Mackenzie parecia ser simplesmente um eco histórico de tudo que os pioneiros planejavam. O Colégio estava às portas da secularização (2003, p. 89).

Será que Hack concorda que Lane era um homem de pouca piedade, como sugere a representação reforçada e sustentada por alguns historiadores presbiterianos e oponentes? A imagem de Lane até o presente momento parece estar dentro de uma disputa de ideologias entre os agentes sociais do campo presbiteriano. O educador, embora cristão, parece não ser suficientemente piedoso. Qualidades espirituais parecem mais importantes do que as qualidades intelectuais. Para os historiadores confessionais, Lane não é o homem certo para estar à frente de uma instituição educacional presbiteriana em razão da sua ligação com a maçonaria, por não ter hábitos piedosos. Sua visão liberal parece ameaçar a hegemonia do campo religioso, que se confunde com o campo educacional. As acusações que recaíam sobre Lane não se dão no campo educacional. Neste, ele era competente, inteligente e dotado de habilidades pessoais.

Mas no campo religioso é um homem sem “piedade”, que não frequentava os cultos e que não participava da Mesa do Senhor (forma de sacramento adotada na Igreja Presbiteriana). Essas disputas de poder não só trouxeram o cisma da Igreja em 1903, mas também perpetuaram a imagem de um Lane sem qualificações espirituais para participar do campo religioso presbiteriano brasileiro, tanto que se filiou a uma igreja nos Estados Unidos.

Estratégia para continuar à frente do Mackenzie e poder disputar com os agentes sociais pertencentes ao campo presbiteriano brasileiro. Retornar ao campo religioso que deu origem ao campo religioso presbiteriano no Brasil foi a estratégia utilizada por Lane e uma possível tática do “mais fraco” para subverter o poder dos dominadores (CERTEAU, 1982). Tal estratégia e tática garantiam poder para que Lane atuasse no campo educacional presbiteriano, mesmo em detrimento da autonomia alcançada pela Igreja Presbiteriana do Brasil em 1888 e o cisma em 1903. Uma autonomia, em nossa leitura, muito relativa, visto que a Igreja Presbiteriana no Brasil dependia dos recursos financeiros da Igreja Presbiteriana norte-americana.

Neste sentido, nossa dissertação de mestrado defendida em 2010, intitulada *A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX*, embora não tenha Horace Lane como objeto de análise, entre outras coisas traz uma análise da crise pontuada na historiografia protestante relacionada ao diretor do Mackenzie College com Eduardo Carlos Pereira. O estudo analisa a existência de uma escola Americana em Sorocaba pouco estudada na história da educação. Era uma escola ligada à Escola Americana de São Paulo. Sobre Lane e Pereira, pontuamos que se tratava de uma disputa de poder dentro do campo presbiteriano (BOURDIEU, 2004), tendo como consequência a desestruturação desse campo religioso e educacional. Eduardo Carlos Pereira temia a “má influência” que a instrução pública podia trazer aos filhos dos crentes, por isso, defendia a necessidade de a Igreja cuidar da formação intelectual e religiosa dos seus filhos em escolas fechadas, através das escolas paroquiais. Afirmava:

Em face da neutralidade irreligiosa das escolas públicas e da facilidade plástica do espírito da infância, mostramos a necessidade urgente de cada comunidade evangélica instituir suas próprias escolas primárias, logo que puderem. Estas escolas paroquiais penetradas não somente, pela idéia de Deus, mais ainda pelo ensino francamente cristão, devem conservar, aprofundar e amadurecer a educação religiosa da família e da igreja. Esta última parece-nos que, só por si, deve falar-nos da necessidade de tais escolas. De fato, ainda mesmo que as escolas públicas sejam meramente negativas em referência à religião; ainda mesmo que sua neutralidade não tenha nenhuma feição hostil à religião de nossos filhos, prevalece, todavia, a imperiosa necessidade de reforçar as piedosas influências da família e da igreja. Se na melhor hipótese, a imparcialidade das escolas do governo não contraria o desenvolvimento de seus alunos; não vai, com certeza, a ponto de favorecer esse desenvolvimento. Mesmo, pois, nesta hipótese, que é a mais favorável possível em nosso meio social, permanecem em vigor todas as razões para levantarmos nossas escolas paroquiais. É de fundamental importância a cooperação das escolas primárias na educação religiosa da infância (O ESTANDARTE, 16/11/1895, p. 1).

Pelas razões apontadas, Eduardo Carlos Pereira entendia que a educação dos filhos da Igreja deveria ser efetuada pela própria Igreja por intermédio das escolas paroquiais. Em relação à perspectiva da ação missionária da Igreja, ele não era partidário da perspectiva

educacional dos “colégios abertos” para não crentes, nem da educação neutra das escolas oficiais, posição defendida por Horace Lane.

Defendia a evangelização direta, através da Bíblia, pregação e folhetos, práticas formadas nas escolas paroquiais para leigos e nos seminários para os pastores. Numa perspectiva totalmente diferente, Horace Lane e outros missionários defendiam a educação através dos colégios voltados para a sociedade. Para eles, esses colégios proporcionariam maior participação indireta da Igreja na vida social, ao cultivarem um caráter moral de base cristã e uma mentalidade evangélica nos seus alunos. Se levarmos em consideração o relatório da Comissão de educação elaborado para a Assembleia Geral, datado em 1840, tanto a educação indireta como a direta eram previstas nas diretrizes do relatório. Não há nesse relatório nenhuma discrepância entre as duas formas de educação. Cabia ao missionário analisar a melhor estratégia de inserção do presbiterianismo no campo missionário. Uma opção educacional não excluía a outra.

No caso de Lane e Pereira, tratava-se muito mais da opção pessoal e política do que uma postura de tolerância e observação às diretrizes dos documentos oficiais da Igreja Presbiteriana norte-americana.

Em nosso estudo anterior (SILVA, I. B., 2010) mostramos que Lane possuía uma visão mais ampla em relação à educação confessional protestante. Para ele, a educação tinha que influenciar a sociedade com os valores cristãos, e os princípios defendidos coadunavam com os ideais republicanos, o que solidificava as relações de poder entre ele e vários agentes sociais que compunham o campo político republicano. Embora o trabalho não entre no mérito da espiritualidade de Lane, tão desqualificada na historiografia presbiteriana, ajuda-nos a entender as disputas de poder no campo presbiteriano e educacional.

Avançando na interpretação desenvolvida na dissertação em 2010, acreditamos que também estavam em disputa dois modelos de representações missionárias entre Lane e Pereira. Lane se aproximava da perspectiva missionária do Rev. George Whitehill Chamberlain e Eduardo Carlos Pereira, da perspectiva missionária de Ashbel Green Simonton. Simonton era um missionário que defendia a evangelização direta, percorria as cidades, defendia a educação paroquial, ou seja, a formação de escolas para os filhos dos crentes. Talvez pelas dificuldades encontradas no país. Nesse sentido, provavelmente o contexto histórico do Brasil e em especial os problemas educacionais levaram o Rev. Simonton a defender esse tipo de modalidade. Em relatório (1866) encaminhado ao Presbitério do Rio de Janeiro, o referido missionário pontuava os problemas relacionados ao analfabetismo no Brasil.

Em relação a Chamberlain, Matos (2004) afirma que veio ao Brasil sem ser missionário. Veio por recomendação médica, visando obter melhoras para um problema nos olhos. Segundo Garcez (2004), Chamberlain era médico, mas também atuou como professor, ministrando aulas de inglês em São Paulo. Foi ordenado pastor em 1866, após ter concluído o curso de teologia no Seminário de Princeton. A trajetória de Lane é muito parecida com a de Chamberlain. Ele veio para o Brasil para realizar negócios, chegando a ministrar aulas em algumas cidades (RIBEIRO, 1981).

Em contrapartida, Simonton veio para o Brasil com o título de missionário concedido pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Segundo Matos (2004), Simonton ingressou no Seminário de Princeton, fundado em 1812. Influenciado pelo avivamento norte-americano e pela pregação do Dr. Charles Hodge, Simonton tomou a decisão de ser missionário no exterior. Escolheu o Brasil para realizar sua obra missionária. Chegou aqui em 12 de agosto de 1859, na cidade do Rio de Janeiro. Simonton defendia a evangelização direta e a criação das escolas paroquiais, enquanto Chamberlain valorizava a evangelização indireta através dos colégios abertos (HILSDORF, 1977; SILVA, I. B., 2010).

Tendo esse pano de fundo, acreditamos que as disputas entre Lane e Pereira se deram a partir desses dois modelos missionários. Eduardo Pereira já não contava mais com a presença do pioneiro Simonton, porém sua posição frente à obra missionária da Igreja Presbiteriana do Brasil solidifica a posição adotada por Simonton, enquanto a posição missionária e educacional de Lane aproximava-se do pensamento de Chamberlain. Lane mantinha-se fiel ao seu amigo, não somente por esse tê-lo conduzido à direção da Escola Americana de São Paulo, mas também por ambos terem tido uma trajetória pessoal e profissional muito parecida. Assim, Eduardo Pereira mantinha-se fiel à perspectiva missionária de Simonton e Lane fiel à visão missionária de Chamberlain. Portanto, acreditamos que se tratava não somente de uma disputa no campo religioso presbiteriano, mas também de uma luta de representações mantidas por Lane e Pereira, que colocava em jogo dois modelos de ação missionária.

O historiador Alderi Santos Matos, em *Os Pioneiros do Presbiterianismo do Brasil* (1859-1900), publicada em 2004, propõe um estudo bibliográfico dos pioneiros do Presbiterianismo, dedicando algumas páginas à figura de Horace Lane. O fato de colocá-lo entre os pioneiros do presbiterianismo sugere a valorização à contribuição desse personagem. Descreve aspectos relacionados à vida de Lane, suas principais atuações, a sua formação como médico e a figura do educador. Na mesma linha de Ferreira (1992), afirma que Lane foi um experiente educador e administrador que imprimiu suas marcas na Escola Americana de

São Paulo. E como tal, também contribuiu para a reforma do sistema educacional paulista. Além disso, afirma que Lane foi sócio secretário da Sociedade Paulista de Agricultura e membro do Instituto Histórico de São Paulo. O trabalho de Matos descreve vários aspectos da vida e atuação de Horace Lane, indicando que, no ano de seu falecimento, vários jornais destacaram a contribuição de Lane:

As contribuições do educador foram destacadas pelos principais periódicos paulistanos (Correio Paulistano, O Estado de São Paulo) e por vários oradores do legislativo estadual. Dentre seus traços mais destacados estavam a sua cultura, conhecedor que era de direito, matemática, filosofia e literatura, e o seu altruísmo, exemplificado pelo fato de que clinicava quase de graça e auxiliava os doentes pobres (MATOS, 2004, p. 118).

A análise de Matos pouco difere da linha adotada por Ferreira (1959; 1992). Omite a filiação de Lane à Maçonaria e não interpreta a contribuição de Lane na reforma educacional paulista como uma prática política ligada às relações de poder com agentes sociais ligados à Maçonaria que, por sua vez, constitui uma estratégia na construção de suas redes de sociabilidade. Nessa perspectiva, não eram apenas as práticas e opções pedagógicas de Lane que garantiam a sua participação na reforma educacional paulista, mas também as suas relações de poder ligadas aos agentes sociais maçons. Matos, atualmente, é o historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil. Talvez seja essa a razão pela qual sua obra não difere muito da produção historiográfica de Júlio Andrade Ferreira. Reproduzir ou reforçar a linha interpretativa de Ferreira pode ser uma tentativa de manutenção e solidificação de uma leitura que alimenta uma visão inspirada, triunfalista ou romanceada de uma história da qual pouco se compreendem as contradições e dinâmicas de poder, ou ainda que talvez não ouse fazer novas abordagens, evitando assim outras possíveis interpretações e análises. Tal produção vai ao encontro dos interesses do grupo a que pertence.

Outra obra escrita no campo educacional presbiteriano (Universidade Presbiteriana Mackenzie) é o livro *O Mackenzie 1870-1960*, de Benedicto Novaes Garcez. O livro foi primeiramente editado em 1970 pela antiga Casa Editora Presbiteriana. A segunda edição, da qual fazemos uso, é de 2004 e foi publicada pela Editora Mackenzie. Em ambas as edições temos o registro do seguinte objetivo da obra: “perpetuar a memória dos homens presbiterianos, missionários, pastores, professores e quantos se dedicaram à ingente tarefa educacional entre os nossos irmãos brasileiros, e principalmente, em homenagem à heróica Igreja Presbiteriana do Brasil” (GARCEZ, 1970). A obra foi produzida no ano em que a Igreja Presbiteriana do Brasil comemorava o centenário do Mackenzie. Revestida de peso institucional, relembra de forma heróica os feitos dos principais protagonistas ligados à

educação protestante, negligenciando questões ligadas ao cotidiano e contexto educacional, as disputas de poder entre os vários líderes presbiterianos.

Na segunda edição, prefaciada pelo historiador Dr. Marcel Mendes, temos a afirmação de que a obra tinha dupla missão: defender a Igreja e denunciar “aqueles que dela se servem”. Além disso, Mendes esclarece que Garcez esculpiu nitidamente a sua imagem na obra imprimindo-lhe marcas autênticas de semelhança, não de simulacro. Para ele, o discurso de Garcez não somente expressa sua voz, mas o jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias. Mendes afirma as lacunas, as repetições, os cortes, as inserções existentes na produção historiográfica de Garcez. De fato, é possível vermos essa dinâmica e problemática na obra de Garcez. Porém, é válido lembrar que uma produção historiográfica é construída num lugar social que impõe suas regras e metodologias. Neste sentido, entendemos que a obra de Garcez, apesar das problemáticas apontadas por Mendes, expressa a opção historiográfica do seu autor e as diretrizes do seu lugar social.

Ainda sobre Garcez, é válido lembrar que foi aluno do Mackenzie College e lecionou por mais de trinta anos na Escola de Engenharia do Mackenzie. Sua obra é um dos primeiros estudos sobre o Mackenzie, portanto uma obra importante para ser analisada. Foi presbítero da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo por mais de duas décadas. Interessante que o seu pertencimento religioso estava ligado à Igreja Presbiteriana Independente, organizada no cisma de 1903. Temos, portanto, dois lugares sociais de pertencimento, o acadêmico e o religioso.

O livro traz várias referências a Horace Lane. Afirma que a “grande obra” de Horace Lane foi seu trabalho à frente do Mackenzie College entre os anos de 1886 e 1912. Durante esse período consolidou e ampliou o plano educacional do casal Chamberlain, sob os auspícios da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (GARCEZ, 2004, p. 128). Fala que em 1912, no seu posto de comando, falecia o grande educador. No dia de seu falecimento, Herculano de Freitas declarou na Câmara dos Deputados de São Paulo que “poucos haviam feito tanto quanto o Dr. Lane em prol do ensino no Brasil”. Para Garcez, a atividade educacional de Lane não se limitou ao Mackenzie. Estendeu-se também ao ensino público estadual, o qual, na ocasião, fora convidado por Cesário Motta a modernizar e dinamizar o ensino primário e normal do Estado de São Paulo, juntamente com Marcia Brown, professora de pedagogia da Escola Normal do Mackenzie. Afirma que milhares de jovens brasileiros foram seus discípulos. Relata que em 1913 foi levantado um busto de bronze no campus da Escola com o objetivo de perpetuar sua memória

e relembrar aos mackenzistas a colaboração leal à Igreja Presbiteriana e a fidelidade dos homens do passado.

Garcez abre o capítulo 19 do livro com o título *O Dr. Horace Lane na presidência do College, um grande administrador, Escola Normal e cursos preparatórios*. Afirma que Lane foi investido apenas no cargo de missionário-educador. Faz uma menção honrosa a Lane, dizendo:

Grande educador e possuindo extraordinário tino administrativo, aliado à sua longa experiência comercial, Lane imprimiu grande impulso à Escola Americana, não tardando a lotar suas já enormes instalações. As mais destacadas famílias brasileiras confiavam a educação de seus filhos à Escola Americana. Principalmente quanto ao internato para meninas, do interior das províncias de São Paulo, Minas Gerais e da Corte Imperial, crescente era a procura de ano para ano (GARCEZ, 2004, p. 132).

O autor enaltece as qualidades intelectuais de Horace Lane, reforçando a imagem do grande educador e do homem de negócios. Representações que possivelmente influenciaram o pensamento dos historiadores protestantes. Discorrendo ainda sobre Lane, afirma que como missionário-educador não possuía a autoridade e o prestígio de Chamberlain no campo eclesiástico para interpretar perante a Igreja o pensamento da Junta. Descreve Lane como um homem envolvido por “ondas encapeladas”, em um mar que parecia a princípio tão severo. Para o autor, Lane procurou conduzir a nau acima das paixões em que se debatia, de uma maneira geral, o Império brasileiro (p. 133). Garcez diz que, depois disso, Lane se filiou à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. O autor não entra em detalhes sobre a crise que acometeu a Igreja Presbiteriana do Brasil em 1903, que tinha Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira como dois de seus protagonistas. Procura omitir nesse momento a crise. Suaviza a crise parecendo não querer entrar no mérito da problemática por pertencer ao campo religioso que deu origem à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Toda vez que faz menção a Lane afirma que foi um dos maiores educadores que o Brasil teve a oportunidade de ter (GARCEZ, 2004, p. 174).

Por último, temos o trabalho do historiador Marcel Mendes (2007), intitulado *Tempos de transição – a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973)*. O livro é o resultado da sua tese de doutorado defendida no departamento de História Social da USP. O autor utilizou diversas fontes primárias, apresentando um trabalho acadêmico peculiar, reflexivo, crítico, diferente das abordagens analisadas até o presente momento. Mendes reconhece a dificuldade de construir uma leitura da “história de uma instituição com a qual se tem uma relação afetiva de pertença” (p. 24).

Embora, não tenha Horace Lane como principal objeto das suas análises, o referido autor, no capítulo 5, discute o seguinte tema: Lane retoca os traços do perfil confessional. E inicia o texto dizendo que a “entrada de Horace M. Lane no cenário educacional presbiteriano de São Paulo marcou profundamente a vocação da instituição fundada pelo casal Chamberlain” (p. 84). As marcas destacadas pelo autor foram à expansão e consolidação da Escola Americana, com o surgimento dos chamados cursos superiores que deram corpo ao Mackenzie College, e por último, às novas conformações impostas ao seu perfil confessional.

De forma analítica e crítica, Mendes discute a questão da confessionalidade, dialogando com as fontes e outros autores. Entre outras coisas, afirma que a confessionalidade na Escola Americana, na gestão de Horace Lane, foi algo implícito, discreta e ambígua, distanciando, assim, da postura confessional explícita do tempo dos seus fundadores.

Para ele, o projeto do Colégio Protestante, defendido por Lane, era relativamente ambicioso e complexo, pois se confundia às vezes com a ideia de uma “Universidade Cristã” que agregava cursos acadêmicos a partir de um núcleo constituído pelas Faculdades de Teologia e Filosofia. Segundo o autor, fundamentando sua reflexão em fonte primária, este projeto pensado por Lane tinha como objetivo moldar o caráter da nacionalidade brasileira. Isto sinalizava, na sua análise, o início da progressiva desvinculação eclesiástica. Todo o patrimônio adquirido em São Paulo relacionado à educação com recursos da Junta de Missões Estrangeiras foi cedido, em forma de comodato, ao Colégio Protestante de São Paulo, portanto, retirando-se a Missão da direção²⁷ da área educacional em 1895. Lane passou a responder diretamente ao “Board of Trustees of Mackenzie College at São Paulo, com sede em Nova York, no âmbito da Igreja Presbiteriana (do Norte) dos Estados Unidos” (MENDES, 2007, p. 86).

Para o autor, esse novo quadro afastou a Escola Americana e o Colégio Protestante da influência direta dos missionários norte-americanos e dos pastores e presbitérios vinculados aos concílios nacionais, significando uma posição de relativa autonomia do Mackenzie em relação à Igreja Presbiteriana do Brasil. Mendes entende que esse afastamento gerou reações no âmbito eclesiástico brasileiro, que por sua vez, entendia que a instituição criada por Chamberlain cada vez mais estava descomprometida com os objetivos estabelecidos desde a sua origem e fortemente defendidos durante os quinze anos de funcionamento.

Porém, ao contrário dos que assim pensavam, Mendes afirma que fontes primárias, em especial os relatórios encaminhados aos curadores e prospectos publicados por Horace Lane,

27 Como vimos no primeiro tópico deste capítulo, a Junta de Missão Estrangeira mantinha financeiramente alguns missionários.

asseguravam o ensino moral e religioso. Destarte, Mendes, no uso das fontes primárias, contrapõe o pensamento historiográfico que defendia que Lane havia desviado a Escola Americana dos valores protestantes. De fato, pelas fontes primárias, Lane constantemente mostra a prática de exercícios religiosos e o objetivo de construir o caráter do cristão em homens, mulheres e jovens (LANE, 1907a, p. 6). Para Mendes, não existe durante a gestão de Lane uma confessionalidade explícita, há apenas marcas dela, mas sempre discreta.

A nosso ver, a autonomia de Lane representava também certa ruptura com as políticas eclesásticas do presbiterianismo brasileiro. Essa estratégia possibilitou que Lane levasse a cabo um projeto de formação de uma rede de escolas Americanas no Brasil. Embora essas escolas estivessem, inicialmente, ligadas ao presbiterianismo brasileiro, as diretrizes e políticas dependiam muito mais dos Curadores norte-americanos.

Mendes constrói a imagem do médico-educador. Mas, também, permite-nos enxergar nas páginas do seu trabalho o Lane com uma visão política do Brasil, capaz de se posicionar frente às mais variadas transformações que a sociedade de sua época sofria. Para ele, o médico-educador tinha um pensamento teológico que determinava sua visão educacional e que o fazia optar pela educação indireta. Pensamento esse contrário ao pensamento do missionário George W. Chamberlain que defendia, segundo Mendes, a propaganda direta. A nosso ver, a educação praticada por Chamberlain era o modelo de Colégio aberto, portanto de evangelização indireta (O ESTANDARTE, 10/07/1897; 17/07/1897 e 31/07/1897).

A respeito disso, consideramos que além da opção teológica discutida por Mendes, as redes de sociabilidade de Horace Lane também determinavam sua prática educacional e social, visto que ele não tinha formação teológica, como os demais missionários, como Simonton, Blackford, Chamberlain, entre outros. A trajetória pessoal de Lane era muito parecida com a trajetória pessoal de Chamberlain. Nem um dos dois veio para o Brasil como missionário. Lane veio para negócios e Chamberlain em busca de tratamento para os olhos, em 1862 (MATOS, 2004). Ambos eram professores. Chamberlain somente em 1866 retornou para os Estados Unidos para fazer teologia no Seminário de Princeton (MATOS, 2004). Parece-nos que ambos tinham uma visão muito parecida; diferente, sim, do pensamento de Simonton, que defendia o modelo de escola paroquial para os filhos dos crentes. Chamberlain defendia o modelo de escola aberta, voltada para a sociedade (SILVA, I. B., 2010). Tal como Lane defendia.

Como podemos perceber, existia divergência no pensamento dos missionários norte-americanos. Mesmo sob a responsabilidade de Chamberlain, a Escola Americana sempre foi

uma escola aberta e não necessariamente uma escola paroquial²⁸. Entendemos que a confessionalidade indireta no período da gestão de Lane era uma estratégia para atrair mais as elites.

Segundo Hilsdorf, a Igreja Presbiteriana do Norte sempre permaneceu um tradicional reduto da modalidade de evangelização indireta, promovendo política educacional de manutenção de grandes colégios e apoio às iniciativas do poder público (1977, p. 114). Portanto, a confessionalidade implícita era muito mais uma estratégia para garantir mais alunos e atrair as elites do que questões teológicas. Lane, na posição que ocupava no quadro da elite paulista, e suas relações de poder, era muito mais propenso a assumir uma postura política do que teológica.

Na perspectiva protestante, temos ainda o trabalho de Pereira (2013), intitulado *As origens da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*. O texto elaborado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira sobre os acontecimentos que marcaram o surgimento da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil é uma obra interessante para vermos as representações que ele construiu acerca de Lane. O livro foi reeditado em 2013, sendo que utilizamos a 3ª edição do livro. Há poucas referências sobre Horace Lane. Aparece muito mais o Mackenzie College do que o seu diretor. Nas poucas referências, Pereira afirma que Lane era um livre pensador ou um racionalista, pouco interessado pelos dogmas do cristianismo e pelas ordenanças eclesiásticas. No primeiro capítulo, ele trata sobre a questão do Seminário e, entre outras coisas, afirma que os dois representantes do Mackenzie: Horace Lane e Rev. W. A. Waddell não tinham a confiança do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil²⁹. Essa instituição, na perspectiva de Pereira, era secular e não presbiteriana. E sob a direção de Horace Lane não cumpria seu papel cristão na sociedade. Educar os filhos da Igreja sob a orientação desse Colégio era permitir que recebessem a influência de valores contrários ao cristianismo. Sua resistência, como ele mesmo diz, durou 15 anos de luta (1888-1903).

Pereira teve uma aparente vitória sobre Lane na questão do Seminário e a proibição de utilizar os grandes colégios para fins de evangelização, alcançada através da Moção Smith. Esse documento propunha:

Considerando a grande necessidade de evangelização em todo o território do nosso Sínodo e os muitos campos abertos que não podemos suprir com os meios da graça; Considerando as quantias avultas despendidas nos grandes colégios, internatos, etc.,

28 Ver trabalho de Silva (2010): **A Cidade, a Igreja e a escola**: relações de poder entre maçons e presbiterianos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

29 Como veremos mais adiante, o pensamento de Pereira não representava ao opinião do Sínodo. Alguns não concordavam com seu pensamento e saíram em defesa de Lane e Waddell.

etc., como meios de propaganda; Considerando o quase completo malogro de tais instituições entre nós, quer como meio de propagação da fé, quer como de preparação de um ministro evangélico; Considerando as contendas e amarguras que tem sempre resultado destes institutos, tirando-nos às vezes o franco apoio e simpatia dos nossos irmãos na América do Norte; Nós, o Sínodo do Brasil, respeitosamente, recomendamos e rogamos às Assembléias das nossas Igrejas-Mães que o auxílio que quiserem prestar-nos seja no sentido de ajudar-nos no grande trabalho de evangelização pelos métodos mais diretos, incluindo o trabalho de educação e preparação de um ministro conforme os planos do Sínodo, e no sustento de escolas paroquiais para os filhos de crentes. Sala das Sessões do Sínodo, São Paulo, julho de 1897 (ATAS DO SÍNODO, 1897, p. 29 apud FERREIRA, 1992, p. 421).

A Moção foi assinada por 32 membros do Sínodo e sua vitória foi um divisor de águas na perspectiva educacional da Igreja Presbiteriana no Brasil, pois se optou pela organização de escolas paroquiais e a formação teológica, afirmando que o investimento nos grandes colégios eram dispendiosos e não geravam o fruto esperado, ou seja, mais fiéis para as igrejas. Isso, de certa forma, representava até o momento a vitória de Pereira sobre Lane.

Além disso, Pereira pontua que o Colégio se valeu da questão maçônica para realizar seus planos e com isso garantir o voto da maioria dos conciliares nos problemas levantados em 1903³⁰. Percebe-se que aos poucos o nome de Horace Lane some das páginas do livro de Pereira. O nome de Lane é substituído pelo nome do Mackenzie College. Para Pereira, essa instituição não representava os valores cristãos e não podia educar os filhos da Igreja, porque nela tais alunos receberiam más influências dos alunos não cristãos.

Na produção historiográfica mais recente, que tem como objeto principal a catequese indígena, também são construídas representações sobre Horace Lane. Nessa perspectiva temos a tese de doutorado de Eliane Rocha, defendida em 2002, intitulada *Entre a pena e a espada: a trajetória de Leolinda Daltro (1859-1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo*. Sua proposta é a reconstrução da trajetória de Leolinda Daltro. Para tanto, a autora dá destaque à atuação da professora no magistério, na causa e no movimento feminista. Em sua abordagem ela tem como objetivo apresentar Leolinda Daltro como uma mulher que procura responder às polêmicas do seu tempo na transição do século XIX para o XX. Lane aparece em seu trabalho como um incentivador da causa defendida pela professora. Para ela, o apoio de Lane era resultado do seu contato em seu país natal com as ideias de José Bonifácio, publicadas pela imprensa norte-americana. Além disso, no Brasil, Lane teria tido contato com a obra de Couto de Magalhães. Porém, são os resultados do trabalho missionário entre os

30 A questão maçônica como veremos adiante foi uma pauta de discussão a partir de 1900 no jornal o Estandarte. A maioria dos conciliares em 1903 eram a favor da Maçonaria. Eduardo defendia que a maçonaria era uma religião incompatível com a fé cristã e com o Evangelho. Com o voto da maioria a favor da Maçonaria, Eduardo e seus seguidores saíram da Igreja Presbiteriana do Brasil e fundaram a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

índios norte-americanos que motivam Lane a contribuir com a obra de Leolinda. Para ela, Lane não tinha nenhum relacionamento social com Leolinda.

Ainda sob essa perspectiva historiográfica, temos também a dissertação de mestrado de Abreu (2007), intitulada *Professora Leolinda Daltro: uma proposta de catequese laica para os indígenas do Brasil (1895-1911)*. A autora reconstrói a trajetória da professora Leolinda como catequista e sua tentativa de fazer uma associação de proteção aos índios. A autora reconstrói aspectos biográficos de Horace Lane mantendo diálogo com o trabalho de Hilsdorf (1977) e sobre as questões da república com o trabalho de Marta Carvalho (1989; 2003). Como fundamentação teórica, apresenta Roger Chartier, Boris Kossoy, Le Goff. Percebemos algumas representações sobre Horace Lane como diretor da Escola Americana, como um dos mais importantes incentivadores do trabalho de Leolinda e como um homem de importantes contatos políticos. Para Abreu, Lane abriu as portas para que a professora fosse recebida nos gabinetes presidenciais, ministeriais e por outras autoridades políticas. Ela apresenta Lane como uma pessoa que ajudou financeira e pedagogicamente a proposta de Leolinda de catequisar os índios, além de oferecer estudos para os filhos dela.

Em 2012, temos uma dissertação de mestrado defendida por Patrícia Grigório, intitulada *A professora Leolinda Daltro e os missionários: disputas pela catequese indígena em Goiás (1896-1910)*. Segundo a autora, sua análise se concentra nos conflitos ocorridos entre a professora Leolinda Daltro e os missionários católicos que atuavam na catequese dos índios em Goiás nos anos iniciais do regime republicano. Atendendo ao pedido de um grupo de índios que em viagem ao Rio de Janeiro pediu um professor para educar suas crianças, a professora Daltro passou cerca de quatro anos percorrendo diversas aldeias indígenas com objetivo de implantar uma escola para civilizar os índios. Atuando em cenário marcado por um longo histórico com a catequese religiosa, a resistência dos missionários à empreitada da professora foi reforçada pelas alianças estabelecidas por ela com grupos protestantes e políticos e coronéis locais que estavam em conflito direto com os frades. As disputas ocorridas entre a professora e missionários pelo direito de atuar entre os índios e pela melhor forma de integrá-los à civilização são marcadas por componentes políticos e ideológicos e são analisadas a partir das transformações promovidas pela instauração do regime republicano e do contexto das disputas políticas locais.

O trabalho de Grigório (2012) pontua que Horace Lane foi um dos mais importantes incentivadores de Leolinda na catequese dos índios. A autora apresenta Horace Lane como um missionário protestante que teve uma importante participação na viagem de Leolinda à Goiás. Autores como Carlos Ginzburg, Norbert Elias e Chartier fundamentam teoricamente

seu trabalho. Nesse trabalho existem algumas representações sobre Lane que não são discutidas na historiografia. Para a autora, Lane garantiu a integridade física da professora Leolinda através da sua rede de sociabilidade, pois tinha contato com figuras proeminentes de São Paulo e de outras localidades. É certo que isso aparece na historiografia, porém o fato de Lane contribuir com a professora Leolinda na catequese dos índios é uma abordagem nova e uma representação pouco explorada.

No segundo capítulo da dissertação, a autora reconstrói a rede de sociabilidade de Leolinda, mostrando, entre outras coisas, a relação da professora com os protestantes, inclusive com Horace Lane. Esse é apresentado no trabalho como o Diretor do Colégio Mackenzie e da Escola Americana. Aparece sempre ao lado do seu companheiro Dr. Willian Waddell. No trabalho de Grigório, Lane é apresentado como uma pessoa que contribuía financeiramente com a ação catequética de Leolinda, além de oferecer material escolar para a educação dos índios.

Além disso, a autora reconstrói aspectos biográficos de Horace Lane, dando com isso, uma importância a sua pessoa. Para ela, Lane é uma figura importante devido a sua rede de sociabilidade. Através dessa rede, Lane escreveu uma carta de recomendação para Leolinda apresentar a figuras proeminentes e que podiam lhe garantir proteção. A autora constrói a imagem de Lane como conselheiro e estrategista da professora Leolinda, pois fazia recomendação de como ela deveria agir e proceder para conquistar aliados em seu empreendimento. De forma estratégica, Lane aconselhava a professora a evitar ataque direto aos missionários católicos e a não escrever sobre isso para os políticos, mas mostrar para esses as reais condições de vida dos índios. A autora também pontua que Lane tinha interesse em montar uma escola entre os índios. Talvez fosse essa uma das principais razões pelas quais ele ajudava a professora financeira e pedagogicamente, oferecendo material didático. A autora reconstrói também aspectos relacionados à educação protestante, pontuando que Horace Lane influenciou as práticas pedagógicas da professora Leolinda.

Sob o mesmo ângulo historiográfico, temos a tese de doutorado de Cunha (2014), intitulada: *Leolinda Daltro, a caminhante do Futuro: uma análise de sua trajetória de catequista a feminista* (Rio de Janeiro/Goiás 1896-1920). A autora mostra as experiências da educadora baiana Leolinda Daltro como catequista entre os povos indígenas do Brasil central – região entre os rios Araguaia e Tocantins – e sua trajetória como mediadora e feminista, após o regresso ao Rio de Janeiro, na transição do século XIX para o XX. A autora analisa a experiência da missão de Leolinda e sua articulação com ampla rede de personagem (ilustres ou não) da sociedade regional e nacional. Em seu trabalho, ao contrário do apresentado em E.

P. Rocha (2002), Lane aparece como um dos principais incentivadores de Leolinda. Vemos algumas representações de Lane em seu trabalho, tais como principal mentor e patrocinador de Leolinda e diretor do Mackenzie College. Como patrocinador, apoiou financeiramente o projeto catequético, como diretor ofertou livros didáticos para catequese dos índios. O trabalho dialoga com vários autores da história cultural, como Le Goff, Carlo Ginzburg e Michel de Certeau. No próximo tópico, analisaremos as representações construídas na perspectiva da história da educação.

1.2 Horace Lane na história da educação

No tópico anterior, fizemos um balanço sobre as representações de Horace Lane na historiografia. Como poderemos observar, não temos nenhum trabalho de doutorado que tenha Horace Lane como principal objeto de pesquisa. Isso nos faz levantar algumas questões: A que se deve essa lacuna, visto que a maioria dos trabalhos analisados afirma que ele foi um influente educador? Seria pela falta de acesso a fontes primárias? Essa lacuna faz com a tese em torno da sua pessoa e suas práticas educacionais abra um campo de discussão na história da educação brasileira. Para tanto, analisaremos alguns trabalhos, dissertação e teses com o objetivo de perceber como é construída a imagem desse personagem na perspectiva da história da educação.

Começamos nossa análise com o trabalho de Fernando de Azevedo³¹, intitulado *Uma interpretação do Instituto Mackenzie*, elaborado em 1960, por ocasião do 90º aniversário do Instituto Mackenzie. Embora não faça uma exposição exaustiva sobre Horace Lane, o autor sugere uma interpretação sobre o Instituto Mackenzie. Para tanto, inicia sua reflexão com uma análise do ano de fundação da Escola Americana, pelo casal Chamberlain, em 1870. Na interpretação de Azevedo, o casal Chamberlain mal sabia que a escolinha viria a se transformar em modelo e fonte de inspiração de uma nova política educacional.

Azevedo faz a seguinte afirmação:

Sob a alta orientação de Horace Lane, que assistia, na qualidade de conselheiro, a Cesário Mota e a Caetano de Campos – os criadores do ensino popular em S. Paulo, e com a colaboração inestimável de Miss Brown e de seu pequeno grupo de professores, lançaram-se, no Estado, as bases da educação primária que, por mais de trinta anos, gravitou, na órbita que lhes traçaram seus fundadores, à volta da Escola Americana e de seus ideais. Foi uma atmosfera de vibração, de entusiasmo e de fé, a que se criou na última década do século XIX, e tão vigoroso, o impulso inicial dado

31 Fernando Azevedo em sua obra: *A Cultura Brasileira*, na 3ª parte, interpreta a inserção da educação protestante, pontuando que “nenhum fermento novo se introduziu na massa do ensino, a não ser o que se preparava nos leigos ou se formava, nos fins do Império, com o aparecimento das primeiras escolas protestantes (p. 601). Ver: AZEVEDO, F. de. *A cultura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

pelos criadores do sistema que em 1920, quando irrompeu um novo movimento de renovação educacional, ainda ressoavam os ecos dessas influências e a educação primária, já em decadência, ainda palpitava das últimas vibrações do movimento renovador, que se desencadeara, com o advento da República, e então já se distanciava de nós, de mais de um quarto de século (1960).

Azevedo menciona Horace Lane como um homem possuidor de alta orientação e a forma que na qualidade de conselheiro ajudou Cesário Mota e Caetano de Campos na reforma educacional do ensino público paulista. As duas citações que Azevedo faz sobre Lane estão relacionadas à Reforma do ensino paulista e a ele como sucessor direto de Chamberlain na Escola Americana. Para Azevedo a proposta pedagógica praticada na Escola Americana iniciada em 1870 foi importante para o processo de renovação em 1920.

Dada a importância do documento, ou seja, um discurso produzido nas comemorações do 90º aniversário do Instituto Mackenzie, corroboro com as análises feitas por José Cláudio Sooma Silva (2005), que afirma entre outras coisas as influências da pedagogia e cultura norte-americanas no pensamento educacional de Fernando de Azevedo³². É nítido no discurso de Azevedo o tom de elogio, de reconhecimento da importância de tal modelo educacional na educação brasileira.

Outro trabalho importante é a dissertação de mestrado de Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (1977), intitulado *Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens*. O trabalho pioneiro sobre o assunto descreve o aparecimento e êxito de escolas americanas de confissão protestante nos quadros do ensino paulista nas últimas décadas do século XIX, a partir de 1869. A autora indica, entre outras coisas, que o modelo educacional protestante inseriu-se no Brasil num contexto marcado por um acentuado desenvolvimento econômico propiciado pela cultura do café e, momentaneamente, do algodão.

A Província de São Paulo tinha se tornado o novo centro cultural do país, palco da propagação dos ideais liberais e democráticos e disputas pela solidificação de um novo modelo político no Brasil. No campo da educação, o modelo norte-americano se destacava como inovador por postular a educação para todos e pela inovação dos métodos. Na perspectiva religiosa, o protestantismo de origem norte-americana propagava mediante sua doutrina uma perspectiva teológica fulcrada na democracia e nos ideais liberais oriundos da Reforma Protestante na Europa. O trabalho se destaca como uma contribuição para compreender a história da educação protestante na Província de São Paulo, por mostrar as

32 Para uma análise sobre a atuação de Fernando Azevedo consultar: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Fernando de Azevedo, pioneiro da educação nova. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 37, 1994, pp. 71-79.

relações estabelecidas entre diversos grupos sociais para a solidificação de um novo ideário político, social e educacional. Mostra ainda o apoio recíproco entre a vanguarda paulista, especificamente políticos liberais e republicanos, e os missionários americanos.

No trabalho de Hilsdorf, Horace Lane não aparece como objeto principal de sua análise, pois sua proposta é analisar as várias escolas americanas de diversas denominações. Porém não deixa de dar sua contribuição sobre Lane:

Horace Manley Lane, enquanto diretor da “Escola Americana” e do “Mackenzie College”, não apenas se mostrou mais sensível aos problemas pedagógicos que aos religiosos desses colégios, como também ofereceu constante colaboração à escola pública paulista por ocasião das reformas republicanas. Os missionários brasileiros, entretanto, por intermédio dos pastores Eduardo Carlos Pereira e Remegídio de Cerqueira Leite, opuseram a Lane e aos missionários que o apoiavam, o movimento “Nova Bandeira”, campanha que visava reservar a frequência das escolas protestantes americanas apenas aos filhos de crentes. A rejeição desse movimento pelas autoridades da Igreja no Sínodo de 1900 acabaria por provocar – entre outras causas – a dissidência de 1903, com a formação da Igreja Presbiteriana Independente, liderada pelo Revdo. Pereira (HILSDORF, 1977, p. 114).

Lane, nas análises de Hilsdorf, enquanto diretor da Escola Americana e do Mackenzie College, é citado como um homem mais sensível aos problemas pedagógicos do que aos problemas religiosos desses colégios e como um colaborador das reformas da escola pública paulista. Mostra também o homem envolvido nos conflitos que marcaram os anos de 1900-1903 e que resultaram na cisão da Igreja Presbiteriana do Brasil.

No terceiro capítulo, Lane aparece novamente:

Quanto à “Escola Americana”, tinha, em 1877, 191 alunos de ambos os sexos (dos quais 77 gratuitos) matriculados nos seus cursos primário e secundário. O curso secundário instalado pelo novo diretor do colégio, o dr. Horace Manley Lane que, em 1884, convidado pelo Revdo. Chamberlain, assumira o controle de todos os estabelecimentos de ensino mantidos pela Igreja Presbiteriana do Norte, no país. Embora não estivesse ligado, nessa ocasião, ao Presbitério da Igreja, o dr. Lane era uma figura bastante conhecida e apreciada nos círculos americanos da Província, pelas múltiplas atividades de negociante, médico e professor que desempenhava sempre com eficiência e liderança; e, sendo liberal, republicano e maçom, Horace Lane tinha também, certamente, o apoio das vanguardas paulistas da época. Sob sua direção, a educação religiosa ministrada pela “Escola Americana” tornou-se menos ortodoxa, mas seu tirocínio de administrador consolidou a posição do colégio como um centro educacional dos mais avançados na Província de São Paulo (HILSDORF, 1977, p. 167).

Nesse trecho, podemos notar várias representações pontuadas pela autora sobre Lane: o negociante, médico, professor, diretor, administrador, maçom, republicano, liberal. Hilsdorf constrói a imagem do homem benquisto nos círculos americanos da Província e pela vanguarda paulista. Diretor experiente e eficiente que tornou a educação religiosa menos ortodoxa e consolidou a posição do colégio como um centro educacional dos mais avançados

da Província de São Paulo. Era também, segundo a autora, o responsável pelo controle de todos os estabelecimentos de ensino mantidos pela Igreja Presbiteriana do Norte no país.

É a primeira vez que Lane é trabalhado na perspectiva da história da educação. O trabalho pioneiro de Hilsdorf permite compreender um Lane pouco estudado e analisado na historiografia protestante.

Em 1986, Hilsdorf defendeu a tese de doutorado, intitulada *Francisco Rangel Pestana – Jornalista, Político, Educador*. Nesse trabalho, especificamente no capítulo três, ela aborda Rangel Pestana como um educador e sua relação com a escola, mostrando, entre outras coisas, que ele se envolveu com várias escolas: as populares, as americanas de confissão protestante, as femininas, e as leigas e positivistas. Nesse capítulo, o interesse da autora é investigar a prática pedagógica institucional de Rangel Pestana, compreendendo seus limites e alcances. Entre as escolas analisadas por Hilsdorf estão as escolas americanas de confissão protestante. A autora recupera boa parte das análises feitas em seu trabalho de mestrado, que teve como objeto de análise as escolas americanas de confissão de fé protestante.

E ainda no mesmo capítulo, entre os vários representantes e educadores dessas escolas, aparece Horace Lane, objeto de nossa análise. Hilsdorf, afirma que Lane imprimiu nos anos da sua administração as marcas da sua competência pedagógica. Para ela, Lane era uma:

Figura largamente relacionada nos círculos progressistas da Província por sua adesão às idéias republicanas e liberais e à maçonaria, e por sua liderança nas múltiplas atividades de médico, negociante, empresário e professor que vinha exercendo em São Paulo, Horace Lane era uma reedição de Nash Morton – ativo, empreendedor, amigo do progresso, pouco ortodoxo do ponto de vista das doutrinas da sua Igreja – mas, com uma qualidade a mais: largo tino administrativo (1986, p. 207).

Hilsdorf acentua a imagem do homem de múltiplas funções, enfatizando a figura do homem que se relacionava nos círculos progressistas da Província de São Paulo por causa da sua adesão às ideias republicanas, liberais e maçônicas. Ou seja, Lane mantinha uma relação de poder com representantes de vários campos: político, educacional, maçônico³³. Hilsdorf foi uma das primeiras a pontuar na perspectiva da história da educação que Lane participava dos círculos progressistas da Província de São Paulo.

33A respeito disso, o conceito de “sociedade de idéias” utilizado por Bastian (1990; 1994) nos ajuda a entender as aproximações e relações entre protestantes e republicanos. Bastian analisou como as sociedades missionárias norte-americanas introduziram o protestantismo no México em 1872. A partir do que aconteceu no México, ele mostra que em toda América Latina essas sociedades de ideias religiosas e leigas, entre elas: os maçons, liberais, espíritas e operários recorrem ao protestantismo (passam a aceitá-lo e apoiá-lo) para combater a Igreja Católica, difundir a Bíblia e a educação secular e ter o estilo de vida adequado à formação das novas camadas sociais necessárias ao capitalismo. Portanto, as relações estabelecidas entre Horace Lane e os republicanos estavam em torno de objetivo comum: os valores republicanos e a perspectiva educacional.

Em suas análises, Hilsdorf propõe que Horace Lane era uma reedição de Nash Morton, pastor-educador responsável pelo trabalho missionário e educacional em Campinas. Pertencia à Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos. Segundo a autora, Rangel Pestana se aproximou de Morton por causa do pensamento pedagógico e político. Afirmar que Morton era também um empreendedor e uma pessoa ativa em todas as esferas da vida social, “exemplo vivo e antecipatório da civilização americana, o ‘futuro’ que Pestana desejava para São Paulo” (1986, p. 197). Provavelmente neste sentido é que a autora afirma que Lane era uma reedição de Nash Morton – ativo, empreendedor, amigo do progresso, pouco ortodoxo do ponto de vista religioso e possuidor de um largo tino administrativo.

Em suas análises afirma que não foi possível saber se Rangel Pestana exerceu a atividade de docente na Escola Americana, mas tinha ligações estreitas com Horace Lane e confiava na sua competência pedagógica. Recorrendo ao testemunho de J. L. Rodrigues, Hilsdorf afirma que Lane foi quem apresentou a Rangel Pestana aquela que seria responsável pelos trabalhos de organização das escolas-modelo da rede pública do Estado, criadas pela Reforma de 1890, a professora de pedagogia da Escola Americana, Miss Márcia P. Browne e sua companheira de trabalhos, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.

Em 2009, Hilsdorf escreve um artigo intitulado *Revisitando a História das Escolas Protestantes Americanas na Província de São Paulo*. Para ela, a presença e a influência das escolas americanas de confissão protestante nos quadros do ensino paulista das últimas décadas do século XIX podem ser explicadas atualmente pela concordância das representações acerca do papel que Igrejas protestantes, colonos americanos e vanguardas liberais e democráticas da Província atribuíram mutuamente para a realização da modernidade ocidental. Afirmar:

Se o modelo de sociedade a ser alcançado era o do capitalismo cosmopolita e citadino, baseado no trabalho livre, no mercado aberto, na cultura escrita, no pluralismo religioso e no estilo de vida disciplinado, ordeiro e virtuoso da burguesia, tudo aquilo que representava a tradição cultural portuguesa e o catolicismo ultramontano precisava ser afastado e superado: ao se apresentar como a própria realização do Reino de Deus na terra (HILSDORF, 2009, p. 191).

Conforme sugestão da autora, essas representações podiam ser vistas na figura de Tavares Bastos que, nos anos 1850 e 1860, pôs em circulação nos seus discursos políticos a ideia de que a influência americana seria benéfica para a sociedade brasileira em todas as suas dimensões, entendendo a organização político-administrativa norte-americana pelos traços de “descentralização completa” e “intervenção constante da soberania popular”.

Com a circulação das representações da cultura americana em solo brasileiro, os missionários presbiterianos das igrejas norte-americanas vieram a construir os seus colégios na Província de São Paulo, desde os anos de 1870. Porém, a autora acentua que esse caminho continuou sem foros de unanimidade. Pelo contrário, houve luta de representações acerca dos meios de evangelização, pois a estratégia de utilizar a educação como meio de evangelização indireta através dos colégios foi duramente criticado pelas igrejas. Alguns discordantes viam essa estratégia como realização da Igreja Secular, dotada de visão pedagógica, mas sem força teológica, por isso temida por eles como fator do fracasso do protestantismo como fenômeno religioso no Brasil (HILSDORF, 2009).

Para a autora, as demais denominações protestantes: metodistas, batistas, landmarkistas e anglicanos não tiveram o mesmo problema, pois optaram desde o começo pela a estratégia tradicional de evangelização corpo a corpo através da distribuição de literatura, cultos com pregação e cânticos, ensino religioso nas escolas ao lado da igreja e mais tarde, depois de assentadas as bases é que a hierarquia eclesiástica assumiu a manutenção dos colégios abertos.

Temos ainda, a dissertação de mestrado de Laguna (1999), intitulada: *Reconstrução Histórica do Curso Normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)* – internato de meninas: uma releitura de seu cotidiano e da instrução e educação feminina aí ministrada. Nesse trabalho, Laguna traz interessantes informações sobre Horace Lane, embora sua preocupação seja discutir o Curso Normal da Escola Americana. Seu trabalho acadêmico, de fôlego e com uso de muitas fontes, permite-nos reconstruir também a representação que a autora construiu sobre Horace Lane. No terceiro capítulo faz uma análise da educação na Escola Americana e do Mackenzie College sob a ótica de Horace Manley Lane, presidente dessa instituição de ensino de 1884 a 1912. Nesse capítulo apresenta também o Brasil sob a ótica de diretor da Escola Americana, a partir da análise feita dos relatórios de Lane enviados anualmente a Board of Trustees de Nova Iorque. Afirma:

Em outros termos, apresento uma análise interpretativa da leitura que esse administrador fazia do Estado brasileiro, do governo paulista, do sistema de ensino do país e do papel que cabia à Escola Americana e ao Mackenzie College desempenharem no cenário paulista, a partir da leitura e interpretação que fiz desses relatórios, reconstruo (parcialmente) os princípios filosóficos e os objetivos educacionais da Escola Americana e do Mackenzie College (LAGUNA, 1999, p. 5).

Embora o trabalho não tenha o nosso objeto como principal análise da sua proposta, a autora no capítulo III, intitulado *Concepção de educação da Escola Americana e do Mackenzie College*, aborda alguns tópicos interessantes sobre Horace Lane. Neste capítulo,

ela analisa uma leitura do Brasil e de São Paulo feita por Horace Lane e mostra como ele compreendia a educação tanto na Escola Americana como no Mackenzie College, ambos sob sua responsabilidade. Para tanto, ela utiliza vários relatórios elaborados por Horace Manley Lane encaminhados a Board of Trustees de Nova Iorque. Para Lane, o Brasil era um “Novo Brasil”, um país liberto das mãos dos portugueses e que havia ganhado prestígio no cenário internacional. Ela aponta que Lane tinha conhecimento dos aspectos geográficos, políticos, sociais, econômicos e educacionais do Brasil. Lane apontava a cidade de São Paulo como uma cidade em pleno desenvolvimento: “Seu crescimento em riqueza e população e o desenvolvimento de seus recursos agrícolas e minerais superavam o de qualquer outro Estado da República” (LAGUNA, 1999, p. 172).

A autora afirma:

Refletindo um pouco sobre essa parte em que focalizo fragmentos da visão de Lane sobre o Brasil em seu aspecto econômico-social, entendo que esse diretor reconhecia a riqueza em potencial que o nosso país abrigava na natureza física em geral. Os recursos naturais aguardavam a exploração por mãos competentes. Era uma terra que poderia alcançar o progresso. Nas entrelinhas dos relatórios de Lane, percebo que ele sinalizava, às vezes de maneira clara, às vezes veladamente, às vezes de modo preconceituoso ou elitista, para os procedimentos que deveriam ser postos em prática para o Brasil ocupar o seu lugar entre as nações progressistas. Assim ele recomendava e aprovava a entrada de capital estrangeiro para revigorar a economia brasileira tanto na forma de empréstimo quanto na forma de investimento. Os estrangeiros, entre eles, claro, os americanos, possuíam a sabedoria e a competência técnica para guiarem o Brasil rumo ao seu amanhã radioso, plasmado no campo político em um sistema de governo republicano e democrático e, no setor econômico-social, na industrialização (LAGUNA, 1999, p. 172).

Não se tratava apenas de preconceito conforme aponta Laguna. O pensamento de Lane não era diferente do de outros missionários presbiterianos americanos, tais como Simonton, Blackford, Chamberlain que, em relatórios encaminhados ao Presbitério do Rio de Janeiro em 1870-1875, também descreviam as condições sociais, políticas, econômicas, religiosas e educacionais do Brasil. A respeito disso, vale acentuar que tais relatórios podem ser interpretados também como uma forma de convencimento da parte desses missionários. Eles tentavam de certa forma convencer, justificar e ampliar os investimentos da missão norte-americana no Brasil.

Laguna, em sua análise sobre o relatório de Lane, afirmava que esse entendia que:

Era preciso ocupar os espaços vazios do imenso Brasil, cortá-lo com estradas de ferro em todos os sentidos para levar a todos os seus recantos a modernidade. Era preciso também que o Brasil rompesse os laços que o mantinham preso às tradições e costumes de seu antigo dominador português. Quaisquer marcas dessa civilização lembravam o passado de colônia que deveria ser definitivamente esquecido porque era sinônimo de atraso cultural, político e econômico. O Brasil precisava respirar ares novos e estes sopravam da América do Norte, trazendo uma outra forma de

civilização a ser imitada, sem mistura de “raças inferiores” como a indígena e a africana para conturbarem a harmonia social (1999, p. 176).

A ideia de ruptura com o antigo regime e a modernização o Brasil vinha ao encontro do pensamento republicano da época, o que facilitava a inserção do presbiterianismo com esse grupo político (HILSDORF, 1977; 1986; SILVA, I. B., 2010). Isto só era possível, de acordo com Lane, “com os ares novos que sopravam da América do Norte”. Lane, de certa forma, acentua a superioridade da cultura norte-americana. Trava-se, segundo análise de Nascimento (2008) e I. B. Silva (2010), de um processo civilizatório norte-americano ou de “Destino Manifesto” defendido por Goldman (1972), Hilsdorf (1977) e Mendonça (2008), ou seja, conceito ideológico incorporado pelo protestantismo norte-americano que compreendia a necessidade de se implantar o Reino de Deus na Terra (SILVA, I. B., 2010). Para Lane, era preciso modernizar o Brasil. Nesse sentido, sua visão não divergia do pensamento e da prática dos presbiterianos republicanos³⁴.

No tópico sobre a política brasileira vista por Horace Manley Lane, Laguna afirma que ele era “um crítico severo que não escondia sua indignação ao sentir que o Brasil não vivia um governo nos moldes da democracia americana que ele entendia como sendo pura e verdadeira e, portanto, merecedora de estar em vigência não só no Brasil mas em toda parte do mundo” (1999, p. 177). Lane entendia que o país ainda estava nas mãos de grupos políticos herdeiros do antigo regime e que faltavam homens capacitados para assumirem a vida política do país, pois segundo Lane o Brasil era ainda governado por uma “panelinha” de políticos ligados ao antigo regime (LANE, 1909a).

Em relação à educação, Laguna afirma que Lane solicitava aos Trustees de Nova Iorque que o Brasil fosse tutelado cultural e educacionalmente. Dessa forma, mostrava a importância de todo investimento financeiro para o fortalecimento da Escola Americana e do Mackenzie College em terras brasileiras. Elas eram vistas por Lane como instituições de ensino imbuída de bons propósitos e banhada em cultura estrangeira superior. A autora analisa o relatório de 1911 encaminhado aos Trustees para reconstruir a visão educacional de

34 Em estudo anterior (SILVA, 2010) mostramos que em Sorocaba o presbiterianismo também tinha esse discurso de modernização do país. Para tanto, líderes presbiterianos na cidade de Sorocaba participaram do campo político e educacional com o objetivo de modernizar a cidade e romper com as marcas do antigo regime, a monarquia. Hilsdorf (1977, 1986) também deixou claro que o pensamento e a prática educacional norte-americana ganharam o apoio de lideranças republicanas. Ver: SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Educação) - FEUSP, Universidade de São Paulo, 2010. HILSDORF, Maria Lúcia S. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo: um estudo de suas origens**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977. HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Francisco Rangel Pestana: Jornalista, Político, Educador**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1986.

Horace Lane. Nesse relatório, Lane fez um breve histórico das escolas no período imperial, com o objetivo de fazer com que os curadores norte-americanos tivessem uma visão da realidade educacional brasileira, talvez também com o objetivo de obter mais investimento nas escolas sob sua responsabilidade. Ela também analisa outros relatórios de Lane encaminhados aos Trustees apresentando sua visão educacional e aquilo que fazia enquanto diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. A autora destaca as críticas de Lane acerca da educação brasileira e a forma como o governo da época lidava com a questão educacional.

Laguna faz uma interessante análise dos relatórios de Lane acerca da sua visão política e educacional, contribuindo para construir a imagem de um homem do seu tempo, imbuído na difusão dos ideais presbiterianos no Brasil, que acreditava que o presbiterianismo norte-americano era extremamente importante para a existência e continuidade da República brasileira, ao contrário da influência e do controle dos jesuítas na política, educação e religião, que precisava ser eliminado porque constituíam uma ameaça para o sistema republicano (1999, p. 188). Para Lane, o Brasil precisava ser “redimido”. A respeito disso, Laguna levanta uma problematização importante: Redimido do quê? Segundo Laguna, redimido das panelinhas de políticos interesseiros, oriundos do Império, que dificultavam, com a politicagem, o processo de republicanização e a democracia no país. O Brasil precisava redimir do catolicismo, porque essa religião estava ligada ao regime imperial e à educação jesuítica. Fica claro, nesse ponto, que Lane desejava que o presbiterianismo tivesse maior penetração na vida política e educacional do Brasil. Desse modo, sua crítica recaía sobre o catolicismo enquanto um sistema religioso que impedia o crescimento e o desenvolvimento do Brasil.

Em seguida, Laguna faz uma reconstrução da concepção da educação da Escola Americana e do Mackenzie College sob a ótica de Horace Manley Lane. Descreve inicialmente Lane como o diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. É a partir desse lugar institucional que Laguna reconstrói a visão que Lane tem da educação a respeito das instituições sob sua direção. Mas o interessante é que Laguna faz uso de uma nova fonte primária. Ela analisa uma carta aberta anual aos pais (Annual Open Letter to Parents) de 1907. Esse documento oferece um breve panorama mundial do quadro da educação, do qual Lane obteve informações em uma viagem à Europa e aos Estados Unidos. Nessa carta, Lane afirma ter visitado várias instituições educacionais e que tinha observado um interesse crescente pela educação popular. Em um trecho da carta encaminhada aos pais, ele afirma:

Uma educação completa e generosa é aquela que habilita um homem a cumprir todos os deveres públicos e privados, em tempo de paz ou guerra, com destreza, justiça e magnanimidade [...] O homem educado é tolerante e sabe atribuir valor justo às coisas [...] O que o escultor representa para o bloco de pedra, a educação representa para o homem (LANE, 1909b).

Nesse trecho, vemos um pouco da visão educacional de Lane e a importância que ele, enquanto diretor de uma instituição educacional, dava à educação. Nas cartas encaminhadas aos pais, Lane mostra como a educação está em várias partes do mundo. Em carta datada em 1910, afirma que na Europa as atividades educacionais eram dirigidas para extirpar elementos ultrapassados nas práticas das escolas públicas, para inserir métodos novos. Para eles, algumas instituições educacionais centenárias não aceleravam sua modernização por causa da burocratização. Por isso, na sua leitura, muito pouco podia ser emprestado da Europa em termos educacionais. Por essa razão, ele buscava o modelo educacional norte-americano que, na sua leitura, vivia uma verdadeira República. Essa postura de Lane também justificava a sua atuação enquanto diretor das instituições sob sua responsabilidade. Tentava mostrar que elas traziam o que era de melhor em termos educacionais, tentando convencer os pais a continuarem com seus filhos matriculados. Laguna não problematiza essa questão no seu trabalho, apenas mostra o que Lane escreve nos relatórios.

Em 1910, Lane dizia que em 40 anos a Escola Americana conseguiu realizar um trabalho de grande valor para o Brasil e dizia que foram utilizados os elementos dos sistemas das escolas e universidades da América do Norte. A escola sob sua responsabilidade desde a sua fundação mantinha-se fiel aos valores do presbiterianismo e do sistema educacional norte-americano.

Que Lane podemos observar no trabalho de Laguna? Lane não é apenas descrito como o diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. A abordagem de Laguna avança em algumas representações trazidas nesse capítulo. Ela rompe com a abordagem tradicional que mostra Lane como diretor, homem de negócios e outros. Ela mostra um Lane crítico, preconceituoso no sentido de subestimar a cultura brasileira, um homem como uma visão educacional elaborada. Um homem que tece comentários severos não somente a respeito da educação, mas também da política e dos políticos brasileiros, fazendo referência a “panelinhas”. Um homem engajado em seus ideais presbiterianos a ponto de combater a religião católica e afirmar que essa não é capaz de transformar a sociedade brasileira com os seus valores, aproximando essa ideia do pensamento dos primeiros missionários norte-americanos, Simonton, Blackford, Chamberlain e outros. Sem dúvida, o Lane dos relatórios é

bem diferente do Lane reconstruído na historiografia protestante, que por vezes o descreve como um homem polêmico e avesso aos valores presbiterianos.

Laguna mostrou rigor científico na construção das suas análises. Fez bom uso das fontes primárias, principalmente dos relatórios produzidos por Lane. Sem dúvida, seu trabalho é uma excelente contribuição para a história da educação e para a reconstrução das representações de Horace Lane, ainda que seu objetivo principal de análise seja a Escola Normal da Escola Americana.

Em 2003, temos a dissertação de mestrado de Geysa Spitz Alcoforado de Abreu, intitulada *Escola Americana de Curitiba (1892-1934): um estudo do americanismo na cultura escolar*. Seu trabalho tem como objetivo analisar o modelo escolar norte-americano implantado no Brasil por missionários presbiterianos, por meio da reconstrução histórica da Escola Americana de Curitiba entre os anos de 1892 e 1934. Para entender os processos de circulação dos padrões escolares norte-americanos, ela analisa as práticas educativas da Escola Americana de Curitiba na perspectiva da cultura escolar. Seu trabalho é interessante e representa o preenchimento de uma lacuna apontada por Hilsdorf (2003) a respeito do estudo sobre as contribuições dessas instituições escolares para a história da educação. A dissertação é estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo trata do investimento do presbiterianismo no Paraná. O segundo sobre o presbiterianismo no Brasil. O terceiro capítulo sobre a ação missionária presbiteriana. O quarto capítulo discorre sobre a Escola Americana de Curitiba e, por fim, o quinto capítulo sobre a circulação do modelo pedagógico: a Escola Americana e a Reforma do Ensino Público, em São Paulo e em Curitiba.

No terceiro capítulo, ela cita a figura de Horace Lane, pois centra sua análise na Escola Americana de São Paulo. Ela dedica um tópico analisando a administração de Horace Lane. Dialoga com vários textos historiográficos sobre Lane, falando da sua chegada ao Brasil na segunda metade do século XIX. Nos seus primeiros anos no Brasil atuou como professor em escolas particulares e públicas, entre elas: Colégio João Köpke, do Rio de Janeiro, o Colégio da Glória e o Colégio dos Beneditinos, de São Paulo. Em suas análises destaca os conflitos entre Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira. Para ela, a nomeação dele na Escola Americana de São Paulo não agradou Pereira, por causa da sua visão proselitista. Segundo Abreu (2003), Pereira entendia que a escola deveria auxiliar a Igreja preparando alunos para o ministério e evangelizando a juventude brasileira.

Temos a seguinte afirmação de Pereira:

Tal notícia impressionou-me desagradavelmente, visto ter eu grandes esperanças no Colégio Protestante, não só para ajudar a Igreja na educação de um ministério bem

preparado, como também na evangelização da mocidade brasileira. Ora, para uma e outra coisa, o Dr. Lane era o menos próprio. ‘Foi um desastre essa nomeação’ – disse-o eu a alguém. Perguntando-me o Rev. G. W. Chamberlain, se eu dissesse ter sido um desastre a nomeação do Dr. Lane, que acabava de chegar dos Estados Unidos, julguei dever procurar pessoalmente o Dr. para explicar-lhe o meu dito. Fí-lo prontamente declarando-lhe que, se assim me exprimi, não me referi ao seu preparo intelectual ou aptidão dirigente, porém ao fato que, tendo-se convertido já idoso, faltava-lhe hábitos de piedade, que eu julgava necessários. Respondeu-me cortezmente, reconhecendo que assim era, porém que não havia outro, etc. (E. C. PEREIRA apud FERREIRA, 1992, p. 354).

Pereira desde o começo da atuação de Lane na escola não via com bons olhos sua nomeação. Talvez por entender que Lane não conduziria a escola segundo a sua perspectiva educacional, que visava à formação teológica da juventude para o ministério. Segundo Abreu (2003) a visão educacional de Pereira contrariava a orientação dos Boards de Nova Iorque. Ao centrar sua atenção nos conflitos entre Pereira e Horace Lane, a autora constrói um homem envolvido em meio às disputas ideológicas que cercavam o campo presbiteriano. Quando fala das imagens de Lane, utiliza as representações trabalhadas por Venâncio Filho:

[...] um raro conjunto de qualidades que o fizeram, não apenas o grande diretor desta instituição, mas uma das mais notáveis personalidades de São Paulo no seu tempo. [...] Conseguindo adquirir uma opulenta cultura, literária, científica e filosófica, foi poeta e orador fluente, servido por memória surpreendente, tudo envolto em modéstia e singeleza (1946, p. 243-244 apud ABREU, 2003, p. 56).

Para a autora:

Dr. Lane, colaborador e conselheiro dos poderes públicos nas questões de educação, deu uma grande contribuição, não somente às “Escolas Americanas”, mas também para a reforma do ensino público paulista, que serviu de inspiração para a reforma do ensino público realizada em outros estados, inclusive no Paraná (2003, p. 56).

Além dessas percepções, a autora destaca que Lane era superintendente da missão escolar (p. 96). Representação muito pouco trabalhada na perspectiva da história da educação. Para Abreu (2003) havia uma conexão entre a Escola Americana de Curitiba e a Escola Americana de São Paulo. Suspeita que Eduardo Carlos Pereira desejasse assumir a direção da Escola Americana de São Paulo, pois tinha vocação para o magistério, exercendo-o por longo período da sua vida, desde a época do Colégio Ipiranga, passando pela Escola Americana, Instituto Teológico, Seminário Presbiteriano e o Ginásio do Estado, além de ter produzido sua famosa gramática para o curso médio e superior (ABREU, 2003).

A tese de doutorado de Carla Simone Chamon (2005), intitulada *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*, também faz referências a Horace Manley Lane, mostrando entre outras coisas que ele mantinha uma rede de sociabilidade com Maria Guilhermina e que era considerada por ele uma excelente conhecedora do método intuitivo, sendo indicada para trabalhar na seção feminina da Escola-

modelo, anexa à Escola Normal, dirigida por Caetano de Campos. Apesar de não ser o principal objeto de pesquisa da autora, Lane aparece como diretor da Escola Americana.

Temos ainda o trabalho de Ester Vilas-Bôas C. do Nascimento (2007), intitulado *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical*. Embora a autora não fale diretamente sobre Horace Lane, ele aparece em algumas das páginas do seu trabalho. Temos a seguinte representação construída pela autora:

Em 1884, Horace Manley Lane, um pragmático comerciante, médico, educador e colaborador na reforma do ensino público em São Paulo, afirmava que ‘a campanha evangélica deve partir desse princípio: muitas escolas, mais escolas, sempre escolas. É o que fazem os sacerdotes católicos e é o que fazemos nós: na educação da mocidade reúne-se grande parte do nosso ideal’. Ao assumir a direção do Colégio Mackenzie, estabeleceu um novo plano educacional, no qual, além da co-educação, liberdade religiosa, política e racial, a instituição deveria atender a campanha religiosa, limitando-se às questões da moralidade ética contida no ensino de Cristo. Horace Manley Lane, maçom, liberal, abolicionista e republicano, cada vez mais entrava em choque tanto com alguns colegas missionários quanto com os presbiterianos nacionais. Sob sua direção, o Mackenzie College foi-se distanciando dos objetivos de educação para evangelização e incorporando os novos ideais protestantes norte-americanos de uma educação moral e pragmática (NASCIMENTO, 2007, p. 64).

No trabalho de Nascimento, Lane aparece como um homem pragmático, comerciante, médico, educador, colaborador na reforma do ensino paulista, maçom, liberal, abolicionista e republicano. Representações presentes na historiografia protestante.

Temos ainda a dissertação de mestrado de Maria de Lourdes Scudeler Gomes (2007), intitulada *Origem, fundação e consolidação de uma instituição escolar: o Colégio Presbiteriano Mackenzie-Tamboré* (anos 80 do século XX), defendida no programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de Sorocaba, sob orientação do professor Dr. José Luis Sanfelice. O trabalho de M. L. Gomes, embora sua proposta seja investigar uma instituição escolar mais recente na reconstrução histórica para se compreender a educação confessional no Brasil, faz uma análise do movimento protestante na Europa, Brasil e das instituições fundadoras do Mackenzie Tamboré, a Escola Americana e o Mackenzie College.

Horace Lane aparece nas páginas do seu trabalho como o homem que deu progresso à instituição escolar sob sua responsabilidade. Menciona sua influência na reforma do ensino público paulista e a utilização dos métodos pedagógicos norte-americanos baseados em Pestalozzi e Fröebel. A autora reproduz muitas representações construídas na historiografia protestante. No final do seu trabalho, mais especificamente nos anexos, traz uma biografia dos fundadores da Escola Mackenzie e de Horace Lane. De certa forma ajuda o leitor a ter informações de dados pessoais dos seus fundadores. Porém, a biografia foi extraída do próprio site do Mackenzie, ou seja, produzida por um grupo social que entre os objetivos fabrica a

partir do lugar social aquilo que deseja transmitir sobre o sujeito, fatos históricos ou acontecimentos. Dentro dos limites do seu trabalho a respeito de Horace Lane, a autora não avança nas fabricações feitas pela historiografia protestante. Porém, naquilo que ela propõe fazer, o trabalho nos ajuda a compreender a origem, fundação e consolidação de uma instituição escolar ligada à Escola Americana de São Paulo.

Em 2009, temos a tese de doutorado de Jane Borges de Oliveira Santos, intitulada *Igreja e escola na perspectiva das práticas musicais em colégios históricos americanos de confissão protestante* (São Paulo: 1870-1920), defendida no programa de Pós-Graduação da USP, sob orientação da professora Dra. Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. Embora sua tese tenha como principal preocupação analisar a questão da música nos colégios americanos de confissão protestante, a autora faz referência a Horace Lane. É possível extrair do seu trabalho algumas representações em torno do nosso objetivo de pesquisa. Lane aparece no capítulo II da sua tese. Boa parte das representações construídas pela autora foi elaborada a partir do trabalho pioneiro da sua orientadora, professora Maria Lúcia Spedo Hilsdorf. Lane é apresentado como sucessor de Chamberlain à frente da Escola Americana de São Paulo. Afirma que sob a sua direção os ideais educacionais foram ampliados. Acentua o fato de Lane ter participado da reforma do ensino público de São Paulo. Na página 110 da sua tese volta a fazer menção a Horace Lane, dando destaque aos aspectos biográficos. Seu diálogo se dá com os autores pertencentes à historiografia protestante: Garcez (2004), A. M. A. Gomes (2000) e Matos (2004) e com os estudos de Hilsdorf (1977).

Temos a dissertação de mestrado de José Veloso dos Santos (2011), intitulada *As contribuições de Horace Lane na instrução pública paulista (1890-1910)*. Este trabalho propõe, segundo seu autor, mapear as contribuições de Lane na constituição da escola republicana paulista. Tem como foco a ação de Horace Lane junto aos administradores da instrução pública paulista, em especial Caetano de Campos e Oscar Thompson. O trabalho está estruturado em quatro partes: Introdução, Horace Manley Lane e a assessoria à instrução pública paulista; Promovendo a internacionalização da instrução pública paulista: a participação na exposição internacional de Saint Louis em 1904; A parceria de Oscar Thompson e Horace Lane junto à instrução pública Paulista (1909-1910).

Na primeira parte, menciona as razões pelas quais resolveu se debruçar sobre a construção do seu trabalho de pesquisa, tendo como objeto de análise a contribuição de Horace Lane na instrução pública paulista. Afirma, entre outras coisas, que a participação de Lane ainda não foi objeto de pesquisa. Para ele, a presença de Lane na instrução pública paulista está vinculada à formação de professores, material pedagógico e mobiliário escolar,

programa de ensino, livros e material didático, maçonaria e protestantismo. Entre a problemática levantada pelo autor em relação ao seu objeto de pesquisa está o fato de não existir um corpo bibliográfico específico sobre Horace Lane. Por essa razão, buscou apoio em várias obras que se aproximam do seu trabalho. Respalda suas análises em Roger Chartier apropriando-se do conceito de representações, apropriações e práticas sociais. Também se utiliza das análises de Marta Carvalho sobre história cultural dos saberes pedagógicos. Para ele, na linha de pensamento de referida autora, tomar o impresso em sua materialidade implica tratá-lo como objeto cultural com suas marcas de produção e de seus usos.

Na segunda parte do trabalho, em que pretende discutir a presença de Horace Lane e a assessoria à instrução pública, José V. Santos inicia seu capítulo fazendo um levantamento biográfico a respeito do seu objeto de pesquisa. Diz que “Lane cresceu num contexto repleto de experiências modernizadoras e modernizantes em relação à cultura e à educação, produzidas e divulgadas dentro e fora dos Estados Unidos” (SANTOS, J. V., 2011, p. 20).

José V. Santos reconstrói a imagem do viajante que vem em buscas de novas oportunidades de trabalho no Brasil. Ideia trabalhada por Goldman (1972). Mostra o homem que chega a um país diferente sem nenhum recurso financeiro, trazendo apenas seu capital cultural. Segundo o autor, Lane chegou a pedir ajuda financeira e foi auxiliado pelas irmãs do Mosteiro da Misericórdia na cidade do Rio de Janeiro. A primeira atividade de Lane exercida no Brasil foi como professor no Colégio Kopke em 1856, no Rio de Janeiro. Boa parte do conteúdo da reconstrução biográfica feita por J. V. Santos foi extraída das obras de Vieira (1980), Ribeiro (1987), Goldman (1972), Hilsdorf (1986) e Matos (2004). Menciona o convite feito por Chamberlain para ocupar o cargo de diretor da Escola Americana em São Paulo. Em algumas partes do seu texto, muda abruptamente de assunto sem conexão entre os parágrafos. No resumo inicial da dissertação, J. V. Santos (2011) propõe analisar as fontes primárias, mas quase sempre se serve da tradução de outros pesquisadores. Seria interessante não reproduzir simplesmente as fontes, mas de fato retraduzi-las ou até mesmos propor novas análises.

Ao discutir a presença de Lane na reforma de Caetano de Campos, afirma:

Em 1887, o diretor da Escola Americana apresentou à Secretaria do Interior um relatório em que foram apresentados, de maneira sucinta, aspectos da escola como suas instalações, seu corpo docente e discente, bem como o programa ali desenvolvido. Existe a possibilidade que esse relatório tenha dado ainda maior visibilidade ao diretor da Escola Americana perante os reformadores da instrução pública paulista (SANTOS, J. V., 2011, p. 47).

Podemos observar que o autor não mostra claramente que Lane atuou na reforma de Caetano de Campos. Sugere apenas que o relatório escrito por Lane em 1887 deu visibilidade ao diretor perante os reformadores da instrução pública.

No terceiro capítulo da sua dissertação, José V. Santos propõe discutir a internacionalização da instrução pública paulista. Nesse aspecto, diz:

A delegação brasileira ficou instalada em Saint Louis, no Palácio Monroe [...] quanto à delegação paulista, esta contava na sua equipe educacional com Horace Lane, diretor da Escola Americana, consultor da instrução pública paulista e articulador para que fosse possível a presença dos educadores republicanos na Exposição Internacional; também estava na comissão Carlos Reis, professor da Escola Normal, e Oscar Thompson, diretor (GONÇALVES, 2002 apud SANTOS, J. V., 2011, p.76).

Nesse capítulo Lane é apresentado como o educador que participou juntamente com Oscar Thompson e Carlos Reis da comitiva que tinha como finalidade representar o Estado de São Paulo na Exposição Internacional de Saint Louis. José V. Santos traz para esta parte do seu trabalho o importante relatório intitulado *Education in the State of São Paulo*, que mostra entre outras coisas como estava organizada a instrução pública e privada de São Paulo. O autor parece sugerir que a participação de Lane nas reformas educacionais paulistas estava associada à pedagogia disseminada na Escola Americana e a rede de sociabilidade³⁵ construídas por ele com outros maçons. Podemos ver isso quando cita um trecho de Nery (2009, p. 31), em que dizia que “uma hipótese possível, porém, ainda não confirmada é a de que Oscar Thompson era maçom tal qual Horace Lane”.

Por fim, José Santos mostra a parceria de Oscar Thompson e Horace Lane junto à instrução pública paulista entre os anos de 1909 e 1910. Nessa parte do seu trabalho, destaca:

O diretor de escola de maior expressão na capital bandeirante, naquele período, diante da opinião do governo republicano era o diretor da Escola Americana, Horace Lane. A Escola Americana no contexto de início da primeira República e por estar localizada na capital do Estado de São Paulo naquele momento era o referencial maior dos pioneiros republicanos no mote de inspiração para o projeto a ser implantado em todo o território paulista. Foi de onde o Governo obteve as duas primeiras diretoras, a professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade para o gênero feminino e a professora Márcia Browne para o masculino, ambas para a Escola Modelo, que era anexa à Escola Normal (2011, p. 111).

Lane é apresentado como o viajante, estudante de medicina, professor de inglês e português para os imigrantes americanos, diretor da Escola Americana, consultor de educação. O trabalho de certa forma é uma contribuição para a história da educação. Porém,

35 O autor não faz uso desse conceito de redes de sociabilidade. É um conceito que utilizamos para mostrar as relações de poder entre os presbiterianos e maçons. Consultar: SILVA, I. B. **A Cidade, a Igreja e a escola:** relações de poder entre maçons e presbiterianos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

não inova muito a discussão em torno da contribuição de Horace Lane na instrução pública paulista. É mais uma reprodução das ideias sobre Horace Lane trabalhada na historiografia. Não avança nas discussões, mesmo fazendo uso de fontes primárias. J. V. Santos (2011) faz sua operação historiográfica no lugar social marcado pelo rigor acadêmico, UNESP de Marília, que, como temos pontuado, impõe também suas regras e métodos.

Diante desse balanço, seria Lane um sujeito marginalizado na historiografia? Confrontando as abordagens analisadas neste trabalho, podemos perceber claramente que na história de autores confessionais, em sua maioria, Lane é construído como um sujeito combativo, envolvido em crises pessoais e eclesiásticas, que não segue os valores presbiterianos (LESSA, 1938; MATOS, 2004; PEREIRA, 2011). Porém, há unanimidade na construção da imagem do educador inteligente e do administrador competente. Em contrapartida, a abordagem acadêmica reconstrói um Lane “esquecido”, anulado na abordagem religiosa, ou seja, um homem comprometido com a educação, conhecedor da vida política, social, econômica e educacional do país. Mas, também, um homem que valoriza a cultura norte-americana, afirmando que essa era superior e que o Brasil necessitava da influência dos valores cristãos norte-americanos.

São poucos os autores que discutem a imagem do Lane missionário (A. M. A. GOMES, 2000; RIBEIRO, 1987). Acreditamos que essa representação deva ser mais explorada, pois sua ocultação na historiografia pode estar relacionada às estratégias de apagamento ou esquecimento da contribuição de Lane como missionário da Igreja Presbiteriana norte-americana. Já na historiografia, as representações sobre Lane são diferentes. Na obra de Daltro, Lane é apresentado como um incentivador da ação catequética entre os índios. Uma das representações construídas pela professora Leolinda é a imagem do apóstolo do bem. Os trabalhos recentes (E. P. ROCHA, 2002, ABREU, 2007, GRIGÓRIO, 2012; CUNHA, 2014) sobre a trajetória da professora Leolinda de Figueiredo Daltro acentuam o importante papel de Lane não apenas como incentivador, mas também como o conselheiro, o estrategista, o homem que através das suas relações de poder conseguiu movimentar seu grupo social em favor do trabalho da referida professora. Essa abordagem sobre Lane na historiografia contrapõe as representações construídas sobre ele na historiografia protestante, pelo menos na maior parte da produção.

As representações sobre Horace Lane construídas pela historiografia não são encontradas entre os autores confessionais, mostrando dessa forma uma lacuna em relação à trajetória de Horace Lane. Não se sabe ao certo se foi por falta de acesso às fontes que tais representações não foram trabalhadas entre os historiadores do protestantismo ou ainda um

certo tipo de apagamento da sua memória. Fato é que existe uma tendência de olhar Horace Lane no protestantismo dentro da cosmovisão eclesiástica e talvez isso não permita observar outras facetas. Tais representações mostram ainda que Horace Lane é uma figura ainda a ser explorada, estudada, analisada.

Por outro lado, observa-se na análise dos trabalhos, que as representações em torno do nosso objeto são ricas em adjetivações, significados, parentescos, expectativas e aproximações. Lane sempre aparece como um homem vinculado ao Mackenzie College e a Escola Americana de São Paulo. Tais instituições sobrepujam sua pessoa. No levantamento dos trabalhos e análises, percebe-se que há uma necessidade de tomar Lane como objeto principal de pesquisa, que muitas coisas em torno da sua pessoa permanecem em aberto. Dos trabalhos analisados, não há quem discuta a pessoa de Lane e a formação de rede de escolas, o que reforça a singularidade do nosso trabalho.

Nesse sentido, vale lembrar a advertência de Le Goff (2003):

Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos (p. 110).

Portanto, qual seria a razão dessa lacuna, desse hiato, espaços brancos da história de Horace Lane?

Na perspectiva da história da educação, o trabalho pioneiro de Hilsdorf (1977) e sua produção mais recente (1986 e 2009) mostram a importância das escolas americanas no processo de modernização pedagógica no Estado de São Paulo e as relações estabelecidas entre diversos grupos sociais para a solidificação de um novo ideário político, social e educacional. Mostra ainda o apoio recíproco oferecido entre a vanguarda paulista, especificamente, políticos liberais e republicanos, e os missionários americanos.

Muitos dos trabalhos na perspectiva da história da educação referendam as análises construídas por Hilsdorf, mostrando não somente a fertilidade do seu pensamento, mas a contribuição que tal análise permitiu na compreensão de uma proposta educacional que continua representando um importante objeto de análise.

No próximo capítulo, nosso objetivo é analisar o que os amigos e inimigos falam de Horace Lane nos relatórios produzidos pela Igreja Presbiteriana norte-americana, no Jornal *O Estandarte* e nas cartas da missionária Mary Parker Dascomb.

2. LUTAS DE REPRESENTAÇÕES EDUCACIONAIS NO CAMPO PRESBITERIANO: HORACE LANE NA VISÃO DE AMIGOS E INIMIGOS

No capítulo anterior, analisamos as representações sobre Horace Lane na historiografia e na perspectiva da história da educação. Neste capítulo nosso objetivo é analisar a imagem de Lane a partir do discurso dos norte-americanos (líderes presbiterianos), do discurso de Eduardo Carlos Pereira, no jornal *O Estandarte*, e do discurso constante nas cartas da sua amiga, missionária Mary Dascomb. O objetivo é perceber o que os amigos e os inimigos pensavam acerca das práticas de Horace Lane, tendo como pano de fundo as lutas de representações educacionais no campo presbiteriano, ou seja, a evangelização direta e a indireta.

Segundo Hilsdorf (2009), essas concepções faziam parte das lutas de representações no presbiterianismo brasileiro, pois não havia concordância entre os missionários norte-americanos e os pastores nacionais a respeito da evangelização indireta através dos colégios abertos.

Entendemos que parte das representações construídas sobre Lane estão vinculadas às lutas de representações realizadas no campo religioso e educacional presbiteriano. Nesse espaço social ocorreram as disputas ideológicas que reconfiguraram o campo presbiteriano, resultando no cisma de 1903. Tratava-se de disputas entre os seguidores de Eduardo Carlos Pereira, que defendiam a educação para os filhos da Igreja, no caso, a educação paroquial, e Lane que defendia os colégios abertos, ou seja, a evangelização indireta. A perspectiva de Lane teria muito mais aceitação nos círculos liberais e republicanos da Província, justamente por causa das representações que figuras, como Tavares Bastos, por exemplo, faziam acerca da cultura norte-americana (HILSDORF, 2009).

Porém, é válido acentuar que essas duas concepções educacionais estavam em plena harmonia com as diretrizes da Igreja Presbiteriana norte-americana que, como vimos, em documento³⁶ oficial, datado em 1840, elaborado por Samuel Miller e J. J. Janeway, assentava as bases educacionais da Igreja. Possivelmente, o documento norteou os posicionamentos educacionais dos missionários norte-americanos, Reverendos Simonton, Blackford, Chamberlain e outros. Os dois primeiros eram favoráveis às escolas paroquiais. Chamberlain optou pela organização de colégios abertos. Não se sabe ao certo se houve divergências entre

36 MILLER, Samuel & JANEWAY, J.J. The Christian education of children and youth. Report to the General Assembly on Christian Education. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1840. 80p.

os missionários em relação às suas opções educacionais, mas percebe-se que seus posicionamentos influenciaram mais tarde as lutas de representações educacionais no campo religioso e educacional presbiteriano.

Tradicionalmente, tem-se sustentado que as divergências entre Eduardo Carlos Pereira e Horace Lane se iniciaram em torno da não observância por parte de Lane de aspectos relacionados à vida religiosa, tais como: não frequentar cultos, não participar da celebração eucarística e outras práticas (LESSA, 1938; FERREIRA, 1959; RIBEIRO, 1981). Se a questão era tão pontual e pessoal, por que ela se estendeu por longos anos, fez partes dos Concílios da época, ultrapassou os muros da Igreja Presbiteriana no Brasil ao ser publicado no jornal *O Estandarte* e chegar ao conhecimento dos *Boards*?

Uma possibilidade de entender isso é através da análise do início da inserção do presbiterianismo no Brasil, pois os missionários não eram unânimes em relação à educação como estratégia de evangelização. Simonton e Blackford eram partidários da organização das escolas paroquiais (MATOS, 1999), enquanto Chamberlain e Horace Lane e outros defendiam a implantação dos colégios abertos (MATOS, 1999; HILSDORF, 1977; SILVA, I. B., 2010). Essas representações de certa forma influenciaram a tomada de posição dos futuros líderes presbiterianos.

Hilsdorf (2000) acentua que:

Talvez, para Simonton, a associação escola particular-evangelização estivesse bem clara desde o início, pois se diz que ele trouxe um colégio de meninos na Corte. A iniciativa ao que parece não se concretizou, mas ele lecionou durante dois anos em outra instituição do interior da Província do Rio de Janeiro até que voltou para os Estados Unidos. Entretanto, se continuam válidas as colocações da bibliografia sobre a política educacional da Igreja Presbiteriana do Norte, então Simonton teria preferido apoiar o princípio da educação universal sendo realizado nas próprias escolas públicas, evitando esse espaço de confronto com a Igreja Católica: o da privada. Essa linha de orientação encontraria mais à frente seus contestadores, que desenvolveram outras práticas evangelizadoras e educacionais no interior do próprio presbiterianismo, divergência que tem sido apresentada como uma das matrizes dos problemas que afetam a igreja nas últimas décadas do século XIX (p. 48).

Se de fato, as lutas de representações educacionais foram as matrizes dos problemas que afetaram a Igreja Presbiteriana no Brasil nas últimas décadas do século XIX, pode-se afirmar que tais lutas se agravaram na pessoa de Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira. Neles temos dois modelos educacionais bem diferentes e que foram decisivos para os conflitos internos no campo presbiteriano brasileiro. Vale ressaltar nas palavras de Bourdieu (2000), que as lutas em qualquer campo são lutas pela dominação. Os agentes sociais lutam por uma posição no campo que legitima sua dominação. Neste sentido, há vestígios de que a postura adotada por Eduardo Carlos Pereira representava o seu desejo de ser superintendente da obra

educacional presbiteriana e diretor do Mackenzie College. Portanto, é válido dizer que a análise de Hilsdorf, sem dúvida, contribui para entender que os problemas em torno das lutas de representações educacionais marcaram o campo educacional presbiteriano nas últimas décadas do século XIX e culminaram no cisma de 1903. O que reforça a ideia de que não havia unanimidade em torno da proposta evangelizadora dos presbiterianos e isso de certa forma prejudicava as ações nesse sentido, uma vez que os próprios agentes estavam em conflito e lutavam por um lugar privilegiado no campo presbiteriano.

Esse eixo interpretativo de certa forma ajuda-nos a entender muito das representações construídas acerca de Horace Lane analisadas no capítulo primeiro. Para nós, os conflitos entre ele e Eduardo Carlos Pereira estavam além das questões relacionadas à espiritualidade do diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. As disputas giravam em torno da dominação do campo educacional presbiteriano e o interesse em ocupar os cargos de Horace Lane. A questão da espiritualidade é uma espécie de subterfúgio que escondia as reais intenções dos agentes sociais que lutavam por um lugar de dominação no campo educacional. Desmerecer ou desqualificar um agente social faz parte das estratégias de dominação de qualquer campo (BOURDIEU, 2007a), constitui uma espécie de violência simbólica contra o outro.

Segundo Ferreira (1992), os conflitos entre Lane e Pereira foram evidenciados desde a sua nomeação à direção da Escola Americana de São Paulo. Nessa linha de pensamento, o autor afirma que Pereira não combatia a capacidade intelectual do novo diretor da escola, mas a falta de hábitos de piedade. Porém, o problema também girava em torno da localização do Seminário para a formação de futuros pastores. Situação discutida em reunião do Sínodo de 1888, que resolveu transferir o Seminário para Campinas. Mais tarde, o Sínodo de 1893 resolveu criar novamente um curso de formação teológica em São Paulo, sob a direção de Eduardo Carlos Pereira, Bento Ferraz e o presbítero Remígio de Cerqueira Leite. Uma das justificativas estava relacionada ao deslocamento dos professores de São Paulo a Campinas. Um desses professores era Eduardo Carlos Pereira, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Essa resolução fazia parte do chamado “Plano de Ação” elaborado por Pereira. Esse Plano contemplava a criação do Seminário Teológico em São Paulo e a criação do jornal O Estandarte, em substituição ao jornal A Imprensa Evangélica, criada pelo Rev. Simonton.

Eduardo Carlos Pereira torna-se o redator principal desse jornal e, como veremos mais adiante, fará desse veículo de comunicação o campo de discursos contra seus adversários e de defesa de suas ideologias. Nas páginas do Estandarte, jornal criado, segundo seus redatores, para a evangelização do Brasil, publicam-se os conflitos existentes em torno da educação, do

Seminário Teológico, do Mackenzie College e outros assuntos que faziam parte das lutas de representações dos presbiterianos.

Em 20 de dezembro de 1892, o Presbitério apresenta o seguinte manifesto:

Prezado Sr. e irmão: sabendo que sois grandemente interessado na evangelização de nossa Pátria, e até certo ponto responsável pelo trabalho aqui, julgamos que tínheis o direito de conhecer nossa atitude para com os missionários em São Paulo, bem como os nossos motivos. Eis por que nós enviamos nosso “Manifesto”. Fomos constrangidos a dar esse passo abertamente contra o Dr. Horace Lane e o Rev. Waddell, por isso que estamos persuadidos, que eles farão muito mal a nossa Igreja, estando, como estão, moralmente incapacitados de cumprir o nobre trabalho para o qual foram enviados a este lugar.

Quanto ao Dr. H. Lane, a Sessão da Igreja começou, afinal, a proceder prudente e caridosamente contra ele, com o fim de por diante e remover, se possível, toda a ofensa, como podeis ver da cópia inclusa da ata da Sessão. Porém, em vista da atitude do Presbitério de São Paulo e o novo estado de coisas, a Sessão julgou prudente parar, a fim de não ser suspeitada de espírito de perseguição.

O Sr. Waddell, infelizmente, por seu procedimento dúbio no caso Vanorden, despertou e confirmou as suspeitas que o tornaram impróprio para um lugar em nosso Seminário Teológico (Man., págs. 15, 20). Julgamos, portanto, que a permanência desses dois homens seja desastrosa não somente ao Colégio Protestante, porém à evangelização de nossa Pátria (FERREIRA, 1992, p. 385).

Segundo Ferreira, a consequência desse manifesto foi a demissão de dois professores da Escola Americana de São Paulo ligados a Eduardo Carlos Pereira, Prof. Remígio de Cerqueira Leite e professora Adelaide Molina. Ambos eram membros da Igreja pastoreada por Pereira (p. 386). Segundo o autor, o Terceiro Sínodo (1894) foi turbulento. A reunião conciliar foi presidida pelo Rev. Chamberlain, porém nova mesa foi composta: Trajano, moderador; Kyle, vice-moderador; Joaquim Ribeiro, 1º secretário; Benedito F. de Campos, 2º secretário. A questão da localização do Seminário Teológico retornou nesse Sínodo, tomaram a decisão de transferir o Seminário para São Paulo até encerrar o problema de febre amarela em Campinas. Segundo Ferreira, a permissão de vir o Seminário para São Paulo, mesmo provisoriamente, significava a vitória do Plano de Ação elaborado por Eduardo Carlos Pereira.

Para os *Boards*, o Seminário era um produto da rivalidade para com o Mackenzie College. Era desejo do Mackenzie prestar concurso à formação de ministros presbiterianos. Ferreira (1992) pontua que não estavam em jogo apenas as questões pessoais, mas também duas concepções educacionais: uma que se denominava evangelização direta e a outra, evangelização indireta. A igreja estava dividida sob essas duas ações missionárias. Ferreira transcreve o seguinte protesto dos que eram favoráveis à questão das escolas:

Concordando de todo o coração com a resolução do Sínodo a respeito da necessidade absoluta de Escolas Paroquiais onde houver igreja, e o dever indeclinável e imperioso de promover o trabalho de educação e preparação de um ministro que supra, com os meios de graça, os muitos campos abertos em todo o

território de nosso Sínodo, somos, todavia, forçados a protestar enérgica e categoricamente contra os considerandos 2, 3, e 4, que visam a retirar o auxílio das nossas Igrejas-Mães aos grandes colégios, internatos, etc., etc. Não podemos concordar no parecer que tais institutos não concorrem direta e poderosamente para a pregação da fé e preparação de um ministério evangélico. Ao contrário, somos de parecer que, se as Igrejas-Mães não tivessem tido a lembrança de estabelecer tais instituições, ou se, deixarem, no futuro, de contemplá-las no auxílio que quiserem prestar-nos, a Igreja-Filha será forçada a suprir a lacuna fatal entre as Escolas Paroquiais e o Seminário, com o dispêndio de quantias avultas em colégios, internatos, etc., etc., com prejuízo dos Fundos das Missões Nacionais e conseqüente embaraço dos métodos mais diretos de que a fala a resolução. Acresce que este Sínodo, no ano de 1891, agradeceu cordialmente aos Trustees do Protestant College o grande interesse na educação superior, manifestado na sua resolução de estabelecer um curso superior [...] e disse: O Sínodo, pois, faz ardentes votos para que tal resolução seja em breve uma realidade, visto como a realização de um tal projeto vem satisfazer uma necessidade urgente, e será uma força potente de Evangelização deste país (ATAS DO SÍNODO, 1897, p. 59 apud FERREIRA, 1992, p. 419).

O protesto foi assinado por Chamberlain, Lenington, Menezes e Bardal. O documento oficial da Igreja Presbiteriana oferece-nos uma ideia do clima de rivalidade e disputa de poder que pairava no campo religioso presbiteriano sobre a questão educacional. Pode-se observar isso nas palavras daqueles que eram contrários à ideia da evangelização indireta através dos grandes colégios:

Os considerandos protestados não são baseados em ideias abstratas nem condenam o ensino superior, antes baseiam-se em nossa experiência de mais de 25 anos, sob a influência de métodos indiretos de evangelização, pois no Brasil não existe atualmente nem um ministro que comprove esta declaração. Quanto aos resultados na evangelização, a experiência nos ensina que a conexão de tais estabelecimentos com as igrejas lhes tem causado profundas amarguras e tem servido até de escândalo. Quanto à recomendação do Sínodo em 1891, citada no Protesto, temos a contestar o seu valor como argumento. Aquela recomendação era uma resposta delicada a um ofício dirigido ao Sínodo pela Diretoria do Protestant College, que anunciava o propósito de estabelecer um curso superior em São Paulo. O Sínodo não podia senão desejar que tal empresa fosse realizada, como elemento de cooperação com a Igreja no Brasil. A experiência dos 6 anos passados, presenciando os frutos de tal instituição, contribui em grande parte para que o Sínodo adotasse a resolução protestada, e nesta resolução permanece (ATAS DO SÍNODOS, 1897, p. 69-70 apud FERREIRA, 1992, p. 419).

O contraprotesto foi assinado por Smith, Carvalho Braga e Pereira. Esse debate aconteceu no Sínodo de 1897 e resultou na “célebre” “Moção Smith”. Esse contexto nos ajuda a entender que de fato existiam lutas de representações no campo presbiteriano. Leonard (1981) pontua que a referida Moção foi assinada por cinco missionários americanos, sendo quatro sulistas: Smith, Henderlite, Wn. C. Porter e A. Allyn, e um nortista: Kyle, que na ocasião era presidente do Seminário e moderador do Sínodo. Dos que combateram a Moção, boa parte estava envolvida com a direção de colégios.

Tradicionalmente, afirma-se que Chamberlain deixou a direção da Escola Americana em São Paulo aos cuidados de Lane para dedicar-se mais a sua obra pastoral, ou seja, à

evangelização direta (MATOS, 2004). Porém, segundo Nascimento (2007), Chamberlain foi nomeado em 1892 pelo Presbitério do Rio de Janeiro para trabalhar em Salvador e em 1896 montou em Feira de Santana uma escola primária. Isso nos faz problematizar a razão pela qual deixou a Escola Americana de São Paulo aos cuidados de Lane, alegando que se dedicaria melhor ao trabalho pastoral. Seria de fato essa razão?

Pelo que podemos entender, Chamberlain continuou com seu trabalho educacional, segundo aponta Nascimento (2007). Talvez sua saída possa se justificar pelo próprio contexto das lutas de representações educacionais no campo presbiteriano. Mas, como podemos observar, participou ativamente da organização do Sínodo em 1888, sendo eleito “missionário sinodal”. A saída de Chamberlain da missão de São Paulo de certa forma enfraqueceu o campo missionário, pois era um dos últimos representantes dos missionários pioneiros da Igreja Presbiteriana norte-americana que defendia a educação como meio de evangelização indireta. Sua saída facilitou mais tarde a projeção no campo presbiteriano do Rev. Eduardo Carlos Pereira, a quem Chamberlain havia conduzido a profissão de fé³⁷ em 1875 (LÉONARD, 1981)³⁸.

Porém, neste contexto, Lane ampliava desde 1888 sua ação educacional, com a criação do Mackenzie College e a formação de uma rede de escolas. Tal postura contrariava a decisão do Sínodo, principalmente, o de 1897, que tomou a resolução definitiva de não mais investir na evangelização indireta, ou seja, através dos colégios abertos (FERREIRA, 1992). Neste sentido, percebe-se que Lane não se submeteu ao modelo de representação educacional imposta pelos agentes sociais do campo presbiteriano. Vale ressaltar que o Sínodo de 1888 constituiu a criação do Colégio Protestante e de uma comissão intitulada *Trustees* (Curadores), vinculada à Universidade de Nova Iorque, que supervisionaria o trabalho educacional de Horace Lane. Segundo Atique:

O motivo central do relacionamento entre a Escola Americana de São Paulo e a universidade nova-iorquina era o fato de esta universidade exercer o papel de controladora de academias educacionais, neste estado americano, desde a década de 1870, quando, a partir de leis governamentais, foi criada a Board of Regents of the University of New York. Mas, o mais importante foi a descoberta de que, com o incremento do número de instituições educacionais de nível superior nos Estados Unidos, a USNY passou a controlar não apenas as escolas circunscritas ao estado de New York, como as instituições estrangeiras que quisessem equiparação de

37 Forma de inserção de uma pessoa no presbiterianismo. É um ato solene feito em culto público, em que o candidato faz declarações de fé de acordo com as perguntas levantadas por um ministro (pastor). Consultar: SCOLLER, James. *A Manual of the Presbyterian Church of the North America. 1751-1887.* United Presbyterian Publication. 1887. 732p.

38 Este autor, interpretando a inserção do presbiterianismo no Brasil, analisa o movimento missionário norte-americano no Brasil como uma continuidade da Reforma Protestante na Europa do século XVI. Chega a afirmar que o Rev. Chamberlain é o novo Calvino do Brasil (p.137).

diplomas, como seria o caso da escola paulistana, e era o caso dos apontados colégios em Beirute e em Istambul (2007, p. 162).

O diretor da Escola Americana, com a criação do Colégio Protestante, ampliou a ação educacional dessa instituição. A estratégia de vinculação com a Universidade de Nova Iorque daria maior credibilidade a sua instituição entre as elites paulistas que desde a origem da Escola Americana de São Paulo reforçavam as representações educacionais dessa instituição (HILSDORF, 2009). Se as representações entre os representantes políticos da elite paulista reforçavam a pedagogia americana como uma das melhoras propostas pedagógicas, a sua vinculação também ajudaria a atrair os clientes necessários para o Colégio Protestante.

A partir desse período, Lane contava com o apoio do capital estrangeiro para colocar em prática sua proposta educacional, ou seja, a formação de rede de escolas. A decisão do Sínodo em não mais utilizar a educação como forma de evangelização indireta de certa forma foi benéfica para suas iniciativas educacionais. A reconfiguração do campo educacional presbiteriano efetuada pelo Sínodo fez com que Lane buscasse apoio internacional às suas propostas, fortalecendo de certa forma sua posição no campo. Porém, isso não evitou que as lutas de representações continuassem. Talvez porque houvesse nas entrelinhas outras aspirações da parte dos adversários de Lane, ou seja, assumir o comando da obra educacional sob a sua responsabilidade.

O Sínodo de 1888 favoreceu as iniciativas de Lane com a criação do *Trustees* (Curadores). Esses financiavam as ações educacionais de Lane no Brasil, enquanto a Igreja Presbiteriana norte-americana daria apoio financeiro para alguns missionários que ajudassem no processo educacional. Isso vai ficar evidente no acordo celebrado entre os *Boards*, os *Trustees* e os dirigentes do Mackenzie College (MACKENZIE COLLEGE, AGREEMENT BETWEEN BOARD AND COLLEGE, 13 DE ABRIL DE 1895).

Com isso em mente, chamamos a atenção para os tópicos seguintes, pois nos ajudam na compreensão das representações acerca de Horace Lane construídas pelos agentes sociais que apoiavam sua proposta educacional e pelos agentes sociais que competiam pela dominação do campo educacional. No centro dessas disputas estavam as lutas de representações de dois modelos educacionais, a educação paroquial, para os filhos da igreja, e a educação através dos colégios abertos, voltada para a sociedade.

2.1 Horace Lane na visão da Igreja Presbiteriana norte-americana

Horace Lane no período de trabalho educacional no Brasil estava ligado à Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos. Neste tópico, apresentamos algumas imagens,

sentidos e significados que os líderes dessa Igreja construíram sobre Horace Manley em seus relatórios. As fontes primárias utilizadas são os relatórios elaborados pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos para a Assembleia Geral: *Annual Report³⁹ of the Board Mission on the General Assembly of the Presbyterian Church in the EUA*. Entre os anos de 1850 e 1920 foram publicados 50 relatórios para a referida Assembleia Geral. Para este trabalho, separamos os relatórios de 1884-1912, período que contempla a participação de Horace Lane na direção da Escola Americana de São Paulo e no Mackenzie College.

Em trabalho anterior (2010), afirmamos que em 1858 a Igreja Presbiteriana norte-americana tomou a resolução de “ocupar o território brasileiro” através da proposta missionária encaminhada pela Junta de Missão Estrangeira da USA (*Foreign Mission*), que tratava de assuntos ligados à expansão missionária em várias localidades do mundo. Nesse período, a Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos já havia implantado o presbiterianismo em várias regiões do globo: China, Japão, Índia e países da África e América Latina (FOREIGN MISSION, 1858).

É válido, portanto, entender que a ação missionária da Igreja Presbiteriana dos EUA era um movimento muito mais amplo. De certa forma, os presbiterianos norte-americanos seguiram a estratégia missionária e educacional dos jesuítas (LEONARD, 1981). Gruzinski (2001), ao discutir a questão da Monarquia Católica, chama de dilatação planetária do espaço ocidental. Tal como o catolicismo se fez presente no Brasil em lugares afastados no espaço e na história, o presbiterianismo seguiu um caminho muito parecido. Esse expansionismo planetário ampliou os horizontes do protestantismo norte-americano. Em várias localidades e quase ao mesmo tempo, os americanos descobriram e enfrentaram tradições, culturas e heranças que não tinham conexão direta com os Estados Unidos.

Nas análises de Gruzinski, o fenômeno de planetarização pode ser observado em âmbitos tão diversos como o urbanismo, a literatura, o direito. Isto é aplicável ao presbiterianismo no Brasil. Os missionários norte-americanos no Brasil estabeleceram várias estratégias expansionistas através da imprensa, literatura, música, religião, educação, ideias pedagógicas, entre outras. Mendonça (2008) denominou essa expansão de “Destino Manifesto”. Essas ações estabeleceram conexões entre os EUA e vários países. O que pode sugerir outras análises na perspectiva da história comparada.

Para o trabalho que propomos, separamos apenas os relatórios que mencionam Horace Lane, com o objetivo de perceber que representações os líderes da Igreja norte-americana

39 Os relatórios da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados podem ser consultados no site: <www.archive.org>.

tinham sobre ele e se essas representações foram apropriadas pela historiografia protestante ou não. Centramos a atenção nos relatórios que delimitam o período de atuação de Horace Lane na Escola Americana e no Mackenzie College, ou seja, de 1885 a 1912.

No relatório de 1884, referente ao ano de 1883, ainda não temos menção de Horace Lane, visto que recebeu o convite do Rev. Chamberlain para assumir a direção da Escola Americana de São Paulo em 3 de novembro de 1884 (RIBEIRO, 1987). Porém, podemos ter uma visão de como estava o presbiterianismo no Brasil naquele ano. A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos tinha no Brasil 24 Igrejas: Rio de Janeiro, São Paulo, Brotas, Lorena, Sorocaba, Borda da Mata, Petrópolis, Bahia, Rio Novo, Rio Claro, Caldas, Machado, Cruzeiro, Dois Córregos, São Carlos do Pinhal, Cachoeira, Campos, Araraquara, Faxina, Lençóis, Ubatuba, Cabo Verde, Areado e Guareí (ANNUAL REPORT, 1884, p. 37). No mesmo quadro estatístico⁴⁰ aparecem as cidades que tinham escolas:

Quadro 1 - Dados estatísticos por localização de escolas presbiterianas no Brasil em 1883

Igreja	Escolas	Professores	Alunos
Rio de Janeiro	1	1	--
São Paulo	1	7	158
Sorocaba	1	2	35
Rio Novo	1	1	15
Rio Claro	1	3	100
Dois Córregos	1	1	20
Campos	1	3	21
Lençóis	2	2	40
Total	9	20	389

Fonte: ANNUAL REPORT, 1884

Nesse período, havia, no total, nove escolas apresentadas pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. No relatório a cidade do Rio de Janeiro encontramos o número de escolas e professores, mas não o número de alunos. Como podemos ver, a escola de São Paulo tem uma quantidade maior tanto de professores como de alunos. Chama-nos a atenção também a existência de duas escolas em Lençóis, somando o total de 40 alunos matriculados. A cidade de Rio Claro tem 100 alunos matriculados, a escola de Sorocaba 35. Das 24 igrejas, apenas 8 têm escolas. De acordo com o relatório, as escolas totalizavam 389 alunos e 20 professores.

40 Mendonça (2008) ao discutir a presença protestante no Brasil, acentua que os dados estatísticos nos relatórios dos missionários norte-americanos não eram muito impressionantes. Para o autor, é preciso considerar as dificuldades da época, e os problemas naturais de uma religião que procurava espaço na sociedade, que além de ser estranha, era predominantemente católica, portanto, culturalmente enraizada nessa religião. Ver: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Celeste Porvir: inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2008, 372p.

Não há menção nenhuma de Horace Lane nesse relatório. As escolas de São Paulo e Sorocaba não eram escolas paroquiais, as demais seguiam o modelo de escolas paroquiais.

Nota-se que a Igreja nesse período seguia as orientações observadas pelo Rev. Simonton⁴¹, organizadas no documento *Os meios próprios para plantar o Evangelho de Jesus Cristo no Brasil* (RELATÓRIO AO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, 1867). Um dos aspectos apontados por ele era o estabelecimento de escolas para os filhos dos membros da Igreja. Ribeiro (1981, p.184) afirma que para Simonton, “o valor da educação está vinculado à nova vida espiritual evangélica”.

A presença de escolas junto às Igrejas pode sugerir que já se tratava de uma rede de escolas? Acreditamos que não. Como já pontuado, tratava-se muito mais de iniciativas individuais dos missionários, conforme sugeriu Hilsdorf (2009). Mas, também de fiéis como pontua Ribeiro, “os fiéis tomam a iniciativa de edificar sua escola, a expensas próprias; pagam professores e em muitos casos vão à noite, após o dia árduo na roça, estudar as lições que ocuparam seus filhos durante o dia (1981, p. 190). A preocupação dos missionários pioneiros era utilizar a educação como forma de auxiliar os fiéis na leitura da Palavra de Deus (MENDONÇA, 2008), pois entre os obstáculos para o progresso do Evangelho no Brasil, segundo o Rev. Alexander Blackford: era a falta de instrução e o pouco desenvolvimento intelectual das pessoas, principalmente, das camadas desfavorecidas (RELATÓRIO AO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO, 16/07/1867).

Em 1888, Lane ganhava força no campo presbiteriano, quando a Missão aprovou as Regras para a administração da Escola de Treinamento de São Paulo, que dizia:

Nomeia-se o Dr. Horace Lane Diretor do Departamento Acadêmico da Escola de Treinamento de São Paulo, incluídos os seus ramos; todos os seus ramos; será responsável pelo Internato dos Rapazes; Miss Kuhl pelo Internato Feminino, e McLaren será Diretor, com total responsabilidade, do Departamento Teológico. Os Diretores acima nomeados, juntamente com os senhores Howell, Chamberlain, Kyle e Carvalhosa, constituirão a Junta Diretora, durante o ano em curso. O Diretor do Departamento Acadêmico terá controle completo do sistema de instrução e método de ensino; o ensino religioso e os exercícios estarão sujeitos à aprovação da Junta diretora. Exceto em casos extraordinários, somente se empregarão professores que sejam cristão professos, e se harmonizaram com os objetivos da instituição. Alunos que recebem auxílio da Missão devem apresentar recomendação escrita, assinada pelo pastor ou pela Sessão da Igreja de que eles ou seus pais sejam membros, ou sob cuja recomendação tenham vindo para a escola. Todos os alunos gratuitos a se matricularem no externato (Day School) devem apresentar recomendação da Sessão da Igreja de São Paulo. Dar-se-á preferência a filhos de famílias cristãs, especialmente de pastores nativos, para aceitação gratuita nos Internatos.

41 Já acentuamos, neste trabalho, que a opção educacional de Simonton era pelas escolas paroquiais.

Nenhum aluno gratuito terá gratuidade por mais de um semestre senão com recomendação do Diretor, com direito a recurso à Junta Diretora.

A Missão retirará seu sustento a alunos cujas notas estejam abaixo da média.

Cancelar-se-á a gratuidade aos externatos que tenham mais de quatro dias de ausência por mês, exceto no caso de doença, ou razão que o Diretor considere satisfatória. Na aplicação desta regra, três comparecimentos com atraso equivalerão a uma ausência.

Exceto em casos muito excepcionais, não haverá mais que um interno gratuito da mesma família.

Não se receberá como gratuito interno cujos pais residam em São Paulo, exceto por deliberação especial da Junta Diretora.

No internato Feminino apenas se admitirão as alunas e as professoras.

Todos os assuntos relativos à recepção e à continuação de alunos com auxílio financeiro da Missão estarão sujeitos à deliberação da Junta Diretora (MINUTES OF THE BRAZIL MISSION, 1888 apud RIBEIRO, 1987, p. 49-50).

Para Ribeiro, tais regras seriam o divisor de águas entre a escola planejada em 1872, pelo Presbitério - uma escola primária, com extensão para formar os mestres das escolas paroquiais presbiterianas e os pastores da Igreja – e o futuro Colégio Protestante, o Colégio dos sonhos de Morton e Chamberlain. O mesmo autor diz que o documento foi elaborado por McLaren e Howell e sugere que Lane participou da elaboração das regras que norteariam a vida educacional da Escola Americana de São Paulo. O fato é que tais regras fortaleceram a posição de Lane no campo educacional presbiteriano e sua imagem de missionário.

Seguindo as análises de Ribeiro (1987), Lane propõe à Junta de Missão (Board) norte-americana em 1889 a centralização administrativa de todo o trabalho escolar da Brazil Mission. A proposta foi aceita e a partir dessa data ele passa a responder pelo trabalho educacional da Missão norte-americana e não somente como diretor da Escola Americana. O controle sobre o campo educacional da Brazil Mission daria plena autonomia para Lane colocar em andamento seus planos educacionais.

No relatório de 1886, ano de referência 1885, temos pela primeira vez a menção de Horace Manley Lane:

O trabalho nesta estação é grande e variado, por conta da escola de missão estar localizado lá, e também a questão da Imprensa Evangélica, mas o grupo de trabalhadores também é relativamente grande. Antes do encerramento do ano o Rev. M.P.B. de Carvalhosa, pastor em Campos, a seu pedido, foi removido por um ano para São Paulo [...] A força do trabalho aumentou ainda mais com chegada dos Estados Unidos de H. M. Lane, MD, quem, a convite do Rev. Mr. Chamberlain, foi lá para ajudar no trabalho da escola. Tendo sido antes professor no Brasil, o seu conhecimento do idioma Português permitiu-lhe realizar de uma só vez a supervisão da escola. Mr. Chamberlain, portanto, está muito aliviado do fardo que estava exigindo muito sua atenção (ANNUAL REPORT, 1886, p. 48, tradução nossa).

Na primeira menção sobre Horace Lane, o relatório afirma que ele foi convidado por Chamberlain para assumir a supervisão da escola. Informação essa frequentemente mencionada na historiografia. Desde 1875, Chamberlain solicitava à Missão um diretor para a

Escola, pois desejava dedicar-se exclusivamente à pregação do Evangelho (RELATÓRIO DO RIO DE JANEIRO, 10/08/1875).

A Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos atribui o sucesso da missão em São Paulo à escola e à Imprensa Evangélica. Para eles, a missão ganhou mais força com a presença de Lane à frente da escola. Apresenta Lane como um conhecedor do Brasil, como professor e conhecedor da língua portuguesa, o que talvez para eles favorecesse o contato com os alunos brasileiros e aumentaria a probabilidade de a escola crescer numericamente. Nesse ano de transição, a escola contava com 160 alunos de ambos os sexos e 8 professores. Aumento de dois alunos em relação ao ano anterior. Se a missão via com bons olhos a presença de Lane na direção da Escola Americana de São Paulo, Blackford não pensava a mesma coisa, pois o novo diretor não era presbiteriano (RIBEIRO, 1987).

Segundo a historiografia, Lane havia estado no Brasil pela primeira vez em 1858 (GOLDMAN, 1972). Foi amigo de Simonton e ouvinte de suas pregações (RIBEIRO, 1987), mas até o momento da sua nomeação não era membro da Igreja Presbiteriana. Se para o Rev. Chamberlain seu nome representava uma boa nomeação para dirigir o futuro da Escola Americana, para Blackford seu nome representava um problema. A solução dada por Chamberlain foi convencê-lo a professar a fé presbiteriana. Segundo Ribeiro (1987), isso ocorreu em 24 de agosto de 1885, ocasião em que foi batizado pelo Rev. Blackford. Pelo que tudo indica, Chamberlain, estrategicamente, conseguiu contornar o problema levantado pelo missionário e pastor Blackford.

O relatório também cita Miss Ella Kuhl, mencionando que aquele tinha sido um ano próspero, de crescimento e de expansão estruturais da escola:

Prosperidade sem precedentes no trabalho escolar, por isso devemos dar graças ao Grande Doador de todo o bem. Referindo-se à influência externa, ela [Miss Ella Kuhl] acrescenta: 'Nós tivemos uma luta difícil, e os nossos inimigos são uma legião; mas aquele que é por nós é maior do que todos aqueles contra nós, e nossa escola está em constante crescimento, com as melhores pessoas' (ANNUAL REPORT, 1886, 36, tradução nossa).

De fato, não apenas a escola de São Paulo crescia. No ano de 1885, o número de escolas protestantes saltou de 13 para 19, somando 32 professores e 553 alunos. Um aumento de 45% de alunos nas escolas protestantes naquele ano. A missão contava agora com 32 igrejas espalhadas pelo Brasil. Além das cidades acima mencionadas na tabela, foram organizadas igrejas em Fundão, Tibagy, Laranjeiras, Pirassununga, Itapetininga, Botucatu e uma nova Igreja no Rio de Janeiro (ANNUAL REPORT, 1886, p. 53). Dessas novas cidades,

apenas Pirassununga e Botucatu tinham escolas. Foram organizadas mais 3 escolas em Dois Córregos e 2 escolas em Botucatu.

No relatório de 1887 aparece o quadro de missionários enviados de 1886 a 1887. O quadro traz o nome de vários missionários espalhados por várias regiões do mundo. No Brasil, o missionário enviado nesse ano é Horace Lane (ANNUAL REPORT, 1887, p. 8). Essa representação de Lane como missionário não é muito trabalhada na historiografia protestante. As abordagens são tímidas ao tratar Lane como missionário (FERREIRA, 1992; RIBEIRO, 1981; MATOS, 2004)⁴². Acreditamos que a ausência da análise dessa representação do missionário na historiografia protestante possa ser uma forma de anular a legitimação de Lane no campo presbiteriano. A maioria dos autores citados não se aprofunda em sua ação missionária, acentuando muitas vezes sua qualidade como educador em detrimento da sua nomeação como missionário pela Igreja Presbiteriana norte-americana. Talvez uma das causas seja o desejo de não colocá-lo em pé de igualdade com os missionários pioneiros, tais como Simonton, Blackford, Chamberlain e outros, uma vez que Lane não tinha nenhuma formação teológica.

Uma outra possibilidade hermenêutica estaria nas lutas de representações no campo educacional presbiteriano, ou seja, a representação de Lane educador seria muito mais tratável e aceitável na historiografia do que um Lane missionário em meio a disputas, problemas e conflitos que geraram o cisma de 1903. Então é muito mais conveniente colocar um educador no centro da polêmica no campo presbiteriano do que um missionário, pois isso de certa forma colocaria em evidência um presbiterianismo conflituoso, não homogêneo e harmonioso dentro da linha interpretativa de que a inserção deste movimento no Brasil seguia os moldes do movimento Reformado do século XVI, como interpreta (LÉONARD, 1981; HACK, 2002). Tendenciosa ou não, essa lacuna sobre Lane como missionário representa um desafio para a historiografia.

De qualquer forma, para a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos ele era missionário, diretor da Escola Americana e supervisor da obra educacional em São Paulo. Seu lugar de poder, independente das lutas no campo presbiteriano, reforçava a sua importância para o fortalecimento educacional. Goldman (1972) afirma que Lane se tornou um dos líderes mais destacados do ensino brasileiro.

42 A. M. Gomes é um dos poucos autores protestantes que pontuam a representação de Lane como missionário. Ver: GOMES, Antônio Maspoli de Araújo. **Religião, educação e progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870-1914**. São Paulo, 2000.

Observa-se ainda no relatório que o número de igrejas permaneceu o mesmo naquele ano. Houve um aumento no número de escolas, de 19 para 21, em relação ao ano anterior, o número de professores aumentou para 35 e houve uma diminuição no número de alunos de 553 para 518. A escola de São Paulo também sofreu um decréscimo, de 160 alunos para 130. Ao mencionar a escola de São Paulo, o relatório aponta que existia um conflito com o catolicismo, talvez na tentativa de justificar a diminuição de alunos na referida escola. Esse relatório explica quem eram os inimigos da ação presbiteriana no Brasil mencionados no relatório anterior. Havia uma ala no campo presbiteriano que acreditava que os católicos eram pagãos e que deviam ser evangelizados ao presbiterianismo. O anticatolicismo serviu de elemento aproximador com agentes que formavam a elite republicana, pois eram anticlericais e viam no catolicismo elementos que reforçavam uma sociedade atrasada. Agentes ligados à Maçonaria também apoiavam as iniciativas protestantes em razão da oposição ao catolicismo (HILSDORF, 1977; VIEIRA, 1980; MENDONÇA, 2008; SILVA, I. B., 2010).

No relatório de 1888 o nome de Lane é descrito como um excelente administrador, mas, indica que está desencorajado. O redator diz que não existem razões para ele estar desanimado, visto que desde seu ingresso na administração a escola teve um novo rumo em todos os sentidos. Não sabemos ao certo as razões pelas quais Lane se encontrava desanimado. Tudo leva a entender que talvez fosse o clima de hostilidade que se estabeleceu entre ele e o Rev. Eduardo Carlos Pereira. Como vimos, no ano anterior a escola sofreu um decréscimo e uma oposição por parte do catolicismo, segundo a missionária Ella Kuhl. A oposição do catolicismo é novamente acentuada nesse relatório (p. 49). Além disso, parece que Lane estava em conflito com a proposta educacional de atender os filhos da igreja. Ele afirma que apesar de ter o Catecismo e a Palavra de Deus, nenhum esforço fora feito para se obter mais alunos. Talvez a Igreja Presbiteriana norte-americana não estivesse fazendo o investimento desejado pelo educador. As disputas do campo educacional presbiteriano já estavam em pleno andamento nesse período (MATOS, 2004; FERREIRA, 1992, ABREU, 2003).

No relatório de 1888, referente a 1887, de fato pode-se observar que houve uma diminuição no número de alunos das escolas mantidas pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, de 518 alunos foi para 492. O número de escolas diminuiu de 21 para 18. Em relação à escola de São Paulo houve um aumento de 130 alunos para 170. Neste sentido, não haveria razão para o descontentamento de Lane do ponto de vista da sua administração escolar, porém, como já mencionado, o início dos conflitos entre ele e Eduardo Carlos Pereira pode justificar seu desanimo.

O relatório de 1889 traz as seguintes palavras de Lane:

Eu sou mais uma vez o único responsável pelo trabalho missionário neste momento, e, como editor da Imprensa Evangélica, estou em comunicação com todos os pontos de campo. Os relatórios são mais animadores. Há geral apoio nas igrejas nativas em matéria de honestidade e auto-sustentação. Um sentimento mais saudável para a propaganda protestante como uma força legítima na sociedade é visível em todas as fileiras, na imprensa e no Congresso. O trabalho cresce visivelmente. A demanda para mais trabalhadores é uma carga constante sobre os corações dos poucos aqui. O número de trabalhadores, em vez de aumentar, é, infelizmente, decrescente, e de causas naturais. Lamento ter de dizer também que é decrescente na eficiência de situações que deveriam ser evitadas. Há uma quantidade de excesso de trabalho que é desastroso para a missão (ANNUAL REPORT, 1889, p. 43, tradução nossa).

Lane se apresenta como editor do jornal *Imprensa Evangélica*. E, como tal, obtinha uma noção do trabalho protestante em várias partes do Brasil. Parece um Lane diferente do relatório anterior. Ribeiro (1987), ao fazer menção sobre a participação de Lane na *Imprensa Evangélica*, pontua que ele seria um editor-associado e o editor-responsável seria o Rev. McLaren, que estava ligado diretamente a Lane. Observa-se que nesse relatório, Lane se mostra mais animado com o crescimento do trabalho presbiteriano no Brasil. Porém, acentua a sobrecarga que recaía sobre os trabalhadores e indica que isso seria desastroso. Como editor do jornal, afirmava que era preciso melhorar a editoração para uma melhor comercialização e ter um homem exclusivo como editor (p. 44). Percebe-se que devagar Lane vai impondo sua visão estratégica e reorganizando as ações da Igreja Presbiteriana no Brasil.

No mesmo relatório, em relação à educação, Lane sugere a criação de uma faculdade regular a exemplo dos Estados Unidos, Beirute e o Robert College (p. 45). O que de fato aconteceu, como já vimos anteriormente. Isso colocava a Escola Americana em conexão com a Universidade de Nova Iorque e possivelmente atrairia um maior número de pessoas interessadas pela formação pedagógica norte-americana.

De agora em diante Horace Lane vai lentamente, assumir a liderança do trabalho educacional da Missão e a liderança da própria Missão. Seus planos escolares ocuparão, nos próximos anos, mais páginas de Atas que os relatórios e planos evangelísticos de todos os outros missionários; sua personalidade se voltará inflexivelmente para a introdução, na sociedade brasileira, da filosofia educacional, métodos, organização e escopo da escola norte-americana – em todos os níveis, do Jardim da Infância à Universidade (RIBEIRO, 1987, p. 53)

Na visão de Ribeiro, o educador norte-americano imprimiu uma nova perspectiva educacional. Pode-se notar isso, quando vemos o quadro estatístico sobre a obra missionária no Brasil contida no Annual Report. Em 1888 a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos tinha no Brasil: 34 igrejas e 18 escolas com 30 professores e 604 alunos, contra 518 alunos do ano anterior. A escola de São Paulo sob a direção de Lane passou de 170 alunos para 264, um crescimento de quase 56%. Talvez seja esse o motivo de Lane estar cheio de ideias e

entusiasmado. Além disso, é válido ressaltar que nesse período a responsabilidade educacional mantida pela Board (Igreja Presbiteriana norte-americana) foi transferida para os Trustees da Universidade de Nova Iorque. O sínodo de 1888 criou essa comissão que daria um novo rumo à educação presbiteriana norte-americana.

O relatório de 1892, além de tratar das missões em vários lugares do mundo, faz também menção aos missionários ligados à Igreja norte-americana entre os anos de 1891 e 1892. No Brasil, são os seguintes missionários ligados à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos: Rev. George Chamberlain, Rev. John M. Kyle, Dr. Horace Lane, Rev. E. M. Pinkerton, Rev. F. J. Perkins, Miss. Margareth K. Scott. Nesse período, Lane voltou aos EUA para tratamento médico (ANNUAL REPORT, 1892, p. 228). Ao deixar o campo missionário em São Paulo, esse foi ocupado temporariamente por Willian Waddel (ANNUAL REPORT, 1892, p. 231). O quadro estatístico da missão no Brasil sempre presente nos relatórios, nesse ano tem uma diagramação menor e com informações mais genéricas:

Em relação à estatística da Missão no Brasil, temos:

Quadro 2 - Dados estatísticos da Missão no Brasil - ano referência 1891

Missionários ordenados	10
Médico missionário	1
Missionárias solteiras	6
Missionárias casadas	7
Nativos ordenados	12
Pregadores licenciados (nativos)	4
Professores e colaboradores	59
Número de igrejas	39
Meninos em internatos	39
Meninas em internatos	38
Meninos em externatos	303
Meninas em externatos	230
Número de alunos	610
Número de escolas	15

Fonte: ANNUAL REPORT, 1892

Nesse período a Igreja Presbiteriana tinha 39 igrejas espalhadas em várias regiões do Brasil. Em relação aos alunos não houve um crescimento significativo, de 604 do ano anterior para 610, apesar da diminuição do número de escolas de 18 para 15. Talvez essa diminuição do número de escolas seja em razão das lutas de representações educacionais do campo presbiteriano.

Em relação à educação em São Paulo, o relatório faz a seguinte observação:

Não chegaram até nós os relatórios do trabalho escolar. As estatísticas, porém, mostram que teve matrícula durante o ano de 530 alunos entre meninos e meninas (cada um com o seu *boarding department*). Senhorita Kuhl, em companhia com a

Miss Dascomb, de Botucatu, assumiu sua residência em Curitiba, onde foi organizada uma nova escola para meninas. Sra. Williamson assumiu as funções anteriormente sob o cuidado da senhorita Kuhl. Senhorita Scott, que se juntou à missão, está se preparando para tomar o lugar de professora na Escola Normal de meninas (ANNUAL REPORT, 1892, p. 232, tradução nossa).

Pelo que se percebe foi um ano de mudanças no cotidiano da Escola Americana de São Paulo. Horace Lane, enfermo, retornou para os Estados Unidos em busca de tratamento. As missionárias Kuhl e Dascomb foram para Curitiba organizar uma nova escola, que mais tarde foi denominada Escola Americana de Curitiba. Ambas as missionárias davam apoio ao missionário-educador. A transferência delas para Curitiba reforça a suspeita de que a Escola Americana de São Paulo serviu de base para a expansão de escolas americanas de confissão de fé presbiteriana no Brasil, proposta explicitada por Lane no documento *A Protestant College of Brazil* (1890).

Os relatórios educacionais eram encaminhados para Horace Lane, pois ele era o supervisor geral da obra educacional no Estado de São Paulo. Através desse relatório é possível ver indícios de que Lane já estava construindo uma rede de escolas sob a sua supervisão. Não somente recebe os relatórios, mas reorganiza a atuação educacional dos missionários sob sua responsabilidade. No lugar da missionária Kuhl ficou a missionária Williamson, e a Escola Normal da Escola Americana de São Paulo ficou sob os cuidados da missionária Margaret Scott.

Segundo Hilsdorf (1977):

Em particular, a vida de “school marms”, professoras missionárias diplomadas nos Estados Unidos e frequentemente com vários anos de experiência no magistério público e particular, foi uma constante [...] Miss Mary P. Dascomb, da Escola Americana, fez seu curso universitário no “Oberlin College”, de Ohio, enquanto que sua companheira miss Elmira (Ella) Kuhl diplomou-se pelo “Women College”, de Bordentown, Ney Jersey. Miss Dascomb foi professora particular em São Paulo e dirigiu a escolinha da missão presbiteriana de Brotas antes de ir lecionar na Escola Americana; miss Ella trabalhou em Rio Claro, Botucatu e São Paulo, tendo fundado, com miss Mary, a Escola Americana de Curitiba, nos inícios da década de 90 (p. 164).

A formação intelectual de tais missionárias legitimava a sua atuação no campo educacional brasileiro. Nicacio e Ribeiro (2012), ao falarem sobre Dascomb, afirmam que ela era uma pessoa dedicada integralmente ao trabalho e livre até de suas relações afetivas. Para as autoras, Mary Dascomb espelhava certo ideal de pureza, castidade e virtuosidade feminina. A participação de missionárias solteiras nas ações da Igreja norte-americana pode ser entendida como estratégia. Não estava em jogo apenas a questão da formação intelectual, mas a questão do tempo de dedicação para a obra missionária e educacional.

Por outro lado, a participação das mulheres como professoras era uma recomendação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos desde 1840.

Recomenda-se, que cada congregação crie uma ou mais escolas da Igreja, adaptadas ao ensino de crianças entre seis e dez anos de idade. Estas escolas primárias devem ser dirigidas por mulheres, decididamente piedosas, inteligentes, e com conhecimento das doutrinas da nossa Igreja. Essas professoras devem ser escolhidas pela Igreja, e regidas por regras formadas por esse organismo. Nessas escolas, as mulheres seriam preferidas como professoras porque elas podem, na maioria das vezes, ter melhores resultados do que os professores de outro sexo, e porque, se têm um bom caráter, elas vão estar aptas para treinar os seus alunos com mais habilidade e de maneira mais prazerosa (MILLER; JANEWAY, p. 27-29, tradução nossa)

O relatório de Miller e Janeway faz uma distinção clara da atuação feminina no campo missionário⁴³.

Segundo Chartier (1994):

Longe de afastar do real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres. Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, muito ao contrário, possíveis desvios e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinas, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para assegurar a dependência e a submissão. [...] As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas a forma de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão (p. 9-10).

Num primeiro momento pode-se entender que determinar as diretrizes da atuação da mulher no campo missionário era uma forma de fortalecer a submissão da mulher e a dominação masculina. Porém, como vimos, o consentimento pode ser uma forma de reutilização da linguagem para fortalecer a insubmissão.

O relatório de 1893 afirma que Horace Lane retornou à direção da escola, pois eram comuns suas idas aos EUA. Contava com o apoio do Sr. Perkins e Waddel na direção da Faculdade recém organizada. A escola tinha nesse período 513 alunos, sendo 209 meninas e 304 meninos entre as idades de 4 a 24 anos. Para eles, São Paulo era o centro educacional da missão norte-americana. Afirma ainda que a maior parte dos seus alunos eram de famílias católicas. Atribuem a isso o desejo dos pais de verem seus filhos formados moral e intelectualmente por uma instituição de valores cristãos (ANNUAL REPORT, 1893, p. 208). Em relação ao número de alunos, o relatório apresenta o total de 771 nas escolas espalhadas

43 Como educadora e missionária, a mulher não tinha participação nenhuma nos órgãos de decisão da Igreja, portanto de poder, tais como Sínodo e Presbitério. Sua atuação se dava mais no contexto escolar. Podemos pensar que isto representa uma forma dos líderes religiosos excluírem a participação feminina das decisões da Igreja.

no Brasil. Neste sentido, São Paulo se mostra de fato como o centro educacional da missão, tendo a maioria do alunado, 513. Pode ser que essa escola fosse mais bem amparada financeiramente pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e situada numa região privilegiada. Nesse período, o presbiterianismo no Brasil tinha 59 igrejas organizadas.

No relatório de 1894, Lane é mencionado novamente. O relatório informa que ele está envolvido nos interesses da escola. Perkins e Wadell se encontravam enfermos. Menciona a nomeação de Laura Chamberlain, para ajudar a missão na Bahia. Nesse período a escola de São Paulo contava com 560 alunos. Como podemos observar, a escola gradativamente crescia, a despeito de toda luta de representações no campo presbiteriano entre os eduardistas e os que defendiam os colégios abertos. Além disso, o relatório afirma que as escolas tinham 33 professores nativos e 4 estrangeiros, enfatizando o fato de muitos deles serem cristãos zelosos. Nesse período, totalizavam-se 980 alunos nas escolas e 66 igrejas organizadas.

Os relatórios de 1897, 1898 e 1899 não têm os dados estatísticos sobre a Missão no Brasil e também não trazem informações sobre os dados educacionais. Mas, até aquele momento, Lane sempre aparece como o missionário responsável pela missão em São Paulo. O relatório de 1899 relembra que a Escola Americana e Mackenzie College eram supervisionados pelos Trustees of New York. Além disso, pontua que não foram recebidos os relatórios educacionais. Porém, reafirma que o sustento dos diretores e de alguns professores continuava sob a responsabilidade da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.

O relatório de 1900 confirma que a questão educacional é parcialmente subordinada à igreja norte-americana, principalmente no que diz respeito ao sustento de alguns professores e ao trabalho de evangelização (GOMES, A. M. A., 2000). Lane volta a ser mencionado. Estava envolvido em muitos trabalhos administrativos e em algumas oportunidades dirigia as devocionais na capela da escola. Ressalta ainda o trabalho médico realizado por ele aos sábados e domingos (ANNUAL REPORT, p. 245-246). Como veremos abaixo, no contexto do campo presbiteriano brasileiro, Lane sofria ataques pessoais, acusações de que não observava as prescrições religiosas do presbiterianismo, inclusive a guarda do domingo (LESSA, 1938).

Sobre o Mackenzie College, temos as seguintes informações:

No Colégio e outros departamentos da escola, houve um registro total de 546 estudantes e alunos menores, com uma média de público de 496. A inscrição no departamento de faculdade foi de 71, com 69 presentes. Do total, 410 alunos pagam mensalidade integral, 32 são recebidos com taxas reduzidas, e 105 alunos são totalmente gratuitos. Quanto à nacionalidade, há 339 brasileiros. 48 alemães, 38 italianos, 18 americanos, 14 franceses, 12 ingleses e 17 de outras nacionalidades. Dos católicos romanos há 427; protestantes. 117, judeus, 2 (ANNUAL REPORT, 1900, p. 247, tradução nossa).

A respeito do caráter religioso da instituição, o relatório transcreve as palavras de Horace Lane:

Em uma instituição como a nossa, recebendo ajuda da Junta de Missões Estrangeiras e de igrejas, é necessário manter constantemente visível sua origem missionária em seu caráter. A finalidade do trabalho é trazer as pessoas mais perto do Evangelho de Cristo, tanto no conhecimento como na vida. Se o nosso trabalho em algum grau não atender isto e não tiver este propósito legivelmente carimbado em cima dele, ele é defeituoso. Os princípios do cristianismo protestante devem fundamentar todos os seus cursos de estudo e modificar todos os seus métodos de trabalho. Ele também é necessário para construir os cursos de estudo e correlacionar os assuntos ensinados, conduzindo para o objetivo final, instruir e educar cuidadosamente através dos melhores processos [...] Talvez tenhamos nos afastado um pouco da nossa ancoragem missionária em direção a uma linha estritamente técnica e utilitarista do trabalho, atraídos pelo seu valor comercial e social (ANNUAL REPORT, 1900, p. 247, tradução nossa).

Lane afirmava que a instituição mantinha os princípios cristãos protestantes, mas temia que tivesse tomado um novo rumo estritamente técnico. Vale ressaltar que Mendes (2007) afirma que no período de Lane a confessionalidade era discreta. Porém, para Lane, o colégio mantinha sua origem missionária.

O relatório de 1901 também menciona a transferência da educação em São Paulo aos Trustees of the New York, fato que ocorreu em 1888⁴⁴. Fala que a instituição estava em crescente expansão e que a Igreja norte-americana apenas mantinha o salário de uma pessoa. Aos poucos, pelo que vemos, a Igreja estava se desligando da responsabilidade administrativa e financeira das instituições educacionais sob responsabilidade de Lane. Porém, mantinha-o ainda como missionário.

Desde 1897 os relatórios não trazem mais os dados estatísticos no final da seção que fala sobre a missão no Brasil. Como sempre, eles faziam um resumo do trabalho missionário em vários lugares, mas a partir de 1897 os dados concernentes às igrejas e escolas no Brasil não estão presentes mais nos relatórios. Por que a ausência dos dados? Quais as razões dos relatórios omitirem informações sobre o número de Igrejas, escolas, professores e alunos? Por que existe essa mudança na configuração dos documentos elaborados pela Igreja Presbiteriana norte-americana? Em determinados relatórios, contudo, ainda existem dados estatísticos sobre a Central Brazil Mission e não da South Brazil Mission, estação missionária sob responsabilidade de Lane. Talvez uma resposta possa estar relacionada às lutas e conflitos entre Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira.

No relatório de 1902, sobre a missão em São Paulo, foram transcritas as seguintes palavras de Horace Lane:

44 Ver Prospecto: The Protestant College in Brazil (1890). Arquivo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Do Mackenzie College, ele diz que a faculdade e as escolas continuam a florescer. O trabalho será sempre urgente, constante e nunca será concluído, absorvamos com atenção tudo ao seu tempo. Nós não podemos esperar que alcance o ponto onde ele será executado por si mesmo. O total de matrículas do colégio para o ano passado foi 539. Um novo dormitório foi concluído durante o ano, as despesas foram atendidas por um amigo bem conhecido e liberal em Nova Iorque. Esta instituição continua a ser, como tem sido no passado, uma das principais forças no trabalho missionário protestante no Brasil. Estou feliz que a minha saúde continua bem. Ocasionalmente, uma sensação de cansaço vem sobre mim, mas geralmente passa logo. No último mês, no entanto, eu tive que largar meu trabalho por um tempo. Eu levei cinco dias de viagem, três no lombo de mula e dois de canoa, até Juquiá. Eu encontrei a pequena igreja viva e cheia de zelo, com 104 membros. O edifício não tinha terminado, pois eles são agricultores e tiveram que parar a construção, mas eles logo vão terminá-lo sem a ajuda de ninguém. Ouço a conversa, no domingo, do Sr. Banks, o nosso agricultor, que, embora não tinha nenhuma graça na oratória, alcançou os corações e mentes das pessoas. (Esta pequena igreja foi realmente estabelecida através da instrumentalidade do Sr. Banks. É um bom exemplo de que um cristão leigo é eficiente para promover o evangelho no Brasil.) (ANNUAL REPORT, 1902, p. 207, tradução nossa).

Como missionário e educador Lane mantinha a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos informada sobre o avanço do trabalho missionário e educacional no Brasil. Como diretor da Escola Americana e do Mackenzie College também mandava informações sobre o desenvolvimento das instituições educacionais sob sua responsabilidade. Como missionário, informa os líderes norte-americanos sobre a vida de uma Igreja em Juquiá. Lane acentua que uma sensação de cansaço recaía sobre ele. O relatório não traz informação sobre as lutas de representações no campo presbiteriano, que estavam em plena efervescência.

No relatório de 1903, Horace Lane aparece na relação de missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos com os seguintes missionários: Rev. George W. Chamberlain, Rev. J. B. Kolb, G. A. Landes e Miss Margaret K. Scott. Há também no relatório, uma menção sobre o Mackenzie College. Ao correlacioná-lo com o Mackenzie College, eles afirmam que o trabalho é um dos mais importantes da missão em São Paulo e que se encontra em pleno desenvolvimento com o aumento de números de matriculados e a ampliação de vários departamentos. Transcreve um longo parecer de Lane sobre o trabalho missionário em São Paulo.

Ao trazer a transcrição literal das palavras de Lane sobre a missão em São Paulo, o relatório mostra a importância desse missionário e do trabalho realizado no campo, a despeito de toda a crise que marcava o presbiterianismo brasileiro. Lane destaca a criação da Y.M.C.A. (Young Men's Christian Association), frequentada por presbiterianos e congregacionais. Diz que o serviço religioso foi suspenso temporariamente, mas que em português estava sob a responsabilidade do Rev. Erasmo Braga. Dá seu parecer sobre o trabalho religioso nas cidades de Atibaia e Juquiá. Menciona que a ação missionária entre os italianos estava em pleno desenvolvimento. Pontua que em outras localidades a ação

missionária estava em progresso. Sobre a ação educacional afirma que mais da metade dos alunos era protestante e que o clima na escola era vivido segundo os princípios da vida cristã e com estudo da Palavra de Deus. Lane afirma que mantinha relações cordiais com as demais denominações protestantes no Brasil. Menciona que o Seminário Teológico também está em atividades, contribuindo para a formação de futuros pastores (ANNUAL REPORT, 1903, p. 321).

Como podemos notar, Lane estava entusiasmado com as atividades tanto educacionais como missionárias sob sua direção. Ao transmitir tais informações, Lane se mostra uma pessoa que domina as atividades sob sua responsabilidade. Sua atuação estava além das atividades educacionais da Escola Americana e do Mackenzie College, pois mantinha os líderes norte-americanos informados sobre o desenvolvimento da atividade missionária de outras cidades. Porém, o relatório encaminhado se silencia até o momento em relação às lutas de representações no campo presbiteriano. Segundo Ferreira (1992), Lane utilizava de outros recursos para manter os líderes americanos informados sobre a crise que assolava a Igreja Presbiteriana Brasileira, como, por exemplo, o jornal *Presbyterian Banner* (FERREIRA, 1992). Ele também mandava correspondências diretas para a liderança norte-americana⁴⁵.

Os líderes da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos comentam o relatório do Dr. George Alexander⁴⁶:

Ele trouxe números encorajadores do Sínodo com uma centena de igrejas e entre dez a doze mil comungantes. Essas igrejas, que desde 1888 já constituíam um Sínodo independente, são os frutos das missões das duas Igrejas: do Norte e do Sul. Autonomia, autogoverno e auto-sustentação atingiram o maior índice no Brasil do que em qualquer outro campo da missão, e se não fosse uma ala infeliz de uma minoria das igrejas, que ocorreu no momento da reunião final, o panorama seria completamente esperançoso. Principalmente sobre questões técnicas ou alheias, uma minoria considerável se retirou. Foram poucas evidências de animosidade ocorridas no cisma. Uma reunião é esperada para um futuro não distante. O ano foi marcado por uma atividade incomum e sucesso no Central Missão Brasil. O Conselho tem o prazer de relatar progressos encorajadores do trabalho missionário do ano (ANNUAL REPORT, 1904, p. 10, tradução nossa).

Apesar do cisma ocorrido em 31 de julho em 1903, o relatório do Dr. Alexander para a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos acentua o progresso encorajador do trabalho missionário. Ele afirma que a separação foi conduzida por uma minoria, mas que o panorama era esperançoso. Parece negar a tensão e as disputas que marcaram a cisão da Igreja

45 Mackenzie College 1890-1923. The Presbyterian Historical Society. Vários documentos, cartas e relatórios. Muitas das correspondências Lane colocam os dirigentes da Universidade de Nova Iorque e os Boards a par da problemática que envolvia a obra educacional no Brasil.

46 O Rev. George Alexander era um dos representantes da Board e nessa ocasião era presidente da Comissão de Curadores do Mackenzie College de Nova Iorque (ANNUAL REPORT, 1904).

Presbiteriana no Brasil. Como vimos, o clima não era tão esperançoso. As disputas entre as lideranças configuraram um novo campo presbiteriano no Brasil. Foram anos e anos de polêmica entre os agentes sociais do campo presbiteriano acerca da educação⁴⁷.

Ainda sobre o relatório de 1904, há a transcrição de um relatório de Lane encaminhado para The Trustees of New York em que ele não menciona absolutamente nada sobre o cisma de 1903. Relata a hostilidade existente entre catolicismo e protestantismo, critica a política brasileira e tece comentários sobre a questão religiosa, social, política e econômica do Brasil. Parece querer anular os conflitos existentes no campo presbiteriano brasileiro. Por que ele faz isso? Por que ele não pontua os conflitos existentes no campo presbiteriano brasileiro? Uma resposta seria em razão da vitória dos eduardistas na elaboração da Moção Smith, pois desde essa época, Lane não frequentava mais nenhuma reunião religiosa, fosse em igreja ou no Sínodo. Ou ainda, era uma tentativa de evitar que seu nome fosse vinculado à crise de 1903. Por outro lado, dado o caráter sempre otimista das suas ações missionárias encontrado nos relatórios, mostrar a crise no campo presbiteriano não seria uma estratégia interessante para obter mais investimentos. Penso que essa hipótese seja a mais plausível, pois em relação à sua gestão educacional, afirmava que a escola não conseguia atender a demanda e que passava por um pequeno déficit financeiro. As matrículas na escola subiram de 626 para 636 alunos. Apesar do cisma, Lane mostra que o trabalho educacional e missionário sob sua responsabilidade estava em pleno crescimento.

O relatório da Igreja de 1904 também transcreve um relatório extenso de Lane em que ele pontua sua preocupação educacional em relação às outras escolas concorrentes, particulares e religiosas. Afirma que elas estavam imitando tudo o que era praticado na escola sob sua supervisão em relação aos métodos, livros didáticos e outros. Menciona a escola Anglo-brasileira dirigida por um homem chamado por ele de Sr. Armstrong. Lane diz que este senhor era um antigo empregado da Escola Americana de São Paulo: “Ele ultimamente está fazendo uma grande construção para sua escola em um terreno espaçoso com vista para a cidade, a um custo de mais de US\$ 50.000 de capital levantado em Liverpool” (ANNUAL REPORT, 1905, p. 368, tradução nossa). Ele ainda menciona a presença de outra escola, “Hyde Croft College”, dirigida por um homem chamado Aldridge. Lane ironiza: “Se a imitação é a bajulação, não estamos com medo, mas altamente lisonjeados por ambas as escolas” (ANNUAL REPORT, 1905, p. 368, tradução nossa). Ele não nega sua preocupação,

47 Ver: FERREIRA, Júlio Andrade. História do Presbiterianismo no Brasil I. São Paulo: CEP, 1992. O autor acentua ainda dois outros problemas que marcaram a período do cisma, a questão missionária e a maçônica, além da educacional.

seu receio. Provavelmente com a finalidade de convencer os investidores americanos a atuarem de forma mais concreta na expansão das escolas sob sua responsabilidade.

Lane afirma que nas escolas concorrentes seus dirigentes davam liberdade para que sacerdotes pudessem ensinar o catecismo. Ele enxergava isso como uma oposição: “Não podemos ignorar o fato de que essa oposição direta e indireta, e concorrência de todos os lados operam para tirar de nós os alunos e também para nos manter ocupados cuidando dos interesses comerciais do colégio” (ANNUAL REPORT, 1905, p. 368, tradução nossa). Evoca que contava com o apoio do Governo em suas ações e que tinha apoio de muitas pessoas ligadas à política. Ele interpreta: “Esta oposição sistemática da Igreja de Roma, a imitação de nossos métodos e afiada concorrência externa, e a confiança do Governo do Estado constituam uma espécie de endosso do nosso trabalho” (p. 368, tradução nossa).

Para referendar seus apontamentos, Lane traz os últimos números da escola:

O total de matrículas para o ano foi de 637, de ambos os sexos e idades diferentes, de 7 a 35. Neste número estão incluídos 36 da escola de Botucatu. Destes, 453 eram brasileiros, 71 italianos, 28 alemães, 20 portugueses, 13 franceses, 11 ingleses, nove americanos, cinco sírios, e 27 de outras nacionalidades. Quatrocentos e vinte e seis pagam o valor integral, 82 foram recebidos com taxas reduzidas e 129 não pagam. No internato, há 176 alunos, além de professores e funcionários. No Mackenzie College, considerado à parte do internato e externato, tinha uma matrícula de 123, com uma classe sênior de apenas 4, dos quais 3 eram formados em Letras e dois em Engenharia Civil. Vinte e três alunos concluíram o curso e receberam certificados, deste número foram 5 estudantes ao seminário a quem especial instrução foi dada para que possam entrar imediatamente no estudo da Teologia. No curso comercial Superior havia uma inscrição de 16 alunos, dos quais 10 concluíram o curso. Na Escola Preparatória a inscrição foi 479 em todos os graus e 27 receberam certificados do Mackenzie. É difícil medir a influência moral e espiritual de qualquer faculdade. Dentro da faculdade, temos os exercícios da capela e pregações regulares aos domingos. Há um pequeno, mas ativo Y. M. C. A. e C. E. Society. Em todos os departamentos da escola há adoração diária. Gostaríamos de ver mais conversões, mas não estamos desanimados por elas não ocorrerem (ANNUAL REPORT, 1905, p. 369, tradução nossa).

Diante da preocupação com os seus concorrentes, Lane mostra o trabalho religioso realizado na vida escolar. Ao transcrever no seu relatório os líderes da Igreja Presbiteriana norte-americana referenda o trabalho e reforça a imagem do missionário que está no pleno cumprimento da sua obra evangelizadora. Embora não obtendo conversões, Lane não estava desanimado diante dos números expostos no relatório e dos exercícios religiosos que ocorriam nas escolas. Inclui 36 alunos da Escola Americana de Botucatu⁴⁸, o que reforça a tese que tais escolas faziam parte da sua rede de escolas. Abreu (2003), analisando a prática educacional das missionárias Dascomb e Ella Kuhl em Curitiba, afirma que elas tinham uma prática

48 A Escola de Botucatu aparece vinculada aos Relatórios que Lane encaminhava para os Trustees (1907-1912), que serão melhor trabalhados nos próximos capítulos.

conversionista através da obra educacional, que as diferenciava de Lane. Porém, através desse relatório percebe-se que Lane também esperava conversões. Além disso, sempre acentuou aos Trustees que as instituições educacionais sob sua responsabilidade eram uma empresa missionária (LANE, 1908a).

O relatório de 1906 segue a mesma linha de pensamento sobre Horace Lane. Ao mencionar o trabalho missionário em São Paulo, traz as informações sobre o Mackenzie College e um parecer de Lane sobre o trabalho nesse campo missionário. O Conselho da Igreja Presbiteriana dos EUA transcreve o relatório de Lane encaminhado para o Trustees of New York. Ele estava em meio às comemorações do 35º aniversário da Escola Americana de São Paulo. Mostra-se preocupado com o registro histórico das atividades da Americana e do Mackenzie College, afirma:

A escola americana (Eschola Americana), fundada pela Presbyterian Mission, em 1870, completou seu trigésimo quinto ano. O escritor deste completou vinte anos de serviço na faculdade e escola. Este período de tempo não tem nenhum significado especial além do despertar de memórias. Seria bom se alguém tivesse tempo para escrever uma história completa deste trabalho educacional e a consequência direta para a Missão Evangélica Presbiteriana, da qual ela afirma ser uma parte até agora em seu principal propósito - antes que todos envelheçam no seu chamado. Muitos já se foram. Seria muito longo escrever para o espaço limitado de um relatório anual. Faria um livro de si mesmo. Duvido que qualquer trabalho educativo sob o Presbyterian Board Mission tenha um histórico mais longo ou um mais visivelmente abençoado por Deus (ANNUAL REPORT, 1906, p. 379, tradução nossa).

Lane deixa seus registros históricos, mostra sua intencionalidade ao afirmar que o relatório anual encaminhado para os Boards era insuficiente para registrar o trabalho educacional por ele realizado nos últimos 20 anos. O registro dessas palavras pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos traz a construção da imagem de um educador, do missionário preocupado não só com a sua ação missionária educacional, mas com os registros históricos do trabalho sob sua responsabilidade. Uma pessoa preocupada em deixar sua marca na história da instituição, porém marcas que estariam ligadas ao progresso do seu trabalho e não às lutas que foram por ele construídas e omitidas.

No mesmo relatório Lane menciona a simpatia do Governo do Estado para com a escola. Afirma que o filho do presidente do Estado e vários membros do seu gabinete têm seus filhos matriculados na Escola Americana ou no Mackenzie College. Ressalta novamente a oposição da Igreja Católica Romana. Diz que a estratégia utilizada para fazer resistência contra a propaganda católica é uma carta anual dirigida aos pais⁴⁹. Ele afirma: “Esses ataques definem melhor a nossa posição do que poderíamos fazê-lo” (p. 379). De fato, a escola atraía

49 Essas cartas serão analisadas nesse trabalho. Constituem uma importante fonte documental. Elas se encontram no acervo do Arquivo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

as elites paulistas, como foi apontado nos estudos de Hilsdorf (1977; 1986; 2009). Representavam uma opção em relação à educação ofertada pelo catolicismo, Estado e outros segmentos. Além disso, Lane afirma que nos anos do seu trabalho formou 9.685 alunos de ambos os sexos. Ao se apropriarem do discurso de Lane, os presbiterianos norte-americanos referendavam sua ação missionária e educacional no Brasil e faziam conhecido aos seus pares nos Estados Unidos o resultado do investimento financeiro feito por eles.

No relatório de 1907, os líderes presbiterianos norte-americanos transcrevem o parecer de Horace Lane sobre o trabalho missionário no Estado de São Paulo. Afirma que o presbiterianismo cresceu apesar de forte perseguição. Ressalta a influência da educação presbiteriana norte-americana no país ao afirmar que 10.369 foram educados com os valores cristãos e que líderes do governo também foram influenciados pelos ideais políticos norte-americanos (ANNUAL REPORT, 1907, p. 402).

O relatório 1908 não faz menção ao trabalho missionário e educacional no Estado de São Paulo. Retoma as estatísticas no final do relatório sobre o trabalho missionário. Dados que não eram mencionados desde 1897. Lane e o Rev. Modesto Carvalhosa⁵⁰ aparecem como missionários da estação South Brazil Mission. O relatório estatístico traz um quadro comparativo entre os anos de 1906 e 1907 e de 1907 e 1908. Temos os seguintes números: 14 igrejas e 4 escolas no mesmo período. Ou seja, não houve evolução em termos de expansão educacional e evangelística.

As informações contidas no relatório de 1909, ao falar dos trabalhos missionários no Brasil mantidos pela Igreja Presbiteriana dos EUA, deixam bem claro que a participação da Igreja se restringia ao aspecto financeiro e que a vida administrativa do Mackenzie College e da Escola Americana em São Paulo estava sob a orientação dos Trustees of New York (ANNUAL REPORT, 1909, p. 432). Lane, na mesma página, faz um balanço do trabalho

50 Segundo Matos (2004), o Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa era natural de Porto Muniz, na Ilha da Madeira. Nasceu em 15 de abril de 1846. Era filho de Modesto Joaquim Rodrigues de Carvalhosa e Marta Angélica Perestrello de Carvalhosa. Em 1854, a família veio para o Rio de Janeiro, onde seu pai dedicou-se ao comércio. Com o falecimento do seu pai, interrompeu os estudos para trabalhar no comércio. Em 1864 veio para São Paulo, cidade em que teve contato com o presbiterianismo. Foi recebido como membro da Igreja Presbiteriana em 25 de março de 1866. Em 1866 transferiu-se para a Igreja do Rio, da qual foi presbítero. Incentivado pelo Rev. Blackford começou em 1867 seus estudos no chamado “Seminário Primitivo”, criado pelo Rev. Simonton. Pastoreou várias igrejas presbiterianas, uma delas a de Curitiba. Lecionou português na Escola Americana de Curitiba, organizada pelas missionárias Mary Dascomb e Elmira Kuhl. Regressou para São Paulo, a fim de fazer parte do corpo docente da Escola Americana de São Paulo, no cargo de vice-diretor. Além de professor, foi também capelão da Escola Americana de São Paulo e Mackenzie College. Foi por duas vezes moderador do Presbitério do Rio de Janeiro. Foi tradutor de vários livros de teologia e comentários bíblicos. Consultar: MATOS, Alderi Souza de. Os pioneiros presbiterianos do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 310-315.

educacional protestante sob sua responsabilidade, afirmando que as escolas eram as únicas instituições educacionais protestantes no Brasil que mantinham os princípios cristãos e os métodos educacionais norte-americanos. E com isso contribuía para formar homens e mulheres livres, disciplinados, amorosos e informados. Reforça a oposição sofrida em relação ao catolicismo e acentua que apesar da perseguição a escola teve um ano produtivo e de crescimento, com um aumento de 156 novos alunos. Porém, devido ao espaço limitado da escola, não foi possível atender a demanda. O que nos leva a pensar que Lane exigia mais investimentos por parte da Igreja norte-americana.

Lane e Modesto Carvalhosa aparecem como os missionários responsáveis pelo campo de São Paulo (South Brazil Mission), que abrangia o Rio de Janeiro, Curitiba, Castro, Florianópolis. Na cidade do Rio de Janeiro não se menciona o missionário responsável. Em Nova Friburgo estavam o Rev. J. M. Kyle e Mrs. Kyle, Rev. T. J. Porter, Ph.D. e Mrs. Porter. Em Castro os missionários: Rev. G. L. Bickerstaph e Mrs. Bickerstaph. Em São Paulo, os missionários: H M. Lane, M.D., Rev. M. P. B. Carvalhosa. Em Curitiba, os missionários Rev. G. A. Landes, Miss Ella Kuhl, Miss Mary P. Dascomb, Miss E. R. Lenington. Florianópolis estavam os missionários Rev. R. F. Lenington e Miss. Lenington. Guarapuava: Rev. J. B. Kolb e Mrs. Kolb. Nota-se que apenas a missão de São Paulo estava sob a liderança do Rev. Modesto Carvalhosa, as demais cidades estavam sob a ação de missionários norte-americanos.

Neste relatório, as informações estatísticas apresentam os números dos anos de 1907-1908 e 1908-1909. Em relação ao número de igrejas não houve crescimento. Permaneceram 14 igrejas no campo missionário de South Brazil Mission, porém houve um aumento no número de escolas de 4 para 9. Interessante que neste relatório temos informações escritas por quase todos os missionários dos diversos campos da estação missionária, menos de São Paulo, que foi colocado na parte introdutória que fala sobre a missão no Brasil.

O relatório de 1910 registra a visita do secretário da Board, Robert E. Speer no campo missionário de São Paulo. Speer faz um extenso relatório sobre o trabalho missionário no Brasil e sobre as duas missões, South Brazil Mission e Central Brazil Mission, mencionando o desenvolvimento e progresso da obra. Entre outras coisas, inicia seu relatório dando um parecer sobre as condições sociais, políticas e econômicas do Brasil. E diz que desde 1859 a missão norte-americana ocupou o território brasileiro. Ao mencionar Horace Lane, diz que ele faz a ligação da Igreja norte-americana através do Mackenzie College. O campo missionário de Lane não era a Igreja, mas a escola.

Após o relatório de Speer, os membros do Conselho da Igreja retomam o balanço do trabalho, mostrando o que tem sido feito em cada campo missionário. A estação Central

Brazil Mission possuía 17 igrejas e 23 escolas. A estação South Brazil Mission tinha 18 igrejas e 8 escolas. Em relação ao ano de 1909, diminuiu uma escola. Sobre o trabalho em São Paulo, a única informação que traz é sobre o Mackenzie College. Para tanto, utiliza as palavras de Lane para apresentar o trabalho realizado por essa escola. Lane parece entusiasmado com o trabalho educacional. Afirma que o trabalho avançava em todas as direções, que contava com o apoio do Governo do Estado, de metodistas, congregacionais, batistas e episcopais. Destaca que os alunos se apropriavam cada vez mais dos valores cristãos e do modelo educacional norte-americano. Reforça que o trabalho evangelístico fora dos muros da Faculdade estava limitado pela falta de obreiros e que era necessário um missionário (obreiro) que fizesse a ligação entre a faculdade e a sociedade. Menciona que os trabalhos religiosos na capela e a escola dominical foram realizados durante o ano.

No relatório de 1911 vemos que a Central Brazil Mission teve um aumento no número de escolas, de 23 para 25. O número de igrejas era 17. A estação South Brazil Mission passou de 8 escolas para 14, com 18 igrejas. Novamente, a informação sobre o trabalho na cidade de São Paulo é relativa ao Mackenzie College.

No Annual Report de 1911, os responsáveis pelas informações da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos EUA afirmam que o trabalho no Mackenzie College estava em progresso com 827 alunos matriculados e mantinha estreita relação com as demais escolas filiadas (p. 13).

O relatório de 1912, além das informações da ação missionária nos diversos países, traz um balanço da evangelização na América Latina⁵¹. O número de escolas da Central Brazil Mission passou para 30 e 17 igrejas. A estação South Brazil Mission teve uma diminuição no número de igrejas e escolas. De 18 para 10 igrejas e de 14 escolas para 7.

Sobre a cidade de São Paulo dá um breve parecer sobre o presbiterianismo e em seguida traz informações sobre o Mackenzie College com relatório de Horace Lane. Antes de transcreverem o relatório de Lane, eles mencionam que houve algumas mudanças na legislação brasileira em relação aos ginásios e faculdades, mas que não afetaram o Mackenzie por causa da sua autonomia. Tratava-se da Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, conhecida como Lei Rivadávia Correa⁵². Para eles, a lei favoreceu as demais instituições

⁵¹ Há a necessidade de se fazer um trabalho comparativo da missão da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em outros países, com a finalidade de se perceber se a inserção e estratégias de trabalho foram as mesmas utilizadas no Brasil.

⁵² A Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental da República (8.659 de 05/04/1911). Rocha (2012) entende que a lei Rivadávia é uma lei educacional emblemática. A historiografia educacional brasileira costuma tratá-la ou como excrescência de curta duração, pois somente prevaleceu até 1915, ou ainda como legítima

educacionais, mas ironicamente afirmam: “Agora que as fictícias vantagens das outras instituições já se foram, dezenas de seus estudantes estão se voltando para o Mackenzie, cuja reputação de rigor e eficiência sempre nos colocou à frente de outras instituições” (ANNUAL REPORT, 1912, p. 427, tradução nossa). No seu relatório, Lane pontua o crescimento educacional da instituição e afirma, entre outras coisas, que não foi possível crescer mais no número de matrículas por falta de espaço físico e de prédios. Diz que tinha 906 alunos matriculados e que no período de sua gestão passaram por ele 14.381 estudantes.

Em tom enfático, Lane exige providências em relação aos investimentos:

Precisamos urgentemente de mais espaço. Este ponto já foi abordado antes. Temos tradições atrás de nós e deveres diante de nós que não podemos ignorar. Precisamos de um corpo docente forte, homens e mulheres que participem do trabalho com convicção e não pela novidade da coisa e que possam resistir a ofertas de melhores salários e trabalho mais fácil. Isto é necessário para permitir uma organização mais estreita e mais permanente. Deve haver um plano definido de desenvolvimento para o futuro, tendo em vista a necessidade de manter o ritmo, no mesmo grau, com o enorme crescimento da cidade e do estado. De acordo com dados oficiais, 4.000 novas construções foram erguidas ou estão em fase de construção durante 1911. O Departamento de Saúde Pública afirma que, em média, 20 construções são autorizadas por dia. Milhões em dinheiro estrangeiro estão aqui para o investimento. Devemos manter em alguma medida o ritmo com as demandas e conhecer as oportunidades que crescem fora destas condições. As grandes ordens religiosas são muito ativas em matéria de educação. Os beneditinos gastam 150 mil dólares para construção de novas igrejas e edifícios escolares. Se não podemos inventar algum método de levantar dinheiro nos Estados Unidos, não podemos regredir os recursos, diminuir investimentos ou descartar algum valor, no presente tem sido improdutivo (ANNUAL REPORT, 1912, p. 428, tradução nossa).

Como missionário e diretor do colégio, Lane estava atento às mudanças e ao desenvolvimento urbano de São Paulo. Exigia um investimento maior por parte da missão estrangeira. Utiliza como argumento o fato de outras ordens religiosas fazerem investimentos significativos em suas escolas. Tenta convencê-los da necessidade de maior investimento não somente para acompanhar o desenvolvimento da cidade de São Paulo, mas para poder

expressão de um Estado republicano liberal *tout court*, sem necessidade de novas indagações, já que a natureza do Estado está dada. No entanto, ela é culminância de um processo histórico que tem o seu início de formulação na penúltima década do Império. Ali começa a se cogitar do “livre ensino” que, entre nós, assumiu o caráter de livre oferta de ensino. Para o autor, a lei Rivadavia é a última expressão de uma “visão de mundo” que veio se estruturando naquelas duas décadas finais do Império. O autor afirma, que a prevalência de tal entendimento na República é justamente o registro de um entrave na constituição do moderno direito à educação, pois este requer um Estado propositor e garantidor. Assim, a lei Rivadavia é a expressão, entre as regulamentações de ensino, de um paradoxo: ela exacerba um liberalismo do “livre ensino” que justamente dificulta o surgimento histórico do direito social à educação em sentido moderno. Além disso, favorece a desoficialização do ensino público, contrariando toda uma tradição advinda do Império, como se disse, resulta também no fim das regulamentações profissionais. ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **A lei brasileira de ensino Rivadavia Corrêa (1911): paradoxo de um certo liberalismo.** Educ. rev., Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 219-239, Sept. 2012. A Lei, entre outras coisas, favoreceu a proliferação do ensino particular, atendendo aos interesses de classes (HACK, 2002). Por outro lado, beneficiou as escolas particulares, porque tirou do Estado o poder de interferência no setor educacional, contribuindo para a desoficialização do ensino no Brasil (CURY, 2009).

competir com outras denominações religiosas que investiam na educação. O catolicismo desde o início do século XX tentou reconquistar seu espaço social no campo educacional com a criação da sua própria rede de escolas⁵³ (HILSDORF, 2009). Este seria o último relatório de Lane para a Igreja Presbiteriana dos EUA e para os Trustees of New York.

O relatório de 1913 relata o falecimento do missionário-educador em 27 de outubro de 1912:

Em 27 de outubro de 1912, Dr. Horace M. Lane faleceu em São Paulo, Brasil. Por 27 anos o Dr. Lane esteve associado com a educação cristã em São Paulo, Brasil, e foi presidente do Mackenzie College desde a sua fundação. A Igreja Presbiteriana sabe do valor deste homem de Deus. Foi sugestivo, no entanto, que na segunda-feira após o seu falecimento em ambos os corredores da Assembleia Legislativa do Estado do Brasil, em sessão, resoluções foram introduzidas e elogios foram pronunciados pelos principais membros (ANNUAL REPORT, 1913, p. 4, tradução nossa).

Já nas primeiras páginas do relatório anual, os representantes da Igreja Presbiteriana norte-americana fazem suas considerações sobre o falecimento de Lane, afirmando que a igreja reconhecia o valor dele como um homem de Deus. Imagem muito representativa utilizada pelos presbiterianos americanos. Para os norte-americanos Lane era um homem de Deus, para seus inimigos um cristão infiel que não frequentava os cultos e não cumpria suas obrigações religiosas.

Em seguida, eles transcrevem as palavras do senador Herculano de Freitas:

Senhores, eu não sei em que aspecto este venerável homem é para ser admirado, como o pai exemplar e dedicado de uma família, como o valioso e amigo leal, como o médico eminente, ou como um progressista educador. Um homem de alta cultura, depois de uma formação brilhante nos estudos, recebeu o grau de doutor em medicina, e da mesma forma o grau honorário de Doutor em Direito, desde a sua juventude se dedicou ao ensino. Ele teve prazer em estudar os problemas relacionados com a instrução e educação da juventude, e acompanhou com grande interesse o desenvolvimento e progresso da arte de ensino em todos os países civilizados, com o objetivo, como ele me disse uma vez, de aplicar ao nosso Brasil o que era melhor e mais adequado às nossas necessidades. Poucos brasileiros poderiam ter feito tanto quanto este americano realizou com extrema modéstia, com a maior auto-esquecimento, e com a competência extraordinária, não só nos conduziu para novos horizontes desconhecidos, quando ele chegou aqui e começou seu trabalho educativo, mas também com cooperação do seu apoio moral e pela participação ativa na organização e desenvolvimento do nosso sistema de instrução pública, que é hoje a honra e glória deste Estado em todo o Brasil. É uma pena que somente agora, em sua morte, o Senado de São Paulo manifeste o seu agradecimento aos serviços que foram desinteressadamente prestados por uma pessoa que trabalhou sem exigir recompensa. (ANNUAL REPORT, 1913, p. 4, tradução nossa).

O senador constrói no seu discurso as imagens do pai exemplar, do homem de família, do amigo leal, do médico eminente, do educador progressista. O lugar social em que são

⁵³ No capítulo 2, da parte II, daremos mais atenção à reação católica em relação às ações educacionais protestantes.

reforçadas essas imagens permite entender que Lane tinha prestígio no campo político paulista. Além disso, o senador reforça a imagem do homem de elevada competência que apontou os novos caminhos para a educação pública paulista que para ele, era a glória e a honra do Estado em todo o Brasil.

O relatório diz que o senador Cândido Rodrigues lembrou os inestimáveis serviços prestados por Horace Lane à instrução pública paulista. Em seguida, transcreve o discurso do Dr. Freitas Valle:

Dr. Horácio Lane, era uma pessoa que se tornou famosa entre nós por uma longa vida de serviço fiel à causa da educação em nosso meio. Seu nome era amado e respeitado na sociedade como um exemplo das virtudes, da atividade inteligente, e da feliz iniciativa. Em suma, ele era um grande brasileiro através do direito de alguém que, cooperando no trabalho patriótico do nosso desenvolvimento, ofereceu para nós serviços notáveis. Ele era um brasileiro, tanto quanto qualquer um pode ser, apesar de ter nascido em uma terra distante, mas habitou entre nós cerca de 40 anos (ANNUAL REPORT, 1913, p. 5 – tradução nossa).

O Dr. Freitas Valle faz um discurso em que constrói outras imagens de Horace Lane. Refere-se a Lane como um brasileiro, um homem amado e respeitado pela sociedade, um homem de virtudes, de atividade inteligente. No campo político Lane gozava de prestígio, como veremos abaixo, no campo religioso presbiteriano brasileiro, porém, suas virtudes pessoais, morais e espirituais eram questionadas por agentes religiosos presbiterianos. Ele é apresentado como o educador fiel ao seu serviço.

O relatório também traz as seguintes palavras registradas pelos conselheiros da Igreja Presbiteriana norte-americana:

A morte de Dr. HM Lane, presidente do Mackenzie College em São Paulo, o último sobrevivente dos homens que conheciam intimamente o cotidiano das pequenas coisas da Brazil Mission, e de sua amada filha Senhorita Fannie, trouxe a esta Missão, bem como para os trabalhadores mais íntimos dele, um sentimento de grande perda pessoal. Como um comerciante no Rio, ele recebeu com alegria em sua casa, o recém-chegado primeiro missionário presbiteriano no Brasil. Em sua mesa o velho "Imprensa Evangélica" foi planejado. Ele vendeu para a Missão as terras em que se encontra a Primeira Igreja Presbiteriana de Rio. Em sua casa, em julho do ano passado, o Comitê Executivo em conjunto com a Brazil Mission realizou, sob a sua presidência, a sua primeira reunião. Ele não pode nunca ser substituído. (ANNUAL REPORT, 1913, p. 387, tradução nossa).

O articulista do relatório relembra os feitos de Horace Lane no Brasil. A importância que ele teve para a missão e o trabalho realizado durante sua permanência no Rio de Janeiro. Pontua que jamais poderia ser substituído. Uma de suas últimas atuações como missionário foi a organização de um Comitê Executivo, que reuniu missionários e pastores das duas missões no Brasil: Central Brazil Mission e South Brazil Mission.

Segundo a ata da Central Brazil Mission de 1912, foi autorizada a organização de um Comitê Executivo (MINUTES CENTRAL BRAZIL MISSION, 1912). A primeira reunião do Comitê, conforme a ata, foi no dia 15/07/1912, às 8h00, na casa do Horace Lane. Estavam presentes: Dr. Horace M. Lane, Dr. W. A. Waddell e Rev. Cassius E. Bixter, da Central Mission e Rev. R. F. Lenington e Dr. J. Porter, da South Brazil Mission. O propósito da reunião seria uma conferência geral com a finalidade de harmonizar o trabalho missionário como um todo. Lane era presidente e o Rev. C. A. Carriel, secretário (BRAZIL COUNCIL MINUTES, 1912-1937). A ata traz como título: *First Conference*⁵⁴.

Conforme a ata do Comitê, as duas missões chegaram ao seguinte entendimento:

O Comitê Executivo articulou que a coordenação central da Brazil Mission tenha autoridade em todo o trabalho no Brasil.

A comissão propôs também: Para os Boards, a transferência dos missionários e a política geral do trabalho;

Para a Missão, o uso mais sábio dos trabalhadores e o meio pelo qual deve estabelecer o apoio à missão dos trabalhadores brasileiros.

Ele deve ter poder decisivo para tratar os problemas relacionados à edificação da Igreja brasileira e a manutenção da relação entre missão, missionários e a igreja

A Comissão deve ser um órgão de apelação e ter jurisdição sobre os problemas individuais trazidos pelos missionários.

Ela deve ter competência para tratar das questões relativas à cortesia e à cooperação com outras missões (BRAZIL COUNCIL MINUTES, 1912 – tradução nossa).

A organização do Comitê justifica a razão pela qual, nesse período, vemos pela primeira vez, a transcrição de assuntos ligados a South Brazil Mission na sessão da Central Brazil Mission no Annual Report da Igreja Presbiteriana norte-americana. Os relatórios até aquele momento nunca trouxeram em si assuntos de outra missão.

No Annual Report, há um tópico intitulado: *O trabalho religioso*. Neste tópico a Board Foreign Mission transcreve as seguintes palavras sobre Horace Lane:

A perda irreparável que se abateu sobre o colégio diante da morte súbita do Presidente, Dr. Horace M. Lane, é perfeitamente sentida por todos os seus amigos, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. O Conselho registra o seguinte: A Board Foreign Mission ouviu com o mais profunda tristeza a respeito da morte em São Paulo, Brasil, no domingo, 27 de outubro de 1912, do Dr. Horace M. Lane, um dos mais antigos missionários do Conselho da América do Sul, o educador mais conspícuo e um dos estrangeiros mais confiáveis e amado na terra para a qual ele

⁵⁴ O documento traz assuntos importantes para este trabalho missionário, além de assuntos ligados à educação, principalmente, sobre a Escola Americana de Curitiba, que serão retomados no capítulo sobre a rede de escolas. Do ponto de vista missionário, o Comitê presidido por Lane, juntamente com a Brazil Mission propôs aos Boards, a formação de um Conselho Latino-Americano, que seria composto por um representante de cada missão da América Latina. Solicitaram a cooperação dos Board e da Home Mission para a formação do Conselho Latino-Americano, e que os trabalhadores em Cuba, Porto Rico, e entre os povos de língua espanhola nos Estados Unidos fossem representados de forma semelhante. Sugeriram que fosse realizada uma reunião com os Boards durante o ano de 1913; em Santiago, Chile, ou em Nova Iorque, ou em qualquer outra cidade preferida pelos Boards; e que as despesas fossem pagas por eles (Boards), fora dos montantes normalmente concedidos para as missões e seus trabalhos; e que a sua organização e autoridade fossem semelhantes ao do Conselho da China, *mutatis mutandis* (BRAZIL COUNCIL MINUTES, 1912-1937).

deu mais de meio século de vida e serviço. Dr. Lane nasceu da antiga filiação New England em Readfield, Maine, em 29 de julho de 1837, e saiu para o Brasil como um mero rapaz a se envolver em negócios em 1856. Depois de muitos anos no Brasil, dedicou-se em parte aos negócios, em parte à educação, voltou para os Estados Unidos e estudou medicina e estava envolvido na prática da medicina em Missouri, quando o Dr. George W. Chamberlain, que tinha sido o instrumento de estabelecer escolas missionárias em São Paulo, havia superado a sua capacidade como missionário para cuidar delas, recorreu a ele para sair de São Paulo e tomar conta dessas escolas. Dr. Lane aceitou o chamado e saiu como missionário do Conselho em 1886. Sob a sua eficiente direção, as escolas rapidamente adquiriram o primeiro lugar na posição educacional no Sul do Brasil e preparou o caminho para a fundação do Mackenzie College, em 1891, da qual o Dr. Lane foi o primeiro e único presidente. Com um tino único para a administração, com uma ação incansável e inesgotável energia, com a faculdade rara para amizade, com um instinto para educação que foi inigualável no Brasil, e com domínio nas finanças das escolas em uma terra Latina, ele fez o trabalho que lhe foi confiado, não só um sucesso em si, mas um padrão para toda a educação no Brasil. A história do trabalho deparou com muitas dificuldades. O tempo de serviço do Dr. Lane como um missionário foi uma tempestade na vida eclesiástica da Igreja brasileira. O próprio Dr. Lane foi um homem de julgamento rápido e de personalidade forte. Mas as acusações foram cuidadosamente arquivadas e, ao fim, apesar de fraqueza física e ansiedade constante, seu trabalho foi feito com a precisão, fidelidade e resoluta devoção ao dever, que estavam entre suas muitas extraordinárias características. O Conselho deseja registrar o seu apreço a sua longa e notável carreira, tão cheia de honra e de fecundidade, sua sagacidade, sua inteligência rápida e alerta, seu amadurecido sentimento de ternura, sua devoção para com as responsabilidades colocadas sobre ele e sua fidelidade até a morte. O Conselho reconhece a diferença que sua partida faz na força missionária no Brasil e, especialmente, na administração do Colégio, e expressa à Brazil Mission, ao Conselho de Curadores do Colégio a sua tristeza pela sua perda. E para os filhos do Dr. Lane, no Brasil, e sua irmã, na América, o Conselho estende a sua simpatia e respeito (ANNUAL REPORT, 1913, p. 396-397, tradução nossa).

O texto acima transcrito pela Board Foreign Mission apresenta muitas representações sobre Horace Lane. Representações construídas por agentes sociais pertencentes ao campo religioso presbiteriano norte-americano. São imagens construídas após a morte de Lane. Eles pontuam aspectos diversos de Lane: o missionário, o educador, o estrangeiro confiável, homem de negócios, o estudante de medicina, o diretor da escola, presidente do Mackenzie College, homem de julgamento rápido, personalidade forte, de fraqueza física, ansioso, homem de carreira notável, fiel à sua missão, cheio de sagacidade, homem de inteligência rápida, maduro, fiel à sua responsabilidade até a sua morte.

Essas representações construídas sobre Lane depois de sua morte marcam a maneira como o Conselho de missões estrangeiras (Boards) o enxergava e a maneira pela qual Lane deveria ser lembrado. Eles também ressaltam que o tempo em que Lane foi missionário no Brasil foi marcado por tempestades, reforçando o homem polêmico e de conflito, mas que era fiel aos Boards e não à Igreja Presbiteriana do Brasil. Por que tais representações não foram exploradas pela historiografia?

No campo presbiteriano, temos a seguintes palavras ditas pelo Rev. Roberto Frederico Lenington a respeito da morte de Horace Lane:

Tive o privilégio, como tantas vezes antes, de ficar no lar do Dr. Lane. Quem jamais poderia pensar que antes desta reunião da Missão, ambos, meu hospedeiro genial e a hospedeira incomparável, Miss Fanie, teriam deixados esta existência? Quero registrar minha apreciação pelo caráter, tão mal compreendido, do Dr. Lane. Que todos pudessem tratá-lo de modo mais simpático e pudessem conhecê-lo melhor, ajudando-o a resolver problemas difíceis que um homem na sua posição tinha certamente de encontrar. O amado Dr. Lane era o primeiro a reconhecer que cometera erros. Quem de nós está livre deles? Esforçou-se para que a influência do Mackenzie fosse constantemente melhorada, e creio que o fez (FERREIRA, 1992, p. 138).

Em relação às escolas da Central Brazil Mission, o relatório mostra que houve um decréscimo de 30 para 23 escolas, mantendo o número de 17 igrejas do relatório anterior. Sobre a South Brazil Mission, o relatório, além de descrever as várias atividades missionárias e educacionais em várias regiões do Brasil, destaca que possuía nesse ano 15 escolas e 15 igrejas.

É interessante observar nesses relatórios a ausência de informações sobre as Igrejas em São Paulo. Ele traz informações sobre o trabalho evangelístico e educacional de várias localidades do Brasil. A ausência de menção às igrejas de São Paulo talvez seja justificável pela autonomia que tais igrejas gozavam desde o Sínodo de 1888. Dá ênfase às atividades educacionais de Lane enquanto missionário e educador. Lane sempre é apresentado como o missionário ligado ao campo educacional presbiteriano em São Paulo. Nunca é apresentado desvinculado da Escola Americana e do Mackenzie College. Seu campo missionário é a educação. E a escola seria sua igreja? A obra missionária em São Paulo só dependia da ação educacional de Lane?

As análises das fontes sugerem que sim. A responsabilidade missionária do Estado de São Paulo estava sob sua responsabilidade. Ele, de fato, era o elo na estação missionária de São Paulo com os líderes norte-americanos. Pelo que se percebe, embora a Igreja Presbiteriana do Brasil usufruísse de certa autonomia, Horace Lane era um missionário independente ligado à Igreja Presbiteriana dos EUA, que apresentava em seus relatórios aspectos do desenvolvimento do presbiterianismo no Brasil, e em especial as atividades educacionais e missionárias da estação de São Paulo. Ele transcrevia os avanços do presbiterianismo em solo brasileiro, apesar da sua ação missionária ser mais educacional do que evangelizadora.

Nota-se que nem todos os relatórios trazem as localidades de todas as escolas, apenas mencionam as escolas das principais cidades. Vemos uma tendência de aumento e diminuição das escolas. Algumas tiveram período de curta existência por falta de investimento.

Tais relatórios de fato constituem um importante cabedal de fonte primária, porém não como única fonte de interpretação acerca do presbiterianismo no Brasil e, no nosso caso, acerca de Horace Lane. Eles representam sem dúvida a voz dos seus atores sociais. A voz oficial da Igreja norte-americana. A forma como foram organizados, a sua materialidade, o conteúdo selecionado, os discursos transcritos constituem uma prática cultural e social controladora de outras ações sociais. Portanto, tais relatórios representam uma prática social, uma maneira de impor uma visão da história construída por vários agentes sociais pertencentes ao campo presbiteriano norte-americano, que às vezes negavam as disputas de poder, ao omitirem informações, ou supervalorizavam o progresso das igrejas e escolas, negando as crises.

Nas representações construídas sobre Lane nos relatórios da Igreja Presbiteriana norte-americana também se percebe sentidos diferentes daqueles que foram construídos e apropriados pela historiografia. Lane é apresentado como o missionário-educador, responsável pela educação em território brasileiro e em especial em São Paulo, Paraná e Florianópolis. Os relatórios destacam sempre sua atuação, o progresso do seu trabalho, o homem fiel à missão que lhe foi conferida, homem de família, figura envolvida com as questões sociais, políticas e educacionais do Brasil; enquanto na historiografia protestante poucos dão atenção a esse aspecto da sua vida, enfatizando mais sua falta de devoção religiosa.

Provavelmente, poucos historiadores se propuseram a analisar as fontes primárias. Percebemos uma tendência de análise a partir de livros que foram escritos em determinadas épocas e tiveram um sentido social para os grupos a quem foram escritos. Neste sentido, percebemos a reprodução de sentidos sobre Lane. Foram poucos os historiadores que revisitaram as fontes e que possibilitaram novas leituras e interpretações, como foi o caso de Laguna (1999), Hilsdorf (1986; 2009) e Mendes (2007).

A respeito das lutas de representações no campo presbiteriano, os relatórios dão pouca atenção, o que sugere que pensemos que a ausência dessa questão era uma estratégia dos dirigentes da Igreja Presbiteriana norte-americana ao construir uma história do presbiterianismo brasileiro marcada por feitos prodigiosos dos seus missionários. A representação construída principalmente em torno da figura de Horace Lane mostra muito mais aspectos positivos da sua vida missionária e educacional, dos que as lutas travadas no

campo presbiteriano. A visão oficial da Igreja Presbiteriana norte-americana legitimava as ações do diretor da Escola Americana de São Paulo e presidente do Mackenzie College, em contrapartida, como veremos mais adiante, cerceava as ações de Eduardo Carlos Pereira, pois esse, de certa forma, colocava em risco a hegemonia da Igreja americana, ao defender princípios de autonomia da Igreja Presbiteriana brasileira.

Em relação às duas estações missionárias: Central Brazil Mission e South Brazil Mission, é válido destacar que a primeira possuía mais escolas do que a segunda, que estava sob a supervisão geral de Horace Lane. Até o momento não encontramos documentos que nos ajudem a entender se as escolas da estação Central Brazil Mission também foram incluídas no plano de Horace Lane de sistematizar e unificar as escolas presbiterianas. Pelos relatórios de Lane aos Trustees vemos apenas as escolas relacionadas à estação South Brazil Mission. Isso representa um problema que deve ser estudado na perspectiva da história da educação.

O estudo de Nascimento (2007) afirma que a obra educacional da estação Central Brazil Mission é pouco estudada na perspectiva da história da educação, o que representa um desafio para os historiadores. Em seu estudo sobre o Instituto Ponte Nova, pontua que se tratava de um modelo diferente do Mackenzie College. Segundo a mesma autora, a missão incluía a Bahia, Sergipe, Goiás, Mato Grosso e Norte de Minas Gerais. Pelo Annual Report (1906) essa estação contava com o apoio na ocasião do Rev. Waddell, que foi companheiro de Lane. Esse pastor sempre esteve presente na vida educacional da Escola Americana de São Paulo, Mackenzie College e nos conflitos vividos por Lane no campo presbiteriano. Sua presença na estação Central Brazil Mission deve ser alvo de futuros estudos. Será que a sua participação nessa estação não estava atrelada às aspirações de Horace Lane em expandir e sistematizar as redes de escolas também na Central Brazil Mission?

No próximo tópico analisamos as representações construídas sobre Lane no jornal *O Estandarte*, cujo redator principal era Eduardo Carlos Pereira.

2.2 Horace Lane no Jornal *O Estandarte*

Os missionários presbiterianos norte-americanos também utilizaram a imprensa jornalística como estratégia de divulgação das suas ideias. O primeiro jornal ligado à Igreja Presbiteriana no Brasil, criado 05/11/1864 pelo Rev. Asbhel Green Simonton, foi o *Imprensa Evangélica*. Serviu aos interesses da Igreja⁵⁵ até o ano de 1893, quando foi substituído em

⁵⁵ Segundo Ferreira (1992), a decisão de encerramento do jornal *A Imprensa Evangélica* foi tomada pelos Boards de forma arbitrária, com negação aos presbiterianos nacionais de utilizarem os direitos autorais. Conforme Ferreira havia interesse dos Boards que Lane e Waddell assumissem a redação da *Imprensa Evangélica*.

07/01/1893 pelo Jornal *O Estandarte*, criado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira, Rev. Bento Ferraz e presbítero Joaquim Alves Corrêa. Eduardo Carlos Pereira tornou-se seu principal articulista e redator nos anos iniciais. Até 1902, na última edição, o jornal representava o órgão evangélico presbiteriano⁵⁶. A partir de 1903 pertenceu oficialmente à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (SILVA, P. N. O., 2011).

Segundo Gutierrez (2010, p. 51):

O jornal [O Estandarte] começou a ser editado semanalmente na forma de impressão que durou por muitos anos, desde, sua fundação em 1893 até 1931. Sendo que na primeira edição de 1893, vemos a informação de que o jornal tinha uma tiragem de oito mil exemplares ano. De 1931 a 1980 passou a ser impresso quinzenalmente, e de 1981 a 2009 tem sido impresso mensalmente. O jornal era editado em tamanho 20 por 30 centímetros, contendo quatro páginas. Na primeira página era editado um artigo na maioria das vezes escrito por Eduardo Carlos Pereira.

Eduardo Carlos Pereira, como demonstrado pela historiografia presbiteriana, tornou-se o principal opositor de Horace Lane. Embora não vejamos muitas referências diretas sobre Horace Lane nas páginas do jornal *O Estandarte*, podemos ter uma visão dos conflitos que envolviam o campo presbiteriano no Brasil e como Eduardo e seu grupo tentaram impor suas ideologias contra as principais controvérsias que culminaram com a divisão do campo presbiteriano brasileiro em 1903: educação, maçonaria, seminário, catolicismo e outros.

Para Lima (2008), Eduardo Carlos Pereira cristaliza o primeiro modelo de intelectual protestante brasileiro: um modelo conservador. Para o autor, Pereira é um dos principais personagens dentre os primeiros pastores brasileiros formados pelos missionários norte-americanos e líder do movimento de autonomia presbiteriana que resultou no cisma de 1903. Segundo Lima, Pereira representa o primeiro modelo de intelectual protestante brasileiro, porque ofereceu à cultura brasileira sua contribuição como gramático da língua portuguesa. Como intelectual, exerceu o magistério, foi o homem da escrita sobre os mais variados temas, inclusive sobre a Escravidão no Brasil. Entre outros meios, utilizou a imprensa jornalística para deixar a marca do seu intelectualismo, da sua tomada de posição, das suas crenças, das suas lutas, das suas práticas. Como o principal idealizador e redator do jornal *O Estandarte*, utilizou-o como um espaço de disputa, de posicionamentos, de tomada de poder, de convencimento.

⁵⁶ Existiam outros jornais presbiterianos, como por exemplo, *O Puritano*, organizado em 1899 e tinha como redatores: Antonio Bandeira Trajano, Álvaro Reis, Erasmo Braga e outros. Pessoas muito próximas a Horace Lane. Álvaro Reis, como veremos, defendeu alguns posicionamentos de Pereira, porém ao perceber que o referido pastor caminhava para a criação de uma escola anexa, junto ao Seminário, fez oposição a sua postura. Antonio Trajano foi professor da Escola Americana de São Paulo e elaborou o conhecido livro de Aritmética Elementar ilustrada. Ver: OLIVEIRA, M. A., **Antonio Trajano e o método intuitivo para o ensino de Arithmética**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Tiradentes, 2013.

A primeira menção direta a Lane surge no *O Estandarte* de 04/02/1893, página 4. O jornal noticia uma doação feita por John Mackenzie para a construção de um edifício que passaria a se chamar Mackenzie College. A doação foi intermediada por Lane. Esse é mencionado como diretor da Escola Americana.

Em 30 de junho de 1894 há a publicação de uma nota sobre o Mackenzie College publicada no *Correio Paulistano* por Horace Lane, dizendo que a referida instituição havia encerrado o primeiro semestre do ano letivo. Dizia que o semestre teve bons resultados, que em breve se concluiria a construção do edifício em janeiro de 1895, que receberia um número limitado de matrículas, que possuía um laboratório científico e que retornaria às aulas em 4 de julho. A nota vem assinada pelo seu diretor Dr. Horace Lane (O ESTANDARTE, p. 4).

Em 1893, aparece uma pequena nota sobre Horace Lane, dizendo que ele viajaria para os Estados Unidos e permaneceria por seis meses. É descrito como diretor da Escola Americana de São Paulo (O ESTANDARTE, 16/09/1893, p. 4). Os redatores lhe desejam uma boa viagem.

O jornal publicou vários artigos escritos pelo Rev. Alexander Blackford sobre a missão no Brasil. Na edição de dezembro, aparece uma relação de missionários nomeados pela Missão Estrangeira. Horace Lane aparece como missionário nomeado pela Missão em 1886 (O ESTANDARTE, 02/12/1893, p. 3). O título de Doutor sempre aparece na frente do nome de Lane. No mesmo mês publica-se uma nota sobre o encerramento das aulas da Escola Americana dirigida por Horace Lane. Seu nome não aparece na nota, mas os redatores afirmam que o objetivo da escola era contribuir com o engrandecimento do país. Desejam que a escola seja americana no sentido lato da palavra e não uma mera imitação das escolas americanas dos Estados Unidos. Uma escola que adapte os métodos às tradições do povo brasileiro. Afirmam ainda que desejam que a instituição escolar possa atender todas as modalidades educacionais para ambos os sexos. Relatam que a construção do edifício para o Mackenzie College estava em progresso e que seria concluído até 1895 (O ESTANDARTE, 09/12/1894, p. 3). Na edição posterior, os redatores afirmam que o colégio seria estabelecido no bairro da Liberdade (25/08/1894, p. 3).

Em 08/09/1894, temos uma matéria extensa com o título: *Colocação da Pedra Angular do Mackenzie College*. A matéria se inicia trazendo aspectos históricos da origem da escola organizada pelo missionário norte-americano Rev. Chamberlain. O nome de Horace Lane é mencionado como um dos fundadores do Mackenzie College, juntamente com o Rev. Chamberlain e Dr. W. A. Waddel. Após mencionar aspectos históricos, a doação de dinheiro feita por John Mackenzie e a organização do Curso Superior em 1891, o redator menciona o

nome das autoridades presentes no evento: Prudente de Moraes, vice-presidente do Senado Federal; senador Guimarães Júnior, vice-presidente do Senado Estadual; Luiz Pisa, presidente da Câmara dos Deputados do Estado; Pedro Vicente de Azevedo, presidente da municipalidade; diretores e professores de vários estabelecimentos de ensino da capital, representantes da imprensa, oficiais da guarda, distintos cidadãos e grande número de famílias. Menciona a ausência do ministro dos Estados Unidos, T. L. Thompson, que declarou com muito pesar que não poderia estar presente por motivos de compromissos. No discurso dirigido para esse evento, o ministro dizia-se feliz por ver o progresso da educação no Brasil, pois ela era a pedra fundamental da República norte-americana.

O Rev. George W. Chamberlain fez uso da palavra como fundador e um dos representantes da diretoria, que após fazer um levantamento histórico da escola e do seu progresso, adicionou a uma caixa de cobre exemplares da Bíblia em português e inglês, uma nova tradução do Salmo, exemplares da Constituição federal e estadual, vários documentos relativos à escola, as gazetas do dia e ata da inauguração. A pedra fundamental foi lançada pelo secretário do interior, Cesário Mota Júnior. Em seu discurso relembra a importância da educação e do pensamento pedagógico que circulava naquela instituição, citando o nome de vários educadores: Pestalozzi, Froebel, Horace Mann, Barnard, Yale, Cornel, Hopkins, e outros que formavam no seu dizer uma constelação no firmamento do ensino. Encerra a nota dizendo que na edição posterior colocaria o discurso do Dr. Santos Saraiva (O ESTANDARTE, 08/09/1894, p. 2). O discurso foi publicado em 22/09/1894.

A matéria é extensa e impregnada de historicidade sobre a Escola Americana cita por duas vezes o nome de Lane como aquele que mediu a doação feita pelo americano John Mackenzie e como fundador do Mackenzie College. A presença de Chamberlain, fundador da Escola Americana, e seu discurso histórico conferiram ao evento um momento memorial que marcava a vida daquela instituição. Não se menciona a presença de Horace Lane no lançamento da pedra. Estava de viagem nos Estados Unidos, conforme nota escrita na edição de 20/10/1894 (O ESTANDARTE, p. 4). Autoridades políticas, militares e civis mencionadas pelo redator do jornal davam um tom de importância ao evento. O pronunciamento feito pelos participantes reforçava a imagem de uma instituição educacional voltada para a solidificação dos valores republicanos. Mesmo ausente no lançamento da pedra, Lane é mencionado como diretor, negociador e fundador do Mackenzie College. É uma das poucas vezes que aparece uma nota sobre o Mackenzie College na segunda página do jornal *O Estandarte*.

Em 25 de maio de 1895, o Mackenzie College aparece novamente nas páginas do jornal. Na nota, o redator afirmava que estavam em fase de conclusão as obras do novo

edifício da importante instituição escolar. Porém, não faz nenhuma menção a Horace Lane (O ESTANDARTE, p. 4). Até o lançamento da pedra fundamental a presença do Mackenzie e Lane nas páginas do Estandarte era ínfima. As referências são curtas sobre a modalidade educacional ofertada por essa instituição educacional.

Porém, nota-se até o presente momento que há mais artigos sobre a educação teológica, voltada para a formação de pastores do que assuntos ligados à educação. A educação teológica oferecida nos seminários era um dos modelos de educação defendida por Rev. Eduardo Carlos Pereira. Na edição de 09/12/1895, aparece na primeira página do jornal a outra modalidade de escola defendida pelo Rev. Eduardo, a paroquial. Ele entendia a escola paroquial como aquela que “é instituída pelas igrejas particulares para serviço da própria comunidade que se ergue ao lado do templo para instrução primária dos filhos menores da Igreja (O ESTANDARTE, p. 1). O artigo toma quase toda a primeira página do jornal. A intencionalidade do articulista é perceptível ao colocá-lo na primeira página. Ele faz crítica à educação pública. Afirma, entre outras coisas, que os filhos dos crentes não poderiam ter contato com os valores ensinados nas escolas públicas. Eduardo deixa bem claro que sua visão educacional era diferente da visão de Horace Lane que defendia os colégios abertos, voltados para os filhos de não crentes.

Talvez esse artigo assinado por Pereira começa a marcar a divergência entre ele e Lane. É o primeiro artigo de Pereira sobre a escola paroquial nas páginas do jornal *O Estandarte*. Ele diz no final do artigo que o assunto retornaria às páginas do jornal, porque tratava do futuro da igreja evangélica, no caso, da Igreja Presbiteriana. A opção de Pereira talvez explique a razão pela qual não se mencione com frequência nas páginas do jornal *O Estandarte* a ação educacional da Igreja Presbiteriana. Como pontuamos, são raras as vezes que aparece uma menção às escolas americanas. Percebe-se que Pereira tinha uma opção clara da modalidade educacional que a igreja deveria praticar: a educação através das escolas paroquiais.

Ele defendia que não se podia contar com a educação pública por causa da neutralidade religiosa e solicitava que as igrejas com a mais rápida urgência instalassem escolas paroquiais, objetivando “conservar, aprofundar e amadurecer a educação religiosa da família e da igreja” (O ESTANDARTE, 16/11/1895, p. 1). O artigo novamente toma quase toda a primeira página do jornal. Sugere-nos pensar que o modelo de escola paroquial era um assunto importante para Pereira. Como ele mesmo referiu, tratava-se, na sua visão, do futuro da igreja evangélica. Para legitimar sua posição faz uso de várias referências bíblicas,

mostrando a importância da organização de escolas paroquiais. O uso de citações bíblicas conferia poder ao seu discurso no jornal *O Estandarte*.

Segundo Gutierrez (2010), Pereira defendia que a educação escolar:

[...] deveria estar submetida aos ensinamentos da Bíblia, que deveriam orientar toda vida da pessoa. Causando uma mudança nos valores individuais e coletivos, era o que ele chamava de conversão aos princípios do evangelho. A educação deveria estar a serviço desses ensinamentos da Bíblia. Os colégios seriam importantes auxiliares da evangelização, mas deveriam tomar o cuidado para que não se afastassem da mensagem bíblica, crescendo em riqueza, em poder político e servindo-se do poder, deixando a simplicidade dos ensinamentos bíblicos, que, em sua essência, o poder deve existir para servir, e não para ser servido. Ele se baseava no que o Evangelista São Mateus dizia: 'Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir' (Mt 20.28). Em sua visão, os colégios seriam necessários para formação moral e intelectual dos filhos da igreja, que poderiam ter um comportamento diferenciado para oferecer à sociedade em relação à educação católica (p. 45).

Para o autor, Pereira entendia que os colégios não tinham por base a formação moral e cristã, e sim, fins comerciais, distanciando-se dessa forma da evangelização. Talvez seja por essa razão que ele fez oposição à modalidade educacional defendida por Horace Lane.

Portanto, podemos sugerir que com esse posicionamento de Pereira inicia-se uma luta de representações em relação à educação. Como podemos observar, Lane tinha uma visão educacional centrada nos colégios abertos, ou seja, na evangelização indireta (HILSDORF, 1977), por isso todo o seu esforço na expansão do Mackenzie, na supervisão das escolas americanas e na implantação dessa modalidade educacional em várias partes do Brasil. Nossa tese centra-se na ideia de que Lane objetiva a organização de escolas abertas no interior de São Paulo e ainda nas cidades onde seu campo missionário tinha jurisdição. Pela fala de Pereira, ele também deseja a organização de escolas paroquiais nas igrejas. Então, podemos pensar que se trata de uma concorrência de rede de escolas que vai se acentuar entre os dois, ou seja, Pereira desejava a configuração de uma rede de escolas paroquiais, voltada para os crentes e Lane de escolas abertas, voltadas para a sociedade e que vinha ao encontro das aspirações educacionais da elite republicana (HILSDORF, 1977; SILVA, I. B., 2010). Ambas as modalidades estavam de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Igreja Presbiteriana norte-americana em 1840 (SILVA, I. B., 2010).

Mas, o fato de vermos na página dos jornais *O Estandarte* o posicionamento de Pereira em defesa da escola paroquial e da educação teológica, contrário ao posicionamento de Lane, sugere não somente a defesa, mas o surgimento de lutas de representações. Ferreira (1992) fala da opinião de Lane, ao transcrever parte de um artigo dele publicado em 22/09/1897, no *Presbyterian Banner*, de Pittsburg.

Embora os irmãos brasileiros tenham sido ligeiramente infeccionados de certas heresias educativas, eles são, em geral, a favor de uma sã educação cristã; presentemente estão eles feridos de uma loucura transitória que assume a forma de um patriotismo hipersensitivo. Eles querem dirigir a educação protestante e nacionalizar o cristianismo. É antes um orgulho estreito do que largo princípio cristão que ora domina nos concílios da Igreja brasileira. Nos últimos anos, tem havido uma tal falta, lamentável, de prudência e sabedoria no sínodo e presbitérios, que seus mais velhos amigos começam a duvidar sobre estarem eles inteiramente preparados para a responsabilidade do governo, sob forma presbiteriana. Se realmente eles querem uma igreja nacional e desejam educar um ministério sobre bases estritamente patrióticas, devem ter o privilégio de isso fazer à sua própria custa (FERREIRA, 1992, p.422).

Para Lane, a posição de Pereira e dos irmãos brasileiros era vista como heresias educacionais, além disso, afirma que esses estavam feridos de uma loucura transitória que assumia uma forma de patriotismo sensitivo. Para Lane, eles queriam dirigir a educação protestante e nacionalizar o cristianismo. Interessante a forma como Lane enxerga a disputa educacional, ou seja, não estava apenas em conflito a modalidade educacional, mas o domínio sobre a educação protestante. Portanto, essa luta de representações ajuda-nos a entender que estava em jogo o domínio do campo presbiteriano e educacional. Por outro lado, a posição de Pereira pode também ser vista como uma tentativa de mostrar aos norte-americanos que os brasileiros tinham condições de assumir a direção da Igreja.

A problemática se prolonga e cria raízes a ponto de surgir a famosa “Moção Smith” em 1897, que defendia a prioridade da evangelização sobre a educação (FERREIRA, 1992; MATOS, 2004). A moção era uma evidência de que a questão educacional era um problema dentro do campo presbiteriano, a ponto de os conciliares optarem pela evangelização direta. O cisma⁵⁷ de 1903 evidenciou essa problemática e fez com que a Igreja centrasse sua atenção mais na evangelização direta do que na indireta.

Porém, nas edições do jornal *O Estandarte* que antecederam as questões tratadas no Sínodo de 1897, as citações sobre a educação paroquial ocupam muito mais páginas, o que evidencia a preferência de Pereira sobre os colégios abertos. Uma nota sobre a Escola Americana de São Paulo surge novamente nas páginas do jornal. Os redatores falam do encerramento do semestre e do reinício das aulas. Além disso, transcrevem uma carta de Horace Lane dirigida aos pais dos alunos. O nome de Lane não é mencionado em momento algum pelos redatores, apenas se referem a ele como diretor da escola americana. Na carta

⁵⁷ A partir do cisma de 1903, temos o início da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, liderada pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. A Igreja Presbiteriana do Brasil, da qual a Igreja Presbiteriana Independente saiu, continuou ligada à Igreja Presbiteriana do Norte (EUA). Porém, houve um distanciamento dela em relação à educação como estratégia de evangelização. A Brazil Mission, que cuidava da South e Central Brazil Mission era o centro das articulações educacionais e missionárias da Igreja Presbiteriana norte-americana no Brasil e reduto dos missionários e educadores norte-americanos.

aos pais, transcrita no jornal, Lane dizia que a escola completava um quarto de século, congratulando-se com todos pelo crescimento da instituição e pela confiança da sociedade ao entregar seus filhos à educação.

Afirmava que no longo “apostolado” nunca sacrificou os altos interesses da educação a fins comerciais, oferecia à sociedade um corpo docente leal e dedicado. Para ele, uma escola não se fazia apenas com bonitos programas, bons métodos, mas com as pessoas que dirigiam as aulas e aplicavam os métodos. Lane afirmava que estava feliz em ver o método de ensino praticado na Escola Americana de São Paulo adotado nos estabelecimentos públicos. Dizia sentir-se orgulhoso de ver a organização da escola americana, pois tinha o apoio de homens que lutavam pela elevação da instrução popular e pelo progresso do país. Dizia que se esforçaria em acompanhar o maravilhoso desdobramento da instrução popular nos Estados Unidos, porém não imitando cegamente, mas adaptando os resultados líquidos das dispendiosas experiências e apurados estudos feitos no Brasil, a fim de criar uma educação americana⁵⁸, no sentido mais estrito da palavra, que pudesse satisfazer as exigências da vida prática do Brasil. Para ele, o Brasil tinha forte analogia com a América do Norte em relação às aspirações políticas e sociais (O ESTANDARTE, 14/12/1895, p. 4).

Lane procura convencer de certa forma seus leitores sobre a importância dessa modalidade educacional para o progresso do país. Com esse discurso gostaria de obter o apoio dos dirigentes da Igreja e mais alunos para o seu estabelecimento de ensino. A nota se encontra na página quatro, bem diferente dos artigos de Eduardo Carlos Pereira, que eram colocados na primeira página do jornal, como por exemplo, a questão do Seminário Teológico (O ESTANDARTE, 06/06/1896, p. 1) e escritos sobre o Presbiterianismo (O ESTANDARTE, 30/05/1896, p. 1). Como redator do jornal, o referido pastor privilegia seus artigos e de outros colaboradores em detrimento dos assuntos relacionados a Lane e a instituições escolares sob sua responsabilidade.

Lima (2008) afirma que a liderança de Eduardo Carlos Pereira se consolidava entre os pastores brasileiros, além de construir sombra aos próprios missionários norte-americanos, que estavam ocupados em consolidar nesse período o grande projeto educacional – o Mackenzie College. As desavenças sobre essa modalidade educacional custaram a simpatia de antigo apoiadores. O autor relembra que entre eles, estava Horace Lane, “antiga ovelha do rebanho” de Pereira. Era seu defensor nos primeiros anos de pastorado da Primeira Igreja

⁵⁸ Para Lane, a educação americana tinha como base os princípios de origem protestante. Era cristã em sua influência e propósito. Ver: *Missionary Review World* de 1902. v. 15 – outubro, p. 753-758.

Presbiteriana de São Paulo. Durante as lutas de representações educacionais no campo presbiteriano, Lane passa a hostilizar sua liderança e não reconhecê-lo como pastor. Lima afirma que a hostilidade de Lane também estava ligada ao nacionalismo que Pereira defendia, ou seja, a autonomia da Igreja Presbiteriana brasileira.

Pereira defendia a autonomia da Igreja brasileira, inclusive a saída dos missionários do comando. Isso também passaria pela questão educacional, visto que essa obra também estava sob as mãos dos missionários norte-americanos. Nesse sentido, as lutas de representações no campo presbiteriano em relação à educação nos ajudam a entender que se tratava de fato de uma luta pelo domínio e monopólio do poder desse campo. A saída da liderança norte-americana do controle das igrejas e da obra educacional seria então preenchida pelos presbiterianos nacionalistas, representado pela pessoa de Eduardo Carlos Pereira. Para Lane, Pereira tinha a intenção de assumir a liderança do Mackenzie College.

Hack (2002) afirma que o confronto das forças debatedoras era desigual, pois os missionários americanos eram membros tanto dos presbitérios brasileiros quanto das comissões das Missões que detinham o poder financeiro. Porém, isso não representava um empecilho para Eduardo Pereira. *O Estandarte*, sob a sua direção, era uma forma de palanque para seus escritos contra os dirigentes do Mackenzie.

No jornal publicado em 11 de julho de 1896, os redatores publicam um sumário da reunião do Presbitério de São Paulo. Entre os assuntos estava o pedido de desligamento do Rev. W. A. Waddell do referido Presbitério para o Presbitério de Los Angeles. No sumário, registram o clima de animosidade entre os pastores nacionais e o Mackenzie College. Afirmavam que o Presbitério de São Paulo não tinha jurisdição sobre essa instituição educacional e lamentavam a triste anormalidade que passava a Igreja Presbiteriana do Brasil. Como podemos observar, as divergências em torno do Mackenzie College começam a surgir nas páginas do jornal *O Estandarte*, crise que segundo o jornal se estendia desde 1893. Isso justifica a razão das omissões do nome de Lane, as publicações colocadas nas páginas finais, as poucas referências à escola americana.

No jornal (O ESTANDARTE, 01/08/1896, p. 1), os redatores falam da crise interna instalada na vida da Igreja Presbiteriana do Brasil. O problema girava em torno do Seminário Teológico. O artigo sugere que essa modalidade educacional não recebia o devido apoio dos líderes do Mackenzie College, afirmam: “[...] o Mackenzie que foi erguido por amor a nós, atira-nos a luva para um duelo de morte”. Eduardo Carlos Pereira sabia muito bem que à frente dessa instituição estava Horace Lane, juntamente com o Rev. Waddell. Cita-os de

forma indireta, dizendo que os dois irmãos à frente do Mackenzie estavam forçando a confiança da igreja nacional.

A crítica que Pereira faz e o tom de combate com que fala do Mackenzie explicitam o clima de animosidade que existia no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil. No mesmo artigo, Pereira transcreve a resolução da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos que resolvia suspender as verbas destinadas ao Seminário Teológico, anexo ao Mackenzie e dispensar seus professores. E que a partir dessa decisão o referido Seminário seria de responsabilidade da igreja nacional. Menciona ainda o apoio dado pelos missionários do Sul, Boyle e Edward Lane, à decisão da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos. Filiados à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, Horace Lane e Waddel conseguiram ferir a menina dos olhos do Rev. Eduardo Carlos Pereira, o Seminário Teológico. Pereira, apesar do apoio do Presbitério de São Paulo, sabia muito bem que não tinha jurisdição sobre os referidos missionários.

Por isso, *O Estandarte* passa a ser um campo de disputas e ataques contra os referidos missionários. O órgão criado para a evangelização passa a ser palco de disputas ideológicas entre os agentes sociais do campo religioso presbiteriano. Sem transcrever em momento algum sequer uma resposta de Horace Lane. O jornal é usado por Pereira para atacar os posicionamentos de Lane e combater assuntos que contrariavam suas ideias.

Na edição posterior, temos as seguintes palavras iniciais do artigo escrito por Eduardo Carlos Pereira:

Prosseguimos hoje no exercício do sagrado direito de defender o Seminário Teológico do Sínodo contra o assalto de falsas informações. Seguia o Seminário, tranqüilo, seu caminho, crescendo em força e prosperidade, enchendo a nossa igreja de gratas esperanças. Na impossibilidade de sermos compreendidos em nossas justas queixas contra os homens do Mackenzie, mal interpretados pelos próprios amigos, apelamos formalmente para Deus e calamo-nos. Em uma reunião de oração, celebrada em um dos edifícios do colégio, orou o rev. G. W Chamberlain, rogando a Deus que, si aqueles edifícios não tinham de servir a Igreja e a causa de Cristo no Brasil, que Ele os arrasasse e atirasse o próprio pó no fundo do mar (O ESTANDARTE, 08/08/1896, p. 1).

Pereira indiretamente faz referência aos responsáveis pelo Mackenzie, chamando-os de “homens do Mackenzie”. Quem eram esses homens do Mackenzie senão Horace Lane e Waddel? Por que a omissão do nome deles? Talvez, numa tentativa de enfraquecer a memória, o trabalho, a articulação deles, ou ainda, certa postura de indiferença e menosprezo. A representação - homens do Mackenzie - substituiu uma das primeiras representações que Pereira mencionou quando começou a publicar sobre a crise surgida no campo presbiteriano, ou seja, os “irmãos do Mackenzie”.

Ao evocar os dizeres do Rev. Chamberlain, fundador da Escola Americana de São Paulo, Pereira diz que, nas mãos desses homens, o Mackenzie tinha deixado seu objetivo de servir a Igreja e a causa de Cristo no Brasil. Deveria, nesse sentido então, ser lançado no fundo do mar, como falou Chamberlain em sua oração.

Pereira continua:

Levantamo-nos, por nossa vez, e apelamos para o mesmo Senhor, rogando-lhe confiadamente que decidisse nosso pleito, visto que assaz tinham os homens falado em vão. Aguardamos em silêncio o acórdão do Tribunal Divino a que tinha sido afecta a questão, deixando o Mackenzie realizar seu destino como pudesse, não articulando no seio de nossas igrejas, nem oficial nem publicamente, palavras de hostilidade, quando nos surpreendeu dolorosamente o fato de os amigos do Mackenzie não terem imitado nosso procedimento. Não nos deixaram realizar em paz nosso destino: eles informaram, como vimos em nosso número passado (O ESTANDARTE, 08/08/1896, p. 1).

Pereira se refere a Lane e a Waddel como “amigos do Mackenzie”, dizendo que não agiram como ele agiu. Sugerindo que eles lançaram palavras de hostilidade contra ele. No mesmo artigo, Pereira publica um documento feito pelo Presbitério de São Paulo e de Minas Gerais à Board de Nova Iorque e ao Comitê de Nashville, em referência ao professorado do Seminário Teológico. O documento foi assinado por vários líderes da igreja nacional: João Ribeiro de Carvalho Braga (moderador), Manoel José Rodrigues da Costa (Secretário), representando o Presbitério de São Paulo. Álvaro E. Gonçalves dos Reis (Moderador do Presbitério de Minas Gerais) e Miguel Augusto Campos (secretário Dois Córregos).

No documento, relembram o clima de hostilidade entre eles e a estranheza como a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos se retirou do Seminário. Citam diretamente o nome de Horace Lane e do Rev. Waddel, dizendo que não eram pessoas dignas de confiança. Afirmavam que a crise se agravou porque a igreja norte-americana não deu atenção aos problemas que o Mackenzie vivia, pois seu diretor, Horace Lane, tinha sido suspenso da comunhão da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Neste sentido, eles sugeriam que Lane não podia estar à frente do Mackenzie. A retirada dos investimentos financeiros para formação dos pastores, que aconteciam no Mackenzie College, acirrou o clima de conflito entre os diretores do Mackenzie e a Igreja Presbiteriana nacional. O documento sugere que a decisão tomada pela Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos foi influenciada por Horace Lane e Waddel.

Desse modo, percebe-se nos jornais que essa posição foi fortemente decisiva na visão que os pastores nacionais construíram sobre Horace Lane e Waddel. Começaram a mencioná-los como: “irmãos do Mackenzie”, depois “homens do Mackenzie”, “amigos do Mackenzie” e, finalmente, “pessoas indignas de confiança”.

Na edição posterior Pereira continua:

Ainda mais: uma carta nestes dias recebidas dá claramente a entender que as informações aqui partidas deixam no Board de Nova York a impressão de que não somente com o Seminário fazemos guerra ao Mackenzie, mas também hostilizamos a Escola Americana, tentando criar uma escola paroquial (O ESTANDARTE, 15/08/1896, p. 1).

Pereira procura amenizar as discussões dizendo que não estava em guerra contra o Mackenzie e nem contra a Escola Americana. Mais tarde, Dascomb interpretava a luta travada entre Pereira e Lane como uma “Guerra Insensata” (DASCOMB, 17/10/1906). Mas, ao publicar essa matéria na primeira página do seu jornal, não estaria ideologicamente em guerra com os diretores destas instituições educacionais? Sem dúvida, o tom de hostilidade, ainda que utilizando linguagem cristã, deixa antever que o clima entre eles era de conflito e luta pelo poder no campo presbiteriano. Nessa mesma edição, Pereira diz que circulava a ideia de cisão na Igreja Presbiteriana do Brasil.

O conflito estava em torno do Mackenzie College e a Escola Americana, educação teológica pelo Seminário e escola paroquial. No trecho acima, Pereira afirmava que circulava uma propaganda de que ele hostilizava a Escola Americana ao tentar criar uma escola paroquial. Como vimos acima, essa escola trataria de cuidar da educação dos filhos dos crentes. Pereira era defensor da tese de que cada igreja deveria ter sua escola paroquial.

Hack acentua:

A propaganda religiosa indireta adotada pelos colégios protestantes distanciava-se da prática de propaganda das escolas paroquiais ou junto às igrejas. As escolas paroquiais mantiveram o perfil estritamente confessional, porém os colégios optaram pela propaganda indireta (2003, p. 96)

No mesmo artigo Pereira afirma:

Guerra ao Mackenzie e a Escola Americana – não o fazemos. Nós somos cristãos e temos o direito de exigir um pouco mais de respeito às nossas intenções. Não somos indiferentes aos generosos intuitos dos promotores desses dois estabelecimentos e, gratos, folgamos de reconhecer os benefícios pedagógicos que eles tem prestado aos nossos patrícios. Com o seu atual diretor é que não podemos ser solidários, nem cooperar oficialmente, e isto por motivo de ordem eclesiástica, consequentemente, religiosa. Para ser outro o nosso procedimento, seria necessário primeiro rasgar o nosso Livro de Ordem, violar os nossos votos, desprestigiar os nossos tribunais eclesiásticos, vilipendiar a nossa Igreja. Isto não podemos fazer (O ESTANDARTE, 15/08/1896, p. 01).

Ele pontua que não estava em guerra com o Mackenzie e a Escola Americana, que reconhecia os benefícios dessas instituições ao povo brasileiro, porém destacava que não era solidário a eles e nem cooperaria oficialmente por motivos de ordem eclesiástica, ou seja, por causa da disciplina que havia imposto contra Horace Lane. A exclusão do rol de membros da

Igreja Presbiteriana de São Paulo, igreja da qual Lane era membro, não seria uma forma de retaliação?

Por outro lado, percebemos que a presença do Mackenzie College, da Escola Americana e seus representantes no Estandarte era muito tímida. O que reforça, de certa forma, que os redatores desse jornal não eram simpatizantes dessas instituições educacionais. São poucas as notas sobre elas, e quando surgem citações estão vinculadas ao clima de hostilidade, disputa e guerra. Seriam essas instituições escolares somente provedoras de conflitos? Elas apenas imprimiram um ambiente de hostilidade no campo religioso presbiteriano? Elas não trouxeram nenhum benefício às igrejas?

Isso fica evidenciado no mesmo jornal, na página 3, onde é publicada uma nota sobre o artigo assinado por Eduardo Carlos Pereira, intitulado *A Situação*, em que dizia:

É deplorável que não tenham enxergado o desastre de manter como missionário e, depois, como diretor de um Colégio Protestante destinado a educar nossos filhos que aspirassem ao sagrado ministério; que não tenham enxergado o desastre de manter, dizemos nessas posições de tanta responsabilidade religiosa, um irmão suspenso da comunhão, e sem a mínima satisfação aos tribunais da Igreja Presbiteriana do Brasil; ainda mais: com a circunstância agravante de ter o Sínodo rogado ao Brazil Mission remover este escândalo em São Paulo (O ESTANDARTE, 15/08/1896, p. 3).

A nota não vem assinada. Corroborar com a posição de Pereira sobre a pessoa de Horace Lane que, por estar disciplinado da igreja nacional, não podia estar à frente do colégio protestante. Não mostra apenas que ele estava suspenso, mas também o fato de ser uma pessoa insubordinada às decisões do tribunal da Igreja Presbiteriana do Brasil. Pereira continua sua defesa em torno da educação teológica com o artigo *o Seminário* publicado no Estandarte em 29 de agosto de 1896, tentando convencer o pessoal do Mackenzie e os representantes da Igreja a não retirarem o investimento na formação teológica.

Pereira tem apoio de outros líderes da Igreja nacional. Na edição de 05/09/1896, Remígio de Cerqueira Leite critica a atitude dos dirigentes do Mackenzie e da Igreja Presbiteriana norte-americana em artigo intitulado *Nota da Situação*. Afirma que sempre nutriu simpatia pelo trabalho realizado pela Escola Americana e Mackenzie, mas não via com bons olhos a retirada do apoio financeiro em relação ao Seminário Teológico. A nota é dirigida ao redator do jornal o Estandarte, referindo-se ao mesmo como amigo.

Na edição de 26-09-1896 há a transcrição de um resumo da reunião do Sínodo em São Paulo, entre os diversos assuntos, foi tratado o problema entre os dirigentes do Mackenzie e a questão do Seminário Teológico. Sobre essa problemática, afirma-se que o intuito não é atacar o Mackenzie e os problemas não são pessoais.

Na edição de 17 de outubro de 1896, Henry M. Humphrey, tesoureiro da diretoria do Colégio Protestante (Mackenzie), estabelecida em Nova York e representante do *Board Foreign Mission*, faz um pronunciamento sobre a problemática que envolvia os dirigentes do Mackenzie no Brasil e Eduardo Carlos Pereira. No texto, afirma que chegou às suas mãos um documento que falava dessa problemática. Para os membros da Board, a posição de Pereira fazia parte da sua ambição pessoal de dirigir a obra educacional do Estado de São Paulo.

O representante do Board afirma que Waddell e Lane seriam suspensos da direção do Mackenzie se as acusações que Pereira fazia fossem verdadeiras. Segundo o tesoureiro, tanto Waddell e Lane foram ouvidos. Em sua defesa, Lane afirmou que foi retirado da comunhão da Igreja sem processo normativo e que Pereira e sua “panelinha” faziam oposição ostensiva.

Na edição de 24 de outubro de 1896, Pereira redigiu sua primeira resposta ao tesoureiro da Board salientando vários pontos. Sobre a questão da ambição pessoal em assumir a direção da obra educativa da Igreja, afirma que se a acusação não fosse séria, pareceria uma zombaria de mau gosto. Contra argumentou dizendo que a primeira vez que viu seu nome associado à obra educativa da Igreja foi quando leu o artigo do tesoureiro. Não tinha essa ambição, pois havia passado em concurso público para a 1ª cadeira de português no Ginásio do Estado, meses depois foi nomeado diretor interino, por essa razão não nutria a direção da obra educativa no Estado de São Paulo, cuja responsabilidade caía sobre os ombros de Horace Lane.

Seu argumento de qualquer forma reforça ainda mais a interpretação dos Boards, visto que era uma pessoa envolvida na questão educacional. Talvez se sentisse muito mais preparado para dirigir a obra educacional no Estado de São Paulo do que Lane, pois esse na interpretação de Pereira não possuía a piedade cristã necessária para estar à frente do colégio.

A. M. Corrêa (1983) afirma:

Eduardo Carlos Pereira foi um homem de duas vocações, a do magistério e a do ministério. Desde os seus 18 anos já era professor. Percorrendo o Colégio Ipiranga de Araraquara, o Colégio Culto à Ciência em Campinas, a Escola Americana, o Instituto Teológico, o Seminário Presbiteriano, o Ginásio do Estado, o Colégio Evangélico e o Seminário Presbiteriano Independente, em São Paulo, lecionou no decorrer de 37 anos (p. 106).

De qualquer forma, se a obra educacional do Estado de São Paulo estivesse sob sua responsabilidade, Pereira teria muito mais condições de impor as modalidades educacionais que defendia, ou seja, a escola paroquial e a formação teológica. Tanto que mais tarde, percebem-se inúmeros exemplares do *Estandarte* em defesa dessas modalidades educacionais.

Em tom de defesa, Eduardo Carlos Pereira deu continuidade ao seu pensamento sobre os problemas apontados pelo tesoureiro, Henry M. Humphrey, no *Estandarte* de 31 de outubro de 1896, afirmando que o representante da Board no seu pronunciamento já o havia julgado, sem ao menos ter visitado o Seminário. No *Estandarte* de 07 de novembro de 1896, o tesoureiro apresenta sua resposta ao posicionamento de Pereira, afirmando que em nenhum momento recebeu convite para visitar o Seminário. O clima entre eles não parecia tão favorável. O tesoureiro do Colégio Protestante de São Paulo, representante dos Board no Brasil, mostra-se a favor do Rev. Waddell e Lane.

No *Estandarte* de 14 de novembro de 1896, na página 2, Pereira publica uma Carta Aberta endereçada ao tesoureiro dizendo entre outras coisas que não via o Colégio Protestante como meio de evangelização direta, porém compreendia que essa instituição educacional poderia trazer benefícios para Igreja Presbiteriana e ao Brasil. Contudo, se ele se constituir um “Estado” dentro do Estado, o colégio não seria diferente das demais instituições educacionais do país, ou seja, preparar seus filhos para ingressarem nas academias de direito e medicina.

Quanto às informações falsas que declarais desconhecer e que, entretanto, provocaram vosso protesto perante o Board, nada direi. É possível que a Providência de Deus vos faça enxergá-las um dia na própria carta que primeiro me escrevestes, desde o tópico que fala de minha insana ambição pessoal até o que menciona a desprezível clique do Pereira (O ESTANDARTE, 14/11/1896, p. 2).

O Rev. Eduardo Carlos Pereira parecia inconformado com a conclusão dos Boards de que o conflito existente entre ele e Lane era fruto da sua ambição pessoal de supervisionar a obra educacional no Estado de São Paulo sob a responsabilidade de Lane. Na historiografia isso não é mencionado em momento algum (RIBEIRO, 1981; HACK, 2002; 2003, MENDES, 2008). É certo que a posição de Pereira também confrontava os interesses dos Boards, por isso o ataque desses agentes sociais contra ele.

Pela imprensa jornalística, as lutas internas vividas no campo presbiteriano brasileiro de certa forma se tornam públicas. Se havia tanta preocupação com a causa cristã no Brasil, por que eles tornaram o conflito no campo presbiteriano tão público, a ponto de ser publicado em jornal? Não se sabe ao certo se esse jornal atingia apenas leitores cristãos.

As lutas de representações sobre a questão educacional continuam no campo presbiteriano. No jornal seguinte, (O *Estandarte*, 21/11/1896, p. 2), o Rev. Eduardo Carlos Pereira novamente crítica o apoio dos Boards e dos Trustees aos dirigentes do Mackenzie. Ele não faz menção do nome de Lane, talvez para não construir uma memória do seu adversário. Afirma que: “a presença desses dois homens será desastrosa não somente ao Colégio Protestante, mas à evangelização da nossa Pátria” (p. 2). Tornar públicas as lutas de

representações educacionais, os ataques pessoais, os conflitos entre eles não seria da mesma forma desastroso para a evangelização do Brasil? Percebe-se que a preocupação com a evangelização é secundária e retórica. Pereira deseja que os Boards apreciem a decisão do Manifesto que fizeram contra Lane e Waddell. Ele deseja que os dois sejam tirados da direção do Mackenzie College. Será que de fato, toda essa luta no campo religioso e educacional presbiteriano não representava de fato o desejo de Pereira estar na direção daquela instituição? Será que a retirada dos dois dirigentes do Mackenzie colocaria fim aos conflitos no campo presbiteriano?

No *Estandarte* de 28/11/1896, na primeira página, Eduardo Carlos Pereira comenta um artigo publicado no *Assembly Herald*, jornal oficial da Igreja Presbiteriana do Norte, dos Estados Unidos, que discutia a questão da lealdade à Igreja. Pereira, ao tecer comentários sobre o artigo publicado, parece sugerir que o artigo criticava a situação da Igreja Presbiteriana brasileira.

O clima era tenso a ponto de Pereira dizer:

Por mais que eu evitasse, consegui finalmente o Sr. H. M. Humphrey com o seu panfleto converter as dificuldades com o Mackenzie em uma questão exclusivamente pessoal. Nessa fase da questão julgo trancar a mim mesmo as colunas do *Estandarte*. Creio que a honra e os interesses gerais de nossos concílios exigem que eu oponha panfleto a panfleto e restabeleça a verdade dos fatos. Farei em breve. Agredido afora de um modo insólito, permaneço ainda no terreno sagrado da defensiva. Entretanto, no meio da ativa campanha de difamação contra mim empenhada, a que infelizmente se presta o Sr. H. M. Humphrey, conforta-me o seguinte documento que no dia 1º deste resolveu a Diretoria do Seminário enviar ao Board de Nova York. É a única resposta que possa dar nas colunas do *Estandarte* aos meus detratores (O ESTANDARTE, 05-12-1896, p. 2).

Humphrey, tesoureiro dos Trustees e membro da Board parecia ser a voz direta de Lane a ponto de Pereira dizer que ele transformou as dificuldades em torno do Mackenzie numa questão pessoal. As palavras extraídas do jornal antecedem o pronunciamento da diretoria do Seminário em favor de Pereira, assinado por J. M. Kyle, presidente; J. R. de Carvalho Braga, secretário e F. W. C. Porter, Alvaro E. Reis e Remigio de Cerqueira Leite.

Estes diziam que não eram instrumentos passivos nas mãos de Eduardo Carlos Pereira e nem faziam parte da sua panelinha, termo usado por Horace Lane em seus relatórios. Para a diretoria, Pereira gozava de plena confiança do Seminário e da Igreja Presbiteriana no Brasil. Para eles, o Seminário não foi pensado para rivalizar com a perspectiva educacional do Mackenzie, objetivava apenas a formação teológica dos futuros ministros. Por que a Junta de Missão da Igreja norte-americana não apoiava o Seminário organizado por Pereira? Acreditamos que ela perderia o controle na formação dos futuros pastores. Era interesse da Junta (Boards) que o Seminário estivesse dentro dos muros do Mackenzie. Isso facilitaria o

controle e a orientação teológica ofertada aos futuros ministros. Pereira, por ser crítico ao trabalho de Lane, entendia que sob sua direção a obra educacional estaria fadada à ruína.

Segundo Matos (2008), Pereira defendia uma Igreja autônoma, auto-sustentada e livre da ingerência norte-americana. A partir disso, entende-se que os ataques de Pereira contra Lane não eram meramente pessoais. Se na ocasião, Pereira fosse ouvido pelos Boards e se esses afastassem Lane do Mackenzie, certamente, Pereira como líder do movimento nacionalista dentro do presbiterianismo assumiria a direção do trabalho educacional e muitos dos conflitos seriam evitados. Porém, a opção foi pela ruptura. Parece que Pereira representava de fato uma ameaça para a hegemonia da Igreja Presbiteriana norte-americana no Brasil.

Da parte dos norte-americanos temos um documento intitulado *The Synod of Brazil*⁵⁹, extrato de um relatório da visita do Dr. Alexander ao Brasil em 1903:

A figura central da contenda era Eduardo Carlos Pereira, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo; ele tem uma posição viva sob o Governo como Professor no ginásio, o que lhe rende US\$ 1500 por ano, e edita "O Estandarte", que é o seu órgão pessoal através do qual divulga seus pontos de vista. Ele é provavelmente o homem mais hábil nas fileiras do protestantismo brasileiro. Um excelente estudioso do Português tem uma escrita vigorosa e prolífica, um pregador forte e um mestre de assembléias, afiado, auto-suficiente e forte, que se tivesse usado seu poder com mais moderação podia ter sido o líder indiscutível da Igreja hoje. Ele construiu a parte da igreja, o que chama em si mesmo de "Plataformistas". Sua plataforma incluía três pontos: em primeiro lugar, a exclusão dos missionários do poder de voto nos tribunais da igreja. Em segundo lugar, a condenação da maçonaria como inconsistente ao cristianismo; e terceiro, a teoria da educação [...] A previsão era de que os "Plataformistas" levariam o Sínodo à destruição (MACKENZIE COLLEGE, 1903, p. 2 – tradução nossa).

O representante da Igreja Presbiteriana norte-americana ao relatar sua visão sobre o Sínodo de 1903, disse que ao chegar ao Brasil encontrou um “clima altamente perigoso”. O problema que perdurava por mais de seis anos estava prestes a estourar. Pontua que o problema era sentido por outras denominações e que o Bispo Kinsolving afirmou que o sistema presbiteriano era forte para ser extirpado, mas estava em julgamento. Ele reconhece a força de Eduardo Carlos Pereira e que ele poderia ter sido o líder da Igreja Presbiteriana brasileira. Em sua visão sobre os acontecimentos que marcaram o cisma, destaca os três principais pontos da plataforma de Pereira: exclusão dos missionários americanos da decisão da Igreja, a incompatibilidade da maçonaria e a questão educacional.

Nas páginas do Estandarte, até o momento, a Maçonaria ainda não era combatida, muito pelo contrário, os artigos relacionados ao assunto faziam boa menção dessa instituição

⁵⁹ Documentos adquiridos do acervo The Presbyterian Historical Society. Mackenzie College 1890-1922.

(O ESTANDARTE, 02/01/1897, p. 03). Neste mesmo jornal, há elogios à Escola Americana, dirigida pelo Dr. Kolb, pastor americano. Lecionavam nessa escola, a senhora Salvina Ribeiro, encarregada do curso primário e Laura Chamberlain e Sofia Muller, da intermediária. Em seus elogios, o redator diz: “Pelo método intuitivo, vimos crianças de todas as idades responderem com uma graça e uma precisão admiráveis”. Se o redator é Eduardo Carlos Pereira, não dá para entender seus elogios à Escola Americana dirigidos pelo Dr. Kolb. Se a sua oposição era em relação à educação dos colégios abertos, por que faz elogio a este? Isso pode sugerir que seu conflito com Lane de fato era pessoal, o que já pontuamos que não, pois se tratava de lutas de representações e disputa por um lugar privilegiado no campo presbiteriano.

Porém, nota-se que tal escola tinha como professora a filha do Rev. Chamberlain, Laura Chamberlain. O elogio, contudo, também poderia ser uma estratégia utilizada pelos articulistas do jornal *O Estandarte* para confundir os seus adversários, ou seja, mostrar que o problema deles não era necessariamente com a Escola Americana, e sim com os dirigentes do Mackenzie College.

Por outro lado, percebe-se que não se tratava do simples fato de tirar a direção do Mackenzie e da Escola Americana de São Paulo das mãos de Lane. O conflito era mais amplo, pois Lane era o missionário-educador nomeado pelos Boards. A sua saída do controle educacional da estação South Brazil Mission representaria o enfraquecimento dos Boards no campo presbiteriano e uma possibilidade de Pereira dominar essa estação em razão da sua forte liderança.

À medida que a situação se deteriorou, Eduardo insistiu que não devia haver qualquer participação do Mackenzie até mesmo nos estudos secundários ou preparatórios dos candidatos ao ministério antes da sua admissão no seminário. Assim sendo, no final de 1897 ele propôs a criação de uma escola secundária completa nas futuras instalações do seminário. Essa escola aceitaria somente os filhos dos crentes, entre os quais estariam os futuros candidatos (MATOS, 2008, p. 169).

Eduardo Pereira propunha a criação de uma escola secundária, juntamente com o Seminário. Em novembro de 1896, o Sínodo afirmou que o Colégio Protestante não tinha o direito de monopolizar a educação da juventude, dentro dos limites do Sínodo e que tal instância tinha o pleno direito de organizar quantas escolas preparatórias desejasse (O ESTANDARTE, 16/01/1897).

Na edição posterior o Rev. J. M. Kyle publica um artigo intitulado: *O lugar da Escola na obra de Evangelização*:

Há três teorias sustentadas sobre esta questão tão debatida em nossos dias. Vou apresentar em primeiro lugar as duas que reputo errôneas e depois tratarei daquela que considero verdadeira. 1º. A primeira é que a escola não deve ter lugar algum na obra de evangelização do mundo. São muito poucos os que aceitam essa teoria. Dizem eles que o trabalho de evangelização consiste simplesmente em proclamar a boa nova de salvação dando pouco ou nenhum cuidado ao resultado. A obra de evangelização é tão urgente e o tempo é tão curto, que não devemos ocupar-nos em edificar templos, organizar concílios eclesiásticos ou abrir colégios. Creio que não há em nosso Sínodo quem sustente esta teoria e por isso não é necessário demorar-me na sua consideração nem refutá-la. Basta dizer que o nosso fim é somente espalhar o Evangelho, mas também guiar os crentes e edificá-los nas verdades salvadoras, e por meio da organização de igrejas e da educação de idôneos para serem pastores, provê-las com a pregação da Palavra e com os sacramentos, para que os crentes cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Sem isto consideramos a obra incompleta. Ao mesmo tempo não deixemos de fazer ambas as cousas, nunca nos esquecendo da nossa obrigação de levar o conhecimento do Evangelho aqueles nossos semelhantes que o não tem. 2º. A segunda teoria é que a escola deve ser estabelecida como meio direto para propagar o Evangelho. Aqueles que adotam esta teoria dizem que é lícito e até necessário abrir os colégios atraindo para eles os filhos de católicos romanos e incrédulos, para que os alunos e seus pais se livrem dos preconceitos contra o protestantismo. Tem essa esperança de que alguns se convertam ou pelo menos fiquem bem dispostos para conosco e nosso trabalho. Essa teoria que até hoje tem prevalecido nas missões presbiterianas e metodistas aqui no Brasil e talvez a maior partes dos campos onde há trabalho evangélico. As objeções, porém, a esta teoria são sérias, e eu vou apresentá-las com a maior brevidade e clareza possível (O ESTANDARTE, 23/01/1897, p. 1).

O Rev. Kyle era o diretor do Seminário e sua opinião era um peso diante da problemática educacional. Pelo que se percebe era partidário do pensamento do Rev. Eduardo Carlos Pereira. Expõe as duas teorias que traziam divergências e conflitos no campo educacional. Sobre a questão dos colégios como forma de evangelização indireta, afirma que tem objeções a este modelo. Kyle continua seu artigo na edição posterior, dizendo que este método de evangelização nunca foi aconselhado por Jesus Cristo e a experiência tem mostrado que como forma evangelizadora a escola não dava o resultado que correspondia aos esforços expendidos e ao dinheiro gasto (O ESTANDARTE, 30/01/1897, p. 01-02).

Seu artigo se estende para o próximo número do jornal, ocupando praticamente uma página inteira, afirmando entre outras coisas que achava inconcebível ter nessas escolas professores católicos e que tais professores seriam má influência aos filhos dos crentes (O ESTANDARTE, 06/02/1897, p. 1). Nessa edição, afirma que estava em campanha aberta contra os poderes das trevas. Finalmente, publica a terceira teoria que dizia ser verdadeira, ou seja, a escola tem lugar na obra de evangelização, sendo útil e necessária para a educação dos filhos da Igreja, preparação de ministros, mestres e outros trabalhadores na causa de Deus. Kyle defendia que a Igreja deveria fazer a distinção entre os filhos do pacto e os filhos do mundo. E que as escolas deveriam ser abertas para aqueles que foram consagrados no batismo e desta maneira manter a força da evangelização e indiretamente apressar a vinda do Reino de

Deus (O ESTANDARTE, 20/02/1897, p. 01). Teoria defendida por Eduardo Pereira e seus seguidores.

A tensão no campo presbiteriano era tão séria, que algumas igrejas se reuniram em assembleia para se posicionarem a favor de Pereira, pois circulavam alguns panfletos que colocam em dúvida a sua reputação. A Igreja Presbiteriana de Botucatu (O ESTANDARTE, 20/02/1897, p. 2), Igrejas Presbiterianas de Dois Córregos e São Carlos do Pinhal (O ESTANDARTE, 20/03/1897, p. 2), Igrejas Presbiterianas de Jaú e Faxina (O ESTANDARTE, 22/03/1897, p. 2) e de Sorocaba se pronunciaram contra a panfletagem:

A Igreja Presbiteriana de Sorocaba, reunida em assembléia geral a 1º de março de 1897, vem por meio dos seus representantes abaixo assinados, protestar contra uns panfletos que tem sido distribuídos pelas casas de alguns crentes desta cidade, enviados de São Paulo; panfletos que estão cheios de difamações e falsidades contra o Rev. Eduardo Carlos Pereira. Tendo esta Igreja pleno conhecimento, desde muitos anos, do caráter elevado deste Pastor, sabendo que ele é incapaz de praticar qualquer ato mau, sendo certo que tem dado provas de seu fiel e exemplar comportamento, não só como homem honesto, honrado, caridoso, homem capaz a toda prova, mas também como ministro que tem sido e incansável trabalhador, fiel propagador das doutrinas de Jesus, e sendo isto tão claro, conhecido e verdadeiro não só nesta Igreja como também em todas as Igrejas Evangélicas do Brasil [...] (O ESTANDARTE, 10/03/1897, p. 2).

Nada se fala sobre a autoria dos panfletos. Em contrapartida, segundo os dizeres de um membro da Igreja Presbiteriana da Bela Vista, um dos panfletos tinha o seguinte título: *Guerra Santa* (O ESTANDARTE, 13/03/1897, p.2). Em seu protesto, lamentava os ataques dirigidos contra o pastor Eduardo Carlos Pereira. Todos os protestos publicados defendiam a reputação de Eduardo Carlos Pereira.

Na ocasião, foi publicado um livro que fala da biografia de Eduardo Carlos Pereira, escrito por Herculano Gouvêia (O ESTANDARTE, 27/02/1897). Estavam em jogo não somente as lutas de representações educacionais, mas também as que estavam relacionadas a Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira.

Eduardo Carlos Pereira se posiciona com os seguintes dizeres:

Alegremo-nos pelos dias que nos humilhaste, pelos anos em que vimos males – é o pensamento que nos acode ao espírito ante os generosos protestos de irmãos em cujo seio tem procurado a Antiga Serpente difundir o veneno mortífero da calúnia. Sopitados ódios explodiram com veemência, provocando uma reação cuja intensa generosidade explica-se pelo caráter profundamente maligno das agressões. A nobre atitude dos membros de nossa Igreja contra a difamação sistemática, que leva criminoso intuito de abrir brecha em nossas fileiras, inunda-nos o coração de novos alentos e grata confiança [...] Esse apoio moral que se ergue impotente no seio de nossas igrejas, bem como o apoio financeiro com que sustentam os irmãos a arrojada empresa dos presbitérios de São Paulo e de Minas devem revelar-nos aos nossos amigos nos Estados Unidos que nós não somos um *clique*, um conluio de interesses pequeninos, porém somos uma Igreja de Cristo, que deste modo responde com dignidade as afrontas dos infelizes dias que atravessamos (O ESTANDARTE, 27/03/1897, p. 2).

Eduardo agradece o apoio das Igrejas e que esse posicionamento mostraria para os norte-americanos que não se tratava de um *clique*, panelinha, mas de pessoas que faziam parte da Igreja de Cristo. Em seu discurso solicita as contribuições financeiras dos membros para a edificação do seu projeto educacional: “Traga cada um sua pedrinha e erga-se, em nome de nosso Deus, este ano de 1897, o edifício definitivo do Seminário. As paredes desse edifício e o seu madeiramento farão resoar, através das gerações, os protestos de nosso zelo e lealdade cristã” (p. 2). Após essa edição e a palavra final de Eduardo Carlos Pereira não vemos nenhuma publicação em sua defesa.

De certa forma, Pereira tinha o apoio de várias Igrejas Presbiterianas, inclusive de algumas que tinham escolas, como vimos no tópico anterior⁶⁰: Dois Córregos, São Carlos e Rio Claro.

No *Estandarte* de 10 de julho de 1897 foi publicada a resolução do Sínodo referente à questão educacional. Na reunião do Sínodo em 06 de julho do mesmo ano, foi aprovada a Moção Smith⁶¹ já mencionada. Vários membros do concílio se posicionam em relação à tomada de decisão do Sínodo, inclusive o Rev. Chamberlain, um dos fundadores da Escola Americana de São Paulo. Em seu posicionamento, afirmou que as escolas eram oportunidades preciosas para a propaganda e que diversos membros do Sínodo eram fruto da Escola. O Rev. Dr. George Willian Butler que assinou a favor da Moção na ocasião perguntou ao Rev. Chamberlain se entregariam a Escola Americana e o Makenzie College ao poder do Sínodo. Chamberlain respondeu que não estava no seu poder tal decisão (O ESTANDARTE, 10/07/1897, p. 3).

Seria esse o desejo do Sínodo, assumir o controle dessas escolas? Não seriam esses os reais motivos que construíram as disputas de representações educacionais no campo religioso presbiteriano? Nas acusações dos Trustees, na pessoa do tesoureiro Humphrey, essa era a

⁶⁰ Conferir tabelas de relação de Igrejas e escolas no tópico anterior.

⁶¹ A Moção Smith, citada várias vezes, tinha o seguinte conteúdo: Considerando a grande necessidade de evangelização em todo território do nosso Sínodo e os muitos campos abertos que não podemos suprir com os meios da graça; Considerando as quantias avultadas despendidas nos grandes colégios, internatos, etc, etc, como meios de propaganda; Considerando o quase completo malogro de tais instituições entre nós, quer como meio de propagação da fé, quer como de preparação de um ministro evangélico; Considerando as contendas e amarguras que tem sempre resultado destes institutos, tirando-nos às vezes o franco apoio e simpatia dos nossos irmãos na América do Norte; Nós, o Sínodo do Brasil, respeitosamente, recomendamos e rogamos às Assembléias das nossas Igrejas-Mães que o auxílio que quiserem prestar-nos seja no sentido de ajudar-nos no grande trabalho de evangelização pelos métodos mais diretos, incluindo o trabalho de educação e preparação de um ministro conforme os planos do Sínodo, e no sustento de escolas paróquias para os filhos de crentes. Sala das Sessões do Sínodo, São Paulo, julho de 1897 (ATAS DO SÍNODO, 1897, p. 29; apud: FERREIRA, 1992, p. 421).

ambição pessoal de Eduardo Carlos Pereira, ou seja, assumir a direção da obra educacional no Brasil.

Nas palavras finas das resoluções do Sínodo sobre o assunto, o redator do *Estandarte* escreve: “Para melhor compreensão dos debates referimos o leitor aos artigos publicados desde o nosso nº 4 deste ano pelo dr. Kyle, com o título – *O Lugar da Escola na Obra de Evangelização*” (O ESTANDARTE, 10/07/1897, p. 3). Interessante observar a intencionalidade do redator em convencer o leitor sobre um assunto que fora publicado no jornal, até o presente momento, de forma unilateral, pois não foi dado espaço para que os defensores dos colégios abertos apresentassem a importância desse método para a evangelização.

Isso só ocorreu na edição de 17/07/1897, quando Chamberlain, estrategicamente, convida os membros do Sínodo para assistirem a uma conferência sobre as relações entre a educação e a evangelização que aconteceria no Mackenzie College. Um resumo dessa conferência foi publicado no *Estandarte* de 31/07/1897. A conferência foi presidida pelo próprio Chamberlain e conforme o jornal contou com a presença das seguintes pessoas: Pastores: Gammon, Eduardo Carlos Pereira, Bento Ferraz, Alvaro Reis, Caetano Nogueira Jr, F. Rodrigues, Dr. J. T. Smith, Dr. J. M. Kyle, M. A. Guimarães, Franklin Nascimento, W. Porter, J. R. Carvalho; da Igreja Metodista: Dr. Baird, Menezes, Landes; dos presbitérios: J. Krischner, M. Ribeiro, Pinheiro, Coelho, Rugerri, Arruda Netto; professores: Caperan, Lion, E de Oliveira, Higgins e alunos do Mackenzie.

A publicação toma toda a página 02 do jornal. O redator faz uma síntese do posicionamentos discutidos na conferência, mostrando pessoas que eram favoráveis e contra a evangelização através dos colégios. A favor, estavam Waddell e Chamberlain. Em seu discurso, Waddell, menciona que Lane valia por dez ministros no trabalho dessa natureza, por causa da sua experiência e aptidão, que eram raríssimas. Eduardo afirmou que a missão das escolas e colégios da Igreja era grande. Nega que seja o meio próprio para propaganda, acentua que no seu pastorado não achou frutos da Escola em São Paulo e dizia que achava impróprio usar as contribuições da Igreja para a propaganda em meios indiretos de evangelização⁶².

Percebe-se que, mesmo após a decisão do Sínodo, as discussões em torno das representações educacionais do campo presbiteriano continuaram. Estrategicamente,

⁶² O redator do *Estandarte* coloca uma nota de rodapé chamando a atenção do leitor para que se leiam os artigos de Kyle sobre o Lugar da escola na obra de evangelização, mostrando dessa forma seu posicionamento sobre o assunto.

Chamberlain não discute esse problema dentro da instância de poder do Sínodo, porque contava ali apenas com o apoio da minoria, mas no campo educacional dirigido por Lane. Nota-se a ausência de Horace Lane nessa conferência⁶³. Não há menção da sua presença. Não se sabe ao certo as razões da sua ausência, ou mesmo, se o redator omitiu intencionalmente sua presença e seu discurso. Ele seria do ponto de vista das lutas de representações, uma presença importante nesse debate. Seu nome é apenas mencionado pelo Rev. Waddell. Qual seria o motivo da ausência de Lane?

Seria ele o articulador da conferência ou o Rev. Chamberlain? Será que Chamberlain quis poupá-lo da aparição entre os membros do Sínodo devido aos problemas que tinha com Eduardo Carlos Pereira? Estas questões permanecem abertas. Não é possível saber as razões da ausência de Lane num debate que reuniu pessoas favoráveis e contra a evangelização indireta num lugar que era de seu domínio, o Mackenzie College, e que o colocaria de frente aos seus opositores.

Porém, Lane estrategicamente se posicionava diante da problemática educacional encaminhando cartas aos dirigentes nos EUA⁶⁴ e publicando matérias em jornais de circulação norte-americana. Em carta direcionada ao Dr. Ellinwood, afirma que foi imprudência da Missão trazer um homem como Pereira na direção da Igreja. Afirma: “um companheiro medíocre de posse de alguns traços mais objetáveis do caráter brasileiro” (LETTER OF HORACE LANE, 22/04/1897). Um homem que jogava conforme seus interesses e que não desejava a paz da Igreja.

Na carta dirigida ao Dr. Ellinwood, Lane pontua que a criação do Sínodo foi um erro, prematuro e desnecessário. O trabalho deveria continuar nas mãos da Igreja norte-americana por mais 20 anos, até que surgisse um ministro mais educado, pois nas mãos de alguns latinos, seria uma máquina perigosa. Se a Igreja brasileira era forte o suficiente para ter sua autonomia, também seria forte para suprir seus recursos materiais, mentais e morais, sem a ajuda dos missionários estrangeiros.

Na visão de Lane, Pereira como líder eclesiástico, eleito pelo Sínodo, representava um perigo para os missionários norte-americanos e para a Igreja, pois havia declarado guerra contra qualquer elemento estrangeiro. Ele era um jacobino na religião e na política, ou seja, representava uma liderança tirânica e sanguinária. Lane o desqualifica ao Dr. Ellinwood,

⁶³ Parece que Lane estava em tratamento de saúde nos Estados Unidos, conforme uma carta direcionada ao Dr. Ellinwood datada de 22 de abril de 1897. Porém, não é possível precisar o tempo que ficou em tratamento e nem se no período de discussão da problemática educacional estava fora do Brasil.

⁶⁴ Documentos do Mackenzie College 1890-1923. The Presbyterian Historical Society. Vários documentos, cartas e relatórios.

dizendo que Pereira usava o Sínodo para declarar sua desconfiança em relação às políticas eclesiais norte-americanas. Para Lane, o Mackenzie College era uma agência missionária e deveria manter-se fora das ações administrativas da Igreja para evitar mais conflitos.

Vemos ainda mais um indício da reação de Horace Lane, numa nota publicada pelos redatores do *Estandarte*, com o título: Dr. Horacio Lane:

No próximo número será publicado um artigo que o Dr. H. Lane publicou em setembro p.p. no *Independent*, de Nova York, contra a decisão do Sínodo em referência à moção Smith. Parece que a luta agora vai mudar de arena, pois é de esperar que o supremo concílio da Igreja Presbiteriana no Brasil tenha nos Estados Unidos da América do Norte uma voz amiga que o defenda contra a atitude inconveniente assumida pelo Diretor do Collegio Mackenzie (O ESTANDARTE, 23/10/1897, p. 2).

O redator enfatiza que a luta mudaria de arena. Que arena seria essa? Na edição posterior são publicadas as palavras de Lane, no *Independent*:

Peço vênha para dizer que a ação do Sínodo não afirma os fatos verdadeiramente, nem representa o melhor elemento da Missão ou da Igreja, e é calculado a produzir impressões erradas. Os missionários veteranos, Chamberlain, Landes e outros, e ministros brasileiros proeminentes esforçaram-se para impedir sua adoção, e um protesto contra ela se lançou nas Atas. Há um pequeno grupo de missionários no Brasil que não aprova a educação; há também um grupo de ministros brasileiros, que, enquanto cordialmente aprova as escolas e colégios, desejam que sejam restritamente denominacionais, e sob a jurisdição deles, embora sustentados por dinheiros da missão. Nestas bases quase nacionais facilmente governam o voto, não obstante muitos votantes deverem sua educação inteiramente às escolas americanas. A oposição nacional à educação é, portanto, antes patriótica do que religiosa – uma espécie de *jingoisismo* [jacobinismo] não desconhecido em nosso próprio país. O Colégio Protestante, que governa a Escola Americana em todos os seus departamentos – normal, de disciplina manual etc., tendo de quinhentos a seiscentos estudantes e alunos, não é denominacional, embora tendo origem na missão estrangeira. Está incorporada sob os Regentes da Universidade do Estado de Nova York, governado por uma Diretoria neste país, e sustentado por fundos americanos. Existem escolas florescentes em outros lugares ainda sob as missões, e estas constituem o trabalho das missões protestantes no Brasil que tem sido acompanhado com real bom êxito. Os missionários no Brasil que se opõem à educação como plano legítimo de trabalho cristão, fazem isto baseados em princípios gerais, como se pode ver pelas citações seguintes dos discursos de dois deles, referidos por três testemunhas: ‘A Educação deve-se fazer possível unicamente aos que tem a graça de Deus nos seus corações; quanto mais ignorantes forem os outros melhor será’. ‘Não há e não pode haver uma educação cristã. A Educação pertence ao Diabo. As escolas e colégios são os maiores inimigos; enquanto a Igreja não os tinham esta era pura, quando os conseguiu tornava-se corrupta’. Esta nota se escreve para que os amigos da educação cristã no Brasil, e em todas as outras partes, não sejam enganados pela ação estranha de um corpo inexperiente de neo-protestantes sob uma direção injudiciosa (O ESTANDARTE, 30/10/1897, p. 2)

Lane se posiciona diante da resolução do Sínodo referente à Moção Smith, afirmando entre outras coisas que a decisão não tinha cunho religioso, mas patriótico, talvez mostrando a influência do nacionalismo de Pereira nas decisões do concílio. Pontua que alguns desejavam que o Colégio fosse denominacional e ficasse sob a jurisdição do Sínodo. Não é a primeira

vez que essa colocação aparece entre os defensores da educação como estratégia de evangelização indireta. Para Lane, tratava-se de um posicionamento defendido pelos que ele chamou de neo-protestantes. Por que Lane precisa se posicionar em jornal de outro país? Seriam de fato essas as intenções daqueles que defendiam a evangelização direta, ou seja, tomar a direção do Colégio?

A resposta a Lane veio do Rev. Eduardo Carlos Pereira no artigo intitulado: *A Agressão do Dr. Lane*. Para Pereira, a postura de Lane em publicar seu posicionamento no jornal de circulação nos Estados Unidos contra o Sínodo foi uma agressão insólita ao concílio da Igreja Presbiteriana brasileira. Para Pereira, Lane foi injusto em suas análises e desde que assumiu a direção do colégio se mostrou insubordinável às decisões da Igreja. Para Pereira, o Colégio não era presbiteriano, nem metodista, nem batista, nem romanista, embora tivesse origem na missão presbiteriana. O colégio era tolerante e liberal, mas não cristão.

Realmente, já suspeitávamos, e agora temos a confirmação que o Mackenzie não é presbiteriano. Ora, este repúdio do nome respeitável de nossa denominação, este caráter universalista de um estabelecimento que é aqui conhecido pelo nome de um homem, este cristianismo incolor e liberalista do Mackenzie inspira-nos, de fato, mui sérias inquietações não somente quanto à cristianização de nossos patrícios, mas ainda quanto ao caráter religioso dos nossos filhos. Estas inquietações são terrivelmente agravadas pela conhecida atitude moral e religiosa do Presidente, e de um eminente professor do mesmo estabelecimento (O ESTANDARTE, 06/11/1897, p. 2).

Pereira pontua que sempre acreditou na eficácia da educação cristã e ardentemente aprovava, mas sobre um outro plano: dentro da Igreja de Cristo e para fins da Igreja. Com o posicionamento dos principais protagonistas dos problemas que marcavam o campo presbiteriano, percebe-se claramente que estavam em luta dois modelos de representações educacionais e dois modelos de liderança.

Em contrapartida, Lane continuava suas acusações contra a decisão do Sínodo brasileiro em jornais norte-americanos. Segundo o redator do Estandarte, ele fez uma nova publicação no *Presbyterian Bunner*⁶⁵. Neste jornal, diz o redator que Lane afirmou que se os brasileiros desejassem uma escola presbiteriana cuidadosamente resguardada da influência de perversos elementos exteriores (*outsiders*), que eles mesmos sustentassem financeiramente seu projeto educacional (O ESTANDARTE, 13/11/1897, p. 2). Nesse mesmo jornal, Pereira afirma que se ouviria dos Estados Unidos um grito contra eles dizendo que seria interpretado como um desejo ambicioso da parte dele em controlar a educação do Estado de São Paulo.

⁶⁵ Presbyterian Bunner: Jornal de circulação em Pittsburgh, nos Estados Unidos ligado a Igreja Presbiteriana. Há um exemplar dele datado de 1865 no site: www.archive.org.

Por que Pereira encerra seu posicionamento contra Lane dessa forma? Estaria ele se defendendo das acusações dos norte-americanos? De certa forma, percebe-se que a luta não girava apenas em torno das representações educacionais, mas também sobre o controle da obra educacional no Estado de São Paulo. Este controle estava sob as mãos de Lane, que na visão de Pereira era a pessoa mais inapropriada para dirigir tal obra. A supervisão geral da obra educacional conferia poder para colocar em prática não apenas os ideais em torno do Mackenzie College, mas também a configuração de uma rede de escolas a partir da Escola Americana de São Paulo.

Do ponto de vista educacional, tudo passava por ele como veremos mais adiante, quando tratarmos especificamente, das redes de escolas americanas. Portanto, excluí-lo do campo presbiteriano, afastá-lo da direção da obra educacional abriria uma possibilidade de se colocar uma outra pessoa, um novo dirigente. No caso, Pereira, que desejava a criação de uma rede de escolas paroquiais e a formação teológica dos futuros pastores.

Com a criação do Seminário e o seu curso anexo, Pereira pontua que seus inimigos afirmariam que ele estava organizando um colégio para fazer guerra ao Colégio Mackenzie (O ESTANDARTE, 11/12/1897, p. 2). Não seria de fato uma guerra que estava instaurada no campo educacional presbiteriano? Pereira também era um homem da educação. Na edição posterior a essa, Pereira publica o currículo que faria parte do curso anexo. Primeiro ano: Português, Francês, Aritmética, Geografia, Breve Catecismo, Música e Ginástica. Segundo ano: Português, Francês, Aritmética e Álgebra, História geral, Geografia e Cosmografia, Latim, Música e Ginástica. Terceiro ano: Português, Francês, Inglês, História geral e do Brasil, Geometria, Música e Ginástica. Quarto ano: Gramática histórica e História da língua portuguesa, Latim, Inglês, Grego, Física e Química, Psicologia e Ginástica. Quinto ano: Retórica, Poética e Literatura, Grego, Ciências naturais, Inglês, Lógica, Ginástica (O ESTANDARTE, 18/12/1897, p. 2).

Reações contrárias ao plano de Pereira de criar um curso anexo ao Seminário começaram a surgir. Veio primeiramente do Rev. Álvaro Reis⁶⁶, que publicou um artigo dizendo que era contrário à formação de um curso anexo, pois caracterizaria a formação de um Colégio e isso seria de fato, um plano educacional similar ao Mackenzie College (O ESTANDARTE, 25/12/1897, p. 2). Para ele, a formação de um curso anexo tirava o Seminário das finalidades de sua organização. Escreve nas páginas do jornal que o Sínodo não

⁶⁶ Na perspectiva adotada de disputa no campo é possível as alianças e disputas entre os agentes sociais do campo. Essa dinâmica é muito discutida por Bourdieu (1984; 1996; 2004; 2007b). Ora os agentes fazem alianças por um posicionamento comum ou que lhes favorece, ora eles estão em concorrência e disputas.

havia autorizado a ampliação do curso anexo ao Seminário Teológico como Eduardo Carlos Pereira havia dito (O ESTANDARTE, 01/01/1898, p. 2). Parece que os planos de Pereira começam a ser desvendados por alguns amigos conciliares, que não viram com bons olhos sua atitude em criar o curso anexo no Seminário. Segundo as palavras de Reis, o Sínodo havia autorizado a sistematização dos estudos preparatórios.

Conforme o Estandarte, a Board não mais apoiava o Sínodo em seus projetos, inclusive proibiu a venda de um prédio do Mackenzie para a organização do Seminário. Os Trustees declararam publicamente que não tomavam em consideração as decisões do último Sínodo referente à Moção Smith (O ESTANDARTE, 19/02/1898, p. 2). Essas foram as reações dos norte-americanos em relação à decisão do Sínodo. Tal atitude demonstrava não somente o desacordo da liderança eclesiástica, mas também a atitude de retaliar a postura de Pereira e seus seguidores. Para os Board, a Igreja Presbiteriana brasileira não tinha autonomia financeira para tocar seus empreendimentos missionários. O próprio Pereira reconhecia que o momento era delicado e pontuava nessa edição do Estandarte que era necessário ter prudência. Segundo sua opinião, escolas, colégios, missões estrangeiras, sustento dos ministros inválidos, literatura religiosa, construção de templos e hospitais eram obras importantes, e depois que a crise passasse, deveriam ser paulatinamente desenvolvidas pela Igreja. Desprestigiar a figura de Pereira era uma maneira dos Boards de continuar no controle das Igrejas Presbiterianas no Brasil.

Lane aparece indiretamente citado em uma publicação de Pereira, quando este convoca a Igreja Presbiteriana do Brasil a orar, pois a Igreja Presbiteriana norte-americana estaria reunida em sua Assembleia Geral para tomar ciência das decisões do Sínodo brasileiro. Relembra dois aspectos: a crise educacional e a exclusão de Horace Lane. Sobre a Moção Smith, os Boards pontuaram que ela nem necessitava de atenção, tentativa de negar a gravidade dos fatos. Em relação a Lane, afirmaram que ele era uma pessoa de alta confiança e admiração, pessoa estimada pelo seu caráter e influência, tanto pública como entre os cristãos, e finalmente, afirma que o processo de exclusão de Lane foi irregular (O ESTANDARTE, 14/05/1898, p. 01), legitimando seu apoio e fortalecendo a pessoa de Lane no campo presbiteriano e dessa forma mantendo sua hegemonia no campo presbiteriano.

Sem dúvida, isso representava um jogo de interesses no campo presbiteriano. Enquanto Lane era combatido por Pereira e seus seguidores, a Igreja Presbiteriana norte-americana o defendia. Lane, na visão dos presbiterianos norte-americanos, era confiável, porque representava o controle da Igreja norte-americana no campo presbiteriano brasileiro.

A edição de O Estandarte, de 16/07/1898, é diferente das edições anteriores. Possui seis páginas. Na primeira página vem a foto do Seminário idealizado por Pereira, cujo lançamento da pedra fundamental se deu no dia 07/07/1898. Começam então a surgir nas páginas do Estandarte artigos ora a favor da Maçonaria (15/07/1898; 22/10/1898) ora contra ela (31/12/1898). Em quase todo o ano de 1900 várias edições trazem artigos contra a Maçonaria. O tema da escola paroquial também surge nesse período (04/01/1900; 11/01/1900). Na edição 05/06/1900, é publicada a notícia de que o Colégio anexo ao Seminário estava em funcionamento. Esse colégio era fruto da chamada “Nova Bandeira” de Eduardo Carlos Pereira defendida no jornal desde a edição de 09/03/1899.

A “Nova Bandeira, também conhecida por Plataforma, elaborada por Pereira consistia nos seguintes itens:

1. Independência absoluta ou soberania espiritual da Igreja Presbiteriana no Brasil,
2. Desligamentos dos missionários dos Presbitérios nacionais, 3. Declaração oficial da incompatibilidade da Maçonaria com o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo,
4. Conversão das missões nacionais em missões presbiteriais ou autonomia dos presbitérios na evangelização de seus territórios, e por último, educação sistematizada dos filhos da Igreja pela Igreja e para a Igreja (O ESTANDARTE, 27/03/1902, p. 2).

A Plataforma de Pereira, de cunho político, objetiva a exclusão total da inferência dos missionários norte-americanos do campo presbiteriano brasileiro. Em quase todo o ano de 1902, encontram-se publicados no Estandarte os itens da Plataforma de Pereira, porém seu plano foi derrotado em junho de 1903, resultando no cisma.

Gutierrez faz a seguinte afirmação sobre a Nova Bandeira:

A educação dos filhos da igreja exigia, segundo Eduardo Carlos Pereira, uma urgente ação por parte da igreja, criando estabelecimentos de ensino que fornecessem um ambiente educacional onde a fé de seus filhos não pudesse ser corrompida. Ele usava como argumentação em favor de sua nova bandeira o contexto religioso de um país predominantemente católico que, segundo ele, era prejudicial à fé das crianças protestantes. Ele também fazia uso do argumento da responsabilidade dos pais que assumiram o compromisso, por meio do sacramento do batismo de seus filhos, de criá-los dentro dos ensinamentos do evangelho (2010, p. 78).

Em 10/07/1902, o Estandarte publica na primeira página uma biografia de Eduardo Carlos Pereira. Prevendo a crise que estava prestes a assolar a Igreja, no caso o cisma, estrategicamente, foi publicada esta biografia, talvez no intuito de mostrar aos leitores e aos fiéis da igreja que ele era um homem idôneo. A biografia “é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade das suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais” (BOURDIEU, 1996, p. 187).

Percebemos então que o nome de Lane desaparece nas páginas do Estandarte. Somente o nome da instituição que estava sob sua responsabilidade é mantido. O nome de Lane só é citado novamente na ocasião da sua morte:

DR. HORACE LANE

É morto o conhecido educador. Na noite de 27 Deus o chamou à sua presença, após uma longa peregrinação de três quartos de século. O Dr. Horace Manley Lane nasceu no Estado de Maine no ano de 1837. Muito moço ainda veio para o Brasil, em 1856, contando 19 anos apenas. Cedo se manifestou nele a propensão para o ensino, pois logo se fez professor no Colégio João Kopke, no Rio de Janeiro. Depois veio para São Paulo e aqui lecionou em vários colégios. Então se dedicou ao comércio no Rio, Ouro Preto, onde foi o introdutor da iluminação a querosene. Em 1863 contraiu matrimônio com D. Hellen Willians, cuja perda teve de lamentar em 1879. Voltando aos Estados Unidos, doutorou-se em medicina, em 1883 achou-se de novo em São Paulo, onde, a convite do Rev. Chamberlain, passou a cooperar na Escola Americana. Em 24 de agosto de 1885, fez sua profissão de fé na igreja presbiteriana desta capital e, em 1886, recebeu a nomeação de missionário, assumindo a direção dos estabelecimentos de educação do Board de Nova York em São Paulo. Em 1894 foram lançados os fundamentos do Mackenzie College, cujo patrimônio fora doado pelo benemérito cidadão J. T. Mackenzie, e do qual estabelecimento era o Dr. Lane o presidente. De perto de trinta anos foi o período de atividade do Dr. Lane em São Paulo, como educador, profissão para a qual sentia verdadeiro pendor. Homem inteligente, de coração bondoso, de trato ameno e de senso prático – soube conquistar muitas amizades e impor-se à sociedade, onde viveu por tantos anos. Como prova da popularidade ali estão os jornais da capital que estamparam o seu retrato e deram largo espaço em homenagem ao digno cidadão. Lamentamos que, no domínio eclesiástico, nem sempre as suas vistas fossem as nossas, e que nesta folha, em tempos idos, tivemos de pugnar francamente pelo nosso modo de pensar contra os planos missionários nos quais representava ele papel proeminente. Isso não é motivo, porém, para que sejamos impedidos de nos associar às demonstrações de simpatia que são prestadas ao ilustre morto. O Senado e a Câmara paulista renderam-lhe a devida homenagem. No Senado usaram da palavra os senadores Herculano de Freitas e Cândido Rodrigues, ex-ministro da Agricultura, fazendo-lhe honrosas referências. Na Câmara dos Deputados foi o Dr. Freitas Valle que fez seu elogio e em ambas as casas foram lançados votos de pesar nas respectivas atas. No enterro, grandemente concorrido, os poderes se fizeram representar, bem como o magistério e vários estabelecimentos de ensino. Diversos oradores usaram da palavra e o cerimonial fúnebre, no cemitério, foi dirigido pelos Revs. Gillespie, capelão do Mackenzie, Carriel e Carvalhosa. Muitos ministros evangélicos se acharam presentes, tendo sido a Igreja Presbiteriana Independente representada pelo Rev. Vicente Themudo. Na quadra dos missionários, ao lado de Schneider, Conceição e Simonton, repousa o Dr. Lane até a ressurreição. Aos seus filhos Drs. Rufus, Job, Frederico e demais parentes, nossos pêsames (O ESTANDARTE, 31/10/1912, p. 9-10).

É a primeira vez no Estandarte que Lane é reconhecido como um homem inteligente, de coração bondoso, de trato ameno, missionário e educador. Chegou a ser reconhecido como inimigo, infiel, homem insubordinável. A sua morte produz uma representação no jornal o Estandarte como alguém que viveu firme em seus propósitos. A nota não vem assinada por ninguém, mas o redator reconhece a influência de Lane na sociedade, tendo trazido benefícios à educação brasileira. É assim que a representação de Lane termina nas páginas do Estandarte depois de longos anos de disputas, de rivalidades e discórdias no campo presbiteriano, agora dividido entre: Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. É

assim que o Estandarte conclui sua visão acerca de Lane, o missionário-educador responsável pelos estabelecimentos educacionais no Estado de São Paulo. Porém, o redator não deixa de citar as rivalidades ideológicas que tiveram ao longo dos anos.

Percebe-se que Pereira exerceu forte influência no campo presbiteriano. Era um líder e tinha seus interesses em jogo. A própria Mary Dascomb, amiga de Horace Lane, dizia que Pereira gostava de exercer influência e era uma pessoa intrigante (DASCOMB, 19/05/1906). Lógico que como amiga de Lane, Dascomb nunca defenderia Pereira, como veremos também em suas cartas, ela tecia comentários contra as atitudes de Pereira e sempre fazia apologia a Lane.

Portanto, pode-se entender que não se tratava apenas de disputas pessoais, mas de luta pela dominação do campo presbiteriano e consequentemente, do campo educacional. Se a plataforma de Pereira fosse aceita, certamente, ele se tornaria o líder do movimento dentro do campo presbiteriano sob a influência dos missionários norte-americanos. Mas, com a derrota, a melhor posição política que tomou foi a de abrir outro campo presbiteriano, ou seja, a organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Ele sempre utilizou o discurso que os presbiterianos deveriam ser leais aos concílios, às diretrizes da Igreja. Acusou várias vezes Lane de ser uma pessoa insubordinável aos concílios da Igreja, e quando deveria mostrar sua própria submissão ao voto da maioria, Pereira preferiu organizar uma nova igreja. Fica evidente que as disputas dentro do campo presbiteriano iam além das questões pessoais, eram lutas pela dominação, poder e domínio desse espaço social, marcado pelas dinâmicas de poder.

Se para a Igreja norte-americana, Horace Lane era o missionário, o educador, um homem confiável, fiel ao seu trabalho, para alguns membros da Igreja Presbiteriana no Brasil ele era visto como o inimigo da causa cristã. No início do jornal, encontramos acusações diretas contra ele e o Rev. Waddell; chegaram a ser vistos como inimigos e, após sua morte, como um homem inteligente e de coração bondoso. Em determinado momento a questão educacional substitui o nome de Lane nas páginas do Estandarte, mostrando que estavam em jogo duas concepções educacionais. No contexto das lutas de representações educacionais defendida por Lane e por Eduardo Carlos Pereira, estava o desejo pela dominação do campo educacional presbiteriano. A “guerra santa”, como eles chamavam as disputas, resultou no cisma e muitas discórdias no campo presbiteriano.

Observa-se que as disputas pelo lugar de dominação, evidenciava um campo religioso marcado pela poder simbólico e às vezes explícito. As contradições dessas disputas revelaram um lado pouco discutido na historiografia, as lutas de poder e de dominação, ou seja, quem

tinha mais autoridade para assumir o controle da obra missionária e educacional da Igreja Presbiteriana. Esta questão é neutralizada pelos historiadores que defendem que tudo isso nasceu das questões pessoais. Para os norte-americanos, estava claro que a rivalidade era fruto do desejo de Pereira em assumir o domínio educacional e religioso do campo presbiteriano.

Enquanto que para Pereira este problema era de ordem moral baseados em dois motivos:

1. O diretor do Colégio Protestante dava mostras de ser um livre pensador ou racionalista, pouco impressionado com os dogmas do cristianismo e com as ordenanças eclesiásticas, e mais adstrito à moral da Bíblia, na sua obra de educador.
2. Além da pessoa do diretor, o próprio plano educativo do Colégio Protestante inspirava justificados receios. O pequeno número dos candidatos ao ministério estaria subordinado à influência e aos interesses da vasta maioria preponderante de meninos moços estranhos à religião evangélica (2013, p. 18)

Os discursos dos agentes sociais que compunham o campo religioso presbiteriano eram ideológica e estrategicamente articulados com a finalidade de garantir a hegemonia de um determinado grupo sobre o outro. Como isso não aconteceu através do instrumento legítimo nas reuniões do Sínodo, a ruptura foi a melhor solução e tal medida resultou na configuração de um novo campo presbiteriano que, de certa forma, enfraqueceu o presbiterianismo norte-americano no Brasil.

2.3 Horace Lane nas cartas de Mary Dascomb

A coleção de cartas⁶⁷ escritas pela missionária Mary Dascomb a Horace Lane forma um corpo documental de extrema importância. Elas têm sido utilizadas na perspectiva da história da educação (NICACIO; RIBEIRO, 2012) como importante fonte documental que ajuda a entender as ações de educadoras americanas no Brasil. Essas cartas foram reunidas e publicadas por Frank Goldman. Portanto, faremos a análise a partir da edição feita por esse historiador, visto que não foi possível localizar as cartas originais⁶⁸. Nesse sentido, levamos em consideração que o material organizado por ele pode ter sofrido algum tipo de omissão ou outras interferências.

Porém, não deixa de ser uma importante fonte que traz temas ligados à educação, experiências pessoais, relações interpessoais e profissionais à frente de várias instituições educacionais. Ao trazê-las para análise, pretendemos perceber as representações construídas por Mary Dascomb a respeito de Horace Lane.

⁶⁷ Faremos a análise apenas das cartas que trazem as representações construídas por Mary Dascomb a respeito de Horace Lane.

⁶⁸ Algumas delas encontram-se no acervo do bisneto de Horace Lane, Fred Lane. Acentuamos que não localizamos as cartas de Horace Lane para Mary Dascomb.

Segundo Matos (2004), Mary Dascomb foi a primeira missionária⁶⁹ educadora enviada pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova Iorque. Goldman faz referências a ela.

Filha de missionários e educadores, Miss Mary P. Dascomb nasceu em Providence, Rhode Island, no ano de 1842. Passou a infância e a adolescência na cidade de Oberlin, terminou o curso universitário em 1860, no Oberlin College. Dascomb era uma missionária com ampla formação acadêmica. Lecionou em Joliet (Illinois), Elyra e Canton (Ohio). Foi, depois, convidada a vir para o Rio de Janeiro como governanta da família do cônsul americano dessa cidade. Permaneceu no Rio dois anos e meio. Regressou, em seguida, aos Estados Unidos, onde demorou um ano. Em 1869, a convite do Rev. A. G. Simonton, voltou ao Brasil, integrando a equipe da Igreja Presbiteriana. O estado de saúde dos pais levou-a novamente à terra natal, onde lecionando em Wellesley, permaneceu quatro anos. Com a morte dos pais, voltou para o Brasil. Contando cerca de trinta anos, já dirigia a *Mission School* de Brotas, S. Paulo, quando, em 1872, lá chegou o J. F. Dagama para substituir o Rev. Lenington na direção da terceira Igreja Presbiteriana fundada no Brasil (GOLDMAN, 1972, p.12-13).

Na mesma perspectiva dos autores supracitados, Nicacio faz as seguintes observações sobre Dascomb:

Mary Dascomb veio para o Brasil como missionária para trabalhar junto à igreja, pois dentro da perspectiva do American way of life, não bastava converter, mas deveria haver uma transformação completa da sociedade e do homem brasileiro. Mary Parker Dascomb foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York. Formou-se no Oberlin College, em Ohio, no ano de 1860. Veio para o Brasil em 1866 como professora dos filhos de James Monroe, que era presbiteriano, cônsul americano no Rio de Janeiro e havia sido professor em Oberlin. É interessante observar que sua chegada se deu um ano após o fim da Guerra de Secessão, voltando para seu país após dois anos e meio de trabalho. Em 1869, Miss Dascomb retornou ao Brasil, como missionária. Trabalhou inicialmente no Rio de Janeiro, na escola para meninos e meninas anexa à igreja do Rio, e depois, por algum tempo em Brotas, Rio Claro e viveu a maior parte de sua vida em Curitiba, onde faleceu em 1917, aos setenta e cinco anos de idade. Miss Mary Dascomb, era ainda organista da igreja e, ainda, regente do coral da Igreja Presbiteriana de São Paulo, formado em 1887 (NICACIO, 2011).

A carta escrita em 11 de maio de 1900, Dascomb afirma:

Isto me lembra o pronunciamento da respeitada Sra. Lobb que não é nenhuma tonta – que o Dr. Lane "parece um bom homem" Eu posso imaginá-lo! Cabelo macio, olhos sérios que não piscam, a voz suave e fala um pouco lenta – é como se eu estivesse lá para vê-lo! A foto de Everett é "maravilhosa", um gênio desses deveria

⁶⁹ Alexander Latimer Blackford, em carta encaminhada aos dirigentes da Board em 25/03/1868, faz a seguinte afirmação sobre Mary Parker Dascomb: O sr. Simonton ou o sr. Schneider podem ter mencionado a você uma oferta de uma professora muito competente daqui, srta. Dascomb, que está aqui há dois anos como professora na família do nosso cônsul, ela expressou forte desejo de se tornar professora ligada à nossa missão. Ela é uma jovem senhora, de alta capacidade, educação completa, e com considerável experiência e habilidade como professora. Ela estaria admiravelmente qualificada para ocupar tal lugar quando a ocasião chegar e espero que você considere seu nome para indicação após o da sra. Chamberlain. Ela já traduz português com considerável facilidade. Ver: BLACKFORD, A. L. **Letters of foreign missions in New York, 25/03/1868**. Dascomb inicialmente não veio ao Brasil como missionária encaminhada pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova Iorque, da Igreja do Norte (PCUSA), mas sim como professora dos filhos do cônsul americano, o presbiteriano James Monroe, ex-professor em Oberlin e depois deputado federal (MATOS, 2004). O trecho da carta de Blackford nos ajuda a a considerar que essa contribuiu para que a Junta desse os passos necessários para que ela se tornasse missionária no Brasil.

ser utilizado na obra literária. Na escola seria necessário mais energia para neutralizar sua personalidade do que o seu conhecimento (DASCOMB, 11/05/1900, tradução nossa).

A carta subsequente reafirma a imagem do homem bom feita na carta anterior:

Que homem tão bom! A carta seguramente será um deleite – ‘*multum in parvo*’ (muito em pouco espaço) – o *parvo* (o pouco) pode ser uma necessidade para um homem ocupado – o *multum* (o muito) é o mais agradável. Mas quando as cartas começaram a chegar eu fiquei extasiada. Você sabe que esta é a única “imagem” que nós temos de você? (DASCOMB, 19/09/1900, tradução nossa).

Por que Dascomb insiste em transmitir em suas cartas a imagem do “homem bom”? O que está por trás dessas representações? Pode-se pensar inicialmente que Lane era uma pessoa boa para Dascomb, pois eram amigos. Mas, também é possível pensar que a missionária tinha o objetivo de reforçar a imagem de Lane como um homem bom, pois no campo presbiteriano era uma pessoa atacada por seus adversários. No trecho acima, não é somente a imagem do “homem bom” que aparece, mas também a do homem ocupado, envolvido em suas obrigações, tarefas, trabalho. Dascomb ainda faz a seguinte observação: Você sabe que esta é a única “imagem” que nós temos de você? Seria esta, de fato, a única imagem: a do homem bom e ocupado? O que Dascomb pretendia com essa afirmação? Possivelmente, ela nutria outras imagens acerca de Lane, porém, mostra ao seu interlocutor que ele deixa transparecer em suas práticas a representação de um homem bom e envolvido em seu trabalho, ou ainda, era uma maneira de ela construir uma visão dele que contrapunha àquela sustentada e divulgada no campo presbiteriano.

Na mesma carta, ela fala sobre a maçonaria:

Os maçons de Guarapuava recusam-se a deixar a nossa gente realizar cultos em seu salão - talvez política, talvez como um eco das acaloradas discussões da igreja contra a Maçonaria. Há muito tempo eu considero a Maçonaria uma instituição pueril ... desgastada (implorando o seu perdão), mas se os jesuítas estão vindo como uma inundação, talvez a mão oculta da Maçonaria possa ser útil ainda. De qualquer forma, é tolice contrariá-los. Se eles se agarram ao manto real do Rei Salomão para chegar ao Céu, podemos dar-lhes algo melhor sem tirar-lhes o manto de Salomão (DASCOMB, 11/05/1900, tradução nossa).

Pela historiografia protestante, Lane era maçom (FERREIRA, 1992; A. M. A. GOMES, 2000). Dascomb afirma que em Guarapuava os presbiterianos não tinham o apoio da maçonaria. Sugere que era por questões políticas e que diante dos jesuítas as mãos ocultas dela poderiam ser úteis. Ela demonstra suas possíveis estratégias nas disputas dentro do campo religioso. Estaria recorrendo a Lane em busca de apoio para os presbiterianos de Guarapuava? Ela sabia que o tema maçonaria dividia a opinião da Igreja Presbiteriana no Brasil. As páginas dos jornais presbiterianos já mostravam as discussões de pessoas a favor e

contra a maçonaria (O ESTANDARTE, 31/12/1898; 07/11/1890). Mas, o interessante é que ela se posiciona dizendo que a Maçonaria é uma instituição pueril, desgastada, mas que diante dos inimigos católicos poderia ser útil.

Em outra carta datada em 28 de Fevereiro de 1901, ela apresenta Lane como um homem envolvido nas atividades, um homem trabalhador, um homem de poderes magníficos:

Desta vez eu quero enviar um envelope tão grande que - por assim dizer - você não poderá colocá-lo no arquivo, mas terá que apoiá-lo em algum lugar na parede, onde você possa vê-lo todos os dias e respondê-lo logo para se livrar dele. Mas seria possível perdoar o tardar em responder a carta ao considerado doador das duas fotos mais bem-vindas e especialmente ao magnífico trabalho que está fazendo essas maravilhas para o Mackenzie. Meu velho entusiasmo por seus poderes magníficos está queimando com novo vigor (DASCOMB, 28/02/1901 - tradução nossa).

Em 18 de maio de 1901, Dascomb inicia a carta dizendo sobre a dor de se perder alguém, construindo a ideia de que Lane havia passado por um momento de perda. O que nos ajuda a entender que o homem de poderes magníficos também enfrentava as contradições da vida a ponto de a missionária evocar o consolo de Deus sobre a vida dele:

Eu sei o que é sentir-se totalmente triste em seu coração quando alguém que eu amo com todo o meu coração é tirado de mim, seja isto de repente ou lentamente. Mas esse sentimento nunca dura. A certeza dessa mudança para todos nós, diariamente em minha lembrança, é uma espécie de preparação. Mas o que mais me conforta é esquecer minha perda em seu ganho. A todas as horas ela está em meu pensamento - não exatamente a linguagem figurativa do apocalipse, mas que acalma -, mas as garantias constantes das bem-aventuranças daqueles que entraram na cidade de Deus (DASCOMB, 18/05/1901, tradução nossa).

Observa-se nas cartas que a imagem do homem envolvido em suas responsabilidades é recorrente. Para a missionária, Lane tinha que parar de confiar a execução dos seus planos às pessoas ineficientes (DASCOMB, 06/08/1901). As cartas não falam nada sobre quais seriam os planos. Mas, podemos sugerir aqueles que estavam relacionadas ao desenvolvimento da obra educacional da estação South Brazil Mission.

A relação entre os dois não somente passava pelos elogios, como podemos ver pelas cartas de Dascomb a Lane, mas também pelas trocas de sugestões de leituras de livros (DASCOMB, 05/06/1903). Na carta de 24 de novembro de 1902, afirma que lamentava o fato de Lane não frequentar a Igreja com regularidade. O que reforça as representações construídas pelos “inimigos” de Lane conforme a historiografia protestante (FERREIRA, 1959; MATTOS, 2004). Esse veio a ser para Lane um dos problemas com seus oponentes. Nos relatórios da Igreja Presbiteriana dos EUA, contudo, esse problema não foi mencionado. Em nenhum momento os Conselheiros acusaram Lane de não frequentar a Igreja. Muito pelo contrário, sempre ressaltaram sua fidelidade no cumprimento das suas obrigações e que cumpriu com compromisso e abnegação a sua tarefa como missionário. O que sugere

provavelmente que essa não era a preocupação deles. Por que a missionária se preocupava com a vida espiritual de Horace Lane? Talvez Dascomb temesse uma possível perseguição da Igreja em relação ao fato de Lane não frequentar os cultos, ou ainda, o fato de Lane não frequentar a Igreja ou cultos reforçava as acusações que seus oponentes faziam acerca da sua pessoa.

Em outra carta (05/03/1903), sugere que Lane fizesse reuniões noturnas com os filhos e que tirasse fotos e as enviasse para ela. Seria uma forma talvez de ver Lane realizando os exercícios espirituais com a família. O que sugere que Lane parecia se preocupar pouco com as questões espirituais. Na mesma carta, ela diz: “Faça como eu - trabalhe até o limite e absolutamente não se preocupe com o que poderia ser feito e que não pôde fazer. Você tem uma magnífica capacidade executiva”.

Na carta datada de 05/06/1903, ela mostra sua preocupação com duas situações que envolviam diretamente a pessoa de Lane, a Maçonaria e o Mackenzie:

Eu não sei muito sobre o Sr. Higgins. O que parece para um observador diário é um personagem elevado, interessado e verdadeiro. Ele esteve doente em S. Paulo vários dias com gripe. Eu não sei se mais alguma coisa influenciou o fato dele não ir até você, pessoalmente. Ele é grande conspirador por tanta bondade - mas se você atacar essa pessoa, ele vai criticá-lo ferozmente. Ele deve muito a sua sogra e pode ser muito persuadido por ela, a ponto de ter que recebê-la como hóspede em sua casa. Ele parecia quase pronto a adotar meus pontos de vista sobre a Maçonaria - uma sociedade que em tempos de tirania política ou religiosa tinha sido muito útil e poderá ser útil mais uma vez no Brasil -, mas a Maçonaria por outro lado é um tipo de infantilidade com seus aventais e caveiras e ossos cruzados. Mas com o ataque de Antonio Gomes, a deserção de um após o outro, que não foi influenciada pelo amor da referida A. C. E com as declarações profanas do Contingente Maçom do Rio Grande do Sul, ele voltou para defender a ideia de que um cristão não pode ser um Maçom - Kolb, Gammon, etc, não obstante. Tenho medo deste Sínodo ouço insinuações de que o A. C. está ocupado como sempre. Sr. Blackford antes dele, mas com muito mais capacidade de insuflar os ânimos de seus partidários. Eu não posso pensar que ele esteja sendo honesto ao expressar sobre o Mackenzie e Maçonaria. Parece uma tentativa desesperada de recuperar o prestígio que ele tão milagrosamente perdeu. Tenho vergonha de mim mesma que eu tenha tão pouca fé neste Sínodo, quando me lembro daquele outro. Eu olho para aqueles bons homens e eles parecem tão ocupados em seu trabalho e não estão se preparando para a luta ou, inclusive (cansados de conflitos), estão pensando em ficar longe. Em face do aparente Renascimento do esforço Católico se não de sua ascendência, parece extremamente importante que todos os verdadeiros Protestantes devem estar ombro a ombro (unidos) (DASCOMB, 05/06/1903 – tradução nossa)

A reunião do Sínodo seria em 31/07/1903, ocasião em que viria à tona a questão da Maçonaria e do Mackenzie, levantadas pelos partidários de Eduardo Carlos Pereira. Ela previa que seria um momento de luta e no meio do conflito sugeria que os presbiterianos permanecessem unidos em face da ascensão do catolicismo. Sem dúvida, Lane estava preocupado com essas questões, porque atingiriam diretamente seu trabalho e os rumos que as suas escolas tomariam. Como vimos, nessa reunião aconteceu a cisão da Igreja Presbiteriana

do Brasil. Em outra carta, afirma que um reino dividido não pode sobreviver (DASCOMB, 25/07/1903). O cisma da Igreja Presbiteriana no Brasil na perspectiva da missionária enfraqueceria o trabalho missionário. Ela sugere que o catolicismo vinha crescendo e com a crise que pairava a Igreja Presbiteriana no Brasil, o protestantismo enfraqueceria e por isso era necessário permanecer “ombro a ombro”, unidos.

A preocupação com a reunião do Sínodo reaparece na carta posterior:

Você é simplesmente magnífico! Não, é o máximo! Que esplêndido currículo! Eu fiz três resumos - um para guardar - um para os nossos anciãos lerem esta noite - (um deles e dois diáconos estão curiosos) e uma para o Sr. H. que eu envio para que você dê uma olhada e passe para frente. A oração faz efeito! Que incrivelmente pequeno o grupo de seguidores depois de meses de intriga Blackfordiana? O que aconteceu com Zacharias e Companhia? Que pena que o querido Caetano esteja se relacionando com os irreconciliáveis! É realmente "irrisório" ver os nomes desses mártires em nome da consciência - Eduardo, Bento, Ernesto, etc. Bem, bem! Depois de rir um pouco, deixe-me falar sério novamente e espero que todos nós tenhamos mais tempo livre para o trabalho do reino (DASCOMB, 05/08/1903- tradução nossa).

Neste trecho, Dascomb, ao mencionar o problema do Sínodo de 31 de julho de 1903, ironiza ao expressar a expectativa de que todos teriam mais tempo para o trabalho do Reino. Como temos sugerido, as disputas internas no campo presbiteriano não apenas ameaçavam a unidade dessa denominação, ou ainda, enfraqueciam sua hegemonia, mas explicitavam que existiam lutas de representações pelo controle da obra educacional da Igreja Presbiteriana. Dascomb ao falar sobre os “dissidentes” ironiza dizendo que era incrivelmente pequeno o grupo. O fato de mencionar a intriga Blackfordiana reforça a ideia de luta de representações no campo.

A Igreja Presbiteriana no Brasil estava em crise. Não havia consenso em torno da Maçonaria e a educação (MATTOS, 2004). Ela chega a mencionar nome de pessoas: Zacharias, Caetano. Zacharias não estava muito bem referendado sobre a questão educacional, o fato de assinar o documento em que a Igreja deixava de utilizar a educação como meio de evangelização indireta é uma provável explicação (SILVA, I. B., 2010). Conforme acentuamos em 2010, o Collegio Sorocabano, sob a direção de Zacharias estava bem, com boa frequência e bem visto pela sociedade. Esse fato não pesou sobre o pensamento dele em continuar à frente da escola, talvez pelos desgastes e discussões em torno do assunto nas reuniões do Sínodo.

Em carta datada de 25/09/1903, ela diz que Lane é o “Príncipe das boas pessoas”, referindo-se às crianças. Reforça a imagem do homem de família. Este comentário é feito a partir da foto enviada por Lane. Dascomb deseja registrar uma visão construtiva de Lane. Nessa mesma carta relembra os acontecimentos da última reunião do Sínodo e sugere que

Lane leia um livro, intitulado *The Crisis*⁷⁰. Talvez numa tentativa de encorajar Lane diante das decisões do Sínodo. A divisão da igreja toma conta dos escritos de Mary Dascomb:

Uma mão lava a outra e você deve ser o primeiro a saber que a nossa igreja está em crise - 58 saíram - ficaram 19, e alguns em cima do muro. Em uma reunião pública de hoje os dissidentes "provaram" que o pobre Sínodo foi ignorante ou insincero quando declarou que a Maçonaria não é uma religião – e também em afirmar que a Maçonaria não acredita em nada, circula o blasfemante Deus e Alma. Aqueles que saíram não têm onde cair mortos, com duas exceções. - E a grande maioria saiu pela persuasão - não pela convicção. Temos a classe culta, mas imagine nós 19 (?) - com uns poucos mais na nossa bela igreja! Os dissidentes em breve se organizarão em um corpo independente - dizem que não querem se juntar a Eduardo. Mr. Landes veio para participar da reunião e obrigou-os a tomar a iniciativa de sair enquanto eles queriam primeiro votar o Estatuto dando a propriedade para os fiéis leais, que ficaram na igreja. Ele insistiu que deveríamos discutir Maçonaria e, em seguida, nos declararmos, um por um, a favor ou contra o Sínodo. Como é triste a divisão! (02/11/1903 – tradução nossa).

Nessa carta, relata os efeitos da crise na Igreja Presbiteriana de Curitiba. Saíram 58 pessoas e ficaram 19, com alguns em cima do muro e no final da carta afirma, “Como é triste a divisão”. Até o final de dezembro o tema da divisão percorre as cartas de Dascomb. O tom irônico no início das cartas que relatam sobre a crise dá lugar à preocupação. A crise não apenas representava as lutas de representações entre os líderes presbiterianos, seus efeitos foram além dos limites das instâncias máximas de poder, os concílios, elas afetaram o cotidiano das comunidades, produziram comunidades dissidentes, liderados por partidários dos grupos de Pereira.

Na carta de 21/03/1904⁷¹, ela se apropria das palavras de um tal de Dr. Lino, que fazia referência a Lane:

‘No dia seguinte ao da minha chegada, tive a satisfação de abraçar ao ilustre amigo Dr. Lane, que encontrei muito bem disposto e como sempre, chão franco e amorável: os píncaros das montanhas quanto mais batidos forem pelo vendaval, tanto mais puros e belos serão vistos emergindo nos páramos intermináveis do espaço’ - Este é você! (DASCOMB, 21/03/1904).

Dascomb afirma que Lane era como os píncaros das montanhas que quanto mais eram batidos pelo vendaval, mais puros e belos ficavam. Essa representação que Dascomb faz de Lane a partir da apropriação das palavras do Dr. Lino deixa clara a imagem que ela nutria sobre ele. A imagem do homem forte, que não se abatia diante das dificuldades, da adversidade, dos problemas. Não é possível saber se essas cartas circularam em outros

⁷⁰ *The crisis* (A crise), publicado pela MacMillan (New York) em 1903, foi escrito por Winston Churchill (1871-1947), um escritor americano famoso por seus romances.

⁷¹ As cartas que seguem a partir desta foram traduzidas pela professora Jamilly Nicacio, que atualmente escreve uma tese de doutorado sobre a professora e missionária Mary Dascomb. No projeto para FAPESP, o título da pesquisa é: Escritos de Mary Dascomb: a atuação educacional feminina inupta no Projeto Presbiteriano do Brasil.

espaços. Contudo, dado o caráter pessoal delas, é bem provável que, pelo menos naquele momento, circulavam apenas entre Dascomb e Lane, ou seja, tendo o objetivo de encorajar o missionário diante das dificuldades enfrentadas e ressaltar suas qualidades, o que reforçava o relacionamento entre ambos.

Porém, Dascomb parece ser uma pessoa muito bem articulada em seu momento histórico, percebendo a problemática religiosa do seu tempo e, nesse sentido, preocupada em imprimir na história a sua percepção dos fatos que marcaram a vida do presbiterianismo. Assim, imprimiu algumas representações acerca que Lane encontramos na historiografia, tais como o homem que não frequenta os cultos. Contra a visão dos inimigos de Lane, ela constrói a imagem do homem inteligente, forte, trabalhador, pai de família. Representações que os seus adversários não reconheciam ou negligenciavam. Para eles, o importante era frequentar os cultos, cumprir certo tipo de protocolo religioso que o legitimaria como “verdadeiro” cristão.

Porém, em outra carta ela se mostrava preocupada com Lane à frente do Mackenzie: “Eu não posso pensar em você com todo aquele grande Mackenzie e comparativamente com poucos subalternos” (DASCOMB, 04/05/1904). Ele, na visão dela, era forte, mas contava com pouca ajuda. Para Dascomb, Lane era um empreendedor: “Que força admirável você tem para instalar uma Escola em Botucatu! Isso vai ajudar a endireitar as recalcitrantes (que persistem no erro). Sucesso para a escola” (DASCOMB, 25/07/1904). Ela reforça a imagem do homem forte. Insiste nessa imagem, nessa representação. Parece uma forma de incentivar Lane diante dos seus projetos e responsabilidades. Apesar de toda a situação que envolvia o campo presbiteriano, Lane continua a expansão das escolas. Ela deixa Lane a par do desenvolvimento do trabalho do grupo dissidente em Curitiba (DASCOMB 12/10/1904), mostrando que eles estavam organizando uma Igreja Independente sob a liderança de Eduardo.

Ela se dizia subordinada às diretrizes de Lane: “Direção significa que você é o chefe (Escolar) de São Paulo, do sul Brasil, e que nós devemos fazer o que nos manda” (DASCOMB, 23/03/1905). Essa carta deixa claro que a responsabilidade educacional da Missão do Sul era de competência de Lane. Na mesma carta, a missionária sugere que Lane divida seus trabalhos com Gammon. Ela descreve várias referências sobre a Escola Americana de Curitiba. Menciona mudanças de professores, contratações, as devocionais realizadas na escola, as professoras. Dava seu parecer sobre a Escola Americana de Florianópolis, dizendo que os dois professores contratados eram talentosos, mas eram frequentadores de teatros e bailes (DASCOMB, 28/05/1905).

A fala de Dascomb elucida muito bem que as escolas americanas estavam subordinadas a Lane. Era ele que dava as diretrizes. Ela afirma que a abertura da escola em Botucatu foi por iniciativa dele e que agia na escola de Curitiba segundo suas diretrizes, pois ele era o “chefe”.

Ela admira a inteligência de Lane à frente do trabalho missionário: “Estou cada vez mais admirada com sua ampla inteligência quanto aos detalhes do trabalho no Brasil e sua grande perspicácia” (DASCOMB, 15/02/1906).

Uma das imagens mais expressivas que Dascomb faz é a que aparece no trecho abaixo:

O senhor é como um cavalo brioso, como um dos cavalos do carro de Faraó, que trabalhava melhor sob a pressão das dificuldades. Hoje de manhã estive lendo algo sobre a vida de Stewart. Surpreende-nos a diversidade de suas atividades: pregador, missionário, médico, educador, mestre-construtor, fazendeiro, defensor dos nativos, capitão de indústria, coletor de dinheiro, estadista – tantas são as suas aptidões e tantas as suas atividades, que enumerá-las numa simples lista fatigaria o leitor. Ele foi igualmente a providência diária de centenas de filhos da terra e governador de um pequeno reino. Viver ao seu lado era servir, na frase de um soldado. Ele como que voava para o trabalho; e fazia-o com prazer, à semelhança de Mercúrio, o mensageiro celestial, que tinha asas em ambos os pés. Suas atividades bastariam para derrear um homem comum. Uma energia de tal modo incansável, só seria possível ser dotado de grande capacidade para a vida ativa, e que a vivesse, como Lane a vivia, como uma rótula inserida no respectivo encaixe. Durante toda a leitura do livro sobre Stewart, pensávamos e falávamos sobre o Dr. Lane (DASCOMB, 20/11/1909, p. 301).

Dascomb compara Lane aos cavalos do carro de Faraó. Homem que trabalhava melhor sob a pressão das dificuldades. Na carta, Dascomb afirma que estava lendo sobre a vida de Stewart e ficou surpresa com as múltiplas atividades desse homem: pregador, missionário, médico, educador, mestre-construtor, fazendeiro, defensor dos nativos, capitão da indústria, coletor de dinheiro, estadista. Todas essas representações elencadas por Dascomb foram também atribuídas a Lane, pois afirmava que enquanto lia o livro sobre Stewart, ela se lembrava dele.

Para ela estava bem claro que Lane era um homem de várias atividades e que tinha profundo prazer pelo trabalho. Quais eram as pressões que Lane enfrentava? Por que trabalhava melhor sob a pressão das dificuldades? A imagem do cavalo brioso que trabalha melhor sob as pressões parece sugerir a força de um homem capaz de enfrentar as dificuldades através do trabalho. Essa metáfora do cavalo brioso, como o cavalo do carro de Faraó associada à figura de Lane foi interpretada por Goldman (1972). Alguém não apenas forte, mas aquele que estava à frente da batalha, conclui Goldman. Dascomb reforça através dessa imagem a liderança e a força de Horace Lane.

Na carta de 18/01/1910, Dascomb refere-se a Lane como o homem de maior peso entre os norte-americanos no Brasil, quando publicou na Revista de Missão um artigo falando sobre o Brasil. Tal artigo, na visão da missionária e professora, havia influenciado o pensamento do Sr. Speer, membro da Board Presbyterian.

Na correspondência de 30/04/1910, a professora Dascomb comenta um artigo do Sr. Porter, dizendo que não era contra Horace Lane. De qualquer forma, os problemas vivenciados no campo presbiteriano ainda respingavam nos idos daquele ano e fazia parte ainda do imaginário dos seus protagonistas.

Dascomb fazia parte da rede de sociabilidade de Lane, como missionária e educadora, manteve-se um contato direto com Lane. Suas cartas não apenas mostram a construção de uma história de si mesmo, mas nos ajudam a entender as imagens que ela elaborou sobre Horace Lane. Os mais variados assuntos fizeram parte de sua escrita, mostrando-se uma mulher preocupada com as questões do seu tempo, piedosa, temente a Deus e que realizava sua missão com responsabilidade. De certa forma, essas são as imagens registradas nos escritos de Mary Dascomb e a forma como ela talvez gostaria de ser lembrada. Seu apoio a Lane foi irrestrito. Houve momentos de discórdia, como por exemplo, quando ela queria que ele frequentasse a Igreja, mas ela o respeitava como amigo, diretor, educador, prestando informações da Escola Americana de Curitiba.

Portanto, as lutas de representações educacionais nos ajudam a entender que estava em jogo o domínio do campo educacional presbiteriano. Ser supervisor, diretor, superintendente da obra educacional era uma condição privilegiada dentro do campo. Neste sentido, estava em jogo nessa luta o monopólio da autoridade educacional. Para tanto, Horace Lane e Pereira procuraram impor o valor de seus produtos: reputação, prestígio, autoridade, competência, cargos. Ambos possuíam capital cultural para controlar o campo e fazer prevalecer sua opção educacional. Ambos eram educadores, professores, ou seja, possuíam capital cultural necessário para dominar.

Tendo isto em mente, no próximo capítulo, da segunda parte, centraremos a atenção nas práticas de Horace Lane como educador e como elas legitimaram sua posição no campo educacional sustentado pela Igreja Presbiteriana norte-americana.

PARTE II: HORACE LANE: AS PRÁTICAS DE UM EDUCADOR

1. HORACE LANE EM SEUS RELATÓRIOS

Os dois capítulos anteriores nos ajudam a ter uma visão sobre as imagens de Horace Lane na historiografia, nos relatórios dos americanos, nas cartas da missionária Dascomb e no jornal *O Estandarte*, cujo principal redator era Eduardo Carlos Pereira, um dos oponentes de Lane. Na historiografia protestante, o conflito entre os dois sempre foi tratado na perspectiva da questão pessoal (MATOS, 1999; 2004). O que para nós implica em uma estratégia historiográfica de amenizar as disputas de poder no campo presbiteriano. Porém, entendemos que se tratava de lutas de representações dentro do campo presbiteriano e educacional, que de certa forma explicitavam a luta pela dominação desse campo. Pereira foi uma figura que exerceu domínio sobre o campo presbiteriano. Como líder religioso, usou as várias instâncias eclesiais para minar o trabalho educacional de Horace Lane. Pereira também é uma figura representativa que não pode ser desprezada na historiografia brasileira⁷².

Neste tópico nosso objetivo é dar voz a Horace Lane, ou seja, compreender o que ele fala através dos seus discursos e práticas. Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa os relatórios encaminhados para os Trustees of New York, os prospectos da Escola Americana de São Paulo, as cartas dirigidas aos pais dos alunos. Esses documentos foram produzidos por Horace Lane na posição de presidente do Mackenzie College, educador, missionário e superintendente da South Brazil Mission. Além disso, analisamos o documento intitulado *Education in the State of São Paulo*, produzido por Lane, Oscar Thompson e Carlos Reis e, finalmente, algumas cartas de Lane a Leolinda Daltro, que estão no livro produzido por ela, intitulado *Da catequese dos índios no Brasil. notícias e documentos para a História (1896-1911)*.

1.1 Discurso sobre o Brasil

O período em que Horace Lane atuou como diretor, missionário, superintendente da obra educacional da South Brazil Mission (1885-1912) foi marcado por transformações políticas, sociais, econômicas e educacionais. Essas mudanças passavam pelo fim da monarquia, o fim do trabalho escravo e o início do trabalho livre e assalariado, participação

⁷² Entre os vários trabalhos acadêmicos sobre Eduardo Carlos Pereira, citamos LIMA, Éber Ferreira Silveira. **Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2008. 195 p.

do capital estrangeiro tanto inglês como norte-americano, as imigrações e a intensa circulação de novas tendências de pensamento: positivismo, industrialismo, ruralismo (HILSFORF, 2003).

As mudanças nas esferas políticas, sociais, econômicas e educacionais representavam para a elite a ideia de progresso e modernidade. Segundo Moraes (1994), essa mentalidade influenciou também o imaginário das populações rurais. Elas entendiam que as cidades representavam a possibilidade de uma série de conquistas: trabalho regular e remunerado, acesso rápido ao dinheiro e às mercadorias, uma vida cotidiana mais agitada e com mais atrativos, acesso à educação e à informação. Porém, o processo de crescimento urbano foi marcado pelas contradições e problemas sofridos pela camada populacional mais pobre: falta de moradia, problemas com o abastecimento de alimentos e água, epidemias, subemprego e desemprego. Violência e mendicância também foram alguns dos problemas produzidos no contexto urbano. Nem todos usufruíam plenamente os avanços e benefícios da vida urbana, apenas a camada mais rica tinha oportunidades nos bairros de elite e no centro comercial.

Embora o período fosse marcado por mudanças nas estruturas sociais, políticas, econômicas e educacionais, o regime republicano viu-se obrigado a recorrer às forças representadas pelos coronéis.

A implantação do regime republicano não provocou a destruição dos clãs rurais e o desaparecimento dos grandes latifúndios, bases materiais do sistema político coronelista. Ainda mais, instituindo a Federação, o novo regime viu-se obrigado a recorrer às forças representadas pelos coronéis, provocando o desenvolvimento das oligarquias regionais que, ampliando-se, se encaminharam para a “política dos governadores”. Assim, os “homens mais importantes do lugar”, por seu poderio econômico, político e social, mantiveram-se mais fortemente ainda como chefes das oligarquias regionais e, dessa forma, atuaram como as principais forças sociais no âmbito dos governos estaduais e federais (NAGLE, 2009, p. 12).

O autor acentua, ainda, que o regime republicano foi se aperfeiçoando e ampliando sua formulação inicial através da formulação da “política dos governadores” ou “política dos estados”. Do ponto de vista da economia, Nagle (2009) ressalta que a Primeira República compõe uma série de acontecimentos ligados aos processos de produção e comercialização do café, principal produto, não apenas em relação à economia, mas também quanto à sociedade como um todo.

Para Nagle, no final do século XIX, os surtos industriais foram acanhados. É somente a partir de 1910, que se inaugura a chamada “fase da consolidação”. Porém, esse processo proporcionou a formação do proletariado industrial e urbano, formado por imigrantes estrangeiros. A cidade passa a ser símbolo do progresso, da modernidade e espaço de poder (SILVA, I. B., 2010). Hilsdorf (2003) ressalta que: “[...] da perspectiva do capital, é pelo

crescimento desses setores do comércio e serviços no processo de imigração-urbanização que vai se dando a formação da camada de empresários industriais, muitos deles também agroexportadores (p. 58).

Posto isso, podemos pensar que o Brasil que Lane tinha em mente era o Brasil que ainda não havia experimentado a consolidação dos ideais republicanos. Chegou ao Brasil em 1858, ainda jovem, e antes de assumir a direção da Escola Americana de São Paulo e outras atividades administrativas, atuou como professor e negociante, especializando-se na venda de arados, enxadas e sementes (GOLDMAN, 1972).

Como diretor, missionário e superintendente da obra educacional de São Paulo tinha uma posição privilegiada do ponto de vista do poder. Nesse sentido, seus relatórios foram produzidos dentro de um espaço social marcado pela dinâmica das relações de poder.

Nos relatórios encaminhados aos Trustees of New York vários assuntos ocupam a atenção de Horace Lane: número de matrículas, falta de verbas, a missão de outros protestantes no país, a educação teológica, a educação católica, a educação da Universidade sob sua orientação, os ramos⁷³ (filiais) da escola no interior, as finanças, relatórios de outras escolas protestantes, o trabalho religioso nas escolas, a política brasileira.

Neste tópico, procuramos analisar o discurso de Horace Lane sobre a política brasileira. Laguna (1999), no uso das mesmas fontes, fez uma análise do pensamento político de Horace Lane, destacando que ele constrói traços superficiais sobre o país. Pensamos o contrário, talvez Lane apenas colocasse no seu relatório assuntos mais pertinentes às suas preocupações, ou seja, seus discursos eram construídos de acordo com os interesses do grupo social a que pertencia. Nesse sentido, pode-se afirmar que ele estava atento às mudanças oriundas que estavam se configurando no campo político brasileiro, especialmente na cidade de São Paulo, e aos interesses dos Trustees.

No relatório da Igreja Presbiteriana norte-americana de 1903, Annual Report, temos uma preocupação de Lane com a situação política do Brasil, dizendo que presenciava uma ascensão do catolicismo no poder, pois alguns candidatos ligados ao ultramontanismo chegaram ao poder através de uma comissão, que manipularam as eleições e afastaram lideranças que eram a favor de um estado republicano. Para ele, isso favoreceu a imigração de grupos católicos no Brasil, como era o caso dos beneditinos, expulsos da França. Tratava-se da eleição à Presidência da República em 1902, que elegeu Francisco de Paula Rodrigues Alves.

⁷³ Trataremos sobre as filiais da Escola Americana de São Paulo no capítulo 2, na parte II.

Segundo Achnitz (2007), Rodrigues Alves era uma pessoa ligada ao catolicismo ultramontano. Suas filhas estudaram no Colégio Sion em Petrópolis⁷⁴. Favoreceu a vinda dessa ordem religiosa a São Paulo em 1901, ocasião em que era presidente dessa Província. O desembarque das religiosas na capital paulistana se deu no dia 03 de fevereiro de 1901. A autora afirma que nesse dia desembarcaram em São Paulo as religiosas: Mère Marie Angeline, Mère Marie Auguste, Mère Marie Agathe, Mère Marie Jeanne Thèrese e Soeur Honorata, com a tarefa de educar as filhas das famílias mais renomadas da capital paulistana, entre as quais os Arruda Botelho, Vicente Azevedo, Quartim Barbosa e Souza Queirós. Higienópolis fora o local escolhido para a instalação do novo colégio, pois se tratava de um lugar em que predominavam condições favoráveis de higiene indispensáveis para os estudos e a reflexão, daí a escolha do próprio nome do bairro Higienópolis – cidade de higiene (ACHNITZ, 2007).

O Colégio havia sido instalado próximo da Escola Americana de São Paulo. A ascensão de um presidente que apoiava o catolicismo ultramontano representava para Lane, na perspectiva dos ideais republicanos, um retrocesso, além de fazer concorrência a sua proposta educacional.

No relatório⁷⁵ de 1907, Lane fala sobre a questão política, afirmando que estava face a face com o “Novo Brasil”. Para ele, o Brasil estava despertando de um sono profundo mantido por séculos pelos portugueses. Além disso, outros países também despertavam para o fato de que o Brasil era um grande país a ser explorado. Representantes do Brasil no Congresso Pan americano em Haia, ao falarem sobre o país, despertaram o interesse de outras nações em relação ao desenvolvimento econômico, político e social. Segundo Lane, por ser uma grande nação, os capitalistas e políticos estavam de olho no Brasil para desenvolver suas atividades. Para Lane, o vale do Amazonas era muito grande e se destacava pelas características físicas, comerciais, políticas e sociais. A região de Minas Gerais tinha um bom clima. A agricultura e a indústria estavam em pleno desenvolvimento em direção ao progresso, recebendo uma grande soma de capital estrangeiro. Na sua visão, o Mato Grosso e Goiás e todo o oeste do Brasil eram em grande parte uma “terra desconhecida” e possuía uma grande quantidade de tribos indígenas selvagens.

⁷⁴ Para um estudo mais aprofundado sobre as congregações católicas, consultar: LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos**. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, 268p.

⁷⁵ Colocamos este como primeiro porque do acervo do Arquivo Histórico do Mackenzie, temos os relatórios de Lane a partir de 1907, mas nos relatórios da Igreja Presbiteriana do Norte, temos menção de relatórios de Lane aos Trustees, consultar: ANNUAL REPORT, 1904, p. 319. O que sugere que relatórios se perderam.

Lane em seu relatório afirmava que em quase todos os Estados da União havia obras portuárias e construção de ferrovias iniciadas com capital estrangeiro. As ferrovias cortavam boa parte do país e passavam por regiões até então inexploradas e povoadas por tribos “selvagens”. Na sua visão, o Estado de São Paulo era o mais desenvolvido em relação às indústrias do que a maioria dos Estados da República.

Segundo sua interpretação, a presença de empresas norte-americanas, inglesas e italianas criou uma atmosfera social mais limpa, enquanto, na política, o país se aproximava da “verdadeira República”, porém, com traços do antigo Regime Imperial. Algumas cidades da costa do país ainda preservavam aspectos da antiga civilização portuguesa, principalmente nas cidades do interior⁷⁶. Para ele, havia uma mistura de elementos indígenas e africanos – não havia uma linhagem de cor. Isso produzia uma anarquia moral e social, de que o estrangeiro não podia fazer ideia.

Em relação à política, nada havia mudado, segundo sua ótica. O presidente era um homem honesto e com larga experiência na vida pública, porém educado pelos jesuítas, na mesma escola que seu antecessor⁷⁷. Nesse sentido, mostrava uma tendência política conservadora, sendo inclinado a manter os interesses de Roma. Em todo o país a classe de políticos era originária do Império e as pessoas não eram consultadas, somente em raras ocasiões. Em São Paulo, as eleições eram abertas e livres. Tinha apenas um candidato a governador, e a eleição representava uma farsa.

Segundo Nagle (2009, p. 15),

A composição do poder, perpetuada por um colégio eleitoral assentado sobre o sistema coronelista, frustrava qualquer modificação na estrutura política; nesse quadro, o voto se reduzia a um instrumento de vassalagem e as eleições a uma luta com resultados estabelecidos no mesmo momento em que o situacionismo escolhia os candidatos.

No relatório de 1908, Lane, diretor do Mackenzie College, chama a atenção dos curadores de Nova York, dizendo:

As relações entre um trabalho como o nosso e a condição geral do país, e deste estado em particular, que depende quase inteiramente do apoio do público, são íntimas, antes de entrar nos detalhes da administração das Escolas e da

⁷⁶ Não é possível saber ao certo em que sentido Lane faz esse destaque. Talvez fosse pela influência do catolicismo na vida política de algumas cidades. Por exemplo, nos primeiros anos de República e até mesmo no começo do século XX, vemos uma disputa de poder em algumas cidades do interior entre católicos e protestantes, maçons republicanos e conservadores. Consultar: SILVA, Ivanilson Bezerra da. **A cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Educação) – FEUSP, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

⁷⁷ Lane se referia a Afonso Pena. Para Lane, o resultado das eleições não mudaria o cenário político brasileiro, visto que, segundo seu pensamento, Afonso Pena, também foi educado pelos jesuítas, assim como seu antecessor.

Universidade, eu rogo para brevemente apontar os assuntos do país em sua vida comercial, política e religiosa (LANE, 1908a – tradução nossa).

Para Lane, não havia como dissociar o trabalho educacional da condição geral do país. E entendia que a educação era um instrumento capaz de mudar as estruturas políticas, sociais e culturais de uma nação. Sua visão coadunava com os interesses dos republicanos brasileiros, que defendiam que a educação era um instrumento necessário para a modernização do país (HILSDORF, 1977; 1986, SILVA, I. B., 2010). Nesse sentido, propõe fazer um apontamento sobre a vida comercial, política e religiosa do Brasil. Começa dizendo que a atenção do mundo político e comercial tem sido atraída para o Brasil e outros Estados sul-americanos. Porém, para ele, o Brasil recebia maior atenção por causa do seu tamanho, seus ricos recursos naturais e fácil acesso. Qual era o objetivo de Lane em descrever as condições políticas, comerciais, religiosas e educacionais do Brasil?

Talvez fosse uma atitude tática de justificar os investimentos que os Curadores de Nova York faziam na educação. Mostrar um país em pleno desenvolvimento justificaria todo o investimento educacional feito pelos curadores americanos. No contexto brasileiro, o discurso de Lane era revestido das ideias republicanas. Lane mantinha relações de poder com agentes sociais do campo político brasileiro, como por exemplo, Rangel Pestana (HILSDORF, 1986).

Do ponto de vista econômico, político e cultural, Lane afirma que no ano de 1908 o Brasil recebeu vários políticos, cientistas e financistas de vários países que ministraram uma série de palestras sobre vários assuntos em diversas cidades da República.

No mesmo relatório, pontua que grandes indústrias da Alemanha, França e Bélgica estabeleceram agências e enviaram “caixeiros-viajantes” para todo o país. Afirmava que grande soma de dinheiro era investida por capitalistas ingleses, franceses, alemães, belgas e americanos na construção de ferrovias. Lane expressa seu desejo que, no futuro próximo, essas ferrovias pudessem fazer conexão desde os trilhos do vale do Amazonas até a região de La Plata (Argentina).

Segundo Nagle (2009), a penetração e influência de grupos estrangeiros permitiram uma tomada de consciência mais nítida a respeito do estado em que a economia brasileira se encontrava. A participação de capital estrangeiro nos empréstimos federais, no financiamento e comercialização do café, implicava na prévia aceitação de normas econômicas impostas por esse capital.

Percebe-se, assim, que Lane estava atento às transformações econômicas e políticas do seu tempo. Do seu lugar de poder, mantinha-se informado das mudanças que os investidores

estrangeiros estavam fazendo no Brasil. A questão da construção das ferrovias era um símbolo de modernização social, econômica e política do país. Em nosso trabalho sobre uma escola protestante em Sorocaba (SILVA, I. B., 2010), mostramos, entre outras coisas, que agentes sociais pertencentes à maçonaria e ao partido liberal e republicano tinham uma pauta de modernização da cidade, e nela estava a reconfiguração do espaço urbano, os melhoramentos da região central, iluminação, educação, construção da estrada de ferro, industrialização e outros.

Para Lane, o ano de 1908 foi um ano produtivo na atividade fabril. Afirma:

Sob uma alta tarifa protecionista, os fabricantes nativos tomaram uma existência pouco natural, geralmente com capital estrangeiro, oprimindo o consumidor e aumentando o custo de vida. As grandes exportações de borracha e café aparentemente favorecem a balança comercial do Brasil. A enorme dívida externa, contudo, cria um verdadeiro desequilíbrio contra ela (LANE, 1908a - tradução nossa).

Mas, existiam também no Brasil condições favoráveis para a emigração:

Nos Estados centrais do Sul, e em alguma extensão no extremo, há uma crescente onda de imigração, mais perceptivelmente em São Paulo, mas, nos estados centrais litorâneos e aqueles do interior, como Goiás, Mato Grosso, há pobreza extrema e população decrescente, especialmente na Bahia, Sergipe e Ceará, onde existem secas prolongadas, assim, podemos dizer que o Brasil progride, mas, como um todo, não prospera (LANE, 1908a - tradução nossa).

No entendimento de Hilsdorf (2003, p. 58), “Muitos imigrantes, de fato, não eram trabalhadores rurais, mas urbanos, e chegavam com um pequeno pecúlio que lhes permitia estabelecer-se nas cidades e desenvolver uma atividade profissional no artesanato ou na indústria”. Segundo Lane o Brasil não se desenvolvia como um todo. Algumas regiões do Brasil, como Goiás, Mato Grosso, Sergipe e Ceará sofriam com prolongadas secas. São Paulo era, na sua visão, o Estado em que o crescimento era mais perceptível:

São Paulo é o estado “chefe”, e atrai mais atenção do que qualquer outro. O crescimento de sua riqueza e população é maior do que qualquer outro estado da República. Ele possui mais estabelecimento de manufatura do que todos os outros estados juntos. O desenvolvimento de sua agricultura e recursos minerais é também mais avançado que todos os outros (LANE, 1908a - tradução nossa).

Segundo Souza (1998),

As transformações da cidade que se verificaram nas últimas décadas do século XIX e início do XX – crescimento urbano, desenvolvimento do comércio, melhoramentos como saneamento básico, água, iluminação, transportes públicos, ferrovias, ajardinamentos, teatros, jardins públicos – são denotativas deste desenvolvimento (p. 91).

Na visão de Monarca (1999), no limiar da República, São Paulo se afastou dos aspectos coloniais, transformando-se em uma cidade cosmopolita, que concentrava as funções

de capital econômico, administrativa, política e cultural do Estado. Porém, os discursos modernizadores dos Republicanos, as mudanças arquitetônicas e a atmosfera cosmopolita escondiam o lado obscuro da modernidade: as epidemias, a pobreza, a indulgência das massas urbanas, a especulação imobiliária, a escassez de imóveis, o jacobinismo político, as aglomerações operárias, a população encurralada nos cortiços e outros problemas.

Nos relatórios de Lane não se percebe nenhum assunto relacionado a tais problemas na cidade de São Paulo. Menciona apenas que Goiás e Mato Grosso eram afetados pela pobreza. Seu discurso gira em torno das suas opções políticas, da importância da educação protestante para a “redenção do Brasil”, assuntos relacionados à economia, preocupação com a expansão do catolicismo e de outras denominações protestantes. Ou seja, Lane constrói uma representação unilateral do Brasil, descartando os problemas oriundos da modernização defendida pelos republicanos.

A ausência de temas relacionados aos problemas descritos por Monarca (1999) nos relatórios de Lane pode ser intencional. Era preciso mostrar para os Trustees que o Brasil estava em pleno desenvolvimento, principalmente São Paulo, e que o investimento em educação era uma oportunidade de crescimento para o presbiterianismo. Para Lane, o Brasil ainda não vivia uma “República verdadeira”, pois havia ainda muita influência do antigo regime nos partidos políticos. Estaria Lane interessado nos problemas estruturais da sociedade a ponto de querer transformá-la? Por outro lado, negar a problemática poderia ser uma maneira de não assumir o fracasso das iniciativas republicanas no Brasil.

Laguna faz o seguinte comentário:

O interesse pelas manufaturas estava se desenvolvendo rapidamente e as estimativas apontavam São Paulo como o Estado da República que possuía mais estabelecimentos manufatureiros. Para Lane, São Paulo estava mais adiantado social, moral e politicamente, e sempre fora assim, em relação às outras partes do país. O grande número de estrangeiros com suas indústrias importantes americanas, inglesas e italianas criou “uma atmosfera social mais pura”, enquanto, no campo político, São Paulo chegava mais perto de viver uma República verdadeira (1999, p. 172).

Sobre a questão política, vemos três destaques que Horace Lane faz no seu relatório de 1908: o plano de valorização, a política e a justiça. Sobre o plano de valorização afirma:

A fixação da taxa de câmbio em U\$15, depende principalmente de S. Paulo, apesar de Rio e Minas estarem incluídos no acordo. A tentativa de proteger o plantador de café, comprando e estocando oito milhões de sacas do excedente, contrariando todas as noções lógicas de finanças e economia política, foi claramente uma escolha maligna. Ela salvou temporariamente o interesse do grande plantador de café e será assegurada a todo custo. A grande perda, se houver uma, que ninguém dúvida, irá cair sobre o estado todo, que é capaz de suportá-la. Esse foi o resumo da condição econômica (LANE, 1908a - tradução nossa).

Nagle (2009), ao analisar os aspectos econômicos na Primeira República, afirma que a situação do café na economia brasileira era preponderante, sua lavoura foi a que mais teve atenção dos órgãos públicos, que por sua vez, faziam constantes empréstimos para manter a política de valorização. Essa política estimulou a produção de outros países, que passaram a ser concorrentes, e elevou despropositadamente a produção interna.

Sobre a questão política, Lane faz o seguinte destaque:

Politicamente, há pouco progresso na direção de uma República real. O país ainda está nas mãos de padrinhos políticos e panelinhas, herdados do Império. O povo não é consultado na escolha de seus representantes. Geralmente, há apenas um candidato indicado pelos chefes. Ainda não surgiu nenhum grande homem para moldar e dar caráter a uma verdadeira democracia, onde o povo é consultado (LANE, 1908a - tradução nossa)

Para Lane, o Brasil ainda não havia experimentado a “verdadeira democracia”, porque estava nas mãos de pessoas, de padrinhos políticos e panelinhas, herdeiros do Império. Para Nagle, o coronelismo foi o formador da base da estrutura do poder no Brasil e sua influência permaneceu de forma incontestável na Primeira República. Talvez fosse neste sentido que para Lane, o Brasil ainda não tinha experimentado uma “República real”.

De certa forma, essa conjuntura política confrontava os ideais protestantes defendidos por Lane e pelo presbiterianismo, entre eles, a individualidade, a democracia, a liberdade (RAMALHO, 1976, HILSDORF, 1977; SILVA, I. B., 2010). Percebe-se claramente a expectativa nutrida por Lane de ver um homem na política capaz de moldar e dar caráter à “verdadeira democracia”. O modelo de democracia pensado por Lane era o norte-americano. Embora, segundo a sua visão, o Brasil ainda não tivesse a democracia, a presença das suas instituições e os investimentos feitos pelos Curadores na educação justificavam toda a ação deles nesse sentido. Ou seja, toda ação e investimento ajudariam o Brasil a chegar à tão desejada democracia e a abandonar os resquícios do Império, sistema político altamente combatido pelos Republicanos.

Sobre a questão da justiça, mencionada por Lane, o relatório destaca: “A justiça é frouxamente administrada, o julgamento por júri é uma farsa, os tribunais estão sob o controle político e a decisão de um caso, civil ou criminal, depende apenas da influência do advogado” (LANE, 1908a).

No relatório de 1909, sobre a questão política do Brasil, Lane inicia o assunto afirmando que havia pouco a dizer sobre a condição do país, pois alguns dos assuntos já haviam sido destacados nos relatórios anteriores. Porém, ele avança sobre os temas dos campos comercial, industrial e financeiro. Afirmava que houve verdadeiro progresso e

prosperidade. Ferrovias foram expandidas até os limites dos estados adjacentes, norte e sul, e capital estrangeiro tinha entrado livremente para novos empreendimentos. Dez milhões de sacas de café foram exportadas. Para ele, apesar da bagunça das finanças internas e corrupção na administração pública, a boa fé tradicional dos credores internacionais foi mantida, e a posição financeira elevada da nação no exterior foi preservada.

Sobre a política, afirma:

As coisas estão em uma desordem que não faz bem algum para as instituições livres ou a paz do país. Com mais de meio século de familiaridade com o funcionamento do Brasil e conhecimento próximo de seus homens públicos, alguns deles alunos meus quando jovens, não encontro opinião sobre o resultado da eleição presidencial que se aproxima. Uma melhoria com certeza há: agora dois candidatos, onde até agora só havia existido um, então uma indicação é equivalente a uma eleição. Nós agora temos dois homens que realmente representam importantes princípios do governo, cujas indicações também representam dois processos distintos; um é a perpetuação da lei dos “chefes”, o outro se aproxima a uma visão democrática do direito do povo de ser consultado (LANE, 1909a - tradução nossa).

Na sua visão, os dois candidatos que disputavam o pleito representavam dois processos distintos: um seria a perpetuação da lei dos “chefes”, o outro se aproximava mais da visão de uma sociedade democrática. Lane não menciona o nome dos candidatos. O primeiro, na sua visão, era um homem do exército. Para ele, era um homem ambicioso, com pouca educação e estava nas mãos de políticos egoístas, pessoalmente era um homem honesto, mas arbitrário, violento e totalmente incapacitado para as sérias responsabilidades do governo. Acentua: “Ele está apaixonado pela ideia do serviço militar obrigatório inspirado no plano alemão, e é abertamente apoiado pela panelinha dos militares, que declara que este homem tem de ser eleito nem que o exército tenha que se encarregar disto” (LANE, 1909a). Segundo Faoro (2001), a eleição de um presidente militar seria vista por outros países como expressão de instabilidade política, enquanto a eleição de um presidente civil, em nome ou em favor da riqueza cafeeira e industrial, restabeleceria o prestígio da União diante de outros países.

Lane deixa bem claro que não apoiava tal candidato. Embora fosse honesto, era uma pessoa arbitrária e que representava a panelinha de militares. Não é a primeira vez que emprega a palavra “panelinha” para expressar sua visão política. No relatório anterior, ele utilizou este termo para referir-se a “panelinhas” de políticos que representavam o antigo regime, o Império. Segundo Laguna, tratava-se de Hermes Rodrigues da Fonseca (1999, p. 179).

Percebe-se pelos relatórios, que Lane é mais propenso a apoiar o segundo candidato a presidente: “Do outro lado, temos o mais brilhante e culto brasileiro de sua geração, um senador, um advogado profundo e um estadista patriota que representa o elemento civil. Ele é

o homem que compeliu respeito para si e para o Brasil na Conferência de Haia” (LANE, 1909a). Segundo Leandro A. Silva (2009, p. 95), a Conferência de Haia “reuniu 48 países para a discussão de diversos assuntos internacionais, a fim de estabelecer um novo equilíbrio de forças. O maior objetivo da Conferência foi a criação de uma Corte Permanente de Justiça Internacional⁷⁸”.

No relatório de 1907, em referência à Conferência de Haia, este homem era Rui Barbosa. Lane acentua que ele “abriu os olhos de seus companheiros e chamou a atenção do mundo para o lugar que cabia o Brasil ocupar entre as nações da Terra, bem como para os direitos de toda América do Sul”. Leandro A. Silva (2009, p. 103) acentua que Rui Barbosa:

De fato, colaborou para fortalecer a imagem pública do país em termos de política internacional, canalizando nosso emblema de liberalismo democrático e encaixando o Brasil como uma Nação articuladora de grandes possibilidades de construção de uma República de futuras projeções, para garantia das liberdades públicas.

O apoio de Lane a Rui Barbosa pode ser justificado pelo pertencimento dele à maçonaria, pelo apoio que dava à visão norte-americana, à sua capacidade enquanto intelectual, aos ideais republicanos e abolicionistas, que ambos defendiam. Para Lane, Rui Barbosa era um homem brilhante, culto, um senador, um advogado, um estadista patriota que representava o elemento civil.

Segundo L. A. Silva (2009, p. 45), “Rui se encaixa como portador do desenvolvimento e dotado de um espírito reformador para atender a uma nova ordem sócio-econômica que viria a acontecer, tendo como espelho as mudanças capitalistas do século XIX, preocupado fundamentalmente com as matrizes do liberalismo individualista”.

Porém, Rui Barbosa não representava os interesses do então presidente da República, Afonso Augusto Moreira Pena, que na visão de Lane era um político inescrupuloso que não hesitaria em utilizar sua influência e poder para interferir na eleição livre. A respeito disso, ele se posiciona:

A força será usada e é aceito em geral que o soldado será colocado, se não eleito. É pouco possível que isto seja evitado, mas não muito provável; assim, o Brasil, em paz com todo o mundo, e necessitando de todas as suas energias para desenvolver os

⁷⁸ Segundo Leandro de Almeida Silva (2009b), a grande atuação de Rui em Haia se deu quando ele atacou o principal projeto da Conferência: “O Tribunal Permanente de Arbitragem”. Segundo a proposta acertada entre as grandes potências europeias e os Estados Unidos, os juízes desse tribunal seriam distribuídos entre as nações de modo proporcional à força militar de cada uma. A poderosa oratória de Rui propôs a igualdade das nações na representação do Tribunal Internacional. O resultado da discussão foi um projeto conciliatório que acabou levando o Brasil a decidir, junto com EUA, Alemanha, Itália, França, Rússia e Império Austro-Húngaro o assunto. Rui não conseguiu aprovar seu modelo de um tribunal justo, baseado na igualdade entre as nações, mas conseguiu impedir a constituição de um tribunal injusto, destinado a perpetuar e potencializar as iniquidades do sistema internacional. O maior sucesso de Rui na Conferência de Paz em Haia foi, portanto, o fracasso da principal tarefa desse encontro

maravilhosos recursos naturais do país, parece rumo a ficar, durante os próximos quatro anos, nas mãos dos políticos ardilosos e saqueadores, e sujeito aos caprichos de um grupo militar. Eu sinto profundamente por ser obrigado a dizer que, após vinte anos, a República ainda é um nome para cobrir um governo do mais sórdido tipo de truques e intrigas. Ainda não há democracia real, nenhum governo do povo pelo povo, mas uma competição pelo poder e pelo “pão e peixe” (LANE, 1909a - tradução nossa).

Lane deixa bem claras suas representações sobre os políticos naquela ocasião, afirmando que o poder estava nas mãos de políticos ardilosos e saqueadores, pessoas sujeitas aos caprichos de um grupo de militares. Para ele, não havia “democracia real”, um governo eleito pelo povo e para o povo, mas uma competição pelo poder e pelo “pão e peixe”. Essa “democracia real” seria possível com a eleição de Rui Barbosa.

A crítica de Lane às condições políticas do Brasil deixa bem claro seu posicionamento a favor da eleição de Rui Barbosa. Nesse período, o candidato à presidência lançava uma “campanha civilista” contra o militarismo representado pela figura de Hermes da Fonseca. Lane de certa forma comunga do pensamento de Rui Barbosa, quando afirma que a eleição de um militar representava as articulações dos políticos ardilosos e saqueadores. Vemos nas entrelinhas que Lane deposita certa esperança nos rumos da política brasileira ao apoiar o nome de Rui. Na opinião de José Murilo de Carvalho (1990), a República brasileira era uma espécie de “ditadura republicana”, pois reforçava na melhor das hipóteses o paternalismo governamental e na pior, acabava levando água para o moinho do autoritarismo tecnocrático, com ou sem militares. Para Hilsdorf (2003), a república brasileira se assemelhava a um movimento golpista, instaurador de uma ditadura típica dos governos sul-americanos.

Em 1910, Lane dá sua opinião sobre as eleições brasileiras, tecendo críticas contra os dois candidatos, principalmente, para Hermes da Fonseca Rodrigues. A respeito desse, afirma:

O Presidente, Hermes da Fonseca é sobrinho do primeiro presidente da República, Deodoro da Fonseca. Os FONSECAS eram uma família militar antiga, que produziu alguns homens de muita capacidade, a maioria deles, no entanto, foram homens de inteligência medíocre. Todos possuíam temperamento forte, eram corajosos, ambiciosos e patrióticos, estritamente honestos em questões de dinheiro, mas nem tanto na política ou leais aos seus amigos. Deodoro traiu seu benfeitor, o Imperador, e Hermes traiu e abandonou seu grande amigo, Affonso Penna, sendo o principal responsável pela sua morte e pela “miserável” e desonesta administração do vice-presidente que o sucedeu. Ninguém vai ficar muito surpreso se ele trair o seu atual administrador, Pinheiro Machado, que é um líder violento e sem escrúpulos, o principal responsável pelo bombardeio proposital em Manaus (LANE, 1910a - tradução nossa).

Lane demonstra conhecer o cenário político brasileiro. Percebe as disputas de poder no campo político, juntamente, com suas alianças, concorrências e dominações (BOURDIEU, 2007b). As representações construídas sobre Hermes da Fonseca e sua família têm a finalidade de desqualificar esse agente e mostrar que ele não era o homem “ideal”, tanto que

no relatório afirma que o Brasil cresceu, “chegou a sua maioridade”, sem produzir realmente um grande homem. Que relação o cenário político brasileiro tinha com a proposta educacional de Lane? Ou por que depositava mais confiança nas propostas políticas de Rui Barbosa? Rui desde o final do século XIX era um defensor dos ideais americanos. Partilhava dos mesmos ideais republicanos e maçons de Horace Lane, tal como Tavares Bastos e Rangel Pestana faziam em relação à cultura norte-americana (HILSDORF, 1986; 2009). Talvez, Hermes da Fonseca representasse para Lane uma ameaça ao avanço de suas propostas pedagógicas e educacionais. Por que seu favoritismo por Rui Barbosa? Provavelmente, por causa daquilo que Bastian (1989; 1990) chama “sociedades de ideias” ou as relações de poder, conforme pontuamos (SILVA, I. B., 2010) ao estudar as aproximações entre maçons e presbiterianos, seguindo a linha interpretativa de Hilsdorf (1977; 1986).

Nesse sentido, pode ser que Lane visse em Rui Barbosa, não somente o “grande homem” que a República brasileira merecia, mas também uma oportunidade de ver durante seu governo os ideais que defendia sendo colocados em prática. Mas, por alguma razão, Lane afirma que apesar de Rui ser um homem inteligente, limpo e incorruptível, faltava-lhe bom senso:

O último candidato de oposição à presidência é um grande homem, intelectualmente, limpo e incorruptível, mas falta-lhe sabedoria. Estamos observando o horizonte político para descobrir um homem grande e forte para conduzir o agradável povo ao autogoverno e pôr ordem na anarquia que se estabeleceu aqui. Há material humano excelente para construir uma grande nação. Não há nenhum movimento retrógrado sério, além dos homens imprudentes e insensatos que agora estão no poder (LANE, 1910a - tradução nossa).

Mantem a mesma linha de pensamento no relatório de 1911, ao afirmar:

O Presidente militar está nas mãos de um grupo de políticos inescrupulosos e as tendências são subversão da lei e da ordem e em favor da interferência Federal nos Estados, com a consequente imposição de governadores militares. É difícil saber se a mudança da “lei corrupta do patrão” para o controle militar é um bem ou não mal. Há pouco avanço na direção de um governo realmente livre. O Brasil ainda é uma pseudo-República, pseudo do tipo latino (LANE, 1911a - tradução nossa).

Após seu posicionamento acerca do cenário político brasileiro, Lane chama a atenção dos Curadores de Nova York para o fortalecimento daquilo que denominava de “classe abastada” ou o “novo rico”:

Porém, agora, precisamos nos preocupar com a situação. Nenhuma falta de bom governo parece ser capaz de retardar o progresso material ou afugentar o capital estrangeiro. A atmosfera moral é maculada pela classe abastada. A alta tarifa aqui, assim como em casa, tem produzido uma leva de milionários. O novo-rico brasileiro não tende à filantropia, prefere ao invés disso a indulgência ostentosa das vaidades e vícios do mais censurável tipo latino. Apesar disso, porém, devemos confessar que a vida social, nesta seção e em todos os eventos, melhorou (LANE, 1911a - tradução nossa).

A crítica de Lane recai sobre aquilo que ele chama de “novo-rico brasileiro”. Diante do quadro político que havia descrito, ele afirmava que esta atmosfera não podia retardar o progresso material ou afugentar o capital estrangeiro. Talvez, na tentativa de convencer os curadores, que apesar da situação política do Brasil, era preciso continuar os investimentos, principalmente, na questão educacional. Sua crítica era muito parecida com a postura adotada pelos missionários norte-americanos na segunda metade do século XIX, quando do período de inserção do presbiterianismo no Brasil, pois destacavam que o país era mergulhado na superstição, nos vícios e na imoralidade (BLACKFORD, 1872, p. 6-7). Para eles, esse era um dos obstáculos para o progresso do Evangelho no Brasil, além do analfabetismo e da influência do catolicismo.

Perissinotto (1994), em seu trabalho *Classes dominantes e hegemonia na República Velha*, afirma que formavam a elite neste período os fazendeiros ou “produtores de café”, a burguesia comercial urbana, que desenvolvia atividades exclusivamente produtiva e a burguesia industrial.

Para Lane, o influxo de estrangeiros cultos e a crescente onda de viagens à Europa e América das classes prósperas de brasileiros aumentavam o padrão de vida, e seu reflexo era visto nas classes sociais mais humildes⁷⁹. Faoro (2001) afirma que ser culto e moderno significava no século XIX e começo do XX estar em dia com as ideias liberais. Porém, não se sabe ao certo que tipo de reflexo das classes prósperas atingiam as classes sociais mais humildes. Não é possível saber através dos discursos de Lane se essa situação gerava mais empregos ou aumentava as diferenças econômicas e sociais entre os “novos-ricos” e as “classes mais humildes”.

Porém, não se sentia seguro em dizer que as massas no Brasil eram imorais, e sim, amorais: sem percepção moral clara, de acordo com a visão norte-americana. Elas não

⁷⁹ Segundo Bastian (1989, 1990, 1994) o protestantismo no México e na América Latina exerceu influência sobre os operários, produzindo através dos valores éticos e morais, pessoas que não bebiam, educados e bem instruídos. Como resultado, a presença protestantes cresceu no interior onde se tinha estrada de ferro, fábrica têxtil e outros empreendimentos que colocavam esses países na perspectiva econômica capitalista. Por outro lado, Thompson, no segundo volume da coleção *A Formação da Classe Operária Inglesa*, discute inicialmente, a tese economicista aceita de que o Metodismo serviu “como auto-justificação ideológica para os patrões-manufatureiros e seus auxiliares” (1988, p. 231). Para o autor, diversos industriais metodistas poderiam servir de confirmação a esta tese no início do século XIX, porém ela falha num ponto decisivo, pois precisamente nessa época o protestantismo metodista obteve maior êxito em servir simultaneamente como religião da burguesia industrial e dos setores do proletariado. Para o proletariado, num período de excepcional miséria, o metodismo foi um “Novo Remédio para a pobreza” e era um fator fundamental para manter a disciplina do trabalho. E isso era de grande importância para o patrão-manufatureiro da Revolução Industrial que estava obcecado por esses problemas disciplinares do capitalismo industrial. “O sistema fabril requer a transformação da natureza humana, e os ‘paroxismos de trabalho do artesão ou do trabalhador externo devem ser metodizados até que o homem se adapte à disciplina imposta pela máquina.” (p.239). Consultar: THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Vol 2. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

violavam perversamente ou livremente os padrões estabelecidos de ética, mas simplesmente faziam o que seus guias espirituais católicos fizeram por séculos⁸⁰. Inicia, nesse sentido, uma crítica severa ao catolicismo, responsabilizando-o por tais problemas:

Roma não tem um código de moral que ensine pureza pessoal. Sua religião nada tem a ver com a moral: é uma questão de arranjar as coisas sob suas regras. Mas, com todas as suas fraquezas e vícios, e apesar da má orientação espiritual por gerações, os brasileiros são uma raça generosa e calorosa, muito melhor que seus ancestrais portugueses; respondem rapidamente a melhor orientação e são ansiosos em ascender a níveis mais elevados de vida. Eles fornecem um solo fértil para se plantar as sementes de um Cristianismo mais puro e estabelecer um sistema de ensino, com base cristã, que salvará a juventude da praga de Roma, de um lado, e da total descrença, do outro (LANE, 1909a, tradução nossa).

Percebe-se claramente que Horace Lane mantém o mesmo clima de hostilidade ao catolicismo que os pastores-missionários norte-americanos fizeram no início da inserção do presbiterianismo na segunda metade do século XIX (SILVA, I. B., 2010). Para ele, o Brasil se encontrava nessas condições por causa da orientação espiritual do catolicismo. Nota-se também que ele mantém uma visão de superioridade da cultura norte-americana em relação a outros países e inclusive ao Brasil.

Ao analisarmos a inserção do presbiterianismo no Brasil (SILVA, I. B., 2010), afirmamos que se tratava de um processo civilizatório, conceito apropriado de Norbert Elias (1994). Nessa mesma linha de pensamento, pode-se perceber claramente que Horace Lane também tinha em mente essa postura civilizatória. O processo civilizatório de Elias (1994) significa a consciência que determinado país tem de si mesmo em relação a outros países. Essa concepção passa necessariamente por um julgamento de superioridade que as civilizações têm de si sobre as outras.

Roger Chartier, ao comentar o conceito de processo civilizatório de Elias, afirma:

O processo civilizatório consiste, antes de mais nada, na interiorização individual das proibições que, anteriormente, eram impostas do exterior, numa transformação da economia psíquica que fortalece os mecanismos do autocontrole exercido sobre as pulsões e emoções e que faz passar do condicionamento social ao autocondicionamento. Nesse processo de longa duração, que, pelo menos tendencialmente, diz respeito a todos os indivíduos das nações ocidentais, a sociedade de corte – entendida aqui na sua acepção de configuração social específica, distinta do resto da sociedade – constitui um dispositivo central, que é simultaneamente laboratório de comportamentos inéditos e lugar de novas normas (2002, p. 110).

⁸⁰ Lane expressou sua opinião sobre esse assunto em artigo publicado no *Missionary Review* de 1902, intitulado *a Educação na América Latina*. Entre outras coisas, pontuava que o Brasil não havia experimentado a verdadeira república. Como todos os países colonizados pelos europeus, o Brasil e os demais países da América Latina tinham em comum a ignorância, a pobreza das massas e a ausência de uma classe média inteligente e a construção de uma pseudo-república. Porém, com os investimentos em educação houve melhoras nas condições intelectuais das massas. Ver: *Missionary Review World* de 1902. Vol XV – outubro, p. 753-758.

Nas palavras do autor, tal processo é de longa duração e tendencialmente objetiva construir comportamentos inéditos e lugar de novas normas. Isso é bem claro nos relatórios de Horace Lane. Ele expressa o desejo de ver uma nova política se configurando no país e uma nova religião realmente cristã sendo implantada, e o modelo para concretização disso era a república americana e o presbiteriano norte-americano.

Para Lane, o Brasil, num “futuro próximo”, tomaria um lugar importante entre as nações; à medida que a vastidão e riqueza de seu interior desocupado fosse conhecido. Segundo sua visão, os brasileiros sabiam pouco do país. Um residente do Rio provavelmente sabe mais sobre Paris do que sobre o Pará ou Manaus ou Amazonas. Ele afirmava:

Devemos livrar nossas mentes de noções pré-concebidas do velho Brasil Imperial e considerar que o Novo Brasil, um dos mais populosos do velho elemento português, está sendo rapidamente suplantado pelos mais ativos italianos, alemães e outras nacionalidades, que trazem tradições de uma vida mais elevada do que a encontrada na pobre e pequena Portugal (LANE, 1909a, tradução nossa).

A crítica recaiu sobre os portugueses. Por outro lado, frisa que o “novo Brasil” recebia a influência dos mais ativos italianos, alemães e outras nacionalidades. Porém, não menciona os americanos. Qual a razão da omissão? Ela parece provocativa:

O povo americano, enquanto intensamente atento à crescente importância do Brasil, do ponto de vista comercial e político, parece ignorar o fato essencial de que a nação precisa ser educada nos ideais americanos para se identificar com a Grande América. Os padrões de vida precisam ser elevados, conceitos errôneos de liberdade, governo autônomo e Cristianismo precisam ser corrigidos. O Cristianismo protestante, analisado do ponto de vista puramente político, é indispensável, à República. (LANE, 1909a, tradução nossa).

Para ele, o protestantismo era indispensável à República. Portanto, o “Novo Brasil” só seria possível se imitasse a “Grande América”. Para tanto, era preciso educar a nação segundo os padrões norte-americanos. Lane parece deixar nas entrelinhas que os Trustees não faziam os investimentos necessários na questão educacional, apesar do aporte financeiro que era encaminhado para tal finalidade. Porém, percebe-se nos relatórios de Lane, que muitas escolas sob sua supervisão administrativa tinham déficit e chegaram a fechar por falta de investimento financeiro.

Para reforçar seu argumento, acentua que as causas do retrocesso do país estavam ligadas ainda à influência dos Jesuítas. Em suas palavras, os Jesuítas estavam no controle das instituições e sua presença ameaçava a República:

Com os Jesuítas no controle absoluto, a República não vai durar. O tipo de ensino que era uma ameaça às instituições livres na França, e que foi trazido ao Brasil pelos mesmos padres e monges que não puderam continuar na França, não irá afastar o Brasil da América do Norte ou das instituições livres (LANE, 1909a, tradução nossa)

Porém, para ele, isto não afastaria a influência da América do Norte no Brasil, se houvesse vigorosa inserção protestante no Brasil. Nitidamente percebe-se que Lane via a presença dos Jesuítas no campo religioso e educacional como um elemento desestruturador, incompatível com os ideais republicanos. Por outro lado, utilizava taticamente dessa visão para convencer os Trustees a fazerem mais investimentos e apoiarem seu projeto de rede de escolas.

Para ele, era preciso “redimir” o Brasil.

Para o Brasil se redimir, ele precisa fazê-lo pelos métodos que mantiveram nosso país forte e fiel aos princípios cristãos dos pregadores Puritanos. Não pela Doutrina Monroe, nem tratados de reciprocidade, mas por uma vigorosa inserção dos princípios protestantes no púlpito e na escola, e estabelecendo aquela forma de Cristianismo que incute pureza e honestidade. Roma está atenta ao perigo dessa invasão das ideias americanas e está ciente da importância de fortalecer seu controle sobre este povo (LANE, 1909a - tradução nossa).

Por que o Brasil precisava ser redimido? Segundo Lane, o Brasil precisava redimir-se na esfera política, educacional e religiosa. Na política, porque era marcado pela presença daquilo que ele denominou de “panelinhas políticas”, ou seja, de pessoas ligadas aos ideais do antigo Regime, o Império. Na perspectiva educacional, porque o Brasil foi educado segundo os valores do catolicismo e isso representava, na ótica de Lane, um retrocesso educacional. Discurso parecido com os dos republicanos (HISLDORF, 1977; 1986; SILVA, I. B., 2010). Segundo Hilsdorf (2011, p. 61), “Fossem liberais, democráticas ou conservadoras, as forças políticas movimentam-se para controlar as instituições educativas e seus agentes e impor-lhes de modo definitivo a forma escolar como a mais adequada e eficaz para ministrar e conformar a sociedade”. Na questão religiosa, a pregação católica mantinha o povo na imoralidade. As estratégias para redimir o Brasil, na visão de Lane, passavam pela pregação protestante, na construção de escolas protestantes e na divulgação dos valores da cultura norte-americana. Somente assim o Brasil experimentaria a modernização. Retoricamente, “redimir” o Brasil, significava para Lane construí-lo nas bases dos ideais americanos de progresso e modernidade⁸¹. Marta Carvalho (1989) pontua que “regenerar” as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas era o que se

⁸¹ Em artigo publicado no *Missionary Review* em 1902, Lane já pontuava que o Brasil podia ser regenerado se retornasse ao verdadeiro Evangelho e a verdadeira religião cristão, no caso o presbiterianismo. Afirmava que como uma pessoa de tradição de fé puritana, acreditava que uma nação só poderia ser elevada se construída nos fundamentos doutrinários do Evangelho. Para ele, o trabalho do educador tinha que ser igual o trabalho do missionário no campo. O trabalho educacional representava o caráter sólido e permanente do trabalho missionário realizado pelas igrejas e missionários. Ver: *Missionary Review World* de 1902. Vol XV – outubro, p. 753-758.

esperava da educação no período republicano. Para a autora, tratava-se de um projeto político autoritário, pois educar era uma obra de moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite com autoridade para promovê-los.

Em tom de concorrência, nítido na dinâmica de qualquer campo (BOURDIEU, 2004) e das lutas de representações (CHARTIER, 2002), Lane afirmava que Roma estava atenta ao perigo da invasão das ideias americanas. Para ele, uma grande quantidade de homens realmente fortes, padres e monges, foram mandados para cá para se estabelecerem. As grandes ordens religiosas marcavam presença no campo religioso e educacional, para tanto, tinham a seu favor verbas abundantes, educadores treinados na França, Alemanha, Holanda, toda a Europa Católica e até mesmo nos Estados Unidos. Eles compravam, construíam e mobiliavam as escolas, sem se importarem com as despesas. As ordens de ensino das Irmãs também foram alvo da análise de Lane. Dizia que elas marcavam fortemente a sua presença no Brasil por meio da educação. Afirmava que essas escolas de padres e monges estavam sob a proteção do governo e eram “consideradas iguais” ao Ginásio Nacional. A presença do catolicismo para Lane estava em todo território brasileiro. Ele diz: “Roma não faz nada pela metade” (LANE, 1909a).

Em sua análise, pontua que as igrejas da América do Norte e da Europa tinham perdido o interesse pelo Brasil. Concluiu que era inútil tentar atrair o Brasil para o presbiterianismo se deixassem Roma se apoderar da juventude brasileira, pois esse era o objetivo do catolicismo, porém “com todo seu tremendo poder e pertinência”, não era impossível combatê-la. A estratégia para derrubá-la era apresentar a verdade simples do presbiterianismo. Seria apenas essa estratégia? Se levarmos em conta a linha de raciocínio de Lane, além da pregação do evangelho nos púlpitos das Igrejas era preciso construir novas escolas (LANE, 1909a, p. 4). Sem escolas, era impossível combater a força do catolicismo em terras brasileiras. São perceptíveis as lutas de representações construídas por Lane; no bojo dessas lutas estava a concorrência no campo educacional e religioso. Para Lane, enquanto o catolicismo fazia altos investimentos para recuperar seus adeptos através de construção de novos edifícios, as igrejas da América do Norte e da Europa tinha perdido o interesse pelo Brasil.

Para sustentar seus argumentos, Lane chegou a afirmar que as escolas sob sua responsabilidade representavam as duas aversões que o catolicismo repudiava (LANE, 1908a). Ele estava atento ao movimento de romanização da Igreja Católica. Nesse período, segundo Querido (2011) houve reação da Igreja Católica em relação aos movimentos

protestantes e várias congregações vieram ao Brasil na tentativa de recuperar os espaços perdidos para o movimento protestante. Aquino (2012) ao estudar o catolicismo na cidade de Botucatu, afirma que a estratégia católica foi a criação de várias dioceses, escolas, orfanatos, hospitais.

Lane insiste na questão da expansão do catolicismo no relatório de 1910, dizendo que Roma estava em forte expansão com o apoio de várias ordens religiosas. Para ele, o catolicismo estava monopolizando rapidamente a educação fora do Estado (LANE, 1910a).

Ao tecer críticas ao catolicismo, Lane tenta convencer os curadores a fazerem maiores investimentos financeiros, principalmente, na educação, tal qual o catolicismo fazia em suas instituições religiosas. Na sua percepção, era inútil atrair o Brasil se o presbiterianismo não combatesse o catolicismo. É interessante observar como Lane correlacionava a questão da política brasileira com a educação católica, ou seja, toda a situação problemática em torno da política brasileira era fruto de anos de educação católica.

A Primeira República, segundo Nagle (2009), caracterizou-se pelo entusiasmo pela educação⁸². Portanto, ela seria a base da organização social, a solução para os problemas sociais, econômicos, políticos e outros.

Lane retorna a ideia do “Novo Brasil”:

Em S. Paulo, o “Novo Brasil” está em plena vista. As milhares de crianças estudantes indo e vindo das escolas públicas, o entusiasmo dos alunos e pais e o orgulho do governo nos dão uma visão da nova vida no “Novo Brasil”. Aqui nós temos um vislumbre da nova raça – peles escuras com olhos azuis, loiros com olhos negros – tons de cútis, que vão desde o preto-carvão até os loiros mais brilhantes, podem ser vistos pela cidade toda e em todas as grandes cidades do estado. Por legislação específica, e por uma medida constitucional, nenhuma religião pode ser ensinada. É também uma infelicidade que este ótimo sistema esteja sob controle político (LANE, 1909a - tradução nossa).

Para Lane, São Paulo representava o estado em que mais se percebia as marcas do “Novo Brasil” devido à organização das escolas públicas. Relembra aos Trustees sua

⁸² As hipóteses de Nagle sobre a existência de três momentos da história educacional: “fervor ideológico (final do império), “entusiasmo pela educação” (início da república até os anos de 1915) e o “otimismo pedagógico” (escolanovismo e as reformas de 1920-1930) tem sido revistas. No caso do otimismo pedagógico, os estudos de Marta Carvalho, entre outras coisas, questionam a interpretação de “despolitização do campo educacional, mostrando que as perspectivas de interpretação da relação educação e política não se esgotam com a ampliação de eleitores. Cita por exemplo a Associação Brasileira de Educação que ampliou o espaço da ação política, do técnico como parte integrante da burocracia estatal. Segundo a autora, Nagle considerou a ABE como um desdobramento do movimento educacional, ou seja, do entusiasmo pela educação, cuja característica seria a proposta de solucionar todos os problemas a partir da educação, postulados desde a década de 1910. Consultar: CARVALHO, Marta M. Chagas, **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista, EDUSF, 2003.

contribuição com a reforma do ensino público paulista⁸³. Talvez com o objetivo de mostrar o alcance da sua atuação como educador, presidente do Mackenzie College e missionário.

Seguindo a linha de pensamento de Lane, o Brasil seria um país novo se investisse na educação. Ele entendia que ela e, principalmente, a educação protestante, eram a ferramenta necessária para reconstruir um país que foi colonizado pela educação jesuíta.

Segundo Mendonça (2008, p. 311):

A polêmica entre o protestantes e católicos marca a história religiosa no Brasil durante a segunda metade do século XIX e boa parte do início do século XX. As condições de inserção do protestantismo no Brasil fizeram com que se alimentasse principalmente da polêmica. Por isso, o protestantismo só se torna, aparentemente, ativo e dinâmico nos momentos de confronto com a religião dominante; em outras circunstâncias da vida social, regra geral, se mostra indiferente e letárgico.

No contexto de Lane, não estavam mais em jogo as dificuldades encontradas nos primeiros anos de inserção do presbiterianismo no Brasil, como bem acentua Hilsdorf (2000) no trabalho *Simonton e o panorama religioso do Brasil nos meados do século XIX*, que entre outras coisas pontua a estratégia e a prudência de Simonton na implantação do presbiterianismo. Alguns historiadores chegam a construir as mais várias representações sobre a perseguição católica contra os presbiterianos no final do século XIX e início do XX (LESSA, 1938; FERREIRA, 1992). Algumas polêmicas mais tarde aconteceram no campo discursivo, como foi o caso do Rev. Zacharias de Miranda e o padre Camilo Passalacqua (SILVA, I. B., 2010).

Segundo Laguna (1999), através dos relatórios, Lane transmitia aos Trustees que o Brasil merecia e necessitava ser tutelado cultural e educacionalmente por uma civilização superior, como era a norte-americana. Portanto, através dos seus relatórios ele justificava a presença da Escola Americana de São Paulo, o Mackenzie College e as demais escolas no seu relatório, construindo a representação de que elas eram as instituições imbuídas dos propósitos educacionais cristãos e impregnada da cultura norte-americana, superior à cultura brasileira, construída pelo Império e pela educação jesuítica. Lane constrói a representação de que a educação protestante era superior à educação católica e era essencial para a construção do “Novo Brasil”. Para ele, o “Velho Brasil” havia sido construído pela ação católica e por panelinhas de políticos ligados ao “Velho Regime”.

As marcas desse “Velho Brasil” ainda estavam presentes no “Novo Brasil” que estava sendo construído com a implantação da República. Entre essas marcas, o Brasil carregava o analfabetismo (LANE, 1910a). Embora, para ele, o percentual de analfabetismo tivesse

⁸³ Ainda neste capítulo analisaremos a contribuição de Horace Lane na reforma do ensino público paulista.

diminuído com os investimentos que o setor público fazia em termos de educação e construção de escolas públicas. Afirmava que em São Paulo havia diminuído bastante, por causa das escolas primárias e das quatro Escolas Normais, já nos estados do Norte e do “Centro”, a educação estava atrasada.

1.2 Discurso sobre a educação

Vimos no tópico anterior que para Lane uma das causas dos problemas sociais e políticos do Brasil estava relacionada à influência da educação católica. Para ele, essa educação reforçava a imagem de um país retrógrado e que precisava da influência de uma nova cultura, a americana. Mesmo no campo político, o Brasil ainda não havia experimentado a “verdadeira República”, dizia ele, justamente porque tinha em suas estruturas resquícios do antigo modelo político. Neste sentido, Lane não apenas define qual o tipo de educação o Brasil necessitava, como também mostrava em seu relatório os esforços dos políticos brasileiros no sentido de se implantar um modelo educacional diferente, o republicano. Porém, considerava, a “verdadeira” República só seria possível, ou se igualaria à República americana, se houvesse a disseminação do modelo cultural norte-americano através da educação protestante.

Assim, veremos o que Lane fala sobre a educação protestante, como apresenta a Escola Americana aos pais de alunos, sua atuação na reforma do ensino público paulista e o que fala sobre a catequese indígena.

1.2.1 Educação Protestante para além da confessionalidade

Uma das representações recorrentes sobre Horace Lane na historiografia acentua sua competência como educador. Hilsdorf (1977) afirma que ele imprimiu um novo rumo na vida administrativa e educacional da Escola Americana. Mesmo os historiadores confessionais (RIBEIRO, 1981; MATOS, 2004; MENDES, 2007), inclusive aqueles que de certa forma pontuaram aspectos negativos sobre ele, reconhecem que era um exímio educador (LESSA, 1938).

Essa representação pode ser reforçada ao analisarmos os prospectos organizados por Horace Lane, intitulados Escola Americana, e os relatórios do Mackenzie College encaminhados aos Curadores nos Estados Unidos. Percebe-se uma riqueza de fonte primária, que nos auxilia na compreensão das ideias que Lane tinha acerca da educação. No acervo da Universidade Presbiteriana Mackenzie encontramos os prospectos datados de 1885 até 1931.

Não há indícios de que tais prospectos tenham sido confeccionados antes de 1885, ano em que Lane assumiu a direção da Escola Americana de São Paulo. Se tais prospectos foram confeccionados a partir da gestão de Lane em 1885 é possível reforçar que de fato ele deu um novo rumo para a gestão da Escola (GOLDMAN, 1972; HILSDORF, 1977), não somente em termos estruturais, pedagógicos, educacionais, mas também em relação à visibilidade da instituição na sociedade.

O material é muito bem organizado e contém informações das mais variadas, entre elas: histórico sobre a fundação da escola, método educacional, condições de matrículas, modalidades educacionais, missão da escola e outros.

O primeiro prospecto, datado de 1885, vem assinado pelo Rev. G. W. Chamberlain, mas nele consta o nome de Lane como diretor. Do ponto de vista da materialidade ele é bem diferente do prospecto de 1893⁸⁴. Apenas no prospecto da Escola Americana de São Paulo de 1914 não mais aparece o nome de Horace Lane como diretor e sim o nome do Dr. Donald C. Mac Laren. No prospecto de 1913, ano posterior à morte de Lane, ainda aparece seu nome e há uma mudança na cor do material, mas não no conteúdo.

No prospecto de 1885, percebe-se que há uma preocupação em reforçar a origem da escola bem como sua questão confessional. Por várias vezes é citado o nome de Deus (ESCOLA AMERICANA, 1885, p. 2), afirma-se que é uma instituição que tem por finalidade educar a juventude debaixo do temor de Deus.

Profundamente convencidos da verdade de que “não há boa educação sem o ensino das ideais morais e religiosas tais quais são contidas nas Escrituras Sagradas”, os diretores têm dado desde o primeiro dia da abertura das suas aulas em 1870, o lugar à Palavra do “Mestre vindo da parte de Deus”, e mais fácil seria fechar as aulas do que abandonar essa prática. Esta instituição não busca a popularidade, e se a tem gozado (como provam seus livros de matrícula, e suas aulas sempre cheias de meninas e meninos inteligentes e morigerados), deve-a a este princípio, que tem merecido a benção de Deus, não menos que ao ensino consciencioso de todas as matérias incluídas em seu programa. Procuramos para o corpo docente os professores mais abalizados para o ensino das matérias de suas respectivas cadeiras, e não hesitamos arredar dele qualquer que julgue que sua ciência lhe dá direito de negar a ciência de Deus, tal qual no-la ensina Jesus Cristo e seus apóstolos (LANE, 1885, p. 2).

A citação deixa bem claro o caráter confessional da instituição, o que não se encontra no prospecto de 1893, percebe-se também que já não consta mais o nome do Rev. Chamberlain. No prospecto de 1893 não temos também alusão à confessionalidade da escola. Sobre essa questão, Mendes (2007) afirma que o caráter confessional da Escola Americana no

⁸⁴ Não foram encontrados os prospectos de 1886-1892. Não é possível sabermos ao certo se foram confeccionados ou não, ou ainda, se foram perdidos.

período de Lane era discreto, postura diferente da perspectiva defendida pelos seus fundadores. É interessante observar que nos prospectos é possível perceber que não existe nenhuma menção direta a respeito da confessionalidade.

Para Mendes (2007), a entrada de Lane no campo educacional presbiteriano de São Paulo marcou significativamente a vocação da instituição fundada pelo casal Chamberlain. As marcas se referem tanto à expansão e consolidação da Escola Americana, como à criação dos chamados cursos superiores que deram corpo ao Colégio Protestante e também às conformações impostas ao seu perfil confessional.

A perspectiva educacional de Lane parece mais voltada aos ideais republicanos quando afirma que a educação estava atrelada ao engrandecimento do país. Hilsdorf (1977; 1986; 2003) pontua de forma relevante o apoio das elites republicanas às escolas protestantes, devidos aos ideais individualistas, pragmáticos, progressistas e modernizantes. A respeito do apoio dos republicanos aos protestantes, temos o trabalho da mesma autora defendido em 1896, sobre Rangel Pestana. Ele se torna o responsável pelo apoio de homens públicos, intelectuais liberais e republicanos aos protestantes do período, e vice-versa.

Ainda acerca da confessionalidade, Hack afirma que:

A escola deveria alcançar os filhos de liderança nacional, para educá-los no modelo cultural protestante. A finalidade principal não era evangelizá-los, mas sim transmitir-lhes princípios educacionais, para que fossem preparados adequadamente para assumir posições de liderança, contribuindo para a formação de uma nova mentalidade, como agentes de transformação social, substituindo a liturgia e a acomodação da cultura brasileira por uma sociedade dinâmica, pragmática e participativa (2013, p. 33).

Para Hack, Lane distancia a escola da perspectiva educacional da intenção dos seus pioneiros. Porém, nos relatórios enviados aos Trustees, ainda que em período posterior, Lane tem um discurso diferente:

Temos convicções sobre o que constitui uma educação cristã e um sentimento de dever para com a causa que tentamos representar, bem como algum conhecimento das demandas do país, e nesse sentido, devemos prosseguir o nosso caminho, independentemente de louvor ou censura, pois Deus nos dá luz e força. Apesar das críticas negativas, da oposição e de todas as dificuldades e perplexidades que assaltam um trabalho deste tipo em todos os lugares, o nosso trabalho tem sido visivelmente abençoado como um todo e em muitos lugares é considerado com referência no seu aspecto técnico, científico e pedagógico, nas atividades sociais, morais e evangelísticas. Os resultados não são visíveis para o observador casual, nem podem ser apreciadas pelo escritor irreverente, mas são apenas aparentes para o observador atento e honesto que vê o caráter dos homens e mulheres que temos educado, nossa tendência de pensamento na comunidade é a elevação moral, é buscar a verdade e segui-la e, em uma abordagem mais perto de um cristianismo puro, para o pensamento e vida (LANE, 1907a – tradução nossa).

O discurso de Lane é ali muito diferente daquele direcionado à sociedade. Para os curadores de Nova Iorque, sua escrita ganha conteúdo cristão. A que se deve essa mudança no discurso? Talvez, com relação à sociedade, Lane objetivasse atrair maior quantidade de alunos ao omitir ou até mesmo tirar o caráter confessional da Escola Americana. Em contrapartida, com os curadores, seu objetivo seria talvez conseguir mais investimentos financeiros e mostrar que sua perspectiva educacional estava fulcrada nos valores do presbiterianismo. Lane se mostra estratégico, tático, habilidoso, capaz de utilizar o poder da escrita com o objetivo de convencer seu público (clientes) e os destinatários dos documentos.

Lane fazia questão de frisar, diante das acusações, de que o Mackenzie exercia influência evangélica, tinha um ambiente cristão e que muitos pastores enviavam seus filhos para essa instituição escolar⁸⁵ (LANE, 1907a). Lane deixa bem claro aos Curadores que evitava fazer proselitismo⁸⁶, pois entendia claramente que a função da escola era outra, ou seja, influenciar indiretamente o ser humano com os valores cristãos e republicanos.

O grande objetivo [da Escola] é exatamente aquele que os evangelistas e pregadores têm em mente: trazer toda a sociedade para uma vida cristã mais pura. Eles tentam persuadir os homens a se tornarem cristãos; nós tentamos educá-los no viver e no conhecimento cristão, e temos assim muitas provas de que isto está sendo feito. Coloca-se a Palavra de Deus como o único fundamento seguro da sociedade. Fornece-se uma base cristã para a educação e estabelece-se um padrão cristão de vida (THE PROTESTANT COLLEGE, 1897, p. 6 – tradução nossa).

Segundo Mendes (2007), essa posição afastou a Escola Americana e o Colégio Protestante da influência direta dos missionários norte-americanos e dos pastores e presbíteros nacionais, sendo uma posição de relativa autonomia. Para o autor, essa desvinculação gerou reações no campo presbiteriano brasileiro, que passou a ver a instituição criada pelo casal Chamberlain, como descompromissada com os objetivos estabelecidos na sua origem.

Porém diante dos ataques dos seus oponentes, Lane afirma que a educação tinha um caráter missionário, vejamos:

Agradecido que, enquanto as perplexidades costumeiras, cuidados e ansiedades não estiveram ausentes, este foi um ano de memoráveis bênçãos e progresso muito encorajador, não apenas no sentido estritamente educacional, mas também na direção da construção de caráter, do crescimento do lado missionário do trabalho e sua influência marcante nas novas instituições educacionais do país. O perigo que constantemente nos assola é uma pressão na direção do lado puramente material e

⁸⁵ No relatório de 1887 da Escola Americana de São Paulo, encaminhado ao Diretor da Instrução Pública de São Paulo, percebe-se desde aquela época a presença de vários filhos de protestantes, entre eles: Angélica Carvalhosa, filha do Rev. Antonio Carvalhosa; Angina Cerqueira Leite, filha do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite; Antonio Sebastião, filho do Rev. Zacharias de Miranda (ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1887).

⁸⁶ Lane afirmava através de artigo anterior que suas instituições não faziam proselitismo, mas o trabalho era aberto e ousadamente protestante, e exercia influência através da Bíblia e através de professores cristãos. Ver: Missionary Review World de 1902. Vol XV – outubro, p. 753-758

utilitário do trabalho, aumentada pela nossa falta de verbas e consequente necessidade de explorar nossos recursos comerciais; para contrabalançar isto, nós lutamos para manter em nossas mentes o fato de que a única razão para nossa existência aqui é ser essencial e unicamente uma empresa missionária cristã, cujo trabalho principal é educar a juventude do país para a concepção maior e mais pura do Cristianismo, em pensamento e vida. Devemos, porém, proceder pelos métodos educacionais ao invés daqueles usados pelos pregadores evangélicos. Sempre seguindo os grandes princípios do cristianismo, devemos fazer nosso trabalho sem inculcar este ou aquele sistema de teologia ou crença sectária, mantendo de longe todo tipo de amarra eclesiástica, evitando a hipocrisia e pretensão de santidade indevida, mas seguindo em frente de maneira aberta e simples em relação ao nosso objetivo, confiando na resoluta Palavra de Deus como verdade espiritual fundamental, ao invés dos comentários do pregador, mantendo também em vista o avanço dos métodos educacionais e ciências pedagógicas (LANE, 1908a – tradução nossa).

Lane deixa bem claro o objetivo da instituição sob sua responsabilidade, ou seja, seu caráter missionário. Não no sentido de proselitismo, mas de evangelização indireta. O interessante que seu discurso é eivado de uma tonalidade cristã, embora reconheça que a finalidade principal da educação não seja a mesma do pregador cristão. Além disso, sua escrita revela um Lane piedoso, preocupado em cristianizar a juventude através dos princípios do cristianismo e da Palavra de Deus. Demonstra ser uma pessoa que confia na Palavra de Deus como verdade espiritual, ao contrário das representações construídas pelos seus opositores e reproduzidas na historiografia, como vimos anteriormente.

No começo da sua fala, Lane menciona as “perplexidades costumeiras”. Nos seus relatórios continua a falar dos seus opositores, católicos e protestantes. Portanto, mostrar a imagem do homem piedoso, do missionário e diretor preocupado com a obra missionário-educacional era uma tática da parte de Lane, não somente com o objetivo de garantir investimentos, solidificar seu trabalho, mas talvez também reconstruir sua imagem desgastada no campo presbiteriano brasileiro. Tanto que até mesmo os Boards se colocaram a seu favor, quando o tesoureiro Henry M. Humphrey sai em sua defesa nas páginas do jornal O Estandarte. Ele gozava de prestígio, era um homem que mantinha a visão dos Trustees em relação à obra educacional no Brasil. Lane insiste em mostrar que a obra educacional não é diferente da obra evangelista, tanto que afirma categoricamente: “Nós somos uma INSTITUIÇÃO MISSIONÁRIA e sentimos que nosso pedido às Igrejas é tão forte quanto a dos missionários Evangelistas” (LANE, 1907a, p. 8).

Lane entende que suas instituições escolares eram uma instituição missionária e seu apelo às igrejas era tão forte quanto a dos missionários evangelistas, ou seja, ele colocava sua instituição no mesmo patamar de importância na obra de evangelização. A educação para Lane era uma estratégia de evangelização indireta, que tinha tanta importância quanto a pregação proselitista dos missionários. Ele faz questão de mostrar bem essa diferença para os

Curadores, pais de alunos e sociedade. Porém, para os Curadores, deixa bem claro que existiam práticas de exercícios espirituais no cotidiano da escola. Havia o trabalho religioso na Capela que era realizado pelo capelão Rev. Modesto Carvalhosa. Os exercícios na Capela aconteciam todos os dias às 10h00. Nas manhãs de domingo, as crianças dos internatos (meninos e meninas) se reuniam na Capela para a Escola de Domingo. As aulas eram ministradas por alguns professores e alunos do Mackenzie College.

Nas manhãs de domingo, os pupilos dos dois internatos, meninas e meninos, se reúnem na Capela Mackenzie para a ESCOLA DE DOMINGO, e são divididos em aulas lecionadas pelos professores comuns da escola diurna e alguns dos estudantes do Mackenzie. Nós publicamos um jornal mensal da Escola de Domingo, lições sobre a vida de Cristo para uso de nossa escola e os enviamos para Florianópolis, fornecemos também para o trabalho realizado em Pinheiros pelo Rev. Sr. Carvalhosa. Um dos nossos estudantes realiza serviços regulares, todo domingo, na Lapa, um subúrbio da cidade. Dois outros lecionam em uma escola noturna na Móoca. O Rev. Carvalhosa realiza um serviço regular na Capela Mackenzie, aberto ao público, imediatamente após a Escola Dominical (LANE, 1908a – tradução nossa).

O diretor do Mackenzie College sugere que outras escolas sob sua direção tinham a mesma prática e aproveitamento do material, o que nos faz pensar na circulação de modelos e práticas pedagógicas. O que reforça a nossa tese de que as Escolas Americanas, sob a direção de Lane, constituíam uma rede de escolas. Aqui temos um elemento esclarecedor, quando Lane afirma que o material usado na Escola de Domingo também circulava na Escola Americana de Florianópolis. Não era apenas o material religioso que era encaminhado, os livros didáticos também circulavam nas escolas supervisionadas por ele (LANE, 1911a).

No prospecto de 1894, Lane acentua sua visão educacional, dizendo:

Como é geralmente sabido, a Escola Americana não tem fins comerciais. Qual então o móvel? Cremos que nos é lícito aspirar, dentro dos limites das nossas forças, colaborar na educação da mocidade sem outro motivo, senão elevá-la, e assim contribuir para o engrandecimento do país. A Escola Americana no sentido mais lato da palavra. Sonhamos em criar, com o correr do tempo, um estabelecimento completo em todas as suas partes, para ambos os sexos. Não uma imitação servil das Escolas da América do Norte – mas uma adaptação do que há de melhor nelas, ao meio, à índole do povo, às melhores tradições da sociedade, às instituições e às necessidades econômicas desta América (1894c, p. 15).

Lane em momento algum pontua a questão da religiosidade, mas as contribuições que a perspectiva educacional da escola americana sob sua responsabilidade daria ao Brasil e à juventude. Em sua visão, não seria uma imitação servil do modelo norte-americano. Atique (2007) afirma, entre outras coisas, que a perspectiva educacional de Lane era uma obra *yankee* no Brasil, que tinha como objetivo divulgar a cultura norte-americana no Brasil, a tal ponto de motivar os jovens estudantes da Escola Americana de São Paulo e Mackenzie College a estudarem nos Estados Unidos. Nesse sentido, para o autor, o fato de estudantes

brasileiros estudarem em território norte-americano reforçava a imagem de superioridade daquele país na formação profissional dos brasileiros.

Lane também divulga em 1894 o prospecto do Mackenzie College, dizendo:

Este curso é a continuação, em grau superior, da Escola Americana, sendo como a transição do curso secundário, denominado “Grammar School”, conforme a organização das Escolas norte-americanas, e que constitui o nexo entre os estudos elementares e os cursos de estudos técnicos e profissionais (PROSPECTO MACKENZIE COLLEGE, 1894, p. 3 – tradução nossa).

Na mesma linha de divulgação da Escola Americana de São Paulo, Lane procura convencer seu público sobre a importância de estudar no Mackenzie College. Isso pode ser percebido quando ele afirma:

O Instituto Mackenzie é uma sucursal da Universidade do Estado de Nova Iorque e, portanto os seus cursos são equivalentes aos das Academias Cornell, Columbia, Union, etc. As divergências permitidas pelos “Regents” dessa Universidade são mudanças no sentido de conformar-se às necessidades do Brasil sem, contudo desmerecer o curso. Os estudantes de qualquer curso do “Mackenzie College” serão admitidos à matrícula em qualquer Academia dos Estados Unidos no ano correspondente ao que estiverem cursando. É o nosso intuito dotar o Brasil com um estabelecimento que ofereça as mesmas vantagens de instrução, que se acham os estabelecimentos estrangeiros para onde se dirige a flor da nossa mocidade e onde se reforça o amor pátrio. Procuramos ministrar uma educação completa e adaptada ao meio nacional (LANE, 1894, p. 4 – tradução nossa).

Essa era a maneira de Lane atrair os filhos da elite paulista, mostrando que sua instituição escolar estava atrelada ao modelo educacional norte-americano e equivalia aos cursos das Academias Cornell, Columbia e Union. Lane sabia muito bem que a educação brasileira ainda tinha resquício do modelo educacional imperial, pois recorrentemente frisava isso aos curadores norte-americanos, assim como sabia que para o cenário republicano isso representava um sistema retrógrado (LANE, 1911a). Portanto, apresentar uma proposta educacional baseada na educação norte-americana adaptada à realidade brasileira não seria apenas uma forma de atrair alunos, mas também de implantar no Brasil um sistema educacional e uma rede de escolas baseado no modelo norte-americano.

Segundo Hack:

O Mackenzie apresentava um sistema educacional verticalizado no sentido de oferecer cursos em todos os níveis de ensino, a começar pelo jardim-de-infância até o curso superior. A filosofia mackenzista era promover o envolvimento do aluno com a instituição e seus sistema de ensino e, muito mais, despertar o interesse em progredir nos estudos para alcançar uma formação profissional ou acadêmica (2002, p. 161).

No prospecto de 1898, Lane fala sobre as oficinas de trabalho manual ofertadas para os estudantes do ensino superior e obrigatórios aos estudantes da Escola Americana:

O fim que visamos não é preparar o menino para um ofício, como se faz nos liceus de artes e ofícios, mas sim, educá-lo, conservar-lhe a saúde, desenvolver-lhe as forças físicas, agregando ao ensino formal dos livros o ensino manual que torne o homem completo para a vida prática. Tem-se observado que este ensino manual, em 1º lugar prepara o aluno para a vida prática dando-lhe certo conhecimento técnico; 2º dá-lhe uma habilidade não só para manejar os instrumentos como também para produzir as cousas com ordem e exatidão; em 3º lugar, e principalmente, desenvolve as faculdades intelectuais e dá conhecimentos positivos, suplementando a educação formal, despertando o amor e gosto pelo trabalho em geral, fazendo ao mesmo tempo com que o aprecie dignamente (LANE, 1898, p. 14).

Para ele, o objetivo era preparar o aluno para a vida prática, despertar o amor e gosto pelo trabalho. Os prospectos da Escola Americana não trazem muitas mudanças acerca do objetivo da educação para Lane das que foram apresentadas até aqui.

No prospecto do Mackenzie College, Lane de forma estratégica, afirma:

Na incorporação do Mackenzie College à Universidade não tivemos em vista criar um sistema exótico de ensino superior, mas apenas de unificar os cursos e subordiná-los à Universidade e ao mesmo tempo subordinar os da Escola ao College a fim de estabelecer um nexó lógico entre os cursos graduados de preparatórios e os superiores dos dois Estabelecimentos. Com tal subordinação pode o Mackenzie oferecer aos estudantes as garantias e os privilégios que goza o estudante que representa as melhores tradições da educação americana. Também isso garante aos alunos da Escola Americana um preparo conveniente para os estudos superiores. Assim, o Mackenzie College é, de fato, a continuação em grau superior do curso secundário, graduado da Escola Americana. Mas, embora estejam ambas sujeitas à mesma administração e aos regulamentos e às ordenanças da mesma Universidade, ainda assim cada estabelecimento tem os seus cursos completos e seu corpo docente separado e independente (1908, p. 5 – tradução nossa).

Observa-se a diferença da instituição educacional fundada pelo casal Chamberlain. Lane de fato imprimiu uma nova visão educacional, que abrangia a criação de novos cursos, a organização do curso superior, a ampliação do espaço físico. Ferreira (1992) destaca que durante a gestão de Lane, o Mackenzie progrediu. Pelos prospectos da Escola Americana e do Mackenzie College, não se percebe sua preocupação com a confessionalidade, o que reforça as análises de Mendes (2007).

Nesse sentido, para Lane a educação protestante era uma forma não somente de evangelização indireta, mas também uma estratégia de implantar a cultura norte-americana, juntamente com os valores protestantes, a fim de transformar o modo de vida do povo brasileiro. Segundo Laguna (1999), os relatórios que Horace Lane enviava para os *Trustees* de Nova Iorque mostram o recorrente esforço dele para convencer os dirigentes de que o trabalho escolar dos protestantes norte-americanos devia ser mantido, devido a sua importância para a afirmação da recém-proclamada república brasileira, o que confirma o entendimento apresentado pela historiografia (HILSDORF, 1977).

1.2.2 Discurso sobre a Escola Americana aos pais dos alunos e à sociedade

Qual era a finalidade de Horace Lane escrever aos pais dos alunos que tinham seus filhos matriculados na Escola Americana? Primeiramente, podemos aceitar a sugestão do próprio Lane, que dizia que se tratava de cartas que serviam de resistência ao catolicismo (ANNUAL REPORT, 1906, p. 379). Seria de fato isso? Essa fala de Lane direcionada aos Trustees não parece convincente. Em momento algum nas cartas há uma hostilidade direta ao catolicismo. A menos que a exaltação que ele faz ao modelo pedagógico da Escola Americana esconda indiretamente uma crítica à prática educacional católica.

Porém, pode-se pensar ainda que elas seriam uma forma de relatório em que Lane procurava colocar os pais a par do andamento das questões relacionadas à escola, como período de férias, matrículas e a proposta educacional. Porém, se considerarmos o contexto das lutas de representações educacionais que já estavam em plena efervescência no campo presbiteriano, pode-se pensar que tais cartas serviram também, em determinado momento, como estratégia de Lane para garantir que os alunos permanecessem matriculados, e atrair mais alunos à escola. Não se sabe ao certo até que ponto os problemas entre Horace Lane e Eduardo Carlos Pereira repercutiram fora do campo presbiteriano. Não foi possível saber se o jornal *O Estandarte* circulava fora do campo protestante. Mas, de qualquer forma, Lane não teria controle sobre os possíveis leitores e a circulação do jornal.

Vimos também que nos relatórios encaminhados à Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana norte-americana, Lane fazia questão de frisar os aspectos positivos do seu trabalho. Isso sugere que existia uma preocupação por parte de Lane de preservar a imagem das instituições escolares sob sua responsabilidade. Isso reforça a ideia de que tais cartas serviam como estratégia de propaganda diante das lutas de representações que ocorreram no campo presbiteriano. Mas, por outro lado, a sugestão de Lane serve de um indício de que elas também tiveram a finalidade especificada por ele, ou seja, servir de resistência ao catolicismo, ou à educação católica.

Nessa perspectiva, vale relembrar que as respostas de Lane contra Eduardo Carlos Pereira não se deram na imprensa brasileira, como já pontuamos no capítulo anterior. Ele mencionava os problemas nos jornais que tinham circulação nos Estados Unidos e na imprensa ligada à Igreja Presbiteriana norte-americana. Isso também representava uma estratégia para preservar a imagem da instituição no contexto das lutas de representações. Enquanto Pereira procurava ganhar adeptos ao seu pensamento entre lideranças presbiterianas e até mesmo entre os leigos letrados, que provavelmente liam seu jornal, Lane mantinha suas

relações de poder com as agências presbiterianas dos Estados Unidos, Os Boards e os Trustees. Para minimizar os possíveis efeitos dessa luta no campo, Lane também encaminhava cartas aos pais dos alunos.

Vimos que houve protestos levantados por algumas Igrejas Presbiterianas quando circularam panfletos que declaravam guerra a Pereira e procuravam colocar em dúvida seu caráter e reputação no campo presbiteriano. Não se sabe ao certo se os panfletos que circularam no campo presbiteriano tinham os nomes dos inimigos de Pereira. O Estandarte se silencia nesse sentido, dizendo apenas que os inimigos de Pereira declaravam através dos panfletos uma “Guerra Santa”.

Nesse sentido, é válido pensar que Lane tinha a preocupação que as lutas de representações educacionais iniciadas nos anos de 1886 no campo presbiteriano repercutissem diretamente no campo educacional sob sua responsabilidade. Isso poderia trazer problemas em relação aos alunos matriculados ou para o ingresso de novos alunos.

Por outro lado, as cartas também nos ajudam a entender a estratégia utilizada por Lane de colocar sua proposta educacional em circulação. Assim, defendemos também que as cartas legitimavam a representação de Lane como diretor da Escola Americana, demarcando seu espaço de poder, visão educacional e suas práticas culturais. Elas nos ajudam a entender como Lane constrói as representações acerca da Escola Americana de São Paulo e como ele a apresenta aos pais e leitores de suas cartas.

As cartas levantadas são de 1889-1899 e de 1907-1912. Há uma lacuna entre as cartas de 1900-1906. As cartas de 1889-1899 estão em português. As de 1907-1912 estão em inglês, e foram anexadas aos relatórios encaminhados aos Trustees⁸⁷. Laguna (1999) chega a trabalhar com as cartas de 1907-1912 sem pontuar as razões pelas quais foram redigidas e sem problematizá-las. A autora procura através das cartas fazer uma reconstrução “parcial” da concepção de educação da Escola Americana e do Mackenzie College a partir da ótica de Horace Lane. Acreditamos que tais documentos possibilitam esse eixo interpretativo. Neste sentido, a autora sugere uma reconstrução parcial talvez porque tenha trabalhado apenas com as cartas dos anos de 1907-1912.

Apropriamo-nos desse eixo hermenêutico com o objetivo de preencher o vazio deixado por Laguna, utilizando as cartas datadas de 1889-1899. Parece-nos que tais cartas

⁸⁷ Não encontramos nenhuma carta dirigida aos pais dos alunos entre a documentação adquirida dos Estados Unidos da Presbyterian Historical Society.

tinham como objetivo alcançar o público em geral⁸⁸, sendo uma estratégia de captação de novos alunos, e de dar maior visibilidade ao empreendimento educacional de Horace Lane. Elas nos ajudam a ouvir e a ler Horace Lane.

Além das cartas, Lane confeccionou durante sua gestão os Prospectos da Escola Americana. Tais prospectos também serviram como estratégia para dar maior visibilidade à escola, atrair mais alunos e reforçar as representações da proposta educacional de Lane no campo educacional paulista.

Seguindo a linha de pensamento de Hilsdorf (1977), as escolas americanas de confissão de fé protestantes foram inovadoras do ponto de vista dos métodos pedagógicos

A Escola Americana de São Paulo estava organizada em quatro repartições: Jardim de Infância, Curso primário, Curso secundário e Curso Superior (LANE, 1885, p. 5-11).

O Jardim de Infância adotava o sistema de Froebel:

Essa parte do nosso sistema, baseado no hoje bem conhecido sistema de Froebel, tem por fim o desenvolvimento intelectual desde a mais tenra idade, por métodos intuitivos e naturais, tendo sempre em vista as necessidades físicas das crianças, atraindo-as aos conhecimentos e desenvolvimento das faculdades observadoras, sem fadigas, sem desgostos, sem estudos forçados, sem constrangimento dos corpos e sem lágrimas, mas com alegria e contentamento; aprendendo dos próprios brinquedos e alcançando assim os benéficos efeitos da disciplina, e o uso acertado dos sentidos. A boa aceitação que continua a ter o Jardim Infantil, não somente neste império, mas também na América do Norte e na Europa, serve melhor do que qualquer arrazoado para provar o grande valor que tem esta parte do ensino primário, como EDUCAÇÃO ANTI-ESCOLAR (LANE, 1885, p. 6).

Laguna (1999), citando Lourenço Filho, afirma que:

Friedrich Froebel (1782-1852) chamou a atenção para o papel educativo do brinquedo, das atividades lúdicas, para o fato de que a criança aprende brincando: observando, sentindo, apalpando, montando e desmontando objetos. Para ele, a educação é uma tarefa que a criança realiza de dentro para fora de si mesma. Ou seja, não são impressões externas, que a criança capta, que concorrem por si próprias

⁸⁸ No Jornal a Província de São Paulo é publicado um trecho da carta de 1889: “O desenvolvimento e aplicação de novos métodos ao ensino primário, a confecção de compêndios pelos novos métodos, e o preparo de novos materiais para o ensino objetivo-intuitivo, tem progredido a passos vagarosos, mas seguros. É este o trabalho mais importante, e ao mesmo tempo mais difícil da Escola. É longo e penoso o trabalho de aproveitar todos os detalhes, englobando-os num todo acessível à inteligência de todos os alunos e coordená-los com os seus princípios da pedagogia; tomar, como é necessário, o aluno como fator indispensável do plano; estudar as suas necessidades e possibilidades fisiológicas, a ordem natural de seu desenvolvimento intelectual e moral; construir em torno dele os cursos e preparar, desse modo, o material para ele. Estamos persuadidos de que a coordenação deste trabalho na instrução primária, a determinação da quantidade de instrução de que é suscetível uma criança desta ou daquela idade, sem danificar o seu desenvolvimento físico – são questões práticas que formam a base de qualquer sistema de instrução, e que tem de ser resolvidas nas aulas e não nos gabinetes dos literatos ou dos teóricos. A fim de pôr em execução os nossos planos, foi-nos necessário criar uma classe normal dentro do estabelecimento, onde os que tivessem aptidões para o magistério pudessem estudar os princípios e métodos da moderna pedagogia e ao mesmo tempo ver sua aplicação prática nas aulas [...]” (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 6/12/1889 apud SCHELBAUER, 2003, p. 156-157).

para o desenvolvimento que se espera que ela alcance, mas sim as atividades que a própria criança exerce ao sentir-se atraída por elas (p. 49).

O Jardim da Infância⁸⁹ da Escola Americana estava sob a responsabilidade da professora Phebe R. Thomas, que havia estudado o sistema nas melhores escolas nos Estados Unidos (BATISTA, 1996; LAGUNA, 1999). Segundo Lane, o Jardim da Infância funcionava em uma sala espaçosa, completamente montada com todos os aparelhos exigidos pelo sistema Froebel. Funcionava das 9h30min às 13h00, e os alunos nunca estavam ocupados na mesma atividade. Nessa modalidade, recebia crianças de 3 a 7 anos de idade, com as seguintes condições de pagamento, 15\$000 por trimestre e 2\$000 de materiais (pagamento trimestral).

É válido lembrar que a Escola Americana influenciou a apropriação dessa modalidade educacional no ensino público paulista.

Para Monarcha:

O Jardim da Infância ou *Kindergarten* – metáfora que assemelha o crescimento da criança ao das plantas – é uma das últimas projeções românticas a imiscuir-se no ambiente finissecular paulista, promovendo, sistematicamente, a construção de uma imagem da criança [...] Tomados pela paixão de uma sociedade reconduzida ao começo primordial, os sujeitos do discurso republicano idealizam a instrução como condição prévia para o bom funcionamento das instituições republicanas, fundadoras de um corpo político duradouro e de um pacto social estável. Representado como ano um da nova era, o discurso republicano promove uma súbita valorização da criança, representando-a como herdeira da República, esta alegorizada na figura da mulher amorosa e abnegada. Para esse ponto de vista, cabe ao Estado exercer o papel de preceptor dos novos, subtraindo-os do âmbito privado, familiar e afetivo e conduzindo-os para o âmbito público, social e político. Em outras palavras, esse discurso convida os novos a herdarem o novo regime e a protagonizarem, no transcorrer de suas vidas, uma história fabular, cujo enredo deve ser a liberdade e o progresso (1999, p. 200)

Corroborando com o autor, pensamos que é nesse ideal que se dá a apropriação do Jardim da Infância norte-americano pelos republicanos brasileiros.

O Curso Primário era a segunda repartição da Escola Americana, com duração de três anos, estava sob a orientação da professora Adelaide Molina, desde 1873. Ela tinha auxílio de uma assistente e de alunas da Escola Normal As aulas eram destinadas para ambos os sexos. Para Lane, essa repartição do sistema educacional da Escola Americana era a mais importante de todas:

⁸⁹ Para um aprofundamento do Jardim da Infância e sua influência nos Estados Unidos, consultar: VANDEWALKER, Nina C. **The Kindergarten in American Education**. New York: Macmillan, 1917. A autora além de falar da inserção dessa proposta pedagógica nos Estados Unidos, mostra também como várias igrejas em suas práticas educacionais foram se apropriando desse modelo. BATISTA, Maria Aparecida Camargo. **Primeiro kindergarten na Província de São Paulo: uma visão de família e educação dos protestantes americanos e a metodologia froebeliana**. Dissertação (Mestrado em Educação) - FEUSP, Universidade de São Paulo, 1996.

Ali são assentados os alicerces sobre o que tem de ser levantado o edifício. Se na aula primária não houver disciplina, e se ali não se dirigir logicamente o processo mental, será mui difícil fazê-lo nos estudos secundários, quando os maus costumes já se acham arraigados (LANE, 1885, p. 7).

No primeiro ano, compreendia o ensino do ABC, formação das sílabas e soletração dos nomes. Ler e escrever números e princípio de adição. Compunham o currículo, as seguintes disciplinas: Caligrafia, Doutrina cristã, Lições de coisas. Leitura, noções de Geografia e Gramática Portuguesa. Adição e subtração. No segundo ano, compreendia o ensino de Leitura, Geografia, Gramática portuguesa, Prática das duas operações de aritmética, Caligrafia, Doutrina cristã e Lições de coisas. No terceiro ano: Leitura, Geografia, Gramática portuguesa, Exercícios por escrito e análise, as Quatro operações fundamentais da aritmética, Lições práticas das línguas inglesa e francesa, Caligrafia, Doutrina cristã. Os livros utilizados para as aulas eram: Leitura de Hilário Ribeiro; o Bom Pastor e História da Bíblia, Aritmética elementar de Trajano, Gramática preparatória, Geografia elementar, Atlas pequeno e mapas de parede, Breve Catecismo, Sistema de Caligrafia de Phillips (LANE, 1885, p. 8).

Segundo o mesmo prospecto, o Curso Secundário fazia parte da terceira repartição e tinha duração de 4 anos. Nele recebia alunos de qualquer idade, desde que fossem capazes de realizar satisfatoriamente os exames de ingresso que eram realizados no início e no fim de cada semestre. No primeiro ano eram realizadas leituras de autores modernos. Estudava-se aritmética, Geografia, Gramática portuguesa e composição, estudo sistemático de Inglês e Francês, História pátria, Caligrafia, Desenho e Doutrina cristã.

No segundo ano, Leitura, Aritmética superior, Geografia, Física, Política, História e Geografia pátrias, Aritmética comercial, Gramática portuguesa, Análise de clássicos portugueses, Inglês, Francês, Latim, Desenho, Caligrafia e Doutrina cristã.

No terceiro ano contemplava-se as seguintes disciplinas: Gramática latina, francesa e inglesa, Álgebra, Português, História pátria e contemporânea, Escrituração mercantil, Aritmética comercial, Desenho e Doutrina cristã. Quarto ano: Leitura de autores clássicos, Literatura nacional, Inglês: versão do português para o Inglês, o mesmo em Francês e análise lógica. Latim, História universal, Retórica, Composição e declamação em Português, Ciências naturais, Geometria, Doutrina cristã, Música vocal.

Os livros utilizados para essas disciplinas eram:

Compêndios: autores modernos em Português, Gramática – Feitosa, Pinheiro e Oliveira, Francês – Método de Ahn, Gramática de Sévene, Larrouse, Seleta de Charles André. Inglês – método de Ahn, Tolstadius, Goldsmith's work, Seleta de Hawthorne, Longfellow e outros. Latim: Gramática de Pereira, Epitome de

Lhomond, T. Lívio, César, Cícero e Virgílio. Matemática: Aritmética superior de Trajano, Loomis, Elements of Algebra; Olney's, Algebra; Olney's, Geometria; Todhunter's Euclid. História Patria: Menezes e Macedo. História Universal: Parley e Swinton. Geografia: Menezes e mapas de parede. Ciência naturais: leitura do Garrigues, Curso de Steele; Retórica de Pinheiro. Física: Benevides. Caligrafia: sistema de Phillips (LANE, 1885, p. 10).

Segundo Lane, tais compêndios seriam substituídos caso surgissem livros mais atualizados sobre o assunto, e o curso também estava sujeito alteração a fim de garantir o bom andamento do trabalho educacional.

O Curso Superior era a quarta repartição da Escola Americana de São Paulo com duração de três anos e se estudava: Matemática superior, Latim, Grego, Hebraico, História Universal e Eclesiástica, Filosofia mental e moral, Lógica, Teologia, Exegese, Homilética, Eloquência sagrada.

Lane também apresenta nos prospecto de 1885 o Curso Normal:

O problema mais difícil a solver na administração de um colégio não é o alcance de grande número de alunos, nem a escolha dos melhores compêndios, nem a aquisição de edifícios adequados, nem tão pouco a formação de um curso lógico e atrativo, mas sim, obter e conservar um corpo magistral que de dedique, com amor, ao ensino. A importância e proficuidade de uma escola estão na razão direta do valor do professor – *'tal mestre tal escola'*. Nada valerão as escolas sem bons mestres. A personalidade do mestre como que passa para a escola – e vê-se refletido em cada aluno como um semblante reproduzido em um espelho facetado. “Os mais belos programas e previdentes instruções se inutilizam e tornam-se ineficazes; os mais engenhosos métodos se desnaturam e viçosas esperanças se esvaecem, se o mestre não for o que se cumpre ser’”. – Estes são alguns dos muitos trechos que se acham nos relatórios dos homens que melhor entendem da matéria. A experiência nos tem ensinado que nada mais fatal ao progresso de uma classe de repetidas mudanças de professor.

Para evitar isto e para podermos perpetuar o sistema que temos adotado, tornou-se imperativamente necessária a formação da classe Normal, não tanto para o presente, (pois temos sido notavelmente felizes até hoje na conservação dos nossos professores), mas para termos a certeza de não sermos no futuro obrigados a arredar-nos do sistema adotado. Esta classe normal é formada dos estudantes do quarto ano do curso secundário, que desejam habilitar-se para o magistério. No primeiro ano eles continuam a cursar as aulas em todas as matérias não contempladas e ao mesmo tempo dá-se-lhes instrução oral duas vezes por semana e abundantes oportunidades de mostrar praticamente qual a vocação que têm para o magistério. Procura-se facultar-lhes todos os meios para desenvolver o caráter pedagógico. Dá-se-lhes classes primárias sob a inspecção do Diretor ou de um professor experiente. Também entrega-se-lhes os alunos que, por qualquer motivo desculpável, não tenham podido acompanhar suas classes, a fim de habilitá-los a fazê-lo (LANE, 1885-1886, p. 12-13).

Lane tem um discurso de valorização do professor. Para ele, a formação de professores estava acima dos métodos pedagógicos, das construções, números de alunos e compêndios. Para sustentar sua escrita, apropria-se do pensamento de vários autores cujos nomes não são citados. A classe normal, segundo o diretor, garantiria a continuidade do sistema pedagógico adotado pela Escola Americana de São Paulo. Porém, podemos perceber

que a classe também serviu como estratégia de Lane para colocar professores em sua rede de escolas⁹⁰.

Em 1893, o Jardim de Infância ficou sob a direção de D. Frances Dogget e recebia crianças de 3 a 6 anos de idade. Lane afirma que o Jardim funcionava numa sala espaçosa completamente montada com todos os aparelhos exigidos pelo sistema Froebel. Além da mudança de direção, o Jardim de infância passou a funcionar das 10 da manhã às 2 horas da tarde. As mensalidades foram cobradas semestralmente no valor de 75\$000. Lane justifica que por ser a parte mais dispendiosa e difícil da escola, a mensalidade era maior do que das aulas primárias (LANE, 1893c, p. 5)⁹¹.

Lane inicia a carta de 1889 falando do encerramento daquele ano. O período de férias seria até 27 de janeiro de 1890 e a matrícula para admissão de novos alunos seria aberta em 20 de janeiro. Como diretor, seu expediente nesse período seria das 10 horas da manhã até as 15 horas da tarde. Segundo as suas palavras, a escola era uma extensão da família e o papel do diretor e professores era exercer apenas autoridade, em casos especiais. Faz questão de mostrar aos pais que a Escola Americana tinha prosperado em todos os aspectos, desde o número de matrículas, produção de material didático, elaboração de novas modalidades educacionais e formação de professores.

A Escola Americana tem prosperado. A matrícula acusa uma frequência de 393 alunos, de todas as idades, desde 3 anos até 25, e de ambos os sexos. Se não foi maior, é porque os edifícios não acomodavam mais, sem prejuízos das condições higiênicas. Em atenção a este fato, temos sido obrigados a recusar muitos alunos, tanto no Externato como nos dois Internatos. O desenvolvimento e a aplicação de novos métodos ao ensino primário, a confecção de compêndios pelos mesmos métodos e o preparo de novos materiais para o ensino objetivo intuitivo têm progredido a passos vagarosos, mas seguros. É este o trabalho mais importante, e ao mesmo tempo mais difícil da Escola. É longo e penoso o trabalho de aproveitar todos os detalhes, conglobando-os em um todo acessível à inteligência de todos os alunos e coordená-los com os seus princípios da pedagogia; tomar, como é necessário, o aluno como fator indispensável do plano; estudar as suas necessidades e possibilidades psicológicas, a ordem natural do seu desenvolvimento intelectual e moral; construir em torno dele os cursos, e preparar, deste modo, o material para ele. Estamos persuadidos de que a coordenação deste trabalho na instrução primária, a determinação da quantidade de instrução de que é suscetível uma criança desta ou daquela idade, sem danificar seu desenvolvimento psíquico – são questões práticas que formam a base de qualquer sistema de instrução, e que tem de ser resolvidas nas aulas e não nos gabinetes dos literários ou dos teóricos. Afim de por em execução em nossos planos, foi-nos necessário criar uma classe normal dentro do estabelecimento, onde os que tivessem aptidões para o magistério, pudessem estudar os princípios e métodos da moderna pedagogia e ao mesmo tempo, ver sua aplicação prática nas aulas. Como resultado deste plano, temos um corpo docente em

⁹⁰ Nessa ocasião, a professora Miss Dascomb, fazia parte da Escola Americana de São Paulo, como diretora dos estudos, juntamente com a Miss Ella Kuhl, diretora do internato feminino.

⁹¹ Os Prospectos da Escola Americana de São Paulo mantêm praticamente o mesmo conteúdo até o período que nos interessa, ou seja, o período de atuação de Horace Lane 1885-1912.

harmonia com as idéias hodiernas, dedicado aos interesses da educação e em plena simpatia com os fins da Escola, que são o desenvolvimento e instrução da mocidade (LANE, 1889).

Lane mostra aos pais dos alunos aquilo que realizava do ponto de vista pedagógico na Escola Americana, com o objetivo de convencê-los de que a instituição sob sua responsabilidade se configurava no campo educacional como uma das melhores opções para se estudar. Isto fica claro ao fazermos o cruzamento das fontes. Nos relatórios aos Trustees, Lane faz um diagnóstico da educação brasileira, tanto no Império como na República, mostrando que com o novo regime ainda se mantinha resquício do antigo regime da educação brasileira. Diante disso, a educação presbiteriana era a mais adequada para “redimir” o Brasil, tornando-a uma “verdadeira República”.

Na carta aos pais, Lane afirma que o aluno era o fator principal da sua proposta pedagógica. E para a execução dos planos pedagógicos em andamento, tinha uma classe normal dentro da Escola Americana, com o objetivo de preparar os professores para o magistério. Uma das questões importantes, para o nosso trabalho é que Lane não formava professoras para atender apenas a Escola Americana de São Paulo, mas também, as suas filiais que estavam em conexão com a sua rede de escolas.

Lane acentua que as práticas pedagógicas da Escola Americana estavam fulcradas no método intuitivo. Segundo Hilsdorf (1977), tais práticas eram oriundas das ideias de Pestalozzi⁹² e Herbart⁹³. A autora, comentando o uso do método intuitivo no Brasil, afirma que:

O ensino concebido nesses moldes, sob a denominação de “intuitivo”, era olhado como natural, científico, positivo, satisfazendo pois as necessidades que vinham sendo expressas pelas vanguardas paulistas de um novo tipo de ensino adequado à era republicana. A “prática do método intuitivo”, que recebia o nome genérico de “lições de coisas”, tinha sido prevista pela legislação escolar do Império. A reforma de Leôncio de Carvalho, pelo Decreto n° 7247, de 19 de abril de 1879, previa para o município da Corte, no seu art. 4, aulas de —noções de coisas para o ensino das escolas de 1° grau, e no art. 9, parágrafo 1°, que se referia às matérias a serem ministradas nas escolas normais, a “prática do ensino intuitivo ou lições de coisas” (1977, p. 179).

Porém, segundo a autora, seriam necessárias as reformas republicanas da década de 90 para que o ensino intuitivo alcançasse, além das particulares, as escolas públicas de São

⁹² Johann Heirinch Pestalozzi (1746-1827), educador suíço, nasceu em Zurique. Desde os tempos de estudante participou de movimentos de reforma política e social. Em 1774 fundou um orfanato onde tentou ensinar rudimentos da agricultura e de comércio, iniciativa que fracassou poucos anos depois. GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

⁹³ Johann Friedrich Herbart (1776-1841), filósofo, teórico da educação e psicologia alemã, estudou na Universidade de Iena, onde foi discípulo de Fichte. GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

Paulo. Para ela, o ponto de partida desse processo foi originado nas escolas protestantes americanas paulistas, conforme vemos a seguir.

O espírito da reforma de 1890 é, provavelmente, tributário da pedagogia de Pestalozzi, Froebel, Herbart e Spencer, conhecida mediante o contacto com obras desses autores, mas, sobretudo, da práxis pedagógica das escolas protestantes americanas, que há 20 anos vinham atuando continuamente na Província de São Paulo com o apoio de suas elites progressivas. Não só na inspiração da reforma de 1890 é considerável a influência dessas escolas sobre Rangel Pestana e seus companheiros. Também a escolha dos nomes que a puseram em prática remete-nos à atuação americana protestante no país (HILSDORF, 1977, p. 180).

Para Lane, frequentar a Escola Americana de São Paulo era a garantia de uma formação liberal, atualizada e que tinha os mais avançados métodos pedagógicos da época. Significava ter contato com aquilo que era de mais moderno do ponto de vista educacional. Estudar na sua escola era uma garantia de aprendizado moderno e neste sentido de prestígio no campo social e educacional paulista.

Segundo Laguna,

O ensino intuitivo deveria substituir o ensino livresco, a natureza e seus objetivos entrariam em lugar dos produtos da imaginação e as ações e os fatos reais tomariam a vez do raciocínio abstrato, porque a criança somente se instrui por meios dos exercícios práticos, da experiência prática e pessoal. Partindo da intuição, ela chegaria à elaboração das ideias gerais, do conhecimento abstrato (1999, p. 52).

A mesma autora afirma que Herbart aprofundou as ideias de Pestalozzi e idealizou um ensino que, por meios de situações sucessivas bem reguladas pelo professor, fortalecesse a inteligência, e pelo cultivo desta, o aluno formaria seu caráter e vontade. Para Herbart, o aprendizado deveria ocorrer primeiro, e a prática disso resultaria na ação. Para alcançar esse objetivo, cada lição ensinada deveria obedecer fases bem estabelecidas, denominadas passos formais: clareza, associação, sistematização e aplicação (LAGUNA, 1999).

Segundo Souza, corroborando com os estudos de Hilsdorf (1977), o método intuitivo era o símbolo da renovação pedagógica e da modernização do ensino:

Tal método, surgido na Alemanha no final do século XVIII pela iniciativa de Basedow, Campe e sobretudo de Pestalozzi, foi tributário, por sua vez, das ideias de filósofos e pedagogos como Bacon, Locke, Hume, Rousseau, Rabelais, Comenius, Froebel, entre outros. Consistia na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação. Pestalozzi recomendava a necessidade de psicologizar o ensino adaptando-o ao funcionamento do espírito infantil. Isto significava partir de outros princípios diferentes da lógica predominante no “método tradicional” de ensino o qual se pautava na aprendizagem com base na memória e na repetição, consistindo uma abordagem dedutiva do saber -, defendendo um ensino que partisse do simples para o complexo, do particular para o geral. O método intuitivo, ao contrário, pressupunha uma abordagem indutiva pela qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato. A prática do ensino concreto seria realizada pelas *lições de coisas* – forma pela qual ficou vulgarizado (SOUZA, 1998, p. 159).

Sua proposta pedagógica também contemplava o trabalho manual, de acordo com o que estava ocorrendo nos Estados Unidos:

Durante o semestre findo, ensaiamos, em ponto pequeno, o plano de trabalho manual – *Manual training* – que tão grande aceitação tem tido nos Estados Unidos da América, como parte do curso. No *chalet* pertencente ao Internato de Meninos, abrimos uma oficina de marcenaria, sob a direção de um perito oficial. Nesta, todos os alunos internos têm trabalhado 12 horas por semana (2 horas por dia). Este nosso ensaio, apesar de imperfeito, tem mais do que correspondido à expectativa, mostrando claramente o grande valor educativo do trabalho manual sistematicamente ensinado e a praticabilidade de consagrar um certo número de horas ao trabalho metódico, sem prejuízo, antes em benefício, dos estudos formais. O fim deste trabalho é ampliar as bases da educação, desenvolver o uso acurado dos sentidos e dar maior desenvolvimento aos atributos psíquicos e intelectuais, simultânea, simétrica e harmoniosamente. Temos em vista alargar as oficinas, logo que for possível, para abragerem todas as artes industriais. Tencionamos também aumentar os edifícios do Internato das Meninas, afim de poder ensinar praticamente, e com mais largueza e método, as artes domésticas (LANE, 1889).

Para Laguna (1999),

O trabalho manual fazia parte integral da vida escolar e preparava o aluno para a vida prática. O seu valor estava no aspecto que ensinava, porque despertava no aspecto a atividade pessoal, formava hábitos de ordem e asseio, desenvolvia a atenção, o zelo e a perseverança; exercitava a vista, a habilidade de avaliar os objetos pela forma e tamanho e a destreza das mãos, cultivando, dessa forma, os sentidos; propiciava descanso para a mente (p. 215).

Havia na escola, o trabalho manual para as meninas (artes domésticas: costura, bordado, crochê) e para os meninos (trabalhos em madeira). Para Lane, os trabalhos manuais eram valorizados pelos aspectos educativos e não industriais.

Nas novas páginas da história pátria, que hão de ser escritas em futuro bem próximo, é de supor que o mestre-escola ocupe lugar, proeminente; e devemos esperar que a instrução dos filhos do povo, o aperfeiçoamento do ensino primário e elementar ocuparão a atenção dos estadistas patrióticos. E talvez anexas às escolas públicas haverá – à imitação da república de outra América – escolas de ensino manual-industrial. Um dos resultados imediatos e diretos dessas escolas seria fazer respeitar e enobrecer o trabalho, aviltar e tornar desonra a vadiagem, aumentar o número dos produtores e diminuir os dos consumidores, elevar o nível da vida social e destruir os preconceitos nascidos dos sistemas tacanhos do passado (LANE, 1889).

Na carta de 1890, Lane menciona que a escola prosperou. O número de alunos matriculados passou de 393 para 447 alunos. No ano anterior, havia dito que recusava matrículas por causa da falta de espaço. Ele afirma a mesma coisa em 1890, porém como podemos observar houve a inserção de mais alunos. Pelos prospectos e pelas cartas, podemos observar que o número vai sempre aumentar. Nas cartas aos pais temos a seguinte evolução do número de alunos matriculados: 1892 (513 alunos), 1893 (484 alunos), 1894 (493 alunos), 1895 (501 alunos), 1896 (501 alunos), 1897 (528 alunos), 1898 (522 alunos), 1899 (546 alunos). Nos relatórios de Lane aos Trustees a partir de 1907, temos a seguinte quantidade de

alunos: 1907 (695 alunos), 1908 (797 alunos), 1909 (823 alunos), 1910 (827 alunos), 1911 (906 alunos), 1912 (923 alunos) e 1913 (987 alunos). Mesmo após a morte de Horace Lane o números de matriculados continua crescendo. A maioria dos alunos matriculados eram brasileiros o que comprova a boa aceitação daquela instituição na sociedade paulista. Na Escola Americana de São Paulo o número de alunos do sexo masculino matriculados era maior do que o do sexo feminino (LAGUNA, 1999).

Em relação à reorganização dos métodos modernos do ensino intuitivo aos diversos cursos da escola, estava progredindo de forma vagarosa, porém segura.

Na execução dos seus planos e na coordenação dos cursos, Lane dizia que nunca perdia de vista o que julgava ser o objetivo da escola, a instrução dos pequenos como um meio e não um fim. Ele dizia:

Se a escola tem apenas por fim dar aos alunos conhecimento de certos e determinados compêndios para satisfazer certas exigências formais, então este conhecimento de PALAVRAS e ideias talvez seja suficiente. Nós, porém, temos seguido outro plano que visa o *desenvolvimento* e aperfeiçoamento dos alunos, a fim de habilitá-los a observarem e estudarem por si, tornando-os mais forte, quer pelo lado moral, quer pelo mental ou físico; por isso não preparamos alunos para os exames. O nosso plano põe em completa subordinação a este chamado “adiantamento”, tão querido dos mestres antigos; procuramos reduzir ao mínimo a perda de tempo e de trabalho, dando a tudo quanto se faz na escola um caráter educativo (LANE, 1890).

Em 1892, Lane pontua quase o mesmo conteúdo da carta de 1890. Menciona o esforço que estava sendo realizado em relação à adaptação dos métodos de ensino à realidade brasileira, mostra o número de alunos matriculados, o que era feito nas modalidades educacionais, e outros assuntos. Porém, de diferente, coloca o seguinte conteúdo:

Como é geralmente sabido, a Escola Americana não tem fins comerciais. Qual então o móvel? Cremos que nos é lícito, aspirar, dentre os limites das nossas forças, colaborando na educação da mocidade sem outro motivo, senão elevá-la, e assim contribuir para o engrandecimento do país. A Escola Americana quer ser Americana no sentido mais lato da palavra. Sonhamos em criar, no decorrer do tempo, um estabelecimento completo em todas as suas partes, para ambos os sexos. Não uma imitação servil das Escolas da América do Norte – mas uma adaptação do que há de melhor nelas, de acordo com a índole do povo, das melhores tradições da sociedade, das instituições políticas e necessidades econômicas desta América. Quer na elaboração de um plano para uma instituição só, quer de um sistema de Escolas. A velha Europa pouco pôde contribuir. A fonte de onde podemos imitar é a soma das experiências feitas na elaboração do grande sistema de Escolas da outra América, as fases diversas pelas quais passaram para chegar ao grau de aperfeiçoamento que alcançaram nestes últimos anos, suas condições políticas e sociais, que são até certo ponto análogas às daqui. Será uma utopia o que visamos? Um sonho apenas? O futuro dirá. Continuaremos no entanto em busca do nosso ideal (LANE, 1892)⁹⁴.

⁹⁴ Lane repete praticamente esses dizeres no Prospecto da Escola Americana de 1894, que já foi mencionado acima no contexto do pensamento educacional de Horace Lane.

Para os pais dos alunos, Lane afirma a Escola Americana de São Paulo não era uma imitação servil das Escolas dos Estados Unidos. Ao adaptar o modelo educacional norte-americano à realidade brasileira, o diretor revela que poderia ser aplicada tal proposta para uma instituição ou um sistema de escolas, talvez uma alusão ao seu projeto de rede de escolas⁹⁵. Ele pergunta: “Será o que visamos uma utopia? Um sonho apenas?” Pelo que veremos, não foi uma utopia e nem um sonho. Lane de fato coloca em prática seus métodos pedagógicos em outras escolas. Abreu (2003), ao estudar a Escola Americana de Curitiba, afirma que ela estava sob a supervisão geral de Horace Lane e desenvolvia o método intuitivo. A Escola Americana de Florianópolis também seguia o método intuitivo (LANE, 1908a). Ao estudarmos a Escola Americana de Sorocaba, depois Colégio Sorocabano, também pontuamos que essas instituições seguiam o método intuitivo (SILVA, I. B., 2010).

Sobre a apropriação do método intuitivo pelo ensino público paulista, Marta Carvalho afirma:

[...] o “método intuitivo”, com suas “lições de coisas”, é a peça central da lógica que preside o processo de institucionalização do sistema de Instrução Pública paulista. A lógica que põe a funcionar esse modelo é a da reprodução de bons moldes; da cópia ou imitação de modelos. Por isso, é o primado da visibilidade que lhe confere identidade: trata-se de modelo produzido por dispositivos visualizadores das práticas escolares que articulam e põem em cena uma concepção de pedagogia e de formação docente em que é central a noção de imitação inventiva de práticas exemplares (2013, p. 3).

Lane através das cartas aos pais, dá visibilidade a uma concepção pedagógica voltada para a formação dos seus alunos, mostrando que sua instituição tinha se apropriado de um modelo pedagógico moderno, praticado nos países mais civilizados e sua prática colocaria o Brasil nas mesmas condições sociais, políticas e econômicas dos países que se apropriaram de tal modelo.

Para colocar em prática seu objetivo de elaborar as adaptações necessárias do método intuitivo à realidade brasileira, a carta aos pais menciona que a Escola Americana contava com um corpo docente inteiramente dedicado aos altos interesses da educação e com a simpatia e solidariedade dos pais.

O nosso fim é proporcionar aos nossos alunos uma educação sólida e um conhecimento completo e prático das matérias estudadas, fazendo com que um passo logicamente conduza a outro, e que haja entre eles um nexos natural. Este procedimento não põe obstáculo algum a seguir os cursos superiores, ou a prestar exames oficiais, mas antes habilita os alunos a adquirirem um conhecimento mais seguro das matérias estudadas, sem serem obrigados a desviar-se do curso sistemático,

⁹⁵ Como poderemos ver no capítulo 2, parte II, as escolas que faziam parte da sua rede seguiam as suas orientações pedagógicas e supervisão educacional.

a preparar pontos, ou a acomodar-se a um sistema que pode ser-lhe útil em uma só direção (PERKINS, 1893)

A carta de 1893 é a única que não é assinada por Lane. Nesse ano, Perkins foi o diretor interino. Lane ficou durante um ano na Europa e, na carta de 1894, faz um esboço das suas observações de viagens:

De volta de uma viagem de mais um ano – em busca de luzes que nos habilitassem a melhor desempenhar a nossa missão, fazendo um estudo comparativo da organização escolar, do material e dos resultados práticos dos métodos de ensino de outros países, tomamos a liberdade de fazer aqui um breve resumo das nossas observações. Na Europa achamos, na organização do ensino popular, muito pouco que possa, com proveito, ser transplatado para o Brasil, quer nos métodos quer no objetivo. Nos países onde existem a melhor organização escolar, o resultado corresponde exatamente aos desejos dos respectivos governos, - fazer cidadãos adaptáveis ao complicado mecanismo dos sistemas antigos, criando um espírito de sujeição e subordinação tão severo que chega a ser quase servil. Nos outros países, onde a organização parece teoricamente boa, o produto não é o que ideamos para um país livre. Países que têm 75% a 85% de analfabetos não podem oferecer exemplo nem fornecer material à República, que procura educar todo o povo; nem se pode tomar emprestado muitas ideias de países onde os governos ainda conservam o sistema quase paternal para com o povo, por melhores que sejam os métodos de ensino ou a confecção dos cursos, por mais adiantada que seja a classe superior e por mais fina que seja a civilização das grandes cidades. Para o Brasil, onde se procura moldar a nova geração ao novo regime de liberdade, dando a todos a oportunidade de desenvolver a inteligência, ilustrar o espírito, inspirar-se em sentimentos de patriotismo, criando assim no povo um profundo porém inteligente respeito às leis e às autoridades constituídas, enfim, onde se procura formar cidadãos honestos, ordeiros, com independência de caráter e consciência de sua responsabilidade individual, pelo bem estar geral, como partes integrantes de uma nação livre, - homens e mulheres “tementes a Deus e amantes da liberdade”, - a velha Europa não pode fornecer o molde para o ensino popular (LANE, 1894b)

Para Lane, a Europa não era o modelo para se imitar em relação ao ensino popular, em razão do estado servil em que muitos países colocavam seus homens e mulheres. Será que de fato, a educação na Europa refletia as análises feitas por Lane? Será que o modelo pedagógico proposto por ele também não gerava pessoas subservientes ao Estado republicano? Para ele, o modelo norte-americano a ser adotado no Brasil era o único que garantiria a sua liberdade, a formação de homens honestos, ordeiros, independentes de caráter e conscientes da sua responsabilidade individual em relação à nação. Como diretor, ele sabia articular seu discurso com as representações que o modelo pedagógico norte-americano proporcionou nos círculos republicanos e progressistas de São Paulo.

Feitas as contas, resumidas as observações e descontados os preconceitos, cremos mais que nunca que é na América, onde durante um século se tem estudado por todos os lados a magna questão da educação do povo, buscando especialistas e material de toda a parte, sem olhar a sacrifícios de qualidade alguma, - onde a maior preocupação dos estadistas e pensadores tem sido a escola pública e onde se tem, sem dúvida alguma elaborado o melhor sistema de educação popular que há hoje no mundo, em relação aos fins que tem em vista, - tanto nos métodos e resultados práticos como nos edifícios e material escolar, na elevada posição do professorado e na abundância de bons compêndios, - que o Brasil, cujas aspirações e instituições

políticas são até certo ponto análogas, achará maior cópia de auxílios, podendo facilmente aproveitar as longas e dispendiosas experiências e adaptar-se a parte dos resultados líquidos que convém. Nesta condição continuamos em busca do nosso ideal, quanto às nossas escolas, seguindo o caminho que temos trilhado há quase um quarto de século, não imitando, mas adaptando à índole do povo, às melhores tradições sociais e às necessidades desta América, o que há de melhor na outra. Folgamos em poder dizer que a nossa Escola pode ser favoravelmente comparada com a maioria das boas escolas que visitamos, quer julgada pelos resultados, quer pela habilidade e dedicação do corpo docente, e que os nossos ex-alunos, encontrados em muitas partes da Europa e da América do Norte, estão dando boa conta de si (LANE, 1894b).

Lane estrategicamente mostra aos pais de alunos, que seus ideais em implantar o modelo pedagógico norte-americano podia ser percebido pelo julgamento dos resultados, habilidades e dedicação do corpo docente e de ex-alunos que estavam espalhados em várias partes da Europa e da América do Norte. A respeito da Escola Americana insiste em mostrar aos pais que ela estava em plena consonância com os preceitos da *moderna pedagogia*. Tal modelo havia se incorporado em práticas culturais em povos mais civilizados e, se adaptado às condições e necessidades brasileiras, trariam os resultados lá alcançados, a exemplo da América do Norte. Entre os bons resultados obtidos no Brasil pela apropriação do modelo norte-americano estavam os ex-alunos da Escola Americana.

Em 1895, Lane relembra que a Escola Americana completava nesse ano um quarto de século de existência. Agradece aos pais e amigos pela prosperidade, sempre crescente, e pela confiança. Relembra que a segunda geração de jovens, filhos de ex-alunos, começaram a ser educada por sua escola.

Afirma que ao longo do apostolado nunca sacrificou os altos interesses da educação a fins comerciais e sempre lutou contra as dificuldades para elevar o ensino e proteger os interesses da mocidade.

Nesse trabalho árduo, porém grato, temos sido felizes em achar sempre um corpo docente, em parte educado na própria escola, leal e delicado, cômico da elevada importância moral e social do papel que desempenha. Uma boa escola não se faz com bonitos programas, nem somente com bons métodos; muito mais importantes são as pessoas que dirigem as aulas e aplicam os métodos. Se, em tudo, não temos atingindo o nosso ideal, temos, pelo menos colhido alguns resultados bons. – Sejam testemunhas os 3980 alunos e alunas que nos últimos 10 anos (tempo da atual direção), tem frequentado as aulas e hoje se acham nos melhores círculos da sociedade brasileira, alguns em posições importantes. Se registramos aqui, pela primeira vez, o fato de terem sido 1189 destes alunos recebidos gratuitamente, sendo 151 deles sustentados nos internatos, sem retribuição alguma, em condições de perfeita igualdade com os que mais pagaram; e se também pedimos para nós um pequeno quinhão de glória para revolução que se tem operado na instrução pública de São Paulo, de certo não nos será levado isto em conta de *reclame*, que nunca fazemos, mas a uma pequena e natural expansão que sentimos ao celebrar o vigésimo quinto aniversário da escola (LANE, 1895b).

Lane era uma pessoa de prestígio nos espaços sociais paulistas, dado seu relacionamento com vários republicanos que faziam parte dos grupos elitizados. Faz questão de mostrar que os 3980 alunos que passaram pela escola nos últimos dez anos, justamente, período da sua atuação como diretor, eram testemunhas dos bons resultados da escola.

Hoje, que temos a satisfação de ver os métodos adotados nos grandes estabelecimento públicos de ensino, que tanto honram São Paulo, e em que também sentimos verdadeiro orgulho; e que nossas ideias de organização escolar tem o apoio dos homens que mais estremecem pela elevação da instrução popular e pelo progresso do país, - continuamos na elaboração, lenta, mas segura, do nosso plano de educação com o mesmo afinho e confiança com que trabalhamos em tempos mais difíceis e num meio menos grato... Tratamos da educação (E-DUCERE) e não do ensino somente; do desenvolvimento simétrico de todo ser, - física, intelectual e moral, e não do cultivo de uma ou algumas das faculdades intelectuais somente (LANE, 1895b)

A respeito do método, Lane para dar visibilidade e importância a sua instituição, afirma que ele foi adotado nos estabelecimentos públicos de ensino de São Paulo. Com esta argumentação, Lane, estrategicamente, mostrava a importância da sua instituição.

No aspecto educacional, levava ao desenvolvimento físico, intelectual e moral. Sobre o desenvolvimento físico, afirmava que há seis anos havia adotado o sistema de trabalho manual, cuidadosamente graduado em aulas especiais. Essa parte da escola moderna era utilizada nos países cultos e era de incontável valor educativo, quando organizada cientificamente com o fim de alargar a base da educação, desenvolver o corpo fisiologicamente e ao mesmo tempo educar os sentidos e adestrar a mão, cultivar o juízo e dar ensejo ao aluno de apreciar praticamente as qualidades, dimensões e propriedades das coisas que entram na vida diária, e não com o fim de ensinar um ofício ou substituir a ginástica.

Sobre o desenvolvimento intelectual, Lane acentua que seguia o sistema Americano, tanto nos cursos e na filosofia pedagógica de Pestalozzi, Froebel e Herbart, aplicada largamente na América do Norte, com intuítos cívicos, sociais e morais. A finalidade era disciplinar toda a inteligência, habilitando o aluno a “poder saber” e não a cultivar a memória somente, carregando-a de fórmulas estereis e de conhecimentos desconexos. O aprendizado era “calculado”, não pelo o que o aluno podia “INGERIR”, mas pelo que podia “DIGERIR e ASSIMILAR”.

Para ele, a educação subjetiva não satisfazia as exigências da civilização moderna; “se não cultivamos, com o entusiasmo dos outros tempos, a oratória, a retórica e o lado cerimonial da vida escolar, é porque achamos estas coisas já bastante desenvolvidas e procuramos equilibrar as forças cultivando o “RES NON VERBA”, isto é, o lado objetivo e prático (LANE, 1895b). Sua escola tinha o objetivo ensinar o conhecimento do mundo e

proporcionar as atividades necessárias para habilitar o aluno a enfrentar, do melhor modo, as responsabilidades da vida prática:

Na coordenação de seus cursos a escola de hoje é obrigada a considerar não somente a ordem lógica das matérias, o valor relativo dos conhecimentos e a distribuição justa deles; a psicologia do desenvolvimento da criança e seus direitos inalienáveis, mas também a relação de que tudo isto tem com a vida prática nesta sociedade, tal e qual se acha constituída. Pois o aluno não estuda exclusivamente porque tem de aprender certas matérias, nem exatamente porque tem de cultivar a inteligência, mas principalmente porque tem de se fazer homem, ocupar um lugar e desempenhar um papel qualquer na sociedade; satisfazer as justas exigências industriais, sociais e políticas; morais e religiosas do meio que vive (LANE, 1895b).

Em relação a moral, Lane afirma que nunca escondeu as convicções:

Nunca fizemos segredo das nossas convicções a este respeito e são elas tão profundamente arraigadas que não podem deixar de influir em toda a direção da escola. Se a sociedade tem obrigação de oferecer, e a criança o direito de receber certa cópia de conhecimentos e certas disciplinas das faculdades intelectuais que a protejam contra os males da ignorância, quanto mais tem ela ao cultivo das faculdades morais para se livrar dos vícios, proteger a sociedade contra os males piores do que os da ignorância, e habilitar-se a desempenhar. *Honestamente*, as funções de cidadão. Não consideramos a moral matéria escolar como a aritmética, a geografia, que se ensina destacadamente, com fórmulas fixas, mas sim como um *elemento*, que se deve projetar dentro de todas as matérias e influir em todas as atividades escolares (LANE, 1895b)

Lane vai além, é uma das poucas vezes que ele assume o caráter cristão da sua instituição no discurso dirigido aos pais:

A Escola Americana é, e sempre foi, francamente Cristã. Ninguém jamais teve motivo de se iludir a este respeito. Se não nos temos deixado hipnotizar pelas belezas da filosofia altruísta, nem, - quanto à parte moral, por mais sedutivas que sejam pelo lado intelectual, - pelas teorias dos livres pensadores, talvez seja porque os próprios autores confessam não achar na sociedade moderna, aceitação para suas doutrinas, portanto, enquanto os adeptos destas novas escolas não descobrirem alguma fórmula de vida a que eles mesmos possam subordinar-se, hão de permitir que continuemos a trilhar a estrada velha, e a buscar as bases éticas do nosso trabalho nas Sagradas Letras e nos mansos e amáveis preceitos do Cristianismo (LANE, 1895b).

No tópico sobre a educação para além da confessionalidade, acentuamos que Lane tinha a tática de divulgar para os Trustees que a Escola Americana era uma “empresa” missionária e que seu discurso direcionado para os de fora do círculo religioso era diferente, ou seja, não buscava fazer proselitismo. Porém, Lane acentua que a Escola Americana era Cristã e que as bases éticas do seu trabalho estavam fundamentadas nas “Sagradas Letras” e nos “mansos e amáveis preceitos do Cristianismo”. Considerando-se o ano dessa afirmação, período em que aconteciam as lutas de representações educacionais no campo presbiteriano, torna-se válido pensar que essa carta tinha também um cunho apologético. Pelo que pontuamos, essa circular encaminhada aos pais era publicada na imprensa jornalística de São

Paulo. Porém, mesmo afirmando que a escola era cristã, essa representação foi altamente rebatida pela ala eduardista, o que nos fez pensar que estavam em jogo lutas de representações educacionais no campo presbiteriano.

Em 1896, Lane apresenta aos pais uma visão da educação paulista:

O grande desenvolvimento da instrução pública em São Paulo tem influído beneficemente sobre as escolas particulares, obrigando-as a melhorar os processos e o material; a adaptá-los à educação moderna, e a respeitar os verdadeiros interesses do aluno e da sociedade. A Escola “Modelo” não somente tem despertado novo interesse, e criado mais decidida tendência à moderna educação, mas, ao mesmo tempo, tem estabelecido pontos de comparação, por onde os pais podem avaliar melhor os resultados. O ideal da nova educação parece-nos ser - habilitar cada aluno e aluna a poderem saber e gozar de tudo que é belo, puro, nobre e elevado no mundo, e contribuir o mais possível para a elevação social do povo, e para a prosperidade da pátria. O problema que o educador tem de encarar hoje não diz respeito às poucas centenas de estudantes nos cursos superiores somente, mas aos MILHARES, aos MILHÕES, de meninos e meninas que têm de frequentar as escolas elementares, pois é deles que se formará a nação do povir. A missão da República é, sem dúvida, generalizar e nacionalizar a educação. Um povo livre não deve andar às escuras (LANE, 1896).

Para Lane, a educação na República tinha como objetivo contribuir para a elevação social do povo e para a prosperidade da pátria. Ela tinha como missão nacionalizar o Brasil, tirar o povo das trevas. Discurso que vinha ao encontro dos ideais dos agentes sociais pertencentes ao campo político republicano. O discurso de Lane representava o próprio discurso dos republicanos em relação à educação (HILSFORF, 1977; CARVALHO, M. M. C., 1989; MONARCHA, 1999; SILVA, I. B., 2010). Porém, é válido lembrar que Lane muitas vezes mostrou a superioridade da educação norte-americana e que o Estado de São Paulo em sua reforma educacional recebeu a influência desse modelo. Para o educador e missionário norte-americano, a educação era o meio necessário para o Brasil experimentar a democracia e o progresso. O que significa para ele nacionalizar um país? Se levarmos em consideração a crítica que Lane fazia à educação jesuítica, para ele significava a substituição de um modelo da tradição europeia pelo modelo educacional norte-americano. Nesse sentido, a problemática educacional girava em torno da substituição de um modelo pelo outro.

Nesta linha de pensamento, na carta de 1896, Lane reforça que os métodos de ensino e a organização de escolas da Europa não serviam de modelo para as do Brasil. Na “velha” Europa, as escolas tinham uma organização especial para satisfazer às exigências políticas, sociais e industriais de “velhos” países e que não tinham nenhuma analogia com as do Brasil. Transportar os modelos de ensino europeu seria um desastre à instrução e ao país. Ele fundamenta seu racíoncio no seguinte argumento:

Está claro que a velha Europa, onde existe uma pobreza, oriunda da grande aglomeração de gente, em grau totalmente desconhecido aqui – onde ainda impera a

prepotência das classes dirigentes, a par de uma subordinação cega a preconceitos antigos, onde a grande preocupação das massas é forçosamente o feroz “*struggle for life*”, em entretíssimo meio, - não pode dar norma de vida ou fornecer o molde em que se tem de fundir o novo cidadão brasileiro. O país, que nos oferece mais fortes analogias de condições, é sem dúvida, a América do Norte, que, como o Brasil, é um país novo e vasto, povoado por uma nação, ainda em via de formação, onde se procuram amalgamar elementos heterogêneos em uma massa homogênea, adaptando-as às largas liberdades e à imensidade de recursos e oportunidades; pois o único país, onde a preocupação dos homens públicos tem sido, há quase um século, a educação popular, procurando nacionalizar as escolas públicas, torná-las acessíveis a todos, e fazer delas vastos viveiros de bons cidadãos “*tementes a Deus e amantes da Liberdade*”, é por isso que continuamos a acompanhar a marcha admirável da instrução pública e particular nos Estados Unidos da América (LANE, 1896).

Para Warde (2000a), a república norte-americana era considerada por muitos intelectuais brasileiros uma “verdadeira terra prometida”, sem as mazelas da Europa envelhecida e conflituosa. Para eles, o Velho Mundo deixava de ser o modelo que o Brasil deveria imitar se desejasse alcançar o status de civilizado. Entre os meados do século XIX e início do XX, produziu-se a ideia de que os Estados Unidos ofereciam o espelho para a modernidade, através da crença de que estava se concretizando a esperança do “homem novo”, ou seja, o homem necessário à modernidade (WARDE, 2000b). Essa visão circulou no campo educacional através de discursos e ações de políticos, intelectuais e educadores brasileiros, com o objetivo de disseminar a convicção de que a educação era o fator essencial à sobrevivência da nação (CARVALHO, M. M. C., 1998b).

Bontempi Jr. (2010), ao analisar o livro *A educação nacional*, de José Veríssimo, mostra que esse autor faz uma crítica severa ao descaso pela educação no Brasil e recomenda que se imitem as políticas com as quais os americanos lograram produzir em seu povo um “sentimento nacional”, desde que se tornem adequadas ao “caráter nacional” brasileiro. Para Bontempi Jr., não se trava de querer mudar esse caráter, e nem copiar as instituições e os hábitos norte-americanos – e nem mesmo de se iludir de que naquele país tudo era grandioso e admirável. Segundo o comentário de Bontempi Jr., Veríssimo defendia que era preciso estudá-lo, e só então imitá-lo. A tarefa era formar o brasileiro, não para ser um *yankee*, mas para ser um homem adaptado às batalhas do mundo contemporâneo, armado de conhecimento da pátria e de patriotismo. No que se referia à educação, que os homens públicos dedicassem mais amor à causa da educação popular, como sempre fizeram os patriotas daquela nação. E o modelo para isso era o que norteou as ações educacionais norte-americanas.

Nesse sentido, o discurso de Lane estava em consonância com a mentalidade que circulava entre a elite intelectual e política brasileira. Por outro lado, como norte-americano reforçava através das cartas aos pais a utopia de transformar o Brasil na “terra prometida”.

Portanto, seu discurso eivado de intencionalidade também construía a imagem de que ele mesmo era um representante da cultura norte-americana. Portanto, desqualificar o modelo europeu e exaltar o modelo americano era uma estratégia de Lane de solidificar sua representação como educador e diretor da Escola Americana, solidificar a escola no campo educacional paulista, fortalecer a hegemonia do grupo político-ideológico que mantinha relações de poder, atrair o interesse da elite à proposta educacional norte-americana ofertada pela sua escola, referendar estrategicamente os ideias republicanos e maçons que viam na educação a possibilidade de transformar a sociedade, fortalecer ainda mais as relações de poder entre os pares republicanos que matriculavam seus filhos na escola americana, aumentar a sua clientela, entre outros.

Na carta de 1897, Lane mantém a mesma linha de pensamento da carta anterior. Entre os assuntos abordados, reforça a tese de que a educação norte-americana é superior à educação europeia e que em viagem aos Estados Unidos observou mudanças significativas nos últimos três anos. Entre as mudanças, acentuou que constantemente eram avaliados os métodos e processos de ensino com o objetivo de eliminar os aspectos negativos e fortalecer os positivos. Reuniam-se periodicamente desde os professores até os presidentes das grandes Universidades com a finalidade de estudarem o melhor meio de educar a mocidade e de evitar o “grande perigo da imigração heterogênea do proletariado europeu” (LANE, 1897b).

Lane dizia que o Brasil, “como a outra América”, necessitava de um ensino e de uma direção para a mocidade que fossem simétricas e desenvolvessem uma verdadeira democracia. A “escola ideal” deveria representar a “sociedade ideal”. Para ele, a escola ideal deveria ser o ideal da sociedade sã. A tendência da escola era nacionalizar o ensino, fortalecer o patriotismo, civismo. Ela proporcionaria a todo o cidadão a oportunidade de preparar-se para tomar parte ativa e responsável na vida nacional. “A herança do novo século será a emancipação do povo por meio da escola” (LANE, 1897b). Segundo Lane, a relação da escola se dava em quatro dimensões: primeiro, com a família; segundo com a sociedade, terceiro com as instituições políticas, e quarto, com a vida moral e religiosa.

Neste sentido, era preciso educar bem a juventude, porque o destino do Brasil seria forçosamente confiado aos que se sentavam nos bancos escolares; portanto, essa era a “grande responsabilidade do educador” (LANE, 1898b). Para ele, a sociedade da época estava inserida num contexto de progresso científico e industrial sem exemplo na história do mundo.

Há tanta luz que perturba a vista e confunde o observador [...] A educação do homem não se cifra pela posse de conhecimentos formulados, mas no uso acurado que soube fazer deles. O homem educado que não for bom cidadão, valente na destreza do bem, independente, com ambições viris, temente a Deus e amante da

justiça, pouco valor tem para a sociedade; portanto não é possível separar o cultivo moral e religioso do intelectual. Também o corpo está tão intimamente relacionado com o espírito que o antigo refrão *mens sana in corpore sano* encerra verdade importante [...] Inculcamos a ideia que é somente pela obediência às leis de Deus que se consegue a inteira liberdade (LANE, 1898b).

Na carta de 1899, Lane acentua novamente o progresso da sua escola e em meio aos números apresentados durante sua gestão, levanta algumas perguntas: Qual o fim das escolas? Qual o resultado procurado? Quais os meios mais adequados; os processos mais prontos para alcançar esse fim? Terá a escola por fim simplesmente encher, por algum processo, as cabeças dos alunos de conhecimentos formulados com mais ou menos exatidão, a fim de habilitá-los a tirar do mundo as maiores vantagens materiais; um fim puramente comercial e utilitário? Ou terá por fim fazer deles HOMENS retos, desenvolver-lhes as forças morais, intelectuais e físicas, sem deixar atrofiarem-se os sentimentos religiosos e antes robustecê-los, a fim de dar e não tirar ao mundo a maior cópia possível do bem, criar novas fontes de riqueza, adquirir novas forças – enfim, fazer bons cidadãos, fortes, amantes da liberdade, obedientes às leis e tementes a Deus? Segundo Lane, a última hipótese era adotada por ele e pela escola americana. E através dela seria possível construir uma República com homens aptos, livres, capazes de prestarem atenção às coisas sérias da vida e pôr em prática as virtudes cívicas. “Conhecimentos sem caráter constituem um verdadeiro perigo. Os tempos exigem que a ciência seja subordinada à prática do bem” (LANE, 1899b). Em relação aos métodos educacionais adotados pela Escola Americana de São Paulo, Lane acentua que eles não eram uma fórmula de ferro que obrigava todos a darem os mesmos passos, mas eram flexíveis e permitiam que o estudante talentoso e aplicado aprendesse rapidamente, e que o “menos favorecido” aprendesse mais devagar; porém os princípios e a ordem lógica eram os mesmos, ou seja, acomodar a capacidade e a indiossincrasia de cada um.

Tanto o mais talentoso como o menos inteligente devem adquirir bom método de trabalho e investigação, aprender como estudar qualquer assunto, ganhar o poder de concentração, possuir conhecimento mais do que vulgar de ONDE e COMO achar os fatos e ter disposição honesta e séria para procurar a verdade das coisas e conformar-se com ela quando achada, caráter sério, convicções fortes sobre muitas coisas e coragem de segui-las e pô-las em práticas (LANE, 1898b).

A respeito do Mackenzie, Lane afirma que estavam em andamento os últimos passos dos cursos superiores, estava em construção um dormitório novo e que estava ampliando as oficinas de trabalho manual. Em suas palavras: “o aperfeiçoamento dos processos de educação nunca se completa”. Encerra dizendo que na carta⁹⁶ de 1900 daria mais informações

⁹⁶ Não encontramos as cartas de 1900-1906, Lane escrevia anualmente aos pais com os objetivos já pontuados aqui. Temos as cartas de 1907-1912, nos relatórios encaminhados aos Trustees.

sobre a organização dos cursos dos seus estabelecimentos educacionais e renovando os agradecimentos pelo apoio dado pelos pais dos alunos.

Na carta de 1907, colocada no relatório encaminhado aos Trustees, Lane novamente mostra um panorama mundial da educação, na mesma linha de pensamento das cartas anteriores, mostrando informações obtidas em suas viagens. Com o objetivo de mostrar aos pais que sua escola representava um modelo educacional moderno, Lane argumenta que até a Europa estava se remodelando e eliminando os anacronismos da educação a fim de se adaptar às exigências da vida moderna. Para reforçar sua argumentação, ele se apropria de um pensamento de um educador norte-americano, cujo nome foi omitido:

A educação popular não deveria somente visar à preservação da cultura e da competência que herdamos de nossos antepassados, mas desenvolvê-las, fazer a instrução pública englobar todos os interesses humanos, buscando sempre o conhecimento por meio de métodos científicos, estabelecendo relação íntima entre os processos educativos e os deveres de cidadania, no sentido de preservar o espírito da democracia verdadeira e formar cidadãos patrióticos (LANE, 1907b).

O pensamento do educador norte-americano sintetizava o ideal educacional defendido por Lane, a ponto de afirmar que era o ponto de vista que a Escola Americana de São Paulo seguia. Nessa carta, Lane pontua que o papel do governo do Estado, como guardião da criança, não era paternalista, mas de oferecer oportunidade para que ela desenvolvesse sua melhor potencialidade. Nesse sentido, em sua opinião, competia ao educador diante da sociedade, buscar soluções para os problemas atuais, entre eles, estava a tarefa de encontrar uma correlação justa e lógica entre as matérias a serem ensinadas, a fim de que o aluno pudesse alcançar o melhor e mais harmonioso desenvolvimento. Ele dizia que nos últimos anos, havia entendido melhor as funções psicológicas e históricas da Matemática no desenvolvimento intelectual da cultura. Usando a Matemática como critério, Lane afirmava que através do estudo dessa disciplina podia produzir um completo ajuste das forças mentais que melhor atenderiam os alunos diante das exigências da vida moderna. Assim, dava mais importância aos estudos da Matemática na Escola Americana e no Mackenzie College, do que aos estudos “humanísticos”.

Percebe-se que o discurso de Lane estava em consonância com o ideal liberal, progressista e republicano que defendia a educação como um instrumento capaz de remodelar as pessoas às exigências da vida moderna. Para tal empreendimento era preciso substituir a pedagogia de tradição jesuítica e humanista, que privilegiava o estudos dos clássicos da filosofia pelo ensino de caráter científico. Isso possibilitaria a construção do novo homem racional e trabalhador, necessário para o desenvolvimento político e econômico da nação.

Por isso, na carta de 1908, Lane pontua que uma das características da educação moderna era o constante progresso e sem isso corria o risco de estagnar ou morrer. Neste sentido, informa aos pais que a educação americana estava em pleno desenvolvimento e progresso e que ele seguia de perto o sistema na educação, não através de uma cópia servil dos métodos e programas, mas buscando o tipo de organização implantado em todos os Estados da União, da escola pública até Universidades ou Escolas Técnicas. A estratégia de Lane na apropriação do modelo educacional norte-americano no Brasil era implantar tal modelo na rede pública⁹⁷ de ensino e nas redes de escolas americanas que estava organizando no Brasil⁹⁸.

Lane afirma que a Escola Americana seguia de perto as tendências do pensamento americano com referência à correlação dos estudos, novamente utiliza a Matemática como critério principal de avaliação com o objetivo de mostrar a habilidade do aluno como também o valor relativo das outras disciplinas. Para ele, a Matemática no seu valor na vida prática ajudava o aluno a resolver os conflitos oriundos da fase industrial da vida moderna. Porém, o cultivo dessa disciplina não anulava a importância do aluno no processo educacional. Para ele, o ensino só tinha valor se realmente educasse. Nesse sentido, o Mackenzie College e a Escola Americana empenhavam-se em desenvolver nos alunos o espírito da “verdadeira democracia” em que

[...] o mérito individual seja reconhecido e cada qual contribua tanto quanto possível para o bem geral, aceitando e aperfeiçoando a verdade, demonstrada matemática ou cientificamente, ou seja através da lógica racional, onde quer que ela pudesse aparecer, respeitando, ao mesmo tempo, o sagrado e o incognoscível. O sistema tem como objetivo produzir cidadãos educados, tementes a Deus e amantes da liberdade (LANE, 1908b – tradução nossa).

Isso representava os elementos indispensáveis para a formação de cidadãos na República. Na carta de 1909, Lane inicia falando do 39º aniversário da escola e do 19º aniversário do Mackenzie College. Naquele ano, o número de matriculados foi de 823

⁹⁷ Lane serviu como consultor da instrução pública paulista e como tal ofereceu ao estado de São Paulo pessoas capacitadas que ajudariam a implantar o método intuitivo. Consultar: HISLDORF, Maria Lúcia Spedo. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo, um estudo de suas origens.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

⁹⁸ Pudemos observar que alguns temas são recorrentes nas cartas aos Pais, tais como: superioridade da educação norte-americana sobre a educação europeia, a contribuição da educação para a modernização do país, a questão de que ele não fazia uma cópia servil do modelo educacional americano, que através da educação era possível fortalecer o civismo e o patriotismo. Uma maneira de expandir o modelo educacional norte-americano foi através da rede de escolas americanas. Segundo Chamon (2005), o sucesso escolar norte-americano estaria não só no dispêndio de elevadas somas financeiras pelo Estado, no decisivo auxílio, apoio e interesse das famílias e da iniciativa particular, mas também na fiscalização do ensino e nas ideias e práticas pedagógicas ousadas e modernas – como instrução feminina e a preferência da mulher para o magistério primário, a co-educação dos sexos, a escola graduada, o método intuitivo e a organização do ensino, o ensino prático e profissional, a superioridade dos prédios e materiais escolares.

estudantes de ambos os sexos. Devido aos métodos pedagógicos adotados por ele, alguns alunos desistiram porque não conseguiram se adaptar ao “regime de completa confiança e grande liberdade”, porém estava agradecido em dizer que a maioria adaptou-se ao sistema e fez progresso encorajador. Em relação ao corpo docente, dizia que estava grato pela profunda devoção ao trabalho.

Em relação aos aspectos do panorama mundial da educação, Lane afirma:

Poucas coisas dignas de atenção aconteceram este ano nas grandes associações educacionais na Europa e nos Estados Unidos. Da velha Europa há pouca coisa nova a esperar, os tipos estão fixados e são imutáveis, os filhos seguem os pais e o governos dão às escolas o tipo melhor indicado pela tradição dos pais e pelos partidos políticos dominantes. Na América do Norte é diferente. O rápido progresso e grandes mudanças no meio ambiente exigem constantes mudanças nas escolas públicas para acompanhar o desenvolvimento da sociedade. Cada um dos 50 estados independentes da grande União Americana desenvolve suas escolas de acordo com suas necessidades especiais e atendendo às exigências locais, sabendo que é nas escolas públicas que os elementos heterogêneos, que vêm de todas as partes do mundo, precisam ser remodelados e convertidos em bons cidadãos, dando a eles ideias claras do seu relacionamento com o governo, ensinando-os a governarem a si mesmos, ajudando-os a absorver o espírito de “auto-dependência”, que é característica do povo americano [...]. Nas escolas dos EUA há um esforço para produzir homens e mulheres que sabem apreciar a liberdade em um país livre e que ao mesmo tempo respeitam religiosamente as leis (LANE, 1909b– tradução nossa).

Novamente, Lane pontua a superioridade do modelo educacional norte-americano. Modelo que se atentava para os constantes progressos da sociedade e era capaz de remodelar os alunos em bons cidadãos, dando a eles ideias clara do seu relacionaneto com o governo, ou seja, cidadãos formatados de acordo com os ideais impostos pela ideologia política republicana. Segundo Mendonça (2008), no bojo da proposta educacional protestante estava o liberalismo, o individualismo e o pragmatismo, ou seja, princípios que aproximavam a proposta educacional protestante dos interesses dos republicanos brasileiros.

Para Lane, por mais diferente que os sistemas educacionais pudessem parecer nos Estados da União, principalmente em seus interesses materiais, em suas indústrias e na vida social, havia um interesse comum, educar o ser humano completa, intelectual, moral e espiritualmente, preparando-os para ser bons cidadãos, bons homens. E para seguir as renovações educacionais implantadas nos Estados Unidos em relação ao ensino da agricultura e comércio que, de acordo com ele, eram uma demanda prática e utilitária no Brasil, iniciaria no próximo ano o estudo da química industrial com o objetivo de estender os cursos

científicos da escola. O curso de agricultura fora adiado por ele em razão da falta de certos elementos necessários⁹⁹ para seu bom funcionamento.

Na carta aos pais de 1910, Lane afirma que as atividades educacionais na Europa estavam dirigidas para eliminar elementos ultrapassados nas práticas das escolas públicas do que propriamente para introduzir métodos novos de ensino.

As tradições e os hábitos das instituições educacionais centenárias, as estruturas fixas que ligavam a instrução ao atendimento das demandas da população densa, compondo todo o esquema da burocracia educacional, impedem um avanço mais rápido e eficaz do setor da educação como um todo. Diante dessa situação, muito pouco pode ser emprestado da venerável Europa em termos de subsídios educacionais que atendam às necessidades urgentes que se impõe no Brasil, onde a população aumenta e progride em ritmo mais rápido do que o governo consegue prover meios para educá-la. Nada mais acertado, então, do que procurar auxílio na prática escolar de sua República-Irmã da América do Norte, que vive uma democracia verdadeira e apresenta progresso admirável. A nova democracia demanda imediata ação na linha da Nova Educação (LANE, 1910b - tradução nossa)

Para ele, não havia na história do mundo registro de uma transformação tão rápida e completa como a que estava ocorrendo naquele período nas duas Américas, a do Norte e a do Sul. Tudo mudava, nada permanecia fixo, no campo da ciência, arte, política, nas relações entre Capital e Trabalho. Enquanto tudo mudava, na sua ótica a educação da juventude permanecia inalterada. “As exigências da sociedade mudavam, os métodos e processos educacionais variavam, porém o ideal continuava o mesmo. Era essencialmente o mesmo do tempo de Xenofanes e Platão”, ou seja, “produzir homens e mulheres de bom caráter, de cultiva inteligência, que procuravam as pegadas para seguirem o caminho, examinando todas as coisas e escolhendo somente o que é bom e que saiba cumprir seus deveres” (1910b).

Diante das comemorações dos quarenta anos de organização, Lane afirma que desde 1870 a Escola Americana de São Paulo lutou em favor da educação sólida, no estabelecimento de regras de conduta, na divulgação de métodos de ensino seletos, na elaboração de compêndios, na prática de ensinar novos processos educativos e de levantar recursos para apoiar e desenvolver o seu trabalho, sem ser atraído por interesses meramente mercantis. Nos 40 anos, a escola na visão de Horace Lane conseguira realizar um trabalho de grande importância para o Brasil, em vista da situação que se encontrava a educação em 1870¹⁰⁰. No ano do seu 40º aniversário, a escola possuía um sistema educacional quase completo e que o sistema foi composto pela adoção e adaptação à realidade brasileira de todos

⁹⁹ Lane não menciona quais eram esses elementos necessários. Não diz se era a falta de dinheiro, professores, tempo o qualquer outra circunstância.

¹⁰⁰ Em momento algum em suas cartas Lane elogia a educação realizada no Brasil por outros agentes educacionais ou outras instituições escolares, a não ser a escola pública paulista. Todo seu discurso gira em torno do empreendimento educacional sob sua responsabilidade.

aqueles elementos pertencentes aos sistemas das escolas e universidades da América do Norte, de significativo valor educacional, em termos de eficácia e utilidade. Para ele, os elementos introduzidos e que sempre compuseram o sistema de ensino da Escola Americana, tais como co-educação, trabalho manual, curso normal profissionalizante e com fundamentação pedagógica, Curso Superior de Comércio, correlação lógica dos estudos, atletismo, ética e patriotismo e Jardim de Infância, foram adotados como ramos do estudo regular.

Segundo Lane, o retrospecto dos 40 anos era agradável em relação ao seu trabalho e era inspirador olhar para as escolas públicas do Estado e perceber sua emancipação do sistema arcaico que estava em 1870 e que agora se encontrava na vanguarda do progresso brasileiro. Não havia rival para a escola pública brasileira em toda a República. Dizia aos pais que tinha acompanhado com orgulho a metamorfose pela qual passou a escola no Brasil e que se alegrava de ter contribuído com sua capacidade e oportunidades permitidas.

Diante disso, continuava a buscar o ideal americano, procurando por todos os meios elevar o ensino e permitir que o trabalho do professor em treinar as aspirações daqueles que desejavam aprender, despertando neles o senso de responsabilidade, a fim de que pudessem apreciar suas funções, seus direitos e assim, desenvolver o poder de auto-governo. Encerra dizendo aos pais que faria de tudo para imprimir no trabalho um caráter prático, sem, no entanto, cair no ultra-utilitarismo, considerado por ele um dos perigos da escola moderna. Para a formação do caráter e para evitar que um conhecimento sem caráter, que constitui um perigo para a sociedade, é necessário buscar em algum lugar uma base sólida de ética. Essa base para Lane era a Escritura Sagrada, através da qual buscava inculcar nos seus alunos os ensinamentos mansos do Nazareno e inculcar no corações e mentes dos estudantes os preceitos simples e puros do cristianismo. Termina falando de suas expectativas para o próximo ano, dizendo que haveria mudanças na distribuição dos alunos nos cursos superiores, que a organização do curso de Agricultura estava sendo novamente adiado e que o curso de Química aplicada começaria regularmente no próximo ano. Além disso, teria novos professores que ajudariam na reorganização dos cursos técnicos.

Em sua última carta, enviada aos pais em 1911, Lane destaca os progressos alcançados pela Escola Americana de São Paulo durante o ano, destacando a matrícula de 906 alunos de ambos os sexos, sendo 475 brasileiros, 163 italianos, 73 portugueses, 53 alemães, 41 americanos, 39 ingleses, 18 franceses e 44 de outras nacionalidades. Em relação às bolsas de estudos, destaca: 574 pagaram integralmente, 159 tiveram descontos nas mensalidades e 173 estudaram gratuitamente. Durante os 27 anos de administração ele contabiliza 14.381

alunos, destacando o alcance do seu trabalho e talvez a influência que tenha realizado na vida desses estudantes.

Em relação ao desenvolvimento acadêmico dos estudantes, ele pontua que do ponto de vista geral foi satisfatório, porém destaca que um certo percentual de alunos são lentos no aprendizado e não conseguiram se adaptar ao novo regime educacional. Porém, acentua que eles também foram motivados a desenvolverem o senso de responsabilidade pessoal e o auto-controle. A maioria dos alunos teve desenvolvimento intelectual satisfatório o que era motivo de alegria para Horace Lane.

Lane retorna seu discurso sobre os métodos pedagógicos e o progresso da educação na América do Norte, tecendo críticas à Europa. Para ele, o ano de 1911 foi estéril em relação ao desenvolvimento de métodos pedagógicos. Porém, no Brasil houve uma verdadeira revolução no ensino secundário e superior devido à promulgação da Lei Orgânica de Ensino. Para ele foi uma reforma radical e saudável do Ginásio Nacional e estabeleceu um padrão de ensino em todo o país. Tal lei permitiu o estabelecimento de uma relação lógica, com base em princípios pedagógicos, entre os estudos disciplinares e preparatórios e os vários cursos profissionais, proporcionando melhor adaptação para esses cursos. Lane conclui que tais mudanças, em suas características gerais, eram as mesmas que caracterizavam o sistema americano que ao longo dos anos eram seguidos por ele. Felicita o país por esse passo importante.

Alem disso, conscientiza os pais de que a reforma não traria nenhuma alteração para as suas escolas, porém, ele continuaria na busca do ideal, educando o futuro cidadão. Nesse sentido, seguiria tenazmente os métodos norte-americanos, sem a cópia servil, mas estudando e adaptando às necessidades brasileiras, sem olhar os sacrifícios e evitando o comercialismo e pedantismo estéril. Para Lane: “Estes são os Cila e Caríbdis¹⁰¹, entre os quais o educador consciente deve navegar”, ou seja, eram as dificuldades mitológicas que o educador deveria evitar. Encerra afirmando que não havia encontrado na literatura pedagógica ou na sua experiência de mais de meio século, qualquer coisa que pudesse induzi-lo a modificar em sua essência a sua opinião sobre a importância da co-educação dos sexos.

¹⁰¹ Cila teria sido uma bela moça, mas que foi transformada, por ciúmes, pela feiticeira Circe, num monstro marítimo de seis cabeças. Era imortal e portanto invencível. Caríbdis, por sua vez, era um sorvedouro situado quase ao nível do mar. Três vezes ao dia penetrava numa fenda levando qualquer embarcação que houvesse por perto. Segundo a mitologia eram dois monstros que viviam um perto do outro, de modo que o marinheiro, quando não era pego por um, o era pelo outro. O próprio Ulisses conseguiu evitar a ira de Caríbdis, mas não pode impedir que seis de seus homens fossem devorados por Cila. Informação extraída do texto de: MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. A simbologia da água no imaginário grego. **Morfheus**. Revista eletrônica em ciências humanas. Ano. 07, número 12, 2008.

Podemos perceber através de seus discursos aos mais variados círculos sociais que Lane constrói uma história de si pouco trabalhada na historiografia, principalmente, na perspectiva do campo religioso presbiteriano brasileiro. Em meio às lutas de representações que marcaram seu período de atuação, Lane constrói várias práticas culturais. Para os Trustees ele se apresenta como missionário, educador, diretor da Escola Americana e presidente do Mackenzie College. Nos seus discursos dirigidos aos representantes norte-americanos, Lane constrói a imagem de um Brasil que necessitava experimentar a “verdadeira república”. Através deles, se posiciona ideologicamente em relação ao contexto político brasileiro, mostrando que através da educação era possível construir um “Brasil Novo”. Para tanto, era preciso disseminar os valores da cultura norte-americana através da educação.

Como educador e defensor do modelo norte-americano divulgou que esse modelo era superior ao praticado pela “Velha Europa”. A divulgação do modelo pedagógico defendido por Lane ganhou adeptos entre os republicanos paulistas, que não somente passaram a divulgar, como também se apropriaram de tal modelo. Para tanto, serviram-se dos conselhos de Horace Lane para a implantação da proposta pedagógica norte-americana nas escolas públicas paulistas. Para eles, a proposta era a mais moderna e poderia contribuir para a construção de um país mais democrático e modernizado.

Para os pais de alunos, em praticamente todas as cartas, Lane manteve seu discurso de que a proposta pedagógica norte-americana era superior e tinha condições de transformar a situação do Brasil. Através das cartas aos pais, ele procurava convencer os pais dos alunos de que suas instituições escolares praticavam ações pedagógicas modernas e que isso permitiria um melhor aprendizado e uma inserção diferenciada na sociedade. Isso também representava que suas instituições educacionais eram aquilo que mais moderno se tinha em termos de educação. Como defensor da educação como forma de evangelização indireta, Lane subtrai das suas instituições educacionais aspectos ligados à confessionalidade. Porém, no discurso aos Trustees relembra que suas instituições eram uma empresa missionária, não no sentido, proselitista defendido por Eduardo Carlos Pereira e outros pastores e missionários presbiterianos.

As representações fabricadas por Lane em torno da educação, política, métodos pedagógicos, da cultura norte-americana, do seu país de origem, sua visão missionária, religião e outras presentes em seus discursos eram uma estratégia de desfazer as representações construídas sobre ele no campo presbiteriano brasileiro. Seu esforço atua no sentido de produzir um discurso de reabilitação da sua imagem, ou ainda, de construir uma imagem de si mesmo sobre aquela negligenciada e atacada pelos seus adversários.

Ao fabricar suas representações em torno da educação, ele se solidifica como educador no campo religioso, educacional e político. Mas também produz práticas culturais destinadas a moldar certos padrões sociais naqueles que se apropriavam da sua visão educacional, principalmente, os alunos, professores e republicanos ligados a sua rede de sociabilidade. Não faltaram vozes entre os republicanos que difundiram o modelo educacional norte-americano como o mais avançado e moderno. Para tanto, era preciso mostrar que a educação no período imperial era arcaica, anacrônica, obsoleta, e não proporcionaria a construção de uma sociedade moderna, livre, democrática.

Lane coloca suas instituições educacionais no centro do debate sobre a importância da educação para a construção do “Novo Brasil”. Em seu discurso tanto a Escola Americana como o Mackenzie College representavam instituições modernas que estavam atentas às transformações decorrentes da sociedade moderna. Elas eram, em sua visão, instituições capazes de moldar os jovens, transformando-os em cidadãos livres, bons e democráticos.

1.2.3 Educação no Brasil e a participação de Horace Lane na reforma do ensino paulista

As estratégias de Lane para dar visibilidade às suas instituições e obter maior número de alunos passavam pela prática de uma educação protestante que subtraía do seu discurso a confessionalidade e que apresentava à sociedade uma educação moderna, capaz de remodelar o ser humano de acordo com os ideais que os republicanos brasileiros desejavam.

Ao atuar como consultor da educação pública paulista, Lane também imprime as marcas da educação norte-americana. Nesse sentido, sua participação na esfera pública reforçava sua atuação como educador, fortalecia sua relação de poder com as elites paulistas e reforçava as representações do modelo educacional norte-americano.

Desde a sua inserção no Brasil, em 1859, o presbiterianismo encontrou um ambiente favorável: as disposições políticas do Imperador e a necessidade que o Brasil tinha de imigrantes (LÉONARD, 1981). Não faltou apoio para que a nova religião no Brasil se solidificasse em seus propósitos e estratégias. No âmbito político, encontramos Aureliano Cândido Tavares Bastos, deputado que, segundo Vieira (1980), era um grande defensor das causas protestantes e amigos dos missionários.

Para divulgar suas ideias liberais, pró-imigração e anticatólicas, Bastos utilizou a imprensa escrita:

Publicou uma série de cartas, de agosto de 1861 a 1862, no Correio Mercantil, sob o pseudônimo de Solitário e, em 29 de julho de 1861, lançou um panfleto Os Males do

Presente e as Esperanças do Futuro, sob o pseudônimo de Um Excêntrico. Desses escritos emanava a sua grande admiração pelos Estados Unidos da América. Valia-se deles para defender as imigrações inglesas, americana e alemã e tudo o que colaborasse para que estas acontecessem, como melhores meios de transporte internacional, casamento civil e liberdade de culto. Além disso, batia-se pelo progresso do Brasil, que acreditava que poderia ser implementado pela abertura do Rio Amazonas ao tráfico internacional, pelo comércio livre, pela liberalização das leis comerciais e pela descentralização do governo, entre outras medidas (LAGUNA, 1999, p. 146)

As representações acerca dos americanos e da sua cultura propagadas por Tavares Bastos, Rui Barbosa, Rangel Pestana e outros favoreceram a aproximação entre os missionários protestantes e os políticos que desejam um Brasil Novo. Eles viam no protestantismo ideais favoráveis para a modernização do Brasil. Para Hilsdorf (2009), Tavares Bastos fazia circular nos anos de 1850 e 1860 em seus pronunciamentos políticos a ideia de que a influência americana seria benéfica para a sociedade brasileira. No campo político, os presbiterianos contavam com a simpatia e o apoio de pessoas que viam nessa denominação ideologias favoráveis para a modernização do Brasil (SILVA, I. B., 2010). Porém, esse apoio não era unilateral. Eles se ajudaram mutuamente, a ponto de Horace Lane contribuir com as reformas educacionais do ensino público paulista.

Na perspectiva da história da educação a participação de Horace Lane no Ensino Público Paulista foi apresentada e discutida inicialmente pela professora Hilsdorf (1977). Segundo a autora:

A Igreja Presbiteriana do Norte, mantida pelo Board de New York, permaneceu sempre tradicional reduto da modalidade de evangelização indireta, promovendo uma política educacional de manutenção de grandes colégios e apoio às iniciativas do poder público. Essa posição foi bem representada pela atuação de Horace Manley Lane que, enquanto diretor da “Escola Americana” e do “Mackenzie College”, não apenas se mostrou mais sensível aos problemas pedagógicos que aos religiosos desses colégios, como também ofereceu constante colaboração à escola pública paulista por ocasião das reformas republicanas (p. 114).

Para ela, Horace Lane representava enquanto diretor uma pessoa sensível aos problemas pedagógicos em sua época. Ele não apenas reconfigurou a instituição escolar fundada pelo casal Chamberlain, mas contribuiu constantemente com as reformas no ensino público paulista. A autora pontua a aceitação das propostas pedagógicas das escolas americanas por parte das elites progressistas. Entre as causas dessa aceitação, pode-se observar, seguindo as análises da autora, que tais escolas proporcionavam um ambiente de respeito aos seus princípios. Embora de origem confessional, elas eram frutos de uma religião que representava progresso para as elites, ou ainda, “ideias mais adiantadas”, pois eram ativas, enérgicas, amigas da propaganda e do trabalho (HILSDORF, 1977, p. 152). Para a autora, tais escolas abririam caminho para as atividades de renovação das mentalidades e das práticas

dentro dos quadros pedagógicos e, por extensão, da sociedade brasileira. O segundo motivo pelo qual essas escolas tiveram a boa aceitação das elites progressistas residia no fato de que tal segmento acreditava que o tipo de ensino ministrado em seus espaços era organizado segundo o sistema norte-americano, que vinha há tempos funcionando como um polo de atração para as elites paulistas, por causa da proposta pedagógica e seu caráter democrático.

As escolas americanas de confissão protestante trariam para a Província de São Paulo uma diretriz de ensino prático, científico e comum para todos, que concretizava aqueles aspectos do sistema de ensino norte-americano que mais atraíam as elites da época. Aos liberais e republicanos, essas escolas ofereciam seu caráter democrático; aos adeptos e simpatizantes do positivismo e outras derivações científicas, a orientação científica imprimida ao currículo de estudos; aos anticlericais, a ausência de ortodoxia, de sectarismo, a par de uma completa oposição à Igreja Oficial. A todos, enfim, pelo cuidadoso aparato pedagógico que exigiam, em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam possibilidade de uma formação acadêmica muito mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, seja como formação imediata para a vida. Escolas como as americanas protestantes, cujas soluções pedagógicas já tinham sido testadas numa nação considerada modelo, estavam destinadas a receber o apoio efetivo dos espíritos mais atentos à realidade. Numa Província como a de São Paulo, que despertava para as grandes questões do século – democracia, liberalismo, cientificismo, laicização da vida pública, formação da mulher, educação popular – seriam justamente as elites políticas e culturais as primeiras a incentivar o trabalho dos missionários protestantes americanos (HILSDORF, 1977, p. 156).

Ainda segundo a autora, a elite paulista assegurou a maior parte da clientela nas primeiras décadas de organização e proporcionou também adesão dos correligionários, parentes e amigos. Por representar o modelo educacional mais “avançado” para época, logo as elites políticas recorreriam aos educadores norte-americanos em busca de solução para os problemas educacionais do Brasil. Nas palavras de Azevedo (1960), tais escolas representavam o “fermento novo da massa do ensino”, por ser o centro de irradiação de atividades renovadas em relação às escolas públicas e privadas.

Os reflexos da iniciativa protestante americana se fizeram sentir no ensino público e particular, decorreram de sua condição de escolas para as vanguardas paulistas. De fato, as experiências renovadoras do ensino particular e as reformas da instrução pública propostas em São Paulo, entre as décadas finais do Império e a primeira década da República, foram, nos seus quadros gerais, iniciativas do mesmo grupo de homens, que, a partir da década de 70, estava na liderança política e cultural da Província e que, de um modo ou outro, relacionara-se com os colégios americanos de fé protestante existentes em São Paulo. As ligações pessoais dos componentes desse grupo eram antigas; datavam, se não de antes, dos tempos da Academia de Direito de São Paulo. Foram colegas de curso, nos inícios da década de 60, entre outros: Prudente de Moraes Barros, Campos Salles, Bernardino de Campos, Rangel Pestana, Salvador Furtado de Mendonça, Francisco Quirino dos Santos e Teófilo Otoni (HILSDORF, 1977, p. 176).

Seguindo a linha de raciocínio da autora, vários deles tomariam parte da vida política do país, agrupados em torno da bandeira liberal ou da republicana. Ela analisa:

Pertenciam todos eles à geração que encarava o sucesso da República como dependente do tratamento dado ao problema da educação popular. [...] Lutaram esses políticos não apenas pela instauração do regime democrático, mas pela aprovação de projetos educacionais e aceitação, pela sociedade paulista, de escolas renovadas que eles próprios criavam e dirigiam, ou apoiavam. O “Colégio Internacional” e a “Escola Americana”, o “Colégio Piracicabano”, o “Colégio Pestana” e a “Escola Primária Neutralidade” são exemplos de colégios patrocinados pelas vanguardas paulistas (HILSDORF, 1977, p. 177).

Tal apoio apresentado pela autora foi referendado em trabalho posterior em que afirma:

Mais para o final da década de 80 e no decorrer da década de 90, Horace M. Lane, o novo diretor da Escola Americana terá um papel relevante na implantação das reformas educacional da instrução pública, as quais deveram às escolas americanas de confissão protestante, em muito, sua inspiração e sua execução. M. Guilhermina de Andrade e Miss Marcia Browne que nelas colaboraram, vieram da Escola Americana bem como outros educadores do setor público que se notabilizaram nesse período. Mas, também, muitos integrantes do grupo que se dedicou à renovação econômica, política e cultural de São Paulo na transição Império-República passaram pelos colégios americanos protestantes, desde os seus primeiros momentos, como alunos, docentes e colaboradores (HILSDORF, 1986, p. 191).

A escola no período republicano era o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso (CARVALHO, M. M. C., 1989).

Nesta linha de pensamento, Warde (2004) afirma:

Quatro meses após a Proclamação da República, em março de 1890, teve início a reforma do ensino paulista, marco pelo qual os dirigentes republicanos de São Paulo pretenderam dar visibilidade aos seus lemas e guardar distância do governo central. A presteza com que a reforma foi decretada dá mostras de que as lideranças republicanas que assumiram o governo do Estado de São Paulo estavam de prontidão para começar a república pela educação do povo. Uma educação moderna, guiada por princípios ativos. Pautada no programa de ação elaborado e divulgado por Rangel Pestana nas primeiras páginas do jornal A Província de São Paulo, a reforma de 1890 e seus desdobramentos nos anos subseqüentes mostravam claras intenções de fazer das crianças e dos jovens pontos de partida para a gestação de um novo brasileiro, moldado desde o berço por novos comportamentos e habilitado para novas tarefas. Esses traços, ainda que constituídos por meio de referências de variada ordem, dentre as quais se incluíam as européias e sul-americanas, eram nitidamente constituídos por referência aos Estados Unidos, onde o espírito industrial se materializava na forma de confiança na ciência e no gosto pelo experimento (p. 2).

Como representação de um modelo educacional moderno, as escolas americanas chamaram desde as suas origens no Brasil a atenção de personagens ligados ao partido republicano paulista. Entre os representantes do partido republicano estava Rangel Pestana, figura representativa de importante participação política e que ofereceu o apoio necessário para as escolas americanas de confissão protestante. Desde os primeiros anos do Colégio

Internacional (1873), Rangel Pestana esteve ligado a essa instituição escolar. Segundo Hilsdorf (1986), ele também estava ligado à figura de Nash Norton e ao pensamento pedagógico que ele representava muito mais do que ao pensamento religioso. Mais tarde, Rangel Pestana se aproximaria de Horace Lane, pois, segundo a autora, Lane representava uma reedição de Nash Norton – figura largamente relacionada nos círculos progressistas da Província, por sua adesão às ideias republicanas, liberais, maçônicas e pelas suas múltiplas representações: médico, negociante, empresário, professor e diretor da Escola Americana de São Paulo e do Mackenzie College.

Hilsdorf (1986) pontua que não se sabe ao certo se Rangel Pestana exerceu atividades docentes na Escola Americana, o que se sabe é que tinha estreitas relações com Horace Lane e confiava em sua competência pedagógica. Segundo a autora, foi Lane que apresentou a Rangel Pestana aquelas que seriam responsáveis pelos trabalhos de organização das escolas-modelos da rede pública do Estado, criadas pela Reforma de 1890, a professora de pedagogia da Escola Americana, Miss Marcia P. Browne, e sua companheira de trabalho, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade¹⁰². Marcia Browne lecionava Pedagogia no curso Normal da Escola Americana e era antiga conhecida de Rangel Pestana. Maria Guilhermina era graduada pela Normal School of New York (HILSDORF, 1977).

Em trabalho recente, Chamon (2008), corrobora com as análises apontadas por Hilsdorf sobre Lane e as missionárias, dizendo:

Interlocutor dos liberais republicanos de São Paulo, foi Lane quem indicou Maria Guilhermina para trabalhar na Reforma da Instrução Pública paulista em 1890, ao lado de Miss Márcia Brown, educadora muito bem conceituada entre os presbiterianos. Aliás, Maria Guilhermina também gozava de um conceito elevado na visão do diretor da Escola Americana que se referiu a ela, junto a Caetano de Campos, como uma professora de competência sem igual no Brasil (p. 86).

Para Rangel Pestana, Lane e seus companheiros eram os protótipos dos modernos educadores e foram eles uma das fontes de inspiração e também um dos fatores de realização de seus projetos de melhoria do ensino paulista (HILSDORF, 1986, p. 209).

Warde (2004) corrobora com Hilsdorf ao afirmar que as lideranças educacionais paulistas utilizaram fartamente das experiências, dos conselhos e do apoio material dos dirigentes das escolas privadas, principalmente, de figuras como Horace Lane, diretor da

¹⁰² Para um estudo específico sobre a professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade consultar: CHAMON, Carla Simone. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade**: a trajetória profissional de uma educadora (1864-1914). Tese (Doutorado) – FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2005. CHAMON, Carla Simone. **A Trajetória profissional de uma educadora**: Maria Guilhermina Loureiro Andrade e a pedagogia norte-americana. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 73-99, Jan/Abr 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acessado em: 17 nov. 2014.

Escola Americana de São Paulo. Para ela, os missionários norte-americanos foram os mediadores dos padrões norte-americanos para o ensino público paulista. Para Lane, o modelo de educação imperial era arcaico e ultrapassado (LANE, 1907a).

A sua aproximação com os republicanos paulistas, também, vinha ao encontro dos seus próprios interesses educacionais, pois desejam disseminar os valores da cultura e pedagogia norte-americana, não apenas através da Escola Americana e do Mackenzie College, mas também através da sua participação como consultor educacional do governo. Esse papel lhe garantiu mais projeção e fortaleceu suas relações de poder. Por outro lado, sua participação na reforma do ensino paulista não apenas o projetou nos círculos republicanos, mas também projetava sua instituição de ensino, o Mackenzie College, e reforçava a representação sobre o modelo educacional norte-americano que circulava entre as elites paulistas.

Segundo Hilsdorf (2009):

Pestana e outros simpatizantes puseram em circulação representações sobre as escolas protestantes americanas que as constituíram como instituições modelares da pedagogia moderna, diferenciadas por um conjunto de práticas: Sentimento de liberdade de consciência, de crítica e de discussão. Noções de ordem e hierarquia, disciplina rígida e altas exigências éticas, baseadas na combinação de obediência e autogoverno, sem castigos físicos nem morais. Integração entre pensamento e ação. Atividades extraclasses: música, clubes literários e ligas de temperança. Organização seriada e progressiva e não seqüencial e linear dos estudos. Conteúdos literários e científicos, trabalho manual como treino para os estudos nos laboratórios, atletismo, educação física e ginástica sueca. Jardim de infância. Classes de ensino normal profissionalizante com fundamentação pedagógica em fisiologia e higiene escolar, ciências naturais, pedagogia e metodologia, filosofia intelectual e história da educação, e treino prático como regentes de classes (1885). Bibliografia estrangeira, ou produzida e adaptada pelos próprios professores. Ensino bíblico de fundo. Ensino misto, preparando as meninas para “ganhar a vida independentemente” como professoras e missionárias. No lugar da memorização, a utilização das “lições das coisas” e do método intuitivo, apoiado em laboratórios, coleções de espécimes, museus, mapas e cartazes escolares. Método sintético de leitura: palavras a partir das letras e sílabas. Caligrafia com modelos e cadernos americanos. Ensino regular e seriado em cursos diurnos e palestras de divulgação noturnas, abertas ao público em geral, como prática da educação popular. Emprego de professoras, inclusive para as matérias científicas, na figura exemplar da professora Marie Rennorte, que dava física, química e ciências naturais no Colégio Piracicabano (p. 201).

Rangel Pestana colocou em circulação as representações sobre as escolas protestantes americanas, apropriando-se delas como instituições modelares da pedagogia moderna.

Diante disso, J. V. Santos (2011) pontua que:

A proposta pedagógica que estava sendo instituída na instrução pública e que havia seduzido a todos aqueles que já tinham nutrido algum tipo de contato com ela, era aquela embasada nos pilares do método intuitivo que tinha como progenitores, educadores como Pestalozzi, Froebel. O método em questão largamente experimentado nas escolas públicas da América do Norte estava estabelecido em pilares como o ato da observação pormenorizada, do experimento prático, e da indução. Práticas essas que sugeriam desenvolver no aprendiz as devidas condições

cognitivas e motoras, competência para desenvolver a autonomia de pensamento e, consequentemente, habilitá-lo para o debate com os mestres e pares (p. 42).

No entender de Rangel Pestana, os professores que foram educados na ótica da escola imperial não teriam condições de ensinar os alunos (REIS FILHO, 1995). Trazer mestres estrangeiros seria uma possível solução para esse problema (CARVALHO, M. M. C., 1989). Porém, segundo essa autora, a importação de mestres especializados foi resolvida com a contratação de mestres já radicados no Brasil, mas formados nos Estados Unidos. É o caso, como já mencionamos, das professoras Miss Browne e Maria Guilhermina. Marta Carvalho (1989) ressalta que elas eram exímias na arte de ensinar, porém não tiveram bom êxito na exposição dos princípios que norteavam sua prática aos alunos da Escola Normal.

No dia marcado para o primeiro encontro, os alunos, reunidos numa das salas de aula, as esperavam com grande curiosidade. Depois do toque da sineta, as duas entraram, acompanhadas do Diretor, muito sorridente, a desfazerem-se em mesuras e cortesias. Feita a apresentação, o Dr. Campos retirou-se e D. Maria Guilhermina iniciou sua exposição inaugural. Estava visivelmente intimidada e, talvez por isso, não conseguiu dar a essa exposição a clareza que fora para desejar. Os ouvintes ansiavam por conhecer essas diretrizes na penumbra. Por muito bem informada que se revelasse em processos de ensino, parecia ser dessas pessoas que não sabem elevar-se da noção da árvore à noção da floresta: era dispersiva [...] Miss Browne foi mais feliz: não conhecendo bem a língua, ficou dispensada de falar e mal se aventurou a alguns monossílabos (RODRIGUES, J. L. apud CARVALHO, M. M. C., 1989, p. 31).

Por outro lado:

Miss Marcia Browne e mais quatro professoras, além do Dr. Horácio Lane, são nomeados para o serviço público do Estado de São Paulo por lei especial, para orientar o seu ensino primário e normal, sendo o Dr. Lane considerado Consultor educacional do Governo. É o modelo da escola Americana que dá origem ao conhecido “Grupo escolar” (AZEVEDO, 1960).

A projeção de Lane no ensino paulista como consultor educacional do Governo reforçou ainda mais as representações acerca da pedagogia norte-americana entre as elites paulistas. Sua ajuda não se deu apenas na segunda metade do século XIX, mas também no início do século XX¹⁰³. Horace Lane também dava suporte aos reformadores da educação pública paulista através da compra de móveis e de material pedagógico (HILSDORF, 1977). Os estudos recentes reforçam as ideias levantadas pela autora em 1977, dizendo que Lane e Marcia Browne foram importantes peças na busca pela modernidade educativa, encomendando material pedagógico e móveis dos Estados Unidos (ALCÂNTRA, 2014). Para

¹⁰³ No relatório de 1907 de Lane, encaminhado aos Trustees, ele afirma que havia sido chamado novamente para revisar os cursos de estudo. Em 1908, falando sobre as condições das escolas públicas no Brasil, afirmava que cada estado tinha seu próprio sistema. Porém, no Estado de São Paulo ele era responsável pela forma de organização, e que a educação pública na capital era uma cópia do modelo pedagógico norte-americano, ver: (LANE, 1907 e 1908). Centro Histórico Mackenzie.

a autora, a compra desse material representava o esforço do Estado em se apresentar como incentivador de uma modernidade educativa¹⁰⁴.

Outra figura de destaque na história da educação brasileira é Oscar Thompson. Lane mantinha relações de poder com Oscar Thompson e Carlos Reis. Podemos constatar isso no artigo¹⁰⁵ publicado na Revista de Ensino (1904) sobre a educação no Estado de São Paulo e do material que seria apresentado na Exposição Internacional de Saint Louis¹⁰⁶, intitulado A Educação Pública no Estado de São Paulo¹⁰⁷. Oscar Thompson era diretor da Escola Normal de São Paulo. Carlos Reis, professor titular da cadeira de língua portuguesa. Horace Lane, como sabemos, diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. Segundo Santos:

O professor Carlos Reis, outro representante na comissão, não é tão conhecido na atualidade, pois seus feitos não circularam tanto quanto os de Thompson. Também foi estudante na Escola Normal quando esta ainda estava instalada na Rua da Boa Morte, atuou como professor primário em escolas do interior no Estado de São Paulo. Obteve o bacharelado em direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco de 1879-1883, como o colega Oscar Thompson. Em 1885 Reis assumiu o posto de segundo delegado da cidade de São Paulo e em 1886 foi eleito vereador. Em 1887 assumiu a cadeira de Língua Portuguesa na Escola Normal e foi também o sócio fundador e primeiro secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, inclusive é a sua assinatura de secretário a qual encontramos no diploma de membro do Instituto Histórico e Geográfico de Horace Lane (2011, p. 84).

Thompson se afastou do cargo para participar da Exposição Internacional de Saint Louis. Retornou com a bagagem cheia de livros, equipamentos escolares e materiais para o preparo de professores. Permaneceu no cargo de diretor da Escola Normal até 1920 (WARDE, 2004).

¹⁰⁴ Segundo Alcântara (2014), Horace Lane e Marcia Browne atuaram como mediadores culturais, pois como estrangeiros residentes em São Paulo, envolvidos com a instrução no país de origem e no Brasil, serviram de intermediários entre fornecedores e o governo e que em viagem ao país de origem, fizeram aquisição de material para a escola pública paulista. ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios. **Por uma história econômica da escola:** a carteira escolar como vetor de relações (São Paulo, 1874-1914). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2014, 339p.

¹⁰⁵ Horace Lane era uma figura representativa nos círculos políticos e educacionais no Estado de São Paulo. No capítulo segundo, mostramos como os líderes da Igreja Presbiteriana norte-americana colocaram no relatório encaminhado à Assembleia o relato da sua morte. Várias deputados prestaram homenagem ao educador.

¹⁰⁶ Consultar: WARDE, Mirian Jorge. Oscar Thompson na Exposição de St. Louis (1904): an exhibit showing “machinery for making machines”. In: FREITAS, Marcos Cézar. Os Intelectuais na História da Infância. São Paulo: Cortez, 2002.

¹⁰⁷ Nos relatórios de Lane encaminhados aos Trustees vemos indícios do seu pensamento sobre a educação brasileira. Como não temos todos os relatórios desde a sua nomeação como diretor da Escola Americana e presidente do Mackenzie College, optamos por trazer para esta discussão um importante documento elaborado por Lane, Oscar Thompson e Carlos Reis, intitulado *Education in the State of São Paulo*. Este documento foi apresentado na Exposição de Saint Louis em 1904 e do ponto de vista da materialidade representa a visão que Lane e seus amigos republicanos nutriam acerca da educação. É válido lembrar que uma das representações trabalhadas na historiografia sobre Lane é que atuou como consultor do governo paulista na reforma da instrução pública. Neste sentido, o documento representa também a materialidade dessa ação educacional e política na instrução pública paulista.

Conforme J. V. Santos (2011):

Os republicanos paulistas, por meio dos seus representantes no Senado Estadual, apresentaram como imperativo organizar e enviar uma equipe que representasse a instrução pública paulista na Exposição Internacional de Saint Louis. Os senadores estaduais definiram e aprovaram uma verba em caráter extraordinário para tal fim como também o voto para a composição da comissão educacional para representar o Estado de São Paulo no campo educacional. Além de propor o envio de uma comitiva, agregaram a proposta de que os membros dessa própria comissão deveriam elaborar um relatório explicativo apresentando de maneira sucinta a condição a qual se encontrava a instrução pública na Província de São Paulo durante o período Imperial. Além disso, deveriam elucidar, e de maneira nada prolixa, as transformações progressistas sofridas por esse departamento após a proclamação da República e a atuação do regime republicano. Essa comitiva de caráter educacional foi constituída excepcionalmente para representar o Estado de São Paulo estando presente no evento a partir do segundo semestre de 1904. As pessoas nomeadas foram: Oscar Thompson, diretor da Escola Normal de São Paulo; Carlos Reis, professor titular da cadeira de Língua Portuguesa; e também Horace Lane, diretor da Escola Americana e consultor da instrução pública paulista. Um relatório foi preparado pelos três representantes no intuito de ser apresentado e distribuído no decorrer do evento para os participantes da Exposição (SANTOS, 2011, J. V., p. 81).

Como consultor educacional do governo, Lane estava inteirado dos assuntos relacionados ao ensino público paulista. A presença dele na Exposição de Saint Louis não apenas denotava sua participação na educação pública paulista, como consultor, mas também como um representante dos modelos educacionais desejados por uma parcela da elite republicana. Fontes documentais indicam que Lane dava informações sobre as condições do ensino dos Estados Unidos à Sociedade Beneficente do Professorado Paulista: “Os senhores deveriam ir aos Estados Unidos. Muitos dos problemas que dedicadamente estudam para resolver aqui, lá já se acham em completa execução” (REVISTA DE ENSINO, 1903, p. 193). Nessa mesma revista, o articulista dizia que a Exposição em Saint Louis era o mais importante evento e que seria capaz de recuperar o patriotismo brasileiro.

O documento intitulado *Education in the State of São Paulo*, permite-nos perceber a visão que Lane tinha sobre a educação, juntamente com Oscar Thompson e Carlos Reis. Nele, os três representantes do Brasil mostram internacionalmente o que estava sendo realizado no campo educacional brasileiro a respeito da educação pública paulista.

O documento apresentado na Exposição de Saint Louis possui 64 páginas, e a capa registra os nomes dos três representantes do Brasil supracitados. Nele percebemos as representações que seus atores construíram acerca da instrução pública paulista. Encontramos no documento várias fotos: Dr. Antonio Caetano de Campos, Dr. Cesário Mota, de Miss. Marcia P. Browne, vários grupos escolares, a Biblioteca Pública, o Museu Paulista e o Mackenzie College.

O documento é construído por tópicos que mostram a organização escolar brasileira: Curso Preliminar, Escola Complementar, Escola Normal e Educação Secundária. É também constituído de tópicos que tratam da metodologia, publicações sobre questões educacionais, supervisão das escolas, Educação Superior, Educação Profissional Agrícola, estatísticas escolares. Embora trate da escola pública paulista, o documento também trouxe informações sobre o Mackenzie College e a Escola Americana, instituições protestantes, dirigidas por Horace Lane. Com isso, podemos entender que ele dava a essa instituição visibilidade internacional, além de mostrar que elas estavam de certa forma aliadas às propostas republicanas do Estado de São Paulo. Outras escolas privadas também tiveram espaço, foram as escolas confessionais católicas. Além disso, mostra que a maçonaria deu suporte para a educação paulista com a criação das escolas noturnas¹⁰⁸.

Vejamos as palavras introdutórias do documento:

Dos 20 estados federados de que se compõe à República dos Estados Unidos do Brasil, São Paulo, situado na região meridional do Brasil, sendo geralmente salubre e dotado de ameníssimo clima. Devido ao espírito adiantado e empreendedor dos seus habitantes, tem o Estado de São Paulo muito prosperado nestes últimos tempos, sendo notável o seu progresso na agricultura, indústria, comércio, artes, letras, etc. No que respeita a educação popular, objetivo deste memorial, tem o Estado de São Paulo trabalhado esforçadamente no empenho de difundir largamente a instrução e de estabelecer a melhor e mais conveniente organização, pelo que conquistou honrosa posição entre os outros estados da federação brasileira, sustentando competência com aqueles que mais adiantados se acham. A instrução pública em São Paulo foi sempre objeto de zelo e solitude dos poderes públicos, mas só a partir de 1890 é que teve eficaz desenvolvimento. Proclamada a república no Brasil, a 15 de Novembro de 1889, a então província de São Paulo passou, com a denominação de estado federado, a ser dirigida, a princípio por um governador trino provisório, e depois por um governador, sendo escolhido para este posto o eminente estadista Dr. Prudente de Moraes, cujo nome será sempre lembrado com amor e gratidão. Reconhecendo ele que de todos os fatores do progresso e da civilização o mais vital e poderoso é a educação popular, aplicou os seus primeiros cuidados à reforma da escola normal e à criação das escolas-modelos, ponto de partida para os mais elevados cometimentos. Para dirigir aquela e organizar estas, chamou o emérito educacionista Dr. Antonio Caetano de Campos, de pranteada e inolvidável memória. O decreto governamental de 12 de Março de 1890 foi a base da larga e pujante organização do ensino popular que se acha estabelecida em São Paulo (LANE, THOMPSON, REIS, 1903, p. 3-5).

Os representantes na Exposição de Saint Louis: Carlos Reis, Oscar Thompson e Horace Lane relembram a importância do Estado de São Paulo sobre os demais estados do Brasil e as iniciativas republicanas a respeito da instrução pública. Relembram que para

¹⁰⁸ Para um melhor aprofundamento sobre a Maçonaria e educação, consultar: MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. **A socialização da força de trabalho: instrução popular e qualificação profissional no estado de São Paulo (1873-1934)**. Bragança Paulista: EDUSP, 2003, 490p. SILVA, Ivanilson B. da. Apontamentos sobre maçonaria, abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. **HISTEDBR on line**, 27 (2007): 95-111. SILVA, Vanderlei da. **A participação da Loja Maçônica Perseverança III na educação escolar em Sorocaba: do final do segundo reinado ao final da primeira república**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba, 2009, 108p.

Prudente de Moraes, o principal fator para o progresso e a civilização de uma nação era a educação¹⁰⁹. Entre as intenções, estava a de apresentar um Estado em pleno desenvolvimento e progresso nas indústrias, agricultura, na educação e no comércio.

Segundo eles, no regime monárquico a instrução pública na Província estava em deplorável estado de abatimento. Porém, somente o período de 1893 a 1895, sob a poderosa vontade, sábia orientação e ilimitada dedicação do preclaro cidadão Dr. Cesário Motta Júnior, que se obteve o mais forte impulso dado à educação popular, do qual se produziram os brilhantes resultados que colhiam naquele momento. Ou seja, eles deixam claro para seus interlocutores, que a educação no Brasil só teve significava melhoria com o advento da República, pois antes permanecia em estado deplorável. Vemos da parte dele, a construção da representação de que o ensino público no período monárquico era deplorável e que no período republicano, ou seja, período em que atuaram como reformadores do ensino público paulista, foi vivenciada a melhoria na instrução pública paulista.

No documento, constroem a seguinte representação de Cesário Mota:

Perfeito homem de governo e verdadeiro democrata, Cesário Motta levantou escolas por toda a parte, tornando-as prazenteiros templos da formosa infância, dignificou o professorado, prestigiando-o e erguendo-o à altura da sua nobre missão, associou-se às festas escolares, rejubilando com as crenças nos seus folguedos infantis. Por isso, Cesário Motta revive em cada escola, em cada professor, em cada aluno, em cada cidadão instruído do Estado de São Paulo; por isso, o seu nome se perpetuará aureolado de glória na história da instrução paulista (LANE, THOMPSON, REIS, 1903, p. 7).

Os três representantes na Exposição de Saint Louis relembram os benefícios realizados por Cesário Mota em relação à educação, professores, alunos e cidadãos paulistas, destacando a construção de escolas por toda a parte, que para eles eram o símbolos de templos da formosa infância.

Souza (1998) ao analisar as construções das escolas públicas paulistas destaca a importância dessas construções como elemento representativo. Para ela:

Os grupos escolares foram os estabelecimentos de ensino dessa conformação da escola como lugar. Uma arquitetura escolar pública começou a ser gestada nessa época aliando a configuração do espaço às concepções pedagógicas e às finalidades atribuídas à escola primária. Dessa forma, os edifícios dos primeiros grupos escolares puderam sintetizar todo o projeto político atribuído à educação popular: convencer, educar, dar-se a ver! O edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente. Na arquitetura escolar

¹⁰⁹ Vale lembrar que Marta Carvalho (1989), ao analisar a educação no período republicano, acentua que o projeto político e educacional republicano era autoritário, pois educar era uma obra de moldagem de um povo, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto-investia como elite e com autoridade para promovê-los.

encontram-se inscritas, portanto, dimensões simbólicas e pedagógicas. O espaço escolar passa a exercer uma ação educativa dentro e fora do seus contornos [...] Por entre as salas de aula, corredores, pátios e jardins a criança incorpora uma ética e uma corporeidade inscritas no espaço escolar (p. 123).

Os expositores em Saint Louis afirmavam que existiam 3320 escolas preliminares para ambos os sexos, sendo 1852 para o masculino, 8 para o feminino e 120 de ensino misto. Destas, 2504 estavam sob a responsabilidade do Estado e 816 eram mantidas pelos municípios em que estavam situadas. A matrícula nessas escolas totalizava 37.960 alunos. Diziam que existia também na capital do Estado um Jardim de Infância, instalado em 18 de maio de 1896, destinado ao ensino infantil pelo sistema froebeliano. Tinha uma frequência de 180 a 200 crianças, sendo o ensino dividido em três períodos e ministrado em quatro classes formadas por crianças de ambos os sexos.

Sobre o Grupo Escolar, Lane, Thompson e Reis afirmavam que existiam 58 grupos escolares, sendo 8 na capital e 50 no interior. Os grupos escolares existentes, constituídos pela reunião de escolas das respectivas localidades, tendo, em regra, cinco classes para cada sexo, correspondiam a mais de 580 escolas preliminares, totalizando 39110 alunos matriculados nesses estabelecimentos de ensino.

Ao encerrar o capítulo relativo à instrução pública do estado de São Paulo, eles relembram o trabalho de Miss Marcia P. Browne:

Cumprir lembrar o nome da operosa colaboradora da grande obra de Caetano de Campos, da ilustre educadora norte-americana Miss Marcia P. Browne e consignar-lhe aqui um voto de muita gratidão, um preito de justa homenagem, pelo seu benéfico concurso e dedicados esforços em prol do ensino primário de S. Paulo. Os métodos e processos de ensino adotados nas escolas preliminares, grupos escolares e escolas-modelo são os que ela pôs em prática, primeiro na escola-modelo que tem o nome daquele saudoso mestre, e depois na escola “Prudente de Moraes”, de que foi a organizadora. Honra, pois, a Miss Marcia Browne (LANE, THOMPSON, REIS, 1903, p. 16).

Eles não deixam de mostrar a participação norte-americana na instrução pública paulista. Sabemos muito bem que Lane estava por trás dessas iniciativas educacionais e não deixaria de apresentar em território americano sua participação nas transformações educacionais que o ensino paulista experimentou naquela época. O que reforçava a representação e as práticas experimentadas pelas escolas públicas paulistas que fora influenciada pelo modelo educacional norte-americano.

Sobre a gestão da instrução pública em São Paulo, eles afirmavam que tinha o padrão dos Estados Unidos: “Todas as instituições públicas de aprendizagem estão completamente mobiliadas com os melhores móveis escolares e materiais disponíveis nos mais avançados países do mundo, mas principalmente nos Estados Unidos da América” (THOMPSON:

LANE: REIS, 1903, p.8). Eles reforçam as práticas e representações que foram apropriadas do modelo norte-americano nas escolas públicas paulistas. Na documento, ainda, eles afirmam: “Os Inspectores escolares são bem pagos e completamente independentes de influências externas na realização de seu trabalho” (LANE, THOMPSON, REIS, 1903, p. 26). Em documento posterior, encaminhado aos Trustees, Lane vai criticar a atuação dos inspectores de ensino, dizendo que esses pareciam “animais de estimação” dos políticos (LANE, 1911a).

Sobre o material escolar, os representantes na Exposição de Saint Louis afirmavam que:

Todos os estabelecimentos de ensino são dotados dos melhores móveis e modelos de material escolar conhecidos e adotados nas nações cultas, notadamente na América do Norte. A observação e o especial cultivo pedagógico dos professores paulistas têm sido introduzir diversas modificações nesse material, já no sentido de melhorá-lo, já no de adaptá-lo às condições peculiares do ensino no Estado. Atualmente, quase que se não procura fora do Estado o material técnico necessário às escolas; pois os móveis, livros e objetos didáticos, museus escolares, modelos e aparelhos para o ensino são aqui com vantagem fabricados e produzidos. Os edifícios escolares são construídos de acordo com os mais modernos preceitos da higiene e da pedagogia (LANE, THOMPSON, REIS, 1903, p.24).

Os representantes na Exposição de Saint Louis deixam bem claro que a escola pública paulista se apropriou do modelo escolar e pedagógico norte-americano. Ao relembrar isso, eles reforçavam a representação na Exposição que o Brasil seguia o modelo pedagógico norte-americano e de certa forma reforçava o papel de Lane como o consultor da educação pública paulista. Eles afirmam:

O ensino nas escolas de São Paulo é ministrado segundo os processos intuitivos. As lições são empíricas e concretas e encaminhadas de modo que as faculdades dos alunos sejam provocadas a desenvolvimento gradual e harmônico. Principalmente, a faculdade de observação é a que os professores paulistas, de acordo com a pedagogia moderna, mais procuram desenvolver, fazendo os alunos adquirirem pela intuição o conhecimento direto e imediato das coisas. Assim, pelo processo intuitivo é que se inicia a criança no estudo da linguagem, da geografia, da história, da aritmética, das ciências naturais, de todas as disciplinas, enfim, que constituem o programa do ensino primário (LANE, THOMPSON, REIS, 1903, p. 25).

É interessante que em nenhum momento, eles pontuavam crítica ao governo republicano. Porém, como vimos, Lane nos relatórios aos Trustees tem uma postura bem diferente da adotada na Exposição de Saint Louis. Sobre as escolas particulares, eles afirmavam que existiam várias instituições de ensino particulares. Eles destacam as principais, entre elas o Mackenzie College. Eles apresentam um retrospecto histórico do Mackenzie, desde sua origem até a criação da Faculdade, além dos investimentos efetuados por John Mackenzie. Naquela ocasião, a Escola Americana oferecia Escola Primária, intermediária e secundária. Tinha 624 alunos matriculados.

A participação de Thompson, Lane e Reis na Exposição de Saint Louis permitiu dar visibilidade às iniciativas republicanas em relação à educação pública paulista, permitindo que circulassem práticas, representações e apropriações dos modelos pedagógicos norte-americanos em terras brasileiras e norte-americanas, reforçando o estado de São Paulo como um dos mais evoluídos no campo educacional brasileiro. Acreditamos que Lane teve papel importante nessa Exposição, pois como norte-americano tinha as credências necessárias para conduzir, mediar e ser o interlocutor das duas nações: a brasileira e a norte-americana. Provavelmente, tenha sido o principal interlocutor na Exposição de Saint Louis e responsável por influenciar as reformas públicas do ensino paulista. Eles tomaram para si a tarefa de divulgar as práticas pedagógicas e as ações republicanas em relação ao ensino público paulista.

Segundo Marta Carvalho (1998a),

Assíduos viajantes, leitores ávidos, os intelectuais que de algum modo tomaram a si a tarefa de remodelar o imaginário e as práticas pedagógicas no país são personagens-chave na elucidação dos processos materiais de produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos no Brasil. Em um período histórico em que, no país as iniciativas editoriais são escassas, dispersas, descontínuas e, na maior parte dos casos, voluntaristas, a intervenção desses intelectuais não pode ser subestimada. Os crivos que configuram a apropriação que fizeram do que leram, viram, ouviram e vivenciaram na sua privilegiada itinerância por circuitos culturais estranhos à grande maioria das populações brasileiras, foi determinante na configuração de suas estratégias de imposição de modelos pedagógicos (p. 40).

O pensamento da autora é elucidativo no que diz respeito à circularidade dos modelos pedagógicos. Corroborando com o pensamento da autora, podemos perceber que Lane não somente fez circular o modelo pedagógico norte-americano em terras brasileiras, mas contribuiu para que esse modelo fosse apropriado pelas escolas públicas paulistas. Não faltaram vozes no círculo de relacionamentos pessoais e políticos que construíram representações em torno desse modelo, mostrando que ele era importante para a implantação dos ideais republicanos em relação à educação brasileira.

Segundo Warde (2003):

Oscar Thompson foi o primeiro herdeiro imediato dos primeiros reformadores republicanos. Herdou e intensificou as relações com Horace Lane, que manteve vivo o diálogo da escola pública paulista com a experiência pedagógica presbiteriana, além disso, abriu canais diretos de comunicação de Thompson com os Estados Unidos, tanto em Nova York como em Massachusetts, o que teria facilitado viagens do próprio Thompson como de outros professores do ensino público paulista (p. 152).

Porém, não faltaram críticas às iniciativas de Oscar Thompson e Lane:

As críticas, entretanto não ficavam apenas nisso, pois no número seguinte da Revista apareceu o terceiro editorial com o mesmo título e que retomou o problema propondo-se a examiná-lo a partir dos três aspectos que se consideravam essenciais no complexo domínio da educação: os programas de ensino, os métodos de ensino e

as aptidões das crianças. Antes de passar a pronunciar-se sobre cada um desses aspectos, o editorialista observava: [...] a própria Inspetoria da Instrução, a terceira das autoridades que, na hierarquia administrativa, superintendem os negócios do ensino- viu que o Dr. Lane e o Dr. Oscar Thompson andaram mal na redação de semelhante programa, agindo impensadamente, ou antes, precipitadamente, sem a reflexão necessária em um trabalho tão sério e de subida indiscutível importância (CATANI, 1989, p. 150).

Pelo que vemos, Lane não apenas enfrentou as disputas no campo educacional presbiteriano, mas também no campo educacional paulista. Embora mantendo relações de poder com Oscar Thompson, suas iniciativas em relação ao ensino público paulistas foram criticadas como acentua Catani (1989). Nessa linha de pensamento, José V. Santos (2011) afirma, entre outras coisas, que Augusto Ribeiro de Carvalho, redator e secretário da Revista de Ensino foi talvez o articulista com maior ímpeto a criticar a dupla Thompson e Lane. Além disso, José Santos (2011) acentua que aos poucos o nome de Lane some das páginas da Revista de Ensino (1910), o que talvez explique a razão pela qual seu nome também desaparece nesse período das questões relacionadas ao ensino público paulista, ou ainda, enfrentar mais uma demanda em torno da educação poderia ser uma propaganda negativa para seu nome e as instituições que estavam sob sua responsabilidade.

Para Hilsdorf (2003),

A proposta republicana partilhava, com as demais, certas tendências da época: ser oferta antecipatória, na medida em que a escola era pensada como uma parte da totalidade, de um projeto político que se antecipava às reivindicações de outros setores da sociedade; ser dualista, pois embora fosse preciso oferecer ensino a toda a sociedade, não se tratava de oferecer todo o ensino para toda a sociedade; ser preocupada com a extensão da escola elementar, reivindicando a alfabetização das massas. Assim, o projeto republicano pensa e oferece a escola nos moldes dos cafeicultores, antes que outras diferentes camadas sociais a reivindicassem nos seus próprios moldes; propõe ensino elementar e profissional para as massas e educação científica para as elites “condutoras do processo” e reivindicava ampla educação popular (p. 63).

Porém, ao fazer o cruzamento das fontes: documento apresentado na Exposição de Saint Louis com os relatórios encaminhados aos Trustees, vemos uma posição diferente de Lane em relação ao governo brasileiro. Lane, de certa forma, percebia os esforços dos seus companheiros republicanos na questão educacional e expôs em território americano um visão de como estava a educação no Brasil. Porém, se seguirmos a sua visão sobre a educação do Brasil, após a Exposição de Saint Louis, veremos uma percepção diferente daquela apresentada em solo norte-americano.

No relatório de 1907, Lane não menciona nada acerca da educação pública. Porém, em 1908, dizia aos Trustees que São Paulo era a “Meca” para qual educadores de outros estados se voltavam em busca de inspiração e informação. Nesse ano, segundo Lane, havia

um crescimento saudável do sistema de Escolas Públicas e da educação Normal, assim, como no Ensino Superior. Relata que dois superintendentes do Estado foram aos Estados Unidos e voltaram fascinados pelo modelo educacional norte-americano.

Em 1909, Lane em breves palavras afirma que cada estado brasileiro tinha seu próprio sistema educacional, e que no estado de São Paulo, ele tinha sido responsável pela organização. No mesmo relatório, ao falar sobre o Ginásio Nacional, afirma que sob as leis da República, o ensino superior estava sob o controle do Governo Federal e que os jovens formados pelo Ginásio Nacional entravam nas escolas profissionais sem exame. As escolas privadas, aprovadas pelo governo, eram submetidas à inspeção e controle do Governo Federal, que mantinha um inspetor residente, com salário de 300\$000 por mês.

Relembra os Trustees que a lei brasileira proibia o ensino de religião, mas que um secretário da Justiça subserviente, sob pressão do Cardeal, decidiu que as escolas privadas podiam ensinar religião se elas não transgredissem os cursos regulares. Para ele, isso era uma clara evidência da evasão da lei pelos interesses de Roma.

No relatório de 1911, informa os Trustees a respeito daquilo que ele chama de “rápida e completa revolução no sistema educacional do país”:

O assunto que nos toca mais de perto e que vai interessar mais a vocês é a revolução súbita e completa no sistema educacional do país. Para entender melhor vou aventurar-me em fazer um breve esboço histórico das escolas sob o antigo regime. Sob o Império, a educação era controlada pelo governo central; embora fosse permitido às Províncias gerenciar as escolas primárias e estritamente em alguns casos, as escolas normais e liceus. Havia duas escolas de medicina, uma na Bahia e uma no Rio; duas escolas de direito, uma no Rio e uma em Ouro Preto. Os seminários teológicos com suas escolas preparatórias, ao passo que o apoio do governo geral, estava sob o controle da Igreja de Roma, assim como as escolas das ordens religiosas. O ensino primário sob o Império era uma farsa e resultou em 1857 em analfabetismo. No advento da República a Igreja foi separada do Estado e suas escolas foram deixados sem apoio. As seis escolas profissionais já mencionados continuaram com pouca mudança e sob o controle direto do governo federal; mas foram autorizadas a criação de escolas profissionais de empresas privadas em condições especiais de fiscalização do Governo, de modo que um grande número de escolas técnicas surgiram nos diferentes estados.

Nos termos da Constituição Federal todo o ensino superior estava sob controle direto do governo central. O "Colégio de Pedro Segundo", que sob o império era a única instituição do país que concedia o grau de Bacharel em Artes, na República, foi mudado para "Ginásio Nacional" com um curso de seis anos, equivalente ao estudo desenvolvido até o quarto ano das escolas secundárias americanas, abordando a maior parte das matérias da Escola Superior e conferindo o grau de Bacharel em Ciências e Letras. A lei permitiu a abertura de um número ilimitado de escolas particulares que, em condições especiais tornou-se "Equiparados" ou "igualadas" ao Ginásio Nacional, com o privilégio de conceder diplomas e certificados, que isentam os alunos da prestação de exame para entrarem nas escolas profissionais. Uma das condições que estas escolas devem atender era um depósito de Rs.50:000\$000 ou a hipoteca de uma propriedade nesse valor em nome do governo para ficarem sob o controle e inspeção deste. Uma outra condição é o pagamento do salário mensal de Rs.300\$000 por mês para o inspetor indicado pelo governo federal. Uma terceira condição exigia que a escola tivesse laboratórios, recursos materiais e pelo menos

60 alunos matriculados. As principais condições eram facilmente evitadas, mas eram obrigatórias. O inspetor era geralmente um “animal de estimação” do político. Representante direto do Governo Central que possuía “o poder de irritação ilimitado” (LANE, 1911a).

Tratava-se da Lei Rivadávia Correa. Segundo Marlos B. M. Rocha (2012), além de expressar as regulamentações de ensino, a lei expressava um liberalismo do “livre ensino”, que dificultava o surgimento histórico do direito social à educação em sentido moderno. Ela expressava também a desoficialização do ensino público, favoreceu a expansão de escolas públicas e o fim das regulamentações profissionais.

Sobre a questão da estrutura da administração do ensino público no Império, Souza (1998) esclarece:

Havia um inspetor geral da Instrução Pública e a fiscalização do ensino era exercida pelas municipalidades que forneciam o atestado de frequência aos professores. Por meio de relatórios encaminhados pelos professores diretamente ao inspetor geral, este tomava conhecimento do andamento do ensino, das queixas e dos problemas dos professores públicos (SOUZA 1998, p. 83).

Para ela a estrutura era bem simplificada, enquanto na República estabeleceram novos órgãos administrativos e técnicos para o ensino público: Diretoria Geral de Instrução Pública, Conselho Superior e inspetores de distrito. Lane dizia que tais inspetores eram “animais de estimação” do Governo, ou seja, eram nomeadas pessoas que tinham certo favoritismo.

Ele continua seu relatório, dizendo:

O sistema degenerou em especulação e centenas desses ginásios foram abertos em todo o país. O curso de estudos foi organizado por um “positivista” seguidor de Auguste Comte e era uma confusão; mas, pior que tenha sido, não foi honestamente realizado. Diplomas foram emitidos mediante a prestação de exames. Mesmo os estudantes que realizaram todo o curso de forma honesta e fez todo o trabalho, tinham que pagar 15 contos para ingressarem.

Esse sistema educacional tornou-se tão corrupto e tão escandalosamente fora da lei que o Governo aboliu com um simples decreto, proibindo a expedição de Diplomas e a permissão de cada escola profissional organizar seus próprios exames de ingresso. Os Estados Ginásios estão reorganizando seus cursos de estudo, assim como também os das grandes Ordens Religiosas - todas estas escolas perderam alunos, com a implantação do sistema educacional que no momento foi extinto e algumas escolas chegaram a fechar suas portas. Este sistema corrupto envolveu toda a assim chamada “Educação Superior” do Brasil, exceto algumas escolas alemãs no Sul e o Mackenzie College. As Escolas da Missão Protestante Metodista, Batista, e presbiterianas do Sul dos Estados Unidos, à custa de despesas onerosas, sacrifício de parte de sua Independência e de princípios, entraram para o grupo de “escolas equiparadas”, para poderem emitir diplomas e ter seus alunos dispensados dos exames, porém foram abandonadas pelo governo “no frio” e em “má companhia”. Muitos alunos protestantes dessas escolas estão buscando Mackenzie (LANE, 1911a – tradução nossa).

Para Laguna (1999), Lane fez uma crítica ao governo brasileiro por retirar o apoio às escolas particulares que aceitaram as condições impostas para se equipararem aos Ginásios Nacionais e terem seu funcionamento autorizado legalmente. Em relatório de 1908, percebe-

se que Lane não havia aceitado a equiparação de cursos, como fizeram as demais escolas particulares, pois afirma que a sua Instituição de Ensino Superior era a única, dentre as protestantes ou católicas romanas, em todo o Brasil, totalmente independente da supervisão ou patronado do governo (LANE, 1908a). Em 1909, foi indagado a respeito da razão pela qual não havia feito a equiparação. Respondeu, dizendo que essa sua posição poderia ser reconsiderada no momento em que os cursos do governo e a administração do Ginásio se tornassem razoáveis, de modo a permitirem a execução honesta da lei, e no momento em que toda essa questão ficasse fora do círculo dos “políticos corruptos”, de maneira que uma instituição como a que ele administrava pudesse trabalhar em conjunto com a instituição governamental sem risco de perder a dignidade e o respeito próprio (LANE, 1909a).

Em 1910, sua posição ainda é mais contundente, quando afirma: “Estamos convictos de que uma instituição protestante não pode aceitar as condições que conferem os privilégios (desejados) ou submeter-se à inspeção do governo sem ficar desacreditada” (LANE, 1910a).

Em 1911, Lane afirma que:

A educação primária e Escolas Normais do país estão nas mãos dos Estados e o acompanhamento e desenvolvimento delas variam em cada um dos estados. A educação primária e as Escolas Normais em São Paulo foram organizadas por nós, nos primórdios da República, seguindo o plano geral das escolas públicas de St. Louis, Missouri. O primeiro Jardim de infância (Kindergarten) foi organizado por um ex-aluno da falecida Miss Phebe Thomas. Muitos dos nossos melhores professores foram emprestados para as escolas públicas. Miss Marcia P. Brown, nossa professora de métodos na Escola Americana, foi transferida para o Governo do Estado e organizou o sistema de ensino normal e de treinamento que o Estado de São Paulo possui hoje. Outros Estados apresentaram pedidos de professores S. Paulo para reorganizarem suas escolas públicas: Santa Catharina, Sergipe e Mato Grosso estão no seguindo as diretrizes educacionais de S. Paulo. No ano passado, estes estados votaram o equivalente a três milhões de dólares para a construção de edifícios escolares públicos. Encontramos escolas primárias em todo os Estados e existem quatro escolas normais. O percentual de analfabetismo diminuiu bastante no Estado de São Paulo, como também nos estados mais prósperos da União. Nos estados do Norte e Centro, a educação é atrasada. Mas o espírito que favorece a educação está se espalhando rapidamente. O fechamento de muitas das chamadas Escolas de ensino médio, e a retirada de todos os privilégios especiais das que permaneceram enviou-nos dezenas de estudantes de todo o país e criou uma verdadeira crise na instituição. Nós não atrevemos recusar estes alunos, a “flor da nação”, e fazer todo o nosso dever (1911a – tradução nossa).

Tais medidas, segundo Lane, afetaram a vida de muitas escolas. Algumas fecharam, outras experimentaram o esvaziamento da parte do seu alunado. Diante da crise, Lane afirmava que não recusaria receber os alunos oriundos dessas instituições. Relembra aos Trustees que a educação pública paulista foi influenciada pelo modelo pedagógico da Escola

Americana e que outros estados solicitavam o apoio na reorganização dos sistema educacional público, tais como: Santa Catarina, Sergipe e Mato Grosso ¹¹⁰.

Lane estava atento às mudanças na legislação educacional do seu tempo. Além disso, deixava sempre claro que os problemas educacionais do Brasil eram oriundos do antigo Regime político, a Monarquia. Esse período foi marcado, na sua visão, por muito jogo de interesses e favoritismo à educação católica. Mesmo na época da República, percebia que pessoas eram nomeadas segundo os interesses dos líderes políticos, e que a política brasileira era manchada por muitos “políticos corruptos”. Isso afetava diretamente a vida educacional no país, pois havia preferências, clientelismo e patronado.

Por outro lado, legítima a representação de que a escola pública paulista recebeu a influência do modelo pedagógico da Escola Americana, mostrando para os Trustees a influência do seu trabalho.

1.2.4 Discurso sobre a catequese indígena

Iniciamos este trabalho no capítulo primeiro, trazendo o livro de Leolinda de Figueiredo Daltro sobre a catequese dos Índios no Brasil. Ela construiu em seu livro representações raras acerca de Horace Lane que não encontramos na historiografia protestante, tais como: homem do bem, da justiça, apóstolo do bem. Além de mostrar através das cartas dos seus filhos um Lane pouco conhecido, ou seja, um homem que procurava alegrar os filhos da missionária durante o tempo de atuação dela em Goiás. Vimos também, que a referida missionária em seu trabalho de evangelização dos índios Xerentes contou com o apoio moral, pedagógico, político e financeiro de Horace Lane. O que levava Lane apoiar o projeto de Leolinda Daltro?

Para responder a questão, cremos ser importante analisar a produção historiográfica a respeito de Leolinda Daltro. Nos estudos sobre Leolinda Daltro, há quem defenda que eles não tiveram “nenhum relacionamento” (ROCHA, E. P., 2002). Em contrapartida, M. Corrêa (1989), Grigório (2012) e Cunha (2014) pontuam que o Diretor da Escola Americana e do

¹¹⁰ Não nos foi possível localizar o Plano Geral das Escolas Públicas de St. Louis, Missouri, citado por Horace Lane. Porém tudo leva a crer que Lane faz uma retrospectiva da sua participação nas reformas públicas paulistas nos primeiros anos da República. Ele indicou Miss Browne e Maria Guilhermina L. Andrade para contribuir do ponto de vista pedagógico na reforma educacional iniciada nos em 1890 por Antônio Caetano de Campos, diretor da Escola Normal de São Paulo. Ajudou também a organizar as Escolas Modelo Caetano de Campos, Luz e do Carmo. Consultar: SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Ed. Unesp, 1998.

Mackenzie College foi o principal mentor e patrocinador do propósito de Leolinda de catequizar os índios no vale entre os rios Araguaia e Tocantins (1897-1900).

Uma possibilidade de compreender o apoio de Lane pode estar na resistência que o próprio catolicismo tinha ao trabalho catequético da missionária. A historiografia atualmente mostra que ela recebeu crítica e oposição de grupos católicos que estavam na região de Goiás:

Mas é impedida de realizar sua missão pelos missionários católicos que atuavam entre os índios, movidos pelo medo de que sua atuação se apresentasse mais eficaz do que a empreendida por eles, já que ao invés tratarem da civilização dos mesmos mantinha-os em “completo servilismo” procurando levar suas riquezas. A viagem se torna então um roteiro de perseguição e fuga através dos sertões de Goiás, já que ao perceberem que nada a faria desistir de seu intento, esses religiosos resolveram recorrer à única solução que podia colocar um ponto final à empreitada da professora: dar fim à sua vida. Mesmo correndo risco ela não desiste de seu intento e com a ajuda de diversos amigos e aliados, consegue escapar às investidas de seus inimigos. A decisão de pedir auxílio ao governo federal para a implantação de uma colônia indígena às margens do rio Araguaia e seu retorno ao Rio de Janeiro marcam o fim da sua viagem a Goiás (GRIGÓRIO, 2012, p. 86).

Para a autora, a presença de Leolinda nos sertões representava para os padres uma concorrência e uma afronta. Ela afirma:

Além disso, a expedição da professora Leolinda Daltro se deu num momento em que a Igreja Católica em Goiás estava vivenciando conflitos políticos e ideológicos com o governo estadual comandado pela oligarquia dos Bulhões, opositores ferrenhos do projeto romanizador do novo Bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte Silva, que assumiu o comando da Diocese, em 1891. Necessitando de apoio e financiamento de autoridades nativas para a implantação de uma colônia indígena na região e de seu projeto de catequese, já que não contava com apoio do Governo Federal, Leolinda Daltro estabeleceu alianças vinculadas ao partido liberal em Goiás. Neste sentido, o apoio recebido de lideranças que estavam em conflito direto com os padres significou também seu envolvimento com a política regional (GRIGÓRIO, 2012, p. 88).

Tomando por base os apontamentos da autora, podemos pensar que esse era um dos aspectos que ligava Horace Lane a Leolinda Daltro. Lane sempre teceu críticas ao catolicismo e à sua proposta educacional. Além desse aspecto, acreditamos que existiam outros elementos de aproximação entre Lane e a missionária católica Leolinda Daltro dentro da perspectiva teórica traçada por Bastian (1990; 1994) a respeito da “sociedade de ideias”.

Lane, como educador, valorizava a educação como meio de transformação da sociedade. Tudo indica que Lane não somente ofereceu apoio financeiro a Leolinda, mas também suporte através de material didático (DALTRO, 1920; GRIGÓRIO, 2012; CUNHA 2014). Ou seja, através da catequista, ele estrategicamente, fazia circular o modelo pedagógico norte-americano em terras indígenas. Como estrategista, missionário e educador, amparou pedagógica e financeiramente o trabalho da missionária com o objetivo de divulgar os valores da cultura norte-americana.

Outra possibilidade é pensar na obra de evangelização da Igreja Presbiteriana norte-americana, pois conforme artigo publicado na *The Missionary Review of the World* de 1898 temos dois artigos de Horace Lane sobre os índios e a evangelização.¹¹¹ No primeiro artigo, temos as seguintes palavras:

Em um sentido muito restrito a evangelização do Brasil só pode ter significado quando se pregar o Evangelho a um milhão de índios que podem ser encontrados nas florestas e nas planícies deste vasto país, que nunca ouviram falar do Evangelho, ou do manso chamado. São índios que vivem ao longo dos grandes cursos de água, são ignorantes da verdade cristã, embora catequizados em algumas de suas formas. Estes povos dispersos falam uma confusa variedade de dialetos, provenientes das oito principais línguas indianas, teria de adquirir um conhecimento de línguas indígenas, antes que lhes pudessem ser contada a história. Os irmãos Von den Steinen passaram a melhor parte de dois anos, com uma expedição bem equipada, adquirindo um imperfeito conhecimento de uma pequena região do Xingú, alcançando algumas pequenas tribos, até então desconhecidas. Nos estados populosos ao longo da costa existem ainda vastas áreas do país inexplorado, enquanto o grande planalto central é praticamente uma terra incógnita (THE MISSIONARY REVIEW, 1898, p. 55 – tradução nossa).

Ele reconhecia que alguns haviam sido catequizados, mas a maioria permanecia na ignorância em relação ao “verdadeiro evangelho”. O artigo de Lane circulava em periódico norte-americano. Qual seria a razão de Lane escrever sobre os índios para os presbiterianos norte-americanos? Seria com o objetivo de arrecadar fundos para ajudar Leolinda Daltro ou obter apoio para seus projetos educacionais? Não é possível saber ao certo as reais intenções de Lane. Se os índios estavam na pauta da sua obra missionária ou se ele também tinha intenção de catequizá-los. Nesse sentido, apoiar as ações de Leolinda seria uma forma de futuramente ter entre os índios uma oportunidade de organizar uma escola. A intencionalidade do seu discurso não é explícita. Porém, utilizando os indícios paradigmáticos dos documentos produzidos por seus autores, podemos perceber que na sequência do artigo Lane afirmava que a forma eficaz e permanente de evangelizar os índios e outras pessoas era a educação.

Em um sentido mais amplo, a evangelização do Brasil significa não somente a pregação do Evangelho para os índios, mas também para os 16 a 17 milhões de brasileiros civilizados e nominalmente cristãos, italianos e outros estrangeiros, incluindo cerca de um milhão de ex-escravos. Quando consideramos que nada menos do que quatro missões evangélicas organizadas têm trabalhado no Brasil durante muitos anos (a missão presbiteriana foi criada em 1859), e que apenas uma parte relativamente pequena da nação foi alcançada, podemos ter uma ideia de quão difíceis e complexos são os problemas que enfrentaram o missionário protestante. A ideia de ganhar rapidamente terreno entre os latinos só pode ser alcançada de forma permanente e eficaz, através da abertura de escolas (THE MISSIONARY REVIEW, 1898, p. 55 – tradução nossa).

¹¹¹ The Missionary Review of the World. Vol. XI – janeiro a dezembro de 1898. Ver também: Missionary Review World de 1900. Vol XIII – Janeiro a Dezembro, p. 936.

Se a forma de evangelizar os índios, os cristãos nominais, italianos e ex-escravos era através da educação, podemos pensar que Lane ajudava a missionária Leolinda Daltro, porque reconhecia seu potencial como educadora cujos ideais coadunavam com seus objetivos educacionais, portanto recorria aos norte-americanos na tentativa de angariar recursos financeiros para montar uma escola entre os índios. Nesse sentido, pode-se pensar que as informações que Lane solicitava da missionária Leolinda Daltro sobre os costumes do índios, forma de organização das tribos, e outras serviram para ele informar os missionários norte-americanos com o objetivo de alertar sobre a importância da evangelização, valorizar sua obra missionária como educador e possivelmente ter uma escola entre os índios.

Em carta encaminhada a Leolinda em 14/11/1900, Lane afirma estar disposto a ajudá-la financeiramente, caso ela organizasse uma escola entre os índios:

Exma. Sra. D. Leolinda Figueiredo Daltro. Caso a senhora realize o projeto de voltar com o coronel José Dias, para fundar uma escola para índios na região do Araguaia, comprometo-me pessoalmente a concorrer com o pequeno auxílio de trezentos mil réis por ano, pagos trimensalmente para o sustento da escola, enquanto ela durar e eu for vivo, começando essa contribuição logo que a referida escola estiver funcionando com mais de três índios ou índias. Ofereço-me a levar ao conhecimento de pessoas amigas dos índios os fatos que a senhora me forneceu, relativos à vida, às necessidades, à susceptibilidade e à instrução dos índios, solicitando delas auxílio material para a escola, logo que se torne um fato consumado (DALTRO, 1920, p. 339-340).

Não se sabe ao certo se a escola chegou a ser construída. Porém, percebe-se que ela contou com o apoio direto de Horace Lane na sua obra educacional entre os índios. Lane constantemente enviava os donativos para ela, captava recursos entre os seus amigos e alunos da Escola Americana de São Paulo. Mas, percebe-se no seu livro que a atuação educacional entre os índios foi realizada.

Segundo Grigório (2012, p. 179):

Os mesmos pressupostos que guiavam a professora Daltro no seu trabalho de educação entre os alunos das escolas públicas onde atuou aparecem na sua prática pedagógica para civilizar os índios. A sua proposta de catequese leiga se apresentava como uma oposição à catequese religiosa a partir da defesa de um currículo educacional com técnicas e formação profissionalizante e também artes, ciência e literatura. A inserção das populações indígenas à sociedade nacional só poderia ser efetivada através de uma “educação racional, e um processo absolutamente laical, científico, industrial e emancipado

Em outro artigo, publicado no mesmo número da *Missionary Review*, intitulado *The Indians of Brazil*, Lane traz informações relacionadas à missão na região que Leolinda Daltro estava evangelizando sem, contudo, trazer informações sobre a atuação da missionária.

Todo o assunto sobre os índios da América do Sul, em todos seus aspectos, deveria ser intensamente interessante para os americanos, mas o estudo científico dos povos indígenas da América parece ter saído de moda na louca corrida para o Polo Norte e

na caça (busca) das cidades mortas do velho mundo. Enquanto isso, as pessoas cristãs, cativadas pelo *glamour* da missão da África central, da longínqua Índia, e a fechada China, parecem ter perdido de vista os pagãos nativos americanos e não percebem que suas portas estão facilmente acessíveis e eles atualmente estão pedindo luz. Durante o ano passado, tive o privilégio de atender Joaquim Sepe, um pagão batizado, chefe dos Cherentes, homem digno e inteligente, que me lembrou fortemente o chefe José, do Nez-Perces, quem tive o privilégio de conhecer. Este chefe Sepe trouxe um grupo de seu povo pelas águas de Tocantins ao Rio de Janeiro, numa viagem de vários meses, e os apresentou ao presidente, pedindo um professor e implementos agrícolas, seu povo pode se tornar civilizado. Ele estava em seu caminho de volta, depois de ter falhado no objeto de sua visita, quando ele nos fez uma visita de várias semanas em S. Paulo. Os Cherentes têm 4.000 homens adultos (esse número se refere apenas aos adultos do sexo masculino) e vivem em catorze aldeias em Tocantins e seus afluentes, são uma das oito grandes famílias em que Von Martius dividiu os índios da América do Sul. Ao longo do curso inferior do Mortes, na sua junção com o Araguaia, encontra-se a poderosa tribo dos Chavantes, um desdobramento do Cherentes, que dizem ser fisicamente a melhor raça de homens nos Estados Unidos. Ao sul deles estão os Cavapos, e ao norte, os Canoeiros. Todas as tribos pertencem ao Ges ou Crans (o grande povo), e são distintos dos Tupis, ou Guaranis (o povo guerreiro, e os Crens ou Guerengs, os povos antigos) por sua inteligência, hábitos de indústria, e de caráter forte. Muitas grandes tribos dessas duas grandes famílias, os Ges e os Crens, ainda são encontradas em condições quase primitivas, não corrompidas pelo contato com os brancos, enquanto os Tupis ou Guaranis (tribo guerreira) receberam o choque dos invasores portugueses e estão dispersas; sua identidade está perdida, porque tomaram o nome dos pequenos chefes. O mesmo acontece, em menor grau, com os Crens, o que ainda pode ser encontrado em grande parte do Mato Grosso, São Paulo e Paraná (MISSIONARY REVIEW, 1898, p. 134-135 – Tradução nossa).

Como missionário pontua a apatia de alguns cristãos norte-americanos em relação à evangelização dos índios. Tece também crítica à evangelização católica e mostra os esforços que alguns protestantes estavam fazendo na evangelização dos índios brasileiros. Menciona a visita de um chefe indígena. Sobre o encontro, Leolinda pontua:

Ontem, pela manhã, fomos surpreendidos por uma interessantíssima visita: a do índio Sepé hereditário da tribo dos Cherentes, de Goiás, e hoje transformado pela civilização em capitão Joaquim Sepé Brasil, chefe da aldeia Providência, na Piabanha, à margem do rio Tocantins. [...] Sepé – perdão – o sr. capitão Sepé vem ao Rio de Janeiro acompanhado de quatro conterrâneos em delicada missão de seu povo, - pedir ao Sr. presidente da República que mande fornecer à aldeia, fazendas, ferramentas, armas, etc., e que o Estado avalie a obra de civilização que até agora se faz entregue a ele Sepé e outros, que não tem competência para tão grande empreendimento (O PAIZ, 09/07/1896 apud DALTRO, 1920, p.1)

Em uma das primeiras cartas de Lane a Leolinda, anterior à publicação do artigo na *Missionary Review*, temos as seguintes palavras:

Embora ninguém duvide que a vossa missão aos Cherentes seja nobre, patriótica, e desejável a todos os pontos de vista; há muitos que acham inexequível a ideia; por isso tenho me ocupado hoje exclusivamente em procurar informações que demonstrem ser praticável a viagem ao Porto Nacional pelo menos. Procurei diversas pessoas que conhecem bem a situação dos índios e as dificuldades da viagem, etc., etc. Entre elas o general Couto de Magalhães e o Sr. Octávio Esselin. Todos concordam em que a viagem até Goiás seja fácil e não muito dispendiosa. Pode-se ir por estrada de ferro até Araguari e dali em diante com as tropas que vão constantemente levar cargas. O Sr. Esselin pensa que a senhora poderá fazer a

viagem, com o filho, camarada e bagagem, com uma despesa de 600\$ a 700\$00. Da cidade de Goiás ao rio do Sono, isto é, até Porto Nacional, onde os Chereus veem embarcados, a caminhos bem conhecidos por onde passam o correio e tropas. Pode ser que haja interrupção do trânsito nos tempos das águas (Dezembro e Fevereiro). Pessoas que tem viajado por lá julgam que o total das despesas, desde Uberaba, não passarão de 2:000\$. De Goiás ao Porto Nacional a distância é de 150 léguas, pouco mais ou menos, passando por Curralinho, Jaraguá, Trairas, Cavalcanti, Palma, Conceição, Natividade e Porto Nacional. Sou, com estima e consideração (HORACE LANE, 24/10/1896 apud DALTRO, 1920, p. 44).

Podemos perceber que de fato, conforme pontuam (GRIGÓRIO, 2012; CUNHA, 2014), Lane era um dos principais incentivadores da obra missionária de Leolinda entre os índios. Para ele, existiam pessoas que acreditavam que era inexequível o propósito da missionária. Porém, ele acreditava na viabilidade do projeto de Leolinda a tal ponto que oferecia informações à missionária, buscava apoio através da sua rede de sociabilidade, que era composta por integrantes da elite política e intelectual paulista, entre eles: general Couto Magalhães e Sr. Octávio Esselin, Martinho Prado, Cerqueira César, Caio Prado, Ramos de Azevedo e Elias Fausto.

Na correspondência seguinte percebe-se um pouco mais a respeito das articulações de Lane em favor do trabalho de Leolinda:

Para que V. Ex. abrevie sua viagem a fim de evitar fazê-la no tempo das chuvas, que a tornaria penosíssima, apresso-me em informá-la que o senador Bulhões está atualmente em Uberaba, em viagem para a capital de Goiás, de lá ele pode facilitar-lhe os meios de seguir para o norte do Estado. Junto vai uma carta endereçada ao Barão de Saramenha que, caso se ache ainda em Uberaba, deve lhe ser de utilidade; outro a um amigo de Araguari e mais duas do Sr. Esselin para pessoas importantes do lugar. Segunda-feira vão duas caixas consignadas ao vosso filho. Se me permitir dar um pequeno conselho, aconselho que a Sra. não fale do insucesso no Rio, nem do indiferentismo do Governo, quer Federal, quer do Estado, pois não adianta nada e pode indispor pessoas que, aliás, podem ajudar. Deve dirigir-se diretamente às pessoas que podem dar, e pedir-lhes auxílio para levantar apenas dois contos de réis, para as despesas da viagem, somente fazendo ver que é urgente partir já para evitar as dificuldades da viagem no tempo das águas. O Sr. Dr. Eduardo Prado, redator do *Comércio*, e membro da importante e rica família Prado, deve poder auxiliar. Nada se perde em dar-lhe oportunidade. Segunda-feira verei se posso fazer alguma coisa entre os meus conhecidos. Sou, com estima e consideração (HORACE LANE, 02/11/1896 apud DALTRO, 1920, p. 49-50).

Na carta Lane utiliza sua rede de sociabilidade com o objetivo de garantir apoio ao trabalho missionário de Leolinda Daltro, demonstrando ser não apenas seu conselheiro, mas um estrategista, um articulador, orientando a missionária a respeito do que deveria ser falado e omitido nas conversas com as autoridades.

Em outra correspondência, Lane continua seus conselhos estratégicos:

Exma. Sra. D. Leolinda Daltro: Junto achará duas valiosas cartas para altas personagens da capital de Goiás, que consegui do senhor Dr. Capistrano de Abreu. Uma vez na cidade de Goiás, não haverá dificuldade em arranjar tudo que a senhora precisa, nem em cuidar dos seus interesses no Rio de Janeiro. Quanto mais tempo se

demorar aqui, quanto mais difícil se tornará a viagem; portanto, aconselho-a a seguir para Uberaba e de lá para Goiás, o mais breve possível. Faltando recursos daqui, não duvido em poder obtê-los da grande associação protetora dos Índios da outra América; porém, creio que se arranjará tudo aqui mesmo. Com toda a consideração (HORACE LANE, 14/11/1896 apud DALTRO, 1920, p. 55).

Mais uma vez através da sua rede de sociabilidade Lane conseguiu apoio para o trabalho missionário de Leolinda Daltro, além de aconselhá-la em relação a sua viagem para Goiás.

Em outra carta para Leolinda, Lane aconselha que os filhos de Leolinda estudem na Escola Americana:

Exma. Sra. D. Leolinda Daltro: Conforme lhe disse verbalmente, se o que a prende aqui é o cuidado pela sorte dos seus filhos, declaro que estou disposto a recebê-los na Escola Americana, que dirijo, nas mesmas condições em que estão no Colégio Universitário do Rio de Janeiro. Não duvidando que a grande associação dos índios da outra América os tome para educá-los por sua conta; aguardo a resposta da proposta que fiz à Associação, que não se fará esperar. Enquanto isso, procuro informar-me de pessoas de Goiás, da verdadeira situação dos índios e das despesas, que é preciso fazer-se, e dos objetos mais necessários para a execução de sua viagem. Com o dinheiro que tenho em meu poder vou comprar-lhe uma pequena farmácia homeopática e um realejo, para distrair e divertir os índios, e ver se consigo uma máquina fotográfica. Amanhã irei visitá-la e prestar-lhe contas das quantias a mim confiadas. Com toda a consideração (HORACE LANE, 24/12/1896 apud DALTRO, 1920, p. 65-66).

Como vimos, no capítulo primeiro, os filhos de Leolinda transferiram-se para a Escola Americana. Porém, uma amiga chamada Magdalena de Noronha escreve um carta datada de 26/05/1896, dizendo que ela errou em transferir seus filhos para o colégio protestante:

Como vão seus filhinhos – Oscar e Leobino? Estão contentes no Colégio Americano? Eles estavam tão bem aqui no Colégio Universitário; entregues ao Dr. Herculano de Lima e família que os queriam tanto e os tratavam como filhos. Acho que ainda uma vez você errou, arrancando seus filhinhos daqui para colocá-los entre estranhos em um colégio protestante! Coitados! Tenho tanta pena deles! Que saudades eles não terão de sua mãe e de todos daqui! (DALTRO, p. 95).

Os filhos de Leolinda em carta diziam que estavam com dificuldades de se adaptarem devido à ausência da mãe, porém recebiam o apoio de Lane e, sob seus cuidados, sentiam-se protegidos (DALTRO, 1920, p. 102).

Em outra carta, Lane estrategicamente solicita que ela não ataque diretamente os missionários católicos:

Só hoje pude ler o seu manuscrito, que afora devolvo. Falei com a Dra. Renotte que irá visitá-la logo que as ocupações permitam. Não está aborrecida com a Senhora. Sempre há exageros nos boatos. Meu conselho seria que, por mais interessante que fosse essa viagem de S. Paulo a Goiás guardasse esta parte para os amigos e a família, dando, o primeiro lugar às visitas, às aldeias dos índios, às dificuldades que encontrou, descrevendo com mais minuciosidade a vida dos índios, seu estado lastimável – suas boas qualidades, e possibilidade de civilizá-los e fazer deles cidadãos úteis – seu novo plano de formar um centro no Araguaia – com auxílio do

Coronel José Dias. Enfim, tudo que diz respeito aos índios, mesmo deixando as falcatruas e ladroeiras dos de Uberaba, as façanhas do beato Manoel Tôco; mesmo os vícios pessoais dos frades Gil e Antonio de Ganges, para o segundo lugar. Os abusos da catequese pelo sistema dos frades são tão conhecidos, o sistema tem séculos de má fama, de sorte que não há vantagem alguma em dar-lhe uma feição pessoal – Se frei Gil tiver a proteção dos altos poderes políticos, não vale nada atacá-lo – Ele sempre saberá fabricar uma defesa. Ele não é o único que explora os índios. Representa apenas um sistema ruim. O melhor modo de atacar o sistema é iniciar o mais breve possível um melhor – considerando a oposição dos frades, o ataque dos Furtados, como incidentes inseparáveis da campanha. Mostrando ao Senador Quintino, José Carlos Rodrigues e talvez ao próprio Presidente da República o estado dos índios nessa região, a praticabilidade do plano que propõe e a pequenez do auxílio material que pede, creio que lhe será fácil em arranjar o que quer e voltar logo. Não duvido que Cook acompanhe o coronel José Dias. Se me der notícias minuciosas dessas viagens às aldeias, do estado dos Cherentes, Carajás e Chavantes, seus costumes sociais, a organização das tribos, vocábulo – instrumentos de música, se os tiverem – armas de caça, a posição dos núcleos, etc., etc.; eu farei uma tradução em inglês e publicarei para uma das reuniões de nossa Associação Protetora dos Índios, fazendo um esforço especial para chamar o interesse dela para a causa. O fato de terem dois homens juntos na Carolina, um no Rio Branco com meios para montar uma escola industrial, mostra que há interesse por lá. Mas eles querem fatos. Com toda estima. (HORACE LANE, 02/11/1900 apud DALTRO, 1920, p. 337-338).

Em sua opinião era melhor apresentar “ao Senador Quintino, José Carlos Rodrigues e talvez ao próprio Presidente da República o estado dos índios nessa região, a praticabilidade do plano que propõe e a mesquinhez do auxílio material que pede” para conseguir o que precisava para retornar à Goiás, do que atacar e tecer críticas à falta de apoio.

Contra os ataques católicos e de outros possíveis grupos, ela contava com o apoio irrestrito do coronel José Dias, “É comigo que se tem de haver qualquer indivíduo que faça qualquer ofensa a essa Senhora que protegerei à medida de minhas forças (DALTRO, 1920, p. 273).

Em carta datada 04/11/1900, Lane deixa bem claro a concepção que nutria acerca do trabalho entre os índios.

A missão mais nobre de quem se diz Cristão, me parece ser, de dar suas forças, seus haveres, dedicar seus talentos, empregar seu tempo, enfim, dar o melhor de sua vida para melhorar a sorte dos infelizes e dar-lhes a conhecer a verdade - com toda a modéstia e sem esperar honras ou vantagens materiais. Se for feito em nome e pelo amor de Cristo, deve ser um sacrifício gratíssimo a quem se sacrificou por nós. A educação dos índios, que exige qualidades superiores, grande paciência e devotamento, muito critério e prudência, além de ser um dever cristão é um trabalho de alto patriotismo que deve merecer o apoio e a proteção de todo o bom brasileiro. Faço votos para que D. Leolinda possa ser para os índios de Goiás e Mato Grosso o que foi D. Suzana Mc. Beth para os “Dakotas” dos Estados Unidos da América do Norte (HORACE LANE, 04/11/1900 apud DALTRO, 1920, p. 339).

Diferente de toda representação levantada contra Horace Lane no campo presbiteriano brasileiro, ele se mostra em suas palavras um cristão comprometido com o Evangelho e com a obra missionária. Lane constrói uma imagem de si mesmo fulcrada na piedade, no amor

cristão, na compreensão de que não se pode esperar recompensas no trabalho cristão realizado para os “infelizes”. Para ele, a educação dos índios exigia paciência, devotamento, critério e prudência. Não era apenas um trabalho cristão, mas também de “alto patriotismo” e que merecia o apoio de todo bom brasileiro.

As poucas cartas de Lane publicadas no livro de Leolinda Daltro nos ajudam a compreender um aspecto de sua atuação não discutido na historiografia protestante e nos faz rever as representações que o campo religioso presbiteriano construiu acerca dele, ora omitindo representações acerca dele, ora reforçando representações de caráter negativo. Lane através de suas cartas de certa forma constrói uma história de si, mostrando para seus futuros leitores um pouco de suas práticas culturais e sociais. Nesses escritos, vemos um Lane preocupado em oferecer apoio a uma missionária católica que tinha como missão catequizar e civilizar os índios brasileiros.

Através da sua rede de sociabilidade parece ter oferecido apoio necessário na preservação da vida da missionária. No livro de Daltro há inúmeras cartas de pessoas de cargos privilegiados: juízes, senadores, coronéis, comandantes, redatores dos mais variados jornais, membros da maçonaria¹¹². Muitos estavam ligados a Horace Lane não somente pelas relações maçônicas e republicanas, mas também pela participação no Instituto Histórico Geográfico de São Paulo¹¹³.

Como educador, mostrou-se preocupado em oferecer um sistema de ensino melhor do que aquele praticado pelos católicos. Ainda nessa representação, ofereceu auxílio aos filhos da missionária, dando educação, proteção e carinho para eles. Como presidente do Mackenzie mostrou-se aberto a apoiar o projeto de Leolinda de organizar uma escola entre os índios. Reuniu amigos, fez campanha financeira entre seus professores e alunos, deu dinheiro do seu próprio bolso, construindo a imagem do filantropo, do sujeito benemérito. Tornou-se sócio honorário juntamente com outros personagens na fundação da Associação de Proteção aos Silvícolas do Brasil, em 1909 (DALTRO, 1920, 537-543).

Enquanto republicano afirmou que era necessário civilizar os índios através da educação com o objetivo de torná-los cidadãos úteis para a pátria. Nas palavras de Leolinda, ele era um apóstolo do bem. Lane, nas cartas à missionária, tem o mesmo discurso

¹¹² No livro de Daltro há uma prancha (carta) de recomendação do Grande Oriente do Brasil (in: DALTRO, 1920, p. 515).

¹¹³ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Volume I. 1895. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1913. Permaneceu sócio do instituto até o ano da sua morte, conferir: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Volume XVII. 1912. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1913.

encaminhado aos Trustees a respeito da educação como instrumento capaz de civilizar o povo brasileiro, tornando-os cidadãos úteis para a república. Discurso presente nos escritos da própria professora Leolinda, que via na educação um meio de transformar índios em pessoas civilizadas. Tanto para ela, como para Lane, a educação produziria novos hábitos, caráter, padrões morais e intelectuais. Os objetivos da visão educacional deles foram apropriados pelos índios, pelo menos é o que se observa no discurso do índio Porpipó em 1907, realizado na Sessão Magma da União Cívica Brasileira:

À Uassi-Zuaré, isto é, a nossa mãe adotiva professora Leolinda Daltro, é que devemos a benéfica luz da civilização que hoje gozamos, porque foi a única pessoa civilizada que penetrou em nossas tabas com intenção benfazeja, e entre nós se demorou por espaço, infelizmente, de cinco meses. Cinco meses só! Mas que gigantesca tarefa cumpriu neste insignificante espaço de tempo! Que abnegação nos sacrifícios feitos para que compreendêssemos o alfabeto, que nos ensinou escrevendo as letras com um estilete na areia do terreiro da aldeia, incutindo em nós o sentimento de patriotismo, ensinando-nos os hinos republicanos para cantarmos em nossos folguedos, numa palavra, fazendo-nos sentir a necessidade de gozar como todos os outros brasileiros, os benefícios da civilização! Ensinou-nos a amar e compreender a República, a nós, que da vida conhecíamos apenas a que nos ditava o instinto [...] Nada talvez, Senhores e Senhoras, mas seriamente ninguém poderá afirmar que não sejamos artistas conscienciosos e cidadãos eleitores nesta Capital. E, particularmente, como discípulos da professora Daltro, muito nos ufanamos de ter horror ao álcool e ao fumo. Nenhum de nós bebe nem fuma, nem joga, e cada um de nós se orgulha de votar o mais religioso respeito aos direitos de propriedade, de honra e de liberdade (DALTRO, 1920, p. 495-500).

No discurso bem “elaborado e preparado” para uma ocasião especial, vemos que os intentos de Leolinda Daltro e, indiretamente de Lane, de torná-los úteis à pátria foram aparentemente alcançados. Cidadãos “civilizados” eram pessoas alfabetizadas, patriotas, inimigas dos vícios e amantes da República.

Como missionário da Igreja Presbiteriana norte-americana, Lane também prestou informações sobre as condições de vida dos índios brasileiros e da necessidade de evangelizá-los, principalmente, através da educação.

Posto isto, no próximo capítulo, analisaremos que entre as práticas de um educador, estava a configuração de uma rede de escolas.

2. HORACE LANE E A REDE DE ESCOLAS AMERICANAS

Após, estudar as ideias políticas e pedagógicas de Horace através dos seus relatórios e publicações, neste capítulo temos como objetivo analisar os aspectos que nos levam a crer que entre as suas práticas educacionais estava a tentativa de formar uma rede de escolas americanas¹¹⁴ no Brasil. Pelos indícios das fontes elaboradas por Lane e outros, podemos dizer que a rede de escolas era um conjunto de estabelecimentos educacionais que estavam ligados administrativamente a sua pessoa, eram orientados metodologicamente numa mesma direção e unidas por uma mesma finalidade: expandir a cultura norte-americana e indiretamente os valores do presbiterianismo.

Tais escolas seguiam os princípios da Escola Americana de São Paulo¹¹⁵:

Observar o sistema de ensino americano: escola mista para ambos os sexos; liberdade religiosa, política e racial. Educação baseada nos princípios da moral cristã, segundo as normas das Santas Escrituras, atendendo ao conceito protestante que exclui da escola a campanha religiosa, limitando-se às questões de moralidade ética, contidas no ensino de Cristo (GARCEZ, 1970, p. 44).

Nesse sentido, acreditamos que a rede de escolas seria uma forma de concorrer no campo educacional brasileiro marcado pela presença da educação jesuíta e de outras denominações religiosas. Segundo, essa estratégia pode ser vista também como um projeto educacional que contrariava o interesse da Igreja Presbiteriana do Brasil e vinha ao encontro do pensamento educacional republicano. Desse modo, a rede de escolas organizadas por Lane confrontava os interesses da Igreja nacional que havia optado por não manter mais essa modalidade como estratégia missionária e fortalecia as relações de poder de Horace Lane com os republicanos brasileiros. Seu desligamento do campo religioso presbiteriano brasileiro e sua filiação ao campo presbiteriano norte-americano permitiram que ele saísse do controle da Igreja Presbiteriana do Brasil, dando-lhe maior autonomia na execução de seu projeto educacional.

A associação de Lane com os republicanos pode ser observada não somente na sua participação na Reforma educacional paulista, mas também, na sua proposta educacional.

¹¹⁴ Entenda-se escolas americanas de confissão de fé presbiteriana, pois outras dominações organizaram escolas americanas, como os Metodistas. Ver: HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo**: um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977. A respeito da educação da Igreja Metodista, ver: MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**: um estudo de caso. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. 255p.

¹¹⁵ Segundo Hack (1985), as Escolas de Curitiba e Florianópolis seguiam os mesmos princípios. HACK, Osvaldo Henrique. **Educação Brasileira**: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

Para ele, a proposta educacional norte-americana ajudaria na construção de um “Brasil Novo”, moldado segundo os valores da cultura norte-americana. No campo político republicano não faltaram porta-vozes que fizeram circular representações sobre a importância do modelo pedagógico norte-americano. Tavares Bastos, Rui Barbosa, Rangel Pestana engrossavam as fileiras daqueles que viam na pedagogia norte-americana uma oportunidade para construir uma sociedade moderna (HILSDORF, 1977; 1986, 2009).

Terceiro, a rede de escolas organizadas por Horace Lane faz parte do seu projeto educacional enquanto missionário-educador da Igreja Presbiteriana norte-americana. Nesse sentido, expandir escolas no território brasileiro e, sobretudo, no campo missionário sob sua responsabilidade coadunava com a proposta civilizatória da igreja americana ou, ainda, com seu expansionismo planetário (GRUZINSKI, 2001).

No entendimento de Nascimento (2007), a Igreja Presbiteriana norte-americana tinha como objetivo instalar uma rede de escolas no Brasil. A questão que levantamos é: essa rede de escolas tinha Horace Lane como figura central? Como já pontuamos, a rede de escolas não era de iniciativa dos missionários americanos que antecederam Lane, embora desde a inserção do presbiterianismo no Brasil em 1859 havia uma preocupação de construir escolas. Vale lembrar que alguns autores (HILSDORF, 2009; MENDONÇA, 2008) defendem que a organização de escolas nos campos missionários inicialmente era de iniciativa pessoal da parte dos pastores e educadores. Tais escolas contavam com o apoio financeiro da Igreja e não configuravam uma rede de escolas antes de Lane. Por outro lado, não encontramos documentos que mostrem missionários americanos que tivessem o status de supervisor da obra educacional, título dado a Lane pela Igreja Presbiteriana norte-americana. O que nos faz pensar, que a rede de escolas surgiu a partir da atuação de Horace Lane como supervisor geral da obra educacional da estação South Brazil Mission.

Em meio aos conflitos no campo presbiteriano e das lutas de representações acerca da educação como meio de evangelização direta ou indireta, Lane mostra sua capacidade administrativa reformulando, como educador-missionário, responsável pela estação missionária do South Brazil Mission, a perspectiva educacional implantada no Brasil pelos primeiros missionários norte-americanos (HILSDORF, 1977; NASCIMENTO, 2001, 2003, 2005; MENDONÇA, 2008; SILVA, I. B., 2010).

O documento publicado em 1840, já analisado nesta tese, que trata das diretrizes educacionais da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, previa a organização de colégios e escolas paroquiais nas cidades em que fosse pregado o Evangelho. Simonton, Blackford, Chamberlain e outros missionários seguiram as diretrizes estabelecidas pela Igreja

Presbiteriana norte-americana, cada qual com a perspectiva educacional que melhor representava seus anseios. Algumas foram criadas justamente porque os pioneiros depararam-se com o analfabetismo no Brasil (BLACKFORD, 1867)¹¹⁶.

Ribeiro (1981) afirma que foi construída uma constelação de escolas no Brasil, porém não pontua que se tratava de uma rede de escolas organizadas a partir de um plano educacional. Tais escolas tiveram duração muito curta. Alguns autores (ABREU, 2003; FIGUEIREDO, 2003; NASCIMENTO, 2007) chegaram até a mencionar que algumas escolas americanas eram filiais da Escola Americana de São Paulo, porém não tomaram essa perspectiva como principal objeto de análise e nem discutiram em torno de quem estava à frente dessa rede.

Segundo Ferreira (1992, p. 212), do ponto de vista educativo, “a maior aquisição foi a colaboração que Chamberlain obteve, de Horácio Lane”. Com a sua vocação educacional, a Escola Americana de São Paulo (1885-1912) expandiu não somente em números, mas na estrutura, na questão pedagógica, na ampliação de novos cursos e na formação do curso superior, na criação do Mackenzie College. O sucesso desse empreendimento educacional em São Paulo foi extremamente importante para as futuras iniciativas educacionais de Horace Lane em outras cidades.

Entendemos, portanto, que a Escola Americana em São Paulo na gestão de Horace Lane é a base para a compreensão de outras escolas americanas implantadas no Brasil durante a sua atuação como diretor e supervisor da obra educacional. Abreu (2003), no seu estudo sobre a Escola Americana de Curitiba, sugere que houve uma tentativa de padronização na organização das escolas presbiterianas através da adoção do mesmo modelo de organização pedagógica, mesmo calendário, adoção dos livros didáticos, padronização das normas disciplinares. Essa padronização foi durante a gestão de Horace Lane na Escola Americana de São Paulo.

Antes da supervisão de Horace Lane sobre a obra educacional da estação South Brazil Mission, muitas escolas foram abertas, tanto nos centros urbanos (HILSDORF, 2009; SILVA, I. B., 2010) como nos núcleos rurais (RIBEIRO, 1981). Nos núcleos urbanos, os missionários não tinham apenas a clientela desejada para suas escolas, mas também o apoio de representantes ligados à Maçonaria e ao movimento Republicano, como apontamos anteriormente em outro estudo (SILVA, I. B., 2010). Além dos núcleos urbanos, Ribeiro (1981) pontua que algumas escolas foram organizadas em sítios. Os relatórios dos

¹¹⁶ Relatório encaminhado ao Presbitério do Rio de Janeiro sobre os obstáculos do progresso do Evangelho no Brasil.

missionários que atuaram na obra educacional no início do presbiterianismo no Brasil nos oferecem pistas de como foram surgindo essas escolas. O Rev. Lennington¹¹⁷ em seu relatório de 1871-1872, encaminhado para o Presbitério do Rio de Janeiro, afirma que a escola em Brotas tinha sido um grande sucesso.

Na cidade de Rio Claro, Dagama afirma que em 27 de fevereiro de 1873¹¹⁸ estabeleceu uma escola e culto regular duas vezes ao domingo. A escola iniciou com 9 alunos; no dia 23 de julho, chegou a 76 alunos, indicando que a escola estava ganhando a simpatia de muitas famílias. Dagama foi o principal responsável pelo desenvolvimento da proposta educacional naquela cidade. Afirma em seu relatório que contava com a ajuda de duas educadoras: Mary Dascomb e Elmira Kuhl (RIBEIRO, 1981). Na Bahia, em relatório encaminhado ao Presbitério do Rio de Janeiro (1872), o Rev. Francis Josef Christopher Schneider afirma que estabeleceu uma escola para meninos e meninas (RELATÓRIO AO PRESBITÉRIO, 1872).

Em Petrópolis, a escola era regida por C.J. Mesquita, candidato ao ministério. Na Bahia, pela senhora Schneider, em Botucatu, pelas professoras missionárias Mary Dascomb e Elmira Kuhl.

Porém, é na década de 1890 que se dá maior expansão dessas escolas, conforme os relatórios Annual Report elaborados pela Igreja Presbiteriana norte-americana, já analisados neste trabalho. A cidade de Botucatu também tinha uma escola, iniciada anos antes, e dirigida até então (década de 1890), pelo Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga (BRAZILIAN MISSIONS, 1890, p. 66)¹¹⁹.

Em Curitiba, foi organizada em 1892 uma Escola Americana na Rua Comendador Araújo, número 23, pelas missionárias norte-americanas Mary Parker Dascomb e Elmira Kuhl, tendo 150 alunos matriculados, sendo 50 alunos do sexo masculino e 100 do sexo feminino (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ, ref. 353.3, p. 23).

Outra cidade que tinha uma escola era Araraquara. Nessa, a escola funcionou até 1924. Segundo Almeida (2007), o colégio era denominado Mackenzie. Porém, nos anos iniciais era

¹¹⁷ LENNINGTON, Robert. Breves notas do serviço missionário feito pelo Rev. Robert Lennington até o dia 1º de agosto de 1869 no Império do Brasil. Brotas 05 de agosto de 1869. Relatório Manuscrito. Arquivo pessoal.

¹¹⁸ DAGAMA, J. F. Relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro em 9 de agosto de 1873. Relatório Manuscrito. Arquivo Pessoal.

¹¹⁹ BRAZIL MISSIONS. **A monthly Bulletin of Missionary intelligence**. São Paulo: 1890-1891. Este boletim era editado em São Paulo (Brasil) e publicado no Brooklyn (EUA). Há vários assuntos ligados à missão em São Paulo e outras localidades do Brasil.

uma escola paroquial¹²⁰. Em 1913 Rufus Lane, filho de Horace Lane, retoma a educação protestante em Araraquara com a organização de um colégio aberto.

Alguns dos missionários manifestavam claramente que a educação era um instrumento para a propagação do Evangelho no Brasil, além de manutenção da fé. Eles entendiam que as escolas não somente atendiam às pessoas ligadas às igrejas, mas também seriam um instrumento para atrair as pessoas da sociedade brasileira

Educação e Evangelização

Muitas das acusações levantadas contra a importância do trabalho educacional como instrumento para a obra de evangelização no campo missionário parecem ser baseadas em um equívoco muito prevalente da verdadeira natureza da educação. Alguns professores consideram seu dever cumprido quando eles insistem dominar seus alunos no latim, matemática ou ortografia. Dizem com grande satisfação que todos os Departamentos da sua instituição estão fazendo o trabalho "semelhantemente bom" e respondem com uma honesta surpresa o que mais se espera. Seus esforços terminam em seus departamentos e a realização mental é o objetivo dos seus desejos. Quando os instrutores voltam sua atenção ao manual de formação, é ainda com a ideia de que a função de uma escola é transmitir conhecimentos. Que os alunos devem aprender com o mesmo esforço de um bom carpinteiro, esta é a graduação desejada. Escolas assim abertas são insatisfatórias, se localizadas em Nova Jersey ou no Brasil, e seus efeitos no trabalho evangelístico serão nulos. O verdadeiro objetivo da educação é o desenvolvimento ou criação, se necessário, do caráter. A função da escola é a formação e conservação de um ambiente em que cada boa tendência é estimulada e toda a má tendência reprimida. Os esforços de um professor devem encerrar em seus alunos, devem ser adaptadas ao indivíduo e devem ser direcionadas tanto para a moral quanto para o crescimento intelectual. Este ponto de vista da educação não abre nenhuma porta para os instrutores incompetentes em seus assuntos, mas proporciona à classe cuidadoso trabalho, o objeto na aula é, a rigor, tão essencial para o sucesso na vida. Escolas permeadas com essa ideia de educação devem ser de valor inestimável para o trabalho evangelístico dentro ou fora da casa. Amaldiçoados por incompetência moral hereditária, e rodeados por tentações peculiares ou intensificadas por seus vizinhos sem Cristo, os filhos de famílias recém-convertidas precisam de toda a força de caráter que a formação cuidadosa do "Coração, cabeça e mão" podem dar. Se os filhos dos convertidos devem ser salvos dos pecados de seus pais, um ambiente cristão deve substituir, pelo menos em parte, a casa natal. Se os professores e evangelistas cristãos estão a ser levantados, que dirá a cada um em sua própria língua pregar as maravilhas de Deus, eles devem ser instruídos sob a pressão total das simpatias raça, e pleno poder da verdade do Evangelho. Para todo este trabalho nada pode substituir a escola cristã. A missão da igreja será sempre chamar novos trabalhadores nativos. Com eles a missão ou atividade neste hemisfério visa à criação e o reforço do propósito cristão, e que o esforço para construir o caráter cristão se torna uma possibilidade. **Precisamos no campo missionário de vários tipos de atividades educacionais**, a escola paroquial para orientar as etapas da infância, a escola de instrução manual para ajudar no domínio da alma, a escola normal para fazer "aptos para ensinar" ou qualificados no ensino, o colégio e o seminário, como coroamento inseparável do sistema, para fornecer líderes para as atividades seculares e profetas para trabalharem na Igreja de Deus, todos equipados por professores que sentem sua responsabilidade para com os seus alunos e seu Deus (BRAZILIAN MISSION, 1890, p. 100-101, tradução nossa).

¹²⁰ Tratarei mais a frente sobre essa escola.

O artigo escrito pelo Rev. Willian Alfred Waddell em 1890 deixa bem claro que a educação era um instrumento indispensável na expansão da obra missionária, pensamento contrário ao defendido por Eduardo Carlos Pereira. Ele aponta também as diretrizes que deveriam permear a ação educativa: a educação deveria centrar no aluno na formação do seu caráter moral e intelectual. O artigo de Waddell escrito no período marcado pelas lutas de representações educacionais já pontuava que existia uma preocupação de se configurar uma “rede de instituições escolares, mais ou menos formalizadas: em escola paroquial para orientar as etapas da infância, escola para instrução manual, escola normal para preparar os professores, colégios para preparar líderes na realização de atividades seculares, seminários para a formação dos líderes da Igreja” (SILVA, I. B., 2010, p. 210).

Tal posição estava em consonância com o documento elaborado por Lane intitulado *A Protestant College for Brazil* (1890). No início do documento, temos as seguintes palavras:

A comissão que organizou em 1888 o "Sínodo do Brasil", em seu relatório à Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América, enfatizou a importância das instituições de ensino, e recomendou aos membros de suas igrejas a dotação imediata de um colégio cristão no Brasil semelhante ao Robert College, em Constantinopla, ou o Protestante Colégio Sírio em Beirute. O relatório foi aprovado e foi mais longe: "Resolve: Que a Assembleia Geral convida outras denominações para se unirem na formação de um Colégio Protestante em S. Paulo, Brasil". De acordo com decisão da Assembleia Geral, o Conselho de Missões Estrangeiras consentiu que o seu missionário, o Rev. Geo. W. Chamberlain - atualmente em licença neste país - está autorizado a levantar fundos para o efeito. A Câmara foi organizada em novembro de 1889, e reuniu-se em Nova York, em 15 de julho de 1890, elaborar a Constituição do colégio proposto (1890, p. 1).

Embora Chamberlain apareça como missionário, a resolução determinava que ele fosse responsável por levantar fundos para a formação do Colégio Protestante. O documento também previa a participação de outras denominações protestantes, porém não há evidências de que isto tenha ocorrido. O documento também mostra como foi composta a primeira comissão de curadores: Presidente: Rev. J. Aspinwall Hodge, vice-presidente: Rev. Charles E. Knox, secretário: Edwin Packard e tesoureiro: Henry M. Humphrey¹²¹. Nesse mesmo documento Lane é nomeado o Presidente do Colégio Protestante (Mackenzie College), pois era considerado por eles um pessoa familiarizada com as necessidades do Brasil e conectado com a educação brasileira desde 1859 (A PROTESTANT COLLEGE IN BRAZIL, 1890, p. 6).

¹²¹ Vimos que Henry Hamprhey saiu em defesa de Lane e Waddell nas páginas do jornal O Estandarte.

No mesmo documento há um artigo com o subtítulo *Brief Sketch of Mission Schools – Now in operation in Brazil*¹²², seguido de outro subtítulo, *Reports of Superintendent of Mission Schools in Brazil*¹²³. Nas palavras iniciais, Lane afirma:

Esses fatos, em si pouco importam, basta acentuar o fato mais importante, que a oportunidade de fixar o padrão de educação na Nova República é agora oferecido pela Igreja Presbiteriana do Norte da América. Esta oportunidade traz uma séria responsabilidade. Um plano para sistematizar e unir todas as escolas de missão espalhadas e agora sob uma gerência geral está sendo colocado em operação. Este plano visa um conjunto uniformizar os livros didáticos e métodos de ensino e graduação, e relatórios regulares. Ele também irá tentar abrir uma escola em todos os pontos do país, onde há um núcleo, ainda que pequeno, de uma Igreja Presbiteriana. Nós sentimos que tudo o que podemos fazer para o público em geral, estamos fazendo e não devemos permitir que os filhos de nosso povo cresçam na ignorância (A PROTESTANT COLLEGE FOR BRASIL, 1890, p. 23).

Como superintendente das escolas, Lane deixa claro que naquele momento era oferecida a oportunidade de fixar o padrão de educação na Nova República e que existia um plano para sistematizar, unir todas as escolas, uniformizar os livros didáticos, métodos pedagógicos e relatórios regulares. Portanto, é no período de Lane e não de Chamberlain na direção da Escola Americana de São Paulo e da organização do Mackenzie College que existia a proposta de sistematizar e unificar as escolas da missão espalhadas no Brasil. O que reforça a nossa tese de que diante das lutas de representações entre as lideranças da Igreja Presbiteriana no Brasil, Lane organiza e coloca em prática o fortalecimento da educação através de algumas escolas protestantes. Reforça, também, que as escolas organizadas antes de Lane eram de iniciativas pessoais, pois, segundo suas palavras: “um plano para sistematizar e unir as escolas da missão espalhadas e agora sob uma gerência geral está sendo colocado em operação” (p. 23). Elas teriam naquele momento uma supervisão geral sob responsabilidade do próprio Lane. Percebe-se que, antes de Lane, tais escolas não tinham uma supervisão geral, ficando sob as responsabilidades dos missionários, pastores nacionais ou leigos, porém eram subsidiadas financeiramente pela Igreja Presbiteriana norte-americana.

Nos relatórios de 1907-1912 encaminhados aos Curadores de Nova York não vemos a menção das escolas da Central Brazil Mission¹²⁴. Mas, a presença do Rev. Waddell nesta estação pode ser uma evidência de que elas também faziam parte da rede de escolas, visto que

¹²² Breve esboço de Escolas de Missões em atuação agora no Brasil. O arquivo do Mackenzie tem apenas três prospectos, 1890, 1891 e 1897.

¹²³ Relatório do Superintendente das Escolas de missões no Brasil.

¹²⁴ Já mencionamos que em 1912 houve a organização do Comitê Executivo que reuniu os missionários das duas estações: South e Central Brazil Mission. A reunião foi presidida por Horace Lane e tinha como objetivo traçar as novas diretrizes para o trabalho missionário e educacional do Brasil (MINUTES COUNCIL, 1912). Na reunião seguinte, o Comitê foi presidido pelo Rev. William Waddell, devido à morte de Horace Lane. (MINUTES COUNCIL, 1913).

o referido pastor era um dos aliados de Horace Lane e adepto ao modelo educacional que via a educação como estratégia de evangelização indireta. Parece-me que Waddell exerceu o mesmo papel que Lane desenvolvia na estação South Brazil Mission, ou seja, o superintendente da Central Brazil Mission (ANNUAL REPORT, 1906, p. 375). Permaneceu nessa função durante seis anos e meio, depois foi substituído pelo Sr. Eells (ANNUAL REPORT, 1907, p. 398). Também há indícios no Annual Report da Igreja Presbiteriana norte-americana que algumas escolas de Minas Gerais estavam vinculadas à rede de escolas (1894, p. 234).

Outro indício que nos ajuda a entender que a rede estava atrelada a Horace Lane foi o uso que ele faz da palavra “branch” (filial). Nos documentos anteriores a Lane, não encontramos o uso dessa palavra. Ela também aparece nos relatórios da Igreja Presbiteriana norte-americana. A palavra *Branches* aparece também nos relatórios de algumas escolas, que foram anexados por Lane no relatório anual aos Trustees. Esta palavra é uma pista de que tais escolas faziam parte da rede de escolas configuradas pelo diretor do Mackenzie College e supervisor educacional da South Brazil Mission. Ela aparece no relatório da Escola de Botucatu e Florianópolis, escrita em fotos, sugerindo um indício paradigmático (GINZBURG, 1989). Portanto, essa palavra se torna importante no sentido de entender a configuração de uma rede de escolas. A palavra é utilizada por vários agentes sociais do campo presbiteriano ligados à supervisão educacional de Horace Lane. Pelo que percebemos, ela não surge com muita frequência. Nos relatórios de Lane, são raras as vezes que ela aparece, perdida em meio a tantos outros assuntos, balanços financeiros. No relatório dos líderes presbiterianos aparece uma única vez, falando que a Escola Americana de São Paulo incorporava mais duas filiais em Minas Gerais. No relatórios dos diretores, anexado ao relatório anual de Lane, a palavra aparece em títulos de relatórios das escolas e em fotos.

No relatório de Lane impresso no prospecto sobre o Colégio Protestante no Brasil de 1891, há um tópico com o título: *Branches*, Filiais. Nesse tópico há seguinte relação de filiais:

Quadro 3 - Dados sobre escolas filiais do colégio Protestante no Brasil

Escolas	Responsáveis	Alunos
Escola de Botucatu	Misses Mary Dascomb, Nannie Henderson e David dos Santos	79
Escola em Cabo Verde	Antonio Nogueira	27
Escola em Cruzeiro	D. Mariquinha da Silva	28
Escola em Rio Claro	Miss Eva Dagama	21
Dois Córregos	D. Francisca Ribeiro, Joaquim Ribeiro	43
Escola em Faxina	José Carvalho (suspensa parte do ano)	X
Escola em Guarapuava	Gomes da Costa	20
Escola em R. de Janeiro	Mme. Trajano e assistente	66
Escola em Caldas	Miss Lydia Pereira	20
		Continua

		Conclusão
Escola em Sorocaba	D. Maria Dolada de Moura	26
Escola em Lambari	Joaquim Camargo	30
Escola em Jaú	Belarmino de Campos	40
Rio Novo	Irregularmente fornecido	X
Fartura	Irregularmente fornecido	X
Santa Cruz o Rio Pardo	Irregularmente fornecido	30
Rio Grande do Sul	Irregularmente fornecido	X
Escola em Curitiba	Rev. Modesto de Carvalho, D. Bella de Carvalho	41
Escola em Laranjeira	Manuel da Mota	32

Fonte: Relatório de Horace Lane aos Trustees. A Protestant College for Brazil, 1891.

Lane coloca 18 escolas como filiais (*Branches*). A hipótese levantada inicialmente era que as Escolas que compunham a rede de escolas eram: Botucatu, Araraquara, Curitiba, Florianópolis, pois eram essas escolas que foram encontradas no relatório encaminhado aos Curadores de Nova Iorque. Pelo que podemos observar, Lane relaciona outras escolas: Escola em Laranjeira, Rio de Janeiro, Cabo Verde, Rio Claro, Dois Córregos, Faxina, Guarapuava, Caldas, Lambari, Rio Novo, Jaú, Fartura e Sorocaba.

O cruzamento com outras fontes trouxe outras evidências. No Annual Report da Igreja Presbiteriana norte-americana há pistas de que essa rede era maior: “As escolas na Borda da Mata e Cabo Verde, em Minas, são consideradas filiais de S. Paulo, como é também a que está em Curitiba, a escola graduada em Botucatu e outras escolas paroquiais ligadas às igrejas auto-sustentáveis que foram entregues aos cuidados das respectivas igrejas (ANNUAL REPORT, 1894, p. 234). Será que de fato eram filiais da Escola Americana de São Paulo? O texto sugere que as filiais ficavam sob a supervisão de Horace Lane até se tornarem auto-sustentáveis, principalmente as paroquiais. Como veremos, Lane ajudou financeiramente a Escola Paroquial de Araraquara. Talvez isso explique a razão pela qual a Escola Americana de Curitiba não está no relatório de Horace Lane aos Trustees entre os anos de 1907-1912, pois era uma escola com boas condições financeiras e dirigida por pessoas de confiança de Horace Lane.

Sobre a Escola Americana de Sorocaba, inicialmente, suspeitávamos que ela fizesse parte da rede de escolas¹²⁵. Na dissertação de mestrado (SILVA, I. B., 2010), levantamos a hipótese de que a professora Maria Dolada de Moura, após a saída da professora Palmira de Cerqueira Leite em 1884 havia assumido a direção da Escola Americana de Sorocaba, organizada pelo casal Cerqueira Leite em 1874. Pelo relatório de Lane, é possível confirmar a

¹²⁵ Havíamos colocado como hipótese no projeto inicial desta tese que a Escola Americana de Sorocaba também fazia parte da rede de escolas de Horace Lane.

hipótese de que a Escola Americana com a saída da professora Palmira teve continuidade com a professora Maria Dolada e depois com o Rev. Zacharias de Miranda.

Na ocasião, havíamos localizado no Arquivo do Estado de São Paulo, uma fonte que fazia referência a uma escola particular, logo após a saída da professora Palmira de Cerqueira Leite da direção da Escola Americana de Sorocaba:

Sorocaba. Escola particular de ensino misto aberta a 20 de outubro de 1884, à Rua do Rosário, n. 60, da cidade supra, por Dona Maria Dolada de Moura, sua professora e diretora, segundo participou em ofício, de 26 do mesmo mês. O programa de ensino abrange o seguinte: leitura, caligrafia, contabilidade, geografia, gramática nominal, história pátria, desenho, francês e doutrina cristã. As suas aulas funcionaram das 10 horas da manhã às 2 horas da tarde. Até essa data haviam matriculado seis alunos, sendo 2 do sexo masculino e 4 do sexo feminino (LIVRO DE REGISTRO DE ESCOLAS PARTICULARES DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 1884-1895, ORDEM, 5111).

O relatório não faz nenhuma menção à Escola Americana em Sorocaba, que ainda existia nesse período. Porém, a professora e diretora Maria Dolada de Moura era membro da Igreja Presbiteriana de Sorocaba, recebida por Antonio Pedro de Cerqueira Leite em 23 de julho de 1882 (LIVRO DE ROL DE MEMBROS, 1869). Na ocasião do desenvolvimento da dissertação, sugerimos que se tratava da abertura de uma nova escola protestante, mas pelo dizer de Horace Lane era a mesma escola da professora Palmira de Cerqueira Leite.

Outra hipótese, mais ousada, que levantamos na dissertação e, que agora se confirma, era que diante das dificuldades com a viuvez e o novo casamento, Palmira esteve pensando em deixar a direção da escola ao longo do ano de 1884 e efetuou uma transição, preparando o seu afastamento ao passar a direção da sua escola à professora Dolada, recém integrada à igreja presbiteriana. O relatório informava que a professora Maria Dolada de Moura era diretora, e que a escola tinha sido aberta em 20 de outubro de 1884, na Rua do Rosário, 60. Ou seja, a escola foi aberta no mesmo endereço da futura escola de Zacharias de Miranda e também seu local de residência: Rua do Rosário, n. 60 (DIÁRIO DE SOROCABA, 24/12/1885, p. 4). Diante do cruzamento das novas fontes, observa-se que se tratava da mesma escola, pois dificilmente seria possível funcionarem duas escolas no mesmo prédio. Nota-se, ainda, que a proposta tanto de Zacharias como da professora era a organização de uma escola mista. Além disso, as duas escolas ofereciam o mesmo horário para os estudos, das 10 horas às 14 horas. E por último, o relacionamento eclesialístico de Zacharias de Miranda com a professora Maria Dolada, reforça a ideia de que se tratava da mesma escola. O que justifica, então, a presença da professora à frente dessa escola? Provavelmente, ela assumiu temporariamente as responsabilidades da escola dirigida por Palmira, entregando-a mais tarde para o seu pastor, Zacharias de Miranda, quando este chegou à cidade de Sorocaba.

No final do ano de 1883, a Escola Americana tinha 40 alunos matriculados. A escola de Maria Dolada de Moura tinha apenas 6 alunos matriculados em 20 de outubro de 1884. Com a finalidade de enfrentar esse decréscimo de alunos e dar continuidade à presença educacional presbiteriana na cidade em continuidade direta com o trabalho da professora Palmira, Zacharias de Miranda, estrategicamente, vai até a imprensa para solicitar aos pais que encaminhem seus filhos para a sua instituição escolar, configurando, mais uma vez, a antiga estratégia da evangelização indireta. Ele objetivava com esse movimento a afirmação da presença presbiteriana no campo educacional escolar sorocabano e, subliminarmente, no campo religioso e, ainda, pelas suas ligações públicas com a maçonaria republicana, no campo político.

Portanto, é válido afirmar que a Escola Americana de Sorocaba, mais tarde Colégio Sorocabano, por um determinado momento, fazia parte da rede de escolas sob a jurisdição de Horace Lane, ou seja, era mais uma filial ligada à Escola Americana de São Paulo.

A historiografia protestante pontua que a escola de Zacharias fechou porque esse se mudou para São Paulo (FERREIRA, 1992). Na ocasião das pesquisas para o mestrado sugerimos que a escola havia fechado porque seu diretor Zacharias de Miranda, além de não estar referendado sobre a importância dessa obra missionária para a evangelização direta, transferiu a responsabilidade educacional aos maçons republicanos de Sorocaba, pois como vereador da cidade defendeu a criação do Grupo Escolar (SILVA, I. B., 2010). Ele tinha que dar um destino ao seu envolvimento educacional em Sorocaba. Encontrou um caminho nas reivindicações educacionais do partido republicano e na crise estabelecida no campo religioso presbiteriano no Brasil, liderada por Eduardo Carlos Pereira.

Voltando aos relatórios, Lane novamente relembra no prospecto sobre *Protestant College for Brazil* de 1891 que estava em andamento um plano para sistematizar as escolas:

Um plano para sistematizar e unir todas as escolas da missão, atualmente espalhadas, sob uma gerência geral está sendo colocado em operação. Este plano visa uniformizar os livros, métodos de ensino, graduação e os relatórios trimestrais regulares conforme plano adotado pelas escolas públicas em St. Louis. Também abriremos uma escola em todos os pontos do país onde existe um núcleo, ainda que pequeno, de uma Igreja Presbiteriana. Nós sentimos que tudo o que podemos fazer para o público em geral, estamos fazendo e não devemos permitir que os filhos de nosso povo cresçam na ignorância (LANE, 1891, p. 13).

Percebe-se que Lane manteve as mesmas colocações do prospecto de 1890, em que dizia que estava em andamento um plano para sistematizar as escolas. Reafirma que abriria escola em todos os lugares do país onde existisse um núcleo presbiteriano, com o objetivo de impedir que os filhos da Igreja crescessem na ignorância. No Annual Report Mackenzie

College de 1908 (p. 7), Lane se mantém firme nas aspirações de abrir filiais em lugares que existiam núcleos presbiterianos.

Finaliza o relatório contido no prospecto de 1891, intitulado *Protestant College for Brazil*, mostrando os investimentos realizados e a situação de algumas escolas sob sua direção. Os investimentos foram os mais variados: compra de mobiliário, livros, publicações e construção de salas, e acentua que foram investidos \$1.788,200 nas filiais de escolas (LANE, 1891, p. 31). Sobre a situação das escolas que faziam parte da rede, afirma:

Há uma escola graduada em Botucatu que recebeu recentemente um valor de US \$ 25.000 e uma valiosa porção de terra, o que lhe permitirá cuidar de si e do distrito próximo ao centro. As escolas primárias em Cabo Verde, Cruzeiro, Rio Claro, Pirassununga, Dois Córregos, Sorocaba, Curitiba, Rio de Janeiro, Guarapuava, Calda, Lambari, Jaú, Rio Novo, Laranjeiras, Fartura, Santa Cruz e Faxina o ensino foi feito de forma irregular. A maioria dessas escolas está sob nossa orientação, e novas escolas serão abertas em todos os pontos em que há um grupo de crentes (LANE, 1891, p. 31)

Lane como superintendente dessas escolas faz uma breve avaliação, pontuando os investimentos, as irregularidades e as novas projeções relacionadas ao seu plano de rede de escolas, ou seja, abrir mais filiais onde havia cristãos. Se tais escolas, segundo Lane, estavam sob a nova organização, isso implica em dizer que anteriormente não existia a rede de escolas organizadas pela Igreja Presbiteriana norte-americana, como sugere Nascimento (2007). Há indícios de que é a partir de Lane, que se inicia a organização de uma rede de escolas. Ribeiro (1987) afirma que a gestão de Lane é um divisor de águas na história da educação presbiteriana. De fato, ele foi o divisor não somente nas lutas de representações educacionais como também na reconfiguração do campo educacional presbiteriano no Brasil.

No prospecto de 1891, *Protestant College for Brazil*, há uma análise das condições favoráveis do Brasil a respeito da educação e das questões políticas. Na página 7, afirma-se que segundo o relatório de Horace Lane a Escola Americana de São Paulo progredia e contava com a presença de 447, desses 126 estudavam gratuitamente e que apesar disso, a escola obteve lucro, que resultou na abertura de três novas escolas filiais. Na página 15, além das escolas do relatório anterior, encontra-se a menção das seguintes filiais: Araraquara, Pirassununga, São Carlos do Pinhal, Tatuí. Regularmente constituída e com professores (PROTESTANT COLLEGE FOR BRAZIL, 1891).

No prospecto *Protestant College for Brazil* de 1897 não há referências sobre as filiais, apenas sobre a Escola Americana em São Paulo e o sobre o Mackenzie College. Em termos de materialidade o prospecto é bem diferente dos anteriores, são publicadas, entre outras coisas: fotos, as construções em andamento, assuntos relacionados à vida financeira das instituições

escolares, conteúdo e disciplinas estudadas na Escola Americana e no Mackenzie College, porém não dá evidências que tais disciplinas seriam aplicadas nas demais escolas americanas.

Lane pontua nesse relatório que, em 1895, os Boards transferiram para o Mackenzie College o controle de todos os departamentos da *school mission*, bem como o controle da propriedade, unificando o trabalho educacional. De fato, em 13 de abril de 1895 foi celebrado um acordo entre a Board of Foreign Mission e os Trustees do Mackenzie College. O documento intitulado *Agreement Between Board and College*, com dez cláusulas, transferia definitivamente para o Mackenzie College o controle da obra educacional, propriedades, responsabilidades financeiras. Isso fortalecia ainda mais a pessoa de Horace Lane no campo educacional presbiteriano diante dos seus adversários eclesiásticos. Conferia-lhe mais autonomia em relação ao seu plano de formação de uma rede de escolas no Brasil.

Tais prospectos constituem uma importante fonte documental que nos ajudou a compreender que Lane, na qualidade de superintendente da obra educacional, tinha em mente o plano de unificar as escolas americanas. Portanto, a Escola Americana de São Paulo e o Mackenzie College, sob a direção de Horace Lane, passam a ser o centro administrativo da obra educacional. As demais escolas incorporadas, segundo Lane, tornaram-se “Branches”, filiais. Os investimentos financeiros nas filiais, em determinado momento, conforme o prospecto de 1891, saíam dos lucros obtidos pelo Mackenzie College.

Como superintendente, era responsável pela obra educacional da South Brazil Mission. A tarefa educacional dessa região missionária abrangia o Estado de São Paulo, Rio de Janeiro e algumas cidades do Paraná, como Curitiba e Florianópolis. Os prospectos intitulados *Protestant College for Brazil*, mostraram que Lane tinha o objetivo de construir filias em todo lugar que tivesse um núcleo presbiteriano, além da intenção de incorporar nesse projeto as escolas organizadas antes da sua gestão na Escola Americana de São Paulo.

Outro indício da rede são os relatórios de 1907 a 1912, elaborados por Lane do Mackenzie College encaminhados aos curadores de Nova Iorque, vemos em anexo os relatórios de outras escolas: Araraquara, Curitiba, Florianópolis e Botucatu. Diante dessa constatação, levantamos algumas perguntas: Quais as razões dessas escolas estarem nos relatórios que Horace Lane encaminhava aos Curadores de Nova Iorque? Por que os dirigentes daquelas escolas encaminhavam relatórios a Horace Lane e esse encaminhava aos curadores? Por que menciona nos relatórios a existência de escolas em várias cidades do interior, tais como Tietê, São Carlos, Botucatu? Elas estavam subordinadas a sua direção? A respeito dessa última pergunta, se considerarmos o fato de que Lane era o missionário-educador, responsável pela educação no estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná,

conforme a Igreja norte-americana afirmava, as escolas mencionadas nos relatórios faziam parte do seu projeto de expansão de escolas americanas e configuravam a formação de uma rede de escolas que estavam em conexão com a Escola Americana de São Paulo.

Ao analisar os relatórios encaminhados aos Trustees, vemos que Lane não coloca a Escola Americana de Curitiba, o que não significa que essa escola não fazia parte da rede de escolas, pois desde a sua organização há indícios de que era uma filial da Escola Americana de São Paulo. Mas, qual seria a razão de Lane não colocar informações sobre essa escola nos relatórios encaminhados aos Trustees? Como vimos, Dascomb e Elmira Kuhl faziam parte da rede de sociabilidade. Eram professoras e missionárias de confiança de Lane. Eram o modelo de diretora que Lane desejava, piedosas, inteligentes, conhecedoras da pedagogia norte-americana, e o perfil delas estava de acordo com as diretrizes do documento de 1840 elaborado pela Igreja Presbiteriana norte-americana.

Os relatórios¹²⁶ de Lane aos Trustees que temos em mãos são de 1907-1912, o de 1913 é assinado pelo Dr. Donald C. MacLaren. No relatório de 1907 temos apenas o relatório da escola de Botucatu. Nos de 1908, 1909 e 1910 temos anexado os relatórios das escolas de Botucatu, Araraquara, Florianópolis. De 1911, os relatórios das escolas de Botucatu e Florianópolis e o de 1912, ano da morte de Horace Lane, temos apenas o relatório da escola de Botucatu. No relatório de 1913 é mencionada novamente a escola de Botucatu. Em 1914 não é mais mencionada nenhuma escola. Será que com sua morte essa rede de escolas foi desmontada? Pelas ausências delas nos relatórios subsequentes, podemos dizer que sim. Os sucessores de Lane, na presidência do Mackenzie College, pelos relatórios não deram continuidade à rede de escolas até o ano de 1919, quando Waddell tentou novamente recuperar a rede de escolas, assumindo a Escola Mackenzie de Araraquara, deixada pelos filhos de Horace Lane.

No relatório da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos, temos a seguinte afirmação de Lane sobre a rede de escolas:

Na escola Botucatu também houve uma ligeira queda, facilmente explicada, como será visto no relatório daquela escola. Nós não temos sido capazes de abrir outras escolas no interior por falta de professores americanos com experiência. As nossas jovens licenciadas na escola normal são capazes de dar o ensino, mas precisam de alguém para assumir a direção-geral. Este é o dever mais importante que hoje nos confronta, não só um dever comum às igrejas protestantes nativas, cujos membros estão sem escolas para seus filhos, mas também sem faculdade. Nós não podemos

¹²⁶ Como já mencionamos, o projeto de rede de escolas de Horace Lane é anterior ao ano de 1907, data do relatório que conseguimos. Para suprir essa lacuna, recorreremos a outras fontes, tais como: o relatório intitulado *Annual Report*, elaborado para a Assembleia Geral da Igreja norte-americana e prospectos da *College Protestant*.

trazer esses meninos e meninas protestantes, muitos deles pobres, para fazerem os estudos preparatórios em S. Paulo, ou para determinar quais deles são adequados para serem treinados para pregadores ou professores. As seleções feitas agora são bastante rasas de suas necessidades e adequação. Botucatu já nos enviou dois estudantes de tempo integral. Sem essas escolas no interior como alimentadoras teremos uma luta, o resultado é um pouco duvidoso (ANNUAL REPORT, 1907, p. 379, tradução nossa).

Nesse relatório, Lane fala em abrir escolas no interior. O empecilho era a falta de professores americanos com experiência e pessoas que assumissem a direção geral. Porém, afirmava que tinha professoras formadas na Escola Normal sob sua responsabilidade para lecionarem. Nas cartas aos pais temos um importante esclarecimento de Horace Lane sobre A Escola Normal. Na carta de 1896, ele dizia que dava especial atenção à Escola Normal, pois seu principal objetivo era preparar pessoas para o magistério da Escola Americana e suas anexas. Em 1899, na carta aos pais, Lane faz a seguinte afirmação a respeito da Escola Normal: “[...] continuamos a dar grande importância ao ensino normal para o preparo dos professores, que têm de reger as aulas das escolas do nosso sistema nos diversos estados” (LANE, 1898b). Na carta de 1899, afirmava que: “[...] continua a merecer especial atenção, pois sem ele dificilmente poderia achar corpo docente para o nosso estabelecimento aqui e para as escolas que lhe são filiais nos outros Estados” (LANE, 1899b).

A Escola Normal foi criada em 1877 pelo casal Chamberlain com a finalidade de prover professores para a Escola Americana de São Paulo (GARCEZ, 2004). Sob a direção de Lane, a escola continuava seu objetivo inicial, além de oferecer professores para as filiais da Escola Americana de São Paulo. Portanto, as redes de escolas de Lane era suprida por professores formados pela Escola Normal.

No relatório aos Trustees de 1907, Lane pontua que não tinha uma pessoa para assumir a direção geral. Talvez, tais professoras formadas na Escola Normal não teriam a experiência necessária para assumirem a direção dessas escolas. Ainda, se observarmos, parece que existia a tendência de Lane entregar a direção geral das escolas sob sua responsabilidade às pessoas ligadas à sua rede de sociabilidade, principalmente, às pessoas familiarizadas com a pedagogia norte-americana e de origem americana, como ocorreu com as Escolas Americanas de Curitiba, Botucatu e Florianópolis. Ou pode-se pensar ainda que Lane não confiasse a direção das escolas aos professores e pastores nacionais. Podemos reforçar essa hipótese revendo o Colégio Sorocabano, que estava sob a direção do Rev. Zacharias de Miranda, pastor nacional. Diante das lutas de representações educacionais no campo presbiteriano, esse pastor aderiu à Moção Smith que, entre outras coisas, decidiu não utilizar mais a educação como forma de evangelização. Talvez seja esse um dos motivos pelos

quais Lane preferisse que as escolas estivessem sob a direção de professoras norte-americanas, ou ainda por causa dos conflitos com Eduardo Carlos Pereira.

Além disso, acentua a necessidade de expandir o modelo da Escola Americana no interior de São Paulo por causa da origem social dos filhos dos protestantes. Afirmava que no interior de São Paulo as crianças eram pobres e tinham dificuldades de se locomoverem até a capital. O documento deixa bem claro a intenção de Lane em fortalecer sua rede de escolas americanas no Brasil. Afirmava: “[...] sem estas escolas no interior teremos uma luta, o resultado é um pouco duvidoso”. Seriam realmente essas as preocupações de Lane? A linguagem retórica sugere uma atitude de convencimento. Portanto, uma tática para convencer os norte-americanos a continuarem a investir financeiramente no seu projeto educacional.

No relatório Annual Report da Igreja Presbiteriana norte-americana de 1907, temos a seguinte informação:

O trabalho da Mackenzie College e o das suas escolas filiadas foi mantido a um alto grau de eficiência. O trabalho cresceu e está intimamente relacionado com o trabalho do Conselho de Curadores no Brasil, mas está agora sob o seu próprio Conselho Administrativo, cujo presidente é o Dr. Lane (p. 402 - tradução nossa).

O conselho da Igreja Presbiteriana norte-americana tem bem claro que o trabalho do educador Horace Lane era muito mais amplo do que o trabalho educacional que desenvolvia na Escola Americana de São Paulo. Eles mencionam que o Mackenzie College e escolas filiadas estavam em alto grau de eficiência, porém na visão de Lane era preciso mais investimento em pessoas, mobiliários e outros. Eles reconhecem que as demais escolas são as filiais do Mackenzie. Nesse relatório da Igreja é transcrito um relatório de Lane que está dividido em três tópicos: nosso trabalho, atletismo e nosso futuro.

O terceiro tópico é elucidativo em relação às intenções de Lane sobre as redes de escolas americanas:

O número de crianças protestantes está aumentando rapidamente e também as demandas legítimas sobre nós para educá-los aumenta em proporção. Em vez de quatro ou cinco escolas no interior, devemos ter vinte. Nós estamos realmente fazendo alguma coisa para estas igrejas, colocando seus jovens, homens e mulheres em pé de igualdade com o melhor da terra. Nosso trabalho tem avançado no conhecimento do idioma Inglês e abriu a sua literatura a um grande número de seu povo. No ano passado, dezoito de nossos alunos estavam nos Estados Unidos, dez em Cornell, dois na Union College, quatro da Universidade da Pensilvânia, e dois em Wooster, além de uma jovem de Women's Medical College of Philadelphia (ANNUAL REPORT, 1907, p. 402, tradução nossa).

Em 1907, a intenção de Lane era organizar vinte escolas no interior. Afirmava que estava fazendo algo pelas igrejas do interior, colocando os jovens em pé de igualdade com o melhor da cultura norte-americana. Era um projeto de certa forma ambicioso, porém fiel aos

ideais mencionados no prospecto intitulado *A Protestant College for Brazil de 1890*. Neste prospecto, disse que tinha o objetivo de unificar as escolas e criar novas escolas, ou seja, 17 anos depois¹²⁷, Lane mantinha o projeto de organização das filiais (em rede) nos lugares onde havia presbiterianos.

Ele também menciona que 18 alunos estavam estudando nos Estados Unidos. Atique (2007), em sua tese de doutorado procurou mapear os alunos que estudaram no Mackenzie College e deram continuidade aos seus estudos nos Estados Unidos.

No relatório encaminhado aos Trustees, Lane faz um balanço das escolas do interior:

AS FILIAIS DE ESCOLAS NO INTERIOR:

A escola de Botucatu teve um ano de muito sucesso sob a Srta. Walter, cujo tempo de serviço expirou e ela voltou para casa, mas temos esperança que ela volte e traga seu companheiro. Você verá pelo relatório da escola em anexo, que o número de alunos que estudam gratuitamente é largamente superior ao número do contrato. Temos seguido o plano de aceitar todos os que venham e que realmente precisavam da nossa ajuda, independentemente de filiação com a igreja. O efeito da escola das igrejas dissidentes tem sido mais benéfico. O seu excelente trabalho e o firme cuidado com seu próprio negócio quebrou a oposição do clero Católico Romano. Temos ajudado a pequena escola paroquial em Araraquara e também uma do mesmo modelo em Tietê, mas pouco foi feito no sentido de organizá-la. Há pouco tempo aberta por Miss Hill, em férias. Se tivéssemos mulheres da América em vigor suficiente organizaríamos grades de ambas no início do trabalho escolar, ao olharmos para este trabalho como o mais importante para as igrejas de qualquer outro país. Temos consentido em assumir e reabrir a escola da missão em Florianópolis e está dependendo de Miss Hill retornar a tempo para formar um corpo de professores jovens daqui. Estamos fortemente encorajados a assumir a escola protestante que a família Dagama manteve durante os anos em Rio Claro, caso desistam. Mas para fazer isso, é preciso a presença de um professor americano. Poderíamos fornecer excelentes novos professores nativos, mas eles não podem ser enviados sozinhos para as cidades do interior. Foi oferecido um grande edifício isento de aluguel e impostos por um período de anos pelas autoridades municipais de S. Manoel, e vamos abrir uma escola lá. Isso também significa que precisaríamos de professores experientes dos EUA. Abriremos uma a escola em S. Carlos, que também dependeria de uma mulher americana experiente (MACKENZIE COLLEGE, 1907, p. 7).

Percebe-se que o plano de rede (filiais) de escolas de Lane previa não somente a abertura de novas escolas, mas também visava assumir aquelas que foram organizadas antes da sua nomeação como superintendente e missionário responsável pela South Mission. O que reforça a ideia que não existia uma rede de escolas anterior a Lane. É o caso da escola em Rio Claro, aberta por Dagama. Diz que ajudava duas escolas paroquiais, em Araraquara e Tietê. Pelos relatórios, veremos que a escola de Araraquara era de fato uma escola paroquial e recebia subsídio financeiro do Mackenzie College, mais tarde seu filho, Rufus Lane, organizou uma escola em Araraquara, denominada Escola Mackenzie de Araraquara.

¹²⁷ Os relatórios de Lane aos Trustees são de 1907-1912 (ano de sua morte), os relatórios anteriores não foram encontrados. O cruzamento de fontes permitiu entender que a ideia de rede de escolas foi iniciada por Lane em 1890 através do prospecto intitulado *A Protestant College Brazil*.

Por que Lane queria também integrar escolas paroquiais em sua rede de escolas? Uma interpretação plausível seria que Lane ao assumir tais escolas, as transformaria com o tempo em colégios abertos, talvez essa seja a razão de vermos menção da Escola Paroquial de Araraquara em seus relatórios. Parece-nos também que ele assumia tais escolas com o objetivo de reorganizá-las e transformá-las posteriormente em colégios abertos.

No relatórios de Lane aos Trustees, não vemos anexado o relatório da escola de Tietê, apenas menção dela, o que pode significar que o desejo de Lane de integrar essa escola não deu certo, ou ainda, que ela fechou. Ela recebia apenas ajuda financeira.

Nesse mesmo relatório Lane, diz que desejava reabrir e assumir a escola de Florianópolis. De fato, como veremos, essa escola se tornou uma filial da Escola Americana de São Paulo. Expressava também o desejo de abrir duas escolas no interior de São Paulo, na cidade de São Carlos e outra em São Miguel.

Sobre Rio Claro, disse que tinha apoio das autoridades municipais, que cederam gratuitamente um edifício grande, livre de impostos. O problema pontuado por Lane estava relacionado aos professores e diretores, ou seja, para ele era importante colocar na direção dessas escolas pessoas de origem americana. Será que não confiava a direção dessas escolas aos brasileiros? Do ponto de vista administrativo preferiu entregar aos cuidados de americanos que faziam parte da sua rede de sociabilidade. Provavelmente, por estarem mais familiarizados com a cultura e educação norte-americana. Os brasileiros ficariam com a prática da docência, pois afirmava que poderia fornecer excelentes professores nativos, porém esses não poderiam ir sozinhos para as cidades do interior. Talvez, o contexto das lutas de representações educacionais que aconteceram no campo presbiteriano justifique a postura adotada por Lane.

No relatório de 1908, aparece um tópico, intitulado As Filiais (*Branches*) de Escolas no Interior. Inicia esse tópico, afirmando que tais escolas eram as filiais mais importantes do seu trabalho. Nesse sentido, as escolas do interior deveriam estar sob a direção de mulheres cristãs devotas, cheias do espírito missionário e capazes de sacrificarem-se.

Nesse item, Lane fala da contratação de novos professores:

As Filiais (*Branches*) de escolas no interior, que recebem as crianças de pais protestantes, membros de nossas igrejas, são talvez as filiais mais importantes de nosso trabalho. É muito importante que essas escolas estejam sob a direção de mulheres cristãs devotas, cheias do espírito missionário e capazes de se auto-sacrificarem. Novos professores - para estas escolas designamos a Senhora Edith Hemming, da Missão Evangélica, com sede em Liverpool, Florence Dove, da Escola de Treinamento da Missão de Adelaide, Austrália, já a caminho, e Margaret Cole, que há um ano já está encarregada das jovens do Mackenzie. A Srta. Browning volta a Botucatu e a Srta Porter se encarrega da escola de Florianópolis. A Srta, Justice,

designada para a Bahia alguns anos atrás, retorna para nós no ano que vem (LANE, 1908a, p.8, tradução nossa).

Lane pontua que as filiais da Escola Americana de São Paulo eram talvez as mais importantes para o trabalho missionário. Percebe-se claramente a presença das escolas em várias regiões do Brasil. Nesse item, parece que Lane estava reconfigurando o campo educacional sob sua responsabilidade na contratação de novas professoras e no remanejo da atuação de algumas professoras para as escolas sob sua orientação. Botucatu teria a diretora Miss Browning. Florianópolis ficaria sob a responsabilidade de Miss Porter. A miss Justice retornava da Bahia¹²⁸.

Ainda nesse item sobre as filiais de escolas do interior, temos a seguinte afirmação de Lane:

Esperamos ser capazes de abrir uma nova escola em Sorocaba, tomar conta da pequena escola em Araraquara e começar uma em Pinheiros, subúrbio de São Paulo, onde o Rev. Carvalhosa realizará um trabalho futuro. A abertura dessas escolas, além de dar unidade às diferentes localidades onde elas estão e harmonizar os elementos conflitantes entre os protestantes, nos alivia um pouco de novos candidatos das Igrejas como alunos bolsistas. Estes candidatos aumentam a cada ano, e são de um caráter que torna difícil recusá-los enquanto podemos nos esforçar para admiti-los. Este é o elemento missionário de nosso trabalho. Sem reservas e patronos ricos, não vemos como sobreviver sem a ajuda agora recebida da Comissão de Missões Estrangeiras, não podemos abrir mão da grande parte do trabalho que naturalmente pertence a nós (LANE, 1908a, p. 7, tradução nossa).

Além da intenção de reabrir o campo educacional em Sorocaba¹²⁹, Lane afirmava que desejava tomar conta da pequena escola em Araraquara e começar uma nova escola em Pinheiros, subúrbio de São Paulo. Como vimos, para Lane, a abertura dessas escolas, além de dar unidade às diferentes localidades onde seriam implantadas e harmonizar os elementos conflitantes entre os protestantes, aliviava um pouco de novos candidatos das Igrejas como alunos livres. O número desses candidatos aumentavam a cada ano, sobrecarregando financeiramente a Escola Americana em São Paulo. Quais seriam os elementos conflitantes entre os protestantes? Seriam as lutas de representações educacionais que marcaram o campo

¹²⁸ Como já pontuado, a Central Brazil Mission também era uma estação Missionária da Igreja Presbiteriana norte-americana. Não sabemos ao certo se as escolas que compunham essa missão também faziam parte da rede de escolas organizadas por Horace Lane. A presença de Chamberlain e de Waddell pode ser uma evidência para futuros estudos nesse sentido.

¹²⁹ Já pontuado, a Escola Americana de Sorocaba havia sido incorporada ao projeto de redes de escolas de Lane, segundo o prospecto *A Protestant College for Brazil* de 1890. Essa escola encerrou suas atividades no ano de 1895. Consultar: Ivanilson Bezerra da. **A Cidade, a Igreja e a Escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Nessa ocasião, Zacharias de Miranda entregou seus alunos aos cuidados dos republicanos de Sorocaba. Como vereador da cidade participou do movimento de formação do primeiro Grupo Escolar. Até o momento não encontramos evidências de que Lane tenha prosseguido no seu intento de reabrir a escola em Sorocaba.

presbiteriano? Mas, seriam de fato esta as suas intenções? Até que ponto conseguiu colocar em prática suas ações?

Por outro lado, percebe-se uma preocupação de Lane com a educação jesuíta e a educação de outras instituições educacionais. Sobre isso afirma:

O movimento mais notável e um dos que mais profundamente afetam a sociedade é a atividade da IGREJA ROMANA. As maiores paróquias deste estado foram transformadas em bispados e nada menos que nove bispos foram enviados a Roma para serem consagrados. Um Arcebispo foi apontado para São Paulo, um brasileiro estudado que fez uma excelente tradução do Novo Testamento, mas carregado de notas. Ele é um jesuíta irritável, intolerante e ultramontano, cuja administração déspota é algo que São Paulo nunca viu antes, e que com certeza causará uma segunda reação. O Mackenzie College e a Escola Americana são suas aversões preferidas. Houve um grande aumento no número de escolas sob as grandes ordens religiosas para ambos os sexos. Muitos caros e novos edifícios estão agora sendo feitos para as “Irmãs” (LANE, 1908a, p. 4).

Pode-se notar que a preocupação de Lane em organizar escolas filiais no interior não estava apenas voltada para a formação da juventude protestante, divulgação da cultura norte-americana, mas também em fazer reação às escolas organizadas pelo catolicismo. Pode-se pensar, num primeiro momento, que ao pontuar o aumento de escolas católicas, Lane objetivava angariar mais recursos financeiros dos Trustees. Interpretação plausível, porém, destaca que o Mackenzie College e a Escola Americana eram duas aversões vistas pelo catolicismo e que a nomeação do novo arcebispo em São Paulo, que no seu dizer, era um déspota, causaria uma segunda reação. Ele não explica o que seria essa reação, talvez um possível confronto ideológico entre as duas correntes religiosas: protestantismo e catolicismo. Lane sempre mostrou preocupação com o avanço do catolicismo. Anteriormente, afirmou que não podia ignorar a oposição direta e indireta do catolicismo. Para ele, existia uma oposição sistemática da Igreja de Roma (ANNUAL REPORT, 1905).

Em 1909, mantinha a mesma visão, ao dizer:

A EDUCAÇÃO CATÓLICA ROMANA:

O país está cheio de escolas das grandes ordens religiosas. Os Jesuítas e Beneditinos estão entre os mais importantes; apesar de os Franciscanos, Dominicanos, Augustinos e várias subordens terem edifícios grandes e imponentes. O Ginásio e o Seminário Diocesano daqui foram entregues a Maristas franceses, uma subordem, acredito, dos Beneditinos. Todas estas escolas de padres e monges estão sob patronagem e controle do governo, isto é, elas são “consideradas iguais” ao Ginásio Nacional. Quanto às numerosas ordens de ensino de Irmãs, desde as ricas “Notre Dame”, Escolas de Sion e Petit Ciseaux até as pequenas irmãs dos pobres, elas simplesmente cobrem todo o país, com irmãs francesas, alemãs, belgas, italianas e americanas. Estas escolas alcançam fundo no coração da vida brasileira, e existe pressão dos padres e bispos para obrigar as crianças a se matriculem (ANNUAL REPORT, 1909, p. 7)

Já vimos, que para Lane a forma de combater o catolicismo era através da pregação cristã, da criação de escolas e a divulgação da cultura norte-americana. Tinha preocupação

com a expansão da rede de escolas católicas e com o alto investimento que o catolicismo fazia na construção dos edifícios escolares e nas dioceses.

Seguindo a linha de raciocínio de Hilsdorf (2009), a Igreja católica ultramontana desde 1850 começou a montar sua própria rede de ensino, chamando os jesuítas e a congregação das Irmãs de São José de Chambéry para abrir colégios.

Leonard (1981) afirma:

Por outro lado, a fé prática das igrejas norte-americanas levou-as a um grande desenvolvimento das instituições “para-eclesiásticas” que ofereciam a vantagem de permitir uma propaganda indireta, contribuindo para a criação de uma “civilização cristã” senão à realização do Reino de Deus na terra, mais ou menos conscientemente idêntica ao sistema econômico dos Estados Unidos. Trata-se de uma prática católica retomada pelo protestantismo americano (p. 133).

Neste sentido, podemos pensar que Lane de certa forma influenciado pela prática do protestantismo americano organizou uma rede de escolas também em oposição à prática educacional católica. A presença do catolicismo no discurso de Lane no relatório aos Trustees (Curadores) da Universidade de Nova Iorque nos ajuda a entender que não se tratava apenas de fazer uma comparação entre o trabalho das duas denominações, ou ampliar os investimentos na sua proposta educacional, mas também, de uma concorrência no campo educacional brasileiro. Portanto, seu projeto de rede era uma forma de concorrer também com a educação católica.

Nos relatórios da Igreja Presbiteriana norte-americana desde o ano de 1896 era evidente a crítica ao catolicismo:

A Igreja Católica tem recuperado seu poder nos últimos anos. Forte reação em favor do romanismo aparece nos círculos políticos. O bispo de São Paulo é um jesuíta capaz e agressivo, como é também o arcebispo do Rio. Eles fazem pouco esforço para combater as Doutrinas protestantes no púlpito ou imprensa, mas em matéria de educação eles estão imitando os nossos métodos, com meios muito maiores [...] Há um aumento geral de boas escolas públicas, no qual, sob os auspícios do governo, nossos métodos estão sendo adotados (ANNUAL REPORT, 1896, p. 189).

Para os líderes presbiterianos, o catolicismo imitava seus métodos de evangelização em relação à educação, porém com meios muito maiores. Talvez com maiores investimentos financeiros. É evidente que havia uma disputa no campo educacional brasileiro entre protestantes e católicos. Tanto que no relatório apresentado à Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana norte-americana, eles afirmam que houve em São Paulo e em outros lugares, muita oposição por parte do catolicismo e que três novas escolas foram abertas durante o ano de 1896 por padres e freiras da Europa (ANNUAL REPORT, 1897, p. 191).

Sobre a reação católica, temos a seguinte afirmação:

Durante as primeiras décadas do século XX, a Igreja Católica procurou restaurar sua autoridade nacional, abalada pelos novos ideais, crenças e religiões modernas, adotando como uma de suas estratégias a vinda de novas congregações religiosas de diversas regiões do planeta, tendo como uma de suas finalidades a abertura de escolas confessionais para educarem as novas gerações. Como exemplo do surto de renovação e crescimento da influência católica nos países europeus, a partir da segunda metade do século XIX, pode-se falar também de um Projeto de Restauração Católica no Brasil, a partir da Primeira República. As famílias de poderio econômico maior, constituídas geralmente por grupos católicos, demonstravam grande interesse em busca por colégios confessionais para a educação de seus filhos, principalmente pelos valores transmitidos pela Igreja. A precariedade dos investimentos educacionais realizados pelos Estados no Brasil levou a Igreja a propor seu envolvimento na missão educacional, procurando combater o laicismo no país, apesar de seus colégios estarem voltados para a minoria que pudesse arcar com suas mensalidades. As congregações religiosas se encarregariam desse serviço, considerando essa missão também uma obra da Igreja (SANTOS, H. P, 2010, p. 88).

A análise do autor corrobora com os estudos de Bicalho e Lopes (1993) que afirmam que a multiplicação das escolas católicas em Minas Gerais era uma reação da Igreja Católica ao ensino leigo oficial e à multiplicação de escolas confessionais.

Querido (2011), em seu estudo sobre o Liceu Coração de Jesus, pontua que a organização de colégios salesianos em São Paulo foi também uma reação à expansão da educação protestante. Para ela, a Igreja Católica perdia espaço por causa das ideias anticlericais e do modelo de ensino dos protestantes que atraíam as elites paulistas.

Bencostta¹³⁰ e Cunha (2008) em artigo intitulado *Educação feminina católica e educação masculina protestante no Brasil do século XIX: fragmentos de uma história institucional e cultural*, afirmam que alguns seguimentos da elite paulista procuravam encaminhar seus filhos para os colégios protestantes e suas filhas para os colégios católicos:

Ao defrontar as propostas católica e protestante de formação escolar de moças e rapazes com as intenções das elites da província de São Paulo, entende-se que o principal objetivo dessas famílias ao inscreverem seus filhos no Colégio Internacional era o de garantir que, posteriormente, estariam sendo preparados para substituí-las e para se tornarem os futuros dirigentes daquela sociedade que, a cada momento, dava sinais de modernização. No que diz respeito à educação de suas filhas, intentava-se tornar segura a continuidade da tradicional função da mãe católica, responsável pelo espaço familiar, pela formação dos filhos nos preceitos morais do catolicismo, porém, com novas habilidades, com polimento social e esmero intelectual, ou seja, com as qualidades indispensáveis às esposas dos futuros dirigentes da sociedade que emergia promissora (p. 42).

Segundo Bourdieu (1984):

¹³⁰ Em 1996 o referido autor estudou a Província de São Paulo como campo de missão presbiteriana (1869-1892). Campinas: Unicamp, 1996. 144p, fortalecendo os estudos iniciados por Hilsdorf em 1977. Ver também: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Educação escolar norte-americana no Brasil do século XIX: trajetórias históricas de um Colégio Protestante em São Paulo (1869-1892)**. In: NASCIMENTO, Teresinha Aparecida Quaiotti (Org). **Memórias da educação Campinas** (1850-1960). Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 1999 (ColeçãoCampiniana, n° 20), p. 169-195.

A estrutura do campo é dada pelas relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia no interior do campo, isto é, o monopólio da autoridade que outorga o poder de ditar as regras, de repartir o capital específico de cada campo. A forma como o capital é repartido dispõe as relações internas ao campo, isto é, dá a sua estrutura (BOURDIEU, 1984, p. 114).

Nesse sentido, a concorrência entre católicos e protestantes era a luta pela hegemonia do campo educacional brasileiro. Para Lane, a rede de escolas seria a estratégia para conter a expansão do catolicismo, divulgar a cultura norte-americana e fortalecer os valores presbiterianos. Para tanto, sob sua orientação, tais escolas recebiam apoio financeiro, pessoal treinado segundo a pedagogia norte-americana e material didático. Em um dos últimos relatórios, ele faz um balanço dessas escolas:

FILIAS DE ESCOLAS:

Botucatu - Esta escola foi fundada pela missão quase trinta anos atrás. Sobre a formação do primeiro Sínodo foi entregue à Igreja nativa. Um membro da Igreja local deixou em testamento cerca de 100.000\$ 000 em dinheiro e duas casas. O litígio com os herdeiros reduziu o dinheiro para 30.000\$000. Ainda temos as duas casas e essa quantidade de dinheiro. Nós assumimos a escola em um contrato de dez anos, a fim de que não caísse nas mãos dos “Independentes”. Os recursos foram investidos em títulos simples, mas produzindo 12%. Eles estão agora em minhas mãos, mas com rendimento de 6%. O aumento das escolas públicas (uma das melhores escolas graduadas no Estado) e da abertura de uma escola aberta pelo Bispo contribuiu para reduzir o atendimento às crianças praticamente protestantes. Ela mostra um déficit este ano de Rs.2.166\$040.

Florianópolis – Esta também era uma escola de missão, as aulas são realizadas nas salas utilizadas para a adoração. Recebe Rs 900\$000 por ano da Missão Sul do Brasil. Está sob a direção da eficiente Miss. E. Porter e tem tido progresso. No ano que vem, o Governo do Estado vai abrir uma escola seriada organizado por um professor S. Paulo, que pode contribuir para diminuir o nosso número. Ela também teve uma perda de Rs.4:326\$260.

A pequena escola em Araraquara foi transferida para S. Carlos. É uma escola paroquial dirigida pela filha do pastor, o reverendo Bizarro e tem agora 30-40 alunos durante o ano. Nós não assumimos nenhuma responsabilidade pelo ensino, apenas auxiliamos financeiramente numa quantia de Rs.500\$000 por ano.

A pequena escola perto Tietê também é para os filhos da Igreja e é dirigida por um membro da Igreja. Nossa conexão com ela limitada aos livros escolares e uma subvenção de Rs.400\$000 por ano. Tem 15-20 alunos. Nosso investimento em escolas Missão este ano equivale, portanto, a Rs.7: 386 \$ 300. Temos sido solicitado para abrir escolas em diferentes partes do Estado e foi oferecido incentivos pecuniários para isto. Deveríamos estar felizes em fazer, se as mulheres cristãs competentes pudessem ser encontradas para tomar conta e dirigi-las. Nós poderíamos oferecer os professores. Esta é uma parte importante do trabalho que afeta toda a Igreja Protestante. Talvez a igreja nativa possa acordar para esta situação. (LANE, 1911a).

Novamente, a palavra *Branch* (Filial) aparece no relatório de 1911. Nessa parte do relatório Lane faz um balanço das escolas que estavam sob sua supervisão ou que recebiam ajuda financeira. A escola de Tietê, que não tem nenhum relatório em anexo ao relatório de Lane, recebia anualmente uma ajuda financeira, tal qual a escola de Araraquara. Além disso, eram encaminhados livros escolares para a escola de Tietê. O mesmo acontecia com a Escola de Florianópolis (LANE, 1908a). Lane se mostra preocupado com o surgimento das escolas

públicas, pois entendia que isso trazia um decréscimo no número de matriculados, como foi o caso da Escola de Florianópolis. A escola de Araraquara foi transferida para São Carlos.

Lane ainda pontua que não era possível abrir novas escolas, porque não havia mulheres competentes para dirigi-las. Ele podia apenas oferecer professores, possivelmente, formandos da Escola Normal pertencente ao Mackenzie College.

No último relatório de Lane, ano de sua morte, vemos mais uma vez a menção na parte introdutória do documento uma referência a suas filiais:

FILIAIS DE ESCOLA:

Botucatu - Esta escola se encontra sob a direção de Miss Effie Lennington. Durante o ano, teve um média de público mais ou menos igual ao ano passado, a maioria das crianças era protestantes. Os 30.000\$000 em fundos pertencentes à escola ainda estão em nossas mãos e rendendo 5%, mas a Igreja de Botucatu tem em vista utilizar para a construção, pelo que deve começar a produzir 18% a partir de julho. A escola Botucatu mostrou um déficit este ano de Rs 2.991\$600.

Florianópolis: Esta escola foi entregue à igreja em julho. Nós continuamos a pagar o salário senhorita Porter até o final do ano e vamos pagar sua passagem para os Estados Unidos.

As duas pequenas escolas em S. Carlos e perto Tietê ainda recebem nossa ajuda financeira, respectivamente de 500\$000 \$ e 400\$000 por ano (LANE, 1912a).

Nessa última menção da rede de escolas, Lane faz um pequeno balanço de como estavam as escolas sob sua responsabilidade. Anuncia o fechamento da Escola de Florianópolis, dizendo que ela foi entregue para a Igreja. Sobre as duas escolas paroquiais em São Carlos e Tietê, ele continuou a ajudá-las financeiramente.

Nos próximos tópicos centraremos a atenção nas filiais presentes nos relatórios de Horace Lane aos Trustees.

2.1 A Escola Americana de Curitiba

A Escola Americana de Curitiba foi fundada e organizada pelas missionárias norte-americanas Miss Mary Parker Dascomb e Miss Elmira Kuhl em 26 de janeiro de 1892, conforme documento encaminhado ao diretor geral da instrução pública do Estado do Paraná:

Comunicamos que sob o título de Escola Americana abrimos hoje um estabelecimento de educação e ensino, onde serão ensinados no Curso Primário: leitura, caligrafia, noções da língua e gramática, geografia, história, lições de coisas, desenho, as quatro operações de matemática. No Curso Intermediário: as mesmas matérias do Curso Primário com mais desenvolvimento começando o estudo sistemático da gramática e assim também noções das ciências naturais e prática da língua inglesa e francesa, e no Curso Secundário todos os preparatórios exigidos nas academias e ensinados pelos métodos progressivos indicados pela experiência com método e mais praticáveis. No internato para menina ensina-se música, trabalho e noções de economia doméstica (ARQUIVO DO ESTADO DO PARANÁ, 26/01/1892).

Oficializando a abertura da Escola Americana de Curitiba, as missionárias dedicaram parte de suas vidas à obra educacional. Segundo Ferreira (1992, p. 526), Miss Dascomb era uma pessoa cheia de vigor, energia e de conversa brilhante. Era uma pessoa versada em literatura moderna e nos grandes movimentos mundiais, com opinião em assuntos sociais, literaturas, pedagógicos e políticos. Em contrapartida, Miss Kuhl, era calma, quieta, mas alegre, muito paciente e reservada em suas opiniões, mas firme em conservá-las tenazmente. Era uma pessoa metódica e sistemática em negócios, possuía capacidade administrativa. Era justamente o modelo de mulher que Lane queria à frente das escolas sob sua jurisdição.

Embora não apareça nos relatórios de Horace Lane entre os anos de 1907 a 1912, a Escola Americana de Curitiba também fazia parte da rede de escolas organizada por ele. Qual a razão dessa ausência? Uma possível interpretação pode estar relacionada às cartas que constantemente trocava com Dascomb. Através delas, ele se mantinha informado sobre a obra educacional em Curitiba. Outra razão seria o fato de essa escola ter melhores condições financeiras e estar mais bem estruturada em relação às que aparecem nos relatórios supracitados. Porém, existem outras evidências de que essa escola estava em conexão com a Escola Americana de São Paulo.

Em relatório datado de 1895, Lane faz a seguinte observação:

Como superintendente da Missão Escolar, torna-se minha tarefa reportar-lhes o trabalho feito nas escolas sob minha supervisão, durante o ano que se encerrou [...] Vocês, sem dúvida, receberão das respectivas cúpulas destas escolas uma completa prestação de contas do trabalho feito nelas. A Escola de Curityba – Enquanto não me tem sido possível visitar a Missão Escolar de Curityba pessoalmente, tenho estado em correspondência direta com seus dirigentes e tenho tido uma posição detalhada a cada mês dos movimentos dos fundos e uma completa informação do trabalho escolar. Tenho tido a oportunidade de examinar um dos alunos e inspecionar amostras de seus exames (LANE, 1895 apud ABREU, 2003, p.74).

Lane se posiciona como superintendente da missão escolar, dizendo que era sua responsabilidade falar sobre o trabalho realizado nas escolas sob a sua supervisão. Pelo que se pode observar, o plano traçado em 1890 estava em andamento nesse período. Uma de suas atribuições era supervisionar o movimento financeiro. Mantinha correspondência direta com seus dirigentes, possivelmente uma alusão às cartas¹³¹ trocadas com Mary Dascomb. Outra pista deixada por Lane é quando afirma que os Trustees receberiam da “cúpula” dessas escolas uma completa prestação de contas do trabalho feito nelas. Parece-nos que algumas escolas, ainda que subordinadas à sua orientação, encaminhavam diretamente o relatório para os Trustees, outras, porém submetiam ao próprio Lane, que tinha a tarefa de encaminhá-los.

¹³¹ Também não localizamos as cartas de Horace Lane encaminhadas para Mary Dascomb.

Isto explica o motivo pelo qual nos relatórios posteriores ao ano de 1895, não vemos anexado o relatório da Escola Americana de Curitiba e provavelmente de outras.

Eu tenho trocado idéias com sua direção sobre o que é estudado e sei que os “*courses of study*” são praticamente os mesmos adotados pela escola matriz, em São Paulo, com algumas modificações apenas que as condições locais determinam. Com informações de todas estas fontes eu me sinto seguro em acreditar que o trabalho feito em nossa escola de Curitiba, durante o ano recém encerrado não fica abaixo do melhor feito na escola de São Paulo (LANE, 1895 apud ABREU, 2003, p. 74).

Segundo documento encaminhado ao diretor geral da instrução pública pelas missionárias, a escola funcionava com os cursos: primário, intermediário, secundário e internato, igual à matriz de São Paulo e as filiais de Botucatu, Florianópolis (ARQUIVO DO ESTADO DO PARANÁ, 26/01/1892).

Segundo o relatório Annual Report (1893, p. 210), organizado pelos líderes da Igreja Presbiteriana norte-americana, a Escola Americana de Curitiba tinha nesse período 100 alunos, 36 no curso primário, 28 no intermediário e 36 no secundário. Segundo as palavras das missionárias transcritas no relatório, o ano teve bastante progresso, as alunas do internato eram treinadas para o trabalho doméstico, aprendiam a fazer bolos, pão, e a costurar. Pessoas faziam visitas à escola e expressavam grande interesse, não se opondo aos hinos protestantes e orações. Havia uma preocupação das missionárias em mostrar o progresso e que o fato de se cantar hinos não trazia oposição por parte dos visitantes. Segundo Abreu (2003), as missionárias contavam com empolgação que os moradores da cidade apoiavam a organização da escola.

Em 1894, a escola tinha 120 alunos matriculados. Para eles, a obra educacional realizada pelas missionários deu uma nova vida às igrejas do Estado do Paraná, portanto, era um importante auxílio no trabalho evangelístico (ANNUAL REPORT, 1894, p. 235). Mas, como vimos anteriormente, uma ala da Igreja Presbiteriana brasileira, liderada pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira fazia resistência a esse método de evangelização.

Porém, elas comentavam o clima de instabilidade trazida pela Revolução Federalista que teve início no Rio Grande do Sul e atingiu a escola:

O ano de 1894 tem sido um dos anos mais agitados na história da escola. Nós temos sido rodeados pelos horrores da guerra civil, e nossos alunos têm vivenciado. Isso tem sido uma dificuldade para manter professores e alunos firmes no trabalho. Algumas das escolas da cidade fecharam: muitas famílias que tinham crianças nas escolas deixaram a cidade por conta da revolução. Durante uma das férias, três dos membros de nossa família tiveram experiências marcantes em suas vidas. Duas de nossas meninas estiveram no cerco da Lapa e sob fogo por 21 dias. Suas casas foram destruídas; quinze pessoas foram mortas lá e nas proximidades, mas “Forças Divinas”, em resposta às nossas orações, trouxeram nossas crianças de volta. Uma das meninas estava em Paranaguá quando a cidade foi tomada. Nós perguntamos a ela o que ela fez quando as bombas estavam explodindo sobre a cidade. Ela disse: -

Eu peguei minha Bíblia e fui para o porão; e li e rezei. Oito de nossos alunos foram deixados órfãos (DASCOMB, 1894 apud ABREU, 2003, p. 60).

A escola teve um início difícil por causa da Revolução. Algumas famílias que tinham seus filhos na escola deixaram a cidade. Elas também acentuam a dificuldade que tiveram de manter os professores e alunos.

Mas, apesar dos conflitos vivenciados, observa-se nos relatórios a tendência de mostrar o crescimento progressivo no número de alunos tanto da Escola Americana de São Paulo como na Escola Americana de Curitiba. Em 1895, a escola de Curitiba tinha 146 alunos matriculados, de nove nacionalidades diferentes (ANNUAL REPORT, 1895, p. 192). Segundo Abreu (2003), a grande procura por matrícula, desde o primeiro ano de funcionamento é um indício da visibilidade que rapidamente a escola adquiriu. Afirma que a maioria dos alunos era brasileira e que a escola, diferentemente, de São Paulo, tinha uma presença maior de mulheres por causa do internato, ou seja, 91 meninas e 55 meninos.

Para a autora, a opção pelo internato para as meninas poderia ser um indício de oposição ao catolicismo que também ofertava o internato para as meninas:

A opção por ofertar o internato para meninas é provável que tenha se dado por interesses religiosos. Mantendo durante alguns anos as meninas sob a responsabilidade das missionárias, cuidava-se da formação de novos quadros para o trabalho evangélico no interior. Ao retornar para casa, as moças poderiam ensinar os hinos, ler a Bíblia para seus familiares e vizinhos, disseminando os ensinamentos adquiridos na escola e na igreja. Além disso, como futuras mães, as moças contribuiriam diretamente na difusão do presbiterianismo, transmitindo aos seus filhos os valores e princípios desta religião (ABREU, 2003, p. 67).

As análises da autora podem ser confirmadas nas palavras da missionária Kuhl:

Tenho razões para acreditar que entre os nossos alunos espalhados, e agora assumindo responsabilidades na vida, muitos são cristãos. Alguns deles não estão autorizados por seus pais e maridos a declararem abertamente que são protestantes, mas estão andando na luz. Eles cantam nossos hinos para fazerem seus filhos dormirem. Eles contam a seus filhos as belas histórias da Bíblia que aprenderam na escola. Eles não acreditam nas superstições de Roma, nem ir ao confessionário. O fermento está crescendo; Deus está preparando uma nova geração de servi-Lo (ANNUAL REPORT, 1902, p. 280).

Se por um lado, grupos dentro do presbiterianismo se colocavam contra a evangelização indireta através dos colégios, dizendo que poucos eram os frutos desse trabalho, para Elmira Kuhl, a escola era um estratégia de conversão e de influência na vida das pessoas, posicionamento diferente do próprio Horace Lane, que preferia a influência indireta do presbiterianismo.

A respeito de bolsas de estudos, as missionárias ofereciam bolsas parciais ou integrais, para aqueles que não tinham condições de arcar com as despesas, mas, conforme (ABREU,

2003), os dados indicam que esses alunos eram minoria. Era uma prática também existente na Escola Americana de São Paulo e na Escola de Botucatu, como veremos adiante. Porém, a Igreja Presbiteriana norte-americana reduz a partir de 1899 os investimentos financeiros na Escola de Curitiba. Durante esse ano, ela contava com 150 alunos matriculados, sendo 114 do sexo feminino. Número bem diferente do registrado em 1896, que dizia ter 220 alunos matriculados (ANNUAL REPORT, 1897, p. 191). Talvez a falta de investimento explique a razão da diminuição do número de alunos. Eles também registram que cinco professores se converteram ao presbiterianismo (ANNUAL REPORT, 1900, p. 244).

Mas, o surgimento de outras escolas também pode ser uma explicação para a diminuição do número de alunos matriculados na Escola Americana de Curitiba. Em carta direcionada a Lane, Dascomb se mostra preocupada com o surgimento de escolas:

Elmira Kuhl está um pouco ansiosa sobre a escola. Você pode estar certo de que os padres nunca foram tão ativos. O talentoso Pastor protestante alemão vai abrir uma escola alemã. Uma série de Escolas efêmeras tem brotado e provavelmente vão morrer em poucos meses (DASCOMB, 10/01/1900).

A preocupação não era apenas com o catolicismo, mas com outras escolas. Uma delas seria aberta por um pastor de origem alemã. Na carta, a missionária reproduz uma percepção de Lane em relação aos padres, dizendo que eles estavam ativos, o que afirma nossa compreensão de que a rede de escolas fazia uma reação à rede de escolas católicas.

Em 1903, o redator do Annual Report afirma, em relação à Escola de Curitiba, havia mais oposição do que nunca. Não deixa claro que tipo de oposição era, porém afirma que havia um esforço das duas missionárias em tornar a escola auto-sustentável. No relatório de 1904, no balanço sobre a obra de evangelização no Brasil, o redator afirma, entre outras coisas, que estava existindo em São Paulo uma acentuada retomada da atividade da Igreja Católica na criação de escolas e na construção de novos edifícios. Sobre os espíritas, pontua que eram muito ativos na disseminação de literatura, o que poderia prejudicar o progresso da verdade evangélica (p. 310).

Outras dificuldades ameaçavam a escola:

O Departamento primário foi tão completo como de costume, mas o departamento intermediário e a escola secundária foram pequenos. Novas escolas foram abertas e muitas famílias foram persuadidas a experimentá-las; o cisma em nossa Igreja, no final de 1903, também foi um choque para a escola. Foi necessário muita força para segurá-los, ou sofreríamos. Tem sido uma luta difícil, aumentado grandemente pela depressão financeira que o Paraná está sofrendo. Não ousamos demitir nenhum dos nossos professores; pois o resultado seria desastroso. Trabalhamos ombro a ombro no primeiro mandato para tentar suprir as pessoas que estavam com seus corações e rostos pesados. É maravilhoso como o Senhor nos ajudou nos momentos difíceis. Por conseguinte, o faturamento da escola não foi maior como de costume. Fechamos com 158 alunos matriculados (ANNUAL REPORT, 1905, p. 366).

Segundo a missionária, o surgimento de outras escolas, o cisma de 1903 e a depressão econômica no Paraná foram as principais causas da diminuição do número de matriculados no ano de 1904.

Apesar das dificuldades, houve crescimento em 1905. Segundo Elmira Kuhl, a escola iniciou seu décimo terceiro ano com 203 crianças matriculadas. Para ela, a escola primária era o espaço mais feliz. Dizia que algumas mães afirmavam que as crianças imploravam para ir à escola (ANNUAL REPORT, 1906, p. 377). Entusiasmada com o crescimento, a missionária relata aspectos relacionados ao cotidiano escolar:

As crianças são brilhantes. É interessante ouvir muitas sílabas em português saírem suavemente dos lábios das crianças. As lições de números são tão variadas que as crianças trabalham com entusiasmo e fazem rápido progresso. No Jardim de Infância hinos e cânticos são cantados em inglês, francês, alemão e português. Nossos primeiros alunos estão entrando no primário. Um menino que tinha tido a promessa de frequentar em 1906 a escola que sua mãe estudou pensou que poderia esperar e foi autorizado a entrar no último mês de 1905. No início da manhã, ele veio para o quarto ano secundário e ocupou o antigo lugar de sua mãe, e esperou por sua amada professora do primário que tem em Curitiba a fama de contar histórias, Hans Christian Andersen. As classes intermediárias ocupam três quartos. Muitas famílias alemãs enviaram seus filhos para ensinarmos Português. A maioria destes é protestante. As meninas continuam a costurar e os meninos começam a desenhar. A senhorita Lenington, que tinha o avançado intermediário, nos deixou em maio para suas férias. Seu trabalho foi retomado pela senhorita Isabel Withers, uma jovem senhora inglesa, que tinha passado oito anos em nossa escola e lecionou durante um ano em Florianópolis. O Departamento secundário nos exames mostraram uma média melhor do que o habitual. Inglês está se tornando cada vez mais popular. Scott, Longfellow e os contos de Shakespeare são estudados nos graus mais elevados [...] Nossos meninos estão entusiasmados com o futebol. Nas oito classes da escola a Bíblia é diligentemente ensinada. A Junior Endeavor Society foi organizada. Há quarenta membros. Muitas crianças também vêm como visitantes. Algumas pessoas que nunca tiveram a Bíblia em casa estão lendo e conduzindo as reuniões (ANNUAL REPORT, 1906, p. 377).

Nesse trecho, além de relatar aspectos relacionados ao cotidiano, a missionária Elmira Kuhl afirma que havia uma circularidade de professores nas escolas. É o caso da professora Isabel Withers que lecionou na Escola Americana de Florianópolis. Ela faz questão de mostrar aos líderes presbiterianos norte-americanos que a escola estava em progresso e que a Bíblia era lida constantemente.

No relatório de 1907, os líderes presbiterianos afirmam que o trabalho educacional em São Paulo através do Mackenzie e de suas escolas interligadas foi mantido em alto grau de eficiência. É nesse mesmo relatório que Horace Lane diz que ao invés de abrir cinco escolas no interior, abriria vinte (ANNUAL REPORT, 1907, p. 403).

Sobre a escola de Curitiba afirmam:

O relatório da escola de Curitiba é especialmente encorajador. Aumentou de alunos 160 em 1904, para 226 neste ano. Este aumento é importante quando lembramos que desde 1904 foram abertas em várias partes do Estado do Paraná um grande número

de escolas pelas freiras e outros. Temos cerca de 14 nacionalidades e cerca de seis religiões diferentes. A frequência de alunos é uma evidência do interesse pela escola. A renda obtida pela escola durante o ano passado foi de 4.928 dólares. Católicos, luteranos, presbiterianos, independentes, adventistas e espíritas estiveram juntos no hino de abertura [...] Nosso número em breve subirá para 200, antes do final do ano, havia 226 matriculados, além dos que vieram apenas para o curso de inglês. A razão do sucesso da nossa escola são os professores bem qualificados (ANNUAL REPORT, 1907, p. 402).

A presença de várias denominações religiosas mostra que a escola tinha o mesmo princípio de tolerância religiosa da Escola Americana de São Paulo, como pontuamos no início deste capítulo. O ano seguinte manteve praticamente o mesmo número de alunos. A professora Miss Kuhl afirma:

Duzentos e cinquenta e dois alunos estavam matriculados, vieram oito alunos para aulas especiais. Nove países estão representados. O nome de um dos nossos alunos está escrito em árabe. O pai não sabia como escrever o nome do seu filho em português, disse-lhe para escrever em sua própria língua. Uma parte muito importante dessa escola cosmopolita é as crianças aprenderem a língua do país. As salas do primário estão transbordando. O salão e varanda foram utilizados para as aulas. Quando os assentos estavam todos cheios, colocamos mesinhas e cadeiras. Logo não havia mais espaço e tivemos que recusar alunos. Em nossa casa, temos quinze alunos e quatro professores. Também tivemos durante três dias pensionistas do primeiro mandato. Quatro professores-alunos foram acomodados na escola primária. Temos recusado muitos alunos este ano por falta de quarto [...] algumas crianças foram para outras escolas. Oitos de nossas meninas quiseram filiar-se a nossa igreja, mas como elas falaram sem o consentimento de seus pais, achamos melhor esperar um pouco mais (ANNUAL REPORT, 1908, p. 441).

A missionária Kuhl deixa claro que a falta de investimento interferia no crescimento da escola. Pelo relatório ela expressa as dificuldades de adequações, a falta de espaço físico, as dificuldades de receber mais alunos. Em 1909 a escola cresceu e as missionárias se mostravam entusiasmadas com o crescimento:

O primeiro período da Escola Americana para o ano de 1909 abriu em 18 de janeiro e fechou em 30 como de costume. Olhei para o rosto brilhante das crianças que representam muitas nações. Meia hora depois dos exercícios de abertura, que inclui uma grande marcha, as crianças estavam todas em suas salas de aula e no trabalho. Era difícil perceber que houve um período de seis semanas de férias. Durante o período, tivemos 275 alunos matriculados, sendo 111 no curso primário, 110 no intermediário, 54 no secundário, maior número que já tivemos. A questão era o que fazer com as classes cheias que estavam transbordando em nossas salas. Providencialmente, tínhamos adquirido uma casa velha ao lado. Um portão foi feito entre os dois muros e uma cobertura para garantir a passagem nos dias chuvosos, que estão conectada com mais duas salas de aula [...] Precisamos de edifícios adequados para a escola e internato (ANNUAL REPORT, 1910, p. 411).

Nesse relatório a escola enfrenta outra adversidade, a febre amarela. Segundo os líderes presbiterianos houve uma evasão de alunos por causa da doença. Porém, no final do ano, ela contava com 303 alunos matriculados. Em 1911, a escola estava com 368 alunos matriculados, sendo 225 meninas e 143 meninos. Em razão do crescimento, as missionárias

solicitam a construção de um prédio maior (ANNUAL REPORT, 1912, p. 425). Nessa ocasião Lane era ainda vivo, porém, não encontramos documento que mencione sua intervenção juntos aos Trustees e aos Boards para que fosse realizada a construção do prédio. Contudo, na ata do Comitê Executivo de 1912, que reunia a South Brazil Mission e a Central Brazil Mission, já mencionado neste trabalho, encontramos algumas informações sobre a Escola Americana de Curitiba. Uma delas, dizia respeito ao pedido das missionárias Dascomb e Kuhl. O Comitê afirmava que elas haviam solicitado a nomeação de duas professoras para substituí-las. O pedido foi aprovado. Na ocasião, duas professoras foram nomeadas, mas elas não atenderam ao pedido para virem por três anos. Segundo o Comitê executivo, presidido por Lane, os Boards e a Brazil Mission enfrentariam dois problemas caso as missionárias não fossem substituídas: teriam que fechar a escola de Curitiba, ou teriam a qualidade de ensino prejudicada pela falta de professores treinados. Deram a seguinte solução para que a escola continuasse:

Acreditamos que, no momento, os quatro salários americanos dado à escola justificam; e após a retirada das senhoritas Kuhl e Dascomb, dois salários americanos devem continuar sendo encaminhados para lá (e a escola deve continuar) e os outros dois salários devem ser aplicados a outro trabalho educacional, como, por exemplo, para uma escola semelhante ao princípio e escopo da Escola Ponte Nova. Acreditamos que os seguintes princípios são necessários e devem ser estabelecidos na condução da Escola Americana Curitiba: 1) Que uma influência direta deve ser feita na conversão dos estudantes; 2) Que cada professor permanente deve ser um cristão protestante ativo e com inclinação missionária; 3) Que cada professor deve buscar conhecer, e exercer influência sobre os pais das crianças (BRAZIL COUNCIL MINUTES, 1912 – tradução nossa).

Observa-se que Lane, como superintendente educacional, missionário e presidente do Comitê Executivo das duas missões: South Brazil Mission e Central Brazil Mission, fazia intervenções na Escola Americana de Curitiba em relação às questões educacionais e religiosas¹³². Do ponto de vista das finanças, temos a seguinte informação:

Tendo em vista o aumento do valor dos imóveis em Curitiba e a probabilidade de diminuir os preços de materiais de construção, pedimos a autorização da Board para comprar de uma só vez, o imóvel em Curitiba por 15.000,00, anteriormente, oferecido para a Mission por 12.000,00; e que 4.000,00 sejam usados na criação de uma escola em Mandury, Paraná, com base nos princípios da Ponte Nova (BRAZIL COUNCIL MINUTES, 1912 – tradução nossa).

Em 1913, um ano depois da morte de Horace Lane, o número de matriculados subiu para 407, sendo 253 meninas e 154 meninos. O corpo docente era formado por 21

¹³² Parece-nos que com essa escola, Lane tem a intenção de buscar mais convertidos ao presbiterianismo. Uma prática diferente da Escola Americana de São Paulo, em que a confessionalidade era mais discreta. Talvez isso se deva às dificuldades que a escola de Curitiba estava passando, o que exigia uma mudança na questão educacional e evangélica com a finalidade de obter mais alunos.

professores, 17 eram protestantes (ANUAL REPORT, 1913, p. 395). Em 1913, a escola alcançou 462 alunos matriculados, sendo 242 meninas e 220 meninos. Houve um crescimento significativo no número de meninos na escola. A escola secundária estava sob a responsabilidade da Miss Mary Dascomb e tinha 81 alunos. A intermediária tinha 157 alunos e na primária 224 alunos, totalizando os 462 alunos (ANNUAL REPORT, 1914, p. 406).

Neste relatório é publicada uma foto das missionárias com os professores (Faculty of the Curitiba Girls' School) da Escola Normal de Curitiba:

Figura 2 - Foto das missionárias Miss Dascomb e Miss Kohl e seus professores. Curitiba, 1914

Fonte: Annual Report, 1914.

Em 1914, houve novamente uma diminuição no número de matriculados, de 462 do ano anterior, passou para 430, sendo que 222 meninos e 208 meninas. É a primeira vez pelos relatórios que o número de meninos superou o das meninas. Neste período, a escola completou 22 anos de organização (ANNUAL REPORT, 1915, p. 390).

Segundo Abreu (2003), as missionárias morreram em 1917. Miss Kuhl, que estava em Nova Iorque, faleceu em 9 de outubro e dias depois morreu Miss Dascomb¹³³.

¹³³ Com a morte das missionárias em 1917, a escola teve que enfrentar as mudanças constantes de direção. Em 1923, D. Ida Kolb, filha do Rev. John Benjamin Kolb, tornou-se a diretora da Escola Americana de Curitiba. Segundo o Annual Report Mackenzie College de 1923, a escola estava sob a responsabilidade do Mackenzie College. No relatório de 1930, temos as seguintes informações sobre a Escola Americana de Curitiba: Mackenzie College continuou, durante 1930, a exercer a supervisão desta escola. A situação ao longo de todo o ano era tal que não foi impossível visitá-la, mas as indicações são claras de que tudo correu bem. Senhorita

Os líderes presbiterianos norte-americanos registraram as seguintes palavras:

As mortes de Miss Mary P. Dascomb e Miss Ella Kuhl, da Missão Sul do Brasil, foram separadas por apenas oito dias, uma morreu em Curitiba, Brasil, e a outra na cidade de Nova York. Miss Kuhl foi nomeada para a Missão no Brasil em 7 de maio de 1874. Durante seus 43 anos de serviço no Brasil ela nunca ficou doente. Somente quatro vezes, até seu último retorno, ela estava disposta voltar para casa em licença. Nada além da debilidade da idade avançada teria levado-a parar seu trabalho. Deixou para trás, no Brasil, a memória permanente de uma nobre e amante da vida, a escola que ela e Miss Dascomb criaram. Ela viveu para ver os novos edifícios, que lhe trouxeram contentamento, é um dos muitos monumentos que representam a sua fidelidade, coragem, firmeza de propósito, paciência e amor cristão. Miss Dascomb foi nomeada em 1869. Junto com a Miss Kuhl, lançou as bases de duas escolas americanas, a de Curitiba conectada com o Mackenzie College, e uma outra grande escola. Por um quarto de século, trabalharam juntas nessas escolas (ANNUAL REPORT, 1918, p. 64)¹³⁴.

Mesmo em período posterior a Lane, os líderes da Igreja relembram que a Escola Americana de Curitiba estava conectada com o Mackenzie College. Com a morte das missionárias, a direção da Escola ficou sob a responsabilidade de Mrs. W. M. Hallock, auxiliada por Miss G. M. Hall, como vice-diretora. Em 1917 a escola tinha 218 alunos matriculados (ANNUAL REPORT, 1917, p. 359). Horace Lane é lembrado nesse relatório como a pessoa que impulsionou a educação protestante no Brasil:

Em 1886, Horace M. Lane, MD, foi enviado para supervisionar todo o trabalho educacional em São Paulo. Sob sua eficiente direção a Escola Americana tornou-se um importante fator na vida do Brasil. O sistema de escolas graduadas é coroado pelo Mackenzie College, e foi projetada para dar à juventude do Brasil as vantagens que as Faculdades Americanas oferecem. A faculdade, embora, em estreita harmonia com a missão, é supervisionada separadamente. Em Curitiba, capital do Paraná, a Escola Americana desenvolveu como uma instituição importante e próspera (ANNUAL REPORT, 1918, p. 355).

2.2 A Escola Americana de Botucatu

A respeito dessa escola não encontramos qualquer trabalho na perspectiva da história da educação que tenha como objeto de análise a Escola Americana de Botucatu. O trabalho de

Ida Kolb, que foi assistente principal de Helen Waddell, em 1929, está no comando da escola em 1930. A escola chegou ao final do ano com um relatório financeiro satisfatório e maneira pela qual a senhorita Kolb lidou com a escola no dias da revolução, me fez recomendá-la pessoalmente para estar a frente dela. Este aumento de confiança na escola, sem dúvida, é um fator para sucesso em 1931 (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1930, p. 25). Segundo as palavras do presidente do Mackenzie, a Escola Americana de Curitiba estava indo bem. As dificuldades pontuadas por ele podem ser confirmadas no relatório da Escola Americana em Curitiba anexado ao relatório aos Trustees. Além disso, a diretora Ida Kolb pontua que foi um ano de dificuldades, de mudança de direção de crise relacionadas a revolução. (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1930, p. 131). Porém, em 1933, o presidente afirma que as escolas que estavam associadas ao Mackenzie ou que eram suas filiais, por causa das “novas leis”, seguiam sua vida por conta própria (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1933, p. 12). Ele não entra em detalhe sobre o que significava esta “nova lei” brasileira. Talvez, isto explique a razão pela qual a Escola Americana de Curitiba tenha sido vendida em 1934 (ABREU, 2003).

¹³⁴ Mudou o formato do relatório. Sobre o Brasil não temos a organização das duas missões: Central Brazil Mission e South Brazil Mission.

Neise Marino Cardoso (2007), intitulado *A história das irmãs marcelinas: fundação do Colégio dos Anjos em Botucatu (1912)*, faz uma breve citação da existência da Escola Presbiteriana de Botucatu. No entanto, na historiografia protestante, Ferreira (1992) afirma que o trabalho missionário em Botucatu começou em 1881. A escolha desse campo missionário, segundo o autor, figurava nos mapas como o ponto avançado da demografia bandeirante. Segundo suas análises, o Rev. George Landes residiu na cidade durante quatro anos. A escola começou com a direção de Miss Dascomb, que era assistida por Miss Nannie.

Segundo Matos (2004), a escola de Botucatu foi organizada em 1886. Porém, segundo os relatórios da Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, há menção de uma escola presbiteriana em 1881 no trabalho missionário naquela cidade. O relatório não é muito específico (ANNUAL REPORT, 1882). O relatório de 1881, ano referência 1880, não faz nenhuma menção à existência da Igreja e nem da escola. Porém, o relatório posterior a 1882, faz a seguinte afirmação:

Mr. Landes tem dedicado seu tempo a proclamar as verdades simples do Evangelho neste e em outros lugares. O número de convertidos em Botucatu é pequeno, mas vários estão esperando em breve tornar pública a profissão de sua fé. O cavalheiro que deu a propriedade mencionada no último relatório continua um amigo crente da missão. A escola está florescendo em número de 41 alunos (ANNUAL REPORT, 1883, p. 31).

A pequena referência ao trabalho em Botucatu no relatório da Assembleia Geral afirma que a escola possuía 41 alunos. Não menciona o modelo de escola, mas provavelmente seja uma escola do tipo paroquial, ao lado da Igreja e destinada aos filhos dos crentes. Não há uma indicação do ano de organização dessa escola nos relatórios de 1882, 1883. O que nos leva a pensar que a presença presbiteriana em Botucatu tenha sido anterior à data mencionada no relatório de 1882, corroborando com as análises de Ferreira (1992). No ano de 1884, o relatório pontua as dificuldades encontradas na cidade de Botucatu:

O Rev. Geo. A. Landes teve um sucesso marcante em seu distante campo. Embora a região seja menos povoada do que outras do Brasil, o trabalho de alcançar as famílias espalhadas é imenso, mas no decorrer dos anos 54 adultos foram recebidos para a igreja, e 56 crianças batizadas. As características acima citadas deste campo revelaram-se um obstáculo mais grave na manutenção das escolas. No entanto, um dos cerca dos quarenta alunos, tem sido sustentado ao longo do ano em Botucatu. Nas outras congregações ligadas com esta estação as maiores dificuldades foram experimentadas em dar provisão para a instrução adequada dos filhos. Senhor Braga é o professor mais importante da escola em Botucatu. Provavelmente será ordenado na próxima reunião do Presbitério, e será designado para um campo de trabalho mais adequado para um ministro ordenado, é necessária uma senhora professora assumir o comando da escola (ANNUAL REPORT, 1885, p. 40).

O relatório de 1886 não faz menção da escola de Botucatu. A partir de 1887, a Igreja Presbiteriana de Botucatu fica sob a responsabilidade do Rev. João Ribeiro de Carvalho

Braga¹³⁵ (ANNUAL REPORT, 1887, p. 44). O relatório também não menciona a escola de Botucatu, faz apenas alusão a dois professores nativos, porém não cita os nomes. Nessa ocasião, o Rev. Landes foi transferido para a cidade de Curitiba.

Nesse relatório há um mapa do Brasil, na página 45. Qual a razão de publicarem esse mapa? Ao pensar na circularidade dessa fonte, ou seja, no campo religioso presbiteriano norte-americano, portanto, lugar de onde se tomavam as decisões de investimento em missão e educação, podemos sugerir algumas análises. Provavelmente, a publicação do mapa no relatório tinha como objetivo mostrar a dimensão do território brasileiro e os lugares para a possível expansão do presbiterianismo. Isto parece plausível, pois o relatório de 1888 também não menciona nada sobre a escola de Botucatu. Porém, há uma descrição das dimensões geográficas do Brasil, provavelmente uma análise do mapa publicado no relatório anterior. Novamente, publicam o mapa. Comparam o Brasil com os Estados Unidos em termos de tamanho e afirmam que a população era estimada em torno de 13 milhões de habitantes. Mencionam a escravidão e a possibilidade de ser implantada uma nova ordem política¹³⁶.

Os relatórios de 1890, 1891, 1892 não mencionam nada sobre a evangelização na cidade de Botucatu. Em contrapartida, a cidade de Curitiba, desde a ida do Rev. Landes é mencionada com frequência, trazendo informações sobre a escola em Curitiba. Entretanto, no *Brazilian Missions*, temos as seguintes palavras:

Escola de Botucatu.

Esta escola, que tem estado há anos sob a gestão eficiente do Rev. Sr. Braga e sua esposa, está sendo remodelada e agora está a cargo das *misses* Henderson e Dascomb. O Rev. Sr. Braga foi designado para trabalhar em tempo integral no seu vasto campo e em rápido crescimento. Sua esposa, que, para além dos encargos de esposa de um pastor, que são excepcionalmente pesados em um novo campo, como o de Botucatu, tem sido o principal esteio da escola, foi liberada para uma temporada de descanso, do qual necessitava muito. Propõe-se fazer desta escola uma escola seriada e ter uma escola paroquial no distrito subordinado a ele. Não há nenhuma pergunta sobre os alunos, há muitos deles, mas os professores – Onde eles estão? Esse é o obstáculo (BRAZILIAN MISSIONS, 1890, p. 66)

Dascomb também passou pela Escola de Botucatu. Era uma missionária muito próxima de Lane, estava sob sua responsabilidade remodelar a escola, juntamente com Miss Herderson. Provavelmente Lane, como superintendente da South Brazil Mission tenha

¹³⁵ Segundo Matos (2004), além do seu trabalho pastoral em Botucatu, o Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga participou de várias atividades políticas, sociais e educacionais. Filiou-se ao Clube Republicano, foi diretor do Clube Musical Carmosina e, em companhia da sua esposa Alexandrina Teixeira da Silva Braga, dirigiu a Escola Botucatuense. Ele foi um membro influente do legislativo local em várias ocasiões e intendente da primeira câmara republicana. Ele foi pai de Erasmo de Carvalho Braga autor da “Série Braga”, conjunto de cinco livros de leitura para escola primária.

¹³⁶ No capítulo 3, acentuamos que para Horace Lane as condições políticas, econômicas e sociais do Brasil poderiam ser mudadas através da educação. Para ele o “Novo Brasil” só seria possível se fosse implantada a cultura norte-americana e os valores do presbiterianismo.

contribuído para os remanejamentos efetuados na escola, pois de acordo com o documento, intitulado *A Protestant for Brazil* de 1891, ela fazia parte daquilo que Lane denominava filial, juntamente com outras 17 escolas¹³⁷.

Em 1904, Dascomb, já não estava mais a frente da Escola de Botucatu, mas na direção da Escola Americana de Curitiba. Em correspondência encaminhada a Lane o felicita pela escola americana de Botucatu: “Que força admirável você tem para instalar uma Escola em Botucatu! Isso vai ajudar a endireitar as recalcitrantes (que persistem no erro). Sucesso para a escola!” (DASCOMB, 25/07/1904).

Em seu relatório Horace Lane faz a seguinte observação sobre a escola:

A escola de Botucatu teve um ano muito bem sucedido sob a responsabilidade de Miss Walter, cujo tempo de serviço expirou e retornou para casa, mas estamos confiantes, espero que ela volte e traga com ela um companheiro. Vocês verão pelo relatório da escola em anexo, que o número de alunos livres é largamente superior ao número dos que pagam. Temos seguido o plano de aceitar todos os que vieram e que realmente precisam da nossa ajuda, independentemente de filiação à igreja. Ações das igrejas dissidentes não trouxeram prejuízos para a escola. Seu excelente trabalho e seu cuidado firme quebraram a oposição do clero católico (LANE, 1907a, tradução nossa).

Percebe-se que a escola de Botucatu estava sob a responsabilidade de Horace Lane. Chama-nos a atenção neste trecho do relatório a menção do clero católico. Lane faz questão de enfatizar que a Escola de Botucatu, sob o cuidado de Miss Walter, impediu a oposição do catolicismo. Isto reforça a ideia de que a rede de escolas tinha como objetivo fazer oposição ao campo educacional católico. Entendo que nas igrejas do interior de São Paulo, a reação católica era mais explícita, como foi o caso da escola de Sorocaba que enfrentou oposição do catolicismo desde o seu início até o fechamento em 1895 (SILVA, I. B., 2010).

Dos relatórios que conseguimos de Horace Lane entre os anos de 1907 até 1912, a Escola de Botucatu é a que mais aparece. Ela aparece em todos os relatórios e também no relatório de 1913, ou seja, após a gestão dele. Em 1914, já não há ocorrência de relatórios dessa escola nos documentos encaminhados aos Trustees de Nova York.

Lane fala as seguintes palavras sobre a escola:

Escola Botucatuense - A Escola de Botucatu - 1907
Nós mantemos a escola sob um contrato de 20 anos com a Igreja Presbiteriana através de bens e fundos que foram deixados por um dos primeiros convertidos ao protestantismo através do falecido Sr. Chamberlain. Pelos termos do contrato, somos obrigados a receber 4 alunos gratuitamente da igreja. Acharmos prudente não limitar o número, mas receber todos os que vierem, que podem pagar ou não, elaboramos um acordo entre os fiéis e os da ala dissidente da igreja. A escola foi excelentemente dirigida por Miss. Walter, um bom trabalho tem sido feito a partir de um ponto de vista pedagógico. Porém nenhum esforço foi feito em termos de salários e para atrair

¹³⁷ Ver Quadro 1, relação das filiais. A escola de Botucatu é colocada em 1º lugar na tabela.

alunos, mas de forma constante tem prosseguido o plano de aceitar aqueles que vieram a fazer o melhor trabalho possível. O corpo docente tem sido: Miss Walter, Miss Ninnie Kolb, Miss Ida Kolb, Miss Amy Norris. D. Annicota Perpetua, em algumas ocasiões do ano. O total de matrículas foi de 75, dos quais 40 eram de pais protestantes e 35 de católicos. Brasileiros 56, 11 italianos, americanos 11 e alemães, 4. Estudam gratuitamente 26, pagamento parcial 11 e pagamento integral 38 [...] Este é o ponto onde a igreja nativa dissidente foi o mais violento e onde o clero católico Romano faz a oposição mais forte. A igreja estava em perigo de perder a propriedade da escola por causa da ameaça e por ter feito o contrato a longo prazo [...] Se a Srta. Walter não retornar, vamos precisar urgentemente de uma mulher no seu lugar (LANE, 1907a).

Não menciona o número de meninos e meninas. Mas como as demais escolas sob a supervisão de Lane, tinha alunos de nacionalidades diferentes, tal qual a matriz, Escola Americana de São Paulo, possuía alunos bolsistas e pagantes. Uma outra pista é que Lane na introdução do relatório de 1907 chega a incluir os alunos das escolas de Botucatu (75 alunos), Araraquara (21 alunos) e Tietê (17 alunos) na soma de alunos matriculados da Escola Americana de São Paulo, que na ocasião tinha 695 alunos, perfazendo um total geral de 808 alunos matriculados. O relatório da Escola de Botucatu de 1907 apresenta um quadro com os nomes dos alunos matriculados¹³⁸, nacionalidade, religião e condições de pagamento:

Quadro 4 - Dados pessoais de alunos matriculados na Escola de Botucatu

	ALUNOS	NACIONALIDADE	RELIGIÃO	PAGANTES
1	Alberto Tognozzi	Italiano	Católico	Parcial
2	Alberto Perpétuo	Brasileiro	Protestante	Gratuito
3	Amélia Perpétuo	Brasileira	Protestante	Gratuito
4	Alfredo Blasi	Brasileiro	Protestante	Integral
5	Angelica Rodrigues	Brasileira	Protestante	Integral
6	Augusto Vacca	Italiano	Católico	Integral
7	Angelo Perpétuo	Brasileiro	Protestante	Gratuito
8	Any Merriwether	Americana	Protestante	Gratuito
9	Antonio Mori	Italiano	Católico	Parcial
10	Cymodecio Camargo	Brasileiro	Protestante	Integral
11	Benedicto Fuzarro	Italiano	Protestante	Integral
12	Bertha de Campos	Brasileiro	Protestante	Integral
13	Conceição Fleury	Brasileira	Católica	Integral
14	Cacilda Camargo	Brasileira	Protestante	Gratuito
15	Dermival Schlittler	Alemão	Protestante	Integral
16	Daste Macedo	Brasileiro	Católico	Integral
17	Eurico de Almeida	Brasileiro	Protestante	Gratuito
18	Eduardo Geisler	Alemão	Católico	Gratuito
19	Elsa Cioffi	Italiana	Católica	Parcial

Continua

¹³⁸ Os relatórios de Lane sobre a Escola Americana de São Paulo e o Mackenzie College também mencionam os nomes dos alunos e professores.

Continuação

20	Eunice Lima	Brasileira	Protestante	Gratuito
21	Eunice Amaral	Brasileira	Protestante	Gratuito
22	Eunice Duarte	Brasileira	Protestante	Gratuito
23	Emma de Azevedo	Brasileiro	Protestante	Integral
24	Francisco Martins	Brasileiro	Protestante	Gratuito
25	Francisca Fleury	Brasileira	Católico	Integral
26	Francisco Varoli	Italiano	Protestante	Integral
27	Giomar de Oliveira	Brasileira	Protestante	Integral
28	George Blasi	Italiano	Católico	Gratuito
29	Isabel de Arruda	Brasileira	Católico	Integral
30	Isabel Blasi	Italiana	Católico	Integral
31	Julietta Martins	Brasileira	Protestante	Gratuito
32	Jaime de Azevedo	Brasileira	Protestante	Integral
33	José de Andrade	Brasileira	Protestante	Gratuito
34	João Dorsa	Brasileira	Protestante	Gratuito
35	José Franco	Italiano	Católico	Integral
36	Kennie Norris	Americana	Protestante	Gratuito
37	Laudelino de Oliveira	Brasileira	Protestante	Gratuito
38	Lazaro Simões	Brasileiro	Protestante	Gratuito
39	Letícia Fuzarro	Italiano	Católico	Parcial
40	Lauro Barros	Brasileiro	Católico	Integral
41	Lucinda de Barros	Brasileiro	Católico	Integral
42	Luiz Barros	Brasileiro	Católico	Integral
43	Lucia Geisler	Alemã	Católico	Parcial
44	Lidio Leite	Brasileiro	Católico	Integral
45	Luiza Galvão	Brasileira	Católico	Integral
46	Leonardo Jones	Americano	Protestante	Integral
47	Malvina de Andrade	Brasileira	Protestante	Gratuito
48	Maria Blasi	Italiana	Católico	Parcial
49	Maria Vacca	Italiano	Católica	Integral
50	Martha Jones	Americana	Protestante	Integral
51	Mary Meriwether	Americana	Protestante	Parcial
52	Orlando Barros	Brasileiro	Protestante	Integral
53	Orville Telles	Brasileiro	Católico	Integral
54	Ornesmo Camargo	Brasileiro	Protestante	Gratuito
55	Oscar Telles	Brasileiro	Católico	Integral
56	Octávio Ribas	Brasileiro	Católico	Integral
57	Olavo Fleury	Brasileiro	Católico	Integral
58	Otilia Sant'Anna	Brasileiro	Protestante	Integral
59	Paulo Machado	Brasileiro	Católico	Integral
60	Palmyra de Azevedo	Brasileira	Protestante	Integral
61	Paula Geisler	Alemã	Católica	Integral
62	Philomena de Azevedo	Brasileira	Protestante	Integral
63	Rosa de Alencar	Brasileira	Protestante	Integral
64	Ruth de Azevedo	Brasileira	Protestante	Integral
65	Rosa Balsi	Italiana	Católica	Integral
66	Renato de Souza	Brasileiro	Católico	Integral
67	Ruth Meriwether	Americana	Protestante	Parcial

Continua

				Conclusão
68	Salvador Screpellite	Italiano	Católico	Integral
69	Syrai da Silva	Brasileira	Protestante	Parcial
70	Zélia Cananea	Brasileira	Protestante	Gratuito
71	Zélia de Azevedo	Brasileira	Protestante	Gratuito

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1907

Dos 75 alunos que disseram ter, observa-se no quadro a menção de 71 alunos. Houve a omissão de quatro nomes. A maioria que recebia bolsa gratuita era protestante. Em contrapartida, a maioria que pagava integralmente era católica. Havia, pois, um favorecimento aos alunos protestantes.

No relatório de 1908, Lane faz as seguintes observações:

Botucatu School - Escola Botucatuense
 Eventualmente, devemos relembrar que esta é uma parte da propriedade deixada à Igreja Presbiteriana de Botucatu pelo falecido Domingues Soares, que se converteu ao cristianismo protestante, sob a pregação do falecido Rev. George W. Chamberlain, com condições específicas quanto à manutenção de um certo número de professor e o recebimento de um certo número de alunos não pagantes. O fundo de caixa de Rs 100:000\$000 foi reduzido em litígio para Rs 30:000\$000, e está investido em hipotecas de 12% ao ano. Quando surgiram as dissensões na Igreja, resultando na divisão, a escola estava praticamente fechada e estava em perigo de ser levada pelas autoridades da cidade sob os termos do testamento. Nós entramos em cena e executamos um contrato de arrendamento legal para 20 anos, que salvou a propriedade e a escola. Além do fundo acima mencionado, há um prédio da escola e uma casa de habitação, que foram doados à escola por vontade aqui mencionada. Estamos, portanto, executando os termos do testamento e recebendo o rendimento dos fundos investidos. A Escola abriu este ano sob a direção de Miss. Browning. Por conta da gestão imprudente em matéria de disciplina no ano passado, a matrícula foi muito pequeno; mas em breve, sob a direção prudente do Miss Browning e o ensino eficiente da Misses Oliveira e França, e por final, dois professores treinados sob a orientação de Miss Scott, a escola rapidamente se recuperou e fechou com um total de matrículas 78 alunos matriculados, de ambos os sexos e a faixa etária entre 7 a 16 anos. Miss Browning retornou para a casa por causa da morte de seu irmão, a escola ficou sem direção. O ensino tem sido bom e o progresso da escola satisfatório, a atmosfera social e religiosa não foi como desejamos. Enviamos uma jovem assistente de S. Paulo durante a última parte do primeiro semestre, contratamos um professor local muito satisfatório para ajudar durante o segundo semestre. Miss Hemming passou algumas semanas na escola, no final do ano veio um pedido da igreja para que ela assumisse o comando no próximo ano, mas o nosso compromisso com a senhorita Browning o impede (LANE, 1908a).

Lane relembra que a propriedade da escola pertencia a um dos primeiros convertidos pela pregação do Rev. Chamberlain, Domingues Soares de Barros. Segundo Aquino (2012), Soares Barros era maçom e desde 1885 divulgava na cidade o culto protestante, tendo sido o fundador da primeira Casa de Oração Presbiteriana, e nessa ocasião já estava em funcionamento a Escola Botucatuense dirigida pelos presbiterianos. Ação muito parecida com a inserção do presbiterianismo na cidade de Sorocaba, cujo trabalho inicial teve início na casa do maçom, José Antonio de Souza Bertholdo (SILVA, I. B. 2010).

Pelo relatório, a escola estava sob a supervisão geral de Lane, que inspecionava os investimentos efetuados, o número de matriculados, fazia as contratações de professores, encaminhava professores de São Paulo para a Escola, realocava a direção, nomeava os diretores. No relatório de 1907 dizia que aguardava o retorno de Miss Walter na direção da escola.

No ano de 1908, afirma que por causa da gestão imprudente em termos de disciplina houve poucas matrículas. Se as informações forem corretas, parece que Lane assumiu definitivamente a supervisão da escola logo depois do cisma de 1903, pois afirmava que após a crise, ela estava praticamente fechada e corria o risco ser assumida pelas autoridades políticas. Ele fez a intervenção necessária, estabelecendo um contrato de arrendamento de 20 anos. Ao confrontar as fontes, percebe-se que Lane de fato assumiu a escola como filial logo após a crise de 1903.

Percebe-se através dos relatórios que a escola passava por constantes mudanças na direção; no lugar de Miss Walter é nomeada a professora Browning, porém ela ficou ausente da direção por causa da morte do seu irmão. Não se sabe ao certo, o tempo que ela ficou fora, mas a igreja local parecia não estar contente com seu trabalho, pois houve o pedido para que Miss Hemming assumisse a direção. Contudo Lane deixa claro aos Trustees que o compromisso com Miss Browning impedia-o de executar tal mudança. Apesar das crises em relação à direção, houve um pequeno crescimento em número de matriculados, conforme tabela abaixo:

Quadro 5 - Dados pessoais de alunos da Escola de Botucatu, 1908

	ALUNOS	NACIONALIDADE	IDADE	RELIGIÃO	PAGANTES
1	Amélia Perpétuo	Brasileira	10	Protestante	Gratuito
2	Alberto Perpétuo	Brasileiro	11	Protestante	Gratuito
3	Angelo Perpétuo	Brasileiro	13	Protestante	Gratuito
4	Anna Martins	Brasileira	12	Protestante	Gratuito
5	Bartimeu Almeida	Brasileiro	7	Protestante	Gratuito
6	Elsa Cioffi	Brasileira	10	Protestante	Gratuito
7	Eunice Amaral	Brasileira	8	Protestante	Gratuito
8	Francisco Martins	Brasileiro	13	Protestante	Gratuito
9	Guiomar Duarte	Brasileira	14	Protestante	Gratuito
10	Helcias Mello	Brasileiro	7	Protestante	Gratuito
11	José Gonçalves	Brasileiro	14	Protestante	Gratuito
12	Noemi Gonçalves	Brasileira	14	Protestante	Gratuito
13	José Andrade	Brasileiro	8	Protestante	Gratuito
14	Joville Andrade	Brasileiro	9	Protestante	Gratuito

Continua

Continuação

15	Onésimo Camargo	Brasileiro	10	Protestante	Gratuito
16	Orville Telles	Brasileiro	10	Protestante	Gratuito
17	Oscar Telles	Brasileiro	9	Protestante	Gratuito
18	Paulo Lotufo	Brasileiro	6	Protestante	Gratuito
19	Noemio de Lara	Brasileiro	14	Protestante	Gratuito
20	Zelia Almeida	Brasileira	12	Protestante	Gratuito
21	João Alvim	Brasileiro	7	Católico	Gratuito
22	Armando Barros	Brasileiro	12	Católico	Gratuito
23	Ormindo Barros	Brasileiro	10	Católico	Gratuito
24	Joaquim Villas-Boas	Brasileiro	12	Católico	Gratuito
25	Othoniel Machado	Brasileiro	12	Protestante	Gratuito
26	Orlando Freitas	Brasileiro	12	Protestante	Gratuito
27	Paulo Freitas	Brasileiro	6	Protestante	Integral
28	Cornélia Machado	Brasileira	13	Católica	Parcial
29	Maria Machado	Brasileira	10	Católica	Parcial
30	Eduardo Giesler	Brasileiro	13	Católica	Parcial
31	Lucia Giesler	Brasileira	10	Católica	Parcial
32	Octávio Ribas	Brasileiro	9	Católico	Integral
33	Benedicta Fuzaro	Italiana	13	Católica	Parcial
34	Letisia Fuzaro	Italiana	12	Católica	Parcial
35	Alberto Tonhozzi	Brasileiro	12	Protestante	Parcial
36	Mario Botti	Italiano	9	Católico	Integral
37	Angelica Rodrigues	Brasileiro	9	Católica	Parcial
38	Cecilia Rodrigues	Brasileira	6	Católica	Parcial
39	Leonard Jones	Americano	10	Protestante	Integral
40	Martha Jones	Americana	7	Protestante	Integral
41	Generoso Larizza	Brasileiro	10	Católico	Integral
42	Palmyra Azevedo	Brasileira	8	Protestante	Parcial
43	Ruth Azevedo	Brasileira	6	Protestante	Parcial
44	Philomena Azevedo	Brasileira	8	Protestante	Parcial
45	Paulo Machado	Brasileiro	10	Católico	Integral
46	Hermelino de Souza	Brasileiro	16	Protestante	Integral
47	Paulo da Souza	Brasileiro	14	Protestante	Parcial
48	Brasil de Souza	Brasileiro	12	Protestante	Parcial
49	Syria Silva	Brazileiro	9	Protestante	Parcial
50	Maria Bruder	Alemã	7	Protestante	Parcial
51	João Bruder	Alemão	9	Protestante	Parcial
52	Jayme Monteiro	Brasileiro	11	Católico	Parcial
53	Leopoldo Gross	Alemão	15	Católico	Parcial
54	Bernardo Cappelloto	Brasileiro	10	Católico	Parcial
55	Miguel João Raphael	Brasileiro	7	Católico	Parcial
56	Manuel Machado	Brasileiro	13	Católico	Parcial
57	Eurico de Souza	Brasileiro	11	Católico	Parcial
58	Renato de Souza	Brasileiro	8	Católico	Parcial
59	Clovis Pires	Brasileiro	12	Católico	Parcial
60	Maria Pires	Brasileira	8	Católico	Parcial
61	Hugo Pires	Brasileiro	11	Católico	Parcial
62	Rosa de Alencar	Brasileira	13	Católico	Parcial

Continua

Conclusão

63	Maria de Alencar	Brasileira	8	Católico	Parcial
64	Virginio de Alencar	Brasileiro	11	Católico	Parcial
65	Oswaldo de Alencar	Brasileiro	9	Católico	Parcial
66	Arlindo Dias	Brasileiro	12	Católico	Parcial
67	Aroldo Dias	Brasileiro	10	Católico	Parcial
68	Josias Amaral	Brasileiro	14	Protestante	Parcial
69	Euphrasio Amaral	Brasileiro	10	Protestante	Parcial
70	Leonora Bauer	Brasileira	12	Protestante	Parcial
71	Lueiro Carlos	Brasileiro	10	Católico	Parcial
72	João Prado	Brasileiro	12	Católico	Parcial
73	Judith Alvim	Brasileira	7	Católico	Parcial
74	Francisco Alvim	Brasileiro	8	Católico	Parcial
75	Otilia Bratke	Brasileira	7	Católico	Parcial
76	Laércio Machado	Brasileiro	12	Protestante	Parcial
77	Lauro Barros	Brasileiro	11	Católico	Parcial
78	Manuel Ribeiro	Brasileiro	12	Católico	Parcial

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1908

Segundo informações de Lane, a escola tinha 39 protestantes e 39 católicos. Dos 39 alunos protestantes, 23 estudavam gratuitamente. Dos católicos apenas 4 estudavam gratuitamente. Apesar do pequeno crescimento, percebe-se que muitos alunos da primeira tabela de 1907 não se encontram matriculados no ano de 1908.

Figura 3 - Foto de alunos e professoras da Escola de Botucatu - 1908

Fonte: Annual Report Mackenzie College 1908

No relatório de 1908 é incluída uma foto (Figura 3). Nela observa-se apenas uma nota “Alunos da Escola de Botucatu”, sem menção aos nomes das pessoas ali fotografadas. Dos 78 alunos, apenas 29 estão na foto, além de 3 professoras. Nela percebemos a presença de duas crianças negras. Talvez o objetivo de Lane em anexar a foto no relatório aos Trustees fosse a tentativa de mostrar como estava o trabalho, angariar mais investimentos, fortalecer sua rede de escolas.

O relatório de 1909 foi feito pela diretora Miss Emma Browning:

“ESCOLA BOTUCATUENSE” – A Filial de Botucatu

Você se lembra que esta escola é mantida e operada sob um contrato de 20 anos com a Igreja Presbiteriana de Botucatu. Os edifícios e as áreas fazem parte da herança do falecido Domingos Soares de Barros, um dos primeiros protestantes, convertido através da pregação do falecido Rev. George W. Chamberlain. Esta propriedade de aproximadamente trinta mil dólares foi deixada para o fim especial de fundar uma escola e teve o seu apoio. A igreja era a administradora da propriedade. Por causa do litígio, o dinheiro foi reduzido para trinta contos de réis, menos de um terço do valor original. Este investimento produz Rs 3.600\$000 por ano. Para manter a escola, foram impostas algumas condições recomendadas pela Sessão da Igreja, entre elas: manter um determinado número de alunos gratuitos. Quando uma parte da Igreja se juntou aos "Independentes" foi impossível manter a escola e ela estava em perigo de cair nas mãos dos "Independentes" ou ser confiscada pelo Governo. Nesta conjuntura, em julho de 1904, o Colégio entrou em cena, assumiu a escola com um contrato de arrendamento de 20 anos, com a finalidade de manter a propriedade, receber o lucro permanente e realizar os termos do testamento. Nós tomamos posse imediata e re-abrimos a escola por um curto período de tempo no mesmo ano. Miss Williamson, que descia da Bahia, assumiu emergencialmente a direção. Desde então, ela tem sido mantida com um variável sucesso. A matrícula aumentou para 78 no ano passado e caiu para 48 durante este ano. Várias causas têm contribuído para que isso aconteça - A ausência de Senhorita Browning - A reabertura da escola pública graduada e a nomeação de um bispo do distrito. O novo bispo reside na cidade utiliza toda a sua influência para impedir que os pais Católicos Romanos mandem seus filhos para a escola protestante (LANE, 1909a, p. 56).

De acordo com Miss Emma Browning, a escola foi assumida por Lane em julho de 1904. Com a cisão de 1903, a escola corria o risco de pertencer aos “Independentes” ou cair nas mãos do governo local. Com a intervenção de Lane, no período de sua gestão, ela enfrentou outros problemas: a diminuição do número de matriculados, a constante mudança de diretora, a abertura da escola pública e a influência do bispo da cidade de Botucatu, que através da sua influência alertava os pais católicos a não matricularem seus filhos na escola protestante. Segundo Aquino (2012), nessa época foi nomeado bispo de Botucatu Dom Lúcio Antunes de Souza. O referido autor, entre outras coisas, afirma que uma das primeiras iniciativas do bispo foi escrever uma Carta Pastoral, intitulada A União dos Católicos. Nessa carta os protestantes e espíritas foram apresentados como inimigos. Ao comentar a Carta Pastoral do Bispo, o autor afirma:

Os inimigos foram apresentados em termos gerais: “seitas heterodoxas”, “sociedades anti-religiosas”. Ao escrever sua Carta Pastoral D. Lúcio não conhecia a realidade

sociorreligiosa da diocese de Botucatu. Soube, através de D. Duarte Leopoldo e Silva, como exposto, que o território da diocese do sertão paulista, principalmente em sua sede, reunia ideologias rivais, algumas religiosas, outras não. Por outro lado, partindo de pressupostos teológico-políticos próprios da instituição que representava, D. Lúcio foi arguto em apontar os (possíveis) efeitos sociopolíticos das ações dessas “seitas” e “sociedades” de modo a atrair a atenção dos donos do poder para esse “problema” (na perspectiva institucional da Igreja Católica), a saber, as revoluções e desordens que alterariam o status quo (AQUINO, 2012, p. 193).

Além disso, Aquino acentua que a nomeação do bispado se configurava como uma dominação do poder geográfico da Igreja Católica na cidade de Botucatu:

Com vistas à construção de sua diocese, D. Lúcio parece ter sido perspicaz em escolher o mote da “união dos católicos” como fundamento de seu discurso de modo a agradar a hierarquia eclesiástica, arregimentar emocionalmente os fiéis e intimidar os grupos adversários e concorrentes. Mas, não bastavam palavras, urgiam ações. D. Lúcio foi escolhido representante da elite eclesiástica no sertão paulista por conta de sua disposição e de seus êxitos práticos em Montes Claros e em Diamantina. A construção do bispado, no sentido de território sob o poder de determinado bispo, demandava o reconhecimento e controle territorial, e a visibilidade social de D. Lúcio. Treinado na “escola ultramontana” de D. João Antônio dos Santos, o primeiro bispo de Botucatu não demorou a sair pelo sertão paulista em visita pastoral (2012, p. 197)

Ainda sobre o relatório de 1909, a diretora no título do relatório mostra que a Escola Botucatuense era uma filial (*Branch*) da Escola Americana de São Paulo. No balanço financeiro, afirma que escola recebeu o investimento de 471\$700 para compra de livros. O corpo docente era formado por ela, Miss Bridget de Oliveira, Miss Eugênia França e Anna Monteiro, auxiliar. Neste ano, apresentou-se a seguinte relação de alunos matriculados (Quadro 5)

Quadro 6 - Dados pessoais de alunos da Escola de Botucatu, 1909

	ALUNOS	IDADE	NACIONALIDADE	RELIGIÃO	PAGANTES
01	Eneas P. Aguiar		Brasileiro	Católico	Parcial
02	Juvilio Andrade	9	Brasileiro	Protestante	Gratuito
03	José Andrade	14	Brasileira	Protestante	Gratuito
04	Euclides Andrade	8	Brasileiro	Protestante	Gratuito
05	Bartimeu Almeida	8	Brasileira	Protestante	Gratuito
06	Francisco Alvim	8	Brasileiro	Católico	Parcial
07	João Alvim	7	Brasileiro	Católico	Gratuito
08	Jayme Azevedo	12	Portugues	Protestante	Integral
09	Josias Amaral	14	Brasileiro	Protestante	Integral
10	Euprasio Amaral	10	Brasileiro	Protestante	Integral
11	Eunice Amaral	8	Brasileira	Protestante	Parcial
12	Mario Botti	7	Italiano	Católico	Integral
13	João Bruder	10	Alemão	Protestante	Parcial
14	Maria Bruder	8	Alemã	Protestante	Parcial
15	Helena Bruder	6	Alemã	Protestante	Parcial
16	Joaquim V. Boas	11	Brasileiro	Católico	Integral

Continua

					Conclusão
17	Elsa G. Cioffi	11	Italiana	Protestante	Gratuito
18	José de Camargo	12	Brasileiro	Protestante	Parcial
19	Maria de Camargo	9	Brasileira	Protestante	Gratuito
20	Onésimo de Camargo	10	Brasileiro	Protestante	Gratuito
21	Bernardo Cappelote	11	Italiano	Protestante	Parcial
22	George Duarte	12	Brasileiro	Protestante	Gratuito
23	Paulo Latufu	7	Italiano	Protestante	Integral
24	Noemio de Lara	12	Brasileira	Protestante	Gratuito
25	Sueiro C. Morato	10	Brasileiro	Católico	Integral
26	Helcias de Mello	8	Brasileiro	Protestante	Gratuito
27	Oscar de Mello	6	Brasileiro	Protestante	Parcial
28	Helena de Nori	7	Italiana	Católica	Integral
29	Manuel Machado	14	Brasileiro	Católico	Integral
30	Paulo Machado	11	Brasileiro	Católico	Integral
31	Jayme Monteiro	12	Brasileiro	Católico	Integral
32	Maria Paula Monteiro	7	Brasileiro	Católica	Integral
33	Tito Machado	7	Brasileiro	Católico	Integral
34	Laércio Nogueira	11	Brasileiro	Protestante	Integral
35	Alberto Perpetuo	11	Brasileiro	Protestante	Gratuito
36	Angelo Perpetuo	14	Brasileiro	Protestante	Gratuito
37	Annibal Perpetuo	7	Brasileiro	Protestante	Gratuito
38	Judith Regalla	8	Brasileira	Católica	Parcial
39	Syria da Silva	9	Brasileira	Protestante	Parcial
40	Noemi Simões	9	Brasileira	Protestante	Gratuito
41	Abel Simões	6	Brasileiro	Protestante	Gratuito
42	José Simões	14	Brasileiro	Protestante	Gratuito
43	Dermival Schlittler	12	Alemão	Protestante	Parcial
44	Paulo de Souza	16	Brasileiro	Protestante	Integral
45	Brasil de Souza	14	Brasileiro	Protestante	Integral
46	Oscar Telles	8	Brasileiro	Protestante	Gratuito
47	Orville Telles	10	Brasileiro	Protestante	Gratuito
48	Martha Telles	7	Brasileira	Protestante	Gratuito

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1909

Em relação ao ano anterior, houve uma redução de 30 alunos. Dos 48 alunos que ficaram, 35 eram protestantes e 13 eram católicos; sendo que 37 eram meninos e 11 eram meninas. Percebe-se a presença de estrangeiros, 1 português, 4 alemães e 4 italianos. Dos 48 alunos, 19 protestantes estudavam gratuitamente e apenas 1 católico gozava do mesmo benefício. Dos 48 alunos, 9 católicos e 6 protestantes pagavam integralmente. Se por um lado, a maioria católica pagava integralmente, esse grupo era o que menos recebia o privilégio de estudar gratuitamente. A característica da Escola de Botucatu em relação ao gênero é muito parecida com a Escola Americana de São Paulo, onde prevaleciam alunos do sexo masculino e diferente da Escola Americana de Curitiba, que tinha mais meninas. No relatório de 1910, a diretora, entre outras coisas, demonstra esperança de que as coisas melhorem. Porém, observa-se que a escola manteve a mesma quantidade de matriculados do ano anterior, 48 alunos. Vejamos seu relatório:

Dr. H. M. Lane, presidente, Prezado Senhor:

Apresento o relatório da Escola Botucatuense durante o ano de 1910. A escola acaba de fechar o ano com sucesso e sem intercorrências. O atendimento não foi grande, mas a percentagem de alunos com pagamento integral foi maior do que no ano passado. Os alunos, quase sem exceção tem sido estudiosos e com excelente comportamento. D. Eugenia França terminou seu terceiro ano de trabalho, como de costume, dando inteira satisfação aos patronos da escola. D. Amy Menezes ensinou pela primeira vez no grau intermediário e foi muito bem sucedida. Os alunos que estudam gratuitamente são geralmente recomendados pelo pastor da igreja. Sentimo-nos encorajados e desejamos que a escola melhore no próximo ano (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1910).

Percebe-se que existe uma preocupação em relação ao aumento de número de alunos. Como isso não ocorreu, a diretora tenta justificar o sucesso da escola através do corpo docente, do rendimento acadêmico dos alunos e o aumento de alunos com pagamento integral. Como podemos observar pelo quadro abaixo (7), a escola manteve o mesmo número de alunos, mas teve rotatividade:

Quadro 7 - Dados pessoais dos alunos da Escola de Botucatu - 1910

	ALUNOS	PAI OU TUTOR	IDADE	NAC.	RELIGIÃO	PAG.
01	Syria da Silva	João da Silva	11	Brasileira	Católico	Parcial
02	João Alvim	Candido Alvim	8	Brasileiro	Protestante	Parcial
03	Oscar de Mello	Eduardo de Mello	7	Brasileiro	Protestante	Parcial
04	Noemia G. Simões	José G. Simões	10	Brasileira	Protestante	Gratuito
05	Abel G. Simões	José G. Simões	8	Brasileiro	Protestante	Gratuito
06	Elsa Cioffi	Maria T. Cioffi	14	Italiana	Protestante	Gratuito
07	Mary Meriwether	Daniel Meriwether	14	Americana	Católico	Parcial
08	Ruth Meriwether	Daniel Meriwether	12	Americana	Protestante	Parcial
09	Ottília Bratke	Arthur Bratke	8	Alemã	Católico	Integral
10	Joville de Andrade	José de Andrade	12	Brasileiro	Protestante	Gratuito
11	Euclides Andrade	José de Andrade	10	Brasileiro	Protestante	Gratuito
12	Orville Telles	Leopoldina Telles	12	Brasileiro	Protestante	Gratuito
13	Oscar Telles	Leopoldina Telles	10	Brasileiro	Protestante	Gratuito
14	Martha Telles	Leopoldina Telles	8	Brasileiro	Protestante	Gratuito
15	Maria P. Monteiro	Manuel Monteiro	9	Brasileiro	Católico	Integral
16	Alberto Perpetuo	Fernando Perpetuo	13	Brasileiro	Protestante	Gratuito
17	Annibal Perpetuo	Fernando Perpetuo	8	Brasileiro	Protestante	Gratuito
18	Eunice Amaral	Salvador Amaral	11	Brasileira	Protestante	Gratuito
19	Sueiro Carlos	Carlos Morato	12	Brasileiro	Católico	Integral
20	Maria de Camargo	E. S. de Camargo	9	Brasileiro	Protestante	Gratuito
21	Domingos Bacchi	Petarca Bacchi	8	Italiano	Católico	Integral
22	Onesimo Camargo	Louisa Camargo	11	Brasileiro	Protestante	Gratuito
23	Jorge Duarte	A. Duarte	12	Brasileiro	Protestante	Gratuito
24	Mario Botti	Francisco Botti	9	Italiano	Católico	Integral
25	Julio Botti	Francisco Botti	7	Italiano	Católico	Gratuito
26	Affonso Botti	Francisco Botti	6	Italiano	Católico	Gratuito
27	Nair de Andrade	José de Andrade	7	Brasileiro	Protestante	Gratuito
28	João Bruder	Jorge Bruder	12	Alemão	Protestante	Parcial
29	Maria Bruder	Jorge Bruder	10	Alemão	Protestante	Parcial
30	Helena Bruder	Jorge Bruder	6	Alemão	Protestante	Parcial
31	Helena de Mori	José de Mori	8	Italiana	Católica	Integral

Continua

						Conclusão
32	Jayme Azevedo	M. J. Azevedo	12	Portugues	Protestante	Integral
33	Euzebio Vicentini	A. Vincentini	12	Italiano	Católico	Integral
34	Paulo Lotufo	F. Lotufo	8	Italiano	Protestante	Gratuito
35	Maria Lotufo	F. Lotufo	6	Italiano	Protestante	Gratuito
36	Euphrasio Amaral	João Amaral	10	Brasileiro	Protestante	Parcial
37	Syllas do Amaral	Salvador Amaral	7	Brasileiro	Protestante	Parcial
38	Paulo Machado	M. Machado	12	Brasileiro	Católico	Integral
39	José Barreiros	J. Barreiros	13	Brasileiro	Católico	Integral
40	Noemia Conceição	Antonio Conceição	15	Brasileiro	Católico	Integral
41	Haraldo B. Dias	Luzerne Dias	12	Brasileiro	Católico	Integral
42	Francisco Barros	Carlos de Barros	14	Brasileiro	Católico	Integral
43	Maria L. de Barros	Joaquim de Barros	7	Brasileiro	Católico	Integral
44	Armando Andrade	A. Caesar	9	Brasileiro	Católico	Integral
45	Benedicto Almeida	Francisco Almeida	14	Brasileiro	Católico	Integral
46	Barthimeu Almeida	J. Caldeira	9	Brasileiro	Protestante	Gratuito
47	João G. Simões	José G. Simões	14	Brasileiro	Protestante	Gratuito
48	Albano Bassoli	Bom Filho Bassoli	12	Italiano	Católico	Parcial

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1910

Com o mesmo número do ano anterior, a escola em 1910 tinha 31 meninos e 17 meninas, 29 alunos protestantes e 19 católicos, sendo que 17 pagavam integralmente, 10 parcialmente e 21 protestantes estudavam gratuitamente. Nenhum católico estudava gratuitamente. A escola tinha 31 brasileiros, 10 italianos, 4 alemães, 1 português e 2 americanos.

Em 1911, a escola passa por dificuldades em relação ao número de alunos. São apenas 41 alunos matriculados. A diretora Emma M. Browning apresenta o seguinte relatório:

Dr. H. M. Lane, Presidente. Prezado Senhor:

Em anexo, você encontrará o registro habitual do Escola Botucatuense para o ano 1911. A escola caiu em números por conta da abertura de escolas públicas organizadas pelo Governo e uma grande escola organizada pelo novo Bispo, que reside na cidade. O progresso dos alunos foi muito satisfatório e para o fim do ano, alguns alunos que haviam sido atraídos para as escolas públicas retornarão. Por conta da redução de alunos, fomos obrigados a dispensar os serviços do professor nativo, que lecionava francês. Misses Eugenia França e Amy Menezes fizeram um fiel trabalho. Senhorita Menezes voltará no próximo ano, mas não será por muito tempo, como ela ficou noiva de um jovem alemão, provavelmente, casará em breve. Meu tempo de serviço expira com o ano em curso e lamento que, por muitas razões, sou obrigada a deixar o trabalho. Respeitosamente (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1911, p. 61).

Para a diretora, a diminuição do número de alunos devia-se ao surgimento das escolas públicas e de uma escola católica. Em detrimento as dificuldades, tinha expectativa que os alunos que foram para as escolas públicas retornassem em breve. Por conta da diminuição do número de alunos, a diretora dispensa um professor nativo que lecionava francês. Seu tempo de trabalho expiraria durante o ano em curso e ela não se mostrava disposta a dar continuidade à direção da escola. Neste relatório, a diretora publica duas fotos.

Figura 4 - Escola (filial) de Botucatu, com alunos e professores na fachada, 1911

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1911

Figura 5 - Escola de Botucatu - Residência dos professores, com alguns professores, 1911

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1911

Como podemos observar na foto (Figura 4), a legenda (*Branch School of Botucatu*) reforça nossa posição de que a Escola de Botucatu fazia parte da rede de escolas organizadas por Horace Lane. É mais um indício paradigmático em meio a tantos assuntos contidos no relatório do supervisor educacional da South Brazil Mission.

A diretora também escreve os nomes dos alunos matriculados durante o ano de 1911:

Quadro 8 - Dados pessoais de alunos da Escola de Botucatu - 1911

	Alunos	Pais	Nacionalidade	Idade	Religião	Pagantes
01	Leslie Matthews	Charles Matthews	Brasileiro	8	Protestante	Integral
02	Paulo Lotufo	Francisco Lotufo	Italiano	9	Protestante	Gratuito
03	Maria Lotufo	Francisco Lotufo	Italiano	7	Protestante	Gratuito
04	João G. Simões	José G. Simões	Brasileiro	14	Protestante	Gratuito
05	Noemi G. Simões	José G. Simões	Brasileiro	11	Protestante	Gratuito
06	Abel G. Simões	José G. Simões	Brasileiro	9	Protestante	Gratuito
07	Frederico Rodrigues	S. A. Rodrigues	Brasileiro	6	Católico	Integral
08	Syria da Silva	João da Silva	Brasileiro	12	Protestante	Parcial
09	Vicente Cioffi	Raphael Cioffi	Italiano	8	Protestante	Parcial
10	Francisco Cioffi	Raphael Cioffi	Italiano	6	Protestante	Parcial
11	Domingos Bacchi	Petarca Bacchi	Italiano	10	Católico	Integral
12	Raul P. Lima	M. R. Lima	Brasileiro	3	Protestante	Integral
13	Mario P. Lima	M. R. Lima	Brasileiro	15	Católico	Integral
14	Maria Vac	Sebastião Vac	Italiano	10	Católico	Integral
15	Helena de Mori	José de Mori	Italiano	10	Católico	Integral
16	Haraldo Dias	Luzerne Dias	Brasileiro	13	Católico	Integral
17	Maria P. Monteiro	Manuel Monteiro	Brasileiro	12	Católico	Integral
18	Jayme Azevedo	M. J. Azevedo	Português	9	Protestante	Integral
19	Bartimeu Almeida	Tulipa Almeida	Brasileiro	9	Protestante	Gratuito
20	Annibal Perpetuo	Fernando Perpetuo	Brasileiro	9	Protestante	Gratuito
21	Martha Telles	Leopoldina Telles	Brasileiro	11	Protestante	Gratuito
22	Oscar Telles	Leopoldina Telles	Brasileiro	11	Protestante	Gratuito
23	Maria de Camargo	E. S. Camargo	Brasileiro	10	Protestante	Gratuito
24	Nair de Andrade	José de Andrade	Brasileiro	8	Protestante	Gratuito
25	Euclides de Andrade	José de Andrade	Brasileiro	10	Protestante	Gratuito
26	Jovillo de Andrade	José de Andrade	Brasileiro	12	Protestante	Gratuito
27	Paulo de Andrade	Ozório Andrade	Brasileiro	13	Católico	Parcial
28	João Bruder	Jorge Bruder	Alemão	12	Protestante	Parcial
29	Maria Bruder	Jorge Bruder	Alemão	10	Protestante	Parcial
30	Helena Bruder	Jorge Bruder	Alemão	8	Protestante	Parcial
31	Joel Bruder	João Bruder	Alemão	9	Protestante	Parcial
32	Euzebio Vicentini	Alsemo Vincetini	Italiano	6	Católico	Integral
33	Lourdes de Barros	Joaquim Barros	Brasileiro	11	Católico	Integral
34	Pedro D. Baptista	Amelia Dias	Brasileiro	12	Católico	Integral
35	Astrogilda Caesar	Pedro Avelino	Brasileiro	12	Católico	Integral
36	Judith Conceição	Antonia Conceição	Brasileiro	12	Católico	Especial
37	Benedicta Bueno	Euzebio Bueno	Brasileiro	11	Católico	Integral
38	José Bueno	Euzebio Bueno	Brasileiro	14	Católico	Integral
39	Sueiro Carlos	Carlos Marato	Brasileiro	11	Católico	Integral
40	Syllas do Amaral	Salvador Amaral	Brasileiro	9	Protestante	Parcial
41	Eduardo Barbosa	José Barbosa	Brasileiro	14	Católico	Gratuito

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1911

Como vemos, houve uma diminuição de alunos em relação aos anos anteriores. De 48 em 1910, passou para 41 alunos matriculados, sendo 27 meninos e 14 meninas. Desses, 24

eram protestantes e 17 católicos. O pagamento estava distribuído da seguinte forma: 17 integral, 14 estudavam gratuitamente e 10 pagavam mensalidades parciais. Apenas um aluno católico estudava gratuitamente.

O relatório de 1912 é breve. Novamente constata mudança na direção da escola:

Esta escola abriu no dia 05 de fevereiro com três professores: Miss Effie R. Lenington, Amy Menezes e D. Eugenia Franca e dezenove alunos. Durante o ano, outros entraram e alguns deixaram em junho. No final do ano letivo, havia 36 alunos arrolados. Em junho de D. Amy Menezes nos deixou a fim de se casar e D. Elvira Gomes, que lecionou na escola de Florianópolis, assumiu seu lugar (LANE, 1912a, p. 60).

A situação da escola parecia bem delicada. As constantes mudanças de direção, a influência do catolicismo, a abertura de escolas públicas eram fatores que tinham colaborado para a diminuição de alunos matriculados conforme os relatórios anteriores. Nesse ano, assumiu a direção da escola a professora Effie. R. Lenington. Mais uma vez houve mudança na direção. Na citação acima, vemos que a escola tinha 36 alunos matriculados, porém no balanço final, a diretora coloca 47 alunos. Qual é a quantidade exata de alunos? A diretora afirma que dos 47 alunos, 20 são meninos e 17 são meninas. Dos 47, 26 são protestantes e 21 católicos, 41 são brasileiros e os demais italianos. Por esses dados percebe-se a mudança no quadro geral de alunos em relação ao ano anterior, ou seja, houve novamente rotatividade de alunos. Não se sabe ao certo a razão dessa rotatividade. Mas, se levarmos em conta as análises de Aquino (2012) a respeito da reação católica em Botucatu, podemos ter uma resposta a essa questão, pois o lema do bispo da cidade era a União dos católicos. Para tanto, ergueu estrategicamente uma campanha contra os “inimigos do catolicismo”. Porém, percebe-se, pelo relatório, uma presença considerável de alunos católicos, provavelmente, filhos de pais que aderiram às ideais protestantes ou que estavam ligados ao movimento republicano.

Por outro lado, o catolicismo em Botucatu também tratou de fazer investimento na área educacional com a criação do Colégio dos Anjos em 1912 (CARDOSO, 2007). Segundo a autora, as irmãs Marcelinas foram muito bem recebidas pelo bispo Dom Lúcio Antunes de Souza, e com sua proposta pedagógica, muitas famílias enviaram suas filhas para serem educadas por elas. Aquino (2011) afirma que D. Lúcio com o apoio de letrados locais e de congregações religiosas masculinas e femininas, criou uma rede de escolas que tinha como objetivo educar as pessoas na doutrina da Igreja e oferecer recursos materiais às congregações e obras diocesanas. Não encontramos documentação, por enquanto, que possa elucidar ou dar pistas sobre se essa rede de escolas ou a presença da educação católica em Botucatu casou algum influência na educação presbiteriana. Porém, não podemos negligenciar o fato de que a

nomeação do bispo na cidade de Botucatu causou preocupação, conforme o relatório de 1911, em que a diretora afirma que o bispo havia organizado uma grande escola. Para Aquino, a rede de escolas católicas tinha como estratégia romanizar o povo.

No último relatório da Escola de Botucatu, a diretora transcreve as seguintes palavras para o Dr. D. C. Macklaren¹³⁹:

No final do primeiro semestre D. Josephina Paixão nos deixou para se casar e seu lugar foi preenchido, a partir de julho por D. Benedita Machado, antiga aluna da escola e também da Escola Americana de S. Paulo, ela mudou recentemente para Botucatu e estamos felizes em recebê-la como professora da Escola. Nesse interim, dois administradores de uma rica fazenda de café aqui, cujo proprietário ficou por vários anos em Paris, queriam ter suas meninas educadas, então eles alugaram uma grande casa em Botucatu, e enviou suas filhas junto com o professor de música, para morarem lá. Elas, então, entraram em nossa escola como alunas, continuando as suas aulas de canto e violino com seu próprio professor. As duas meninas grandes estavam muito atrás em todas as lições, mas estavam muito ansiosas para aprenderem, então todos nós trabalhamos arduamente e elas fizeram um grande progresso, a ponto de se deslocarem para o ensino secundário. Depois de algumas semanas, uma das meninas, que era bastante frágil, ficou doente e teve que ir para casa, mas os outros três foram mantidos até o final de outubro, quando os pais se mudaram para São Paulo, por ter encontrado emprego lá. As meninas estão todas esperando para entrarem na Escola Americana dessa cidade no próximo ano. Ficamos tristes por perdê-los, pois os outros alunos trabalharam melhor vendo estes quatro tão dedicados ao trabalho. Oito dos nossos meninos são filhos de pais italianos, que estão muito ansiosos para verem os seus filhos conhecerem bem o Português e estão dispostos a pagar o preço total, ou quase total, a fim de conseguir isso. Um ano é o limite para a maioria deles (1913, p. 53).

A diretora parece entusiasmada com a presença de novos alunos, porém não menciona nada a respeito da saída dos alunos do ano anterior. Se compararmos a tabela anterior com a que segue, perceberemos que houve uma mudança no quadro de alunos matriculados. A escola nesse ano tinha 40 alunos, conforme tabela abaixo:

Quadro 9 - Dados pessoais de alunos da Escola de Botucatu - 1913

	ALUNOS	NACIONALIDADE	RELIGIÃO	PAGANTES
01	Alexandrina de Gouveia Almeida	Brasileira	Católico	Quase Parcial
02	Anna Teixeira de Barros	Brasileira	Protestante	Quase parcial
03	Anna Rodrigues	Brasileira	Católica	Integral
04	Antonio Ramos de Oliveira	Brasileiro	Protestante	Gratuito
05	Arthur Pinto Costa Jr.	Brasileiro	Católico	Integral
06	Benedito P. de Gouveia Almeida	Brasileiro	Católico	Quase Parcial

Continua

¹³⁹ Sucedeu Horace Lane na presidência do Mackenzie entre os anos de 1912 a 1914. Segundo Matos (2004), o Rev. Donald Campbell McLaren nasceu em Tennent, Nova Jersey. Graduou-se em teologia no Seminário Teológico de Princeton em 1884, tendo sido professor substituto de hebraico em 1884 e 1885. Foi ordenado pelo Presbitério de Monmouth em 14 de janeiro de 1885, sendo enviado ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova Iorque a fim de lecionar Teologia na Escola Americana. Retornou aos Estados Unidos onde lecionou no Instituto Politécnico do Brooklyn (1896-1899) e na cidade de Nova York (1899-1912). Nos Estados Unidos, fazia parte da Junta de Curadores do Mackenzie.

				Conclusão
07	Camilo Peduti	Italiano	Católico	Integral
08	Celso Correia Conceição	Brasileiro	Católico	Integral
09	Cesari Peduti	Italiano	Católico	Integral
10	Chiara Siratara	Italiana	Católica	Integral
11	Cydrico Bacchi	Italiano	Católico	Integral
12	Cynira Cid Regalllo	Brasileira	Católica	Quase integral
13	Domingos Bacchi	Italiano	Católico	Integral
14	Emilio Peduti	Italiano	Católico	Integral
15	Erasmus Villas Boas	Brasileiro	Católico	Integral
16	Erothydes Guedes	Brasileira	Católico	Integral
17	Etelvina	Brasileira	Católica	Integral
18	Francisco P. de Gouveia Almeida	Brasileiro	Católico	Quase integral
19	Francisco Peduti	Italiano	Católico	Integral
20	Helena de Nori	Italiano	Católica	Integral
21	Hercilia Rodrigues	Brasileira	Católico	Integral
22	Hernani	Brasileiro	Católico	Integral
23	Hugo Riccell	Italiano	Católico	Integral
24	Ina Trenck	Brasileira	Católica	Integral
25	Jandira Guedes	Brasileira	Católica	Integral
26	Jayne Veiga	Brasileira	Católico	Integral
27	João Laurindo de Mello	Brasileira	Católico	Integral
28	João de Queiros Reis	Brasileira	Católico	Integral
29	José Grazianni	Italiano	Católico	Integral
30	José de Queiroz Reis	Brasileiro	Católico	Integral
31	Joville de Andrade	Brasileiro	Protestante	Gratuito
32	Maria Lotufo	Brasileira	Protestante	Gratuito
33	Maria Teixeira de Barros	Brasileira	Protestante	Gratuito
34	Moacyr de Barros Campos	Brasileiro	Católico	Quase parcial
35	Paulo de Azevedo	Brasileiro	Protestante	Quase integral
36	Paulo Lotufo	Brasileiro	Protestante	Gratuito
37	Ranimiro Lotufo	Brasileiro	Protestante	Gratuito
38	Sylvio Conceição Regallo	Brasileiro	Católico	Quase integral
39	Waldemar Riccelli	Italiano	Católico	Quase integral
40	Luiz de Barros Campos	Brasileiro	Católico	Integral

Fonte: Annual Report Mackenzie College - 1913

Dos 40 alunos matriculas 32 eram católicos e 8 protestantes. É a primeira vez que o número de alunos católicos supera o número de protestantes matriculados. Qual seria a razão disso? Novamente se observa que os alunos são diferentes dos anos anteriores. A diretora não fala absolutamente nada a respeito dessa situação. Dos 8 alunos protestantes, 7 estudavam gratuitamente. Nenhum católico foi contemplado com bolsa integral, ou pagavam parcial ou integralmente. Dos 40 alunos, 11 eram italianos e os demais brasileiros. Não se percebe a presença dos alunos americanos, alemães e de outras nacionalidades que estavam matriculados nos anos anteriores. Dos alunos matriculados neste ano, 13 eram meninas e 27 meninos. As professoras nesse período eram: D. Josephina Paixão, D. Elvira Gomes, D. Benedita Machado e a diretora Miss Effie Lennington.

No relatório de 1914, o presidente do Mackenzie College é o Dr. Waddell. Não há menção das escolas que faziam parte da rede de Horace Lane. Tudo indica que com o falecimento de Lane, o Mackenzie não deu continuidade ao projeto de rede de escolas na cidade de Botucatu¹⁴⁰.

2.3 A Escola Americana de Florianópolis

Existem poucos estudos a respeito dessa escola, o que confirma que o estudo sobre a educação protestante é um vasto campo de pesquisa (HILSDORF, 2000). Temos o trabalho de Hack (1985) que trata do protestantismo e educação brasileira, em que procura analisar as contribuições dessa escola na cidade de Florianópolis. Para o autor, a organização de escolas por parte dos missionários norte-americanos era uma estratégia de evangelização. Mendonça (2008) também partilha dessa compreensão.

Segundo Hack (1985), a escola teve início em 18 de março de 1903, com 23 alunos matriculados. A primeira professora foi Eugênia França, cedida pelo diretor da Escola Americana de São Paulo. Esta era uma das práticas de Lane em relação à rede de escolas. Ele colocava na sua rede de escolas pessoas de sua confiança e que estiveram sob sua orientação educacional. Oferecia apoio ao trabalho educacional em Florianópolis cedendo professores, material escolar, carteiras. O autor diz que a escola de Florianópolis seguia os mesmos propósitos educacionais da Escola Americana de São Paulo. Tinha como objetivo: abrigar todas as crianças, sem distinção de raça, cor, sexo ou religião; não fazer propaganda religiosa proselitista, apoiar-se na moral cristã tendo como livro básico a Bíblia Sagrada (p. 143). Os métodos pedagógicos também eram oriundos da pedagogia norte-americana. Tinha como diretor no seu início o Rev. J. B. Kolb. Segundo relatório da Annual Report da Igreja Presbiteriana norte americana o trabalho prosperava na cidade de Santa Catarina, porém a Igreja havia enfrentado a perda de 19 membros por causa da questão maçônica e a escola tinha 84 alunos matriculados (ANNUAL REPORT, 1904, p. 366).

Segundo Hack (1985), em razão da falta de professores e foco na atividade missionária por parte dos seus dirigentes no interior catarinense, a escola ficou fechada durante o ano de 1907. Devido às dificuldades financeiras, falta de professores, aumento de matrículas, mesmo contanto com o apoio da matriz em São Paulo, essa escola encerrou suas atividades em 1911, tendo um breve período de existência.

¹⁴⁰ Segundo o site: <http://www.ybytucatu.net.br/historia/temas/presbiteriana.html>. Acessado em 16/01/2015: O Mackenzie College deixou a administração da Escola Botucatuense na segunda década do século XX, tendo passado a gestão ao Reverendo Coriolano Dias Assumpção.

Não dá pra saber ao certo se em 1903 a Escola já fazia parte da rede de escolas organizadas por Lane, pois não foi encontrado documentação¹⁴¹ até o momento. Os relatórios da Igreja Presbiteriana norte-americana não apresentam nenhum vestígio. Porém, é possível constatar que a partir de 1908 ela representava uma filial da Escola Americana de São Paulo, pois no relatório encaminhado a Horace Lane, Lennington¹⁴² afirma:

Esta escola estava anteriormente sob a direção do missionário presbiteriano residente, Rev. J. B. Kolb e a orientação pedagógica era fornecida pela Escola Americana de São Paulo. Mas, por razões, ela foi fechada por mais um ano. Havia urgente necessidade de uma escola para os filhos dos pais protestantes, porquanto todo o sistema de escolas públicas tinha sido entregue aos jesuítas. Decidiu-se reabrir a Escola como uma filial (branch) da Escola Americana e colocar Miss Maude Hill como responsável, dando-lhe duas de nossas jovens professoras como assistentes. Miss Hill chegou após o início do ano letivo e a Escola abriu com pequeno número de matrículas (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1908, p. 54)¹⁴³.

O Rev. Lennington coloca Horace Lane a par da situação da Escola Americana de Florianópolis. Além dos problemas supramencionados, estava preocupado com a atitude da Miss Maude Hill para com os membros da Igreja e a pedido do referido pastor, ela retornou aos Estados Unidos. Em seu lugar foi nomeada a professora Porter, filha do Rev. Thomas Porter para assumir o comando da escola. Nesse período a escola tinha 31 alunos matriculados de ambos os sexos, sendo 7 alunos católicos e os demais protestantes. Vejamos os nomes dos alunos matriculados, conforme relação apresentado pelo Rev. Lennington apresentado a Horace Lane, supervisor educacional da South Brazil Mission:

Quadro 10 - dados pessoais dos alunos da Escola Americana de Florianópolis - 1908

Nome	Residência	Idade	Religião
Arey Nobrega	Rio	9	Católica Romana
Abigail Nunes	Santa Catarina	7	Protestante
Arthur Lennigton	Santa Catarina	6	Protestante
Amélia Aguino	Rio	8	Protestante
Aberlado da Costa	São Paulo	11	Protestante
Amélia Cabral	Rio	11	Católica Romana
Celso Salles	Santa Catarina	9	Católica Romana

Continua

¹⁴¹ No Centro Histórico do Mackenzie, temos apenas os relatórios de Horace Lane aos Trustees entre os anos de 1907 a 1912. Desde a nomeação de Horace Lane na direção da Escola Americana e mais tarde como presidente do Mackenzie College havia a imposição de se encaminhar relatórios anuais tanto para a Igreja norte-americana como para os Trustees em Nova York. Provavelmente, os relatórios anteriores a 1907 estão em algum lugar ou foram extraviados. Da documentação que adquiri da Arquivo da Igreja Presbiteriana norte-americana temos dois relatórios datilografados e assinados por Lane, parecidos com os Relatórios anuais do Mackenzie College, porém com datas anterior a organização da Escola em Florianópolis.

¹⁴² Segundo Matos (2004), o Rev. Roberto Frederico Lenington era filho dos missionários pioneiros Robert Lenington e Martha Dale.

¹⁴³ As informações sobre a Escola Americana em Florianópolis foram redigidas pelo Rev. Roberto F. Lennington está anexo ao relatório de Horace Lane encaminhado aos Trustees.

Conclusão

Carmen Barbosa	Santa Catarina	8	Protestante
Camilo Albuquerque	Santa Catarina	7	Protestante
Clotilde Cabral	Lagoas	9	Católica Romana
Celso Capilla	Florianópolis	12	Católica Romana
Dale Lennington	Santa Catarina	8	Protestante
Dorotea Bezerra	Santa Catarina	7	Protestante
Daniel Barbosa	Santa Catarina	6	Protestante
Gilberto Livramento	Santa Catarina	6	Protestante
Geracy Leite	Santa Catarina	7	Protestante
Francisco Camera	Santa Catarina	7	Protestante
Heloisa da Costa	Santa Catarina	10	Protestante
Horacio Monteiro	São Paulo	8	Protestante
Indio Fernandes	Santa Catarina	14	Protestante
Icomono Icomono	Santa Catarina	11	Protestante
José de Oliveira	Santa Catarina	17	Católica Romana
Leonina Leite	Santa Catarina	9	Católica Romana
Maria Livramento	Santa Catarina	8	Protestante
Maria Camera	Santa Catarina	9	Protestante
Nestor Carpes	Santa Catarina	9	Protestante
Nila Pickering	Santa Catarina	7	Protestante
Paulo Silva	Santa Catarina	11	Protestante
Roberto Keble	Santa Catarina	8	Católica Romana
Sizenando Nunes	Santa Catarina	12	Protestante
Waldemiro Carpes	Santa Catarina	9	Protestante

Tabela 11: Annual Report Mackenzie College - 1908

Como podemos observar, a Escola Americana de Florianópolis funcionava em regime de co-educação, igual à matriz e à filial de Curitiba, tendo meninos e meninas de diversas nacionalidades (ABREU, 2003).

Nas palavras de Lane (1908), já mencionadas neste trabalho, as escolas do interior recebiam os filhos de membros das igrejas protestantes, o que para ele representava uma das ações mais importantes da obra educacional. Comentando o relatório, Rev. Lennington anexo ao seu relatório (1908) encaminhado aos Trustees, Lane confirma que a responsabilidade educacional dessa escola estaria sob a responsabilidade de Miss Ethelvyn Porter e que era importante que tais escolas estivessem sob a direção de mulheres cristãs piedosas, imbuídas no espírito missionário. Segundo Hack (1985), a missionária assumiu a direção no final de 1909. Em seu primeiro relatório, encaminhado ao supervisor geral da obra educacional da estação South Brazil Mission, Horace Lane, com o título – *Branch School at Florianópolis*, afirma:

Talvez nossa necessidade mais preeminente seja de mais professores e necessitamos de algo bem equipado para ensinar ou realizar o trabalho evangélico da escola. O alvo da existência da escola, além de ensinar que dois mais dois são quatro, deve ser o atendimento pessoal para que cada criança seja o elemento de maior valor possível da sociedade. Pessoas da Igreja e da comunidade estão vindo para entender um pouco a respeito do que a escola realmente estabelece e o que pode significar para eles pessoalmente como uma congregação. O apoio dos crentes tem sido especialmente no sentido de encorajar devido ao interesse despertado entre amigos

católicos, que também matriculam seus filhos e isto resulta em novos alunos. Nós realmente necessitamos de mais duas professoras em adição às duas que temos agora, para que possamos fazer o trabalho correspondente aos seis graus da escola pública dos Estados Unidos, e no próximo ano possamos fazer o curso sete (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1909, p. 52).

Para Miss Porter, a escola chamava a atenção dos membros da igreja e da sociedade que desejava conhecer um pouco mais sobre ela. Contava com 48 alunos e pontuava a necessidade de se ter mais duas professoras e para seguir o modelo educacional das escolas públicas dos Estados Unidos e fortalecer o trabalho missionário. Além disso, era preciso construir um prédio maior, porque as aulas eram ministradas no salão de culto da Igreja. Coloca uma relação dos alunos matriculados, que transcreveremos abaixo:

Quadro 11 - Dados pessoais de alunos da Escola Americana de Florianópolis - 1909

Nome dos alunos	Idade	Nacionalidade	Religião	Pagamento
Oscar Trompowsky	7	Brasileira	Desconhecida	Parcial
Maria Trompowsky	10	Brasileira	Desconhecida	Parcial
Maria Martinha	12	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
India Fernandes	9	Brasileira	Católica	Integral
Indio Fernandes	12	Brasileira	Católica	Integral
Agenor Cunha	8	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Alvaro da Silva	10	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Maria C. da Silva	8	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Jorge Figueiredo	7	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Anísio Dutra	8	Brasileira	Católica	Integral
Paulo da Silva	9	Brasileira	Católica	Integral
Arcy Nobrega	8	Brasileira	Católica	Integral
Jarcy Nobrega	9	Brasileira	Católica	Integral
Sizenando Nunes	10	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Abigail Nunes	8	Brasileira	Presbiteriana	Integral
Dale Lenington	9	Americana	Presbiteriana	Parcial
Leolina Leite	8	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Geracy Leite	8	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Dorotea Bezerra	7	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
José Pereira de Oliveira	10	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Celso Sallez	10	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Maria Figueiró	6	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Caren Barbosa	4	Brasileira	Presbiteriana	Graça
Amelia de Aquino	9	Brasileira	Presbiteriana	Graça
Roberto Rolbe	12	Brasileira	Luterano	Parcial
Aberlado da Costa	13	Brasileira	Presbiteriano	Parcial
CamiloAlbuquerque	8	Brasileira	Presbiteriano	Integral
Celso Capella	12	Brasileira	Não tem	Integral
Julio Wojcikiewicz	11	Australiano	Luterano	Integral
ErnestoWojcikiewicz	9	Australiano	Luterano	Parcial
Nila Pickering	12	Brasileira	Católico	Integral
Osny Lobs d'Eca	8	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Euclides Almeida	12	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Maria Augusta	11	Brasileira	Presbiteriana	Integral
Aroldo Villela	8	Brasileira	Católica	Integral
Augusto Fausto	11	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Luiz da Luz	8	Brasileira	Católica	Integral
José Dal Grande B.	14	Brasileira	Católica	Integral

Continua

Conclusão

João Dal Grande B.	11	Brasileira	Católica	Integral
Otilie Dornbusch	8	Brasileira	Luterana	Parcial
Hilda Dornbusch	6	Brasileira	Luterana	Parcial
Ouphalia Soares	9	Brasileira	Católica	Parcial
Horacio Monteiro	16	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Thomas Simmonda	8	Brasileira	Desconhecida	Integral
João G de Souza	12	Brasileira	Católica	Integral
Ernesto Machado	12	Brasileira	Católica	Integral
Arlindo Machado	8	Brasileira	Católica	Integral
Jorge Corte Real	11	Brasileira	Católica	Parcial
João P. de Oliveira	6	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Matheus Carvalho	12	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Emminta Carvalho	11	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Otto Carvalho	9	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Gamaliel Carvalho	8	Brasileira	Presbiteriana	Parcial
Arthur Lenington	7	Americano	Presbiteriana	Parcial
Oscar Pinto da Luz	9	Brasileiro	Católica	Integral

Tabela 12: Annual Report Mackenzie College, 1909

A maioria dos alunos eram brasileiros. Perfil muito parecido com a Escola Americana de Curitiba (ABREU, 2003). Dos alunos relacionados, 17 pertenciam ao catolicismo. A maioria era presbiteriano, ou seja, a clientela vinha da própria igreja em Florianópolis. Em relação ao relatório anterior houve um crescimento no quadro de alunos da Escola Americana de Florianópolis. Apresenta um balanço financeiro em que diz que recebeu da South Brazil Mission 900\$000 e 1.525\$000 do Dr. Horace Lane, o que mostra a conexão entre as duas escolas.

No relatório de 1910, a diretora e professora Porter, reitera seu pedido sobre as acomodações. Pelo que se percebe, esse era um problema recorrente no seu relatório. Parece que não estavam acontecendo os investimentos necessários. Nesse ano, a escola tinha 67 alunos de ambos os sexos. Coloca também a relação de alunos matriculados:

Quadro 12 - Dados pessoais dos alunos da Escola Americana de Florianópolis - 1910

Nome	Pais ou tutor	Religião	Idade	Pagamento
Oscar Trompowsky	Luiza Trompowsky	Presbiteriana	8	Metade
Josué Figueiredo	Josué W. Figueiredo	Presbiteriana	6	Metade
Thereza Bezerra	Agostinho Bezerra	Presbiteriana	7	Metade
Marietta Albuquerque	José Albuquerque	Presbiteriana	8	Metade
Adalmira Leite	Belício Leite	Presbiteriana	7	Metade
Orphalia Soares	Esther Soares	Católica Romana	10	Metade
Laura Rego	Olympio Rego	Presbiteriana	9	Metade
Alvaro da Silva	Nicolas da Silva	Presbiteriana	11	Metade
Maria da Silva	Nicolas da Silva	Presbiteriana	10	Metade
Edmundo V. Santos	Euphosima Santos	Católica Romana	8	Integral
Ary de E. Passos	Ignacio de M. Passos	Católica Romana	9	Metade
Layr de M. Passos	Ignacio de M. Passos	Católica Romana	8	Metade
Jacy de M. Passos	Ignacio de M. Passos	Católica Romana	6	Metade
Regina Barroso	Antonio M. Barroso	Católica Romana	6	Integral

Continua

Conclusão

Aldenora Santos	Euphosima Santos	Católica Romana	7	Metade
Homero C. Gomide	Cellectina C. Gomide	Católica romana	10	Metade
José Born	João Born	Religião ?	11	Metade
Maria Figueiró	José W. Figueiró	Presbiteriana	8	Metade
Otilie Dornbusch	Walter Dornbusch	Luterana	9	Metade
Hilda Dornbusch	Walter Dornbusch	Luterana	7	Metade
Jorge Figueiredo	Maria G. Figueiredo	Presbiteriana	8	Metade
Gamaliel Carvalho	Matheus de Carvalho	Presbiteriana	9	Metade
João P. de Oliveira	José P. de Oliveira	Presbiteriana	8	Metade
Abigail Nunes	Antonio A. Nunez	Presbiteriana	9	Metade
Gil Fausto	Dr. Augusto Fausto	Presbiteriana	10	Integral
Olindina Philomona	D. G. Bitencourt	Católica romana	9	Metade
Maria Amélia Calazans	Maria A. Calanzans	Católica romana	12	Metade
Ernesto Mojciakiewicz	Camila Mojciakiewicz	Luterana	10	Integral
Theodoro Bruggemann	João Bruggemann	Católica romana	9	Metade
Agenor Cunha	Epiphanto da Cunha	Presbiteriana	11	Metade
Angelo Kenkle	Antonio Kenkle	Presbiteriana	13	Metade
Dorothea Bezerra	Agostinho Bezerra	Presbiteriana	9	Metade
Camilo Albuquerque	José Albuquerque	Presbiteriana	10	Metade
Otto de Carvalho	Matheus Carvalho	Presbiteriana	10	Metade
José P. de Oliveira	José O. de Oliveira	Presbiteriana	12	Metade
Maria Rego	Olympio Rego	Presbiteriana	11	Metade
Paulo da Silva	Dr. Virgilio da Silva	Não tem	10	Integral
India Fernandes	Manuel J. Fernandes	?	10	Integral
Thomaz Simmonds	Edward Simmonds	Protestante	9	Integral
Jayne C. Gomide	Cellectina C. Gomide	Católica romana	14	Integral
Cyro de M. Passos	Ignacio de M. Passos	Católica romana	13	Metade
Eduardo Chenaud	Henrique Chenaud	Católica romana	9	Integral
Jorge Corte Real	Victorino Corte Real	Católica romana	12	Metade
Francisco da Costa	Anna A. da Costa	Presbiteriana	15	Metade
Vital Cardoso	Cap. Vital de Cardoso	Católica romana	10	Metade
Euclides Almeida	João S. de Almeida	Protestante	13	Metade
Leolina Leite	Belisio Leite	Presbiteriana	10	Metade
Geracy Leite	Belisio Leite	Presbiteriana	9	Metade
Amelia de Aquino	José de Aquino	Presbiteriana	11	Metade
Arlindo Machado	Francisco Machado	Católica romana	9	Integral
Sizemando Nunes	Antonio A. Nunes	Presbiteriana	11	Metade
Aroldo Villela	José B. Villela	Católica romana	10	Integral
Luiz da Luz	Arnaldo P. da Luz	Católica romana	10	Metade
Antonio de Livramento	Manuel C. de Abreu	Católica romana	13	Metade
Celso Salles	Adolpho L. Salles	Presbiteriana	12	Metade
José Bruggemann	João S. Bruggemann	Católica romana	15	Metade
João Bruggemann	João S. Bruggemann	Presbiteriana	13	Metade
Carmen Barbosa	Romão Barbosa	Presbiteriana	11	Metade
Emmita Carvalho	Matheus Carvalho	Presbiteriana	12	Metade
Maria Trompowsky	Luiza Trompowsky	Presbiteriana	12	Metade
Augusto Fausto	Dr. Augusto Fausto	Presbiteriana	13	Metade
Índio Fernandes	Manuel J. Fernandes	Católica romana	14	Integral
Ernesto Machado	Francisco Machado	Católica romana	14	Integral
Eurico T. de Souza	Raul T. de Souza	Católica romana	12	Metade
Julio Wojcikiewicz	Camila Wojcikiewicz	Luterana	13	Metade
Celso Capella	Oscar Capella	Não tem	4	Metade
Herondina Albuquerque	José Albuquerque	Presbiteriana	13	Livre

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1910

Dos alunos relacionados pela diretora Porter, 40 eram protestantes e 27 entre católicos, luteranos e outros, sendo que dos 67 alunos, 42 eram do sexo masculino e 25 do feminino. Perfil diferente da Escola Americana de Curitiba, que segundo (ABREU, 2003, p. 68) tinha uma presença maior de mulheres devido ao internato. Porém, um perfil muito próximo da matriz, Escola Americana de São Paulo, cuja maioria dos alunos era do sexo masculino (LAGUNA, 1999, p. 59). Dos 67 alunos, 53 pagavam apenas a metade dos seus estudos, 13 pagavam o valor integral das mensalidades e apenas 1 era bolsista integral. O que mostra que a escola tinha um grupo privilegiado, que podia custear seus estudos, provavelmente alunos das camadas médias. Padrão muito parecido com a Escola Americana de São Paulo (HILSDORF, 1977), Escola Americana de Curitiba (ABREU, 2003), Escola Americana de Sorocaba (SILVA, I. B., 2010) e outras.

Talvez, se houvesse um maior número de alunos que pagasse o valor integral, a escola teria mais condições de suprir as necessidades recorrentes nos relatórios da diretora. Os relatórios não mencionam os preços estipulados pelos cursos. Ela narra o encerramento do ano letivo, dizendo que os pais estavam presentes nas comemorações que fechavam o ano. Pontua que a escola tinha o 4º ano de estudo primário, o intermediário e duas classes de estudo secundário, correspondendo aos períodos da escola pública norte-americana¹⁴⁴. A estrutura de cursos era igual à matriz e a Escola Americana de Curitiba (ABREU, 2003).

No encerramento do ano letivo houve apresentação de músicas em inglês e português, saudação à bandeira nacional, distribuição de certificados, entrega das provas corrigidas, menção honrosa aos que obtiveram as melhores notas sobre os temas: aritmética, inglês, francês e Bíblia. Segundo a missionária, o evento terminou ao meio dia e foi marcado com uma foto, que foi incluída no Relatório (Figura 6). Apesar das dificuldades, a professora e diretora Miss Porter, afirmava que a escola era a melhor da cidade e que as crianças eram leais e sua melhor propaganda, divulgando a Escola Americana em todos os lugares. Encerra seu breve relatório dizendo que era grata a Horace Lane pela oportunidade de realizar o serviço educacional em Florianópolis.

No relatório de 1911, a diretora Porter parece otimista com o progresso da Escola:

Este tem sido um ano de trabalho e progresso, podemos dizer com satisfação, tanto para alunos como para professores. As 58 crianças cuja idade varia de 6 a 17 anos tem alcançado ótimos resultados e alguns deles tem feito excelentemente, distribuídos em 7 classes correspondendo aos primeiros 7 graus de nossas escolas dos Estados Unidos. A escola parece ter, finalmente, adquirido uma fama devido à sua atenção aos estudos sem descuidar do bem estar das próprias crianças... As

¹⁴⁴ Os relatórios da diretora Porter ao supervisor da educação, Horace Lane, não menciona nada sobre o currículo.

necessidades dos quais devo falar são principalmente as mesmas do anos passado e que ainda não foram atendidas (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE 1911, p. 57).

Figura 6 - Escola Americana de Florianópolis - 1910

Fonte: Annual Report Mackenzie College, 1910

A professora reafirma que a construção de um edifício próprio amenizaria vários inconvenientes que enfrentava na realização do seu trabalho. Segundo seu entendimento, a aquisição de um edifício seria bem visto pelo público. Para reforçar seu argumento, afirma que Florianópolis tinha ruas pavimentadas e bem cuidadas, água encanada, luz elétrica e que vários edifícios haviam sido construídos nos últimos dois anos. A falta de investimento parece ter sido um dos problemas principais enfrentados pela professora.

Além disso, temia a perda de alunos, pois o prédio do Grupo Escolar estava em fase de conclusão. Segundo ela, as aulas recomençariam no próximo anos e alunos da Escola Americana diziam que mudariam para a escola pública. A falta de professores também é frisada. Para ela, isto trazia desgastes aos professores diante das atividades escolares. No relatório de 1911, ela novamente elenca os alunos matriculados, sendo 46 no primário, 5 no intermediário e 7 no secundário. Segundo Hack (1985), as iniciativas da reforma educacional liderada por Orestes de Oliveira Guimarães, nos moldes da Escola Normal de São Paulo, atrelada à falta de investimento por parte da Escola Americana de São Paulo, foi a causa do

fechamento da Escola Americana de Florianópolis. “Diante do novo quadro esboçado e, também, as dificuldades financeiras para a manutenção da Escola, que apresentara um déficit, a Missão resolveu entregar a Escola à Igreja Presbiteriana de Florianópolis e também retirar Miss Porter” (p. 160).

Em relatório encaminhado para os Trustees, Horace Lane afirmava: “Esta escola foi entregue à Igreja em julho. Nós continuaremos a pagar o salário de Miss Porter até o fim do ano e pagaremos a sua passagem para os Estados Unidos” (MACKENZIE COLLEGE, 1912, p. 2). Hack (1985) pontua que a Igreja Presbiteriana de Florianópolis não tinha condições de manter a escola. Porém, a inserção do modelo pedagógico norte-americano através dessa escola contribuiu para as reformas de ensino lideradas por Orestes Guimarães, formado pela Escola Normal de São Paulo. A filial da Escola Americana de São Paulo, fazia parte da rede de escolas de Horace Lane. Porém a falta de investimento levou ao seu fechamento.

No relatório aos Trustees de 1912 a escola já não aparece. Embora fizesse parte da sua rede, a Escola Americana de Florianópolis teve uma duração muito curta. Lane também reclamava em seus relatórios da falta de investimento financeiro por parte dos Trustees. Apesar de Lane acentuar que novas escolas eram organizadas e que desejava abrir escolas onde houvesse núcleos de presbiterianos, os Trustees não correspondiam financeiramente. No relatório de 1912, aparece apenas o relatório da escola de Botucatu.

A obra educacional presbiteriana em Florianópolis não parecia estar em progresso como a diretora Porter dizia. A matriz não fazia os investimentos necessários, a falta de professores, de recursos e o investimento do governo no ensino público afetaram diretamente a continuidade dessa instituição.

2.4 A Escola de Araraquara

Embora encontremos menção nos relatórios de Horace Lane sobre a escola na cidade de Araraquara, conforme fui aprofundando a pesquisa, percebi era uma escola paroquial, diferente dos modelos que apresentei anteriormente. Segundo as fontes, ela recebia uma quantia em dinheiro do Mackenzie College. Sugerir nas palavras iniciais deste capítulo, que Lane tinha a intenção de assumir a responsabilidade dessa escola, transformando-a em colégio aberto, pois afirmava:

Esta pequena escola não está sob a gestão da Escola São Paulo, simplesmente recebe auxílio na quantia de Rs 50\$000 por mês. Está no seu comando, a filha do Rev. J. V Bizarro, da Igreja Presbiteriana. A filha era um ex-aluna da Escola Americana e uma boa professora, além de ser uma menina cristã devota. Durante o primeiro período foram matriculados: 26 alunos de ambos os sexos. A maioria deles filhos de membros da Igreja Presbiteriana. Durante o segundo período foram matriculados:

37.Somente assuntos preliminares foram ensinados, mas é propósito assumir a escola regularmente no ano que vem, dar-lhe móveis, alguns cursos graduados e um professor treinado. O custo total para S. Paulo deste ano foi de Rs 500\$000 (LANE, 1908a).

O relatório sugere que Lane não tinha apenas a intenção de abrir colégios onde havia núcleos de cristãos, mas também de assumir a direção das escolas paroquiais e transformá-las em colégios abertos. O interessante é que as palavras acima, não vem assinadas por ninguém, dando a impressão de que é o próprio Lane que as escreveu. Ele deixa bem claro que a Escola de Araraquara não está sob a gestão da Escola de São Paulo, porém é propósito assumi-la regularmente com móveis, cursos graduados e um professor treinado.

Em 1909, temos as seguintes informações sobre a Escola Paroquial de Araraquara:

Escola filial em Araraquara

Esta não é, no sentido mais estrito uma filial de nossas escolas não temos nenhum controle sobre ela, mas simplesmente ajudamos com 50\$000 dólares por mês e enviamos livros quando solicitados. É uma escola paroquial dirigida pela filha do Rev. J.V. Bizarro. Durante no ano passado, teve uma média de público de 29 alunos, todos filhos da Igreja Presbiteriana de Araraquara. É uma pequena escola do país, sem graduação, onde se ensina leitura, escrita, aritmética, noções de geografia e o Catecismo Menor. A professora era um ex-aluna da Escola Americana e é bastante competente. Estamos prontos para estender esta ajuda ou mais para qualquer escola em circunstâncias semelhantes, onde têm um professor cristão para assumir toda a responsabilidade (LANE, 1909a).

Nesse pequeno relatório, aparece duas vezes a palavra “*branch*” no título e no conteúdo. Porém, Lane faz questão de frisar que esta escola não era uma filial no sentido estrito, pois não tinha controle sobre ela. O que parece sugerir que nas filiais, ele tinha o controle geral, embora tivesse diretor nelas. Todos estariam subordinados as diretrizes de Lane. No relatório de 1908, Lane havia dito que assumiria o controle dela, o que não aconteceu em 1909, embora pontue que ela era uma filial. A ajuda foi um pouco além da financeira, disse que ajudava com livros, quando solicitado. Em relação ao número de alunos, percebe-se que houve uma diminuição de alunos, de 37 para 29. Neste relatório, não fala mais em assumir a direção da escola, apenas pontua que poderia estender este tipo de ajuda para outras escolas em circunstâncias semelhantes, porém era necessário ter um professor cristão que assumisse a responsabilidade.

No relatório de 1910, temos as seguintes informações:

Escola Paroquial em Araraquara

Esta é uma escola que simplesmente recebe ajuda do Mackenzie para apoiar a professora, que é filha do pastor da Igreja Presbiteriana em Araraquara e pregador itinerante daquela região, o Rev. J. V. Bizarro. A frequência média durante o ano passado na escola foi vinte e nove, sendo 18 meninos e 11 meninas, que são as crianças dos membros da igreja. A instrução é limitada para o ramo primário: leitura, escrita, aritmética, noções de geografia e História do Brasil. Quando um menino promissor ou menina completar este curso primário e for melhor para ele ou ela dar

continuidade aos seus estudos, arranjos são feitos para que eles venham para S. Paulo. Este é o tipo de escola urgentemente necessária em conexão com as igrejas do interior onde não há absolutamente nenhuma instalação educacional. A professora da escola Maria J. Bizarro está bem qualificado para o trabalho. Nós contribuimos Rs 50\$000 por mês durante dez meses do ano (LANE, 1910a)

Está é a última menção da Escola Paroquial de Araraquara no relatório de Horace Lane. É a primeira vez que o nome da professora é mencionada, Maria J. Bizarro. De um ano para o outro não houve nenhum crescimento no número de matriculados, permanecendo os 29 alunos, sendo 18 meninos e 11 meninas. Lane também não menciona se ela foi adaptada como era a sua pretensão em 1908. De certa forma, a presença dessa escola nos ajuda a entender que Lane dava suporte financeiro para escolas diferentes da Escola Americana de São Paulo. Defendia que o modelo de escola paroquial era necessário para as igrejas do interior que não contavam com instituições educacionais. Pelos relatos de Lane, a Escola de Araraquara foi transferida para São Carlos (LANE, 1911a). Pelo que se percebe nos relatórios de Lane, após a sua morte, os investimentos ou suporte financeiro às escolas paroquiais cessaram. Após a morte do missionário e supervisor geral da obra educacional da estação South Brazil Mission, seu filho Rufus Lane fez uma nova investida na questão educacional em Araraquara¹⁴⁵.

As escolas que trouxemos neste capítulo são as que constavam dos relatórios anexos aos documentos encaminhados por Lane aos Trustees. Pelo cruzamento de fontes, percebemos que algumas nos ajudam a entender que a rede de escolas surgiu em 1890. Neste período, Lane já manifestava a ideia de estabelecer uma rede de escolas e ter o controle sobre elas (PROSPECTO THE COLLEGE PROTESTANT, 1890).

Os relatórios das professoras e diretoras das escolas são uma evidência importante para a tese. Através deles, as diretoras de tais escolas legitimavam a representação de Horace

¹⁴⁵ Após a morte de Lane, houve uma tentativa da parte dos seus filhos em dar continuidade a obra educacional em Araraquara. Segundo Souza (s/d): em 1913, finalizada as obras de construção do ginásio, a Câmara tornou pública a concorrência para a instalação da escola. Os irmãos, Rufus Lane e Job Lane, filhos de Horace Manley Lane, diretor do Mackenzie College em São Paulo, apresentaram a melhor proposta e o colégio começou a funcionar em 1914 oferecendo o curso primário e secundário recebendo a denominação de Araraquara College. A organização do colégio seguia as mesmas orientações da Escola Americana de São Paulo. Eles ficaram a frente do colégio até 1919. Nesta ocasião, o Dr. Willian Waddell foi procurado por um representante político de Araraquara que propôs que ele assumisse a responsabilidade do colégio. Os Boards autorizaram tal empreitada (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1919, p. 15-16). Após o acordo efetuado entre as partes, Waddell atuou como supervisor técnico do colégio, que se chamava Escola Mackenzie de Araraquara. A escola era uma instituição primária, complementar e secundária de conformidade com os métodos seguidos pelas escolas anexas ao Mackenzie College (PROSPECTO DA ESCOLA MACKENZIE DE ARARAQUARA, 1923, p. 5). Isto sugere que houve uma tentativa de se dar continuidade a rede de escolas organizadas por Horace Lane. Além do relatórios aos Trustees de 1919, que sugere a retomada do projeto de Lane, temos os relatórios de 1927, 1928, 1929 e 1930, com informações da Escola Mackenzie de Araraquara. Outras escolas surgem nos relatórios aos Trustees: Escola do Alto do Jequitibá e novamente a Escola Americana de Curitiba. No Arquivo Histórico do Mackenzie encontrei prospectos da Escola Mackenzie de Araraquara e Alto do Jequetibá.

Lane como superintendente da obra educacional da estação South Brazil Mission. Elas sempre se referiam a Horace Lane como presidente do Mackenzie College. A presença destes relatórios elucidam a existência de uma rede de escolas construída e supervisionada por Lane. Não podemos também subestimar os indícios apontados pelas fotos que eram anexadas nos relatórios das escolas. Elas também são um indício que mostram a existência de uma rede de escolas americanas no Brasil organizada por Horace Lane e que, por um período, deixaram de aparecer nos relatórios aos Trustees.

A base da rede de escolas de Horace Lane era a Escola Americana de São Paulo e o Mackenzie College. Como presidente dessas instituições mantinha a supervisão geral das escolas pertencentes a estação South Brazil Mission. No cargo de superintendente geral mantinha os Trustees informados a respeito do andamento das escolas que compunham sua rede, supervisionava a vida financeira, acadêmica, substituía diretores, mandava livros de São Paulo para as suas filiais. De fato, o plano de sistematizar o modelo educacional pensado em 1890 por Horace Lane se concretizou com as filiais mencionadas em seu relatório aos Trustees. Lane em seu discurso dirigido aos pais dos alunos, procurava constantemente convencê-los de que o modelo educacional norte-americano era o mais significativo para responder as demandas da sua época e através das suas filiais colocava em circulação o modelo pedagógico norte-americano, tais como: escola de Sorocaba, Curitiba, Botucatu, Florianópolis e até mesmo Araraquara.

Entre as escolas analisadas, a mais solidificada era a Escola Americana de Curitiba, filial da Escola Americana de São Paulo desde 1895. Foi a escola que mais tempo durou, devido ao tempo de trabalho das missionárias Mary Dascomb e Ella Kuhl. Porém, também fechou com o passar dos anos. Ela tinha o maior número de alunos, bem diferente das demais escolas aqui trabalhadas e era reconhecida por Lane como uma das escolas mais solidificadas e retornou à supervisão direta do Mackenzie em 1928.

O que nos chamou a atenção foi a Escola Paroquial de Araraquara. Esse modelo de escola era bem diferente dos colégios abertos, defendido por Horace Lane. Foi uma surpresa do ponto de vista das lutas de representações educacionais no campo presbiteriano descobrir que o supervisor da obra educacional no Estado de São Paulo sustentou financeiramente uma escola dessa modalidade, talvez com o objetivo de torná-la um colégio aberto. O que não ocorreu no seu tempo, vindo acontecer através dos seus filhos, porém a tentativa também foi fracassada.

Lane dizia que abriria escola em qualquer lugar que tivesse um núcleo presbiteriano. Inicialmente, partimos da hipótese que essas escolas eram abertas em lugares em que havia

respaldo presbiteriano, republicano e maçônico. Através da análise das fontes foi possível confirmar nossa hipótese inicial de que tais escolas foram abertas onde existia um núcleo de presbiterianos e apoio de republicanos locais. Os relatórios posteriores a Lane nos ajudaram a entender que a rede ainda se fazia presente no imaginário dos presidentes do Mackenzie que o sucederam, Waddell e Stewart.

As escolas que compunham a rede de filiais de Horace Lane eram oscilantes, o que, conseqüentemente, tornou o seu projeto frágil. Elas enfrentaram as mais variadas dificuldades: tinham deficiências financeiras, pouco investimento da parte dos Trustees, falta de capital humano que pudesse fortalecer a rede, hostilidade da parte do catolicismo, além de surgimento de escolas particulares, confessionais e públicas que foram fatores determinantes para o fechamento de algumas filiais. Outras, como é o caso da Escola de Araraquara, foram absorvidas pelo poder público. Situação muito parecida com o Colégio Sorocabano, que também foi absorvida pelos republicanos locais (SILVA, I. B., 2010).

Pelos relatórios, podemos afirmar que o projeto de Lane de rede de escolas se concretizou, mas foi vulnerável diante das mais variadas situações externas e internas. Após 1912, apenas a Escola de Botucatu continua nos relatórios encaminhados aos Trustees pelos presidentes do Mackenzie College. Em 1914, não há mais citação de escolas e nem relatórios delas em anexo até o ano de 1919. O que reforça a nossa tese de que a rede de escolas tinha como principal articulador Horace Lane e que não tinha ligação com a Igreja Presbiteriana do Brasil, pois, desde os idos dos anos 1890, tal denominação decidiu não utilizar a educação como prioridade na obra missionária.

Porém, ampliando as análises dos relatórios, ou seja, analisando os relatórios dos presidentes que sucederam Lane, percebemos que o Dr. Waddell, amigo de Horace Lane, tentou retomar o projeto de rede, ou, pelo menos, serviu como consultor técnico da Escola Mackenzie de Araraquara. Nos relatórios de 1919 e 1920, há menção à Escola de Araraquara. Depois, aparece nova menção nos relatórios de 1927, 1928, 1929 e 1930. A partir de 1931 não se tem mais nenhuma menção. Nos relatórios de 1927 aparece a menção das escolas de Araraquara e Alto do Jequitibá. Nos relatórios de 1928, 1929 e 1930 aparecem as escolas de Araraquara, Alto do Jequitibá e de Curitiba.

Enquanto Lane viveu, a rede de escolas procurou fazer frente ao catolicismo. Pelo menos esse era o seu argumento para manter as filiais. As escolas eram instaladas nas cidades em que havia núcleos de presbiterianos e republicanos. O catolicismo é citado com frequência nos relatórios de Lane e representava uma ameaça para o crescimento do número de alunos nas filiais, como foi o caso da Escola de Botucatu e a de Florianópolis. Mas, também,

percebe-se que o discurso em torno do catolicismo era uma tática de Lane para convencer os Trustees a fazerem maiores investimentos. Apelo que não foi atendido, concluímos, pois observa-se o desaparecimento e fechamento dessas escolas.

A rede de escolas de Lane também reagiu ao próprio presbiterianismo, pelo menos para uma ala da Igreja, que defendia a evangelização direta. Talvez, se Lane tivesse o apoio da Igreja Presbiteriana brasileira, provavelmente, seu projeto seria muito mais forte, consistente. Porém, com um presbiterianismo fragmentado pelas crises internas, disputas de poder e luta de representações educacionais, percebeu-se o seu enfraquecimento no campo educacional. Por outro lado, as igrejas foram beneficiadas com a visão de Horace Lane, como é o caso da Escola Americana de Curitiba. As missionárias Ella Kuhl e Dascomb falavam em conversões. A Igreja Presbiteriana de Botucatu não perdeu seu patrimônio por causa da intervenção de Horace Lane, que reassumiu a escola em julho de 1904.

Além disso, a rede de escolas de Horace Lane foi ameaçada pelo surgimento de escolas públicas, como foi o caso da Escola de Florianópolis e a de Botucatu. Se por um lado, Lane relembra constantemente os Trustees sobre sua intervenção na escola pública paulista, em outras cidades ele dizia que a diminuição de alunos matriculados estava relacionada ao surgimento de escolas públicas. Talvez era seu recurso discursivo para justificar o fracasso de algumas das escolas conectadas à sua rede.

Porém, a rede de escolas de Horace Lane foi a maneira como ele se fez conhecer diante das lutas de representações no campo presbiteriano. Foi a maneira como ele construiu sua identidade e suas práticas. Foi a forma como ele reagiu diante do jogo de interesses e de poder no campo presbiteriano. Foi a estratégia usada para construir a imagem do homem articulado, tático, empreendedor. Foi a estratégia que utilizou para expandir a cultura norte-americana em algumas regiões do Brasil. Foi a maneira pela qual ele se mostrou como educador e missionário. Para ele, a educação era a ferramenta necessária para construir um “Brasil Novo”, sem os ranços do catolicismo e da Monarquia. A rede de escolas era a estratégia missionária de Horace Lane de inserir os valores do presbiterianismo na sociedade, de acordo com a ideologia da Igreja Presbiteriana do Norte (EUA). Relembra constantemente aos Trustees que a Escola era uma empresa missionária. De certa forma, impregnou várias cidades com os valores cristãos e com a cultura norte-americana.

CONCLUSÃO: HORACE LANE – EDUCADOR E MISSIONÁRIO?

Uma suspeita muito curiosa me veio à mente enquanto estudava essa questão de nossas relações com o governo brasileiro. Em fevereiro de 1891, quando o Dr. Lane e eu discutíamos a possibilidade de tal instituição ser estabelecida e mantida, concordamos que ela era tão contrária das instituições Latino-Americanas, que sua segurança dependeria de sua não intromissão até ter ganhado confiança total do público. O Dr. Lane não acreditava que essa não intromissão e a confiança do público fossem compatíveis, e elas não pareciam realmente irmãs, contudo, de alguma maneira, deu certo. Durante a campanha pelo reconhecimento, muitas coisas foram ditas e me levaram a acreditar que a impressão geral que o Dr. Lane deu era de que a instituição era sua propriedade privada: uma impressão que foi ampliada pelas circunstâncias, através da história de sua presidência, que muito tiveram a ver com a tolerância que ela recebeu. Não apenas o Dr. Lane era um homem popular, mas os brasileiros estão completamente acostumados a escolas privadas que gozam de grande voga e desaparecem com a morte dos seus organizadores, e é claro que os homens que se opunham mais amargamente à instituição acreditando que ela não seria uma organização permanente sossegaram, por ter certeza de que ela desaparecia com a morte do “velho”. Acho que aqueles de vocês que se lembram do Dr. Lane irão concordar comigo que está dentro do campo da possibilidade que o Dr. Lane tenha planejado isso propositalmente. Se tiver, isso explica muitos assuntos curiosos mais satisfatoriamente, incluindo a retenção, no final de sua vida, do título para a propriedade Howell, que não pôde ser passada para o college sem o fato de ficar amplamente conhecido (WADDELL, 1923, p.4 – tradução nossa).

A representação construída pelo Dr. W. A. Waddell em 1923, companheiro de Horace Manley Lane e então presidente do Mackenzie College, é muito sugestiva. Ela foi elaborada no contexto dos embates dessa instituição com o governo brasileiro, quando o Inspetor do ensino paulista obrigava, através da legislação vigente, que o Mackenzie College se adequasse à lei geral em relação às instituições. Segundo Mendes (2008), tramitava no Congresso entre os anos de 1921 e 1922 um projeto de equiparação da Escola de Engenharia aos estabelecimentos oficiais. Conforme o autor, o presidente do Mackenzie teve que sair dos muros da instituição para informar deputados e senadores sobre o que ocorria no interior dela, no tocante à orientação religiosa. Waddell afirma:

Tacha-se o MACKENZIE de ser uma organização de propaganda religiosa. O MACKENZIE foi incorporado pela Universidade do Estado de Nova York sem esta feição. Reconhece a Deus, por atos de culto, fato que é quase universal nos estabelecimentos americanos. No princípio de sua existência a Escola Americana era de propaganda [religiosa]. Quando passou aos cuidados do MACKENZIE, os seus programas sofreram uma modificação, pelo que o ensino da religião foi retirado, sendo conservados os atos de culto que consideramos inseparáveis do bom funcionamento de trabalhos escolares. [...] O fim principal do Mackenzie College é de criar caráter. Consideramos isto mais importante do que conhecimentos. [...] Aqui ensinam protestantes de diversos tipos, católicos romanos, positivistas e mais alguns cuja simpatia religiosa ignoro, mas cujas vidas são um forte incentivo do desenvolvimento correto dos seus estudantes (WADDELL, 1922 apud MENDES, 2008, p. 15).

No relatório em que Waddell levanta a questão sobre se Lane seria uma raposa, ele acentua que as circunstâncias se tornaram favoráveis com a vitória do Dr. Carlos de Campos

para governador do Estado. Segundo Waddell, esse tinha sido aluno da Escola Morton e facilitaria as tratativas em torno da problemática que envolvia o Mackenzie.

A carta encaminhada ao Deputado Federal Joaquim Augusto de Barros Penteado relembra que no princípio a Escola Americana era de propaganda religiosa, porém, quando passou aos cuidados do Mackenzie, os seus programas sofreram uma modificação e o ensino da religião foi retirado, sendo conservados os atos de culto. Para Waddell, o fim principal do Mackenzie College era construir o caráter, conservando as diretrizes implantadas por Horace Lane, seu primeiro presidente.

Para Waddell, a impressão que o Dr. Lane dava sobre o Mackenzie era de que a instituição era sua propriedade privada. Lane, ao subtrair o caráter proselitista da Escola Americana dada pelos seus fundadores, gerou conflitos no campo presbiteriano, produzindo também as lutas de representações educacionais entre os que defendiam a educação como forma de evangelização indireta e os que queriam educar apenas os filhos dos crentes, através das escolas paroquiais.

Neste trabalho, percebemos que Horace Lane viveu parte da sua vida em disputas com vários agentes do campo presbiteriano e que ao longo da sua trajetória elaborou as mais variadas estratégias e táticas para se legitimar enquanto educador, missionário, administrador, superintendente da South Brazil Mission. Para essa missão, Lane representava o missionário que tinha como objetivo divulgar os valores presbiterianos norte-americanos no Brasil. Em sua rede de sociabilidade internacional, através dos documentos, cartas, relatórios mantinha os agentes presbiterianos norte-americanos informados das ações educacionais e missionárias realizadas no Brasil. Através desses documentos foi possível perceber a representação de um homem piedoso, missionário, educador, comprometido com o Evangelho e com o modelo educacional norte-americano, preocupado com a obra educacional e missionária da Igreja Presbiteriana, ou seja, representações contrárias àquelas construídas pelos seus adversários.

Para eles, Lane era uma pessoa desprovida do capital religioso necessário para estar à frente da Escola Americana de São Paulo. Porém, o Rev. Chamberlain, um dos fundadores dessa escola, confiava nas competências educacionais e administrativas de Lane e o apoiou durante o período das lutas travadas no campo presbiteriano. Mesmo após o cisma, Chamberlain foi a voz de Lane na discussão organizada no Mackenzie para se compreender a importância da educação na obra de Evangelização. Nessa ocasião, conforme vimos no capítulo 2, da parte 1, Lane estava ausente, provavelmente, por motivos de viagem. Waddell e Chamberlain discursaram em seu favor diante dos seus adversários, inclusive diante de Eduardo Carlos Pereira. Na ocasião Waddell afirmou que o trabalho de Lane valia mais do

que o trabalho de dez pastores. O próprio Lane, em documento aos Trustees, defendia que o seu trabalho educacional em nada diferenciava dos trabalhos dos pregadores no campo missionário e nas igrejas. Isso fazia parte do seu discurso para se legitimar enquanto missionário e educador.

Para Waddell, a morte da “velha raposa” representava para os seus inimigos o fim do Mackenzie College que ao longo da sua organização foi o centro das lutas de representações educacionais no campo presbiteriano. A raposa, diante dos embates ideológicos travados no campo educacional presbiteriano, impôs sua astúcia, estratégias e táticas, confirmando diante de tal postura a representação do cavalo bravo, imagem construída também por uma de suas amigas missionárias, Mary Dascomb, que se dizia defensora do Dr. Lane e do Mackenzie College (DASCOMB, 27/07/1909).

Em nossas análises, percebemos que as representações construídas pelos amigos sobre Horace Lane eram bastante diferentes das elaboradas pelos seus adversários e pela historiografia. No balanço historiográfico, percebeu-se que alguns estudos procuram apagar a atuação missionária e educacional de Lane, não de uma forma explícita, mas velada, como é o caso do trabalho de Lessa (1938). Alguns trabalhos nessa linha metodológica são tímidos, não arriscam aprofundar suas análises acerca de Lane, adotando uma postura mais reservada, talvez por perceberem que sua imagem é contraditória e de pouca aceitação no campo eclesiástico (MATOS, 2004). Há também os que se colocam de certa forma em sua defesa, como é o caso Ribeiro (1987). Outros, na construção historiográfica acerca de Lane, são mais acadêmicos, tais como Antonio Gomes (2000) e Mendes (2007). Isso nos ajuda a entender que toda escrita se constrói dentro de um lugar social (CERTEAU, 1982). Nesse sentido, essas produções historiográficas estavam subordinadas às imposições institucionais do lugar social em que os autores escreveram.

No balanço historiográfico, na perspectiva da história da educação, percebeu-se uma ausência de Lane como principal objeto de análise. As instituições sob sua responsabilidade sobressaíram-se sobre o seu nome. Elas ganharam mais atenção. Entendemos que elas faziam parte das suas próprias representações e práticas culturais. Elas eram a maneira como Horace Lane se dava a conhecer no mundo, no campo presbiteriano, no cenário nacional e internacional. Se a Escola Americana de São Paulo tinha o casal Chamberlain como seus fundadores, o Mackenzie College tem Horace Lane como seu principal articulador. Através dessa instituição ele imprimiu uma nova perspectiva educacional. Inicia-se no campo educacional brasileiro a primeira instituição particular de ensino superior. É válido lembrar que o contexto de organização do Mackenzie College se dá no início das lutas de

representações do campo presbiteriano. Portanto, seria o Mackenzie uma estratégia e tática de Lane de se solidificar no campo? Ou foi uma estratégia de mostrar para os agentes sociais sua competência, habilidades e credenciais como educador, missionário, gestor, administrador, superintendente, entre outras?

Por outro lado, podemos questionar se seria possível dissociar Lane da Escola Americana de São Paulo e do Mackenzie.

Indubitavelmente, que não! Tais instituições eram a maneira como Lane se posicionava no mundo e a partir delas disseminava sua cosmovisão. Pelos documentos analisados, percebemos que elas eram o lugar de poder de onde atuava como educador, missionário, superintendente da South Brazil Mission, consultor da instrução pública paulista, administrador, presidente, gestor, articulador da rede de escolas americanas.

Nesse sentido, as leituras sobre Lane na história da educação são significativas e relevantes ao fazerem a conexão dele com tais instituições. Acentuamos a importância do trabalho pioneiro de Hilsdorf (1977), que analisou as escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, apresentando Horace Lane com múltiplas representações: negociante, professor, médico, diretor, administrador, maçom, republicano, liberal. Para ela, Lane era uma reedição de Nash Norton (HILSDORF, 1986, 2009). Laguna (1999) também contribuiu para compreender a atuação de Horace Lane como educador. Na proposta de reconstruir a história do curso Normal da Escola Americana, a autora se preocupou em mostrar as contribuições de Horace Lane e sua atuação como educador. Na mesma linha de pensamento, Abreu (2003), ao estudar a Escola Americana de Curitiba, analisou, entre outras coisas, a administração de Horace Lane. Nosso próprio trabalho em relação à Escola Americana em Sorocaba (SILVA, I. B., 2010) também contribuiu para entendermos algumas representações acerca de Lane e, principalmente, as disputas no campo presbiteriano e sua conexão com a Escola Americana de São Paulo, nos primeiros anos de organização. O trabalho de J. V. Santos (2011) é o único que tem Lane como objeto principal de pesquisa. Tem como proposta analisar as contribuições de Lane na instrução pública paulista (1890-1910). Como consultor da educação pública paulista, Lane ampliou sua atuação educacional. Agiu além dos muros das instituições sob sua responsabilidade, manteve relações de poder com Oscar Thompson e Carlos Reis.

Porém, era preciso ouvir Lane em meio a todas essas tensões, disputas, lutas pelo poder. Tomamos como procedimento analítico a ideia de Chartier (2010), de escutar os mortos com os olhos. Desafio difícil para o historiador ouvir alguém através dos seus escritos, dos sinais deixados no seu tempo, dos vestígios e das suas marcas. Na tentativa de

compreender seu modo de pensar, ver e agir no mundo, os relatórios, os documentos, os escritos de Lane foram essenciais na tarefa de fabricar uma leitura a respeito das suas práticas culturais. Foi preciso desconfiar daquilo que escreveu, questionar sua escrita, pensamento, ideias.

Nesse sentido, ao ouvir Lane em seus escritos com os olhos, construímos um texto que levasse em consideração que:

Tais representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é. Produzidas em suas diferenças pelos distanciamentos que fraturam as sociedades, as representações, por sua vez, as produzem e reproduzem. Portanto, conduzir a história da cultura escrita, dando-lhe como pedra angular a história das representações, é ligar o poder dos textos escritos que as dão a ler, ou a ouvir, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que elas impõem e são as matrizes das classificações e dos julgamentos (CHARTIER, 2010, p. 26).

Como educador e missionário, Lane procurava mostrar que era um homem do seu tempo, que estava preocupado com as transformações políticas, econômicas, educacionais e sociais. E para responder as demandas da recém organizada República brasileira, Lane dizia estar à frente de uma das instituições educacionais que simbolizava aquilo que era de mais moderno em termos de educação e método pedagógico. Portanto, estudar em suas escolas ou em suas filiais era ter contato com uma pedagogia moderna.

Para reforçar seus argumentos, mostrava que a “Velha Europa” era símbolo de uma educação que não respondia às demandas do seu tempo, porque os métodos eram rígidos. Assim, a melhor opção para redimir o Brasil, expurgar os vestígios da educação jesuítica e torná-lo uma “verdadeira república, era o modelo educacional norte-americano. E de forma exaustiva, escrevia para os pais dos seus alunos, que se mantinha fiel na implantação do modelo educacional norte-americano no Brasil, sem servilidade cega na apropriação, mas procurando adaptá-lo às reais necessidades da sociedade moderna.

Estrategicamente, Lane conseguiu implantar esse modelo na educação pública paulista e nas filiais que compunham a rede de escolas. Um conjunto de escolas subordinadas administrativamente a ele, metodologicamente orientadas e que tinham a mesma finalidade, ou seja, divulgar a cultura e os valores do presbiterianismo norte-americano.

Foi possível pensar a rede de escolas a partir dos vestígios deixados por Horace Lane em seus relatórios. A palavra *Branches* foi o principal indício. Em meio a tantos outros discursos, a palavra aparecia raramente. Parecia uma ideia perdida em meio a tantas outras preocupações e problemas contidos nos relatórios. Mas, ela estava presente. Uma hora ou outra aparecia em meio aos mais variados assuntos, sugerindo que a rede de escolas não era

apenas um plano, uma ideia que estava em construção. Era um projeto educacional pensado por Lane em meio a um contexto marcado por lutas de representações educacionais. As fontes ofereceram pistas nos títulos dos relatórios, nas legendas de fotos, nos balancetes financeiros contidos nos relatórios. Além dos vestígios, paradigmas indiciários, levamos em consideração os relatórios das escolas de Florianópolis, Curitiba, Araraquara e Botucatu. Nos relatórios aos Trustees estavam anexados os relatórios de tais escolas. Eram relatórios dirigidos diretamente a Lane e não aos Trustees. Cada diretora expunha sua dificuldade, a vida de sua escola, o cotidiano da escola, prestava contas dos valores gastos durante o ano. As fontes nos ajudaram a entender que Lane exercia a supervisão dessas escolas. Outro indício paradigmático foi a ausência dos relatórios dessas escolas nos relatórios aos Trustees depois da morte de Lane - no ano de 1913, é mencionada a Escola de Botucatu, depois elas desaparecem por completo.

Pelos documentos encontrados e analisados, a rede de escolas era um projeto que teve início em 1890. Neste período, foi publicado um prospecto intitulado *A Protestant College in Brazil*. Através do documento, Lane pretendia sistematizar e uniformizar o ensino, os métodos e os livros didáticos. No prospecto de 1891, Lane usa a palavra *Branches* (filiais), dizendo que a composição da rede naquela ocasião era de 18 escolas: Botucatu, Cabo Verde, Cruzeiro, Rio Claro, Dois Córregos, Faxina, Guarapuava, Rio de Janeiro, Caldas, Sorocaba, Lambari, Jaú, Rio Novo, Fartura, Santa Cruz do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Curitiba e Laranjeira. No relatórios aos Trustees de 1907-1912, elas não aparecem. Pelas fontes consultadas, há evidências de que a rede de escolas foi organizada por Lane e não por outros missionários que o antecederam, pois não encontramos fontes até o momento que mostrem o contrário. Alguns estudos sustentam que, antes de Lane, a organização das escolas era de iniciativa pessoal do missionário ou do pastor (HILSDORF, 2009; MENDONÇA, 2008).

Chegou-se à compreensão que a rede de escolas era um projeto vulnerável devido a fatores internos e externos. Internos por falta de investimento financeiro da parte dos Trustees e externos por causa do surgimento de outras escolas onde as filiais estavam instaladas. As dificuldades das filiais giravam em torno da falta de diretores americanos, falta de professoras americanas e falta de recursos financeiros da parte dos Trustees e dos Boards. Algumas tiveram mudanças constantes de professores, saídas de alunos e enfrentavam a concorrência de outras instituições escolares que acabavam atraindo os alunos.

Por outro lado, pensamos que a rede, além de ser uma estratégia para combater o catolicismo, que na ocasião construía também sua rede de escolas (HILSDORF, 2009; QUERIDO, 2011), era também uma forma de Lane consolidar e legitimar sua atuação como missionário e educador. Para Lane, em qualquer lugar em que houvesse um núcleo de cristãos

presbiterianos seria organizada uma escola. Portanto, era preciso mostrar aos Trustees os investimentos que os católicos faziam na construção de colégios com o objetivo de convencê-los a enviar mais recursos.

A rede de escola também estava interligada às lutas de representações no campo educacional presbiteriano. A resolução da Igreja Presbiteriana do Brasil em não investir na organização de colégios abertos foi decisiva para Lane organizar sua rede. A resolução representava a derrota de Lane e dos demais missionários que defendiam essa modalidade como forma de evangelização indireta. Os líderes oposicionistas tentaram desarticulá-lo. Como reação, Lane não apenas continuou à frente da Escola Americana de São Paulo e do Mackenzie College, como também fortaleceu sua posição no campo educacional, criando a rede de escolas. Em 1919, surge talvez uma nova tentativa de retorno à rede de escolas. No relatório de 1919, Waddell fala em uma filial em Araraquara, utiliza a palavra “branch”. Em 1920 também faz menção à escola de Araraquara.

Na análise das fontes, percebemos que Lane também incluiu escolas paroquiais, como foi o caso das Escolas de Araraquara e Tietê. Isso nos levou a um questionamento: qual era a razão de incluir essas escolas em sua rede e sustentá-las financeira e pedagogicamente? Se seu objetivo era organizar uma escola onde houvesse um núcleo de presbiterianos, ajudar tais escolas, ainda que de modelo paroquial, seria a tentativa de transformá-las em colégios abertos. Percebeu-se que Lane também levava em consideração a vocação regional onde tais escolas e núcleos presbiterianos estavam inseridos e organizados, tais como: economia, pensamento político, pessoas ligadas ao pensamento republicano. Isso também mostrou que a rede de escolas era composta por distintos modelos de escolas: colégios abertos e escolas paroquiais. Em relação à Escola de Araraquara, Lane ajudava financeira e mandava material pedagógico. Após sua morte, seus filhos tentaram transformá-la em colégio aberto. Waddell e C. T. Stewart ofereceram apoio técnico mesmo depois que ela foi absorvida pelo poder público.

Não vimos na documentação de Lane aos Trustees, o relatório da Escola Americana de Curitiba. Somente temos o relatório de 1895. Nos relatórios de 1907 até 1912 não há nenhuma documentação da Escola Americana de Curitiba anexada. Mas, Lane tratava essa escola como uma filial. Dizia que tinha informações sobre o seu andamento e progresso e através das cartas de Mary Dascomb percebe-se que ela mantinha o superintendente informado sobre o andamento da escola. Pelas análises, percebe-se que a Escola Americana de Curitiba tinha mais autonomia financeira do que as demais. Porém, alguns meses antes da sua morte, Lane presidiu o Comitê Executivo. Nessa ocasião, sugeriu algumas mudanças

financeiras e organizacionais na escola de Curitiba (MINUTES CENTRAL BRAZIL MISSION, 1912).

A Escola Americana de Botucatu também fazia parte da rede de escolas. Uma das razões pelas quais essa escola estava sob a direção de Lane foi o cisma de 1903. Com o cisma, a Igreja Presbiteriana de Botucatu corria o risco de perder parte do seu patrimônio e a escola. Lane então assume essa escola, transformando-a em filial da Escola Americana de São Paulo, o que reforçou a nossa hipótese de que a rede foi uma estratégia de Lane diante da decisão da Igreja Presbiteriana do Brasil em não investir mais na educação como forma de evangelização.

Como missionário, não frequentava uma Igreja no Brasil, mas fez da escola sua Igreja. No cotidiano escolar, em meio aos estudos e as mais variadas atividades escolares, havia um momento em que se lia a Bíblia, orava e cantava. A velha raposa fazia questão de dizer para seus aliados nos Estados Unidos que a Bíblia era lida, e para os pais dos alunos dizia que ela era a base da moral cristã. Além disso, como missionário preocupou-se em envolver-se com a catequese dos índios brasileiros, apoiando Leolinda Daltro na obra educacional.

Como educador fez da Escola Americana de São Paulo um espaço de poder, de luta de representações, de liderança e supervisão das demais escolas filiadas a ela. É nesse espaço que Lane manifesta suas práticas culturais, ramifica sua proposta educacional, administra os alunos, as escolas, os professores, se posiciona politicamente, opina sobre as questões econômicas, educacionais e sociais que marcavam o Brasil em sua época. Como missionário e educador procurou através da escola influenciar uma geração de crianças e jovens. Em uma de suas últimas cartas aos pais, afirmou que durante seu período de atuação na direção da Escola Americana, passaram por ele 14 mil alunos. Entendia que pela educação era possível transformar pessoas em homens de bem e verdadeiros patriotas. Era possível modernizar o Brasil e construir “a verdadeira República”.

À medida que fomos seguindo as pistas deixadas por tais agentes, levantamos outras questões. A estação Central Brazil Mission tinha mais escolas que a estação South Brazil Mission, cuja responsabilidade educacional estava sob a liderança de Lane. Por que não se encontra nenhuma menção das escolas da Central Brazil Mission nos relatórios de Lane encaminhados aos curadores? Porém, é preciso não nos conformarmos com essa ausência. Nesse sentido, pensamos ser importante analisar os documentos dessa estação. Analisar se ela também tinha a sua própria rede de escolas ou fazia parte da rede supervisionadas por Lane? A Central Brazil Mission tinha também um superintendente educacional, como a South Brazil Mission? Ele tinha também a responsabilidade de encaminhar relatórios anuais aos Trustees

de Nova Iorque ou aos Boards? Tais questões permanecerão abertas para futuras pesquisas. Acreditamos ser importante a confrontação dos documentos das duas missões. A presença do Rev. Waddell na estação Central Brazil Mission pode ser um indício, que deve ser levado em consideração para as futuras pesquisas. Fiel aliado de Lane, sua presença nessa estação pode trazer luz às preocupações acima levantadas.

Portanto, pensamos que seja importante o leitor fabricar suas próprias conclusões sobre as representações acerca de Horace Lane construídas pela historiografia, construídas por ele mesmo e construídas neste trabalho. Seria Horace Lane uma raposa, um cavalo bravio, um apóstolo do bem, um missionário, um educador? Seja qual for a conclusão a que o leitor chegar, vale a pena lembrar as palavras que Stewart atribuiu a Lane: “Nenhum trabalho humano está sozinho. Deve-se julgá-lo por suas relações com o resto do mundo” (ANNUAL REPORT MACKENZIE COLLEGE, 1927). Longe de emitir qualquer julgamento sobre Lane, seus oponentes, suas ideias e suas práticas, nosso trabalho o tomou como um problema de pesquisa e neste sentido propõe uma leitura entre as muitas que se fizeram e se farão.

Pensamos ser difícil ter imparcialidade, ser o juiz ou o cientista, como dizia Marc Bloch diante da análise histórica. Longe de qualquer busca pela “verdade”, este trabalho se configura como uma leitura sobre Horace Manley Lane, uma figura ambígua na historiografia e presente na história da educação que, em meio às lutas de representações educacionais no campo presbiteriano, construiu suas próprias representações e práticas culturais. Longe de representar uma verdade, o trabalho se configura como uma leitura, uma discussão acadêmica, uma produção historiográfica construída também em um lugar social, que levou em consideração que a história é “uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens” (BLOCH, 2002, p. 123) e também um longo desencontro entre eles.

REFERÊNCIAS

- ABREU, G. S. A. de. **Escola Americana de Curitiba (1892-1934):** um estudo do americanismo na cultura escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, São Paulo, 2003.
- ABREU, M. E. V. de. **Professora Leolinda Daltro:** uma proposta de catequese laica para os indígenas do Brasil (1895-1911). Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, São Paulo, 2007.
- ACHNITZ, S. A. Catolicismo ultramontano e educação feminina: o Colégio Nossa Senhora de Sion em São Paulo (1901-1970). In: COLÓQUIO DE PESQUISA SOBRE INSTITUIÇÕES ESCOLARES, 4. As instituições escolares da metrópole. 2007, São Paulo. **Anais.** São Paulo: Uninove, 2007. p. 204-217.
- ALCÂNTRA, W. R. R. **Por uma história econômica da escola:** a carteira escolar como vetor de relações (São Paulo, 1874-1914). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- ALMEIDA, J. S. de. Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 327-342, maio/ago. 2007.
- AQUINO, M. de. **Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil:** a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 2012.
- AQUINO, M. de. Romanização, historiografia e tensões sociais: o Catolicismo em Botucatu-SP (1909-1923). **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, eletrônica, ano 8, n. 2, p. 1-15, maio/ jun./ jul./ ago. 2011.
- ATIQUE, F. **Arquitetando a “boa-vizinhança”:** a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945. Tese (Doutorado em História e fundamentos sociais em arquitetura e urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2007.
- AZEVEDO, F. de. Uma interpretação do Instituto Mackenzie. Conferência de Fernando de Azevedo proferida no 90º aniversário do Instituto Mackenzie. **O Mackenzie**, São Paulo, ano 20, n. 61, dez. 1960.
- BARROS, J. D’Assunção. **O campo da história:** especialidades e abordagens. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BASTIAN, J. P. (Org.). **Protestantes, liberais y francmasones** – Sociedades de ideas y modernidad en América Latina. México: Fondo de Cultura Económica / CEHILA, 1990.
- BASTIAN, J. P. **Los disidentes:** sociedades protestantes y revolución en México, 1872-1911. México: Fondo de Cultura Económica / El Colegio de México, 1989.
- _____. **Protestantismos y modernidad latinoamericana** – Historia de unas minorias religiosas activas en América Latina. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- BATISTA, M. A. C. **Primeiro kindergarten na Província de São Paulo:** uma visão de família e educação dos protestantes americanos e a metodologia froebeliana. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BENCOSTTA, M. L. A.; CUNHA, M. I. G. da. Educação feminina católica e educação masculina protestante no Brasil do século XIX: fragmentos de uma história institucional e cultural. **Educação & Linguagem**, ano 11, n.18, p. 25-43, jul.-dez. 2008

BICALHO, M. G.; LOPES, E. M. S. T. Colégios religiosos femininos e masculinos em Minas Gerais: um mapeamento ainda provisório. **Educação em Revista**. UFMG, Belo Horizonte, n. 17, p. 47-55, jun. 1993

BICCAS, M. S.; CARVALHO, M. M. C. de . **Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a revista do Ensino**. In: _____; VIDAL, D. G. Biblioteca e formação docente: Percursos de Leitura (1902-1935) Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 63-91.

BLOCH, M. **Apologia da história ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BONTEMPI JR, B. Brasileiros e não yankees: americanismo e patriotismo em “A educação nacional” (1890). 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/09.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2015.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007a.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.183-191.

_____. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires: Eudeda, 2007b.

_____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **Usos da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

CARDOSO, N. M. **A história das irmãs marcelinas**. Fundação do Colégio dos Anjos em Botucatu (1912). Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2007.

CARVALHO, J. M. de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CARVALHO, M. M. C. **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003

CARVALHO, M. M. C. de. A configuração da historiografia nacional brasileira. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998b, p.329-353

CARVALHO, M. M. C. de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Impressos e circulação de modelos pedagógicos: a difusão de Francis Parker na imprensa educacional paulista**. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4. Circuitos e fronteiras da história da educação no Brasil. Universidade Federal de Mato Grosso de 20 a 23 de maio de 2013. Cuiabá-MT, 2013.

CARVALHO, M. M. C. Por uma história cultural do saberes pedagógicos. In: SOUZA, C. P. de; CATANI, D. B. (Orgs.) **Práticas educativas, culturas escolares e profissão**. São Paulo: Escrituras. 1998a, p.31-40.

CARVALHO, M. M. C; HANSEN, J. A. Modelos culturais e representação: uma leitura de Roger Chartier. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 16, p. 7-24, 1996.

CATANI, D. B. **Educadores à meia luz**: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do professorado público de São Paulo (1902-1918). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1989, 326p.

CLARK, J. U. **A Imigração norte-americana para a região de Campinas**: análise da educação liberal no contexto histórico brasileiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 1998.

CERTEAU, M. de . **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CERTEAU, M. de. **Teoria e método no estudo das práticas cotidianas**. In.: COTIDIANO, CULTURA POPULAR E PLANEJAMENTO URBANO. Anais.... São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1995, 3-19.

CHAMON, C. S. A trajetória profissional de uma educadora: Maria Guilhermina Loureiro Andrade e a pedagogia norte-americana. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 73-99, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

_____. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade**. A trajetória profissional de uma educadora (1864 1914). Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CHARTIER, R. **A história cultural, entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n. 13, p. 97-113, 1994.

_____. Do livro à leitura. In: _____. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados** [online], v. 24, n. 24, p.6-30, 2010.

CORRÊA, A. M. **Eduardo Carlos Pereira**: seu apostolado no Brasil. São Paulo: Pendão Real, 1983.

CORRÊA, M. Os índios do Brasil elegante e a professora Leolinda Daltro. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 43-47, 1989.

CUNHA, P. dos S. **Leolinda Daltro, a caminhante do futuro**: uma análise da sua trajetória de catequista a feminista (Rio de Janeiro/Goiás 1896-1920). Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

CURY, C. R. J. A desoficialização do ensino no Brasil: a Reforma Rivadávia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 108, p. 717-738, out. 2009

DALTRO, L. **Da catequese dos índios no Brasil**. notícias e documentos para a história (1896-1911). Rio de Janeiro: Typografia da Escola Orsina da Fonseca, 1920.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: a história dos costumes. v.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAORO, R. **Os donos do poder**. Formação do patronado político brasileiro. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

FERREIRA, J. A. **História da igreja presbiteriana do Brasil**. v. 1 e 2. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol I e II.

FIGUEIREDO, E. R. Missionárias educadoras protestantes norte-americanas: Mensageiras da Fé e da educação. ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22. João Pessoa, 2003. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.211.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

GARCEZ, B. N. **Mackenzie**. São Paulo: Mackenzie, 1970.

_____. **Mackenzie**. São Paulo: Mackenzie, 2004.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLDMAN, F. P. **Os pioneiros americanos no Brasil** (educadores, sacerdotes, covos e reis). São Paulo: Pioneira. 1972.

GOMES, A. M. de A. **Religião, educação e progresso**: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. São Paulo: Mackenzie, 2000.

GOMES, M. de L. S. **Origem, fundação e consolidação de uma instituição escolar**: o Colégio Presbiteriano Mackenzie-Tamboré: anos 80 do século XX. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2007.

GRIGÓRIO, P. C. **A professora Leolinda Daltro e os missionários**: disputas pela catequese indígena em Goiás (1896-1910). Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GRUZINSKI, S. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 175-195, mar. 2001.

GUTIERRES, E. A. **Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) e o projeto educacional presbiteriano no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

HACK, O. H. **Educação Brasileira**: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

_____. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro**: uma proposta de universidade. São Paulo: Mackenzie, 2002.

_____. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

HILSDORF, M. L. S. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo**: um estudo de suas origens. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

_____. **Francisco Rangel Pestana**: jornalista, político, educador. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. Revisitando a história das escolas americanas na província de São Paulo. In: GILDA, N. M. Barros (Org). **Celso de Rui Beisiegel**: professor, administrador e pesquisador. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 191-205.

_____. Simonton e o panorama religioso do Brasil nos meados do século XIX. In.: **SIMONTON, 140 anos de Brasil**. São Paulo: Mackenzie, 2000, p. 29-50. (Série Colóquios. v. 3)

_____. **História da educação: Leituras**. São Paulo: PioneiraThompson, 2003.

LAGUNA, S. **Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo, 1889-1930**. S. Paulo: PUCSP, 1999.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LÉONARD, É. G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

LESSA, T. **Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)**. São Paulo: 1938.

MATOS, A. S. de. **Erasmu Braga: o protestantismo e a sociedade brasileira**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

_____. O Colégio Protestante de São Paulo: um estudo de caso sobre o lugar da educação na estratégia missionária da Igreja. **Fides Reformata**, São Paulo: Mackenzie, v. 4. n. 2, 1999.

_____. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDES, M. **Tempos de transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973)**. São Paulo: Mackenzie, 2007.

_____. Tentativas de desvinculação eclesiástica do Mackenzie (1885-1973). **Revista Ciências da Religião**. São Paulo: Mackenzie, v. 6. n. 1, p. 10-43, 2008.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir: inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008..

MONARCHA, C. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes**. Campinas: UNICAMP, 1999.

MORAES, J. G. V. de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EDUSP, 2009.

NASCIMENTO, É. F. V. C. A ação missionária e pedagógica presbiteriana no *hinterland* brasileiro. **Revista do Mestrado em Educação**, Sergipe: UFS. v. 7, p. 17-26. jul./dez. 2003.

_____. A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia. **Reflexões iniciais**. n. 2, p. 9-37, jul./dez. 2001.

_____. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. São Paulo: EDUFAL, 2007.

_____. Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n.5, p. 111-126. 2005.

NICACIO, J. da C. **A presença feminina na ação educacional presbiteriana no Brasil do século XIX (1859-1899)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2011

NICACIO, J. da C; RIBEIRO, A. I. M. Educadoras norte-americanas solteiras: disponibilidade para o trabalho missionário presbiteriano no Brasil. SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – **Anais Eletrônicos ...** João Pessoa, Pernambuco, 2012.

PEREIRA, E. C. **As origens da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil**. São Paulo: Pendão Real, 2011.

PERES, F. A. **Estratégias de aproximação: um outro olhar sobre a educação anarquista em São Paulo na Primeira República**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PERISSINOTTO, R. M. **Classes dominantes e hegemonia na República Velha**. Campinas: UNICAMP, 1994.

QUERIDO, D. M. M. **A implantação do sistema preventivo em São Paulo: a especificidade de sua aplicação no Liceu Coração de Jesus**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAMALHO, J. P. **Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

REIS FILHO, C. dos. **A educação e a ilusão liberal: origens da escola pública paulista**. Campinas: Autores Associados, 1995.

RIBEIRO, B. **Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil**. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

_____. **A igreja presbiteriana do Brasil: da autonomia ao cisma**. São Paulo: O Semeador, 1987.

ROCHA, E. P. **Entre a pena e a espada: a trajetória de Leolinda Daltro (1859-1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo**. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2002.

ROCHA, M. B. M. da. A lei brasileira de ensino Rivadávia Corrêa (1911): paradoxo de um certo liberalismo. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 219-239, sept. 2012.

SANTOS, H. P. dos. **Católicos e Protestantes: escolas confessionais fundadas por missionários estrangeiros, Belo Horizonte – MG (1900-1950)**. Dissertação (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SANTOS, J. B. de O. **Igreja e escola na perspectiva das práticas musicais em colégios históricos americanos de confissão protestante (1870-1920)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009

SANTOS, J. V. dos. **As contribuições de Horace Lane na instrução pública paulista: (1890-1910)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista; Marília, 2011.

SCHELBAUER, A. R. **A constituição do método intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, I. B. da. **A cidade, a igreja e a escola: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. Apontamentos sobre Maçonaria, abolição e a educação dos filhos de escravos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. **REVISTA HISTEDBR** [online], n. 27, p. 95-111, 2007.

SILVA, J. C. S. Vestígios das influências da cultura e pedagogia norte-americanas no pensamento educacional de Fernando de Azevedo. **Revista brasileira de história da educação**, Maringá, n. 9, jan./jun. 2005

SILVA, L. de A. **O discurso modernizador de Rui Barbosa (1879-1923)**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

SILVA, P. N. de O. Os impressos protestantes como fonte para a História da Educação: inferências educativas no Sul do Mato Grosso (final do séc. XIX e início do séc. XX). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

SILVA, Vanderlei da. **A participação da Loja Maçônica Perseverança III na educação escolar em Sorocaba: do final do segundo reinado ao final da primeira república**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2009.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo. São Paulo: UNESP, 1998.

VIEIRA, D. G. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

WARDE, M. J. **Americanismo e educação**: a fabricação do “homem novo”. Projeto de pesquisa PUC/SP-CNPq, 2000b.

WARDE, M. J. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37-43, 2000a.

WARDE, M. J. **O futuro está nas mãos da psicologia e da pedagogia científica**: São Paulo, dos anos dez aos anos trinta do século XX. Encontro Regional de História – O lugar da História, 17. ANPUH/SPUNICAMP. **Anais...** Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

WARDE, M. J. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 5, p. 125-166, jan./jun. 2003.

WATANABE, T. H. B. A construção da diferença no protestantismo brasileiro. **Revista Aulas**. Dossiê Religião. n.4, p. 01-21, abr./jul. 2007.

FONTES PRIMÁRIAS

FONTES PRIMÁRIAS RELATÓRIO DA IGREJA NORTE-AMERICANA, PRESBITERIANA DO BRASIL, MISSIONÁRIOS E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1884.

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1886

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1887

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1888

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1889

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1892

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1893

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1894

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1900

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1903

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1904

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1905

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1906

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1907

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1908

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1909

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1910

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1911

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1912

Annual Report the Board of Missions of the General Assembly of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia Published by the Board. New York, 1913

Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 1907-1930

BRAZILIAN MISSIONS. A monthly Bulletin of Missionary intelligence. São Paulo: 1890-1891.

BRAZIL COUNCIL MINUTES, 1912-1937 - In: NASCIMENTO, Ester Fraga Vila-Bôas Carvalho. **Fonte para a História da educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos**, 2008.

BLACKFORD, A.L. **The Missionary**. (Editada por “The Secretary of Foreign Missions of the Presbyterian Church, USA, monthly from Richmond, Virginia). Janeiro, 1870. p.10-12.

_____. **Algumas considerações sobre os obstáculos ao progresso do Evangelho no Brasil.** Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1867. 8p. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

_____. Relatório da obra evangélica na Província de São Paulo 1860-1861. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1866. Arquivo pessoal. 11p.

_____. A. L. Relatório A. L. Blackford de julho de 1867 a agosto de 1868. Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. 1867-1875. Arquivo pessoal.

_____. **The Missionary.** (Editada por “The Secretary of Foreign Missions of the Presbyterian Church, USA, monthly from Richmond, Virginia). Janeiro, 1870. p.10-12.

_____. Primeiro Livro de Ata da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Sorocaba: 1869.

CARVALHOSA, Modesto: **Relatórios pastorais de vários missionários - 1866-1875.** Relatórios manuscritos. Arquivo Histórico da Igreja Presbiteriana do Brasil. 74p.

CHAMBERLAIN, G. Whitehill. Relatório dos trabalhos evangélicos de G. W. Chamberlain durante o ano presbiterial de 1866-1875. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

CENTRAL BRAZIL MISSION. Minutes of Meeting of the Central Brazil Mission, 1897-1912. In: NASCIMENTO, Ester Fraga Vila-Bôas Carvalho. **Fonte para a História da educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos**, 2008.

CENTRAL BRAZIL MISSION. Minutes of Meeting of the Central Brazil Mission, 1904-1938. In: NASCIMENTO, Ester Fraga Vila-Bôas Carvalho. **Fonte para a História da educação: Documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos**, 2008.

DAGAMA, J. F. **Relatório anual de 1872-1875.** Relatório manuscrito apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro. Arquivo pessoal.

Foreign Missions of the Presbyterian Church, USA, monthly from Richmond, Virginia). Janeiro, 1862-1874. ARQUIVO PESSOAL

Foreign Missions of the Presbyterian Church, USA, monthly from Richmond, Virginia). Janeiro, 1875-1886. ARQUIVO PESSOAL

GOLDMAN, Frank. **As cartas de miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Manley Lane (1886-1907).** In.: Anais do Museu Paulista, 1961. Tomo 15

_____. **As cartas de miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Manley Lane (1908-1912).** In.: Anais do Museu Paulista, 1962. Tomo 16.

Historical Sketches Missions. Board of Foreign Missions of Presbyterian Church USA. Filadéfia, 1872 - 1897

LANE, Horace. **Relatório da Escola Americana em São Paulo 1885.** Ordem 4917, lata 5. Instrução Pública. Ensino Particular (1850-1903). Arquivo do Estado de São Paulo.

_____, **Relatório da Escola Americana em São Paulo 1887.** Ordem 4917, lata 5. Instrução Pública. Ensino Particular (1850-1903). Arquivo do Estado de São Paulo.

_____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1895a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1907a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

- _____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1908a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1909a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1910a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1911a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1912a. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1885-1886. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1893c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1894c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1897c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1898c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1899c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1900c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1901c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1902c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1903c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1904c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1905c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1906c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1907c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1908c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- _____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto.** São Paulo, 1909c. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto. São Paulo, 1910c.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto. São Paulo, 1911c.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Escola Americana: Mackenzie College, Prospecto. São Paulo, 1912c.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Protestant College for Brazil.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1890.

_____. LANE, Horace. **Protestant College for Brazil.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1891.

_____. **Protestant College for Brazil.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1897

_____. Escola Americana: **Carta aos Pais.** Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1889b-1899b, 1907b, 1909b, 1910b, 1911b

LANE, Horace Manley; THOMPSON, Oscar, REIS, Carlos. **Education in the State of São Paulo.** São Paulo: Typographia Brazil de Campos Gurke, 1903.

Letters of foreign missions in New York, 1865-1868.

LENNINGTON, Robert. Breves notas do serviço missionário feito pelo Rev. Robert Lennington até o dia 1º de agosto de 1869 no Império do Brasil. Brotas 05 de agosto de 1869. Relatório Manuscrito. Arquivo pessoal.

Livro de Registro de Rol de Membros da Igreja Presbiteriana de Sorocaba: 01/09/1869-08/10/1922

Livro de Ata do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil (1888).

Mackenzie College 1890-1923. **The Presbyterian Historical Society.** Vários documentos, cartas e relatórios.

MACKLAREN, D. C. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1913. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

MILLER, Samuel & JANEWAY, J.J. **The Christian of Children and youth.** Report to the General Assembly on Christian Education. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1840. 80p.

PERKINS, F. J. Escola Americana: **Carta aos Pais.** 1913. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

WADDELL, W. A. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees.** 1919. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Prospecto do Ginásio Evangélico do Alto de Jequitibá, 1929

Prospecto da Escola Mackenzie de Araraquara, 1923. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Prospecto do Ginásio Municipal Mackenzie de Araraquara, 1929-1930. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Volume I. 1895. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1913.

Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professora Público de São Paulo. São Paulo, 1902-1933.

SIMONTON, A. G. **Relatório sobre a origem da marcha da Igreja Evangélica no Rio de Janeiro**. Apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 10 de julho de 1866. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

_____, **Relatório do pastor da Igreja do Rio de Janeiro para 1866-1867**. Apresentado e lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro na sessão do dia 12 de julho de 1867. Relatório manuscrito. Arquivo pessoal.

SCHNEIDER, Francis Joseph Christopher. **Algumas considerações que nos levam a crer que o Evangelho de Jesus Cristo há de ser espalhado por todo o Brasil**. Lido perante o Presbitério do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1867 por F. J. C. Schneider. Manuscrito. Arquivo pessoal.

_____, Francis Joseph Christopher. **Relatório missionário para o ano presbiterial de 1867-1875**. Apresentado ao Presbitério. Relatório Manuscrito. Arquivo pessoal.

STEWART, C. T. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees**. 1927. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Mackenzie College e Escola Americana**: notas sobre a sua história e organização. São Paulo: Tipografia Siqueira, 1932.

The Foreign Missionary. Cartas e relatórios enviados pelos missionários presbiterianos no Brasil ao periódico de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos EUA. Janeiro de 1862-outubro de 1874.

The Foreign Missionary. Cartas e relatórios enviados pelos missionários presbiterianos no Brasil ao periódico de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos EUA. Março de 1875 – dezembro de 1886.

The Missionary Review World de 1898, 1900-1902. Vol XIII – Janeiro a Dezembro.

THE SYNOD OF BRASIL. Extrats Dr. Alexander's report of his visit to Brazil in 1903.

WADDELL, W. A. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees**. 1919. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

_____. **Annual Report Mackenzie College President to the Board of Trustees**. 1923. Acervo Histórico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

FONTES PRIMÁRIAS AMERICANAS: RELATÓRIOS, LIVROS E OUTROS DOCUMENTOS CONSULTADOS

Annual report. Board of Domestic missions of the Presbyterian Church in the United States of America. Philadelphia: Published by the Board, 1858 a 1883.

BAIRD, Samuel. A Collection of the acts, deliverances, and testimonies of the Supreme Judicator of the Presbyterian Church From its origin in America to the present time: CONSTITUTING A COMPLETE ILLUSTRATION OF HER POLITY, FAITH, AND HISTORY.COMPILED FOR THE BOARD OF PUBLICATION, 1856.

BEAR, James E. **Mission to Brazil**. Board of World Missions. Presbyterian Church U.S., 1961.

MOORE, Willian. The Presbyterian Digest of 1886. General Assembly Presbyterian Church in the United States of America. Presbyterian Board of Publication and sabbath-school Work, 1886. 888p.

OUR PRESBYTERIAN EDUCATIONAL INSTITUTIONS. The Executive Committee of Christian Education and Ministerial Relief of the Presbyterian Church in the United States, Henry H. Sweets, Secretary, 122 South Fourth Avenue, Louisville, Kentucky. 1914. 218p.

PRESBYTERIAN COLLEGES. The Colleges Co-operating with the College Board of the Presbyterian Church in the United States os America. 156 Fifth Avenue, New York. 1913, 140p.

Regional Conferences in Latin American. In: The Reports of a Series of Seven Conferences following the Panama Congress in 1916, Lima, Santiago, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Baranquilla, Havana, and San Juan. Published for the Committee on Cooperation in Latin America. THE MISSIONARY EDUCATION MOVEMENT, New York City, 1917. 502p.

SPEER, Robert. Presbyterian Foreign Missions An Account of the Foreign Missions of the Presbyterian Church in the U. S. A. PHILADELPHIA PRESBYTERIAN BOARD OF PUBLICATION AND SABBATH-SCHOOL WORK, 1901. 304p.

SPEER, Robert E. The Unity of the Americas. A discussion of the political, commercial, educational, and relationships of Anglo-America and Latin America. LAYMEN'S MISSIONARY MOVEMENT. NEW YORK, 1916. 136p.

SCOULLER, James. **A Manual of the Presbyterian Church of the North America.1751-1887.** United Presbyterian Publication. 1887. 732p.

VANDEWALKER, Nina C. **The Kindergarten in American Education.** New York: THE MACMILLAN COMPANY, 1917

FONTES PRIMÁRIAS: RELATÓRIOS E OFÍCIOS SOBRE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE SOROCABA E CURITIBA- ARQUIVO DO ESTADO.

Livro de Registro de Escolas Particulares na Província de São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo 1884-1895, ordem 5111.

Relatório do secretário do Conselho Municipal de Sorocaba João Padilha de Camargo encaminhado ao Inspetor Geral de Instrução Pública em 16/09/1887. Arquivo do Estado de São Paulo, ordem 5110.

Relatório encaminhado ao diretor geral da instrução pública do Estado do Paraná, 26/01/1892.

JORNAIS

Jornal O Estandarte - 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1912.

Journal Presbyterian Banner - 1897